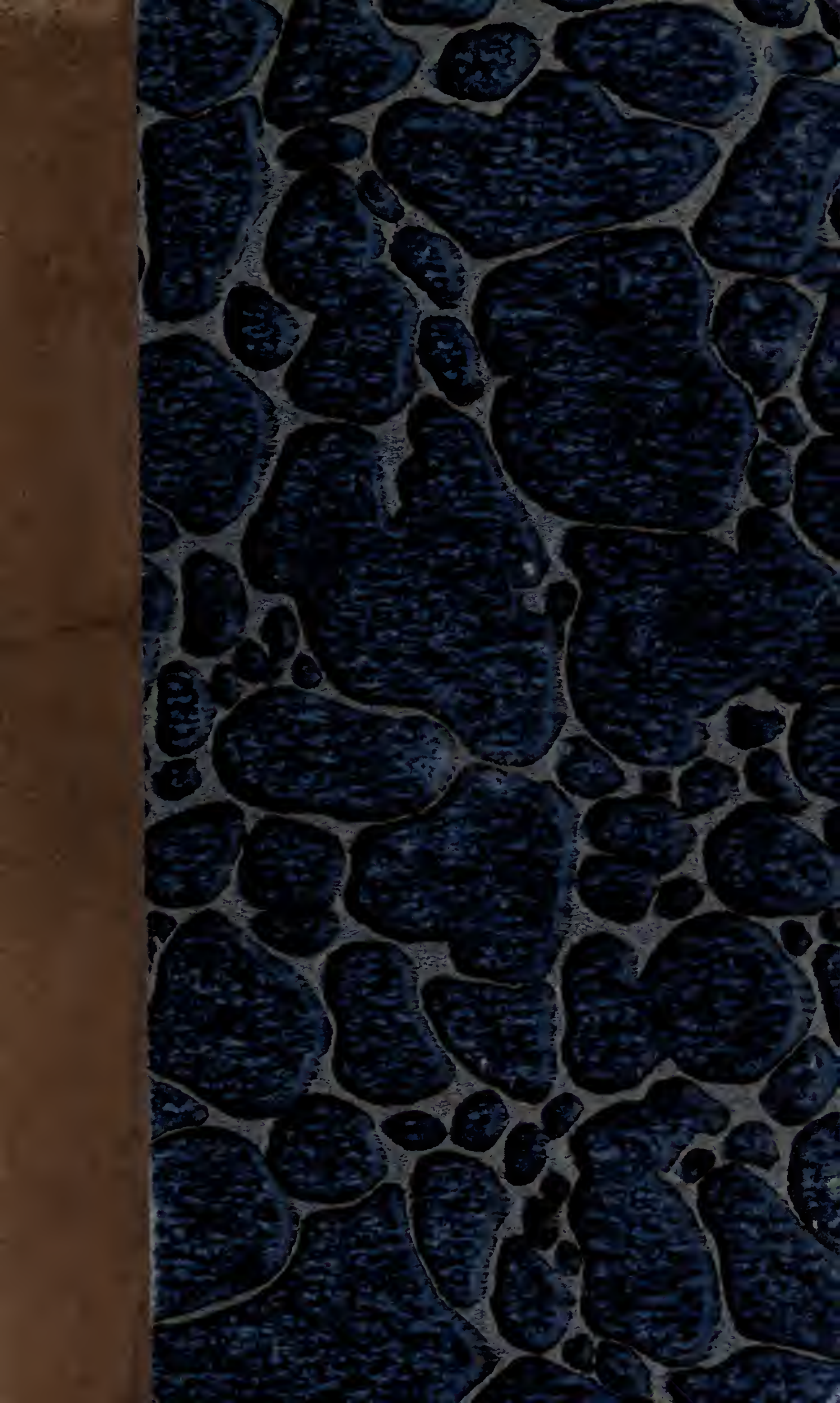




APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

APOSTILAS

AOS

DICIONÁRIOS PORTUGUESES

TÔMO I



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — A. M. TEIXEIRA & C.TA
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1906



Pôrto — Imprensa Portuguesa — Rua Formosa, 112

À EXCELENTÍSSIMA SENHORA

DONA CAROLINA MIÇHAËLIS DE VASCONCELOS,

A QUEM AS LETRAS PORTUGUESAS TANTO DEVEM,

como tributo e homenajem da sua admiração
e do seu respeito

DEDICA ESTA OBRA

O AUTOR.

PREFÁCIO

Não há para nenhum idioma vivo dicionário que se possa dizer completo, mesmo até a data da sua ultimação. Uma parte não pequena do lécsico, já no que respeita a vocábulos, já no que se refere a acepções, fica sempre omissa, e êsses tesouros da língua teem de ser completados por trabalhos avulsos, que ao depois se encorporam em novas edições dos dicionários já existentes ou em obras novas da mesma espécie.

Com a publicação destas Apostilas venho também contribuir para a futura compilação de outro dicionário, em que se tenha em vista aumentar o copioso cabedal de termos portugueses, mais ainda do que se fêz no Nôvo Diccionário da língua portuguesa, de Cándido de Figueiredo, o mais abundante de quantos se teem publicado em Portugal, mesmo descontando muitas dições que figuram nele sem que sejam ou tenham sido portuguesas.

Todavia, assim como tive em mira acrescentar mais dições e acepções, fruto de longos anos de estudo e de leitura, procurei igualmente criticar, mormente com relação a etimolojia, muito do que na nossa língua se tem escrito. Não me ocuparei todavia dos devaneios insensatos que tanto avultam em certas obras lecsicolójicas, mas apenas do que mereça discussão séria e profícua, porque os autores criticados foram escrupulosos na redac-

ção das suas monografias, ou dos seus dicionários ou glossários.

A ordenação das palavras e locuções aqui tratadas é rigorosamente alfabética; mas, como na discussão ou exposição de doutrina acêrca de cada vocábulo figuram, para termos de comparação principalmente, outros vocábulos em número considerável, que são explicados simultáneamente com os de cada epígrafe, o leitor encontrará no fim da obra um índice, também alfabético, de todos êles, com a designação daqueles a que ficaram subordinados, ou em cuja discussão se introduziram.

No decurso da obra tive muitas vezes de citar palavras e formas pertencentes a idiomas cujos sistemas gráficos diferem muito do romano, de que usamos; e fui conseguintemente obrigado a transliterar os caracteres dêsses sistemas em letras romanas. Para êste fim escolhi os versaletes, emtanto que as palavras latinas as cito em romano espacejado, e as do latim popular, hipotéticas ou reais, e do latim bárbaro as figuro em caracteres itálicos, igualmente espacejados para sobressaírem no texto.

Na transliteração do alfabeto grego substituí pelo sinal de aspiração (‘) o H que, em harmonia com a transcrição romana, se costuma empregar na figuração das letras gregas θ, φ, χ, transliterando-as eu portanto com os símbolos monogramáticos T‘, P‘, K‘, em vez de TH, PH, CH; do mesmo sinal me sirvo para a representação do espírito áspero, que, à maneira dos romanos, é uso designar pelo H latino. Dissolvi também o ξ grego nos seus elementos, KS, à semelhança do que sempre se fêz com o ψ, PS.

No alfabeto devanágrico, ou índico, represento semelhantemente as aspiradas por (‘), G‘, por exemplo, e em tudo mais sigo muito de perto a transliteração do indianista português Gui-

lherme de Vasconcelos Abreu; com a diferença de figurar por minúsculas, promíscuamente com os versaletes designativos das letras, os sinais das vogais, quando estas não são iniciais de sílaba, mas acompanham a letra consoante, formando parte integrante dela: assim transcrevo, por exemplo, KaṄ̆ĠĪ, e não, KȦṄ̆ĠĪ.

No alfabeto arábico represento por versaletes as letras, e por minúsculas intercaladas as três vogais, ou moções escritas, quando o são, *a i u*. Como êste alfabeto é mais numeroso que o romano e contém letras representativas de sons que são estranhos ao português, e alguns mesmo a qualquer idioma não semítico, tomei por base para a sua transliteração o alfabeto hebreu, menos numeroso e já perpetuado tradicionalmente no grego e no romano, transliterando os caracteres hebraicos, quanto possível, pelas letras que lhes correspondem históricamente no abecedário latino; e ampliei com artifícios, sempre os mesmos, o número de caracteres necessários para a transliteração do alfabeto arábico, quer na sua aplicação ao árabe, quer na sua acomodação a idiomas de outras famílias que o usam, todas as vezes que me foi indispensável citar vocábulos de qualquer dêsses idiomas. Para o malaio, contudo, seguindo autorizados exemplos, preferi dar transcrição europeia, caracterizadamente portuguesa, dos sons, e não das letras.

Devo advertir que a transliteração dos alfabetos semíticos muitas vezes não representa a pronúncia; é mera convenção com base histórica, já o disse. É por isso que, desatendendo na transliteração do hebreu muitas das minuciosas convenções e particularidades da notação massorética, figuro sempre por K, P, T tanto as consoantes momentáneas iniciais de sílaba, como as contínuas correspondentes, finais de sílaba, à semelhança do que já se pratica a respeito de B, G, D.

Dêste modo, o alfabeto hebraico é transliterado da seguinte maneira, conforme a ordem dos seus caracteres:

A B G D E U Z H Ṱ I K L M N S O P S̭ Q R X T

O acento circunflecso subscrito diferença da última letra a nona, e da décima quinta a décima oitava. Em fim de sílaba K, P, T, G, D valem respectivamente pelas letras arábicas que transcrevo por Ч, F, §, Y, δ, e que vou descrever já em seguimento. O B em tal situação vale por *b* intervocálico português.

O alfabeto arábico é assim transliterado:

A B T § G H Ч D δ R Z S X S̭ Ḓ Ṱ Z̭ O Y F Q K L M N E U I ^{q}

O ^{q} elevado denota o chamado *emza,* ou consoante explosiva faucal. O circunflecso já ficou explicado no alfabeto hebraico, como designando as letras, denominadas enfáticas, S̭ Ṱ, e aqui mais Ḓ, Z̭. O símbolo Ч *(η)* representa o valor do **j** castelhano actual; o § o **th** inglês surdo de *think,* **z** castelhano com pequena diferença, δ o **th** sonoro inglês de *they,* aprossimadamente o nosso *d* intervocálico. O H é uma aspiração surda, mais funda e mais perceptível do que a aspiração expressa por **h** em inglês ou em alemão; E, essa mesma aspiração, porém acompanhada de voz; em fim de palavra é, conforme os dialectos, proferida como *à,* ou como *è*. O H, o Ч e o E inicial de sílaba aparecem representados por *f* na Península. O G vale por *dj*, e no árabe do Ejipto por *g,* qualquer que seja a vogal que se lhe siga. O Y é um *g* fricativo, proferido no véu do paladar, e nos vocábulos arábicos que passaram à Península Hispânica foi substituído quási constantemente por *g, gu.* O Q é um K pronunciado também no véu do paladar, com grande énfase; às vezes equivale a *g,* ou ao emza *(^{q}).* O X

tem o mesmo valor que o *x* português de *xadrez*. O ɔ expressa aqui uma articulação formada mais abaixo da farinje, sem representante nas línguas europeias, e que se eliminou na passajem dos vocábulos arábicos para os idiomas da Península Hispánica.

Quem mais amplas informações desejar obter acêrca da representação peninsular dos sons arábicos lerá com muito proveito as seguintes obras, exemplares a todos os respeitos: Dozy & Engelmann, Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869, Introduction, II; Eguílaz y Yanguas, Estudio sobre el valor de las letras arábigas en el alfabeto castellano, Madrid, 1874; David López, Textos em aljamía portuguesa, Lisboa, 1897, principalmente esta última, por ser portuguesa e digna de todo o encarecimento.

O alfabeto arábico aplicado ao persa tem mais quatro letras, que são aqui transliteradas por P, Č, J, Ġ, e em que Č figura o valor do *ch* português do norte, castelhano e inglês, quási *tx*, e o Ġ o *gui* do português *guiar*. O J tem o seu valor normal na nossa língua. Em turco há mais o U com valor de *v*.

Para os idiomas da Índia que se escrevem com caracteres arábicos, como o indostano, temos ainda a acrescentar as chamadas letras cacuminais, que, do mesmo modo que no silabário devanágrico, são representadas pelas bases T D N L (R), com um ponto subscrito, ṬḌṆḶṚ, e se proferem no ponto em que pronunciamos o *r* de *caro*.

Outros sinais convencionais são *ɦ* para *h* aspirado *(h')* sonoro, e M *(ṃ)* para denotar o *ng* final de sílaba nas línguas germánicas, como o inglês ou o alemão, isto é a consoante nasal pósteropalatal, um *n* proferido com a raiz da língua no ponto em que articulamos o *k*, e que em português se ouve, associado a *k* ou *g*, em *franco, frango*.

Na maioria dos casos, quando qualquer destas letras de valor

desusado ou convencional aparece na citação de vocábulos peregrinos, o valor dela é apontado em nota, para comodidade dos leitores.

É sabido que o **z** e o **j** no castelhano actual valem por consoantes fricativas surdas: a primeira genjival, como o **th** inglês de *think;* a segunda velar, como o **ch** alemão de *bach,* ou ainda mais funda, pelo menos no castelhano como é rigorosamente pronunciado na Castela-Velha. Na Andaluzia o **z** equivale ao nosso *ç,* que como som e como letra desapareceu do castelhano normal moderno.

Na antiga ortografia e pronúncia castelhana o *z,* o *j,* o *ç* e o *x* tinham os valores que lhes damos em português.

Advertirei ainda que a curva fechada subscrita às letras *ḁ* e *e̥* representa o valor que elas teem nas palavras portuguesas *dḁ de̥;* e que êste mesmo sinal sobrescrito a *i, u* denota que estas duas vogais não formam sílaba por si, mas com a vogal que as precede ou segue, constituindo a parte fraca dos ditongos decrescentes, como em *pai̊, paů (pái, páu),* ou dos ditongos crescentes, como em *fi̊ar, sůar (fiár, suár).* Os ápices sôbre *ö ü* significam *ö, ü* alemães, *eu* (aberto), *u* franceses; *ọ* o *ö* fechado alemão de *schön, eu* francês de *feu.* Os ápices sôbre o *ï* designam o *i* guturalizado de *navïo,* como esta palavra se pronuncia em vários dialectos açorianos, o *y* polaco.

Para os vocábulos pertencentes a idiomas cujas letras não representam nem fonemas nem sílabas uso de transcrições, quanto possível, portuguesas, e o mesmo faço com outros idiomas que são analfabéticos, como por exemplo o tupi, os cafriais, etc.

O sinal (⟨) quere dizer «derivado de», e êste mesmo invertido (⟩), «que é orijem de».

A ortografia seguida no texto desta obra é a que expus,

discuti e defendi na ORTOGRAFIA NACIONAL, dada à estampa em Lisboa no ano de 1904, e já adoptada pelo Dr. Júlio Cornu na 2.ª edição da sua preciosa Gramática histórica portuguesa publicada no GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, bem como últimamente pela snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos o que a consagrou, e ainda pelo snr. Alberto da Cunha Sampaio, na revista Portugalia.

Ficou pois sancionada por aquelas duas maiores autoridades actuais em filolojia portuguesa, e com isto me contento.

Na reprodução de documentos antigos, principalmente anónimos, busquei uniformizar a escrita por padrão artificial, sim, mas a meu ver correcto, evitando quanto pude escritas diversas do mesmo vocábulo, ou de formas análogas, no mesmo documento.

Nas inúmeras citações, com que me abono, segui rigorosamente o modo de escrever que encontrei impresso, e raríssimas vezes o assinalo ou critico, por mais incongruente que êle seja, ou me pareça.

É do meu dever tributar aqui a minha gratidão ao senhor G. de Vasconcelos Abreu, meu antigo mestre na especialidade de estudos orientais que abalisadamente cultiva, por muitas ponderações e observações judiciosas que me subministrou, e bem assim pelo escrúpulo intelijentíssimo com que me aussiliou na revisão de uma grande parte das provas. Agradecimento e louvor devo igualmente ao benemérito editor desta obra e ao estabelecimento onde é impressa, pelo esmêro e solicitude com que para a sua laboriosa composição tipográfica teem dilijentemente contribuído.

Das erratas sómente faço menção especial, quando são essenciais à intelijéncia do texto.

A. R. Gonçálvez Viana.

APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

aba

Êste vocábulo, tam português, que nas suas várias acepções não tem correspondente exacto nas outras línguas românicas, é de orijem muito problemática. Os nossos dicionaristas teem-lhe atribuído étimos diferentes. Pondo-se de parte fantasias diversas que fôra inútil citar, aquele que maiores probabilidades oferece em seu abôno é o apontado por F. Adolfo Coelho [1] do seguinte modo: — «(Hespanhol] *álabea,* rumo [*aliás,* ramo], curvo na madeira [*aliás,* encurvamento], goteira; do basco *alabea,* o que pende ou goteja)» —.

Haveria muito que ponderar sôbre o enunciado desta etimolojia, mesmo sem insistir em r u m o, em vez de r a m o, por ser evidente êrro tipográfico.

Limito-me ao seguinte: nem *alabear(se)* significou jamais «gotejar» ou «goteira» em espanhol ou em vasconço, nem *álabea* é palavra espanhola, mas sim *alabeo (=alabéo),* que o Dicionário da Academia define assim: — «vicio que toma una tabla ú otra pieza de madera, torciéndose de modo que su superficie no esté toda en un plan» —.

O mesmo Dicionário dá como orijem do verbo *alabearse* («empenar-se a madeira»), de que *alabeo* é substantivo verbal expressando acto, a palavra *álabe,* com vários significados, e cujo

---

[1] Diccionario manual etymologico da lingua portugueza.

étimo seria o árabe ALAUA, «curvo», que Eguílaz y Yanguas [1] refere ao verbo LAUI, flexit, preferindo-lhe outro étimo igualmente arábico, que não cito por ser fonéticamente inadmissível.

Diez [2], citando Larramendi, aponta o vasconço *alabe(a),* «(o) que pende», preferindo-lhe o étimo proposto por Mahn, e do mesmo modo vasconço, *adar(ra)* «ramo», e *be,* «para baixo», e com êste explica a palavra portuguesa *aba,* contraída de *alaba,* como *paço,* de *palaço.*

Efectivamente, nos derivados em que o primeiro *a* perde o acento tónico, conserva êle o seu valor alfabético, o que é prova de resultar de dois *aa;* ex.: *desàbar, àbada,* etc.

A não ser esta circunstáncia importantíssima, talvez fosse também admissível como étimo o latim ala } *aůa* } *ava* } *aba,* visto ser êste o proposto por Zanardelli para o sardo *aba,* «asa», comparável a *candeba,* que na mesma língua corresponde ao latim candela.

Temos, porém, de o rejeitar para o português, não só por ser neste a permutação de *l* em *b* talvez facto isolado, mas também em razão de o *a* átono permanecer aberto, *à,* como resultante da contracção de $a + a$.

Como curiosidade direi ainda que na província de Leão se usa um verbo de identificação difícil, *abar(se),* significando o que dizemos *alar(-se),* «fujir», como no provérbio — *Aba! que va grande el rio, aunque me dé al tobillo* — «Ala! que vai grande o rio, apesar de (só) me chegar ao tornozelo» —, rifão que se emprega quando se quere dizer — «que el hombre prevenido debe huir de la apariencia del peligro» [3]. — *Abaos (=abad-os)* significa «arreda!».

Informa-me também um amigo meu, da Estremadura Espa-

---

[1] GLOSARIO ETIMOLÓGICO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886, *sub v.* alabes.

[2] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, 2.ª parte, *sub v.* Alabe.

[3] DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO HISPANO-AMERICANO.

nhola [1], que ali se emprega *ábate* interjectivamente, em frases como as seguintes. «*Ábate que me caigo, ábate que lo cojo,* «cautela que eu caio», «cautela, que o apanho», tudo formas do mesmo verbo *abarse.*

Curioso rifão é um em que *abas* está por «abrigo, sombra»: *às abas dos ciganos roubam os aldeanos* [2]; como interessante é também a forma *aldeanos,* por *aldeãos, aldeões,* mantida pela rima.

Devemos todavia conjecturar que não é *aldeanos* castelhanismo, pois ainda é usada na Índia portuguesa a forma *aldeano,* abonada por Monsenhor Rodolfo Dalgado no seu interessante estudo sôbre O DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA [3].—«Com ajuntamento dos Aldeanos da Camara», «Communidades Aldeanas»—.

(a)bada

Qualquer que seja o sentido em que os nossos escritores antigos empregaram êste vocábulo, ou designando a fémea do rinoceronte, como é a opinião geral, ou referindo-se a outro paquiderma análogo, como declara Rafael Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, tem-se-lhe atribuído duas orijens diversas, uma arábica e a outra malaia, e no «Glossário de palavras e frases anglo-índias» de Yule e Burnell [4], dá-se em certo modo preferéncia à primeira. A aceitar-se a orijem arábica, teríamos de acentuar *ábada,* e assim o indica o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, conquanto declare ser termo indiano êste, o que é quanto ser pode vago, pois as línguas da Índia são muitas, pertencentes, pelo menos, a três ou quatro famílias absolutamente distintas.

---

[1] O snr. A. Baselga, natural da província de Badajoz.

[2] REVISTA LUSITANA, vol. VII, p. 148.

[3] *Ib.* vol. VI, p. 76.

[4] «The usual form *abada* is certainly somewhat in favour of such an origin»: *Hobson-Jobson,* being a GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN COLLOQUIAL TERMS AND PHRASES; Londres, 1886.

Se considerarmos que outra forma portuguesa dêste vocábulo é *bada,* somos levados a concluir que o acento é na sílaba *ba,* e neste caso teremos de optar pelo malaio *bádaq* «rinoceronte», como étimo. Um parónimo dêste vocabulo, *àbada* derivado de *aba,* deve ser marcado com a inicial *à* para se diferençar do que faz o objecto dêste artigo e se pronuncia *abádà,* com *a* surdo inicial.

Além do passo com que Bluteau abona o vocábulo, e da indicação que faz da ETIÓPIA ORIENTAL de Frei João dos Santos, para justificar a outra forma *bada,* pode ainda autorizar-se o seu emprêgo com as BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA SUA GLORIOSA PROVINCIA DO JAPÃO, do Padre António Francisco Cardim [1]:—

«O benjoim amendoado desce pelo rio abaixo do reino dos Laos, com as pontas de abada»—.

F. Méndez Pinto usa da forma *bada* no seguinte passo da PEREGRINAÇÃO, referindo-se à Ásia insular:—«outros muitos animaes muito piores inda que as aves, como são alifantes, badas, liões, porcos, búfaros e gado vacum em tanta quantidade, que cousa nenhũa que os homens cultivem para remedio de sua vida lhe deixaõ em pé»—[2].

A letra final, *q,* da palavra malaia *bádaq* é quási imperceptível e é proferida na farinje.

abafador, afogador; abafar, afogar

Guilherme de Vasconcelos Abreu, num erudito artigo, publicado no CORREIO DA NOITE, de 25 de outubro de 1886, referiu-se à *seita dos abafadores,* e descreveu em que consistia *abafar o moribundo,* o que reputava prática relijiosa da antiga seita dos herejes Cátaros («puros»), afim de impedirem o que

[1] Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 251.

[2] Capitulo XLI.

está a morrer de cometer pecado, depois de receber pela imposição das mãos do sacerdote o *consolamento,* correspondente à extrema unção da Igreja Católica. No mesmo artigo se vê que êsse homicídio relijioso foi, e ainda é atribuído a seitas judaicas, tanto em Portugal, como fora dêle, mas especialmente em Bragança e na Covilhã, onde abundam os cristãos novos. Aí vemos também a razão pela qual tam nefanda prática foi assacada aos judeus, com fundamento em outra prática judaica, inofensiva, de meter debaixo da cabeça do moribundo uma almofadinha de penas de galinha, para o *ajudar a bem morrer.*

O indivíduo que no norte é chamado *abafador,* denomina-se na Beira-Baixa *afogador,* com o mesmo significado infamante, que, se é real, entende o douto professor não poder com justiça atribuir-se a seita nenhuma própriamente judaica. É sabido que os verbos *abafar* e *afogar* se encontram em uma acepção comum, a de «sufocar», conquanto tenham outras em que não são sinónimos.

O termo *afogador,* como correspondente a *abafador,* vem assim definido na Revista Lusitana [1]: — «Christão novo encarregado de estrangular ou abafar com as roupas da cama os moribundos da mesma communhão religiosa; pois, segundo é corrente, passa como preceito de certa seita judaica que os proselytos não devem morrer, mas serem mortos. O afogador cumpre a triste e repugnante missão com a serenidade com que o sacerdote pratíca os actos mais santos do seu ministerio. Nos concelhos de Penamacôr e Covilhã, onde abundam os chamados christãos novos, são apontados pelo povo os afogadores. Conta-se que muitas pessoas teem sido instadas pelos moribundos para que os não abandonem emquanto não expirarem, horrorizados com a idéa do estrangulamento» —.

[1] Vol. II, 1890-1892, p. 244: Notas sobre a linguagem vulgar da Aldeia de Santa Margarida (Beira-Baixa), por A. Alfredo Alves.

abafarete

Emprega-se êste vocabulo, em linguajem de gíria parlamentar, para designar o acto de pôr termo a uma discussão, mediante moção de confiança ao govêrno, ou requerimento para se considerar a matéria discutida: — « Se não houver *abafarete,* — e é muito provavel que o haja — a discussão sobre a troca de telegrammas deve proseguir por toda a proxima semana » — [1].

É evidente a orijem da expressão, que provém do verbo *abafar,* no sentido de « sufocar ».

abismo

No ECONOMISTA de 4 de janeiro de 1891, deu-se como usualíssima uma acepção dêste vocábulo, que não é fácil apurar qual seja, pelo modo por que ali se empregou, e é o seguinte: — « Dizem do Algarve: chove a valer. Não ha falta que não dê em fartura. No entretanto, como ha sempre discordantes, os das alturas querem mais agua, porque os *abysmos,* expressão muito popular, estão seccos » —.

A palavra *abismo* provém de uma forma superlativa latina *abyssimus,* do adjectivo abyssus, correspondente ao adjectivo grego ÁBUSSOS, que se observa nos SETENTA, ou versão grega do Velho Testamento hebreu, onde traduz o adjectivo BOEU, que na VULGATA, ou versão latina, é interpretado por inanis: terra autem erat inanis et uacua, em grego KAÌ GÊ ẼTTON ÁBUSSOS KAÌ AP'ANIASMÓS. O grego ÁBUSSOS é um adjectivo negativo do substantivo BUSSÓS, « mar fundo », na Ilíada de Homero [XXIV, 80]. No Novo Testamento a HĒ ÁBUSSOS do texto [2] corresponde na *Vulgata* inferni, « as profund(id)a(de)s », que é o

---

[1] O SECULO, de 9 de agosto de 1905.

[2] ꜝ*V.* W. Pape, GRIECHISCH-DEUTSCHES WÖRTERBUCH, Brunsvique, 1880.

adjectivo infernus, superlativo de infer, «que fica por baixo» [1], mas substantivado.

abozinado

Êste adjectivo muito bem formado do substantivo *bozina,* assim como *abotinado,* de *botina, afunilado,* de *funil,* abona-se com o seguinte trecho, extraído do jornal O SÉCULO, de 13 de janeiro de 1902: — «...elle... de barrete verde, orlado de vermelho, calça abuzinada, ar gingão...» —.

É locução mais curta e mais expressiva, que a usual, *calça de bôca de sino.*

abrasado

Êste particípio do verbo *abrasar* é usado na África Ocidental Portuguesa num sentido muito especial, como vemos no VI Relatório da Liga Filafricana [2], pájinas 34:

— un de ses sekulus qui se trouvait par hasard à Kahala... fut *abrazado* (en portugais local); c'est-à-dire, il fut appelé au monde des esprits par le revenant de Petelu assassiné —.

absent(e)ísta, absent(e)ísmo

Neolojismo empregado por Alberto Sampaio no seu trabalho, por todos os títulos notável, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL [3]: — «Só mais tarde, tornando-se absenteístas [os proprietários], o regime cultural tomou caracter differente» —.

É copiado êste vocábulo do francês *absentéiste,* de introdu-

---

[1] *V.* M. Theil, DICTIONNAIRE LATIN-FRANÇAIS, Paris, 1880.

[2] LA LIGUE PHILAFRICAINE.

[3] *in* «Portugalia», I, p. 282.

ção recente, formado de *absentéisme,* que é derivado do inglês *absenteism,* conforme E. Littré [1].

Melhor forma fôra sem dúvida *absentista,* com absorção do *e* de *absente,* «ausente», à semelhança, por exemplo de *dentista,* que se não profere, nem escreve *denteísta.*

A Gazeta das Aldeias usou *absenteísmo* — «cesse o absenteísmo, que o proprietário... explore directamente» — [2].

O Nôvo Diccionário da língua portuguêsa admitiu no Suplemento o termo *absenteismo,* dando-o como brasileiro.

Melhor seria com certeza *absentismo,* sem aquele *e* a dificultar a pronunciação, visto que de *protestante* dizemos *protestantismo,* e não *protestanteísmo.*

abside, ábside

Na Revista Lusitana [vi, p. 95] mostrou J. Leite de Vasconcelos que a acentuação usual desta palavra, *ábside,* é errada. Teóricamente tem razão: em latim o *i* de absis, absidis deve ser longo, como o era em grego o de apsís, apsîdos, «ligação», do qual os romanos o tomaram. O facto, porém, é que quási todos, se não todos, os lecsicógrafos portugueses acentuam *ábside,* naturalmente para se conformarem com o uso dos arquitectos, e esta acentuação é commum ao castelhano e ao toscano. No último livro, que trate de arquitectura, escrito em português acentua-se gráficamente *ábside,* contra o sistema ortográfico do autor, que raras vezes marca acentuação [3], do que se depreende insistir êle em que deva ser assim acentuado. Conquanto em questões de linguajem não tenhamos por dever seguir caprichos ou particularismos de quem não tenha a competéncia especial nessas questões, não devemos, contudo, dispensar absolutamente o seu voto.

---

1 Dictionnaire de la langue française.

2 de 9 de julho de 1905.

3 Augusto Fuschini, A Architectura religiosa da edade media, Lisboa, 1904, *passim.*

acabador

O Nôvo Diccionário da língua portuguêsa inclui êste vocábulo, dando-lhe como definição — « o que acaba ».

É insuficiente esta definição (que aliás era bem escusada por ser intuitiva) para o sentido em que êste substantivo é tomado, e que parece trivial, comquanto técnico, no anúncio n.º 321 B, publicado no jornal O Seculo, de 19 de abril de 1901 — « Acabador. Com as melhores referéncias [*aliás,* abonações, informações] de trabalho... admitte-se na fabrica de lanificios » —.

Pelo teor do anúncio vê-se que é um « operário a quem se incumbe o acabamento, ou última mão em uma peça de tecido de lã ».

acarrejar

Em Caminha tem o sentido especial de « fazer fretes ». Vem já consignado em dicionários como equivalendo a *carrejar*.

acarretador (Algarve)

O emprêgo particular que na província mais meridional do continente português adquiriu esta palavra deduz-se claramente da seguinte definição, dada por J. Núnez no seu estudo Costumes algarvios [1]: — « Tem o nome de *acarretador* o indivíduo que anda recolhendo o trigo para o moinho, para cuja conducção se serve d'uma muar ou d'um carro onde transporta os saccos » —.

Acém

Êste termo de carniçaria, ou açougue, é usualmente escrito *assem,* escrita com certeza incorrecta, conquanto seja a adoptada por Bluteau no Vocabulario portuguez-latino, e repetida

[1] *in* Portugalia, I, p. 388.

ainda no Suplemento, acompanhada porém da que tenho por preferível.

O termo, como quási todos os que pertencem aos ofícios de magarefe, esfolador, etc., deve ser de orijem arábica, e aos *ss* arábicos correspondeu sempre *ç* em português.

O arabista José Benoliel sujere-me como étimo, entre outros menos prováveis, OSN, «gordura», que na realidade vem incluído por Belot no Vocabulário árabe-francês [1], com a significação de «graisse», e no Dicionário árabe-francês de Cherbonneau [2], com as de «graisse, embonpoint».

A definição do termo português é, conforme o DICCIONARIO CONTEMPORANEO: — «parte do lombo da vacca, ou do boi, entre a pá e a extremidade do cachaço» —.

Veja-se **febra**.

acenha, azenha

Os dicionários consignam em geral ambas as formas, dando quási sempre a preferéncia à segunda, que é, a bem dizer, a única literária modernamente. O povo emprega comummente a primeira, e em escrito recente, J. Núnez [3], referindo-se ao Algarve cita as duas: — «mas ha também os (moinhos) chamados de rodizio e as azenhas ou *acenhas*» —. Vê-se que a forma com *c* é a local, e está mais conforme com o seu étimo arábico.

Os lecsicógrafos que teem tratado dos termos árabes que passaram às línguas hispánicas, a começar em João de Sousa [4], deram há muito a etimolojia dêste vocábulo, AL-SANIE, e êste arabista aponta como mais correcta a forma *assania,* no foral dado por D. Afonso Henríquez à cidade de Coimbra, mas escreve

---

[1] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 692, col. I.
[2] DICTIONNAIRE ARABE-FRANÇAIS, Paris, 1876, II, p. 716, col. II.
[3] COSTUMES ALGARVIOS, *in* «Portugalia», I, p. 388.
[4] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

azenha. No Glossário de Eugelmann e Dozy [1], citam-se, a par da castelhana *aceña,* as formas portuguesas *azena, azenia, asenha,* todas duvidosas, e o *assania* citado, dando-se como étimo AL-SANIE, com A longo, e acusando-se a pronúncia dêste como *e,* que é peculiar da Península Hispánica. Eguílaz y Yanguas, no seu Glossário, [2] precioso nomeadamente pelas muitas abonações fidedignas que o ilustram, aponta mais a forma castelhana *açenna,* que confirma a preferéncia que se deve dar ao *c,* com prejuízo do *z,* e as catalãs *cénia, sínia,* malhorquina *cínia,* valencianas *sénia, sínia,* galega *acéa,* confirmando, porque a adopta, a forma arábica com A longo, valendo na Península por *e.*

No Riba-Tejo é também *acenha,* pronunciado *acênha,* com *e* fechado, e não com *a* surdo como em Lisboa, a forma popular, que devera ser preferida por mais correcta; sendo presumível que a errónea ortografia com *s, asenha,* concorresse para a falsa pronúncia e escrita *azenha,* que literáriamente se difundiu, considerando-se hoje, em geral, como defeituosa a pronunciação e escrita com *c,* única popular e fiel ao étimo.

Achada, chada

Esta palavra, que nada tem que ver com o verbo *achar,* de problemática orijem, pois é simplesmente derivada do radical planum, } *applanata,* já recentemente entrou nos nossos dicionários, com o significado de «chã, chapada, planície elevada, pequena». O dr. Gonçálvez Guimarães [3] adoptou-a, para substituir o termo moderno e de duvidosa propriedade *planalto,* com que se procurou arremedar o francês *plateau,* que João

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

[2] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886, *sub v.* ACEÑA.

[3] ELEMENTOS DE GEOLOGIA, Coimbra, 1897.

Félix Pereira dilijenciou acomodar a português com a forma *plató*, a qual vingou por algum tempo, mas hoje, e ainda bem, está quási desterrada. Almeida d'Eça usa também o termo *achada* na sua CHOROGRAPHIA.

O passo em que o erudito professor, a quem acima me referi, emprega os dois termos reza assim: — «e finalmente as achadas ou planaltos de Moncorvo» —.

É precioso aquele livro pela propriedade de linguajem, toda portuguesa de lei, e muito bem explicada, no que se refere a terminolojia.

O vocábulo *achada* figura na toponímia, como se pode ver no DICCIONARIO CHOROGRAPHICO de João Maria Baptista [1], e é a denominação de um largo, e de uma rua de Lisboa, que, respectivamente, veem apontadas, com os números 1 e 2, no quadrado *63* da PLANTA DE LISBOA, publicada em 1880 em português, francês e inglês. São essas denominações largo da Achada, rua da Achada, e ficam para os lados do Castelo de S. Jorje.

Conquanto, que eu saiba, o verbo *achar* não seja empregado actualmente em parte alguma do território português no sentido correspondente ao castelhano *allanar* { *applanare*, no copioso Glossário do dr. A. A. Cortesão [2] encontramos o particípio passivo *achãado*, de um verbo *achãar*, da mesma orijem, abonado com o seguinte exemplo: — «De guisa que em breve foi todo achãado [Azurara, CRÓNICA DO CONDE DOM PEDRO]» —.

Em Mértola diz-se *chada* { planata, e é possível que seja esta a forma primitiva, a que se soldasse o artigo femenino, como em *arrã*, *arraia*.

Sôbre *achada* com outra significação, veja-se **achar**.

---

[1] VI volume da CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, p. 3, col. I. Lisboa, 1878.

[2] SUBSÍDIOS PARA UM DICCIONÁRIO COMPLETO (HISTÓRICO-ETYMOLÓGICO) DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, Coimbra, 1900.

achaque

Ao exemplo de *achaque* na acepção de «pretexto», aduzido no Diccionario Contemporáneo, pode acrescentar-se o seguinte passo das Batalhas da Companhia de Jesus na provincia do Japão [1], do Padre António Francisco Cardim: — «foi intimada nova sentença de destêrro, tomando por achaque um incéndio que na sua côrte... sucedera» —.

Sôbre a etimolojia dêste vocábulo, que desde Marina e João de Sousa [2] se afirma ser árabe, com o que concordaram Dozy e Engelmann [3], e Eguílaz y Yanguas [4], veja-se o que diz Körting [5], citando Canello, que lhe atribui orijem germánica.

Com efeito o *ch* com que sempre se escreveu esta palavra, tanto em português como em castelhano, é incompatível com o étimo arábico a que o subordinam e que tem por primeira consoante *x* (ش).

achar; achar (substantivo)

A etimolojia dêste verbo, que maiores probabilidades oferece é, sem dúvida, o latim *afflare,* que entre outras acepções incompatíveis, tem a de «bafejar», que também pouco se coaduna com as muitas que êle apresenta na nossa língua. Pelo sentido, pois, deveríamos repelir êste étimo, e é isso o que F. Adolfo Coelho e Cándido de Figueiredo fizeram nos seus dicionários, não obstante a coincidéncia de se encontrarem em outros dialectos románicos

---

[1] Lisboa, 1894, p. 181.

[2] Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

[3] Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869.

[4] Glosario de las palabras españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[5] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1891, p. 71, col. ii.

várias formas a esta correspondentes, por exemplo o romeno *aflá* [1], e com o mesmo significado.

Todos, porém, teem confessado que o étimo é tentador, e que pela sua constituição formal lhe corresponde perfeitamente: cf. *chama* } flamma, *cheirar* } flagrare.

Vejamos, porém, se, mesmo fonéticamente, o vocábulo pode subordinar-se a êsse étimo. O correspondente verbo em castelhano moderno é *hallar,* pronunciado *alhar* (cf. *llama* } flamma), e portanto poderíamos supor que aquele *h* seja etimolójicamente erróneo, como o é o de *henchir* } implere, «encher». Todavia, em muitos vocábulos o *h* é ainda proferido em vários dialectos, tais os andaluzes e os estremenhos, e era-o dantes quando tinha sido precedido de formas em que anteriormente figurava o *f.*

Ora êste verbo *hallar* tinha antigamente a forma *fallar,* o que torna inadmissível que procedesse de afflare; pois, ainda que admitíssemos a pouco provável inserção de uma vogal anaptíctica a desunir o grupo de consoantes *ffl,* do que resultaria uma forma hipotética *affalare,* necessária para explicar o *a* da primeira sílaba, deixaria de existir o dito grupo, a que em castelhano corresponde *ll* (*l* palatino) e em português *ch* (flamma } *llama, chama).*

Vê-se, portanto, que o étimo proposto carece de explicação satisfatória, mesmo fonéticamente, e que o verdadeiro está ainda tam lonje de ser averiguado, como o do verbo correspondente em outras línguas românicas, *trovare* italiano, *trouver* francês, acêrca do qual tanto se tem escrito.

De *achar* provém o particípio *achado* e *achada.* Êstes particípios substantivados diverjem de significado: o masculino *achado* quere dizer «aquillo que se acha»; o femenino *achada* significava dantes — «Coimas ou penas, que se levão aos que fazem algum furto, roubo, ou detrimento nos lugares, frutos e

---

[1] Hunfalvy derivou *aflá* do grego ALP'ANŌ: DU PEUPLE ROUMAIN OU VALAQUE, 46e Congrès de la Société d'archéologie française (1879), «Compte-rendu».

terras que estão coutadas, ou são alheias; quando os Authores são achados, ou descubertos na execução deste crime» — [1].

Isto diz Santa Rosa de Viterbo, abonando-se com as Ordenações. O vocábulo porém ainda é usado em Trás-os-Montes no sentido de «multas», como sou informado por indivíduo de Mirandela, e êste facto não está acusado em nenhum dicionário, que eu saiba.

Pôr uma achada corresponde lá actualmente ao que em Lisboa se diz vulgarmente *pregar uma condenação,* isto é, «impôr uma multa».

Achar, substantivo, como nome de uma conserva de frutos, hortaliças em azeite e vinagre com outros adubos, é o persiano ačar *(=achar),* que pelo malaio passou às línguas europeias [2]. Garcia da Orta descreve-o [3].

acinzeirado (encinzeirado)

Êste vocábulo é um neolojismo que não está incluído em nenhum dicionário da língua, mesmo no mais copioso dêles, o Nôvo Diccionário de Cándido de Figueiredo. Digo ser neolojismo, individual talvez, porque outro da mesma significação e constituição aprossimada *encinzeirado,* suposto não figure também nos dicionários, é todavia muito usado pelo povo, pelo menos de Lisboa. Eis aqui a abonação: — «Havia desaparecido o nevoeiro e o dia apresentava-se esplendido, cheio de sol, vendo-se apenas no horisonte [*sic*], sobre as aguas, o *acinzeirado* que produz o norte forte» — [4].

---

[1] Elucidario de termos, frases, etc., que antiguamente se usárão, Lisboa.

[2] Marcel Devic, Dictionnaire étymologique des mots d'origine orientale, Paris, 1876.

[3] Coloquios dos Simples e drogas da India, I. Lisboa, 1891, p. 185.

[4] O Seculo, de 6 de dezembro de 1900.

Açougue

Quando a anarquia e a guerra civil começaram a desencadear-se no império de Marrocos, nos periódicos e revistas estranjeiras apareceram freqùentes descrições dos domínios do xarife, que eram ávidamente traduzidas nos jornais portugueses, com maior ou menor vernaculidade.

Liam-se então, reproduzidas com todas as letras com que os estranjeiros as figuravam, muitas palavras e denominações arábicas, e entre elas me lembro de ter visto *sokk,* como designação de « mercado ».

A nenhum dos indivíduos que para português vertiam essas interessantes notícias ocorreu que êste vocabulo já existia cá há um milénio, com forma portuguesa, *açougue,* a qual, se no uso corrente de hoje apenas significa a loja onde se vende a carne, principalmente a de reses bovinas e ovinas, em tempos anteriores servia para denominar um mercado qualquer. Ao sentido especial e restrito que a palavra adquiriu se refere sem dúvida um articulista, que, pela maneira por que se expressa, parecia não ignorar que tivera outros sentidos: — « A accepção que vulgarmente se dá á palavra a ç o u g u e logo nos evoca, com arrepios e nauseas, os logares de venda de carnes » — [1].

O Glossário de Engelmann e Dozy [2], a pájinas 228, subordinado à inscrição *azogue,* castelhano, *azougue,* português, e portanto fora do seu lugar, porque o étimo desta é diferente [AL-ZAUQE], diz-nos: — « Dans la signification de marché (diminutif *azoguejo),* c'est un autre mot arabe, à savoir *as-souc.* ou *as-sôc* [AL-SUQ] qui a le même sens » — .

E em seguida mais êste trecho, que é de Dozy: — « Dans le Fuero de Madrid... *azoche.* En portugais *açougue* (ancienne-

---

[1] O SECULO, de 20 de março de 1902.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

ment *açougui),* qui signifiait autrefois *marché* en général, mais qui plus tard désignait spécialement: le marché où l'on vendait de la viande, la boucherie. De ce mot vient le terme *açougagem* sur lequel on peut consulter S.ª Rosa » —.

Como não é o vocábulo *açougajem,* o qual, conforme o abalisado autor do Elucidário [1], significava um tributo imposto aos vendedores, mas sim a palavra *açougue* o que por agora nos interessa, se recorrermos ao precioso repositório, que Dozy tanto encarece, *(éminent savant portugais,* lhe chama), o que, seja dito, não era seu costume, achamos lá esta informação: — « Açougui. Assim se chamárão os lugares, onde antigamente se vendião, e compravão todas, e quaesquer mercadorias » —.

O Suplemento ao Nôvo Diccionário de Cándido de Figueiredo consigna esta acepção lata do vocábulo por um modo mais genérico, pois o define, com a cota de *antigo:* — « arruamento de mercadores », o que me parece temerário, pois lhe falta abonação.

Em todo o caso, é de aplaudir a inserção do sentido mais lato do vocábulo, visto como nem ainda no primeiro, e até agora único, volume do Dicionário da Academia [2], para o seu tempo monumental, se faz menção dêste significado.

Dispenso-me de citar, ainda que interessantes, as considerações apresentadas por Eguílaz y Yanguas sôbre esta palavra, por se basearem em que desconheceu as acepções que ela tinha antigamente em Portugal, muito mais latas, que as que lhe atribui de — « carnicería, que es la que tiene la voz portuguesa » — [3].

A conclusão, pois, é que *açougue* designou mercado, principalmente de comestíveis, e que, portanto, é escusado empregar-

---

[1] Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal antiguamente se usárão, etc., Lisboa, 1798.

[2] Diccionario da lingoa portugueza, Lisboa, 1793.

[3] Glosario de las palabras españolas de origen oriental, Granada, 1886.

mos, com letras grifas, o termo *sokk,* malíssimamente ortografado, quando quisermos designar tais mercados nos países barbarescos; e isto com tanto mais razão, quanto é sabido que, no sentido restrito de mercado, loja, onde se vendem carnes, a denominação mais usual hoje é *talho.* Já o mesmo jornal, O SÉCULO [1], disse: — «Mas a realidade é que não temos senão açougues, e precisamos de ter talhos».

Assim seja!

acúdia, acudia

No NÔVO DICCIONÁRIO admitiu-se êste vocábulo, precedido do asterisco a indicar que a sua inserção em dicionários portugueses é feita pela primeira vez. Não é exacta a afirmação, porque já J. Inácio Roquete no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS [2] infelizmente o incluíra com a seguinte definição: — « † ACÚDIA, acudie, insecte lumineux de l'Amérique méridionale » —. O sinal que precede o vocábulo indica também a sua primeira inserção. Que ánsia de novidade!

A definição dada pelo lecsicógrafo português suprimiu o meridional, pois nos diz tam sómente. — « ACÚDIA, insecto luminoso, da America » —. Deu-lhe pois muito mais dilatada vivenda. Feliz bicho!

Rufino José Cuervo na Romania [3] deu-nos a história dêste curioso termo, que até época muito recente figurava em todos os dicionários franceses, onde os dois lecsicógrafos portugueses o foram buscar, em má hora, sem indagarem se algum escritor nacional o havia empregado, sem o quê, fosse êle francês, que não é, nenhum direito havia de o rejistar.

Eis o resumo do interessante artigo de Cuervo.

No primeiro e único volume do Dicionário da Academia Es-

---

[1] de 20 de março de 1902, citado antes.

[2] Paris, 1855.

[3] Vol. XXIX (1900), p. 574 e ss.

panhola, reimpresso em 1770, vem uma advertência, em que se ponderou o êrro cometido por Trévoux, no seu dicionário e na Enciclopedia, ao incluir o vocábulo *acudia,* que foi tomado como nome por De la Coste, na sua infeliz versão [1] da História das Índias de António de Herrera. O texto rezava assim, referindo-se a certo pirilampo de Cuba:—«tomábanle de noche con tizones, porque acudia á la lumbre, y llamándole por su nombre, acudia, y es tan torpe que en cayendo no se podia levantar»—.

O texto é claríssimo, pelo menos para qualquer espanhol ou português. De la Coste traduziu-o para francês, do estupendo modo que se vai ver:—«L'on prenait ces animaux de nuit avec des tisons ardans, parce qu'ils venoient voltiger autour de la lumière: leur propre nom est *açudia*»—.

Êste *açudia,* com esta forma, ou com a de *acudia,* e também *acudie,* ora masculino, ora femenino, foi passando de uns para outros dicionários, e no Universal de Boiste [2], com a forma *acudia,* era assim definido:—«insecte volant et lumineux des Indes Occidentales»—.

Littré teve o bom juízo de o não admitir, cautela que, por fortuna, já tivera o dicionário da nossa Academia, cujo primeiro volume, único publicado em 1793, é um bom livro, para o seu tempo.

É pois necessário proscrever semelhante vocábulo, falsíssimo, de todos os dicionários portugueses que venham a publicar-se.

Citarei, a título de curiosidade, outro disparate de versão, de proveniéncia igualmente francesa. M. A. Marrast traduziu em 1866 o notabilíssimo estudo de Guilherme de Humboldt Prüfung der Untersuchung über die Urbewohner Spaniens, «Investigações acêrca dos primitivos habitadores da Espanha», com o título Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne, à l'aide de la langue basque [3], tradução

---

[1] 1659-1671.
[2] 1803.
[3] Paris, 1866.

bastante correcta, e acompanhada de algumas valiosas notas. A pájinas 45 lêmos o seguinte extraordinário trecho: — «*Lissa* des Jaccétans (Ptol II, 6, p. 48), de *lizarra,* en dialecte de Labourd *leizarra* cendre. Cette étymologie pourrait-être taxée d'arbitraire si l'Ibérie n'eût renfermé deux localités du nom de *Fraxinus,* l'une en Lusitanie et l'autre chez les Bastetans» —.

Eran las dos y sin embargo llovia!

O leitor preguntará espantado e perplecso em quê o haver nas Espanhas duas povoações com o nome de FREIXO (Fraxinus) concorre para se admitir como provável que *Lissa,* nome de outra povoação, se possa identificar com um vocábulo, *lizarra,* cujo significado se declara ser «cinza»!

A explicação é esta. Em alemão *Esche* quere dizer «freixo», e *Asche,* «cinza». O tradutor tomou *Esche* por *Asche,* e cometeu esta inadverténcia, pouco desculpável, visto que o disparate lhe devia ter dado nos olhos, e porque tinha todos os meios de averiguar o significado próprio do vasconço *lizar, (=liçar),* declarando-se, como se declara, «Procureur impérial à Oboron-Sainte-Marie (Basses Pyrénées)», isto é, em terras vascongadas. Ora, *lizar,* em vasconço corresponde ao *fraxinus* latino, *frêne,* e não, *cendre,* em francês, *freixo* em português.

adega, bodega, botica; botiqueiro, botiquim

Em última análise, existe como étimo extremo dêstes três vocábulos diferentes o grego T'ÉKĒ, substantivo derivado da base do verbo TÍT'ĒMI [1], cujo aoristo, ou pretérito indeterminado, é ÉT'ĒKA, e a significação «pôr no seu lugar». O substantivo T'ÉKĒ quere pois dizer «arrecadação». Palavras portuguesas, de orijem artificial, em que o étimo grego figura menos alterado são *hipoteca,* e o muito moderno *pinacoteca,* que para nós veio

[1] W. Pape, GRIECHISCH-DEUTSCHES HANDWÖRTERBUCH, Brunsvique, 1880.

do francês *pinacothèque*. o qual, pela sua parte, é provávelmente mera acomodação do alemão *pinakothek*.

Os romanos receberam dos gregos o vocábulo apotheca (APOT'ÉKĒ), com o significado de «armazem de arrecadação, principalmente de mantimentos» [1]; e dêste se derivaram na Península Hispánica, *adega* e *bodega*, ambos os quais querem dizer «casa de arrecadação de vinhos em cubas», desaparecendo no primeiro a sílaba átona *po*, e no segundo o *a* inicial. O último passou depois do castelhano ao português num sentido pejorativo, muito bem explicado por Bluteau, pelas seguintes palavras:— «He palavra castelhana, que val o mesmo, que *Adega;* e de *Bodega* fizerão os Castelhanos *Bodegon*. que val o mesmo, que lugar subterraneo na Adega, aonde quem não tem quem lhe faça o comer, o acha as mais das vezes mal guisado. Por isso chamamos vulgarmente à Bodega: *O mal cozinhado*. Por Bodega entendemos huma taverna a modo de barraca, ou cabana, que se arma commummente no campo com paos, e pannos, em ocasião de feira, ou festa popular, ou outro concurso, aonde se cozinha, e vende o comer ao povo»—[2].

Botica deriva Bluteau, com razão, do francês *boutique*— «que é o nome geral de todas as lojas, em que estão mercancias em venda»—[3], e na realidade assim é, e era, tanto em francês, como em português, pois ainda hoje chamamos *botica do chèché*, a uma loja de miudezas diversas, expressão que provávelmente nos proveio de Macau, e aí quererá dizer o mesmo, e na qual o epíteto deve corresponder ao chinês *chau-chau* [4], «conservas», ou a outro vocábulo análogo.

Em italiano, também a palavra *bottega* quere dizer «loja de venda, em geral», e o próprio deminutivo *botequim*, provávelmente antes, *botiquim*, indica que o termo *botica* se não limitava a designar «farmácia».

---

[1] M. Theil, DICTIONNAIRE LATIN-FRANÇAIS, Paris, 1889.

[2] e [3] VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, Coimbra, 1712.

[4] REVISTA LUSITANA, IV, p. 97.

A forma *boutique* francesa não tem aspecto de ser imediatamente derivada do latim apotheca, visto que tem *i* por *ē*, e *que* excepcionalmente por *ca*, em vez de *che:* cf. *cheval* { caballum, *vache* { vacca.

E. Littré [1] é de parecer que o vocábulo tivesse vindo de Itália, atenta a queda do *a* inicial, o que nos leva a crer que o castelhano *bodega* provenha igualmente de *bottega* toscano, onde tal supressão é freqùente (Cf. *badessa,* por *abbatessa).* Esta solução, porém, ainda não explica o *i,* a que não encontro outra explicação senão esta:

O vocábulo passou de Itália a França por intermédio de uma forma dialectal que fosse *botica,* ou *bottica,* em vez da toscana *bottega,* e assim se explicaria igualmente o português *botequim,* visto como em veneziano se diz *boteghin,* por «lojinha»; e presumívelmente os primeiros *botequins* pertenceram a italianos, assim como as primeiras perfumarias e as primeiras pastelarias. Essa forma *bottica,* ou *botica,* cuja existéncia resta averiguar em qualquer dialecto italiano em contacto com a população grega, receber-se-ia desta, quando já certíssimamente o Ē havia adquirido o valor de *i,* que tem no grego moderno, e já tinha no medieval, de modo que a palavra APOT'ĒKĒ, fosse pronunciada, como hoje em dia o é pelos romaicos, *apo§íki* [2].

Bluteau, no Suplemento, rejistando o substantivo *Butiqueiro* diz:—«Em Goa e outras cidades da India Oriental, Butiqueiro é tendeiro, porque os portuguezes da India chamam Butica á loge, ou tenda. Em Goa, Butiqueiros vendem toda a casta de comestiveis, e tambem mezinhas [remédios], tabaco, etc. (Querendo comprar de hum China Butiqueiro). Fr. Jacintho, Vergel de plantas 143»—.

O próprio vocábulo *tenda,* que a princípio significava «barraca», ao depois «loja», veio por fim a especializar-se no sen-

---

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] O sinal § indica a pronúncia do *th* inglês de *thing,* pouco mais ou menos o *c* castelhano antes de *e, i.*

tido, já hoje quási obsoleto, de «loja onde se vendem comestíveis», o que no Porto se dizia *loja de pêso,* e em Lisboa mais modernamente se denominou *mercearia,* palavra que do mesmo modo variou muito de sentido com o tempo, pois antes queria dizer «loja de capela» [1], como o *mercería* espanhol.

Adema, adémia

No Elucidário de Santa Rosa de Viterbo figura êste vocábulo. com remissão a *admenas,* com o qual o douto frade o identifica, um tanto hesitante.

Pela definição que dá do último, isto é,—«alemedas, passeio, rua de quaesquer arvores frondosas e copadas»—, confrontada com a que atribui a *ademas,* é impossível a identificação, pois estas são definidas por êle próprio nos seguintes termos—«Em muitos documentos que fallão no Campo da Gollegã, e nas ribeiras de Torres, Brescos, e outras no termo de Santiago do Cacem no Seculo XV, e XVI se chamão *Ademas:* as terras planas, e de veiga, ou seara, e mesmo quaesquer outras reduzidas a cultura»—.

Ora *adema,* ou *adémia* já eu o defini, como sendo usado em Coimbra, por informação de Guilherme de Vasconcelos Abreu, que o empregou na CHAND-BIBI [2]:—«O campo... é adémea situada entre montanhas»—.

Veja-se em *adil.*

adiça, adiceiro

O NÔVO DICCIONÁRIO [3] de Cándido de Figueiredo traz o termo *adiça* «com o significado» «mina de ouro», capitulado de antigo; não incluíu porém *adiceiro,* que o próprio autor empregou depois no DIARIO DE NOTICIAS de 11 de junho de 1904.

---

[1] V. Bluteau, *ib.*

[2] Lisboa, 1893, p. 15.

[3] NÔVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, Lisboa, 1898-1900.

adil

Esta palavra, já apontada no Suplemento ao Nôvo Diccionário, é assim definida ali, como transmontana:—«o mesmo que *poisio*. Diz-se «*um adil*»; mas, especialmente: «*estar* ou *ficar a terra de adil* (Termo de Miranda)»—.

Logo após êste, consignam-se também o verbo *adilar* e o seu participio passivo *adilado*. Nenhum dos três está, porém, abonado, por não entrarem tais abonações no plano do dicionário, o que é de sentir, mormente em vocábulos de novo colijidos.

Para o primeiro tenho eu notada abonação, de escritor transmontano [1], e é a seguinte:—«vê a luz, vagando inquieta e soluçante, da alma penada de Santa Cruz, que percorre... milhões de vezes aquelle urzedo, esteval e adil, da fralda á cumiada»—.

Se bem que o termo é referido ás terras de Miranda no Nôvo Diccionário, não se encontra êle no Vocabulário etimolójico, que forma de páj. 145 a 225 a Parte v do volume ii dos Estudos de Philologia Mirandesa de J. Leite de Vasconcelos; e, atento o escrúpulo e minuciosidade com que o seu autor compôs esta notabilissima obra, é de supôr que o termo não seja própriamente mirandês, mas geral transmontano, e como tal o incluí eu no vocabulário de Rio-Frio que publiquei no primeiro volume da Revista Lusitana [2], (p. 203), onde o defini, «terra de pousio», acrescentando:—Cf. *adémia, adema,* «terra no sopé de monte», ou, «entre monte e rio, susceptível de qualquer lavoura»—.

Êste último, com a forma única *adema,* vem apontado no Nôvo Diccionário, mas capitulado de antigo.

Veja-se êste vocábulo.

---

[1] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891, e também tirado em separado, simultáneamente.

[2] Materiais para o estudo dos dialectos portugueses, *Falar de Rio-Frio.*

adua

Êste vocábulo, que se pronuncia *adúa,* é dado como antigo, pelo DICCIONARIO CONTEMPORANEO com a significação de «rebanho», e pelo NÔVO DICCIONÁRIO, como alentejano, querendo dizer «matilha de cães». Ambos lhe atribuem como étimo um *ad-dulla.* arábico; o segundo, porém, com um ponto de interrogação, e com razão, visto que, a estar bem escrito o vocábulo arábico, o *l* não haveria desaparecido, por estar duplicado.

Nos meus apontamentos tenho esta palavra como usada em Castelo-Branco com a seguinte significação: «chão público onde pastam porcos, cujo porqueiro é pago em comum». Infelizmente não está abonada esta definição, que provávelmente foi dada de viva voz não sei já por quem.

Ainda no NÔVO DICC., e em seguida a *adua*, lêmos *aduada,* como termo beirão, definido desta maneira—«manada (de porcos)»—. É evidente derivado da *adua,* que é diferente de outro *adua, anúduva, anádiva,* incluído em ambos os dicionários indicados, com a significação de uma espécie de imposto, e sôbre o qual se podem consultar com muito proveito, além de Bluteau, no Suplemento, o Elucidário de Santa Rosa de Viterbo, e principalmente o Glossário de Dozy e Engelmann, bem como o de Eguílaz y Yanguas, anteriormente citados, e cujo étimo, também arábico, é diferente (NUDBE), e difícil de se acomodar com a forma *adua.*

No Suplemento ao NÔVO DICC. dão-se mais os seguintes subsídios para o entendimento do significado de *adua,* «rebanho»:—«local onde os porcos, pertencentes a diversos habitantes da mesma povoação, permanecem durante o dia. Colhido no Fundão»—. Êste esclarecimento aprossima-se bastante da minha informação acima referida.

Disse que *addulla* não pode ser a escrita certa do vocábulo arábico que se dá como étimo; na realidade, João de Sousa [1],

[1] VESTIGIOS DA LINGOA ARÁBICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

ou antes Frei José de Santo António Moura, que reviu e aumentou a 2.ª edição, que cito sempre por já não ter a primeira, transcreve o vocábulo com um só *l, Addula* (AL-DULE), e dá uma excelente definição, que tudo congraça, e é pena não haver sido aproveitada: — «Rebanho de bois e bestas de qualquer Villa ou Cidade, que sahe a pastar, pastoreado por hum ou mais individuos aos quaes hum dos donos paga mensalmente um tanto por cabeça» —.

Bluteau [1] diz ser palavra alentejana, significando «matilha», como termo de caçador.

O termo *adua* está empregado no seguinte documento oficial: — «Art. I. Associações de proprietários ou hereos das levadas da Ilha da Madeira, ou de qualquer outra região onde haja o mesmo regimen de aguas, ou das *adúas* são reconhecidas como associações legaes para todos os actos juridicos, especialmente para por meio dos seus juizes, direcções ou commissões directoras, quando devidamente auctorizadas pela assembléa dos consortes, ou como proprietarios adquirir, por qualquer titulo legitimo, os bens immobiliarios precisos, com destino á conservação, accrescentamento ou melhor aproveitamento dos mananciaes de agua dessas levadas» — [2].

Tanto as águas, como as aduas, são bens comuns.

adufe

Vem incluído no DICC. CONTEMPORANEO e muito bem definido, sem abonação porém antiga, ou moderna, visto que o instrumento ainda é usado, em Évora, por exemplo, onde o ouvi tocar na noute de Santo António, há uns cinco anos.

Como abonação pode servir a seguinte: — «Ouviam-se já des-

---

1 VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, Lisboa, 1712.

2 CARTA DE LEI DE 26 DE JULHO DE 1838.

cantes pelas ruas [de Lisboa], pandeiretas e adufes para as bandas do Rocio»—[1].

Abonações clássicas podem ver-se no volume único do Dicionário da Academia, no qual é dado erradamente o étimo arábico, que os mais lecsicógrafos teem copiado, quando podiam vê-lo certo em João de Sousa [2] *addofe* (ou *addufe*), isto é, AL-DUF, e não *addafo*, que no Dic. da Academia é êrro tipográfico, ou lapso.

afagar, fagueiro

Vários étimos teem sido propostos para êste vocábulo, partindo todos os nossos lecsicógrafos da acepção «acariciar», que desde Bluteau lhe é dada, ou exclusivamente, ou como a primária, e nenhum dêles se deu ao incómodo de averiguar se tais étimos se compadeciam com as correspondentes formas em outras línguas románicas, *halagar*, castelhana, antiga *falagar*, catalã *afalegar*.

O CONTEMPORANEO absteve-se de aventar um despropósito qualquer, como houvera sido prudente que o fizesse com tantos outros vocábulos. F. Adolfo Coelho [3] fez avisadamente apenas a comparação com as formas castelhanas, antiga e moderna. Cándido de Figueiredo [4] deu mais um passo identificando o vocábulo *afagar* com uma forma sem *a* inicial, abonada com Filinto Elisio, *fagar*, que é mais compatível com a castelhana *falagar* (cf. *calabaza* e *cabaça*); e no Suplemento aduziu outra acepção que por mim lhe foi indicada—«desfazer as asperezas, aplanar»—, com a etimolojia proposta em tempo, e depois rejeitada, pelo Dr. Júlio Cornu [5], (ad)faciem *lagare*, para lhe substituir outra

---

[1] António de Campos, LUIZ DE CAMÕES, 2.ª Parte, XIV.

[2] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[3] DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

[4] NÔVO DICCIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUÊSA.

[5] Romania IX, p. 131, (1880).

inadmissível fonética, e mesmo ideolójicamente. fallax [1], porque o *l* geminado não haveria desaparecido em português, e em castelhano teria produzido *l* palatal *(ll)*, visto que o vocábulo é em ambas as línguas de orijem evolutiva, popular; e ainda porque é sempre de bom aviso em palavras desta espécie averiguar se há um sentido material por elas expresso, e que em regra é a sua primeira acepção, da qual as outras são desenvolvimento.

Outras etimolojías teem sido propostas por diferentes romanistas abalisados, como Frederico Diez, João Storm. Gastão Paris, e outros citados por Körting [2], nenhuma das quais porém satisfaz completamente, nem resolve as dificuldades fonolójicas. que o vocábulo apresenta, comparadas que sejam as formas portuguesas *afago, (a)fajar, fagueiro (fàgueiro.* ou *fagueiro).* as castelhanas *falagar, halagar, halago. halagüeño.* a catalã *afalegar,* e a asturiana *afalagar.* Até agora, portanto. a mais plausível é ainda a primeira proposta por Cornu, apesar das suas pequenas dificuldades fonéticas, principalmente se tivermos em atenção que o sentido em que o vocábulo é usualmente tomado de «acariciar», não pode ser o primitivo, o qual sem dúvida foi o que ainda perdura como termo de marcenaria, isto é, «pôr à face, alisar»; ou mais rigorosamente, como terminolojia técnica. já restrita esta acepção lata, «chegar ao (mesmo) livel a madeira ensamblada, alisando-a. ou, como dizem «afagando-a».

Já em tempo, na revista belga *Muséon,* porém menos circunstanciadamente, me referi a esta etimolojia, ao dar ali conta dos estudos de gramática portuguesa, publicados. como já disse, em 1880, na Romania, pelo actual professor de línguas e literaturas românicas na universidade de Graz, para a qual foi transferido da de Praga, onde rejia cadeira análoga. Mencionei então apenas a mais os vocábulos castelhanos *lagotear, lagotero,* «bajular, bajulador», cuja relação com o de que trato aqui me parece agora incerta.

---

[1] Grundriss der Romanischen Philologie, I, p. 756, n.º 131.

[2] Lateinisch, romanisches Wörterbuch, Paderborn 1890: *300.*

Assim, todas as investigações que no futuro se fizerem sôbre a etimolojia dêstes vocábulos devem, a meu ver, basear-se numa forma peninsular *falagar,* significando «alisar».

afreimar

O Nôvo Diccionário traz esta forma, remetendo o leitor para *afleimar*, e desta para *afleumar*, aparentemente mais próssima de *fleuma* | phlegma, e à qual dá como definição «tornar fleumático, pachorrento».

Não me parece que as remissões estejam bem feitas, pois nos Açôres êste verbo quere dizer «inflamar-se, piorar», e parece extraordinário que o étimo dêle seja o que se lhe atribui; seria mais corrente dar-lhe como étimo imediato o substantivo *freima*, que o mesmo dicionário inclui no respectivo lugar, e em dúvida deriva de *flegma*.

Em todo o caso ficará consignada aqui a acepção em que é tomado, pelo menos em S. Miguel, o verbo *afreimar,* derivado de *freima,* que vem já em Bluteau, no sentido em que hoje empregamos *fleimão*, de phlegmone, vocábulo grego, adoptado em latim [1].

agostadouro

Êste vocábulo não está incluído nos nossos dicionários, nem mesmo como provincialismo, apesar de muito bem formado e muito expressivo. Merece bem que aí se lhe dê cabida.

Abonação excelente é a seguinte, que encontramos na primorosa publicação intitulada Portugalia, vastíssimo repositório de dições, usos e indústrias do nosso povo, e cujo segundo volume está já sendo publicado:—«Entretanto o rendeiro antigo tem ainda o direito de aproveitar o agostadouro da seara última...

[1] *Vide* O Seculo, de 5 de julho de 1901.

comendo-lhe a espiga e sementes com o gado suino que entender, e bem assim com o numero de bois ou bestas estrictamente necessarias ao acarreto respectivo» —[1].

Êste substantivo pressupõe a existencia de um adjectivo *agostado,* particípio passivo de *agostar,* derivado de *agosto,* e que não sei se existe em português, mas vem apontado no Dicionário da Academia espanhola, com a seguinte definição, que aclara o sentido da palavra portuguesa — «pastar el ganado durante el verano en rastrojeras ó en dehesas» —.

A forma *agostadouro* portuguesa corresponde à castelhana *agostadero,* que o Dicionário da Academia não incluiu, mas que é usada, pelo menos, na província de Badajoz, onde, como estou informado por pessoa daquella província. a meúdo é confundida com *abrebadero,* «bebedouro».

agra, agro: campo; agrela, agrelo

Palavras muito corriqueiras no norte de Portugal, não só como nomes comuns, mas também na toponímia, com alguns derivados, dos quais proveem apelidos, por demais conhecidos. Lêmos no primeiro volume de publicação a que já nos referimos, Portugalia, o seguinte, em uma monografia a todos os respeitos digna do maior encarecimento: — «*ager*... na última [acepção] e também da sub-unidade, apparece repetidas... vezes em *agro, agra*... *agrelo* ou *agrela*» —[2].

Água:

Certos derivados dêste vocábulo e várias acepções dêles ainda não entraram nos dicionários, e por isso apontarei aqui alguns.

---

[1] J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, p. 280.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, p. 123 e 581.

aguado

Êste particípio passivo do verbo aguar *(àguár)* tem em Caminha a significação de «guloso».

aguardente

Esta palavra, que em Lisboa é pronunciada *àguardente,* em vários pontos do país revela ainda a consciência da sua formação por parte de quem a emprega, pois é pronunciada *àguàrdente,* devendo os que assim a proferem conservar os dois elementos separados na escrita por hífen: *água-ardente.* Na COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, referente aos anos de 1753-1762, Suplemento, ainda se imprimiu *agoa ardente.*

A lei de 14 de junho de 1901, publicada no DIARIO DO GOVERNO de 15 do dito mês e ano, traz uma interessante nomenclatura das várias espécies de aguardentes (ou *águas-ardentes),* que tem por bases a graduação centesimal, a matéria prima de que são distiladas, a procedência, e as denominações por que são conhecidas geralmente, quer no comércio, quer no público. Inútil fôra reproduzir aqui essa nomenclatura, mas não o é recomendar que na feitura de novo dicionário da língua, ou na reedição de algum dos já publicados, ela seja tida em atenção com as rigorosas definições que ali são dadas.

agùista

Êste vocábulo para ser bem figurado, no que respeita à sua pronúncia, deveria ser escrito com três acentos *àgùísta:* o primeiro, grave, para indicar que o *a* se profere aberto; o segundo, também grave, para avisar que se profere o *u;* e o terceiro, agudo, como sinal de que o *i* não forma ditongo com aquele *u,* isto é que êle se não lê *aguista,* nem *agúista.* Basta porém o que marquei na epígrafe.

É de introdução recente e significa «o indivíduo que está em sítio de águas medicinais, para fazer uso delas:—«Vi um telegramma do gerente da empreza de Mondariz, dizendo que os hospedes se oppõem á ida de aguistas do Porto»—[1].

É provável que seja castelhanismo. Também se diz *agùista.*

agude, agúdia, agúida

O Contemporaneo define *agúdea,* como «formiga de asas» e dá como variante *agude.* O Nôvo Diccionário dá a mesma definição da forma *agúdia,* e atribui-lhe, em dúvida, o étimo *agudo.*

José Joaquim Núnez no seu escrito Dialectos algarvios, publicado na «Revista Lusitana» [2] apresenta-nos as seguintes formas do mesmo vocábulo, e de um seu derivado:—«*aguidão,*» espécie de formiga. Embora o suficso *ão* seja próprio de aumentativos *agudião* designa uma formiga de grandeza inferior á de agudia, que o povo diz *aguida,* como tambem *aguidão*»—.

Faltam aqui acentos indispensáveis para se lerem bem os dois vocábulos. *agúida, agùidão,* pois de outro modo o *u* deixará de ser proferido, errando-se a pronúncia dos dois vocábulos. A forma *agúida,* por *agúdia,* é análoga à verba seguinte *aibto,* por *hábito.* É fenómeno conhecido êste, em português, de o *i* átono penúltimo de um esdrúxulo passar à sílaba acentuada, formando ditongo, resultando muitas vezes dessa passajem vocábulos parocsítonos; ex.: *Antoino,* forma popular de *Antônio, desvairar* por *desvariar, chuiva,* no norte, por *chuvia,* de pluuia, *eira,* de area, etc.

alagar, alago

Êste verbo, além das várias acepções apontadas nos dicionários modernos, tem mais a de «deitar ao chão», como palavra

[1] O Seculo, de 17 de agosto de 1899.

[2] vii, p. 104.

alentejana, mas que eu ouvi também em Vizela e foi consignada no CONTEMPORANEO.

No volume único do Dicionário da Academia [1] vem indicada já esta significação, pelas seguintes palavras: — «*alluir, subverter*» —. Dá três abonações, uma das quais, colhida nas DÉCADAS de João de Barros, é apropriadíssima: — «Dizia que com punhadas de terra sem mais armas, os seus *alagarião* a Fortaleza» —.

É difícil saber o sentido exacto em que o Padre Cardim emprega o que parece um substantivo rizotónico derivado dêste verbo, no seguinte passo — «mandou publicar [o rei de Cochinchina] uma chapa ou provisão contra a lei de Deus e contra os padres [da Companhia de Jesus], a qual foi a primeira que naquelle reino se pôs em público e se fixou á porta da igreja que os padres tinham em Taifó. Cahiu a porta com os alagos, accusou a aldeia ao padre, que na casa estava, deante de um mandarim, culpando-o de tirar a chapa» — [2]. Confrontado o vocábulo *alago* com *alagar* no passo de João de Barros, citado, deduz-se que é um substantivo verbal, significando talvez «ruína».

Em Leiria *alagar* é usado no sentido de «deitar a baixo», por exemplo, *parede alagada,* «derribada».

alavão, alabão

D. Rafael de Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, dá à primeira destas formas, que escreve ALAVAM, o significado — «manada das ovelhas que dão leite» —, considerando o termo alentejano.

J. Inácio Roquete rejistou êste vocábulo no seu dicionário português-francês [3], como adjectivo: — «(gado) brebis qui donne

---

[1] Lisboa, 1793.

[2] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, p. 182, Lisboa 1894.

[3] DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

du lait (pour faire le fromage)»—. Cándido de Figueiredo no NÔVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA inclui-o como provincialismo, definindo-o assim:—«gado que ainda mama»—. Não sei com que fundamento lhe é dada aí esta acepção, que todavia não contesto.

O Conde de Ficalho, numa série de artigos publicados na interessantíssima revista de Serpa «A Tradição», intitulados O ELEMENTO ÁRABE NA LINGUAGEM DOS PASTORES ALENTEJANOS [1], consagrou duas colunas ao termo, examinando a sua significação em todos os aspectos, e diz-nos que a pronúncia constante dos pastores é *alavão*. É natural que no norte do reino, se a palavra lá é usada, ela se pronuncie com *b*. Critica o doutíssimo escritor as definições dadas por vários lecsicógrafos, portugueses ou estranjeiros, estes últimos principalmente arabistas, e define o termo do seguinte modo:—«*alavão* no Alentejo significa unicamente o rebanho que dá leite pela ordenha, nunca aquelle em que os borregos ainda mammam. O nome do rebanho anda ligado sempre ao facto de dar leite para os queijos: começa a chamar-se *alavão* no dia em que os borregos se apartam; deixa de se chamar *alavão* no dia em que a ordenha cessa. Esta é a significação da palavra no Alentejo; seria interessante saber o sentido que lhe dão na Serra da Estrella, onde as coisas se passam de modo um pouco differente»—.

Creio inútil acrescentar uma palavra que seja a tam lúcida e decisiva descrição, feita por quem tinha toda a autoridade e todas as competências para a fazer certíssima.

Diz-se ali, citando João Sousa [2], que o vocábulo é arábico, *al-laban*, «o leite»—. Pois, apesar dêste étimo tam claro, Eguílaz y Yanguas [3] atribui-lhe como orijem *ar-raf*, conforme diz—«mediante el conubio de *r* por la *l*, y de la *f* por la *v*»—. Já é!

---

[1] I, p. 93-100 (1899).

[2] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL.

[3] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

Com o mesmo acêrto poderia derivá-lo do latim ovis, com mudança de *o* em *al* e de *vis* em *avão: Alfana vient d'equus, sans doute!*

Para que se não suponha que os nossos dicionaristas foram insensatos em atribuírem ao termo *alavão,* ou *alabão,* o significado de «rês que ainda mama», devo acrescentar que no Dicionário árabe francês de Belot [1] se dá AILTABAN com a significação de «mamar» (sucer le lait), como derivado de LABAN, «dar a beber leite»; o que talvez os levasse à conjectura criticada pelo Conde de Ficalho; é possível também que em alguma parte do reino a palavra tenha aquela acepção.

alberto

Êste nome próprio, conforme informação pessoal que me deram, significa no Alentejo «cántaro pequeno». Não me souberam dizer, porém, o motivo por que lhe foi imposto. Temos mais substantivos comuns, derivados de nomes de pessoas, como *guilherme* «espécie de plaina», já apontado em vários dicionários portugueses; e muito modernamente, *tancredo,* como designando um candeeiro pintado de branco, que serve para indicar os pontos da via pública, onde há parajens dos carros eléctricos, em Lisboa, e que lhe foi dado por comparação popular com um saltimbanco estranjeiro, que apareceu nas praças de touros, muito recentemente, todo vestido de branco, tal qual uma estátua de gêsso ou pedra. Confronte-se ainda *josézinho,* que no princípio do século passado designava uma espécie de capote:

> Inda que por moda querem
> Que lhes repitam versinhos,
> Tem por modas de mais gôsto
> Convulsões e josézinhos [2].

[1] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 717, col. II, 718, col. I.

[2] Nicolau Tolentino, CARTA A UM CABELLEIREIRO: Obras, II, Lisboa, 1801, p. 103.

alcouce

Êste termo, ainda hoje não de todo desusado, vem definido no ELUCIDARIO de Viterbo [1] como — «casa em que se dão commodos para lascivos commercios» —. Dá-lhe o douto lecsicógrafo como étimo um arábico *Alcoued,* «alcoviteiro» —, o que não explica o *ce.*

A etimolojia proposta por Dozy [2] *alcoceifa,* dá razão do *c,* mas é inadmissível por ter a mais a sílaba... *fa,* que levaria caminho, sem se saber porquê. Eguílaz y Yanguas [3] propõe para substituir a de Dozy, que não admite, a que escreve *aljoçç.* «domus ex arúndine» —, casa de canas —, que tampouco se pode aceitar, porque sendo a palavra antiga na língua, como o prova a inclusão dela no ELUCIDARIO, a 7.ª letra do abecedário árabe, equivalente ao *j* castelhano actual, estaria representada por *f* em português, e não por *c* [4], e ao *ou* corresponderia *au* em árabe.

O único vocábulo que pode satisfazer às leis fonéticas que regularam a admissão de vocábulos arábicos em português, recebidos por audição, é, que eu saiba, QAUṢ «arco», e é possível que a situação de algum prostíbulo perto, ou dentro de um arco, ou de uma arcada, tivesse dado orijem a ser denominado assim qualquer bordel.

Em Coimbra houve uma porta de Belcouce [5], no tempo de

---

[1] ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

[3] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

[4] A. R. Gonçálvez Viana, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE, Lisboa, 1892, p. 10.

[5] A. de Campos, LUÍS DE CAMÕES, *in* «O Seculo», de 10 de junho de 1900.

Camões, e êsse nome deveria significar em árabe «no arco» (BAL-QAUS).

alcunha

Êste vocábulo é hoje por nós empregado no sentido em que os castelhanos usam *apodo*, os franceses *sobriquet*, os ingleses *nick-name*; porém antes estava mais em harmonia com a sua aplicação na língua de onde o tirámos, o árabe, e a que modernamente se dá ao termo *cognome*. O Dicionário da Academia, volume único, assim o declara, e autoriza-se com um trecho de João de Barros; errou-lhe, porém a etimolojia arábica, a qual diz ser *alquenna* (*sic*). Não é isso.

Garcin de Tassy, na sua interessante memória sôbre os nomes e títulos mocelemanos [1], diz a páj. 6-7, que cada árabe tem em geral, pelo menos, três nomes: 1.º o *ólame*, o nome próprio, de baptismo, como dizemos, (prénom); 2.º *kúnia*, o sôbrenome (surnom), mas que designa paternidade, ou filiação, e é composto quási sempre com a palavra *abu*, «pai», ou *abn* «filho», seguida do nome daquele, ou dêste; 3.º o *láqab*, ou verdadeira alcunha, no sentido desta palavra, hoje em dia.

Êste étimo já tinha sido indicado nos VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL [2], transcrito *alconia*. É a mesma cousa.

Com o significado de cognome encontra-se a palavra *alcunha* em português em Damião de Góis [3]: — «e ha Infanta dõna Isabel, que casou com o Duque Philippe de Borgonha, dalcunha ho bom» —.

Covarrubias, contemporáneo de Mariana [séculos XVI e XVII], dá como antiquada *alcuña* — «vale linage, casta, descendencia; latine, genus, stemma. Es muy usado término en la lengua

---

[1] MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878.

[2] 2.ª Edição, 1830.

[3] CHRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. III.

castellana antigua, así en las crónicas como en las leys y contractas» — [1].

aldeagante

Palavra trasmontana ainda não colijida nos dicionários portugueses, no significado de «viandante», «caminhante». — «Se seguir o caminho em direcção á Cova da Lua vê o aldeagante (individuo errante) outro milagroso castigo — é um lameiro (prado) convertido n'um profundo lago» — [2].

No Suplemento do Nôvo Diccionário de Cándido de Figueiredo vem esta palavra, bem como o verbo de que deriva, *aldeagar,* mas noutra acepção: — «pessoa alegre, desinvolta». Colhido em Lagoaça — «falar á tôa; alanzoar; tagarelar; falar com animação; gracejar ruidosamente» —.

Antecede-os nesse copioso dicionário o substantivo *aldeaga,* como termo beirão, assim definido: — «tarelo, tagarela, palradôr» —.

Difícil será decidir qual é a acepção primária, se a que é dada nesse dicionário, se a que acima apontámos, autorizada. Desconhecido é igualmente o seu étimo.

aleixar

Êste verbo, afim do castelhano antigo *alexar,* moderno *alejar* (pron. *aleyar),* derivado de *lexos, lejos,* cuja orijem parece ser, conforme F. Diez [3], o latim laxus, e a significação «afastar»,

---

1 apud Ramón Menéndez Pidal, Antología de prosistas castellanos, Madrid, 1899, p. 105.

2 Ferreira Deusdado, O recolhimento de Mófreita. *in* Revista de educação e ensino, 1891.

3 Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen, Bonn, 1870, p. 148.

«deitar a lonje», segundo a expressão camoniana [1], vem abonado por F. Adolfo Coelho no seu estudo intitulado A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS, publicado na revista Portugalia (I, p. 485):—«Quem dos seus se aleixa a Deus leixa»—. É interessante o conceito do adájio, como o é a existéncia dêste verbo em português, que assim ficou documentada.

alfa

Êste vocábulo, não colijido em nenhum dicionário da língua, vêmo-lo abonado e definido num estudo de Albino dos Santos Pereira Lopo, intitulado BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, publicado no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa [2], e reza assim o texto:—«era costume nas vesperas de Entrudo, quando se iam revistar as «alfas», ou os marcos divisorios das propriedades particulares, ir o homem mais velho de Donae abrir no «Sagrado» uma pequena cova como signal de que o povo estava de posse d'elle»—.

Com respeito ao que o autor chama O Sagrado lê-se algumas linhas antes:—E como tradição dos «Loca Sacra» dos povos desta epocha [pre-romana] tem sido considerado o local a que os habitantes de Donae chamam «o Sagrado», que é um pequeno castro de forma elliptica, coberto de frondosos carvalhos... a norte da povoação... Denominam-no tambem... «Igreja Velha»... a igreja desappareceu, mas o sitio onde ficou lá se conhece ainda hoje, formando uma pequena depressão e é a ella que mais particularmente chamam o «Sagrado»—.

---

[1] Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe.—

LUSÍADAS, IV, 101.

[2] 17.ª Série, 1898-1899, p. 198.

No vocabulário que faz parte do estudo que publiquei no vol. I da «Revista Lusitana» [1], já eu incluíra, como sendo usado em Moimenta, o vocábulo *alfa,* o qual, segundo a informação que dali me fôra prestada, como declarei, significa, marco entre bens comuns e particulares.

No Suplemento ao Nôvo Diccionário foi incluído, como termo antigo, o plural *alfas,* no sentido de «fronteiras».

alfacinha; tripeiro

São conhecidas as significações dêstes dois vocábulos, que por derisão se aplicam, respectivamente, aos naturais de Lisboa e Porto, naturalmente porque em cada uma destas cidades se dá preferéncia a certos manjares, na primeira à salada de alface, na segunda a um guisado feito de dobrada de vaca. É também provável que tais alcunhas lhes fossem por escárnio postas por indivíduos nascidos em povoações convizinhas.

Abonação de ambos os termos é a seguinte: — Vemos que a Exposição de Paris é tambem o que mais preoccupa a attenção tanto do «alfacinha» como do «tripeiro» [2].

É de notar que *lechuguino,* em castelhano, derivado de *lechuga* { lactuca, «alface», se aplica a um «peralvilho» em Espanha.

A palavra *alface,* é de orijem arábica, como se sabe desde João de Sousa [3] (AL-ʜas), e também é usada em várias partes de Espanha, conforme Eguílaz y Yanguas [4]. Por outra parte, *leituga* em português equivale a *alface brava.*

---

[1] 1887-1889 — Falar de Rio-Frio (Trás-os-Montes), p. 203.

[2] O Seculo, de 30 de abril de 1900.

[3] Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

[4] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

alfándega

Esta palavra é há muito tempo empregada em Portugal e seus domínios com a significação dada geralmente na Europa latina ao vocábulo *aduana*, assim mesmo em castelhano, *dogana* em italiano, *douane* em francês, isto é, «repartição em que se arrecadam direitos das mercadorias, para que se considerem francas para o seu consumo». Antes, porém, *alfándega* queria dizer «albergaria» [1], sendo a mesma dição que a castelhana moderna *fonda*, «hospedaria», isto é a palavra arábica (AL)-FANDAQ, FUNDAQ, derivada do grego medieval PANDOKEÎON [2].

alfavaca, alfabega, alfadega

Êste termo usual de botánica, o qual procede, conforme o volume único do Dicionário da Academia, citando Pedro de Alcalá, do árabe *habaca*, «manjericão», é aplicado a duas plantas enteiramente distintas; só, serve para designar uma planta aromática, e com um epíteto, *alfavaca de cobra*, é o nome popular de uma parietária.

Conforme informação fidedigna, designa no Riba-Tejo, quer com esta forma, quer sem o preficso *al*, «a flor da oliveira», *favaca*, e neste sentido não figura em nenhum dicionário, que eu saiba.

Em árabe, segundo o Vocabulário árabe-francês de Belot [3], a forma é, transcrita, HABAQ, e portanto, o vocábulo dado por Pedro de Alcalá tem a mais o suficso de unidade.

---

[1] Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DAS PALAVRAS QUE ANTIGUAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

[2] Henrique Yule, THE BOOK OF SER MARCO POLO, THE VENETIAN, Londres, 1875, I, p. 401.

[3] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 101, col. II.

O étimo arábico dado no Nôvo Diccionário, *alcabaque*, é errado evidentemente no *c* por h, e não sei de onde foi copiado.

Em castelhano, conforme o Dicionário da Academia, existem duas formas *alfabega* e *albahaca*, numa das acepções da palavra portuguesa *alfavaca*. Na primeira dessas formas o q foi reproduzido por *g*, que parece ter sido em vários vocábulos a sua pronúncia no dialecto arábico das Espanhas (Cf. **açougue**, *q. v.)*; na segunda, que pressupõe uma forma mais antiga *albafaca*, houve metátese entre as duas sílabas internas.

Relacionemos estes vocábulos todos.

No Nôvo Diccionário vem inscrita esta palavra, com a significação de «manjerona» e sem acento marcado, o que indica ser preceituada a pronúncia *alfadéga*, e cita-se um dicionário manuscrito arquivado na Tôrre do Tombo; Cándido de Figueiredo acrescenta:—«supponho que é alter[ação] de *alfabega*, uma das formas castelhanas, correspondentes á nossa *alfavaca*»—.

No Suplemento, porém, o vocábulo é outra vez inserido, e marcada a pronúncia *alfădega*, com a seguinte explicação:—«ainda hoje se usa, designando o mangericão de fôlhas largas, ou a mangerona»—.

Segundo as informações que tenho, designa sómente, pelo menos em Coimbra, «manjericão de fôlha larga», e não, «manjerona».

No mesmo Suplemento declara-se que *alfabega* por *alfavaca* é também português, usado em Vizela.

O Dic. da Ac. Esp. acentua *alfábega*.

O povo diz *majaricão*, e não *manjericão*, e dêle deriva uma forma deduzida, *majarico*.

alfeça, alfece; alferça, alferce

Bluteau, no Suplemento ao seu Vocabulario portuguez latino, dá ao vocábulo *alfeça* a significação de «safradeira, ferramenta de ferreiro», e descreve-a pelas seguintes palavras:—«Tem figura redonda, com altura de uma mão travessa. Serve

para abrir os olhos das enxadas, alvioens, machados, e martellos, pondo-se em cima quando estão em braza» —.

Francisco Adolfo Coelho, no seu artigo, a todos os respeitos excelente, intitulado ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA [1], dá-nos *alfece* como sinónimo de *picareta*, estribando-se nos —« nossos lexicologos » —, mas infelizmente não nos oferece gravura dessa alfaia.

J. I. Roquete, no DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, que é um simples vocabulário, define *alfeça* como ferramenta de ferreiro, tal qual Bluteau, e *alferce* como «enxadão, alvião, picareta».

O CONTEMPORANEO e o NÔVO DICCIONÁRIO repetem isto mesmo, mas êste último dá a forma subsidiária *alfece,* a par de *alfeça*, e chama a atenção para *alferce.*

Efectivamente, a palavra *alicerce,* actualmente usada, tinha como forma antiga, considerada mais correcta, *alicece,* hoje desusada; e na realidade o *r* não existe no seu étimo arábico, ALASAS, plural de (AL)ASS como declara o Glossário de Engelmann e Dozy [2], e no plural é o vocábulo mais freqüentemente usado em português, onde a forma com *r* não é fácilmente explicável.

A ser exacta a etimolojia apresentada por Coelho e colhida em E. e Dozy, ALFA'S (onde o sinal ' está pelo *emze),* ou indicação de que o A vale por consoante, formando a segunda letra radical do trilítero, e que bem se ouve na pronunciação, seria êsse *r* a imitação de tal consoante, e conseguintemente lejítima a sua inserção, tendo pois as palavras *alfece* e *alferce* a mesma orijem.

Como, porém, tal motivo se não pode alegar para que se explique o *r* de *alicerce,* e como, por outra parte o Glossário citado dá para *alfece*, como possível étimo, o berbere AFASSEN, plural de AFUS, « cabo de ferramenta » [3], é temerário, sem investigação ulterior, identificar os dois vocábulos, *alfece* e *alferce.*

---

1 *in* Portugalia, I, p. 400.

2 GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, *sub v.* ALIZACE, castelhana.

3 *ib, sub v.* ALFEIZAR.

alfóstico, alfóstigo, fóstico

Esta palavra, bem acentuada em Roquete [1], aparece deformada no CONTEMPORANEO com a pronúncia *alfostígo,* que também inconsideradamente foi copiada para o NÔVO DICC. Em castelhano as formas são *alfóstico, alfóstigo, alfócigo,* todas esdrúxulas. Outra forma portuguesa é *fístico* (Roquete), omissa nos outros dois dicionários, mas que no Vocabulário de Bluteau está incluída, marcada a pronunciação como esdrúxula igualmente *(fìstico).*

Para português, como para castelhano, procede imediatamente do árabe (AL)FUSTAQ, correspondente ao grego PISTÁKION, latim pistacium, do qual proveio o francês *pistache,* e que em última análise é vocábulo semítico. Os árabes trousseram-no talvez da Pérsia. Os franceses receberam-no da forma italiana *pistaccio,* que concorre com *pistacchio* para designação do mesmo fruto, ou da árvore que o produz.

alfresses, *alfrezes*

No Elucidário de Viterbo vem êste vocábulo *(alfrezes)* assim definido: — «Alfaias e moveis de uma casa» —, abonado com o seguinte trecho: — *Calças, Alfreses, especias, bacias, agumys,* e outras cousas que tragem pera si —, documento de 1352» —.

O NÔVO DICCIONÁRIO incluíu-o no Suplemento como antigo, e ampliou-lhe o significado com — «variedade de panos ricos, própria para armações; certos enfeites do vestuário» —.

Num curioso artigo de Sousa Viterbo, intitulado AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS [2], e onde, seja dito de passajem, as gravuras representando candeias não vem a propósito, pois êste vocábulo nos textos aduzidos tem

---

[1] DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

[2] *in* Portugalia, I, p. 365-368.

o seu significado antigo de «vela»; nesse artigo, dizemos, ao citar um documento, extrata dêle vários vocábulos, entre os quais, porém, não figura o que nos interessa aqui e no mesmo documento vem citado por estas palavras:—«folha douro e de prata e dalfrezes trenas, retros...»—o que seria inintelijível se *alfreses* ali estivesse por alfaias, móveis.

Parece pois ter razão o Nôvo Dicc. em lhe atribuir a acepção citada, ou a de «guarnições» para vestiduras, ou tapeçarias.

Eguílaz y Yanguas [1] traz êste vocábulo, e dá-lhe o étimo arábico ALFARXE, «tapetum»: e deve ser no sentido de «tapete» que ali está empregada a palavra, ou noutro muito perto dêste.

Vê-se por aqui também que a escrita com *z* é errónea, pois no documento o *s* está por *ss*, visto proceder do x arábico: cf. *alvíssaras* (e não, *alviçaras)*, de ALBIXARE, sôbre o qual veja o leitor ORTOGRAFIA NACIONAL, páj. 113, em que se provou que a ortografia dos antigos escritores é com *ss* e não com *ç*, e na sua correspondência a x arábico se fundamentou a excepção aparente de *s* português em palavras dessa orijem.

No Dicionário árabe-francês de Belot [2] dão-se como correspondentes franceses de FARXE «lit, natte; matelas».

Assim *alfrezes*, no artigo a que me referi, é êrro de transcrição e não será o único do texto aduzido.

algar(a)via

Esta palavra, que no uso actual quere dizer «modo confuso de falar, linguajem estranjeirada, ou estranjeira», é defeituosamente definida no CONTEMPORANEO:—modo de falar próprio dos habitantes do Algarve—, acepção que ninguem lhe dá, e que seria disparatada, pois não é tam indistinta e especial a pronúncia

---

[1] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1880.

[2] Beirute, p. 581, col. I.

dos naturais daquela formosa província, que justificasse tal denominação.

O Nôvo Diccionário define bem:—«linguajem árabe; confusão de vozes; cousa [melhor fôra linguajem] difícil de intender»—.

O *a* depois do *r* é uma vogal, como técnicamente se diz, anaptíctica, ou intercalar, desunindo o *r* do *v* (cf. o popular *carapinteiro,* por *carpinteiro).*

Algarvia, ou *algaravia,* é o arabe alorbie, e quere dizer «o árabe». A primeira fórma sem a vogal intercalar figura em um adájio citado por F. Adolfo Coelho, no seu estudo sôbre A Pedagogia do povo português [1]:—«Em casa de mouro não falles algarvia»—.

No Roteiro da viagem de Vasco da Gama [2] a palavra *aravia* tem o mesmo significado:—«e alguns delles [índios] sabem alguma pouca d'aravia»—.

O *g* está ali como figurando a pronúncia da 18.ª letra do abecê arábico, o ع, que acima transcrevi por o; ao passo que em *Algarve* a mesma letra está pela 19.ª, que transcrevo por y, e que é um *g* fricativo proferido no palato mole: al-yarb «o poente», vocábulo diferente e que só remotamente é afim de oarab, «arabe».

Outra fórma do vocábulo *algar(a)via* é *algravia,* com o *a* de *-gar-* elidido, citada por Bluteau [3], e abonada com Bernárdez —«Não imaginemos que ha aqui mais *Algravias,* nem cousas escondidas, e secretas». (Luz e Calor, p. 249)—.

A definição dada pelo doutíssimo lecsicólogo é perfeita:— Termo Arabico, que significa a lingoa que os Arabios fallam.— Onde o Contemporaneo foi desencantar a significação que lhe dá, é que ninguém poderá descobrir.

O derivado *alg(a)raviada* é mais usado popularmente do que o primitivo. Cf. *alarve,* que significou «o árabe».

---

1 *in* Portugalia, i, p. 488.

2 Lisboa, 1861, p. 46.

3 Vocabulario portuguez-latino, *sub v.* Algaravia.

alhora!

Esta interjeição, contraída provávelmente de *olhe ora!*, é dada por Henrique Lang [1] como usada nos Açôres.

aliás

Fémea do elefante: Frei Gaspar de Santo Agostinho, ITINERÁRIO DA INDIA, cap. XV. Esta nota foi-me subministrada pelo snr. Guilherme de Vasconcelos Abreu.

aljamia, aljemia; aljám(i)a?

A primeira forma é a preferida pelo arabista David López [2], e na escrita a que se emprega em castelhano; mas nos nossos antigos escritores parece que era mais usada a segunda. Duarte Núnez de Leão, por exemplo, diz: — «e ainda entre Mouros, que a tem por sua algemia [a língua castelhana] » — .

Denominava-se assim o castelhano, o português, qualquer das línguas románicas da Península Hispánica, por oposição a *algarvia, (q. v.)* que era o árabe. A *aljamia*, ou *aljemia*, conforme vemos em Eguílaz y Yanguas [3] designava também o árabe corruto falado pelos mouros de Espanha. AOGAMIE é o femenino de AOGAMI, que significa «o que fala língua [románica], de Espanha», e neste sentido o vemos empregado no trecho citado pelo douto arabista espanhol — «Ordenamos i mandamos que pasados tres años, el qual dicho tiempo damos para que puedan

---

[1] REVISTA LUSITANA, II, p. 52.

[2] TEXTOS EM ALJAMIA PORTUGUEZA, Lisboa, p. 189.

[3] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

los Moriscos aprender á hablar i escribir nuestra lengua castellana, que dicen ellos *aljamia* etc.» Ley 13, tít. 2.º, lib. VIII, *Nueva Recopilación* »—.

A palavra significa também «assemblea», mas esta talvez tenha de acentuar-se *aljámia,* visto que a forma dada por Viterbo no ELUCIDARIO é *aljamas,* «congregações».

aljibe, aljibé (?); aljube

O NÔVO DICCIONÁRIO inclui as duas formas, abonando sómente a primeira, que parece ser a verdadeira. Outra abonação dela é a seguinte, em que se contém a sua definição, como termo de marinhas de sal:—«D'ahi [a água salgada] passa para outros [tanques] menores, chamados a l g i b e s»—[1].

A palavra já existia colijida em outros dicionários, com a significação de «cisterna onde se recolhe a água da chuva», como se lê no CONTEMPORANEO.

Existe também em castelhano *algibe,* hoje pronunciado *alyibe* [2], e parece ser uma forma paralela de *aljube,* o qual em árabe quere dizer «calabouço», e própriamente «furna» (ALGUBB). No sentido de prisão é bem conhecido em Lisboa êste nome, por ser o de uma cadeia quási fronteira à do Limoeiro; mas o vocábulo continua a ter o significado geral de «prisão pública».

aljofaina

Esta palavra, ou sem o preficso *al,* simplesmente *jofaina,* que significa no castelhano hodierno «bacia de lavar as mãos, a cara» (pronunciada *yofáina),* é, conforme todos os etimólogos, a forma deminutiva arábica GUFAINE, deminutivo de GIFNE, «alguidar», com, ou sem o artigo AL.

---

[1] O SECULO, de 10 de junho de 1901.

[2] *y* representa o valor do *j* castelhano actual.

Não incluiria aqui êste vocábulo, se o não visse escrito no artigo As Olarias do Prado, de Rocha Peixoto [1], no seguinte passo, em que parece indicar ser português: — «Atribuiu-se o moringue a uma importação da India e americana, aos arabes o alguidar, a aljofaina e a almotolia» —.

alma

Esta palavra, além do sentido geral que expressa, tem muitos outros, quer só por si, quer acompanhada de epítetos, e quási todos, se não todos, teem sido apontados nos dicionários.

Um de que ainda não vi menção e que é difícil perceber qual seja, encontrei-o no seguinte passo de uma fôlha diária, que há muito tempo se converteu em mensal, mudando a sua antiga índole para outra mais conforme com o título [2]: — « O *Jornal de Estarreja* conta o seguinte caso: «Um d'estes dias foi encontrado junto ás *almas* de Cristello... um pobre homem quasi nu, preso a um pinheiro» —. ¿Será *painel das almas?*

No Portugal Antigo e moderno [3], de Pinho Leal, obra que, a par de muitos desacertos, contém muita matéria utilíssima, procurei debalde no artigo *Estarreja* e naqueles para que faz chamadas, *Antuã, Beduído, Laranjo,* qualquer referência às *almas,* de que fêz menção o dito jornal. Cf. **alminhas,** *q. v.*

almandra, almandrilha

Num anúncio, publicado no periódico O Economista, de 4 de novembro de 1882, encontra-se o segundo vocábulo, não colijido, significando uma espécie de «contaria», ou «avelório».

---

1 *in* Portugalia, I, p. 241.
2 O Economista, de 12 de agosto de 1885.
3 Lisboa, 1873-1886.

Almandra é definido no Nôvo Dicc. como vocábulo antigo, com as significações de «colcha, alcatifa», que não estão abonadas, mas sem dúvida foram adoptadas do Elucidario de Viterbo, onde se conclui com estas palavras a inscrição:— «Parece que Almandra é colcha ou alcatifa de linho e lãa. *V[ide] Ducange v. Tiretanus*»—.

Eguílaz y Yanguas [1] admite o vocábulo, citando o Elucidario, e deriva-o de um arábico al-manta, que seria o mantum a que se refere Isidoro Hispalense [2], o que não tem visos de probabilidade, pois não explica nem o *d*, nem o *r*. Parece ter relação com *alma(n)trixa,* cujo étimo está ainda por averiguar, apesar do seu aspecto arábico.

Almandrilha vem já no Suplemento ao Nôvo Dicc. definida como «conta alongada», e abonada com Capêlo e Ivens [3], mas a citação foi omitida e é assim:—«O explorador póde levar comsigo missanga grossa, missanga miuda, Maria segunda (⁴), que é indispensavel, cassungo (¹) de variadas côres, almandrilha (²) apipada e riscada»—.

As notas dizem:—«(⁴) conta encarnada pequena, interiormente branca, de 0,003 de diametro»—. «(¹) conta de bordado»—. «(²) conta alongada de 0,01 de comprido»—.

O adjectivo *apipado* «em forma de *pipo*» vêmo-lo também aplicado a contaria, junto ao substantivo *coral,* em um anúncio publicado no jornal O Economista, de 4 de novembro de 1882.

Almandrilha parece não ter relação com *almandra.*

alma-negra, ou anjinho

É nas ilhas da Madeira e de Porto-Santo o nome de uma ave, como vemos na valiosa monografia do P. Ernesto Schmitz,

---

[1] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[2] Etymologiarum seu originum Libri xx.

[3] De Benguella ás terras de Iácca, Lisboa, 1881, i, cap. i, p. 6-7.

intitulada DIE VÖGEL MADEIRAS. O nome desta ave na nomenclatura zoolójica é, conforme o dito autor, *Bulweria Bulweri* [1].

almanxar; almeixar, almeixiar, almixar, almexar, almexiar

O NÔVO DICIONÁRIO inclui a segunda destas formas, com chamada à primeira, que ortografa *almanchar,* mas que se deve escrever *almanxar,* se na realidade a forma é lejítima, e define-a do modo seguinte: — «(prov[incialismo]) logar onde se seccam os figos» —. A escrita errónea com *ch* foi copiada da citação que já vou fazer.

Nos meus apontamentos tenho a forma *almeixiar,* que encontrei no ECONOMISTA de 5 de novembro de 1885, em citação do JORNAL DA MANHÃ, a qual é assim: — «Roda depois para o almeixiar onde é lançado em esteiras [o figo]» —.

O vocábulo vem já entre os aditados por Moura aos VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, de João de Sousa [2], e dá-se-lhe como étimo o árabe ALMANXAR, e como definição a seguinte: — «O estendedouro. Assim se chama no Algarve á eira, aonde se põem os figos, e outras fructas a seccar» —.

O Glossário de Engelmann e Dozy [3] traz a forma *almanchar,* de Moura, remetendo porém para *almixar* castelhana (hoje escrita almijar e pronunciada *almiyar),* usada na Andaluzia, derivando-a do árabe AL-MIXARR, deduzido do radical XARRA — «exposer quelque chose au soleil afin de le sécher» —, «expor ao sol para secar».

Dozy anota Engelmann, declarando lejítima a forma portuguesa *almanxar,* procedente de outro verbo NAXARA «estender», e acrescenta: — «mais comme on étend les choses qu'on veut sé-

---

[1] *in* «Ornithologisches Jahrbuch», 1899, I fascículo.

[2] Lisboa, 1830.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

cher (Ibn-al-'Anwan, I, 669 emploie le participe *manchour* en décrivant la manière dont il faut sécher les figues), *almanchour* a reçu le sens de séchoir, lieu où l'on fait sécher les toiles, etc. (Bocthor)» —.

O douto arabista diz mais que *almixar* deve ser corrutela de *almanxar,* porque o verbo *xarra* no sentido de «secar» não era popular, e porque a forma devera ser *almaxar* «sequeiro», e não *almixar,* que significaria «aquilo com que se seca».

Seja como fôr, vê-se que as duas formas existem, e que a segunda se deverá escrever *almixar, almexar, almaxar,* ou mesmo *almexiar*, mas não, *almeix(i)ar.*

almeidina

Esta palavra, que parece derivada artificialmente do nome próprio *Almeida,* veio no Economista de 7 de agosto de 1885 explicada como querendo dizer — «borracha branca de Mossámedes» —.

almeixar, almixar

V. em **almanchar.**

alminha, alminhas

No singular, significa no Minho o «mealheiro das almas» [1]; no plural «painel das almas». V. **almas.**

almuadem, *almuédano, muezzin*

No Suplemento ao Nôvo Diccionário declara-se, com razão, ser afrancesada a forma *muezzin,* que para aí usam escritores pouco lidos em livros portugueses de boa nota. A forma, porém,

---

[1] Arnaldo da Gama, O Segredo do Abbade, p. 56.

que no mesmo dicionário se propõe para a substituir nenhuma vantajem traria, pois equivalia a trocar um galicismo por um castelhanismo, sendo ambos inúteis porque existe a forma portuguesa *almuadem,* pronunciada *almuádem,* ou *muádem,* sem o artigo, a qual perfeitamente corresponde à arábica AL-MUaδIN, «pregoeiro». É o indivíduo incumbido de chamar, do alto do alcorão da *mezquita,* os fiéis às rezas diárias. O próprio autor havia rejistado no corpo do dicionário êste vocábulo, escrevendo-o **almuhádem,** com um *h* a mais.

Alberto de Oliveira emprega a forma *mueddin,* que é lejitima, porém, inútil, visto que a palavra já de há muito existe aportuguesada, como disse:—«E de repente surgiram em todos os minaretes... os vultos direitos e phantasmaticos dos *mueddins*»—[1].

Cumpre notar que também emprega no mesmo escrito, aliás de grande interêsse, as formas *minarete* e *soco,* errónea esta em vez de *açougue (q. v.)*

A forma francesa *muezzin,* que tem de ser pronunciada *muezine,* e não *muezẽ,* explica-se porque a nona letra do alfabeto arábico é proferida por muitos barbarescos defeituosamente como *z,* em vez de lhe darem o seu verdadeiro valor, o do nosso *d* entre vogais, diferente do *d* inicial, a que corresponde a oitava. Por todas estas razões, e ainda porque o acento tónico é em francês deslocado para a última sílaba, se vê que a mais perfeita representação do árabe ALMUaδIN é o português *almuádem.* A figura δ representa aquela nona letra. V. **muezzin.**

almoçadeira

Em Caminha êste vocábulo significa o que em Lisboa se chama *chícara de almôço.*

A propósito de *chícara* veja-se **chávena.**

---

[1] O SECULO, de 23 de outubro de 1905.

almofada, almofadinha

No sul do reino chama-se *almofada da cama,* ou *almofadinha,* ao que no centro e norte se denomina *travesseira,* isto é, «a almofada que na cama se põe sôbre o travesseiro», que em francês se chama *oreiller.*

Esta acepção é já antiga, pois o Padre António Francisco Cardim no XVII século emprega o vocábulo neste mesmo sentido —«o dormir era sôbre uma esteira velha, um pau ou pedra por travesseiro e almofada»—[1].

aloés

Hoje é moda acentuar-se êste vocábulo, como se fosse latino, *áloès,* pronúncia inadmissível em português. A acentuação antiga era *aloés,* e nenhuma razão plausível existe, que justifique o pedantismo da pronúncia moderna. Frei Gaspar de Santa Cruz escreveu:—«babosa, ou erva aloés»—[2]. Sôbre êste vocábulo veja-se a erudita nota do Conde de Ficalho aos COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA, de Garcia da Orta [3].

alôjo

Esta dição, talvez usada no sul com o significado de «alojamento», e muito bem formada, é um substantivo verbal rizotónico, isto é, com o acento tónico sôbre a última sílaba do radical, e vem exemplificado no seguinte passo da ETHNOGRAPHIA

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 206.

[2] ITINERÁRIO DA ÍNDIA, cap. IX.

[3] Lisboa, 1892, vol. II, p. 60 e seguintes.

do Alto Alemtejo, de J. da Silva Picão [1]:—«com pateo, ou sem elle, ao rez do chão, outros com sobrados, reunem em geral alojo sufficiente para uma lavoira mediana»—. Refere-se o autor aos montes, ou «casais», e a citação contém abonação também para a palavra *sobrado.*

Todo o estudo, que é de muito interêsse, abunda em termos e locuções locais, o que lhe dá grande valor como documento lecsicográfico dialectal.

aloquete

É uma forma derivada com *a* prostético, variante da palavra *loquete,* já rejistada em vários dicionários, com o significado de «cadeado de argola». A. A. Cortesão abona a forma *aloquete,* com um passo de Camilo Castelo-Branco [2].

alquilar, alquilé

Tanto o primeiro dêstes vocábulos como o segundo são castelhanismos, significando o primeiro «alugar», e o segundo *(alquiler),* «aluguer», ou com assimilação do *r* ao *l,* «aluguel»; mas em português tomaram o sentido restrito de «alugar» e «aluguer», com relação a cavalgaduras. Modernamente, *alquilé* significa especialmente a pessoa que se ocupa em compras, vendas e trocas de jumentos, cavalos, ou gado muar; os espanhóis chamam-lhe *chalán,* os franceses *maquignon.*

O vocábulo *alquilé(r)* é indubitávelmente arábico, entanto que o português *aluguel, alugar* provém do latim ad-locare, com uma mudança, de *o* em *u,* anormal e inexplicada.

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 356.

[2] Subsídios para um diccionário completo... da língua portuguêsa, Coimbra, 1900.

alquitete

Êste aportuguesamento popular da palavra culta *arquitecto* tomou já uma acepção especial, que lhe dá direitos a figurar nos dicionários, como palavra independente e expressiva. Eis aqui um exemplo: — «O imperio dos mestres d'obras, vulgarmente conhecidos por *alquitetes,* foi sem duvida a causa primaria d'essa variedade de gaiolas que por ahi se vêem, e a que se dá o pomposo nome de *predios* e *palacetes*» —[1].

altamado

Tenho, sem abonação, êste vocábulo nos meus apontamentos, como termo çaloio, com a significação «de tudo, de todos, uns por outros»; exemplo, *panos altamados,* «de todas as qualidades». Parece ser uma contracção de *alta* e *mala,* de que se formasse um verbo *altamar,* do qual se deduzisse êste particípio passivo, empregado como adjectivo.

Numa das Sátiras do portuguesíssimo Nicolau Tolentino lê-se[2]:

Feita a geral cortesia,
Pé atrás, segundo a moda,
Daremos á mãe e á tia,
E depois a toda a roda
Alto e malo a senhoria.

O Nôvo Diccionario rejista a expressão *altamala,* no sentido de «à pressa», «sem escolha» e aventura-lhe como étimo, mas em dúvida, *ata + mala,* o que é inadmissível. Declarando o seu autor que a locução é antiga, sem aboná-la, é manifesto que não

---

[1] O Dia, de 18 de julho de 1905.

[2] Obras, I, p. 178.

podia ter por étimo uma palavra que é de introdução moderna, *mala,* e pouco empregada pelo povo.

alude

Êste vocábulo, usado por Gonçálvez Guimarães para traduzir o francês *avalanche,* é assim definido pelo douto professor:— «Os crystaes ou frocos de neve, accumulando-se uns sobre os outros no mesmo local, comprimem-se reciprocamente em virtude do seu pêso, e agglutinam-se... para se formarem esses perigosos *aludes* (=fr. *avalanches),* que se precipitam pela encosta da montanha, arrastando com a sua massa grandes pedregulhos, lascas de rochedo e tudo quanto se lhes depara na passagem; até que a final, quando a temperatura excede o limite de 0°, a fusão da neve torna-se inevitavel, e a agua passa a incorporar-se em qualquer torrente ou ribeira vizinha, ao mesmo tempo que os materiaes sólidos se depositam pela maior parte»—.

À palavra *aludes* lê-se no pé da pájina a nota seguinte:— «Nas regiões montanhosas da Hespanha este phenómeno é designado pela palavra *alud,* de emprêgo hoje corrente na litteratura scientífica, donde a transcrevemos, por nos parecer mais conforme com a índole da nossa língua do que o fr. *avalanche.* A palavra é de origem árabe, e decompõe-se no artigo *al* e na raíz *ad* que significa precipitar-se ou caír pesadamente. Em italiano diz-se *valanga* e em all. *Lawine*»—[1].

Na Selecta de Autores franceses que, editada pela casa Aillaud & C.ª em 1897, foi presente ao concurso de livros escolares e aprovada, pusera eu uma nota ao trecho n.° 20 [2], extraído de Eliseu Reclus, com o nome de «Une tourmente dans les Alpes».

Não sabia eu então que o autor dos Elementos de Geolo-

---

[1] Elementos de Geologia, 2.ª ed., Coimbra, 1897, p. 167.

[2] p. 146.

GIA tivesse tido a mesma lembrança, sem um saber do outro. A minha nota é assim concebida—«*déblayé par les avalanches*» varrida pelas *avalanches.* «Não há, ao que parece, vocá-«bulo português que traduza êste; em castelhano chama-se-lhes «*aludes,* palavra que poderia passar para português. *Avalanche* «significa mole de neve e gêlo, que vae, lentamente ao princí-«pio, precipitadamente depois, deslizando pela serra abaixo e «despedaçando tudo que encontra no caminho»—.

No singular, a adoptarmos o vocábulo espanhol, teremos de escrever um *e* final, *alude;* cf. *saúde* com o castelhano *salud, cidade* com *ciudad.*

Quanto à etimolojia árabe, parece-me duvidosa. A Academia espanhola, no seu Dicionário dá como étimo o latim *alūta,* «pele curtida», o que é absurdo como sentido, sendo já por si a forma incompatível com a espanhola.

Como abonação de *alude* em português, já em sentido figurado, temos a seguinte:—«era um dilúvio, um alude de perguntas»—[1].

Outro étimo, alluuium, que já foi aduzido, conquanto satisfatório no significado, é formalmente inaceitável, visto como o *u* latino não poderia dar o *d* final castelhano, o qual, a ser latino o étimo, pressupõe uma terminação -utem; cf. *salud* ⟨ salutem.

alustre

Em Bragança usa-se êste vocábulo no sentido de «relámpago» [2].

alvela, alvéloa, arvéloa, *alverôa*

Esta galantíssima ave, que tantos nomes tem, conforme as rejiões da nossa terra, é em Lisboa conhecida pelo de *arvéloa.*

[1] MISS TEMPÊTE, tradução portuguesa, II parte, XI, *in* «O Seculo», de 13 de abril de 1901.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 67.

Em Gil Vicente, a forma é, porém, *alvela,* como vemos no AUTO DAS FADAS:

> *Alvela* — Esta avezinha formosa
> Faz que aguarda,
> Mas, pardeos, muy bem se guarda;

o que perfeitamente condiz com o adájio citado por Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO: — «Diz o adagio portuguez, Quem mata *Alveloa,* sabe mais que ella...» — No Voc. vem o vocábulo acentuado como Alvèola, isto é *alvéola,* que é a acentuação comum; mas o NÔVO DICCIONÁRIO consigna uma forma *alverôa* como provincial, abonando-a [1].

O radical desta palavra é, sem dúvida, *alvo* | lat. albus; o modo de derivação, todavia, é difícil de explicar. F. Adolfo Coelho [2], parte da forma *alvela* como mais correcta, de *alva* + sufico *ela.* Todavia, se confrontarmos as formas *baga bago* (ant. *bágoo)* com *mágoa* | macula, teremos de concluir que *alvéloa* é a forma inicial portuguesa, e que dêste modo o seu étimo é obscuro.

ama

Esta palavra, cuja identificação e orijem são problemáticas, pois se encontra, com significações muito aprossimadas, em idiomas de famílias diferentes e irredutíveis a um só tipo, como são o vasconço *ama,* «mãe», o hebraico (A)ĒM, «mãe», a par de (A)ĀMĀ, «serva, môça», e o alemão *amme,* «ama de leite» sem que se possa supor proveniéncia directa de uma delas a respeito de qualquer das outras; esta palavra, digo, além de outras acepções que tem recebido em português, e das quais as mais comuns são «ama de leite», e «patroa», adquiriu no Brasil significado enteiramente oposto ao segundo, e naturalmente deduzido

---

[1] Suplemento.

[2] DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa.

do primeiro, como se vê do passo que vou transcrever: — «Cheguei de regresso a casa, quando a nossa *ama* (criada), veio chamarme para o jantar» — [1].

Análoga a esta especialização, e talvez orijem imediata dela, é a palavra *ama,* quando se emprega na locução *ama de clérigo,* ou na castelhana *ama de llaves,* «governante»; funda-se em que, se tal ama é serviçal do patrão ou patroa, é por outra parte quem governa a mais criadajem.

Aparentada com esta locução é ainda *ama da roupa,* que na ilha de Sam Miguel se usa para designar «lavadeira» [2].

ámago, amago

Júlio Cornu dá como étimo a êste obscuro vocábulo, cujas formas antigas cita, *meiagoo, maiagoo, maagoo, meoogo, meogoo, meogo,* o latim medius locus, «lugar do meio» [3]. A ser certo o étimo, que na forma actual está bastante desfigurado, temos de supor que a acentuação actual é errónea, e que a verdadeira seria *amágo.* Não era de estranhar que, tendo saído do uso vulgar a palavra, os doutos a revivessem com êrro de acentuação, como aconteceu a *pantáno (q. v.),* hoje acentuado *pántano,* não obstante a forma femenina *pantána,* e o castelhano *pantáno,* que mostram qual era a verdadeira acentuação.

amassaria

Esta dição já foi no Nôvo Diccionário apontada, com o seu significado de — «casa, logar onde se amassa farinha» — mas sem

---

[1] «Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco», *in* O Seculo, de 8 de julho de 1900.

[2] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[3] V. também Revista Lusitana, III, p. 150.

abonação. Está autorizada com o seguinte passo de J. Inácio Ferreira Lapa [1], escritor douto e escrupulosíssimo na pureza e propriedade da linguajem:—«A amassadura a braço é geralmente praticada na mesma casa em que se acha estabelecido o *forno de cozer;* algumas vezes êste trabalho verifica-se em casa contigua que tem o nome de *casa da amassaria*»—.

Não é pois neolojismo o emprêgo dêste vocábulo no seguinte trecho, que transcrevo do curioso estudo de J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo [2]:—«Amassaria.—É a casa do fabrico do pão de todas as qualidades, que se consome no monte [casal]. Tomando-se por base a importancia do consumo, temos em primeiro logar o pão de centeio, denominado *marrocate,* que se dá aos creados e «maltezes»; em segundo o pão de trigo,—*branco* e *ralo,* que é respectivamente para amos e creados de portas a dentro; em terceiro e ultimo, as *perrumas,* pão de farelos de centeio com que alimentam os cães de gado»—.

Se *perrumas* não é aqui êrro tipográfico por *perrunas* e portanto castelhanismo, como outros da linguajem dessa província, pois em castelhano *perruna* é também—«especie de pan muy moreno y grosero, que ordinariamente se dá á los perros [3] [cães]; se não é êrro tipográfico, repito, e parece que não, pois o vocábulo já está rejistado no Contemporaneo, é êle uma forma curiosa do adjectivo femenino *perrũa,* de *perrum,* substantivado, no qual se deu a consonantização do nasalamento da vogal *ũ,* como em *uma* de *ũa* { lat. una, em vez de se dar a apócope do *a* final, como em *commum,* fem. pelo antigo *comũa,* ou a desnasalização do *ũ,* como em *comua* substantivo, *lua,* antigo *lũa* { luna, e ainda camoniano.

Apesar da definição genérica, dada no Nôvo Dicc. parece que o vocábulo *amassaria* se não aplica ao local em que se tra-

---

[1] Technologia Rural, Lisboa, 1868, p. 233.

[2] *in* Portugalia, i, p. 538.

[3] Diccionario de la lengua castellana, de la Real Acad., Madrid, 1899.

balha nas *massas* alimentícias, visto que a TECHNOLOGIA RURAL não faz menção dêle na Secção Aletriaria, com que dá quási fim ao livro.

J. Leite de Vasconcelos define a *perruma* do seguinte modo: — «pão feito de farelo, sem fintar, de bagaço, etc., para os cães de gado» —[1].

ámbria

Êste termo de gíria, relativamente moderno, não é mais que o castelhano *hambre*, «fome», mal pronunciado, e tem a mesma significação.

amigo-fechado

Termo da África Oriental Portuguesa, *chamuar (q. v.).*

amoroso

No Minho e nos Açores, quere dizer «liso», «macio».

amuado

É palavra muito conhecida, e muito usada, como significando — «o que desgostado se afasta, e persiste no enfado, sem manifestar a causa. He proprio dos rapazes» —[2].

Acrescentarei que tal hábito ainda é mais próprio das meninas, pequenas, ou já crescidinhas.

É esta palavra o particípio passivo do verbo *amuar(-se),* e também se emprega como adjectivo, com o mesmo significado virtual do verbo de que deriva.

---

[1] REVISTA LUSITANA, II, p. 36.

[2] R. Bluteau, VOCABUL. PORT.-LATINO.

Bluteau dá-lhe como étimo o substantivo *mu*—«animal duro de domar»—, isto é, *mulo, macho;* e parece que é certo, por pouco lisonjeira e delicada que seja a expressão, com tal orijem, aplicada a alguma das gentilíssimas damas que teem a graciosa astúcia de se enfadarem com aqueles a quem bem querem, e da qual diz o épico amador:

Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada. [1]

Outro menos épico, mas não menos amavioso e conhecedor de tam suaves astúcias, o terno e apaixonado Torquato Tasso, falando da maga Armida e do seu Reinaldo, na Jerusalém Libertada, diz:

Teneri sdegni, placide e tranquille
Repulse, e cari vezzi e liete paci,
Sospiri, parolette, e dolci stille
Di pianto, e sospir tronchi, e molli baci.

Para se consolarem, as damas podem subordinar o verbo *amuar* ao francês *moue (faire la moue),* que, para ser mais bonito, basta que seja francês, conquanto o étimo que para esta língua se lhe atribui pareça ser também comparação com irracional, o holandês *mouwe,* parente de *meeuwe* «gaivota».

Tornando aos nossos *amuado* e *amuar,* já o mesmo Bluteau nos dá outro significado, ainda na língua comum usadíssimo, o que bem se vê na citação que faz:—«Se o tumor *Amuar,* e não madurar»—; hoje dizemos «amadurecer», isto é «atrasar-se em resolver», e neste sentido, ou análogo, o vemos empregado no COMMERCIO DO PORTO de 18 de julho de 1885, referindo-se ao atraso produzido pelas trovoadas no amanho do sal:—«É provavel que as marinhas fiquem amuadas por mais quinze dias»—.

---

[1] LUSÍADAS, II, est. 38.

amuso

Neolojismo que vemos indicado na REVISTA LUSITANA [II, p. 161], com a significação «contrário ás musas».

anámica (adj. fem.)

Êste adjectivo vêmo-lo empregado na Obra do Padre António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO [1]:—«o padre Gaspar do Amaral... que neste anno se applicou á lingua anamica»—, isto é, à língua do *Annam*, ou *Aname*.

É duvidoso se a terminação *am* se há de ler ali como *ã*, *ame*, ou *ão*. Conveniente seria que assentássemos em pronunciar e escrever *Aname*, para se não confundir êste nome próprio com o comum *anão*, *anã*, e com tanto mais razão, quanto é certo que de *Siam* (=*sião*, *siã*, ou *siame*) fizeram os nossos escritores *Siames* [2], os povos de *Siame*, diferençando nós deste modo o reino de *Siame*, do monte e castro de Sião em Jerusalém.

Teríamos pois: *anâmico* | *aname* | *Aname*; *siamês*, *siámico* | *siame* | *Siame*; formas bem portuguesas e perfeitamente deduzidas.

Disse que deveríamos diferençar *Siame* da *Sião* bíblica, e assim o creio necessário; não porém, como já incautamente se fêz, adoptando para a última a forma *Sion*, conquanto a latina seja Sion, copiada do grego SIÓN, transcrição da forma hebraica ṢIUM, porque a forma *Sião* já há muito é portuguesa, e foi em-

---

[1] Lisboa, 1894, p. 78.

[2] *ibid*, p. 288, *mãe siame;* PEREGRINAÇÕES, de Fernám Méndez Pinto, cap. LVII, e *passim*.

pregada em rima por Luís de Camões, na formosíssima redondilha que principia assim:

Sobolos rios, que vão
Por Babilónia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião.

ancestral: avito

Êste barbarismo tem a pouco e pouco penetrado na linguajem pretensicsa ou afrancesada dos jornais, e por, incúria de certos escritores, ainda mal até em obras didácticas. Foi tomado directamente do francês *ancestral,* onde é neolojismo, que Littré ainda não rejista. A palavra é inglesa *ances'tral,* derivada de *ances'tor,* o qual provém do francês antigo *ancestres,* hoje *ancêtres* (latim antecessor). O adjectivo inglês *ancestral* é assim definido por Webster:—«relating or belonging to ancestors or descending fron ancestors»—que se refere a antepassados ou lhes pertence, ou dêles descende—: faz parte de uma família de vocábulos composta de *ances'tor, ancesto'rial, ances'tral, ances'tress* e *an'cestry.* Em inglês, pois, está muito bem, e em francês ainda se tolera. Em português, porém, é tam absurda a sua adopção, como a do ridículo *feérico,* também muito do gôsto dos literatos estranjeirados, pois nenhum radical português lhe serve de encôsto ou explicação. O termo português que lhe corresponde, conquanto latinismo, é *avito* { auītus, -a, -um { auus, «avô», tanto no sentido de «pai do pai», como no de «avoengo», «ascendente», «antepassado», já rejistado como termo poético por J. I. Roquete [1], e no CONTEMPORANEO, que o abona com Alexandre Herculano.—«Por medo ou conveniencia haviam renegado da religião avita»—.

---

[1] DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

Martinho Brederode usa duas vezes o vocábulo *avito* nos seus formosos poemetos, intitulados SUL [1]:

> O Fado, o mysterioso, avito encanto.
> Das guitarras, á noite, por ahi;
> Vozes de treva, tremulas de pranto,
> Fontes gementes, onde o Sol não ri!
>
> Que choras tu, ó Mar, que heroica historia
> Evoca a imprecação da tua voz?
> És tu chorando a nossa avita gloria,
> És tu, ó Mar, és tu ou somos nós?

O NÔVO DICCIONÁRIO deu-lhe também cabida, assim como ao extravagante *ancestral,* o que é de sentir, pois o devera ter repudiado, ou pelo menos criticado no Suplemento, como fêz a outros vocábulos estranjeirados.

anchão

Em Goa esta palavra significa «boião» [2].

ancinho, ancinhar

Além da sua acepção usual de um instrumento rústico, de que no Riba-Tejo derivaram o verbo *encinhar,* equivalente a *esgravinhar,* e que aí significa «limpar com ancinho», designa êste vocábulo na rejião do Mondego uma rede, como vemos na revista Portugalia [3]:—«Rede de suspensão que se emprega principalmente para a captura do berbigão»—.

---

[1] p. 86 e 137, Lisboa, 1905.

[2] «Revista Lusitana», VI, p. 76. DIALECTO PORTUGUÊS DE GOA, por Monsenhor Rodolfo Dalgado, que lhe não aponta étimo plausível.

[3] I, p. 381.

Sôbre esta palavra diz F. Adolfo Coelho, na mesma Revista, o seguinte: — «A palavra... é, creio, a mesma que a italiana *ancino,* croque, remontando ambas a um latim vulgar *hamicinus,* do latim hamus anzol» —, que o mesmo escritor [1] deriva de outro deminutivo de hamus, *hamiciolus.*

Todavia, para *ancinho* a etimolojia mais aceitável, e já proposta, é o latim uncinum. Efectivamente, se o étimo primordial fosse hamicinus para *ancinho, hamiciolum* para *anzol,* ¿como se explicaria que do *c* latino, resultasse no primeiro vocábulo *z,* e no segundo, *c,* sendo em ambos os casos o *c* pretónico em latim?

A favor de uncinum milita ainda a circunstáncia de a forma popular ser *encinho* no sul, *incinho* no centro do reino: cf. *ingùento* e *imbigo,* por *ungùento* e *umbigo.*

Há outra consideração de maior pêso ainda, e é a seguinte. De *c* ou *ti* latino resultou *z* em português, logo que antes daquele havia uma vogal, o que muito bem exemplifica a palavra *anzol* { *hamiciolum.*

Se *hamicinum* fosse o étimo de *ancinho* teríamos, em vez desta forma com *c,* outra com *z, anzinho,* como aconteceu com a citada, e também com *onze, quinze, benzer, cinza,* em todas as quais o *c* latino era precedido de vogal, undecim, quindecim, benedicere, *cinicia;* visto que, por exemplo, uncia deu *onça,* sapientia, *sabença,* credentia, *crença,* etc., porque nêstes, como em *ancinho* { *uncinum,* o *c* não estava precedido de vogal. A conclusão é que hamicinum não pode ser o étimo de *ancinho,* como hamiciolum o será de *anzol.*

andejar, andejo

O Nôvo Diccionário rejista o verbo *andejar* no Suplemento, com o significado «vaguear», e abona-se com Francisco Manuel

[1] *ibid,* p. 635.

do Nascimento. O adjectivo *andejo* já estava incluído em outros dicionários, na acepção de «quem anda muito» (CONTEMPORANEO), e em sentido figurado «versátil, desvairado». Conforme informação, no Alentejo e em Coimbra MULHER ANDEJA quere dizer «rameira» e esta expressão tanto pode filiar-se no sentido natural da palavra, e corresponde neste caso ao francês *coureuse,* como no figurado «volúvel, mudável». Todavia, Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, admitindo a locução *mulher andeja,* interpreta-a do modo seguinte: — «Andeja, ou Andeira, ou Andadoura, Molher andeja, chamamos vulgarmente à que não pára em casa, e sempre anda pella Cidade, de huma parte para outra» —, o que perfeitamente se harmoniza com o adájio, *Comadre andeja, não vou a parte alguma onde a não veja,* apontado por Delicado [1] e rejistado no Dicionário publicado pela Academia de Lisboa, vol. único.

andorinha

Esta forma é explicada por F. Adolfo Coelho como derivada do latim hirundinem, isto é *hirundi(ni)na* [2], e melhor, a meu ver, por J. Leite de Vasconcelos, como um adjectivo hirundinea, com metátese nas primeiras sílabas, *hindurinea,* { hirundo [3], igualmente.

Qualquer que seja dos dois étimos o preferido, actuou em ambos a influência do verbo *andar.*

aneiro

Êste adjectivo, deduzido em português de *ano,* ou derivado do latino *annuarium,* por annuale { annus (cf. *ja-*

[1] ADAGIOS PORTUGUEZES, Lisboa, 1651.

[2] REVISTA LUSITANA, I, p. 135.

[3] *ib.* III, p. 268.

neiro { ianuarium), é definido, no Nôvo Diccionário, do modo seguinte:—«dependente da maneira como corrêr o anno; contingente, incerto»—.

Todavia, no trecho que se vai ler o significado é bastante diferente, e não foi ainda apontado, que eu saiba:—«Possuo uns malapeiros antigos que são anneiros, isto é, dão muito num anno, e no seguinte não dão nada»—[1].

Pelo contrário, *cadaneiro* quere dizer «que produz cada ano, todos os anos».

Tanto um como o outro adjectivo são muito expressivos, mesmo pela oposição que entre si apresentam. V. **cadaneiro,** em **cada.**

anglicano, ánglico

Êste adjectivo, que usualmente só se aplica às palavras *relijião, igreja,* para significar *igreja anglicana,* a oficial de Inglaterra, foi por Manuel Severim de Faria empregado com o substantivo *língua,* para expressar a forma mais antiga do inglês, que sucedeu ao anglo-saxão, e que eu na Selecta de leituras inglesas [2] denominei língua ánglica:—«as causas publicas se não tratassem senão na lingoa anglicana»—[3].

Os ingleses chamam *Anglian* ou *Anglo-Saxon,* ao que eu denominei *ánglico* ou *língua ánglica,* idioma germánico usado entre meados do século vi e meados do xii, abranjendo portanto seiscentos anos.

ani(e)lado

No «Archeologo Português» [4] em um artigo de José Pessanha intitulado O Calix de ouro do Mosteiro de Alcobaça, faz-se

---

[1] Gazeta das Aldeias, 1905, p. 247.

[2] Discursos politicos, *in* «Dicc. da Academia», i, xxx, col. 2.

[3] Lisboa, 1897, p. 287.

[4] v, p. 3.

menção de «um tecido de ouro *anilado*»—. É evidente que anilado está por *anielado,* isto é, esmaltado, e que em *anilado* se deu a absorção do *e* átono no *i* igualmente átono. *Anielado* é o particípio passivo do verbo *anielar,* mal formado do substantivo *nielo,* «esmalte preto», que rejistou o Nôvo Diccionário, como procedente do latim nigella, o que deve ser exacto, mas por intermédio do italiano *niello.*

Anilado, como significando «esmaltado», vem já em Bluteau [1], devidamente abonado com um passo da Crónica de El-Rei Dom Manuel.

É de estranhar que nem o Contemporaneo, nem o Nôvo Dicc. rejistassem o vocábulo neste sentido, que também escapou ao Dicc. da Academia.

anta; antela, antinha; mamoa, mámua, mamuinha, mamunha, mamuela, mamaltar; montilhão; madorra; orca; arcainha, *q. v.*

Sôbre todos estes vocábulos, quer primitivos, quer derivados, ver-se há com muito proveito o opúsculo de J. Leite de Vasconcelos, intitulado Portugal pre-histórico [2], páj. 46-48, para o qual remeto o leitor que deseje obter noções exactas e minuciosas acêrca dêstes termos portugueses de nomenclatura arquitectónica pre-histórica, e das suas rigorosas definições.

Com respeito à orijem do vocábulo *anta,* eis o que nos diz Guilherme Smith:—«*antae:* pilares quadrados que se acrescentavam em geral às paredes laterais de um edifício, de cada lado do portal, para ajudarem a formar o pórtico. Raras vezes se encontram estes termos [o latino e o correspondente grego parastádes] no singular, porque o fim a que se destinavam as antas

[1] Vocab. port. lat.

[2] O número 106 (1885) da «Bibliotheca do povo e das escolas», meritória colecção do editor David Corazzi, de barateza inexcedível.

era que ficassem fronteiras e sustentassem as extremidades de um mesmo teto» —[1].

antenal; mangas de veludo

Êste vocábulo empregado como substantivo, e que própriamente parece ser um adjectivo substantivado, derivado de *antena,* não ocorre, que eu saiba, em dicionário algum da língua portuguesa, mas só num bilingue.

Na interessante e fidedigna obra de Jurien de la Gravière, LES ANGLAIS ET LES HOLLANDAIS DANS LES MERS POLAIRES ET DANS LA MER DES INDES [2], a páj. 148 do tômo I lêmos o seguinte: — «Vers le 20 mars, on avait vu beaucoup de ces oiseaux de la grosseur d'un oison [«patinho»], que les Portugais nomment *antenales.* Maintenant on était entouré de *mangas de veludo,*—manches de velours,—qu'on appelle ainsi parce qu'au bout de leurs ailes il y a quelques marques noires imitant le velours, le reste étant blanc et gris. La rencontre de ces oiseaux est un indice certain qu'on n'est pas loin de la partie orientale du Cap [Cabo da Boa-Esperança]» —.

Refere-se o autor à narrativa de Linschoten.

Se as duas expressões *antenal* (pl. *antenais,* e não *antenales)* e *mangas-de-veludo,* como denominações vulgares, impostas provávelmente por marítimos, figuram, ou não, em escritores portugueses do século XVI, ou posteriores, e se ainda são usuais em qualquer parte do reino, é o que não ousarei afirmar, nem negar. Entendi, contudo, não desaproveitar a ocasião de tomar delas apontamento, para base de futuras indagações. Apresentarei mais o seguinte:

---

[1] G. Smith, SMALLER DICTIONARY OF GREEK AND ROMAN ANTIQUITIES, Londres, 1871.

[2] Paris, 1890.

No Diccionário portuguez-francez de J. I. Roquete [1] vemos inserida à palavra antennal, como portuguesa, traduzida para francês por — « anténale, albatros: oiseau de mer » —.

apale

Esta palavra, pertencente à língua dos cafres da Beira, na África oriental, é assim definida nuns interessantes estudos publicados no Jornal das Colonias [2], acêrca de usos e costumes de Marromeu, por Jorje Epífánio Berkeley Cotter, funcionário ao serviço da Companhia portuguesa: — « Quando um *apale* (rapaz) chega á edade de oito a dez annos » —.

apanha(s)

Na publicação periódica Portugalia [3] vem a seguinte descrição do tear ordinário, usado no distrito de Viana-do-Castelo, na qual apenas suprimo os algarismos que se referem ao desenho, que aqui não reproduzo.

— « As duas *pernas de prumo da frente;* as duas *pernas de prumo das costas;* as duas *mezas;* os dois *capiteis;* as duas *tramações dos capiteis;* os dois *pombos* do orgão do panno; o *orgão do fiado* ou das costas; o *orgão do peito;* o *orgão do panno;* os dois *malhetes do orgão do peito;* os dois *pombos do orgão das costas;* a *roda dentada do orgão do panno,* e sua *espera;* as duas *varetas das queixas;* a *maçã* ou *péga das queixas;* as duas *peças das queixas;* o *eixo das queixas;* os dois *moitões para as lisseiras;* o *travessão dos moitões;* as quatro *chavelhas para o orgão das costas;* as duas *apanhas, premedeiras* ou *pedaes;* o *tempereiro;* os dois *compostouros;* as *lisseiras.*

---

[1] Paris, 1855.
[2] 30 de maio de 1903.
[3] I, p. 374.

Aponto aqui em itálico os termos constantes desta nomenclatura vulgar, que ainda não foram ou colijidos em lécsicos portugueses ou neles definidos nestas acepções; considerando não rejistados os termos ou acepções que não figuram no mais completo dêsses lécsicos, o NÔVO DICCIONÁRIO, ou no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO de Bluteau, tam rico em meudíssimas definições de termos vulgares.

apani(a)guado

Passando por alto como inaceitável a palavra *pano* que o NÔVO DICCIONÁRIO propõe por étimo do verbo *apanicar,* para o qual remete *apaniguar,* identificando-os, vejo que duas etimolojias teem sido propostas para o nome que encabeça êste artigo: a primeira, por Duarte Núnez de Leão [1], a-pan-e-água; a segunda por F. Adolfo Coelho [2], exposta nos seguintes termos:—«*(A* pref. e thema *pani* pão; para a formação que nada tem que ver com *agua,* como suppoz N. Leão, vid. **Apaziguar** e **Sanctiguar**»—. Seguindo êste raciocínio, vemos em **Apaziguar**, no mesmo dicionário:—«*A* pref. e *pacificar,* cf. para a forma *apaniguado* por *apanificado, averiguar* de *verificar,* ant. *amortiguar* de *mortificar,* etc.

Não seria muito fácil suprir o *etc.,* e apesar de tam perentória afirmativa, tanto *amortiguar* de *mortificar,* como *averiguar* de *verificar* não são tam seguros, que não precisem larga explicação, a qual ali se não encontra em nenhuma das palavras apontadas para confronto, nem nas remissões feitas em *san(c)tiguar.*

Ora, as formas *averiguar, santiguar, apaziguar, amortiguar* são naturalmente erros de interpretação de *gu,* que do antigo expediente ortográfico por *g* passaram às ortografias posteriores, alterando a pronunciação, por má leitura, pois se o *u* houvesse

---

[1] Convém saber: ORIGEM DA LINGOA PORTUGUESA, cap. VIII.

[2] DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO.

de ler-se, a sua escrita antiga teria sido *guo,* como em *loguo,* por *logo, aguoa,* por *água.* Esta indução é confirmada pela circunstáncia de nenhum dêsses vocábulos ser popular, sendo dois dêles obsoletos, *amortiguar, santiguar.*

Se porém a todas essas dições se podem atribuir as formas reais *amortigar, apazigar, averigar, santigar,* o mesmo não acontece com *apaniguado,* particípio passivo aparente de um verbo *apaniguar,* que parece não existir, e cuja forma antiga é *apaniaguado,* confirmada pela castelhana *(a)paniaguado,* de que proveio. Em Fernám Méndez Pinto lêmos: — «E sem embargo de tudo isto o padre [Francisco Xavier] se embarcou nesta mesma nao para a China, mas bem differente do que ouvera de yr se fôra com Diogo Pereyra, mas elle ficou em Malaca, e a nao foy toda por conta do capitão e dos seus apaniaguados, e com capitão pôsto de sua mão, e o padre foy ingreme, sem autoridade nenhũa, ás esmolas do contramestre e sem levar outra cousa mais que só hũa loba que levava vestida» —[1].

Êste passo é, em todos os pontos de vista, de muito interêsse, não só por se referir ao apóstolo das Índias, mas ainda como texto de linguajem, pois contém, além de outras locuções vernáculas, o vocábulo *apaniaguado*, e *ingreme* num sentido muito especial, desusado hoje, e que talvez possa contribuir para se aclarar a sua orijem e verdadeira acentuação, pois a literária *íngreme* está em oposição com a popular *ingríme.*

A forma completa, pois, da palavra de que estou tratando vêmo-la aqui, *a-pan-i-agua-do,* aportuguesamento da castelhana *(a)-pan-i-agua-do,* visto que é nesta língua, e não na portuguesa, que *pan* quere dizer «pão». Assim, *ser de alguem apaniaguado* equivalia ao que hoje dizemos «estar às sopas de alguém».

Vê-se bem que tinha razão o grande humanista do século XV-XVI, D. Núnez de Leão, e que bem fêz Bluteau [2] em

---

1 PEREGRINAÇÃO, Lisboa, 1829, cap. CCXV.

2 VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, *sub. v.* PANIGUADO.

o seguir, explicando-o nestes termos: — «Aquelle que como domestico da casa, recebe todos os annos do senhor della alguma cousa para seu sustento. Chama-se «assim» porque antigamente a ração do paniaguado era pão e agua. Nos livros das Ordenações está Panigado, e Apanigado, mas o author do Repertor. das Ordenaç. diz. Paniaguado» —. D. Núnez escrevêra, *loc. cit.*: — «Apaniguado, de pane et aqua, quasi paniaguado» —.

¿Foi isto uma conjectura, um desejo de interpretar etimolójicamente um vocábulo, cujo verdadeiro sentido se perdera e cuja formação se ignorava? É esta a opinião de F. Adolfo Coelho, e neste caso *apanigar* seria uma forma parassintéctica, um derivado com preficso e suficso.

Nos termos em que D. Núnez e Bluteau a analisaram é ela, pelo contrário, um caso, mais raro nas línguas románicas, de polissíntese, isto é, uma palavra composta, flecsionada como se fôra simples, tal como, por exemplo, *afidalgado* | *fidalgo* | *filho-de-algo,* e em cuja composição os elementos estão em relação circunstancial.

Se analisarmos os verbos citados por F. Adolfo Coelho, e que transcrevi mais acima, vemos claramente que em nenhum dêles a terminação *-guar* está com o radical, na mesma relação, que em *apani(a)guado.* Três teem por primeiro elemento adjectivos *vero, morto, santo,* e significam «fazer que fique verdadeiro morto, santo». O outro tem por base o substantivo *paz,* e quere dizer «fazer que fique em paz». Ora, *apaniguar,* ou *apaniaguar,* se existisse, não equivaleria a «fazer que fique (em) pão», e portanto essa derivação que se pretende dar a *apaniguado* é absurda, comparada com a dos vocábulos com os quais se confrontou.

Se as formas *averiguar, amortiguar, apaziguar, santiguar* se podem substituir pelos seus equivalentes formais e significativos *verificar, mortificar, pacificar, santificar,* outro tanto não aconteceria a *apaniguar*, que não corresponderia a *panificar* no sentido, como lhe não corresponde na formação.

Por todos estes motivos parece preferível adoptar a explicação dada por Duarte Núnez e perfilhada por Bluteau, a qual é

exactamente a que os dicionários castelhanos dão ao *paniguado* [1], de que procede o português *apani(a)guado,* sem verbo de que seja particípio, mas como adjectivo substantivado.

Para confirmação do que fica exposto aduzirei uma informação decisiva. No excelente estudo de Paulo Groussac, intitulado Le Commentateur du Laberinto [de João de Mena], lêmos o seguinte:—«Il s'agit de la petite rente appelée *pan y agua,* remplaçant l'ancienne ration en nature des chevaliers pauvres *(paniaguados)* agrégés à une commanderie»—. E em nota acrescenta, citando Dormer, Progresos de la historia en Aragón (Çaragoça, 1680, páj. 540), um trecho da carta de Fernám Núnez, o Pinciano, a Zurita, em que lhe diz:—«De la tardanza de mi libramiento estoy en sospecha si ha venido alguna suspensión de Sa Majestad [Carlos v] en que nos quite ese pan y agua que nos daba»—.

Creio ser decisiva a citação.

aparadeira

Em Caminha, e provávelmente em outras partes da província do Minho, dá-se êste nome a uma bandejinha que apara os pingos da vela, no castiçal. É pois êste um termo excelente para traduzir o vocábulo francês *bobèche,* substituindo-o em português.

Nem é de estranhar a formação e aplicação dêste derivado femenino do verbo *aparar,* visto que já temos o correspondente masculino *aparador,* que pelo sentido menos que aquele se liga ao expresso pelo verbo.

aparamentos

Esta forma, equivalente a *paramentos,* não vem rejistada nos nossos dicionários, e está para o substantivo *paramentos,* como

[1] Diccionario de la Real Academia, 1899.

o verbo *aparamentar,* já colijido, para o verbo *paramentar.* Abona-se com o seguinte trecho do Padre António Francisco Cardim: — «preparou-se a varanda de alcatifas, e cadeiras de veludo bordado para os dois fidalgos, outra diferente para o embaixador, posta na cabeceira, com outros aparamentos vistosos» —[1].

ápeto, atom

O conhecido etnógrafo A. Tomás Pírez, na revista PORTUGALIA[2], publicou um seu estudo descritivo dos amuletos usados pelos povos do concelho de Elvas. Entre outros vocábulos interessantíssimos vem apontado êste numa rima popular: — Onde está o ap[e]to e o atom / não faz o demo seu tom. Antes diz: — «Usam o aipo e o *atom (Talaspia),* mettidos em bolsinhas, ao pescoço, para preservarem do feitiço e do demonio» —.

É singular esta forma *ápeto,* e não, *apto,* a medida do verso o está indicando, para designar o *aipo,* e não atino com a sua orijem. Outro tanto direi de *atom,* que apresenta uma terminação rara no português do sul.

É evidente que o grupo *pt* é inadmissível em vocábulos de orijem popular, e por isso ou se haveria reduzido a *ato* (cf. *atar* ⟨ aptare), ou uma vogal anaptíctica desuniria, como desuniu, as duas consoantes incompatíveis.

apojar

Êste verbo é usado no Algarve, com a pronúncia *apojár* (*ô* átono na 2.ª sílaba), e a significação «demorar-se». O étimo é naturalmente podium, como supõe J. Leite de Vasconcelos[3].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 50.

[2] I, p. 618-622.

[3] REVISTA LUSITANA, VII, pag. 107.

apolentar

Êste verbo está registado no Nôvo Dicc., assim definido —«engordar com polenta»—.

A polenta, no mesmo dicionário é descrita do seguinte modo: —«papas de farinha com manteiga e queijo ralado»—; e no Suplemento acrescenta-se—«**polenda** o mesmo que *polenta.* Em Venêza, é uma pasta grossa, feita de farinha de milho com água e sal, e serve de pão em certas refeições. Parece que também há polenda de farinha de castanhas»—.

Efectivamente a *polenta* que lá comi era a que aqui se descreve. Quanto à forma *polenda,* é sabido que em certas partes de Itália *nd* alterna com *nt,* ou o substitui, onde houve influência do grego moderno, no qual *nt* se profere *nd,* em meio de palavra, ou de um para outro vocábulo, e como *d* no princípio de vocábulo.

O termo *polenta* já era usado pelos romanos, aplicado a um «mantimento que se fazia de farinha de cevada torrada e preparada de diversos modos» [1].

Conforme Petròcchi, a forma mais usada é *polenda;* mas eu, em Veneza, ouvi chamar-se-lhe *polenta.*

Não é porém da *polenta* romana ou italiana que eu tratarei aqui, visto não ser tal nome conhecido cá pelo povo, e se fiz a citação referida, extratada do Nôvo Diccionário, foi apenas para pôr em dúvida, visto não estar ali abonado o vocábulo, a existéncia do verbo *apolentar,* com a significação que lá se lhe atribui.

Nos meus apontamentos tenho o verbo *apolentar,* colhido na tradição oral, como termo da Beira-Baixa, querendo dizer «palpar

---

1 Magnum Lexicon, Lisboa, 1819, onde se abona com Ovídio; Theil (Dict. lat. fr.) cita Macróbio. V. também Septem linguarum Calepinus, 1758.

com as pontas dos dedos a fruta, para experimentar se está madura».

É duvidoso que êste verbo com tal significado se possa relacionar com o substantivo polenta latino.

apo(u)sentamento

É êste um dos poucos vocábulos portugueses em que *o* corresponde a *au* latino, sem derivação imediata do castelhano, como *bobo (q. v.),* ou do latim popular, como *pobre* ¦ *popere,* por pauperem. Outro é *apoquentar,* e seus derivados, cujo étimo é *pouco.* Todavia, é esta uma condensação moderna do ditongo *ou,* pois as formas antigas eram *apouquentar, apousentar:*—«hũa escada de pedra per honde sobem as casas de apousentamento do dito castello»—[1].

Outros vocábulos são *foz* ¦ faucem, *afogar* ¦ *effaucare,* e poucos mais [2].

aquela, aquelar

Assim como empregamos o substantivo *cousa* para suprir um nome, que na ocasião nos não ocorre ou não sabemos, e *coiso* por pessoa, do mesmo modo que os francêses usam *machin* ¦ *machine,* e ainda como usamos *aquela* por «afeição»; usam em Caminha *aquela,* querendo significar «pessoa rica» e *aquelar* por «fazer qualquer cousa», e em sentido restricto por «limpar».

São exemplos da vitalidade criadora que ainda possui a língua na bôca do povo inculto.

---

[1] Auto de posse do castelo de Sines, de 24 de novembro de 1533, *in* Archeologo português, x, p. 101.

[2] *V.* J. Cornu, Grammatik der portugiesischen Sprache, 2.ª edição, *in* Grundriss der Romanisch. Philologie, Estrasburgo, 1906, i, p. 937.

araça, araçá, araçaí

Esta palavra, que o Dicc. Contemporaneo e o Nôvo Dicc. acentuam *araçá,* e o Dictionaire portugais-français de J. I. Roquete [1] escreve *araçaz,* vêmo-la escrita sem acento gráfico, *araça,* entendendo-se que será lida *arâça,* no «Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco» [2]. Designa diversos vejetais e seus frutos, e deve ser palavra indíjena do Brasil.

Como, porém, no Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi [3], do Padre António Ruiz de Montoya, ela figura na II Parte com as formas Araçá, definida como *Especie de guayabas,* e Araçaĭ, *Arbol destas guayabas,* vê-se que a verdadeira acentuação é a que os dicionários citados indicaram. Por aí vemos também que o nome da árvore é ampliação do nome do fruto, e portanto denominação distinta, o que os ditos dicionários não apontam. A palavra não foi incluída no Diccionario de vocabulos brazileiros, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan [4].

aragão, pai-dos-caixeiros

Em uma correspondência do Brasil lia-se êste vocábulo, empregado como substantivo comum e explicado pelo seguinte modo: —«sino grande da igreja de Sam Francisco de Paula, que dá o toque para se fecharem os estabelecimentos no Rio de Janeiro»—. Outro nome que tem o festivo sino é *pai-dos-caixeiros.*

Eis aqui o trecho do qual extraí a definição:—«O meu amigo talvez não saiba que ás 10 horas da noite corre aqui um grande

---

1 Paris, 1855.
2 *in* O Seculo, de 8 de junho de 1900.
3 Nueva edición, Paris-Viena, 1876.
4 Rio-de-Janeiro, 1889.

sino da igreja de S. Francisco de Paula, o que indica a hora a que são obrigados a fechar todos os estabelecimentos que não teem licença especial. Chamam geralmente a êste toque—*o Aragão*—, ou *o pae dos caixeiros*... a segunda [denominação] claro é que provém de ser aquella a hora que os caixeiros acabam a tarefa da noite»—.

A orijem da primeira denominação dá-se na mesma correspondéncia por estas palavras:—«Deriva-se de ter sido um chefe de policia d'aquella cidade que estabeleceu que o sino corresse ás dez horas»—[1].

aragoês, aragonês

Hoje dizemos *aragonês,* limitando-nos a transcrever o castelhano *aragonés,* muito bem derivado de *Aragón,* naquela língua. Na portuguesa, porém, visto que o nome próprio de que se forma o adjectivo está aportuguesado, e bem, no uso comum, *Aragão,* o dito adjectivo deve ser *aragoês,* como se dizia e escrevia dantes:—«Porque como os Aragoeses que tem a mesma lingoa que os castelhanos»—[2].

A forma *aragonês* é um castelhanismo, como o são *leonês* | *leonés* | *León, castelhano* | *castellano* | *Castiella,* forma antiga, correspondente à moderna *Castilla,* «Castela», pois antigamente dizíamos *castelão.* Luís de Camões, porém, usou da forma espanholada *castelhano:*

> Deu sinal a trompeta castelhana
> Horrendo, fero, ingente e temeroso
> Ouvi-o o monte Artabro, e Guadiana [3].

O nome próprio do rio é castelhanismo também, pois a forma

---

1 O Economista, de 12 de agosto de 1885.
2 Duarte Núnez do Leão, Origem da lingoa portuguesa, cap. xxv.
3 Os Lusíadas, iv, 28.

portuguesa é *Odiana*. Cf. *Odemira, Odeceixe, Odelouca,* nas quais a palavra arábica UAD, «rio», está condensada em *odi, ode.*

Com efeito, Rui de Pina [1] e Damião de Góis, por exemplo, escreveram Odiana [2], e não *Guadiana,* que a pouco e pouco se foi difundindo, a ponto de ser hoje a única forma, pelo menos escrita, em português.

O mesmo aconteceu com *Badajoz,* que dizíamos *Badalhouce,* escrita e pronúncia mais conforme com a arábica BATALIUS. Vê-se porém que esta última designação geográfica entrou em português pelos olhos, e não pelos ouvidos, por isso que pronunciamos aí o *j* e o *z* ao nosso modo, e não ao do castelhano actual.

arcainha; arquinha

É êste mais um termo vulgar para designar a *anta* ou *arca,* e vêmo-lo assim definido em uma monografia intitulada MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ [3]: — «Os proprietarios e visinhos... deram o nome de *arcainhas* aos monumentos, e também o applicaram aos sitios em que se achavam» —.

Arcainha parece ser um deminutivo de *arca,* mas diferente de *arquinha,* que tem a significação de «maquineta» — «deu uma arquinha de prata, para estar nella um Santissimo Sacramento» — [4]. V. **anta.**

arco celeste, arco-da-velha, arco-da-chuva, arco-de-Deus, arco-íris

A primeira destas denominações é erudita, como a última, e coincidem ambas com as castelhanas, igualmente cultas. O nome

---

1 CRÓNICA DE DOM AFONSO V, cap. 138.

2 CRÓN. DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. VI. V. também G. Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL, p. 199. Lisboa, 1904.

3 *in* Portugalia, I, p. 13.

4 O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, V, p. 3.

vulgar em português é no continente *arco-da-velha,* que Fr. Heitor Pinto [1] explica haver sido dado—«porque na Lei velha disse Deus que nas nuvens poria êste arco por sinal de paz entre si e os homens»—. Assim será; mas nesse caso teria esta denominação também orijem não popular.

Os outros dois nomes, *arco-de-Deus* e *arco-da-chuva,* veem apontados pelo Dr. Hugo Schuchardt nos Estudos Crioulos [2], sendo o primeiro análogo ao explicado por Heitor Pinto, porém menos artificial, e o segundo de carácter enteiramente popular, que por si mesmo se explica. Não sei se algum dêles é também usado no reino.

areisco, arisco

Êste adjectivo, cuja orijem é o substantivo *areia* (cf. *pedrisco,* de *pedra),* é hoje quási sómente empregado em sentido translato, equivalendo a «rebelde», «arredio», «bravio».

Como já temos a locução *terra areísca, terra arisca*, rejistada no Contemporaneo, e em que o adjectivo citado tem o seu significado natural, poderíamos muito vernáculamente substantivar êste femenino, subentendendo a palavra *(pedra), areisca,* ou *arisca,* usando dêste adjectivo substantivado para designarmos o que por galicismo se diz *grés,* e que A. Gonçálvez Guimarães [3] propõe se diga, com menos propriedade, *arenito.* Os espanhóis chamam-lhe com muito acêrto *(piedra) arenisca,* como chamam ao calcáreo *(piedra) caliza,* e eu tenho nos meus apontamentos ainda outro nome, *pedra-grão.*

Assim, se continuam os geólogos e os mineralojistas a dar-lhe nome francês, não é por falta de nomes portugueses: *pedra-grão, arenito*, *arenisca, (pedra) areísca, pedra arisca,* os últimos dos quais, com serem portugueses lejítimos, coincidem per-

---

1 *apud* Bluteau, Voc. port. latin.

2 Kreolische Studien, ix, p. 129.

3 Elementos de Geologia, 2.ª ed., Coimbra 1897, p. 130, n. *q. v.*

feitamente com a denominação espanhola *arenisca,* e com a inglesa *sandstone,* ou alemã *sandstein,* que ambas significam «pedra-areia».

Poderia portanto usar-se simplesmente *areisca,* como substantivo, suprimindo-se a palavra *pedra,* como aconteceu a *cantaria,* que dantes era adjectivo, pois se dizia *pedra cantaria,* como vemos em Rui de Pina.—«E tanta ordem e diligencia se pôs nisso acêrca da pedra cantaria, e cal, e madeira»—[1].

argamassa

Qualquer que seja o étimo dêste vocábulo, que também existe em castelhano, *argamasa,* o certo é que se deve escrever com *ss,* e não com *ç,* atenta a forma espanhola, e haja, ou não, ali a palavra *massa;* ao contrário do nome que dão a um bôlo, *maçapão*, em que tal vocábulo não existe, pois em castelhano se diz *mazapán,* o que prova dever escrever-se em português com *ç* e não com *ss.*

A palavra *argamassa,* como termo de calão, quere dizer «comida», o que se encontra documentado pelo trecho seguinte:—«Lavaram-me, cortaram-me o cabello, mas a respeito de *argamassa*... pão e agua, porque era dia de jejum»—[2].

arlequim

No Suplemento ao Nôvo Diccionário inscreveu-se êste vocábulo, como de gíria, com a significação de—«restos de carne, peixe ou de qualquer iguaria, que ficam das refeições, dos criádos das casas ricas»—. Duvido da existéncia em português de semelhante palavra, que creio foi empregada numa afamada tra-

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. cxlii.

[2] O Dia, de 25 de setembro de 1902.

dução do romance de Eugénio Suë Os MISTÉRIOS DE PARIS, na qual se procurou, bem ou mal, verter todas as muitas expressões de gíria que ali se encontram, inventando-se umas, aportuguesando-se outras temeráriamente, com o fim de reproduzir, com uma afectada e imajinária exactidão, as locuções do *argot* francês. Ora, *arlequin,* nesse calão parisiense, quere dizer, pouco mais ou menos, o que os espanhóis denominam *ropa vieja,* isto é, conforme a definição de Emílio Littré: — «débris de repas, et surtout débris de viandes, ainsi dit parce que ce plat, que l'on vend pour la nourriture des animaux domestiques et que les pauvres ne dédaignent pas, est composé de morceaux assemblés au hasard» —[1]. O nome pois foi-lhe imposto por comparação com a vestimenta dos arlequins, feita de remendos de várias côres.

armada

— «É com elle [o visgo] que se apanham nas *armadas* os pintasilgos e pintarroxos... As armadas são unicamente feitas ás aves que costumam de preferencia pousar nas pontas dos ramos» —[2].

Cf. *armadilha,* e *armar aos passaros.*

armamento; armar, armado

Êste substantivo conhecido, derivado do verbo *armar,* tem, além dos seus diversos significados, mais ou menos relacionados com o étimo primordial *arma,* outro muito especial, exemplificado pela seguinte definição: — «Curioso amuleto composto de *sino-saimão,* meia lua e coração; deve ser de ferro ou aço e traz-se

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] G. Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 96.

ao pescoço para preservar de ataques epilepticos»—[1]. Quere dizer «guarnição completa».

Armado, indicando «vestido de armadura», usava-se dantes não só com relação às pessoas, mas também aos cavalos, correspondendo neste caso ao que em francês se dizia *bardé:*—«E sairam logo delles quatrocentos de cavalo em cavalos armados»—[2].

Armar no sentido do francês *monter,* que modernamente por galicismo se traduz por *montar,* significa «dispôr e ligar as peças de um qualquer maquinismo (por exemplo), de maneira que fiquem todas conjugadas e no seu lugar».

armazém

O povo diz *almazém,* e diz bem, mas já não é tempo de remediar a emenda falsa. Os nossos autores antigos escreveram sempre *almazem,* como, por exemplo, Rui de Pina;—«foi enviar-lhe [ao infante Dom Pedro] El-rei [Dom Afonso v] com muita estreiteza requerer entrega das armas do seu almazem»—[3].

Êste passo do cronista patenteia claramente a influência exercida pelo vocábulo *arma* na deturpação da palavra *almazém.*

Bluteau, conquanto já rejiste *armazém,* forma preferida pelos lecsicógrafos modernos, dá a primazia à antiga forma, que é ainda hoje a castelhana, *almacén,* do árabe AL-MAΗZAN, ou AL-MAΗZAIN [4], do qual os franceses tiraram também o seu *magazin,* com supressão do artigo AL. A palavra árabe significa «(casa de) arrecadação», e é um substantivo verbal, correspondente à nossa terminação *-ouro,* isto é, designa o lugar onde se exerce a

---

[1] PORTUGALIA, I, p. 606.

[2] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXLI.

[3] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XCIV.

[4] O *η* é transliteração da 5.ª letra do abecedário arábico, equivalente ao *j* castelhano actual.

acção expressa pelo verbo de que deriva, convém saber, ʜazana, «arrecadar».

Nem pode duvidar-se de que a forma *armazém* sofreu a influência do vocábulo *arma,* visto que, se na palavra *argola* o artigo arábico AL está representado por *ar,* é porque houve dissimilação do *l* da última sílaba: cf. o suficso *al,* como em *social,* que passa a *ar,* quando no radical há *l;* ex.: *regular,* dissimilação que já se dava em latim.

O *n* da palavra árabe, que por ser final passara em português a nasalizar a vogal que o precedia, reaparece no verbo *armazenar,* como acontece em *vintena* comparado com *vintem,* em *ajardinar* comparado com *jardim.*

A etimolojia de *almazém* foi já apontada por João de Sousa [1].

aro

Na Beira-Alta, e Alto-Minho é o nome que se dá ao cinto que circunda e aperta os queijos discoides, e que no sul se chama «cincho» [2].

arrasta, arrastador

O Nôvo Diccionário rejista o primeiro dêstes vocábulos duas vezes, a primeira no corpo da obra, com a significação de «zorra», como termo transmontano, a segunda no Suplemento, como palavra do Riba-Tejo, significando a—«corda com que se laçam os bois pelas hastes». V. **corda.**

O segundo dêstes vocábulos não vem, que eu saiba, especialmente consignado em nenhum dicionário, e não obstante isso, designa êle na ilha da Madeira o «ascensor».

É evidente que, tanto uma como a outra palavra, se derivam

---

[1] Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

[2] Revista lusitana, II, p. 33.

do verbo *arrastar,* sendo a primeira um substantivo rizotónico, do tipo *lavra* { *lavrar, espera* { *esperar,* a segunda um adjectivo verbal substantivado como *coador* { *coar, atacador* { *atacar, assentador* { *assentar*, etc.

Em castelhano o verbo correspondente tem a forma *arrastrar* { *rastro,* e nesta não se deu a dissimilação que observamos nas formas portuguesas, com relação ao seu étimo latino rastrum; *rastro* em português é desusado.

Numa acepção especial, filiada na mesma terminolojia, há em espanhol a palavra *arrastradero,* que se aplica ao sítio por onde se arrastam para fora da praça-dos-touros os animais mortos na corrida. Como é sabido, o suficso *-ero* corresponde a *-ouro* em português, e designa o lugar onde se exerce a acção expressa pelo verbo, como em *lavadero* { *lavar,* port. *lavadouro; quemadero* { *quemar,* port. *queimadouro* { *queimar; abrevadero* { *abrevar* «dar de beber», «abeberar», port. *bebedouro* { *beber.*

(de) arredio; arredar

Esta locução adverbial, formada com a preposição *de* e o adjectivo *arredio,* pronunciado, em geral, *arrèdío,* no Continente, o que dificulta a sua identificação com o latim erratiuum (Cf. *sàdío,* antigo *saadio* { sanatiuum), tem na ilha de S. Miguel a significação «de longe» [1], que parece deduzida da que apresenta o verbo *arredar,* o qual todavia se não pronuncia *arrèdár,* mas sim *arredár.*

Como em castelhano *arredar* se diz *arredrar* { *a d- retrare* { retro (?), e *arredio,* ao contrário, tem nesta língua a forma *radío,* incompatível com o mesmo étimo, é claro que *arrèdio* tem de separar-se de *arredar,* com o qual o parentesco é apenas aparente, sendo a coincidência quási absoluta de forma

[1] *V.* O Seculo, de 5 de julho de 1901.

nas duas palavras *arredar* e *arredio* puramente casual, converjéncia do efeito das leis fonéticas que operaram nos seus étimos latinos.

No verbo *redrar* | *rutrare* | rutrum (?), ou de retro (?) não se deu a dissimilação de que oferece exemplo *arredar,* com a perda do *r* do grupo *dr* | *tr,* se o étimo oferecido por Coelho [1] é certo, do que duvido.

Em resumo, *arrèdio* pode considerar-se como provávelmente derivado de erratiuum, o que é corroborado pelo castelhano *radío* (cf. *entrèvado* por *entravado*), e de todo independente de *arredar, arredrar,* que pode ser desenvolvimento de *redrar* | *reiterare,* sendo neste caso *redra* um substantivo verbal, rizotónico.

arredores

Esta palavra tem no Algarve (Lagos pelo menos) uma acepção especial, que julgo não estar consignada nos nossos dicionários, mas que vemos perfeitamente definida no seguinte trecho: — «A meia altura d'ellas [mós] ha uma travessa d'uns quatro dedos de largo, a rodeal-as, excepto no sitio em que cahe a farinha; chamam-lhe os *arredores*» — [2].

arrelicas, arrelíquias

A segunda destas duas formas populares, a par da culta *relíquia(s),* e que parece devida a se haver soldado a esta o artigo *a* (cf. *arraia),* é assim aduzida por J. Leite de Vasconcelos: — «Na moderna tradição portuguesa não conheço amuleto algum

---

[1] Dicc. Man. Etym. da lingua portugueza.

[2] J. Núnez, Costumes algarvios: Os moinhos, in Portugalia, I, p. 386.

craniano; apenas tem voga as *arrequias* dos ossos de santos, trazidas em *saquinhos* ao pescoço» —[1].

A primeira, redução do esdrúxulo a vocábulo parocsítono (cf. *povo,* ant. *pôvoo* { populum, *bravo* { barbarum) está definida, em sentido mais especial, no seguinte passo: — «As ARRELICAS. Um pequeno objecto de prata, em que estão promiscuamente representadas a meia-lua, a figa, o signo-sámão, o coração, a chave, a argola, tudo encimado pela effigie de Nossa Senhora» —[2].

A escrita ultra-etimolójica *signo-sámão* não deve iludir qualquer pessoa que conheça a denominação dos dois triángulos combinados, o *pentágono,* a qual se pronuncia *sino-sà(i)mão,* e que procede do latim signum Salomonis, o que é sabido. Como ninguém escreve *sino, sineta, sineiro,* com *g* nulo, por isso chamo àquela escrita ultra-etimolójica.

A palavra *arrelíquias, arrelicas* é semi-erudita, visto que se manteve nela o *q* latino: cf. *aguia* { aquila.

arrenega, greve, grevista

O vocábulo francês *grève* tomou já foros de cidade em Portugal, o que não é de estranhar, pois o costume, bom ou mau, conforme o conceito ou o interêsse de cada um, e cuja crítica não seria apropriada nesta simples resenha de palavras e locuções, o costume, digo, veio de fora, e por emquanto ainda se não enraizou cá. Esta forma de protesto colectivo e solidário, a que os franceses chamaram *grève,* do nome de uma praça, a de *Grève,* onde se reuniam os ganhões que vinham ajustar-se para trabalhar, denomina-se *huelga,* «folga» e *pare,* «parajem», em Espanha, e cá poderia chamar-se (*as*)*sueto* [3]. A palavra *greve,* porém, está

---

[1] PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 36.

[2] Portugalia, I, p. 619.

[3] — «Na quarta-feira [depois da Páscoa] que alguns lentes consideravam dia de sueto ou *assueto,* como então se dizia» —. António de Campos, LUIS DE CAMÕES, *in* «O Seculo» de 10 de julho de 1900.

em perfeita concordáncia formal com outras, como *neve, breve, leve,* e não há pois motivo, para a rejeitar. Sucedeu-lhe como a outro vocábulo também francês, *morgue,* que, pela sua forma simples e fácil de proferir e de conservar na memória, nunca popularmente será substituída pelo longuíssimo *necrotério*, apesar de que a existéncia de *cemitério* poderia favorecer a adopção.

Outro vocábulo castelhano para designar *sueto,* ou *folga,* mas que não vem rejistado no Dicionário da Academia Espanhola, é *buena,* abonado pelo trecho seguinte, ainda que português:— «Era o que faltava, perderem-se as horas de buena a compôr a tarimba»—[1].

Tudo isto vem, ou não, a propósito de um sentido particularíssimo, um tanto calão, em que vimos empregado o substantivo verbal *arrenega* | *arrenegar,* correspondente popular, mas também clássico do verbo *renegar,* usado, por exemplo, na obra do Padre Antonio Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO [2].

Êsse sentido particular induz-se do seguinte trecho:—«E outros dias anda a gente na *arrenega,* e não trabalha»—[3].

Está aqui o vocábulo, na acepção de «folga» ou «folgança».

É sabido que *arrenegar-se* tem na linguajem familiar o siguificado de «zangar-se», e que uma *pessoa arrenegada,* é aquela que fácilmente se irrita, que mostra mau modo, a quem os franceses chamam *bourru,* e os ingleses *cantankerous.*

arribas

Conquanto muito usado êste vocábulo, no plural [cf. *riba* e *(ar)raia*], no sentido de «fragas à beira-mar», correspondente per-

---

[1] ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO, *in* Portugalia, I, p. 542.
[2] Lisboa, 1894, p. 64.
[3] O DIA, de 30 de março de 1903.

feito do francês *falaises,* não o vi ainda rejistado, em tal acepção restrita, em nenhum dicionário português.

Usei dêste termo, para traduzir *falaises,* nas notas á SELECTA DE AUTORES FRANCESES [1], a p. 148.

arrilhada

Nos meus apontamentos, mas sem abonação, tenho êste vocábulo, como usado em Montemor-o-Novo, com a significação de «bico de ferro da aguilhada».

Não está consignado nos dicionários portugueses, que eu saiba, nem tampouco em outra acepção, usada, como me informa o editor dêste trabalho, desde Cezimbra até a Nazaré. É uma espécie de raspador composto de ferro triangular, de um palmo de comprimento, cuja base é o gume, e em cujo vértice se insere um cabo de madeira: serve para arrancar da rocha a *serrada,* ou minhoca de água salgada. Serve para isco a serrada.

arrió, arriós, arrioz, arriol

A terceira destas formas é definida no NÔVO DICCIONÁRIO como significando—«pedrinha redonda com que se joga o alguergue; pelouro de arcabuz».—No Suplemento ao mesmo copioso dicionário diz-se ser—«jôgo de rapazes com a pedra do mesmo nome»—, equivalendo portanto ao citado *alguergue.*

Como o mesmo dicionário dá também a forma *arriol* trasmontana, segue-se que temos aqui um caso como o de *eirós* | *eiró* | *areola,* e conseguintemente a escrita *arrioz* deve ser ortografia errónea. Cándido de Figueiredo atribui ali ao vocábulo um

---

[1] Lisboa, 1897.

étimo arábico muito problemático; mas o outro, *alguergue,* é sem dúvida de tal proveniéncia.

¿Qual é porém a orijem de *arrió, arriós,* ou *arriol,* e qual o seu primitivo significado, pois vemos que tem três: «pedra redonda», «pelouro (de pedra) para arcabuz», e um «jôgo em que figura uma pedra como elemento»?

Vê-se perfeitamente que o desenvolvimento de significação da primitiva «pedra esférica» poderia ter-se dado, por uma parte aplicando o vocábulo a qualquer pedra redonda, ou arredondada, por outra denominando o jôgo pelo instrumento dêle, como dizemos *a malha,* pelo *jôgo da malha.*

Para a investigação do seu étimo não é porém indiferente a ordem por que se desenvolveu a significação primordial desta palavra.

Como, para justificar a acepção de «pedra», não há nem em latim, nem em árabe, nem em qualquer língua germánica vocábulo que possa apresentar-se como orijem dêste, que parece ser antigo na língua, é-nos lícito procurá-lo em outro idioma, do qual o português haja recebido palavras, ainda que raras, e com que estivesse em possível contacto.

Não resisto à tentação de, como simples hipótese, o considerar um dos poucos vocábulos vasconços que passaram a Portugal, assim como na realidade passou *esquerdo,* formas antigas, *ezquerdo, escequerdo,* castelhana *ízquierdo,* em vasconço *ezquer* | *escu,* «mão» e *oquer,* «torto, canho»; palavra que tanto em português como em castelhano substituíu as antigas diçóes *se(e)stro, siniestro* | sinistrum, a primeira das quais ainda perdura em port. como substantivo, com a significacão de «balda», «hábitos ruins» e a segunda em espanhol, com a de «desastre». Outra palavra de orijem vasconça parece ser *gualdir* | *galdu,* «perder(se)».

Neste idioma pirenaico *pedra* diz-se *arri,* que vemos no apelido *Arriaga,* procedente de Espanha, e que lá é também o nome de um lugar na província de *Alava* (ou *Álava,* como acentuam os castelhanos, ao contrário da acentuação orijinal), e de lugarejos nos subúrbios de Vergara, Vitória, Guernica, tudo nas

Vascongadas, onde também se encontra o radical *arri* em *Arriola,* nome de povoação naquela e na de Guipúzcoa [1].

O suficso *-aga* de *Arriaga* tem valor colectivo, equivalendo o derivado a «pedreira, ou pedraria, pedregal» (V. em **azinhaga**).

Se, porém, partirmos da hipótese que a acepção primitiva haja sido «espécie de jôgo», neste caso ser-nos há inútil ir procurar o étimo a idioma tam exótico, pois o temos muito à mão na fonte principal do nosso vocabulário. Em castelhano o jôgo a que nos referimos denomina-se *rayuela,* forma deminutiva de *raya* «risca», do latim radia, plural de radium (cf. *pimienta* { pigmenta, pl. de pigmentum), e êste nome procede do traço ou risco feito no chão pelos jogadores, e que serve de meta para a projecção da pedra, arremessada com uma pancada de um pé, emquanto o outro está no ar. Ora, à forma *rayuela,* corresponde em português *raiola,* ou *rayoula* (cf. *lentejoula* com *lentejuela, tejolo* com *tejuelo),* e do primeiro, *raiola,* com a adjunção do artigo *a* (cf. *arraia* { *raia),* resultaria a forma *arraiola,* da qual proviria *arraió* (cf. *abuela* com *avó),* e pela condensação do ditongo (cf. *rial, arraial) arrió,* cujo plural *arriós,* seria ao depois tomado como singular: [cf. *eiró(s),* e a forma popular *poses,* por *pôs*], *ilhó(s), ilhós(es), (q. v.).*

Como, porém, a palavra é masculina, o processo de derivação pode ainda, com menor probabilidade, ter sido o seguinte: *radiolum* { *raiolo,* { *raiol,* { *riol* { *rió,* menos plausível visto que por êle se não poderia explicar nem o *a* inicial, nem o *ó*-aberto (cf. *avô* { *auolum, Paçô* { PALATIOLUM, *Mosteirô* { *monasteriolum,* com *Grijó* { *ecclesiola).*

Em qualquer caso a forma *arrioz,* com *z,* é injustificável.

---

1 «Geografía General de España», DICCIONARIO DE TODOS LOS PUEBLOS DE ESPAÑA, Madrid, 1862, p. 26, col. I.

arrunhar, arruinhar, arrunhar

É forma converjente de dois vocábulos enteiramente distintos.

1.º *arrunhar* | *arruinar*.

2.º *arrunhar*, correspondente ao proençal *redonhar*, francês *rogner*, de *ad-rotundeare*, verbo derivado de rotundum, «redondo».

Veja-se REVISTA LUSITANA, II, p. 82, onde José Leite de Vasconcelos, em nota, deixou o caso perfeitamente averiguado, acrescentando mais a forma minhota *arruìnhar*, tetrassílabo, para explicar *arrunhar*=«*arruinhar*», e para a qual deve ter havido outra forma ainda, intermédia, *arrũar*.

artemajes

Esta palavra, popular no Alto-Alentejo, vem assim definida no belo estudo de J. da Silva Picão, intitulado ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO [1]:—«São para a rapaziada fazer artemages, nome que em calão local significa exercicios gymnasticos e acrobaticos»—.

(altesa) artesa, artesão

No estudo de J. da Silva Picão, já por vezes citado aqui, e que se intitula ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO [2], vem êste vocábulo:—«*altesas* de madeira e alguidares de barro para os amassilhos»—.

É corrutela de *artesa*, que vemos rejistado no CONTEMPORANEO, e no NÔVO DICCIONÁRIO, mal escrito com *z* em vez de *s*.

[1] *in* Portugalia, I, p. 542.

[2] *in* Portugalia, I, p. 539.

Em castelhano, como em português, *artesa,* ainda que actualmente com pronunciação diversa dada ao *s,* quere dizer: caixote de quatro faces iguais, que vai estreitando para o fundo, e serve para amassadouro do pão.

O étimo é desconhecido, pois o grego *ártos* que se lhe atribui não oferece confiança alguma. De *artesa* vem *artesão,* como termo de arquitectura, o qual também se deve escrever com *s,* como em castelhano *artesón.*

arujo

Em Trás-os-Montes é o mesmo que «argueiro».
Em castelhano *orujo* é o «bagaço da uva».

arvoar

Êste verbo quere dizer, conforme os dicionários «entontecer». D. Carolina Michaëlis já lhe deu a orijem; é o latim *herbulare,* «envenenar» [1] com hervas». Cf. *hervar,* no mesmo sentido, por exemplo em *frechas hervadas.*

asada, asado

A forma masculina dêste adjectivo substantivado, como nome de um vaso com asas, já está consignada no Nôvo Diccionário, e é muito freqüente no norte do reino. A forma femenina parece ser usual no Alentejo, visto que a encontramos empregada por J. da Silva Picão, na Ethnographia do Alto-Alentejo [1]: — «azadas para a coagulação do leite, para a coalhada, como vulgarmente se diz» — [2].

---

[1] Revista Lusitana, I, p. 298.
[2] *in* Portugalia, I, p. 540.

Há aqui mais a rejistar a abonação do termo *coalhada*.

Parece que nem *asada*, nem *asado* são usados no centro do reino, ou pelo menos em Lisboa.

O Dicionário da Academia define *asado* como «panela com asas».

É sabido que *asa* é o ansa latino e que, além do significado dêste, compendia também o de ala, que depois de ter passado a *aa* desapareceu enteiramente do uso, visto que o latinismo *ala* tem sentido muito restrito. Exemplo de *aa* ainda o encontramos no Roteiro da Viagem de Vasco da Gama [1]:—«non tem penas nas aas»—.

ascoitar

Esta forma popular minhota, correspondente à do sul *escutar*, forma antiga *escuitar*, e como esta derivada do latim auscultare, é quasi igual à galega *escoitar*, que vemos empregada nestes hiperbólicos, mas formosos versos, consagrados por Alberto Garcia Ferreiro [2] à Corunha, ao avistar esta cidade:

Chorei, qu'eu non sabería,
—¡ e San Pedro non m'escoite!,—
d'escoller, qu'escollería,
¡s'entrar n-a Cruña de noite
ou entrar n-o ceo de día!

Êste elojio à formosa cidade galega em nada é inferior ao consagrado à risonha Granada:

Hizo Dios á la Alhambra y á Granada,
Por si le cansa un día su morada.

---

1 Lisboa, 1861, p. 14.

2 Follas de papel, Madrid, 1892.

aselha

Conquanto êste vocábulo não seja tam evidentemente um deminutivo de *asa* como parece e os lecsicógrafos modernos o afirmam, tem o significado de «asa pequena de vasilha» no trecho seguinte [1]:—«Manufacturados os primeiros vasos sob a inspiração floral ou dos fructos, apodes, sem aselhas e cabos»—.

A acepção usual é «laçada», o que em inglês se diz *loop,* e substitui a *casa,* para se abotoar um vestido, entrando nela o botão. J. Cornu deriva-o de ansicula.

asneiro, asneira

Como adjectivo quere dizer o que procede de *asno,* «burro». O Nôvo Diccionário define assim:—«diz-se da bêsta que procede de burro e égua, ou de cavallo e burra»—. Não é exacta a definição; a verdadeira contém-se na seguinte citação:—«Bastaria a creação de algumas caudelarias, onde se ensaiasse a creação de muares asneiras (filhas de cavallo e burra), muito mais resistentes a *horse-sickness* do que as [muares] eguariças (filhas de burro e egoa)»—[2].

Vê-se: 1.° que as bêstas são muares; 2.° que há diferença, determinada pela mãe, que é quem dá o nome: se é jumenta, a muar é *asneira,* se é égua, *eguariça.*

Já Bluteau mostrava bem que havia distinção, ao citar Galvão, Tratado da Gineta:—«As bestas muares egoariças e *asneiras*»—[3].

assedajem

Êste vocábulo, ainda não incluído nos dicionários, é assim definido por Belchior da Cruz no seu interessante estudo intitu-

---

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 229.

[2] Jornal das Colonias, de 15 de julho de 1905.

[3] Vocabulario portuguez latino, *sub v.* asneiro.

lado «Industria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de substancias textis no districto de Vianna do Castello» [1], e onde tantos curiosos termos se encontram: — «A assedagem é uma operação que tem por fim endireitar e apurar os filamentos (do linho), continuando a separar d'elles quaesquer substancias estranhas, como as *arestas*. Faz-se com *cardas* ou *pentes*. As cardas do linho teem o nome especial de *sedeiros*» —.

É provávelmente formado pelo autor, derivando-o naturalmente de *assedar,* já definido em vários dicionários. *Assedamento* seria talvez preferível, se *assedajem* se não divulgou ainda.

assobio; assobiar, sobiote

É sabido que êste verbo procede do latim ad-sibilare, e que a pronúncia predominante antes era *assoviar,* com *v* e não *b*. O *o* pelo *i* latino foi produzido pela influência da labial.

O substantivo *assobio,* ou *assovio,* ora designa o acto de «assobiar», ora o instrumento com o qual se produz o «assobio» soprando, e a que também se chama *apito,* em castelhano *pito,* de orijem desconhecida.

Sobiote, é um deminutivo do tipo *caixote, franganote, velhote,* e em Trás-os-Montes é nome de um apito de metal, ou de madeira [2].

Assobio d'água, é uma espécie de ocarina, de barro, com a qual se imita o canto do cuco [3].

assorear, assoreamento

Êste verbo e o substantivo dêle derivado são muito usados modernamente, ora escritos, com *ss,* como considero ser a verda-

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 371.
[2] Trindade Coelho, ABC DO POVO, p. 5.
[3] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 258.

deira ortografia, e mesmo a mais comum, ora com *ç, açorear,* que tenho por errónea, pois é impossível que tais vocábulos provenham de *açor,* ou de *Açôres.* O étimo, não provado, mas provável, será *a-sorear,* sendo *sorear* uma contracção de *so-arear,* pois à preposição e ao preficso latino sub correspondia no português antigo *sô*, e não *sob,* que é de introdução moderna, talvez feita por Alexandre Herculano.

Eis aqui dois exemplos, que abonam o verbo e o nome:— «O mar não cessa de lamber a areia que forma a praia de Espinho. Nas chamadas Pedras do Brito deixou a descoberto cachopos, que desde tempos immemoraveis se achavam assoreados»—[1].

—«No anno de 1895, em poucos mezes os assoriamentos tomaram tal incremento...»—[2].

No primeiro dêstes trechos, vê-se bem a significação e a proveniência presumível da palavra.

A hipótese de que em *assorear* haja como principal elemento a palavra *areia* é corroborada pelo facto de também se empregar a expressão «o rio está areado»; cf. o francês *ensabler.*

(a)tabefe

É um vocábulo de orijem arábica, que em português ora se diz com o artigo arábico, ora sem êle (cf. *zarcão* e *azarcão);* designa, como é sabido, um preparado de leite, que o Diccionario Contemporaneo descreve dêste modo:—«massa formada por manteiga e caseina, levantada, pela addição de uma certa dóse de coalheira, do soro do leite que ficou depois de separado o coalho»—.

Na Revista Portugalia [3] está abonado o termo como usado

---

[1] O Economista de 5 de janeiro de 1890.

[2] Portugalia, I, p. 609.

[3] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, a p. 540, vol. I.

no Alentejo: — «tacho grande de cobre para o almeice (soro) ir ao lume e produzir o atabefe» —.

A palavra *almeice,* ou, segundo a forma mais usual, *almece,* é também arábica, AL-MAIS, «soro de leite», à qual a forma alentejana é mais fiel.

atazanar, *atenazar*

Êste verbo costuma ser corrijido nos dicionários em *atenazar,* como derivado de *tenaz.*

O NÔVO DICCIONÁRIO, no Suplemento, consigna a forma *atazanar* como a verdadeira, e na realidade é ela a única empregada pelo povo. Parece ser o árabe LA TAZANA(I), correspondente ao ne mechaboeris do sexto mandamento do decálogo na Vulgata.

Não é pois metátese de *atenazar,* a qual seria pouco presumível, visto a palavra *tenaz* ser do domínio popular, com esta forma, ou com as de *tanaz, atanaz,* no singular, ou no plural *tenazes,* como substantivo, nome de um conhecido instrumento, que no uso actual melhor corresponde ao francês *pinces,* visto que *tenailles* nesta língua quere dizer *torquês.* Todavia, como ferramenta em diversos ofícios, continua *tenaz* a ter os significados antigos, que vemos em Bluteau [1].

No periódico do Pôrto, intitulado A REVISTA, de 15 de abril de 1905 (ano II, n.º 10), publicou a insigne romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos um interessantíssimo artigo acêrca da famosa lejenda, em caracteres góticos minúsculos, das Capelas Imperfeitas do mosteiro da Batalha, infinitamente repetida com diversas variantes gráficas, e que tem espertado a curiosidade e aguçado a sagacidade de tantas pessoas. Nesse erudito estudo conclui a notável escritora pela interpretação *tãꝫas serey = tenaz serei,* interpretação que satisfaz completamente ao sentido, mas deixa no espírito ainda uns vizlumbres de dúvida, pois a ser

---

[1] VOCABULARIO PORT. LATINO.

aceita, temos de considerar o *s* (!) final de *tenaz* incluído no *s* inicial de *serey,* visto que não é possível encontrar na lejenda mais que um *s;* além disto, temos de admitir que um mesmo símbolo se há de interpretar no primeiro vocábulo como a figuração emblemática de uma *tenaz,* e no segundo por *y,* sendo êles sempre tam semelhantes entre si. Na realidade, a hipótese é muito engenhosa e muito bem estabelecida; está ainda lonje, porém, de demonstrada a exactidão dessa leitura. O conceito total do emblema e da letra seriam portanto correspondentes à conhecida divisa italiana *chi dura vince.*

Crawford, no curioso e ameno livro que, com o título TRAVELS IN PORTUGAL e o pseudónimo Latouche, publicou em tempo, considerava a famosa lejenda como anagramática, e encontrava nela uma frase elíptica latina, *arte lineis,* devendo ler-se, portanto, para êsse efeito a segunda letra como sendo *l,* e não *a* como a quinta.

No número da citada REVISTA, correspondente a 15 de julho de 1905 voltou a questão da lejenda a ser tratada. Brito Rebêlo, em data de 15 de maio do mesmo ano expôs os resultados da sua investigação, a qual, é fôrça confessar, deixou bem clara a significação dêste enigma.

Para o erudito investigador a lejenda não é grega, nem latina nem portuguesa: é francesa, como as de todos os ínclitos infantes, e nesta língua cortesã representa a divisa de El-Rei Dom Duarte, fundador das Capelas Imperfeitas, pois mandou dar comêço às obras delas em sua vida, comêço que teve execução. A lejenda, que principalmente adorna o arco da entrada, enlaçada nos ramos de hera que são o motivo predominante da sua ornamentação, mas que também se vê em outras partes do mosteiro, é na sua opinião, difícil de refutar, o mote *tan que seray,* «emquanto viver», segundo membro de outro em cuja interpretação Brito Rebêlo não foi a meu ver tam feliz, e que não mencionarei aqui. A êste resultado não chegou Rebêlo por exame especial e detido das muitíssimas repetições da célebre lejenda, mas sim em virtude da leitura de um documento, arquivado na Tôrre do Tombo, e publicado após o dito estudo, o qual consiste

em uma quitação passada por Estêvão Vás, com autorização do infante Dom Pedro, a João Vasques Bombarral, que exerceu o ofício de copeiro da Casa Real, e tinha confiada à sua guarda valiosa baixela, cuja descrição consta do mesmo documento. Como nas várias peças da dita baixela, além dos ornatos e lavores minuciosamente descritos, estava gravada a divisa francesa de Dom Duarte *tam que seray, tan que serey,* com diversas ortografias, compara Rebêlo essa divisa com a lejenda, e conclui serem identicos os dois letreiros.

Conquanto pareça completamente explicada com esta aprossimação a lejenda da Batalha, em um aviso citado no indicado número da REVISTA prometeu-se que o conhecido crítico de arte Joaquim de Vasconcelos responderia ao artigo de que fiz aqui extensa e bem merecida menção.

atuado

J. Leite de Vasconcelos, no vol. II da REVISTA LUSITANA páj. 43, dá êste vocábulo alentejano como derivado de attenuatum | attenuare | tenuis. É provável que a forma antiga fosse *atũado.*

augueiro, agùeiro

A forma correcta é sem dúvida a segunda, mas a primeira, com retrocessão do *u* de *gu* para a primeira sílaba, formando ditongo com *a,* é a local popular:—«Accessoriamente os oleiros das duas regiões [Trás-os-Montes, e Minho] dispõem ainda d'um *augueiro,* pote já inutilisado, com a agua de que carecem frequentemente no trabalho»—[1].

---

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 76.

avelar; avela

Palavra que muitos dicionários dão como verbo, significando *engelhar,* e nenhum como substantivo comum, pois como próprio é bem conhecido o apelido, que deriva de *Avelar,* nome de uma vila, de três lugares, de um casal e de uma quinta [1]. Ora *avelar,* como substantivo comum, significa, à imitação do *avellanar* castelhano, que também é denominação de um casal, um sítio plantado de *aveleiras,* e daí provieram os nomes de povoações ou sítios referidos.

O verbo *avelar* deriva igualmente de *avelã (avelanar),* cf. *acerejar* | *cereja,* e é parelho do verbo *avellanar* castelhano, que também quere dizer «engelhar, secar, como a avelã». Por outra parte, *avelã* português, *avellana* castelhano são o latim a u e l l a n a, ou a b e l l a n a, adjectivo derivado do nome da cidade de Abella, ou Avella, e já os romanos chamavam ao fruto da aveleira n u x a v e l l a n a, por o receberem daquela cidade da Campánia.

O verbo *avelar,* querendo dizer «melar», vêmo-lo empregado neste trecho:—«As uvas, como a chuva chegou ás raízes das cêpas, avellaram e... apodrecem»—[2].

Está, pois, aqui num sentido absolutamente oposto àquele em que geralmente se emprega, isto é, «encolher por falta de umidade».

Neste último significado usam na ilha de Sam Miguel o verbo *azougar,* aplicando-o à fruta que começa a apodrecer [3].

O Nôvo Diccionário inclui o vocábulo *avela* como usado na Índia, com o significado de «arroz torrado». Nada tem, contudo,

---

[1] João Maria Baptista, Chorographia Moderna do reino de Portugal, vol. vi, Lisboa, 1878.

[2] O Seculo, de 25 de setembro de 1901.

[3] *V.* O Seculo, de 5 de julho de 1901.

êste termo com o verbo *avelar,* pois é palavra malabar, como se declara na Revista Lusitana, vi, páj. 77 [1].

aventar

Além das várias acepções, quer naturais, quer figuradas, já rejistadas nos dicionários, cumpre acrescentar a de «botar fora», usada no Alentejo (Vila-Viçosa).

avergoar

No Nôvo Diccionario vem incluído êste verbo, muito expressivo, derivado de *vergão,* que o Contemporaneo define nos termos seguintes:—«verga grossa // Marca ou vinco resultante de uma pancada forte e sobretudo da que é dada com vara ou azorrague»—. A orijem do vocábulo é evidentemente *vêrga,* do lat. virga. Modernamente, encontramos o verbo *avergoar,* na tradução de um conto não sei de que autor, nem em que língua escrito, e que em folhetim foi publicado no excelente periódico semanal portuense Gazeta das Aldeias; intitula-se «Os horrores da Sibéria». O trecho é assim:—«[os cavalos] arremeçaram-se numa corrida furibunda, soltando de quando em quando roucos relinchos, arrancados pêlo chicote que lhes avergoava as poderosas ancas»—.

Neste sentido ouvi eu empregar outro verbo muito pitoresco, já colijido no Nôvo Dicc., *cardear.* Ouvi esta expressão, há vinte e tantos anos, a um cocheiro de dilijéncia, indo de jornada de Alcobaça para a Nazaré. Reparando eu nuns vincos que os cavalos (*burros* lhe chamava êle) tinham no pêlo, preguntei-lhe o que aquilo era; ao que me respondeu: «estão cardeados do açoute».

---

[1] Dialecto indo-português de Goa, por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado.

Aqui o verbo *cardear* tem exactamente o mesmo sentido que *avergoar,* isto é, «vincar», e a primeira acepção deve ter sido «fazer nódoa negra», visto que o adjectivo *cárdeo* significa «arroixado, denegrido», correspondendo ao castelhano *cárdeno,* como o vemos empregado por Espronceda no DIABLO MUNDO [1].

É de notar também que a palavra *roixo,* que antes significava «encarnado», hoje é pelo povo muito bem aplicada à côr que os franceses chamam *violet,* e que por cá se teima em arremedar com *violeta,* sem se atender a que a forma popular para o nome da flor é *viola,* e não *violeta.*

Sentido análogo e opposição semelhante à expressada por Espronceda nos versos do Canto a Teresa, no DIABLO MUNDO, e que acima citei, vêmo-lo entre a palavra *roixo* e a locução *côr de rosa,* nos seguintes do canto IV do Dom Jaime, de Tomás Ribeiro:

> Que ás tuas faces mimosas
> Combanidas do martírio
> Cobriram frescura e rosas
> As roixas tintas do lírio!

Com o significado de *vergão,* existe o substantivo *cardeal.*

O adjectivo *roixo,* como designando côr mais escura que a encarnada, é muito usado em português, por ex.: *roixo-lírio, roixo-rei, roixo-terra, roixo-túnica,* etc.

Referi-me á tradução de um conto, e aproveitarei o ensejo para algumas observações a êste respeito. Disse que essa tradução é esmerada, direi igualmente que nem sempre é feliz; assim no trecho que citei, *furibunda* seria com vantajem substituída por *furiosa, louca, desordenada,* como *ancas possantes* é preferível a *poderosas ancas.* Acrescentarei ainda: O sistema de acentua-

---

[1] Cuando ya su color tus labios rojos
En cárdenos matices cambiaban;

Quando já dos teus lábios o rubor
Em roixa e negra côr se transmudava;

ção adoptado na GAZETA DAS ALDEIAS é o de Cándido de Figueiredo, convém saber: todos os esdrúxulos, todos os agudos terminados em vogal e os vocábulos enteiros terminados em consoante acentuam-se gráficamente; além disto *e* e *o* fechados são sempre marcados com o circunflecso, para se diferençarem de *e* e *o* abertos. Pôsto isto, parece que alguns dos vocábulos russos entremeados na descrição deveriam ser marcados nesta conformidade, mas não o são: *izbá,* e não *ísba,* é a cabana dos camponeses russos, *dugá,* e não *dúga,* é em russo «arco», e aplica-se àquelle em que, por cima da cabeça do cavalo, se dependura uma campainha. Semelhantemente, *Fedor* como está escrito parece cousa muito feia; isto nem é russo, nem português: em russo diz-se *Fiódor*, e em português *Teodoro*. Na mesma narração chama-se ao cocheiro *jemskik,* vocábulo que não existe em russo; cocheiro diz-se *iamaxchik,* que se pronuncia *ièmestchíque;* e assim várias outras palavras.

Não se cuide, porém, que isto envolva grande censura; ao contrário: são pequenos desprimores numa versão que é por vezes primorosa, e sempre feita com o maior escrúpulo, e vasto conhecimento das riquezas do nosso idioma, bem como aproveitamento discreto e abundante das suas rigorosas propriedades de expressão; se assim não fosse, nem mereceria a pena fazer menção aqui da versão a que me refiro.

azeite, azeitona, azeitoneira

Estas palavras, evidentemente relacionadas, figuram entre as línguas románicas únicamente nas duas da Península Hispánica, a castelhana, e a galega-portuguesa. São arábicas, significando a primeira, AL-ZAIT, o mesmo que em português, e a segunda, AL-ZAITUNE, tanto o fruto, *azeitona,* em castelhano *aceituna,* como a árvore, que por singularidade tem, no português *oliveira,* no castelhano *olivo,* orijem latina, oliva, que quere dizer o fruto. Não sei se jamais àquela se chamou *azeitoneira,* em castelhano *aceituno,* como seria de esperar.

Outro emprêgo da palavra *azeitona* é ser nome de uma árvore da África portuguesa, boa para construções, de porte elevado, que chega ás vezes a 25 e a 30 metros de altura [1].

Com relação aos vocábulos *azeite* e *azeitona* diz Alberto Sampaio, na sua erudita e curiosa monografia, intitulada As villas do Norte de Portugal [2] o seguinte: — «admittindo-se que *azeite,* sendo um termo especial, não só tornou oleo *(oleum)* uma palavra generica, mas ajudou tambem a sustentar *azeitona*» —.

Ao nome da vila de *Azeitão,* dá João de Sousa a mesma orijem.

Azeite em português tem emprêgo mais restrito do que em castelhano, pois apenas se aplica ao *de oliveira,* ao de *purgueira* e ao de *peixe,* entanto que em castelhano, não só se diz *aceite de hígados de bacalao,* «óleo de fígado de bacalhau», mas também se aplica a muitos outros óleos.

Um adjectivo derivado de *azeitona, azeitonado,* serve para qualificar certos peros-camoeses muito lustrosos, que teem na casca uma mancha, maior ou menor, mais escura, que na realidade parece de óleo, e com esta acepção particularíssima não está êste adjectivo rejistado nos dicionários portugueses.

O derivado *azeitoneira, azeitoneiro,* prato para azeitonas, já foi inscrito em vários dicionários.

De orijem arábica do mesmo modo parece ser a palavra que designa a oliveira brava *zambujo* ou *zambujeiro,* em português, zanbug, *acebuche* em castelhano, onde tem a mais o artigo al, que também vemos no nome de vila de *Azambuja,* ao passo que em *zambujal, azambujal* se lhe acrescentou o suficso colectivo *-al,* como em *laranjal, pinhal,* etc. Dozy [3] põe em dúvida que zanbug, ou al-zanbuge, *azzembuja,* que vem em Pedro de Al-

---

[1] *V.* O Economista, de 5 de agosto de 1885.

[2] *in* Portugalia, I, p. 319.

[3] Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1866.

calá, seja vocábulo arábico, opinando ser antes berbere arabizado, o que Eguílaz y Yanguas [1] refuta, atribuindo-lhe, ao contrário, como étimo o latim acerbus, o que é enteiramente infundado. É sabido que êste arabista, de grande competência no seu campo de investigação, a nenhuma autoridade tem jus como romanista, e assim o demonstrou todas as vezes que a etimolojias latinas se referiu.

João de Sousa [2] deu a *zambujo* como étimo o arábico já citado, e o Dicionário da Academia fêz o mesmo.

azevinho

No Tramagal esta palavra designa uma casta de uva muito meúda, que nunca chega a amadurecer.

Na língua comum é o nome de um arbusto, e como tal está incluído em todos os dicionários. É uma forma deminutiva, ou talvez antes adjectival, correspondente a *azevo,* de que derivou o nome de lugar *Azevedo,* e dêste o apelido conhecido.

F. Adolfo Coelho, Júlio Cornu e outros dão como étimo de *azevo,* em castelhano *acebo,* o latim aquifolium, como *trevo* de trifolium. É força porém confessar que, se pelo que respeita á terminação *-evo* já é difícil de explicar satisfatóriamente a transformação de folium, é a bem dizer insuperável a dificuldade que apresenta o primeiro componente aqui-, para dêle provir *ace-, aze-,* e *acebo, azevo:*

Para vir de lá até cá
Mudou muito no caminho [3].

---

[1] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[2] Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

[3] Alfana vient *d'equus* sans doute,
Mais il faut avouer aussi,
Qu'en venant de là jusqu'ici,
Il a bien changé sur la route.

azinhaga

Os nossos etimólogos dão como orijem dêste vocábulo um nome árabe, que foi primeiro proposto por João de Sousa [1] escrevendo porém *Azenhaga,* sem por isso todavia pretender que tenha alguma cousa que ver com *azenha (q. v.).* Diz ser a palavra portuguesa corrutela de uma forma arábica AL-ZANQE, que transcreve *Azzancha,* e relaciona com uma raiz verbal ZANAQA, «apertar, estreitar». Os mais dicionários, a começar no da Academia, limitaram-se a copiar o étimo, com *ch* e tudo, sem darem mais razões do seu dito, nem da mudança de símbolo na transcrição.

Ora, em português existe um nome de árvore muito conhecido, *azinho,* em castelhano *encina,* que tem por orijem um adjectivo *ilicinum,* derivado de ilex, em latim com a mesma significação. Júlio Cornu dá êsse adjectivo como étimo do português *azinha,* e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2] perfilha esta opinião, que me parece irrefutável. Na forma castelhana o *n* está pelo *l* da dição latina.

Temos pois em português as formas *azinha,* para o fruto e para a árvore, *azinho, azinheira,* esta última derivada com o suficso *-eira,* muito usual para designar árvores, arbustos, etc., como em *castanheiro,* a par de *castanho, castanha, pinheiro,* de *pinho, pinha,* etc. É sabido que em castelhano se designa em geral pela terminação *-o* a árvore, e pela terminação *-a* o fruto, por ex.: *naranjo* e *naranja, manzano* e *manzana.*

Resta averiguar se *azinhaga* poderá ser um derivado de *azinha,* ou *azinho,* que primeiro designasse um caminho por entre *azinhos,* e ao depois tomasse o sentido menos especial de «caminho estreito entre árvores», e mais genérico ainda, de «caminho estreito», como aconteceu com *alameda,* que primeiro

---

[1] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 135.

significou «rua de álamos», depois «rua de árvores», e por fim «uma rua», «um caminho», o fr. *allée.*

¿Mas como se há de explicar o suficso *-aga?* Não existe êle em mais nenhum vocábulo português derivado, pois mesmo em *veniaga (q. v.)* é primitivo. Creio ser o suficso vasconço *-aga,* que é colectivo, e também se aplica a arvoredo, como em *liçarraga,* «freixeal», | *liçar,* «freixo», *Arteaga,* | *arte* «azinho», nome de lugarejo na província de Navarra.

Cf. *Arriaga* e *v.* **arriol.**

Azinhaga, como *Azinhal* e *Azinhais,* figura abundantemente na toponímia portuguesa, onde sem dúvida não quis o primeiro dizer «caminho», mas sim *azinhal.*

babaré

O Nôvo Diccionario consigna esta palavra como desusada, com a significação de «rebate, aviso de que há ladrões na vizinhança», e declara—que é termo asiático, o que é muito vago, para se lhe descobrir o étimo.

Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, no seu estudo sôbre o Dialecto indo-português de Goa insere o termo como goense com a seguinte definição:—«grito emittido batendo na bocca com a palma da mão; rebate *(bob* em k[oncani].—Do k[oncani] *bābá rê,* voc[ativo] de *bābá*», [menino]—.

Veja-se **cucuiada.**

babiruça, babirussa

Esta palavra, que o Contemporaneo escreve erróneamente com um só *s* e manda pronunciar *babiruza,* com maior êrro ainda, é directamente tirada do francês. A palavra é malaia, composta de *bábi* «porco», e *rusa* (pron. *rúça),* «veado». Poderia também escrever-se em português com *ss, babirussa.*

bacalhau: bacalhaus, bacalhoeiro, bacalhoa; badejo

Há perto de trinta anos D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [1] identificou esta palavra, em castelhano *bacallao* e *bacalao,* com o latim artificial *baccalaureus* e o francês *bachelier,* derivado de baccalarius, e do qual procedem tanto o castelhano *bachiller,* como o português *bacharel:* cf. a forma antiga *chançarel* { *chancelier,* o que hoje se diz *chanceler.*

A aplicação de um termo com a significação de «bacharel» a denominar um peixe não é caso único, pois o mesmo peixe se chama também *(a)badejo,* palavra que é um deminutivo castelhano de *abad,* «abade», e foram sem dúvida os trajes daquele e dêste que determinaram as denominações: cf. *batina* por *abatina,* «a veste do abade». Temos ainda outra denominação análoga em *peixe-frade;* e com relação a aves, o francês *moineau* «pardal», deminutivo de *moine,* «monje», obedece à mesma suposta semelhança com o traje, como acontece igualmente, com as denominações portuguesas de aves, *cardeal, viuva,* etc.

Outro nome do bacalhau em espanhol é *curadillo,* e a esta expressão dá a ilustre romanista *(ib.)* como étimo o substantivo *cura,* «padre». Todavia, *curadillo* não é mais que o deminutivo de *curado,* particípio passivo de *curar,* «conservar por meio de fumo, sal, exposição ao sol» etc., particípio que se adjectivou e ao depois se substantivou, como aconteceu a *pescado, pescada, pescadinha,* que proveem do verbo *pescar.*

Como em holandês a palavra que denomina aquele peixe é *kabeljaauw* (pron. *cabeliáu),* supuseram alguns que o vocábulo português ou castelhano fosse o holandês, com metátese das duas primeiras sílabas; é porém provável que, ao contrário, seja o holandês que sofreu a metátese, derivando-se portanto das formas peninsulares, e com tanto mais razão, quanto é certo haverem os espanhóis e os portugueses conhecido o dito peixe e a sua

[1] STUDIEN ZUR ROMANISCHEN WORTSCHÖPFUNG, Lípsia, 1876, p. 169.

vivenda antes dos holandeses, devendo-se ter ainda em atenção que o vocábulo holandês, desusadamente extenso para ser primitivo nesta língua, também se não pode decompor em elementos significativos.

Littré [1] refere-se a esta palavra nos seguintes termos:—«CABILLAU (kabillô, *ll* mouillé) ou CABLIAU (kabliô) *s. m.* Nom donné dans les marchés à la morue fraiche... ETYM. Wallon *cabiawe,* namurois *cabouau,* holl. *kabeljaauw,* dérivé par renversement de *bacailaba,* nom basque de la morue, d'où l'espagnol *bacalao* et le flamand *bakkeljau*»—.

Foi isto, pouco mais ou menos, traduzido do que a respeito de *cabliau* dissera Frederico Diez no Dicionário etimolójico das línguas románicas. Dom Rafael de Bluteau [2], porém, já muito antes escrevêra o seguinte:—«Peixe do mar septentrional da America a que os biscainhos derão o nome, quando o trouxerão á Europa... Bacalhao, e Badejo são o mesmo: o Bacalhao hé o que põem ao ar a secar nas partes da America, donde se pesca. O Badejo nos vem mais fresco»—. É êste último o que também se denomina *bacalhau frescal.*

Custa-me ter de contradizer Bluteau, Diez e Littré, com relação à orijem vasconça do vocábulo.

Verdade é que Bluteau apenas asseverou que os biscainhos lhe puseram êste nome, sem afirmar que pertencesse à língua das Vascongadas; e na realidade, êle é tam vasconço como é holandês. E senão, vejamos: a forma vasconça citada por Littré, *bacailaba,* é simplesmente o castelhano *bacallao,* com a forma *bacailau,* seguida do artigo *a,* e a mudança do *u* final em *b;* como de *gau,* «noute», *on,* «bom», e *a,* artigo, se faz, em vários dialectos do mesmo idioma, a saudação *gaboná,* por *gau on a,* «boa noute!». *Bacailau* não é explicável em vasconço, e mesmo não figura no dicionário de Van Eys [3], nem como termo verná-

---

1 DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, *sub v.* CABILLAU.

2 VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO.

3 DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, 1873.

culo, nem sequer como castelhanismo. Nem é de admirar: uma grande parte do vocabulário vasconço castelhano é, ou outro mais antigo, latino.

O peixe e o seu nome foram mencionados por Pedro Mártire de Anguiera (Anghiera), geógrafo italiano que viveu em Espanha no século XVI e compôs em latim várias obras de merecimento acêrca de viajens, descubrimentos e etnografia. É citado por H. P. Biggar, na excelente monografia em que reivindica para os portugueses a exploração marítima da Groenlándia, primeiro chamada Terra do Lavrador, e a do Canadá. Intitula-se a monografia VOYAGES OF THE CABOTS *(Cabotos,* ou *Gabotos)* AND CORTE-REALS e foi publicada na «Revue Hispanique» [1]. Pedro Mártire, pois, atribui ao vocábulo *bacalhau* orijem americana por estas palavras:—«Bacallaos Cabottus ipse illas terras appellavit: «eo quod eorum pelago tantam repererit magnorum quorun- «dam piscium, tynnos emulantium sic vocatorum ab indigenis «multitudinem, ut etiam illi navigia interdum detarderent— «Caboto denominou aquelas terras dos Bacalhaus, porque no mar que as banha encontrou grandes cardumes de enormes peixes, parecidos com os atuns, e assim chamados pelos indíjenas, e tantos eram que estorvavam o navegar das embarcações».—Biggar acrescenta com muita razão:—«This origin of the word can hardly be correct. It is more likely that the Spanish and Portuguese sailors gave the name»—.

Efectivamente, o vocábulo, com esta ou outra forma parecida, nem em groenlandês ou ésquimo, nem em qualquer dos idiomas dos índios bravos daquelas rejiões americanas se encontra.

Nestes termos, não há remédio senão contentarmo-nos por emquanto com o étimo *baccalaureus,* há trinta anos proposto, como disse.

A palavra *bacalhau* indica ainda um açoute usado no Brasil, e com esta definição já se encontra no DICC. CONTEMPORANEO, mas sem estar aí abonada. O trecho seguinte apresenta a palavra

1 T. x (1903), p. 556.

com esta significação:—«empunhou o bacalhau, e como instrumento da lei, fez correr o sangue d'aquelle que já foi seu irmão na desgraça!»—[1].

No plural indica esta palavra um enfeite de cambraia branca, usado nos fins do seculo XVIII pelos homens. Foi a forma que lhe deu o nome, como também o deu às casacas muito compridas usadas pela mesma época e que se chamaram em Portugal *casacas-de-rabo-de-bacalhau.*

Outra significação análoga de *bacalhau* é a seguinte:—«cadeiras de pinho (chamadas de bacalhau)»—[2]. Êste nome foi-lhes dado em razão da forma que tem o espaldar.

O femenino de *bacalhau* é *bacalhoa,* formado, assim como o substantivo *bacalhoeiro,* de um tema *bacalhõ, bacalhão,* como *leoa* de *leão, pavoa* de *pavão, cordoeiro* de *cordão, latoeiro* de *latão, relojoeiro* de *relojão,* pois de *relojo,* ou *relójio* seria *relojeiro,* ou *relojieiro,* como de *livro, livreiro.*

bacia; bacio; bátega

Estas palavras, que proveem do latim da decadéncia *bassinum,* mas cuja orijem é problemática ainda, tem em português significações várias, subordinadas todas à noção de «vaso». A primeira indica forma de vaso mais larga e menos funda, a segunda o contrário, menos largura e maior profundidade, diferença de sentido que em geral expressa a forma masculina, com distinção da femenina, quando em português existem ambas para um só vocábulo orijinário: cf. *canela* e *canêlo*, *cêsta* e *cêsto,* etc.

Acepções destas duas formas, hoje desusadas, são as seguintes: *bacia,* «prato grande e largo de metal, que se tanje com uma vaqueta, e supre o sino, entre vários povos da Ásia». Neste

[1] O ECONOMISTA, de 4 de dezembro de 1885.

[2] Marcelino de Mesquita, O TIO PEDRO.

sentido foi o vocábulo empregado por Fernám Méndez Pinto [1], e por António Francisco Cardim [2], no seguinte passo: obedecem [os habitantes da ilha de Áinão] ao sinal, parando ou marchando ao som da bacia»—.

É o que hoje indevidamente chamamos *tantã,* que na Índia significa «tambor». O verdadeiro nome da bacia de arame que se tanje com vaqueta é *gom.*

Outro nome português do mesmo instrumento é *bátega:*— «Vigia toda a noute com batega e soldados»—[3]. É êste que deveria substituir o erróneo *tantã.*

Bacio: O que também chamamos pratos fundos, tejelas. José Pestana, na monografia O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA, publicada no «Archeologo Português» (v) diz:— «D. Manuel ordenara ao seu thesoureiro ... que entregasse a Fructos de Goes os dois bacios dourados, e o gomil»—.

O Elucidario de Santa-Rosa de Viterbo [4] diferença assim *bacio* de *bacia:*—«BACIO na provincia de Traz-dos-Montes ainda conserva o seu antigo significado; pois chamam *Bacíos* aos pratos. Mas note-se, que antigamente *Bacío* se tomava por todo o vaso de boca larga, como gomis, canecas, etc., e nisto se diferençavão das *Bacías,* que erão de mais bojo, e fundas, e aquelles erão mais chatos, espalmados, a modo das nossas bandejas»—.

Esta definição parece estar em contradição com o uso actual dos dois vocábulos, visto que na *bacia,* como forma femenina, a superfície predomina sôbre a altura, o que é o oposto do *bacio.*

---

[1] PEREGRINAÇÃO, cap. CLXI.

[2] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 229.

[3] P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 103.

[4] ELUCIDARIO DAS PALAVRAS TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

bádur, badur

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo com a significação de—«chefe indígena de algum districto, dependente do Estado da Índia portuguesa»—, escreve-o porém **Badhur**, e como o não acentua gráficamente, subentende-se, em harmonia com o sistema de acentuação gráfica empregado pelo lecsicógrafo, que se há de ler *badúr*. O termo é persiano BAEADUR, «valente» [1], e o *ĥ*, antepenúltima letra do respectivo abecedário e que aqui represento por E maiúsculo, foi deslocado para depois do *d*, quando a escrita orijinal o marca antes, formando a segunda sílaba com o A. A acentuação e a escrita portuguesas devem ser *bádur*, e assim, sem *h*, ortografaram os nossos antigos escritores.

bafo, bafejar, abafar, bafio

Êstes vocábulos são entre si indubitávelmente aparentados, e para o primeiro dêles existe em castelhano a forma *vaho*, na qual o *v* é provávelmente capricho ortográfico em vez do *b*, que a forma portuguesa demonstra ser a verdadeira inicial, visto que, ao contrário do castelhano, o português diferença perfeitamente *v* de *b*, do Mondego para baixo.

F. Diez [2] pretende que seja voz imitativa e como ainda se lhe não descobriu étimo plausível, apesar de que as vozes onomatopoéticas são por via de regra suspeitas, quando não são meramente interjectivas, à falta de melhor, aceitaremos provisóriamente o parecer do fundador inexcedido da filolojia románica.

Bafo tem uma significação muito diferente, porém, no seguinte passo:—«Por monturos classificam-se os ferragiaes contiguos ao monte [casal], ou os b a f o s do monte, como tambem

---

[1] V. Garcin de Tassy, Mémoire sur les noms propres et les titres musulmans, Paris, 1878, p. 42.

[2] Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen, Bonn, 1869, II.

alguns lhes chamam, se não lhe encontram a feição propria dos ferragiaes» —[1].

baforeira, bêvera; abeberar

Tem-se fantasiado étimos extravagantes para êste termo vulgar de botánica, e todavia D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos já deu o verdadeiro, bifera(ria), na REVISTA LUSITANA, I, páj. 298, assim como *bêvera* { bifera, em castelhano *breva*. O verbo *(a)beberar,* porém, corresponde ao castelhano *abrevar,* francês *abreuver,* ant. *abeuvrer,* italiano *abbeverare,* de ad e bibere, por intermédio de uma forma transitiva *adbiberare*.

baga, bagada, bágoa, bago

Em galego a palavra *bágoa* significa «lágrima». Em português comum dizemos *bagas de suor;* mas no Minho *bagadas* querem dizer «lágrimas» [2]. Esta última forma é derivada, e pressupõe a existéncia de *baga* na acepção de «lágrima», correspondente ao vocábulo galego citado.

A orijem de todas estas formas é o latim bacula, plural de baculum } *bágoo,* antigo, moderno *bago,* que foi depois substituído pelo latinismo *báculo,* quando se refere à insígnia episcopal.

No Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO vê-se inscrita a palavra *bago,* como adjectivo, abonada com um passo da D. BRANCA de Almeida Garrett, páj. 23, não sei de que edição para o conferir: — «... o abbade, homem prudente, que o *bago* regedor metteu em meio da contenda...» —.

---

[1] J. S. Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 280.

[2] Fui ao jardim da alegria
Espalhar [as] minhas penas:
Onde as bagadas caíram
Rebentaram açucenas.

FOLKLORE TRANSMONTANO *in* Portugalia, II, p. 107.

Ora neste passo, refira-se êle a que se referir, *bago* é o substantivo, e *regedor* o adjectivo, sem a menor dúvida, e *bago* deve aí estar por *báculo*. Não há pois tal adjectivo.

bailique; bailéu

O Nôvo Dicc. inclui êste vocábulo como de gíria, com a significação de «quarto na prisão; tarimba». Neste último sentido, que me parece ser o próprio e mais usual, encontra-se a palavra, perfeitamente definida, no jornal O Seculo, de 28 de abril de 1902:—«A prisão [no Aljube, ou cadeia para as mulheres, em Lisboa] semelha qualquer das enxovias do Limoeiro [cadeia para os homens, na mesma cidade], pois que lá se vêem em volta os mesmos *bailiques,* especie de taboleiros, que, girando sobre um fulcro, descem da posição vertical para se armarem em largos leitos»—.

Parece haver relação de forma entre êste vocábulo e a palavra *bailéu,* «estrado, suspenso por cordas em que se colocam os trabalhadores para fazerem obras nos edifícios», e que tem outras várias acepções, que se podem ver no Dicc. Contemporaneo. Apesar da afirmação em contrário, feita nos dois dicionários citados, não creio que haja a mínima relação entre êstes dois vocábulos e o verbo *bailar.*

Ambos êles tem forma de derivados de um primitivo *bailo,* que em tal sentido não existe, que eu saiba.

bainha: bainhar, abainhar, embainhar, vajem

Êste substantivo, do latim u a g ī n a (} *baĩa* } *bainha)* significa tanto a da espada, faca, etc., como a dobra que se faz na extremidade de um vestido, e na qual se metia antes um cordão para lhe dar consisténcia, ou franzi-lo. Os puristas distinguiam *abainhar,* «fazer *bainha* em vestido», de *embainhar* «meter a espada na *bainha*». No uso comum ninguém faz já tal distinção,

pois em ambos os casos se emprega *embainhar,* e *abainhar* tornou-se obsoleto.

No Minho o antigo *abainhar* diz-se hoje em dia *bainhar,* sem preficso.

O substantivo *vajem,* é um alótropo, ou forma diverjente do mesmo étimo uagina, com deslocação do acento tónico *(vágina),* e que tem outras formas, *vaje, baje,* e designa a *bainha,* ou folhelho dos legumes.

Tanto no francês *gaîne,* como no castelhano *váina,* o acento foi igualmente deslocado para a primeira sílaba de uagina.

bairro, bairrista, *bairrismo;* barro, barreira, barreiro, barroso, barrista

A palavra *bairro* é de procedéncia arábica BAR̄, «terra», BAR̄I, «de fora», e a sua primitiva acepção, ainda usual em Espanha *(barrio),* foi de «subúrbio»; a de divisão interna de uma cidade é posterior: cf. a expressão, «fora da terra», e o substantivo castelhano *afueras,* «cercanias, arredores».

Do mesmo modo, o derivado *bairrista* tem também as duas acepções; na segunda significa o habitador do mesmo *bairro;* na primeira, vemo-lo exemplificado no seguinte trecho:—«Lamego 12. Existem ainda por estes sitios uns restos da antiga barbaria bairrista, que faz ver no povo visinho o inimigo, cujos odios se transmittem, intensamente selvaticos, de geração em geração»—[1].

É palavra muito expressiva para designar o indivíduo cujo amor à terreola natal é levado ao extremo odioso de aborrecer os naturais das terras próssimas; e à semelhança desta formação poderíamos denominar *bairrismo* êsse capricho e timbre intransijente e exclusivista.

---

[1] O ECONOMISTA, de 16 de novembro de 1890.

Santa Rosa de Viterbo [1] define assim o vocábulo *bairro:*— «Lugar pequeno, quinta, Aldêa, casa de campo, ou de abegoaria» —.

Esta definição é a que no Dicionário da Academia Espanhola [2] vemos, com pequena diferença, atribuir-se à palavra *barrio,* na segunda acepção, em que é sinónimo de *arrabal:*— «Grupo de casas ó aldehuela dependiente de otra población, aunque está apartado de ella» —.

A palavra *barro,* portuguesa e castelhana, parece ter a mesma orijem, e o mesmo se pode dizer de *barreira,* no sentido de lugar onde se colhe o barro, como vemos empregado o vocábulo no escrito de Rocha Peixoto intitulado AS OLARIAS DE PRADO [3]:— «Adquirida a argilla necessaria nas *barreiras* de Cabanellas» —.

O nome de vila, ao sul do Tejo, *Barreiro,* deve de ser uma forma, masculina, da mesma dição, e outro tanto podemos dizer de *Barreiros* ou *Barreiras,* nomes de muitas povoações portuguesas, de *Barroca,* e de *Barrosa, Barroso, Barrosã, Barrosão,* adjectivos substantivados em nomes próprios.

Barroso como substantivo comum é nome de um peixe, que também se chama *quelme* [4].

Outro vocábulo da mesma família, empregado noutro escrito de Rocha Peixoto, na acepção de fabricantes e pintores de figuras de barro, é *barrista:*— «os barristas do seculo XVIII, os coroplastas de Gaya, e os oleiros do Prado» —[5].

Barros tem no Alentejo uma significação especial, que se encontra no seguinte passo da ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, de J. S. Picão:— «As planicies que ficam a leste entre Elvas e Badajoz e aquella cidade e Campo Maior chamam-se-lhe

---

[1] ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

[2] Madrid, 1899.

[3] *in* Portugalia, I, p. 236.

[4] ICHTHIOLOGIA, por D. Carlos de Bragança, *in* O DIA, de 7 de junho de 1904.

[5] *in* Portugalia, I, 583.

[sic] barros em virtude da natureza do solo, em geral bastante argilloso» —[1].

bajoujo, bajoujar

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2] já determinou a formação dêste vocábulo: *bajoujar* é o latim *baioliare,* por *baiolare,* que figura na Vulgata, com assimilação de *-li-* ao *j* da sílaba anterior, o qual é consonantização e africção do *i* de baiulus.

Bajoujar é pois idéntico a *bajular.*

baldio, valadio, vadio; baldo, baldar, balde, baldão; Valdevinos

Alberto Sampaio, no valioso estudo intitulado As villas do norte de Portugal, [3] diz: — «outro termo equivalente [a maninho] quasi popular é baldio, que parece provir do ajectivo allemão *bald*» —. Semelhante conjectura carece de fundamento, pois se lhe opõe manifestamente a significação do vocábulo português, e a do citado advérbio alemão. Êste, conforme Frederico Kluge [4], tem por base um adjectivo alto alemão antigo, o qual significa «rápido, afouto, valente» *(schnell, kühn, tapfer),* o inglês *bold,* e de que procede o italiano *baldo,* «afouto» e o nome próprio *Balduim,* de que em português se fêz *Valdevinos,* provávelmente por intermédio de um nominativo latino Balduinus, ou *Valduinus, Valdevinus.*

Em Évora há uma rua de *Valdevinos,* que certamente pro-

---

1 *ib.* I, 272.

2 Revista Lusitana, III, p. 133.

3 *in* Portugalia, I, p. 117.

4 Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache, Estrasburgo, 1889.

cede do nome próprio, e não do apelativo, com o significado «*vadio,* estroina», em que hoje se usa, na língua comum.

A palavra *baldio* é sem dúvida o adjectivo arábico BALADI, derivado do substantivo BALAD, «terra, país», de que proveio o castelhano *baladí,* «reles, de pouco valor», significado que também não é estranho à forma arábica.

O termo *baldío,* castelhano, além da sua significação mais comum, correspondente à que tem o português *baldio,* quer como adjectivo, quer como substantivo, de «comum e inculto» oferece a mais a de «vagabundo» «*vadio*», e êste último vocábulo considero-o eu também derivado do *baladi* arábico, e não do latim *uagatinum* { uagare, como até agora se tem suposto. Note-se ainda que o povo usa *vadio,* no sentido de «ruim».

Assim constituo a descendência portuguesa do árabe BALADI, com as seguintes vozes: *baldio*, com supressão da vogal da 2.ª sílaba; *valadio,* com a simples mudança do B em *v:* diz-se do telhado feito de telhas sôltas, sem cal nem argamassa e é oposto ao termo *telhado mouriscado* (note-se), no qual se empregou a argamassa, ou cal-e-areia; *vadio* (pron. *vàdío),* com supressão do L, e conseqùente *a* aberto na sílaba átona, «cf. *pàceiro* por *palaceiro*. De *vadio* procedem *vadiar, vadiajem,* etc.».

Resta averiguar se os vocábulos da familia *baldo, balda, baldar, de balde* teem a mesma orijem, como parece, conquanto se possam subordinar a outro étimo arábico, BAṬIL, «vão, inútil».

É difícil determinar o sentido em que o epíteto *vadio* foi empregado por António Francisco Cardim, no seguinte trecho:—«Os dois levantados [insurrectos] Li e Cam ficaram com cinco provincias do norte [da China], o tartaro com a côrte de Pequim, e pouco a pouco foi conquistando todas as outras provincias, de que em breve se viu senhor, não por força de armas, mas por fraqueza e deslealdade dos chinas, que só com cortar o cabello faziam profissão de tartaro, e chegavam onde elles podiam; porque se tem por certo que na China não entraram trinta mil

tartaros, mas seus exercitos constariam pela maior parte dos chinas vadios e disfarçados»—[1].

¿Quere dizer «gente dos campos»?

balguesa

—«Hoje [os barcos moliceiros] adoptam a vela chamada *balgueza*»—[2].

balhão, bailão; bailadeira; balhadouro

O Nôvo Diccionário rejista uma acepção especial dêste vocábulo, que no seu sentido natural significa «o que muito baila». Essa acepção é a de «fadista», que vemos abonada no seguinte trecho:—«O *Taboada,* um bailão ali do sitio, convidou o *Navalhadas,* seu collega, com duas ditas [navalhadas] no peito»—[3].

É conhecido o sestro do fadista de andar sempre jingando, e em brigas é notória a sua lijeireza, quer no arremeter, quer no fujir, quer em furtar o corpo às investidas do contendor. Em castelhano *bailón,* como termo de gíria *(germanía),* quere dizer «ladrão velho».

A palavra *bailadeira* de que os franceses fizeram *bayadère,* vem no Suplemento ao Vocabulario portuguez latino de Bluteau assim definida com muita exactidão:—«Bailadeiras se chamão na India as mulheres publicas, que habitão nos Pagodes, porque todas bailão e cantão. *Oriente Conquist., tom. 2, pag. 25*»—.

Os dicionários portugueses em geral omitem esta particu-

---

1 Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 25.

2 Luís de Magalhães, Os barcos da ria de Aveiro, *in* Portugalia, II, p. 59.

3 O Economista, de 22 de agosto de 1885.

larização de sentido; todavia o dicionário português-francês de J. I. Roquete [1] incluíu o termo, com a mesma definição já dada por Bluteau.

Bailadeiras se denomina o ponto do rio Tejo, perto de Cacilhas, na marjem esquerda, onde o movimento das águas é considerável. Nesta acepção vemo-lo abonado neste trecho:—«Quando no dia 12 do corrente appareceu o cadaver da infeliz Casimira á tona d'agua no sitio das bailadeiras»—[2].

Outra forma de *bailão,* «jingão» é *balhão,* como popularmente *balhar* substitui *bailar,* e vemo-la empregada no mesmo periódico [3]:—«e lá foi todo bailhão para o calaboiço»—.

No termo de Leiria há um descampado chamado *charneca do Balhadoiro,* onde é crença que se reúnem as bruxas em *sumblea do diabo,* como se diz no norte, para aí celebrarem as suas folganças.

É de advertir que na linguajem local *baile* se diz *balho,* e conseguintemente *balhar,* de que *balhadoiro* é nome do logar em que se exerce a acção do verbo, como em *lavadouro,* de *lavar, matadouro,* de *matar,* etc.

balufera

Instrumento músico africano, conforme a menção que vimos dêle no jornal O Economista, de 5 de agosto de 1885:—«Encontro [na secção portuguesa da exposição de Antuérpia] o *balufera* que já vira na secção do Senegal (colonias francesas). Êste instrumento curioso, especie de marimba, compõe-se de uma serie de peças de madeira justa-postas sobre uma dupla ordem de cabaças de diversos tamanhos. Batendo-se-lhes produz-se uma especie de escala irregular»—.

---

1 Paris, 1855.

2 O Seculo, de 29 de agosto de 1899.

3 *ib.* 10 de setembro de 1900.

No museu a cargo da Sociedade de Geografia de Lisboa existe um dêstes instrumentos.

bambolim, bambolina

Êste vocábulo está definido no Nôvo Dicc. da seguinte maneira:—«sanefa, sobreposta aos cortinados das portas *ou* janelas. (De *bambo)*»—. De *bambolina* diz o mesmo dicionário:—«parte do scenário, que liga superiormente os bastidores e finge o tecto»—.

Deveria acrescentar, «o céu», «folhagem», etc.

Estes termos teem aspecto muito italiano, conquanto actualmente não sejam empregados em toscano com tal significação.

Outra acepção de *bambolim* é a que vemos no jornal O Século, de 2 de janeiro de 1902:—«o chamado *bambolim,* o *Bombay duck* [«pato de Bombaim»] dos mercados da China, é abundante em Diu»—.

bandulho

J. Joaquim Núnez [1] propõe como étimo, muito plausível, para esta palavra, que o Nôvo Diccionário compara com razão ao castelhano *bandujo* [também *bandullo*], dando-lhe orijem incerta, o latim panduc(u)lum, que deve ser um deminutivo do adjectivo pandum, «curvo», substantivado.

banheiro, banheira

Êste substantivo está empregado no sentido de «banho» ou «banhadouro» no seguinte trecho:—«Já agora, vinde tambem

---

[1] «Revista Lusitana», III, p. 292, Phonetica historica portuguesa.

comnosco até aquella gruta... É n'ella o b a n h e i r o publico»—[1]. Cf. *banheira*, «tina para banho». No Pôrto chama-se antes à banheira *canoa,* em razão da forma.

banzé

Esta palavra de gíria, que quere dizer «folgança, função» e também «desordem, tumulto», pode ser o japonês *banzai* «viva!», como me sujere Z. Consiglieri Pedroso:—«Ainda há gente bôa por ahi, mas não são dos que fazem *banzé* nos jornaes»—[2].

Neste passo a palavra significa «pregão».

baptizar, baptizo, bautizar, bautismo

As formas mais antigas e ainda populares portuguesas teem *u* assilábico pelo *p* latino, assim como o teem por *c* em *auto,* latim a c t u m: *bautizar, bautismo, Bautista.* Depois entraram na língua as formas alatinadas *baptizar,* etc., nas quais, porém, o *p* é actualmente nulo, mas o não foi antes, visto que o *a* átono permanece aberto, *bàtizar, Bàtista,* etc.: cf. *activo=àtivo.* Nulo é igualmente o *p* no substantivo alentejano *baptizo,* «baptizado», que parece ter sido trazido de España, onde se diz *bautizo.*

barão, varão, varonil

Qualquer que seja a etimolojia do primeiro dêstes vocábulos, é certo que o seu significado nos Lusíadas (I, 1), é o de «homem valoroso», e não simplesmente o do latim u i r, a que

---

[1] Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco, *in* «O Seculo», de 17 de junho de 1900.

[2] O Dia, de 25 de setembro de 1902.

damos como correspondente *varão,* que dêle não deriva, sendo pelo contrário o mesmo que o *Barão* dos LUSÍADAS. A identificação resulta do significado que tem o adjectivo *varonil.*

Nos antigos Cantares de gesta franceses *baron* designa «homem de grande valor e alta jerarquia», e no Livro dos Salmos [século XIII] francês encontra-se o advérbio *barnilment,* «varonilmente»[1].

Em latim existia o substantivo baro, baronis, com significação de «homem tôsco, homem vigoroso».

É claro que *varão,* aumentativo de *vara,* nenhuma relação tem com esta palavra.

barbado

Termo brasileiro, cujo significado se depreende do trecho seguinte:—«Saber menos, não prejudicava; saber mais desqualificava o individuo, difficultava-lhe a collocação. Passava á categoria de *barbado,* isto é, de suspeito»—[2].

bar(e); matuca

Vemos êste vocábulo num sentido muito especial, como usado na Zambézia, no seguinte trecho:—«Nestes territórios e especialmente nos situados entre Tete e Zumbo, encontram-se... vestigios de antigas explorações auriferas, conhecidas na Zambézia sob a denominação de «bares» e ás quaes alludem todos os nossos antigos auctores, que escreveram sobre aquelle paiz»—[3].

Por exemplo, Frei João dos Santos, ETIÓPIA ORIENTAL, liv. II, cap. 11 a 13, no último dos quais se encontra um vocábulo não

---

1 Emilio Littré, HISTOIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, II.
2 O SECULO, de 20 de setembro de 1905.
3 O SECULO, de 31 de março de 1900.

colijido nos nossos dicionários:—«Tambem se tira ouro de pedras, a que chamam ouro de matûca, como já dissemos que se tirava no reino de Manica. De todas estas sortes de ouro, o de lascas feitas em raminhos, ou esgalhos, êsse é o mais fino, e de mais quilates, e o que chamam de matûca é o mais baixo de todos, e o de menos quilates»—.

barlaque, barlaquear-se

Nas NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, de J. S. Pereira Jardim [1], vemos definido o substantivo, e abonado o verbo português, que se formou dêle:—«O barlaque é a compra da mulher, que vale tanto mais quanto maior for a gerarchia a que pertence»—.

—«Se for christão, casa-se com uma, e barlaqueia-se com quatro»—.

barra

Além de muitos outros significados, era o nome de uma moeda de convenção, em Benim, com o valor de 500 réis [2].

barreleiro

Na praia da Nazaré dá-se êste nome, derivado de *barrela,* a uma tripeça de madeira, com tabuleiro de perímetro circular, rematado lateralmente por um prolongamento quadrado, e sulcado por dois ou três regos. Serve para a lavajem da roupa.

---

1 *in* Portugalia, I, p. 357.

2 RELATÓRIO de Jacinto Pereira Carneiro, *in* «Annaes do Conselho Ultramarino», II.

barril

Na praia da Nazaré tem êste nome uma bilha de barro, com grande bôjo, e gargalo e fundo estreitos; a sua capacidade regula por quatro litros: tem duas asas, junto à bôca, para suspensão. Serve para água a bordo dos batéis de pesca.

barroco, barroca, barrocal

A primeira destas formas ouvi-a em 1888 a um cocheiro, indo de Alpedrinha para Castelo-Branco em diligéncia; prometêu êle a um çapateiro, que lhe pedira uma pedra de bater sola, que lha traria, e fêz a promessa nos seguintes termos:—«Deixe estar que eu lhe arranjarei um barroco muito grande»—. Em Rui de Pina vemos:—«um sêrro alto de pedras e barrocas mui fragoso»—[1].

A palavra é conhecida e substitui muito bem o galicismo *bloco,* como *barroca, barrocal,* ou *barranco* êsse outro galicismo ainda mais escusado, *ravina,* que se tem propagado em livros científicos, sem vizlumbre de propriedade, por isso que para francês é êle aparentado com *ravir* { rapere, procedendo imediatamente de rapina, no sentido de «acção de arrebatar»; e também sem a mínima necessidade, pois temos *barranco, barrocal* e *barroca.*

Barroca é intensivo de *barroco,* e é sabido que *barroco,* ou o seu correspondente castelhano *barrueco* com menor probabilidade, deu orijem ao francês *baroque,* como termo de arquitectura, o qual por êle deve ser traduzido em português.

É por todas estas razões que eu estranho haver encontrado numa publicação, em geral redijida em castiça, e por vezes vernácula e pitoresca linguajem, o termo *ravina,* agravado com um

---

1 Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. clvi.

voluntário derivado neolójico, tanto menos desculpável, quanto é empregado em tradução de francês:—«resolveu *enravinar* os vencidos, isto é, fazê-los despenhar nas ravinas da região»—[1].

Para *bloco* temos ainda *penedo,* que quere dizer «pedra sôlta», e já foi, para substituir aquele, proposto por Eduardo Augusto Vidal na Revista Lusitana, II, páj. 83. Seria portanto preferível mesmo a *barroco,* visto êste designar própriamente «pedra de forma irregular», e na acepção de «pérola de forma irregular» ter dado orijem, como disse, ao *baroque* francês.

baruísta

Êste neolojismo é empregado por João de Azevedo Coutinho [2] para designar os naturais do Barué:—«Os baruistas primitivos, os que com orgulho se julgam sem mistura, dizem-se *ácuro á Bargué* (grandes filhos do Barué)»—. Convém advertir que *Bargué* tem de ser lido *báruè,* e que o *gu* é transcrição inconveniente, pois poderia ser lida a palavra como *bar-gué;* melhor fôra que tivesse escrito *Bargoé (=bar-gu-é),* se queria indicar o valor do *u* consoante, *w* inglês.

A indivíduos vindos de lá ouço acentuar a palavra *Barue* na 1.ª sílaba, proferindo como *e* aberto o *e* final átono, isto é, *báruè.*

É violenta em português corrente aquela acentuação, e por conseguinte pode êste nome acentuar-se *Barué,* que é o que se faz usualmente: cf. *Bié* por *Bíiè.*

basto, bastante, bastio

Êste adjectivo é usado pelo Padre António Francisco Cardim, no sentido de «possante, robusto»:—«o cavalo em que estava

---

1 Gazeta das Aldeias, de 9 de julho de 1905.

2 Campanha do Barué... em 1902.

era bastante, o rio porém arrebatado»—[1]. É um derivado do verbo *bastar,* como *basto,* no sentido de «espesso, grosso». Substantivo da mesma orijem é *bastio,* o qual no Alentejo é «mouta fechada», e em Trás-os-Montes significa «pinhal rasteiro».

O adjectivo *basto* parece derivar-se do latim vastum [2], ou, como propôs J. Cornu, de pastus, particípio passado passivo de pascor, o que me parece menos provável.

bastos

Em uma resenha de termos pertencentes à jíria dos ladrões do Pôrto, publicada no jornal O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885, vem êste vocábulo com a significação de «mãos». É palavra pertencente ao caló, ou dialecto dos ciganos de Espanha, como muitos outros de *càlão,* incluindo êste nome da jíria de malfeitores e da ralé, alguns dos quais se tem difundido em linguajem mais elevada, tornando-se gerais, mas conservando o seu sabor pitoresco. Muitos serão incluídos neste trabalho, com os seus correspondentes nesse dialecto. *Basto* é em caló *bate, baste* [3], e nele significa, na realidade, «mão».

Em outro dialecto cigano, o da Roménia, tem a forma *vast* [4].

batata, semilha, castanhola

A primeira destas palavras, ao contrário do que é uso no continente, quere dizer na ilha da Madeira «batata doce», porque a outra se denomina *semilha;* eis aqui um exemplo:—«Um

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 38.

[2] REVISTA LUSITANA, IV, p. 273.

[3] EL GITANISMO, por Francisco de Sales Mayo, Madrid, 1870.

[4] GRAMMAIRE, DIALOGUES ET VOCABULAIRE DE LA LANGUE DES BOHÉMIENS OU CIGAINS, por J. A. Vaillant, Paris, 1868, p. 53.

correspondente de Boaventura escreve que está sendo abundante a colheita da semilha (batata)» —[1].

Em Trás-os-Montes êste tubérculo é designado pelo nome de *castanhola,* aumentativo de *castanha:*

Lhebemus nọssa merenda
(Yẹra de trigo bĩẽ guapo!);
Para cenar a la nuite,
Las castanholas num saco.

Esta quadra vai emendada na pontuação, pois a da obra de onde a extratei está errada:

Lhebemus nọssa merenda
(Yẹra de trigo bĩẽ guapo!)
Para cenar a la nuite.
Las castanholas num saco. [2]

bate

Esta palavra na Índia portuguesa quere dizer «arroz em casca», em concani B'ĀT(a), e não «arroz descascado», como se vê no NÔVO DICCIONÁRIO. O que o vocábulo também lá significa é «arroz cozido», como em indostano. Em malaio chama-se *pádi,* ao arroz em herva na terra, e é natural que seja a mesma palavra, a qual, porém, parece orijinária da Índia, pelo menos no sentido de «arroz cozido». Sôbre êste objecto, veja-se Burnell & Yule, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES [3], *sub. v.* **Paddy.**

O que é singular é que *bate* seja o nome que em Caminha

[1] «Notícias da Madeira», *in* O ECONOMISTA, de 5 de agosto de 1891.

[2] José Leite de Vasconcelos, ESTUDOS DE PHILOLOGIA MIRANDESA, II, Lisboa, 1901, p. 32.

[3] Londres, 1896.

se dá ao *pão-de-ló,* outra locução de orijem obscura; parece não ter a mínima relação com o *bate* asiático, a não ser na coincidéncia casual da forma.

batel, batela; batelo; bote, bateira

O Suplemento do Nôvo Diccionário rejistou o segundo dêstes vocábulos com a significação de—«barco chato, de pequenas dimensões, usado ao norte do Minho»—. Parece ser uma variante mais antiga de *batel* | *batellum* | *batum,* latinização do alto alemão antigo *bot,* de que também procedeu *bote,* se êste não é importação posterior do inglês *boat* hoje pronunciado *bôut,* mas no inglês médio proferido *bóòt,* [1] em anglo-saxão *bát,* isto é, *báàt.*

Batelo, no Ribatejo, designa um aparelho para tirar água dos poços, e parece ser vocábulo independente dêstes.

Bateira é nome conhecido de *barca,* que navega no Tejo, e figura em todos os dicionários.

batoque

Não respondo pela forma, visto que o periódico onde a encontro vem crivado dos mais inverosímeis erros tipográficos. No entanto, entendo que devo rejistar êste vocábulo (talvez *batuque)* na acepção nova que se lhe atribui no trecho seguinte:—«Os batoques de que usam na guerra são de três especies. O *goma,* o *cinzete* e o *biribiri*»—[2]. (V. êstes vocábulos).

Batoque será, pois, um tambor.

---

[1] V. Henrique Sweet, The Students Dictionary of Anglo-Saxon, Ocsónia, 1897; A history of English Sounds, Londres, 1874, p. 96.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

batuque, bataúda

O primeiro dêstes vocábulos vem em todos os dicionários modernos, como significando «dança de pretos»; o segundo parece ter significado análogo no trecho seguinte das Notas etnográficas sôbre os povos de Timor, de J. S. Pereira [1]:—«Depois começa a vida de noctambulo: horas e horas de batuque... cantigas de bataúda»—.

beata, beateiro

O primeiro dêstes termos, chulo, vem já rejistado no Nôvo Diccionário, como algarvio, com a significação de «ponta de cigarro». É também usado em Lisboa, com o mesmo significado, e dêle provém o derivado *beateiro,* que está perfeitamente definido no seguinte trecho do jornal O Seculo, de 28 de maio de 1902:—«para dar aos *beateiros,* que durante a noite percorrem os passeios e as portas dos cafés á procura de pontas de cigarro e de charuto»—.

bebedouro

Êste vocábulo significa, não só a vasilha onde as aves domésticas bebem, mas também o sítio onde os animais livres vão de ordinário beber.

Na realidade, a terminação *-douro* indica o local em que se exerce a acção expressa pelo verbo, a cujo radical essa terminação se junta, como *lavadouro* «o sítio onde se lava», *matadouro,* «o lugar onde se mata», etc. Em castelhano corresponde-lhe a terminação *-dero,* e assim dizem *abrebadero, lavadero, matadero,* etc.:—«... empregam... o visgo *(q. v.)* branco, collocando as

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 357.

varas no chão ao longo dos *bebedouros*, sitios onde as aves costumam ir beber, de forma que estas não possam chegar á agua sem lhes tocar» —[1].

bedem, bedém

O Diccion. Contemporaneo define esta palavra como significando — «capa de esparto ou junco, para livrar da chuva» —. Não me consta, que estas capas características, que provávelmente importámos do Japão, onde são muito usadas, tenham em qualquer parte do reino êste nome; sei que são conhecidas pelos seguintes: *c(o)rossa*, ou *c(o)roça*, *palhota*, *capa palhiça*. O Nôvo Diccionário define o vocábulo como — «túnica moirisca, curta e sem mangas; capa palhiça, ou de coiro ou esparto, contra a chuva» —. Dá, pois, em um dos significados a definição do Contemporaneo, mas atribui-lhe outra, como primária, o de «túnica mourisca».

J. I. Roquete [2], mais prudentemente, limitou-se a dizer que é «capa de mouro», *manteau maure;* mas antes, no Diccionario da lingua portugueza [3], dissera ser — «capa mourisca, ou de agua» —.

Sem contestar absolutamente a segunda acepção, direi sómente que desejaria vê-la abonada.

Quanto à primeira acepção, Bluteau [4] dá apenas o significado «capa» ou — «capa de agoa» —; mas não diz que seja feita de palha, ou cousa semelhante, antes se abona com João de Barros e Diogo de Couto, por sua ordem nestas duas citações: — «Vinha vestido ao modo Mourisco, camisa branca, e seu *Bedem* em cima; — Hum *Bedem* de setim preto, com grandes cadilhos» —.

---

1 J. Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 97.

2 Dictionn. port. français, Paris, 1855.

3 Paris, 1843.

4 Voc. port. latino.

A palavra é arábica, como todos declaram, e Engelmann e Dozy [1] dizem ser BADAN, «túnica sem mangas».

Pareceria que a verdadeira acentuação devera ser *bédem*, e não, *bedém*, como todos marcam.

Todavia, se o vocábulo nos veio dos países berberiscos, é possível que a sílaba acentuada seja a segunda, se bem que breve a vogal dela.

Aqui apresento outra abonação do vocábulo:—«bem vestido com sua camisa mourisca e um bedem por cima de tudo, e o capelo metido na cabeça, por cima da touca»—[2].

beduí, beduim, *beduíno*

As únicas formas portuguesas são as duas primeiras; a terceira é uma versão mal feita do francês *bédouin*. Bluteau [3] dá no Suplemento a forma BEDUIM, remetendo o leitor para BIDUIM, e aí cita também beduinos. É esta feição da palavra que, ainda mal, aceitaram Roquete, o CONTEMPORANEO e o NÔVO DICCIONÁRIO, conquanto êste último rejiste também *beduim* no Suplemento. O vocábulo é, como se sabe e todos dizem, arábico, BADAUI, de BADIIE [4], «nómade no deserto», de BADU, «deserto». Ora, assim como de *rubi* se fêz *rubim*, e não *rubino*, assim de *beduí*, se fêz *beduim*, mas não *beduíno*, forma que os escritores antigos não conheceram.

beijo; beijinho; beijocador

O primeiro derivado, deminutivo, significa em sentido restrito, não só uma *cavaca*, mais pequena e estreita, que se faz

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESP. ET PORT. DÉRIVÉS DE L'ARABE.

[2] J. Camara Manuel, MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, p. 102, Lisboa, 1894.

[3] VOC. PORT. LAT.

[4] Belot, VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893.

nas Caldas-da-Rainha, mas também um amuleto, com o feitio e o tamanho de uma ameixa, como vêmos na revista Portugalia, I, páj. 620.

Beijocador, nome verbal de ajente do verbo *beijocar,* freqüentativo de *beijar,* designava no seculo XVIII um «sinal postiço ao canto da bôca» [1].

bejoga, bijoga, bojega

O termo transmontano *bejoga* é o latim *uesucula,* e a forma da Beira-Alta, que lhe corresponde na significação, é *bojega* ⟨ uesicula, conforme J. Leite de Vasconcelos [2], significando qualquer dêles «empôla nos pés». É possível, porém, que ambos procedam de uesicula, e que houvesse metátese das vogais, como houve na forma algarvia *boleta,* em vez da geral *belota* por *bolota,* do árabe BAĪLUṬE. O *o* da 1.ª sílaba é devido em *bojega* a influência do *b,* e na forma *bijoga* o *i* a influência do *j,* pelo quê melhor escrita será *bejoga,* visto como o *e* surdo vale por *i* surdo em conjunção com uma consoante palatina, aqui o *j:* cf. *chegar* pronunciado *chigar, privilejiado,* para *prevelijiado,* e assim muitas vezes escrito erróneamente.

bejula

—«Bebida fermentada, feita de farinha de milho, ou de outro qualquer mantimento»—[3]. É termo da Africa Oriental Portuguesa.

---

[1] A. Campos, O MARQUEZ DE POMBAL, *in* «O Seculo», de 7 de abril de 1899.

[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 105.

[3] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERÁRIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 49.

belfa

Esta palavra, que antigamente queria dizer «fera» e se deriva do latim bellua, como o italiano *belva,* significa actualmente em Leiria *melga* (de medica) mosquito grande, a que os franceses chamam *cousin.*

A abonação da palavra no seu antigo significado é a seguinte: —«e uirom belfas marynhas que eram fortes e esquivas»—[1].

belhó

O nome dêste bôlo, conforme J. Cornu, deriva-se de *biliola* por libiola, e na opinião de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos de *pĭlióla* { pila.

Todavia, como o *e* se profere aberto, *bèlhó,* ambas as etimolojias são pouco prováveis.

Para *filhó* já eu propus em tempo *folióla,* sendo o *i* devido a consoante palatal seguinte:

Francisco Adolfo Coelho, no Diccionario manual etymologico, deriva *belhó* de *beignot, beignet* francês, forma deminutiva de *bigne, beugne,* «tumor», e acrescenta como comparação *calhamaço,* por *canhamaço,* para explicar o *lh* por *nh,* advertindo também que o *e* de *belhó* é aberto, como o *ei* de *beignot.*

Todavia, em *calhamaço* por *canhamaço,* de *cánhamo,* houve dissimilação da nasal *m* da sílaba seguinte, facto que se não podia dar com *belhó,* a proceder de *beignot.*

Conquanto sejam dignas de atenção as ponderações de F. A. Coelho, parece que temos de ir buscar a outra fonte a orijem da palavra.

Se acertei em atribuir a *filhó* o étimo *folióla* ou *follióla,*

---

[1] Oto Klob, A vida de Santo Amaro, texte portugais du XIVe siècle, *in* Romania, t. XXX, p. 508.

creio não estar lonje da verdade considerando *bèlhó* como derivada de uma forma latina *balaneóla,* deminutivo de *balaneum,* forma adjectival substantivada, derivada de balanus, «castanha». A sucessão de formas seria então: balaneola: banaleola: baneleola: *baelhola: baelhó: bèlhó.*

bengala, pingalim

São os portugueses o único povo europeu que chama ao bastão *bengala.* Primeiro se denominou *cana de Bengala,* por ser a haste feita de cana-da-Índia; depois suprimiu-se o primeiro termo:—«Que cousa hé esta, senhor Afonso de Alboquerque? quisestes que dissessem as regateiras de Lisboa que vós tomastes primeiro terra neste vosso Calecut de que fazêis a El-rei Nosso Senhor tantos espantos? Ora eu irei a Portugal, e direi a Sua Alteza que com esta cana de Bengala na mão, e com este barrete vermelho que trago na cabeça, entrei em Calecut; e pois não acho com quem pelejar, não me hei de contentar, senão de ir ás casas de Elrei, e jantar hoje nellas»—[1].

Saíu-lhe cara a basófia, e aos desgraçados que o acompanharam, pois quasi todos foram mortos com êle, o *marichal* D. Fernando Coutinho, que assim desdenhava dos traiçoeiros naires.

Pengalim parece ser um deminutivo de *bengala,* com mudança da inicial.

bem-aventurado, bem-aventurança

Estas duas palavras teem de escrever-se com uma linha divisória, para que não sejam lidas *be-maventurado, be-maventurança.*

---

[1] João de Barros, Da Ásia, Década ii, liv. 4.º, cap. i.

benjoim, beijoim

A etimolojia dêste vocábulo foi primeiro dada por Garcia da Orta, nos COLOQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA INDIA: é o árabe LUBAN GAUI, «incenso de Java». Na segunda forma, que é a mais usual, influíu a palavra *beijo*.

bento

Em Viseu esta palavra quere dizer «curandeiro»:—«O dono da casa tem um filho doente ha muito tempo... por suggestões de amigos lançou-se nas mãos de um bento»—[1].

berço

Esta palavra, cuja etimolojia é incerta, mas que para português, como para o galego *berce*, parece ter tido orijem francesa, ainda que remota, pois em castelhano o mesmo objecto se chama *cuna* | cunae, figura no trecho seguinte em uma acepção não rejistada nos dicionários:—«o pessoal... tenciona cotizar-se para collocar berços nas sepulturas das duas victimas»—. Êstes berços são uns gradeamentos em tôrno do coval, e nos quais se dispõem plantas de ornato, ou vasos com elas.

besigue

No Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO inseriu-se uma palavra **bezigne**, que aí é definida como certo jôgo de cartas, dando-se-lhe em dúvida como étimo bis e signo.

---

[1] O VIRIATO, *in* «O Economista», de 4 de setembro de 1884.

Ora, o nome do jôgo em francês é *bézigue,* ou *bésigue,* e não **bezigne,** e o autor do dicionário viu-o provávelmente citado em português com um êrro tipográfico, **n** por **u.** Aqui fica feita a emenda, que inclui a rejeição do étimo proposto. Qual seja a orijem de tal nome ignoro-o; Littré, que o inscreveu no seu grande dicionário francês, não aventa qualquer hipótese, dando-lhe apenas como variantes as abreviaturas *bézy* e *bési.* Na enciclopedia NOUVEAU LAROUSSE ILLUSTRÉ vem a descrição minuciosa do jôgo, que é francês, e de lá passou para cá juntamente com o nome.

São bastantes os erros tipográficos que vão passando de uns para outros dicionários, o que motivou em França os curiosos artigos de A. Thomas intitulados COQUILLES LEXIOLOGIQUES, «Gralhas lecsiolójicas», publicados no volume XXII da revista Romania, correspondente ao ano de 1893.

Exemplos de tais equívocos são neste meu trabalho os que subordinei às epígrafes *acúdia,* e *hererós.*

besouro, besoiro, bisouro, bisoiro

A forma mais comum em Lisboa é *bisoiro;* a que se considera mais correcta é *besouro,* sem grande fundamento, pois é desconhecido o étimo. Que a escrita é com *s* e não com *z* prova-se com a pronúncia transmontana *besöuro,* com *s* sonoro subcacuminal, quási *j,* e não com o *z* de *zêlo,* por exemplo, e é sabido que em Trás-os-Montes, e parte do Minho, Douro e Beira-Alta, o *z* e *s* entre vogais se não confundem actualmente, como se não confundiam há três séculos em parte alguma do reino, pelo menos até o Tejo, diferençando-se perfeitamente *coser* ⟨ consuere, e *cozer* ⟨ coquere, como se diferençavam e ainda se diferençam no norte *paço* ⟨ palatium, e *passo* ⟨ passus.

Com relação ao *ou* ou *oi,* a forma transmontana não nos pode dar regra que autorize a preferéncia, pois ali predomina o ditongo *ou (=öu)* sôbre o ditongo *oi (=ôi).*

O *i* por *e (=ẹ)* da primeira sílaba explica-se por mais clara

enunciação, como acontece com *didal, tisoiro,* formas populares, em vez de *dedal, tesouro.*

bétele, (bétere, betre, betle)

É esta a melhor escrita portuguesa, porque é a mais antiga, ou então *bétere, betre,* e não *bétel.* Não há dúvida também que o acento tónico é na primeira sílaba, como o encurtamento *betre* o está indicando, e não na segunda, como marca o Dicc. Contemporaneo erróneamente, êrro que por lapso escapou ao erudito e escrupuloso autor dos Subsídios para a leitura dos Lusíadas [1].

Fernám Méndez Pinto usou três vezes a forma *bétere,* por ex.: —«betere que são hũas certas folhas como de tanchagem»—[2]. O Padre António Francisco Cardim, pelo contrário, deu a preferéncia a *bétele:*—«a êste fim lhe deram na prisão veneno em um betele»—[3].

Esta palavra trouxemo-la nós da Índia; é da língua malabar, e conforme o Glossário de Yule & Burnell [4] significa «fôlha simples», *veṭṭila* (de *veru,* «simples», e *ila,* «fôlha»).

A forma *bet(e)re* explica-se perfeitamente. Suprimido que seja o *e* da segunda sílaba de *bétele,* resulta *betle,* e *tl* não é grupo de sons tolerável em português; além disto, como os *tt,* que no nome dravídico figuram, são cacuminais, o *l* passou a *r* em português, por ser cacuminal também esta consoante na nossa língua.

O Conde de Ficalho, no seu opúsculo Flora dos Lusíadas [5], a páj. 69, referindo-se à menção feita na estança 58 do VII Canto

---

1 Lisboa, 1904, p. 206.

2 Peregrinação, cap. CLXXVII.

3 Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 111.

4 A Glossary of Anglo-Indian words and phrases, Londres, 1886.

5 Lisboa, 1880.

do poema à verde folha da herva ardente, escreve *betle,* e aduz o outro nome, arábico, pelo qual foi conhecido dos nossos, *atambor* (AL-TANBUL), e que no ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA [1] se emprega para a designar: — «e tinha á mão esquerda huma copa d'ouro... na boca engaço de humas ervas que os homens desta terra comem pela calma, a qual chamam atambor» —. É de advertir que êste nome é índio também, mas árico, e não dravídico; é o sânscrito TĀMBŪLA, arabizado, e depois aportuguesado.

Veja-se o vasto comentário do Conde de Ficalho aos COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS, de Garcia da Orta, na primorosa edição da Impreusa Nacional [2] dirijida pelo Conde; aí se encontrarão todos os esclarecimentos, que seria longuíssimo reproduzir aqui: o índice, perfeitamente organizado, encaminhará o leitor na averiguação de tudo o que resumidamente expus.

beto *(=béto)*

Por informação do snr. Francisco Teixeira, natural de Mirandela, êste vocábulo designa em Trás-os-Montes uma espécie de meia-pá de madeira, correspondente à *raquette* francesa. Com êle se joga o *toque-emboque.*

Beto é tambem ali o nome de um jôgo, parecido com o *cricket* inglês.

betume

Em Caminha, e provávelmente em outros pontos do Minho, se não em toda a província, *betume,* ou *batume,* quere dizer «caldo grosso».

---

[1] Lisboa, 1861, p. 59.

[2] Lisboa, 1891-1892, dois volumes, afora a introducção intitulada GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO, um vol., Lisboa, 1886.

bexigas

A varíola já assim é denominada pelo Padre António Francisco Cardim, que lhe chama «*peste*»:—«No anno de 1637 houve na ilha [de Áinão] uma universal peste de bexigas, de que morreu muita gente»—[1].

O nome lhes proveio das vesículas que na pele se formam, do latim vesica, «empôla», com a mudança do *s* em *x*, por influência do *i*, e a do *c* em *g*, por estar depois de vogal: cf. *fogo* ⟨ focum, e *Xisto* ⟨ Sixtus.

À terrível doença chamam os médicos *varíola*, não se sabe por que razão, visto a palavra ser artificialmente fabricada, derivando-a de *varius*, pois em latim não existia; parece, pelo contrário, que devera acentuar-se *variòla*, como a comparação com o francês *(petite) vérole*, o castelhano *viruelas*, e o italiano *vaiuòlo* o está indicando.

O que é de estranhar é que, entre as nove pragas que a soberana de Póhiola desencadeou sôbre os fineses, por lhe terem arrebatado ardilosamente o *Sampo*, ou «penhor de prosperidade», como se conta no Kalevala, não estejam incluídas as bexígas, que parece não eram conhecidas na Finlándia. Essas pragas foram: Pleuresia, cólica, reumatismo, tísica, úlcera, sarna, cancro, peste, e a última e peor de todas, a que não tem nome, o demónio da *enveja* [2].

bezerro

Termo de Leiria, e provávelmente de toda a Estremadura rural:—«buraco feito por uma fagulha, no fato, quando se está a engomar, a cozinhar, a meter pão no forno, etc.»—[3].

---

[1] Batalhas da Companhía de Jesus, Lisboa, 1894, p. 238.
[2] Kalevala, runa 45.
[3] Informação do snr Acácio de Paiva, dali natural.

bica; biquinha; bico; bicuda, bicudo, bicudez

Além dos significados colijidos em vários dicionários, tem a palavra *bica* mais dois: em Caminha quere dizer «sémea fina», e na ilha da Madeira (Pôrto-Santo) é o nome de uma planta *(Anthus trivialis)*, à qual também se ali chama *biquinha*.

Por outra parte, a forma masculina *bico* tem, além das já apontadas, mais as seguintes acepções: Caminha: «beijo»; Madeira: «focinho de cavalo». Geral: «aves de capoeira»:—«O gallinheiro é provido de poleiros suficientes para repouso dos *bicos*»—[1].

Em calão: «moeda de dois tostões».

Termo faceto: «bebedeira», como nestes versos de Manuel Roussado:

—Como a scena é de taberna,
Armei os versos em bico—.

Bicuda: «galinhola»:—«Já chegaram as *bicudas,* como lhe chamam os caçadores»—[2].

Bicudo: difícil, ex.: *tempos bicudos, negócio bicudo.*

Bicudez: (neolojismo faceto):—«apesar da bicudez dos tempos»—[3].

bicha, bicho; bichar, bicharengo, bicheiro

Bicha: Trás-os-Montes: «víbora».

Ilha da Madeira: «milhafre».

Geral: figura de dança, em que todos os pares dão as mãos uns aos outros em fileira.

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 545.

[2] O SECULO, de 1 de novembro de 1901.

[3] O DIA, de 26 de setembro de 1902.

Bicho: peliça para o pescoço:—«Peles, romeiras, bichos [1]. É o que em francês se chama *boa (=boá).*

Bicho do areeiro, ou *boieiro,* Pôrto-Santo (Puffinus Anglorum): «mergulhão», ave.

Bichar: «criar bicho a fruta»:—«Elvas, 30.... A colheita da azeitona está começada, e é apenas uma meia novidade, se tanto, porque ultimamente bichou a de alguns vidonhos (redondil, conserva e cordovil)»—[2].

Bicharengo: Certã: «texugo».

Bicheiro: já rejistado no Nôvo Diccionário, como termo alentejano, com a seguinte definição:—«tubozinho de lata, por onde sái a extremidade superior da torcida das lanternas. (De *bicha,* por allusão á torcida)»—.

O étimo é sem dúvida o castelhano *mechero,* de *mecha,* «torcida», o qual tem significação análoga, e que provávelmente passou ao Alentejo, por audição, como muitos outros castelhanismos ali usados.

Difícil de identificar é o animal a que Fernám Méndez Pinto [3] chama *bicho de voo,* no que o compara ao morcego. Não me atrevo a alcunhar a descrição de fabulosa, para que me não caiba na cabeça a carapuça a que linhas antes êle alude na sua interessante narrativa:—«gente que vio pouco do mundo, por que esta como vio pouco, tambem costuma a dar pouco crédito ao muito que outros virão»—.

Eis a descrição do *bicho de voo:*—«Vimos aquy tambem hũa munto nova maneyra, & estranha feyção de bichos, a que os naturaes da terra [Batas, na Polinésia] chamão Caquesseitão, do tamanho de hũa grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com hũa ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de hũa penna de escrever, e com asas da feição das do morcego, e o pescoço de cobra, e hũa unha a modo de esporão

---

[1] Anúncio no jornal O Seculo, de 14 de novembro de 1902.

[2] O Economista, de 4 de dezembro de 1892.

[3] Peregrinação, cap. xiv.

de gallo na testa, e o rabo muyto comprido pintado de verde e preto, como são os lagartos desta terra. Estes bichos de voo, a modo de salto, cáção os bugios, e bichos por cima das árvores, dos quais se mantem»—.

Devemos confessar, que como descrição leva a palma às de Cuvier; assim ela seja a verdadeira!

bigode, *mostacho*

A palavra *bigode* é antiga na língua, e existe também em castelhano com a forma *bigote,* ou antiga *vigote.* No Diálogo entre Lain Calvo y Nuño Rasura, texto castelhano do xvi século (1570), publicado na «Revue Hispanique», t. x, (1903). encontram-se ambos os vocábulos:—«Otro estilo an tomado estos nuevos alcavaleros [judíos] de poco tiempo aca, pasearse tiesso quatro dellos en cuadrilla *[sic],* oliendo olores, putos de almizcle, algalia, benjui, perfumes, encrespandose los cabellos para arriba, i tirando sus viles vigotes i mostachos, por parecer mas valientes i rrobustos»—[1].

O termo *mostacho* veio para o castelhano, como para o francês *moustache,* do italiano *mostaccio* ou *mostacchio,* hoje em geral substituído nesta língua por *baffi,* e cuja orijem parece ser o grego moderno moustákion, ou moustáka, que tem a mesma significação que já tinha no grego antigo mústaks, juntamente com a de «beiço de cima» [2]: cf. *barba* em português, que quere dizer «a ponta do queixo» e «o pêlo da cara».

Ao mesmo passo, porém, que Luís de Camões já emprega o plural do vocábulo *bigode* nos Lusíadas, Torquato Tasso, na Jerusalém Libertada, serve-se de uma circunlocução para o designar:—«Lascia barbuto il labbro e'l mento rade»—.

---

[1] p. 177.

[2] W. Pape, Griechisch-deutsches Handwörterbuch, Brunsvique, 1880.

Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
. . . .
Em sangue português juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos —[1].

Já antes, Gil Vicente usou o deminutivo *bigodezinho:*

Pero — Êlle pôs desta maneira
A mão na barba e jurou
De meus dinheiros pagá-los.
Vasco — ¿Essa barba era enteira
A mesma em que te jurou,
Ou bigodezinhos ralos? —[2].

A orijem do castelhano *vigote* parece ser a palavra *viga,* cujo significado é o mesmo que em português; pelo menos é esta a opinião da maioria dos etimolojistas, mas bastante problemática.

bilhafre

Esta variante de *milhafre* é usada por Francisco Rodríguez Lôbo na Côrte na Aldeia [3].

Na ilha da Madeira designa o «francelho».

A mudança de *m* inicial em *b,* e *vice-versa,* conquanto pouco freqùente, não é sem exemplo em português: cf. *berrão* com *marrão; bicheiro (q. v.),* «canudo para a torcida, com *mechero* castelhano, que tem o mesmo significado»; *batota* «tavolagem» com *matute,* «candonga» em castelhano, etc.

---

[1] Os Lusíadas, x, 68.
[2] Farsa dos Almocreves.
[3] Diálogo iii, ed. de 1774, p. 56.

bilró

É uma interjeição usada em Sam Miguel, dos Açôres, com a significação de *bravo!* [1].

bíri-bíri

—«Os batoques *[q. v.]* de que usam na guerra são de três especies... O *biri-biri* tem a forma de um charuto grosso e curto, com a ponta cortada; é enorme e geralmente tem os dois extremos cobertos com pelle. Amarra-se a uma arvore ou poste e é tocado com bocados de pau. O *biri-biri* é que dá signal para as povoações visinhas de que ha guerra ou preparativos para ella ...Tocado em combate, do lado do maior diametro, dá signal de avançar, e do lado do menor, signal de retirada... O *biri-biri* desempenha ainda, entre as populações selvagens, o horroroso serviço de cepo de carrasco»—[2].

bisbis

Na ilha da Madeira é o nome de uma ave, que também é conhecida por *abibe,* termo já colijido no Contemporaneo.

biscato, biscalho, biscalheira

Biscalho se chama ao alimento que as aves levam no bico para os filhos; outras formas do mesmo vocábulo são *biscate* e *biscato,* e todas estas três formas teem aspecto de ser derivadas

---

[1] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

de um primitivo *bisco*, ou *besco*, do latim uescus «magro», como propõe em dúvida o Nôvo Diccionário. A existir a palavra *besco*, a escrita dos derivados deveria ser *bescato*, etc.

Biscalheira, em Arcos-de-Val-de-Vez, é o nome que se dá a uma vara raxada na extremidade e destinada a colhêr o *biscalho*, que nesta acepção quere dizer «fruta pendente da árvore»; outro nome é *ladra*, que provávelmente se aplica quando a fruta não é colhida com permissão do seu dono, o que parece acontecer muito freqùentemente [1].

biscouto, biscoito; biscoiteira

Além do conhecido significado do primeiro vocábulo, aduz mais o Suplemento ao Nôvo Diccionário o de — «seixo, fragmento (de pedra)» — como antigo, e abona-o com o seguinte passo da Historia Insulana: — «... se chama êste caminho do Pedregal, por ser de huma, e outra parte de biscouto de pedra» — [2].

Nos meus apontamentos tenho êste vocábulo, com a seguinte explicação: «Termo dos Açôres: a camada de lava ondulada, que cobre certos terrenos». *Biscoitos* é também o nome de uma localidade na Ilha Terceira, e dêste substantivo comum lhe veio com certeza o nome.

Biscouteira: «redoma com tampa volante, para arrecadar biscoutos, bolachas, bolos». É um excelente neolojismo, já divulgado, para traduzir o vocábulo francês *bonbonnière*.

biselho

Quere dizer «atilho» [3].

---

1 Veja-se J. Leite de Vasconcelos, Respigos camonianos, p. 46.
2 II, p. 80.
3 Trigueiros Martel, Culturas horticolas.

bitácula

Como termo de calão, «o nariz».

bitafe. V. pitafe

bitar

Voz transmontana, que quere dizer «entornar».

bisnaga

O Nôvo Diccionário diz provir êste vocábulo do árabe *bastinage,* de orijem latina, p a s t i n a c a. É natural que os árabes encontrassem a palavra na Península, e a afeiçoassem à sua pronunciação. Ora, o latim p a s t i n a c a deveria passar ao português, ou ao castelhano, com abrandamento do *c* em *g, pastinaga.* Não existindo em árabe nem *p,* nem *g* póstero-palatal (como em *paga),* mudaram a primeira consoante para *b,* e a última para *ǧ,* palatal africata, quási igual a *dj,* pois é esta a pronúncia clássica da 5.ª letra do seu alfabeto, que no Ejipto se profere como o *g* de *gato,* e em vários pontos da Barbaria como o *j* português. Dêste modo, o romanço peninsular *pastinaga* passou a BASTINAGE, e dêste procedeu o português *bisnaga,* com supressão da 2.ª sílaba átona *ti.* Cf. *Beja* do latim P a x, ou P a c e(m) no acusativo (P a x I u l i a), conforme demonstrou David López no seu belo estudo TOPONYMIA ARABE DE PORTUGAL [1].

[1] *in* «Revue Hispanique», t. IX, p. 39, (1902).

bísaro, bízaro; sedeúdo, molarinho

Êste termo, que o Recenseamento Geral dos gados [1] escreve *bísaro,* e cujo étimo é desconhecido, sendo difícil ficsar-lhe a ortografia, designa uma raça de porcos própria do norte do reino, e assim definida na mesma interessante publicação oficial: —«cabeça comprida e estreita; orelhas tambem muito compridas e pendentes, chegando a dois terços e mais da extensão da cabeça. O pescoço é delgado: a extensão que vae desde a nuca até á origem da cauda é muito consideravel, chegando a medir 1^{m},40 e mais: linha dorso-lombar muito convexa ou arqueada; peito muito estreito e achatado ou espalmado, assim como o ventre, que é muito mais alto que largo. As pernas são tambem muito altas e ossudas. As cerdas são compridas e grossas, sendo a côr geralmente preta. Ha-os tambem brancos e malhados, e tendo sómente a frente aberta, uma lista branca sobre a agulha e as espaduas, e baixo calçados.

São geralmente muito corpulentos.

Os porcos de cerdas ou pellos mais densos compridos e grossos são chamados sedeudos [sedeúdos], ou cerdosos; e aquelles em que ellas são menos grossas e compridas, mais raras e a pelle mais fina se chamam *mollarinhos*»—.

blasonar

Êste verbo está definido em um sentido especial no jornal O Seculo, de 12 de agosto de 1900, nos termos seguintes:— «Ao entrarem nos logares destinados á realização das justas, o rei d'armas descrevia, em voz alta, os emblemas do escudo do recemvindo, e assim se ficava sabendo quem elle era. A isto se chamava *blasonar*»—.

---

[1] Lisboa, 1873.

A forma *blasonar,* em qualquer acepção, e a apontada parece ser a primitiva, é castelhanismo, pois ao *blasón* castelhano corresponde em português *brasão,* substantivo do qual se derivaria um verbo *(a)brasoar,* e não *blasonar.*

bobo

Júlio Cornu [1] atribui a orijem dêste vocábulo ao latim pūpus, «rapazinho». Não creio: ao *ū* longo corresponde *u* em português, e não *o.*

Parece-me que para o português veio êste vocábulo do castelhano *bobo,* em que ainda perdura como adjectivo usual, no sentido em que empregamos *tôlo,* e que procede nessa língua do latim balbus, «gago». Que a palavra portuguesa não pode derivar-se imediatamente do mesmo étimo que a castelhana prova-se com a circunstáncia de que, a ser directa a derivação, a forma portuguesa seria *boubo,* como é em mirandês, com ditongo: cf. *outeiro,* cast. *otero,* de altarium, *poupar,* de palpare, *mouco,* de Malchus.

Outra circunstáncia que concorre para aceitarmos a proveniéncia castelhana é que *bobo,* em português, quere dizer apenas «jogral», e não produziu derivados, por ser termo de significado muito restrito, e de aplicação especial; entanto que em castelhano êle tem várias acepções, e deu orijem a nada menos de onze derivados por suficso, e três por preficso. Nesta língua teve vitalidade; em português foi e é uma palavra estéril.

boçudo

Êste adjectivo, que suponho não ter existéncia independente, vemo-lo empregado junto ao substantivo paus, *paus boçudos,*

---

[1] Grundriss der Romanischen Philologie, I, p. 726, n.º 27.

locução assim definida:—«mocas usadas como arma de guerra pelo gentio da Africa Occidental Portuguesa»—[1].

bofarinha, bofarinheiro: V. bufarinha

bogacho

Na Beira-Baixa quere dizer «novêlo» [2].

Em Lisboa chama-se *bagochinho* ao resto de um novêlo, quando já perdeu a forma globular: cf. *bogalho.*

boi; boi-bento; boi (de)-cavalo, boi de monta(da)

Na procissão do Corpo-de-Deus, celebrada em Caminha, vai adeante um boi, nédio, formoso e corpulento, enfeitado de flores, e com uma altíssima cruz, formada também de flores, erguida entre as armas. Chamam-lhe o *boi-bento,* como lá me disseram.

Boi (de)-cavalo, ou *boi de monta* ou *de montada* se denomina na nossa África aquele que lá substitui o cavalo, como montada. A primeira expressão está abonada no jornal O ECONOMISTA, de 11 de agosto de 1885, e é a mais usual; a segunda é empregada na obra de Henrique de Carvalho, EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA [3].

bolçar

A forma antiga dêste verbo é *boomçar, bonçar,* o que indica claramente o seu étimo *uomitiare,* como já o aponta D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na REVISTA LUSITANA, I, páj. 299.

---

1 P. Saturnino, Conferéncia feita na Sociedade de Geografia de Lisboa em 2 de maio de 1900, publicada nos Avulsos.

2 Informação do editor, natural de Almeida.

3 Lisboa, 1890.

boliço

O vocábulo *reboliço* é muito usado; não assim porém o seu primitivo, que era freqùente dantes, e que vemos empregado pelo cronista Rui de Pina:—«encomendárão ao Daião que fosse falar com ella [a Rainha], para que quisesse repousar á vontade, e não dar causa a *boliços*, de que tanto mal se podia seguir»—[1].

bolo; bôla

Bolo-de-vinte-e-quatro-horas se chama em Aveiro a uma espécie de arrufada, que leva 24 horas a aprontar-se: tem farinha, ovos e açúcar.

No Alentejo denomina-se *bôla* o chamado «queijo de correr», que em outras partes se diz *queija*.

a boma, (e não) o boma

É palavra da África Oriental Portuguesa, e o seu significado está exposto no seguinte passo do Jornal das Colonias, de 24 de dezembro de 1904:—«no *boma* ou forte só pernoita a guarda»—.

Deu-se-lhe aqui o género masculino, infundadamente, pois as línguas cafriais não diferençam géneros gramaticais, e a palavra, pela sua terminação, é femenina em português.

bomba, bombo, bumbo, zabumba

Êstes vocábulos, mais ou menos onomatopoéticos, isto é, imitativos de sons, com os seus derivados, como *bombarda, bom-*

---

1. Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. liii.

beiro, dariam causa a uma extensa monografia, (tam abundante e minuciosa como a que Hugo Schuchardt consagrou aos derivados do latim cochlea [1]) a começar pela interjeição *bum!,* só, ou repetida, *bumbum!*

Consignarei aqui apenas o seguinte:

A forma *bumbo* é a popular, talvez por influência da interjeição, e ampliada ainda com a sílaba *za-* preficsada, o que aprossima o vocábulo do castelhano *zambomba* (pr. *ȿambomba),* nome que em Espanha se dá ao instrumento grosseiro e importuno a que em português se chama *ronca,* o qual consiste numa caixa de resonância mais ou menos cilíndrica, aberta num tôpo, e cuberta no outro com uma pele esticada, a que está preso internamente um cordel encerado, pelo qual se corre a mão para o fazer soar.

A forma tida por culta, *bombo,* designa um tambor ou caixa, antigamente muito alto, hoje de altura inferior ao diámetro, o qual se tanje com uma maçaneta.

A palavra parece que veio para cá do italiano, como outros nomes de instrumentos: em italiano dá-se o nome de *bombo* a uma nota musical, repetida, sem variação alguma *(ronca),* e o bombo, na realidade, não dá mais que uma nota, se nota musical se pode chamar o soído de uma pancada, sempre a mesma.

Em razão da forma, dão os pescadores da tartaranha, no Tejo, seixalenses e barreirentos, o nome de *bumbo* a uma selha alta onde expõem à venda o peixe no mercado da lota, no Atêrro da-Boa-Vista.

Os *bumbos* são feitos de um barril serrado ao meio, e portanto, de cada barril fazem-se dois bumbos, ou selhas dessas.

---

1 Romanische Etymologieen, II, *in* «Sitzungberichten der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien», 1899.

bombaça

No estudo de Rocha Peixoto intitulado Os PALHEIROS DO LITTORAL [1] lê-se:—«D'uma cobertura de duas aguas [de duas correntes], telhada, raro côlmo, irrompe, para escoante do fumo da cozinha, uma bombaça, quando não é uma simples abertura, ou mesmo nada»—.

Antes [2] dissera o mesmo escritor, referindo-se a edificações portuguesas várias:—«Dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira, recortadas e ligadas ao frechal... sobem chaminés de tipos varios, como a bombaça (Minho e Douro) ou as que semelham tumulos (Alemtejo), minaretes e zimborios (Algarve); n'outros nem existem: é na serra, onde as paredes parecem uniformemente vestidas de fuligem»—.

Êstes dois trechos completam-se um ao outro.

É pois a *bombaça* uma espécie de chaminé, e é vocábulo ainda não rejistado em dicionários.

A propósito direi que o povo pronuncia melhor que os cultos a palavra *chaminé,* pois diz cheminé, do francês *cheminée;* a forma literária *chaminé* é devida a falsa analojia com *chama* ⟨ flamma, vocábulo com o qual não tem nenhuma relação.

O francês provém de *caminata* ⟨ camīnus, palavra que os romanos receberam dos gregos.

bombeiro

Designa êste vocábulo, nas marinhas do sal, um tabuleiro sôbre o comprido, com um cabo, e um pau roliço atravessado a meio por dois buracos abertos nas paredes laterais.

---

1 *in* Portugalia, I, p. 87.

2 *ib.* p. 83.

Vem figurado no jornal O SECULO, de 10 de junho de 1901, juntamente com outras alfaias usadas na lavra do sal.

bomboteiro

Esta palavra, usada no Funchal, é o aportuguesamento, com o suficso *-eiro* do vocábulo inglês *bumboat*:—«Logo que fundeou o «Donne-Castle», foi rodeado por grande quantidade de barcos, conduzindo bomboteiros. Dá-se este nome aos homens que se empregam na venda, a bordo, dos productos da ilha, entre os quaes aguardente e vinho»—[1].

bondoso, bondadoso

Bondoso significa o que tem *bondade*, e também existe o adjectivo *bondadoso*, de que o primeiro é forma simplificada [2].

Não são poucos estes casos de haplolojia em português, e exemplos análogos temos em *saudoso* por *saudadoso*, de *saudade*, *caridoso* por *caridadoso*, de *caridade*, *cuidoso*, por *cuidadoso* de *cuidado*, sendo a segunda forma do adjectivo a mais usual hoje; mas que o não era no tempo de Camões depreende-se do emprêgo que fez de *cuidosos*:

> Do foturo castigo não cuidosos [3].

Outro caso de haplolojia com polissíntese é, por exemplo, *fidalgo*, por *filho de algo*.

Para evitar a haplolojia, ou simplificação dos vocábulos mediante supressão de uma sílaba, quando duas sílabas consecuti-

---

[1] O SECULO, de 2 de março de 1900.

[2] J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 272.

[3] OS LUSÍADAS, III, p. 132.

vas começam pelos mesmos elementos consonánticos, muda-se a meúdo a vogal surda da primeira delas, em outra mais distinta; assim temos: *didal,* por *dedal* ¦ *dedo,* se não de digitale, pois dizemos *dedeira,* sem haplolojia; *jijum,* e *jajum,* por *jejum; pipino,* por *pepino,* etc.

Haplolojia notável é a que simplificou antigamente *considerar* em *consirar,* que vemos, por exemplo, em Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v (cap. ii). O povo, ainda hoje, porque o verbo nas formas arrizotónicas, como o infinito, tem um *e* escrito, que se não lê, pois pronunciamos *considrar,* e não, *considerar,* conjuga-o nas rizotónicas sem esse *e,* dizendo *considro,* por *considéro,* assimilando-o a *vidro,* de *vidrar,* que não é *vidéro.*

bonideco

Esta expressão adverbial, usada nos Açôres no sentido em que empregamos *de boa vontade,* ou em francês *volontiers,* tem orijem erudita: é o latim bono et aequo, com supressão do *o* do primeiro vocábulo.

bonzo

É vocábulo japonês, e como tal sempre foi considerado, havendo sido introduzido na Europa pelos portugueses. É freqùente nos nossos escritores, quando se referem à China, Japão, Aname, Siame, Camboja, a toda a parte da Ásia onde impera, como relijião dominante, o budismo, mais ou menos adulterado.—«Depois da morte de seu pai foram os bonzos que assistiram ao pagode»—[1].

Os nossos dicionários e os alheios dão como étimo a esta voz peregrina a forma japonesa *bozu;* mas a verdadeira escrita seria

---

[1] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894.

então *bôuzu,* dando-se ao *ou* o valor que tem em português. Não é desta forma, porém, que o vocábulo foi tirado, mas sim de outra dialectal, *bónzu,* o que explica a vogal que adquiriu em português.

É freqüente esta adjunção de *n* às consoantes sonoras entre vogais, em certos dialectos da língua do Japão, e assim se motivam as escritas portuguesas *Nangassáqui, Cangoximá,* etc.

O mesmo aconteceu ao vocábulo *biombo,* em japonês *biôbu,* ou *biómbu.*

boqueirão

O Nôvo Diccionário rejista êste substantivo como nome de um peixe, cuja vivenda é no Algarve e nos Açôres.

Todavia, no jornal O Economista, de 14 de setembro de 1888, citando o Campeão das Provincias, de Aveiro, lêmos:—«No mercado não ha positivamente nada. Um pouco de boqueirão que restava das últimas pescas, vendeu-se logo que aqui chegou a 700 réis o milheiro»—.

Parece portanto que se encontra em outras águas mais ao norte.

Em castelhano há *boquerón,* que o Dicionário da Academia descreve do seguinte modo:—«Pez del orden de los malacopterigios abdominales, muy comun en el Mediterráneo, de unos ocho centímetros de longitud, cuerpo largo [«comprido»] y comprimido, verdoso por el lomo («lombo») y plateado en lo demás, y boca que se prolonga hasta detrás de los ojos»—. Parece ser êste último característico o que lhe deu o nome. Ignoro se o peixe que em português se chama *boqueirão* é êste mesmo.

bôrco (pl. bórcos); emborcar

Tanto no Diccionario Contemporaneo, como no Nôvo Diccionário dá-se êste vocábulo por sómente usado na locução adverbial *de bôrco,* o que inspirou a Júlio Cornu a etimolojia de porco, bastante singular e inverosímil. No Suplemento ao

Nôvo Dicc. relaciona-se *borco* com *bolcar,* dado no corpo do dicionário como vocábulo transmontano, com o significado de—«fazer cair, voltando»—. *Bôrco,* porém, existe como substantivo independente.

No meu trabalho sôbre o falar bragançano, inserto no I volume da Revista Lusitana, a páj. 212 [1], incluído no vocabulário transmontano que ali publiquei, rejistei o verbo *embolcar,* comparando-o com o castelhano *volcar,* «tombar» um carro, por exemplo, e o português comum *emborcar,* subordinando-os todos ao latim *inuoluicare,* de uoluere. Ainda mantenho a mesma opinião, que é confirmada pelo substantivo *bôrco,* «tombo» empregado no seguinte trecho:—«[cambalhota] de cima para baixo, aos bórcos como cobras»—[2].

bordão

Esta palavra, na acepção de modo-de-dizer que se repete a meúdo, tornando-se habitual, e a bem dizer inconsciente, o que em castelhano, com a mesma relação figurada, se diz *muletilla,* é já antiga em português, pois a vemos empregada neste sentido por António Francisco Cardim nas Batalhas da Companhia de Jesus [3]:—«o bordão com que se defendem nas respostas é dizer que assim está nos seus livros»—.

bornudo

—«Ave de formosas pennas»—[4]. Difícil definição para se poder identificar, pois tanto poderia ser um pavão, como um canário; em todo o caso, a ave, descrita com tanta parcimónia, é da África Oriental Portuguesa.

---

1 1887-1889.

2 Marcelino de Mesquita, O Tio Pedro.

3 Lisboa, 1894, p. 259.

4 Diocleciano Fernández das Neves, Itinerario de uma viagem á caça dos elephantes, Lisboa, 1878, p. 58.

borracheiro

Êste vocábulo está definido no Nôvo Diccionário como significando: — «fabricante ou vendedôr de borrachas» —.

Tem, porém, outro sentido, que não está rejistado: é «o indivíduo de Rio-Maior que daquela povoação conduz vinho para Alcobaça», naturalmente em odres, ou borrachas. Assim me informou uma criada natural daquela freguesia.

Que o mesmo nome se dá na Ilha da Madeira aos trabalhadores ocupados em análogo mester prova-se com um bilhete postal ilustrado, o n.º 111 da colecção B. P., o qual representa uma dúzia de homens, com borrachões ao ombro, junto ao casal, em cuja parede exterior estão enfileirados alguns cascos, com um dos tampos virado para essa parede e o outro para os homens: a lejenda diz: — «MADEIRA BORRACHEIROS» —.

Há porém uma diferença entre os *borracheiros* do Riba-Tejo e os da Madeira: é que estes transportam em borrachões o mosto, dos lagares para as adegas, entanto que os outros, em iguais vasilhas, conduzem o vinho já feito, como fica dito.

bostear; bosteiro

O Nôvo Dicc. rejista êste verbo, como sinónimo de «embostar», derivado de *bosta*.

Na Índia portuguesa, conforme informação do capitão-de-mar-e-guerra Júlio Elesbão Pereira Sampaio, que ali serviu por muito tempo, *bostear* significa: — «revestir de bosta as paredes» —.

O Nôvo Diccionário define o vocábulo *bosteiro* do modo seguinte: — «escaravelho que vive na bosta» —.

O Contemporaneo contentara-se com dar o vocábulo, cuja orijem é evidente, como sinónimo de *escaravelho,* e creio que teve razão. Com efeito, na Gazeta das Aldeias, de 24 de setembro de 1905, lê-se: — «O escaravêlho, como a maioria das espécies do gênero, sustenta-se dos dejectos dos herbívoros, prin-

cipalmente da bosta dos bois e dos cavallos. Dahi lhe veio o nome popular de *bosteiros,* por que a gente das aldeias mais usualmente os conhece» —. Vê-se, portanto, que não é nome de qualquer espécie diferente, mas sim alcunha que lhe foi posta em razão dos seus hábitos. Nem êle vive na bosta, o que lhe traria existéncia muito precária; se a busca, é para alimento, e não para fazer nela vivenda.

A mesma útil publicação acrescenta: — «Julgou-se durante muito tempo que o escaravêlho preparava esta bola [que forma da bosta] pâra nella depôr os ovos, mas está recentemente provado que ella é única e exclusivamente destinada á alimentação do insecto» —.

Como a Gazeta das Aldeias segue à risca o sistema de acentuação e quási pontualmente o ortográfico adoptado no Nôvo Dicc., ao leitor do centro do reino depara-se por vezes indicação de pronunciações que lhe são estranhas, e nas linhas que transcrevi há duas dessas: a primeira que, conquanto diversa da que é corrente em Lisboa, é menos singular, *escaravêlho,* que na capital se pronuncia *escaravâlho;* e a outra, mais inesperada, *gênero,* que em todo o litoral no sul, desde o extremo Algarve até Figueira da Foz, pelo menos, se profere *género,* com *e* aberto na sílaba predominante, que é a primeira.

Entendo ser defeituoso êste sistema de uma parte do reino impôr pela escrita as suas pronunciações locais ao resto das províncias, mormente à capital, que decerto as não seguirá. É em razão disto que eu, apesar de adoptar um sistema rigoroso de acentuação gráfica, marco sempre com o sinal geral do acento tónico, o agudo (′), as vogais *a, e, o* antes de consoante nasal, por o seu valor variar muito de uns para outros pontos, e não com o circunflecso, que particular e únicamente serve para indicar, em caso de necessidade, o *e* e o *o* que são proferidos como fechados em toda a parte [1].

---

[1] *V.* sôbre êste assunto Ortografia Nacional, do autor, Lisboa, 1904, p. 179-181.

bota-d'água

Êste calçado, apropriado a resistir à agua, especialmente nas passajens a vau, está já designado com êste nome no Suplemento à Collecção de legislação portugueza, referente aos anos de 1750-1762, em um aviso de 23 de outubro de 1753: — «se dê aos Regimentos de Dragões do seu Exercito botas de agoa» —.

bouça

Esta palavra, formalmente, parece provir de baltea, plural neutro do adjectivo balteus, baltea, balteum, substantivado, que em latim significa «o que cinje», e do qual o Magnum Lexicon de José António Ramalho [1] nos diz ser mais usado como substantivo no plural. É definida no Dicc. Contemporaneo, como termo minhoto, com a significação de — «terreno onde se cria matto para adubo, por não ser proprio para cultura» —. Mas na monografia de Alberto Sampaio As villas do norte de Portugal, [2] lêmos o seguinte: — «as bouças *(bauzas, bustelos)* que forneciam o matto para a cama dos animaes, e a lenha» —: donde se deduz que a acepção é mais lata.

braga, bragal

O primeiro dêstes vocábulos, do latim braca, e mais trivialmente bracae no plural, como acontece entre nós também com objectos geminados, de que se faz uso, por ex.: *calças, óculos, brincos, çapatos,* etc., não designa em português, como na língua de onde provém, «calças compridas, até os pés», mas calçotas

[1] Lisboa, 1819.
[2] *in* Portugalia, I, p. 324.

curtas, ainda mais que os calções, como as que usam os serradores de madeira. Designa também, no singular, a argola de ferro ou grilheta onde prendia a cadeia de ferro dos condenados a trabalhos públicos, e que se via freqùentemente há cinqùenta anos em Lisboa nos calceteiros, quando o ofício dêstes era desempenhado por bandos de galeotes, acorrentados a dois e dois, e que se denominavam também *grilhetas*. V. **calceta.**

Alberto Sampaio, na excelente monografia As Villas do Norte de Portugal [1], refere-se dêste modo aos dois vocábulos da epígrafe:—«A terminologia [da cultura, cura, fiação e tecedura do linho no norte de Portugal] tem a mesma procedencia [romana]; assim bragal, designando tanto a roupa branca como o pano que lhe é destinado, e braga, bragas (de *braca,* palavra gallo-latina), massar *(massare,* esmagar as hastes do linho), estopa *(stuppa),* tomentos *(tomentum),* espadella (diminutivo de *spatha),* espadar ou espadelar (bater com a spatha ou espadella), estriga *(striga),* fuso *(fusus),* maunça ou mainça *(manuncia* pl. de *manuntium,* ou de *manicia,* pl. de *manicium),* e roca (rukka, got., em esp. *rueca,* em ital. *rocca)*—todos estes termos provêm do latim, excepto o ultimo, cuja origem germanica nas tres linguas é singular»—.

No Elucidario de Santa Rosa de Viterbo vem um longo discurso sôbre o termo *bragal;* nem aí, porém, nem em nenhum outro dicionário vejo apontada uma acepção especial que tem esta palavra, e é o «pano com que se cobre a farinha depois de amassada»—[2].

breca

O significado dêste vocábulo é *cãibra,* e a êle se devem subordinar as várias locuções compendiadas no Suplemento ao Nôvo Diccionário: *levado da breca* «travêsso»; *foi-se com a*

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 317.

[2] Revista Lusitana, t. VI, p. 126.

breca, «foi-se espantado»; *faz cousas da breca,* «faz cousas diabólicas», «como se estivesse atacado de cãibras».

brejo, brejeiro *(=brèjeiro)*

O étimo do primeiro dêstes vocábulos é desconhecido, pois o mais plausível, em grego BRAGÓS, «paul», oferece grandes dificuldades fonéticas e mesmo históricas, para de leve poder aceitar-se.

De *brejo* parece provir *brejeiro,* com *è* aberto átono na primeira sílaba, isto é, sem enfraquecer o *é* do radical, o que aliás sucede quási sempre antes de consoante palatal, quando o *e* é aberto: cf. *frècheiro,* de *frécha, sèjeiro,* de *séje, vèlhice* de *vélho;* e nem obsta a esta lei *envejoso,* de *envéja,* pois o *e* antigamente era fechado, como procedente do *ĭ* de inuidia, e o ser aberto provém de se haver tomado como substantivo verbal.

Não me ocorre em que dicionário português se explicava *brejeiro* como derivado de *brejo,*—«porque nos brejos se fazem cousas brejeiras»—.

Êste adjectivo significa «obsceno», e «ordinário», e neste sentido se empregava para denominar certos cigarros do antigo Contrato de tabacos, anterior a 1864, feitos com péssimo e fétido rôlo picado, escorrendo melaço, e com as mortalhas de ruim papel, manchado de nódoas alambreadas, do reçumar da humidade do tabaco: custavam a três 5 réis. Parece que ainda hoje assim se denominam os cigarros piores, comprados já feitos, como se depreende do seguinte passo, primor de observação rigorosa:—«ar jingão e andar de fadista, cigarro *brejeiro* sempre ao canto da bocca, cuspindo a meudo por entre os dentes»—[1].

---

[1] O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

brelho

O latim imbrex, imbrĭcis, que provém de imber, imbris «aguaceiro», e significa «telha» (⌊ tegŭla), está provávelmente representado em francês pela palavra *brique,* e em italiano por *bricca,* «barranco por onde a água se despenha», e que num sentido especial foi talvez o étimo imediato do termo francês. Em português temos no Minho um vocábulo, não derivado directamente do imbricem, mas do deminutivo imbriculum: é *brelho,* «(fragmento de) tejôlo», colijido por J. Leite de Vasconcelos, que lhe atribui, com razão, esta etimolojia [1].

Vocábulos modernos da mesma orijem são *imbricar, imbricado* ⌊ imbricare. Outra etimolojia proposta para o francês *brique* é o inglês *brick* ⌊ *break* «quebrar».

brendò

Na Beira-Baixa denomina-se assim uma espécie de garfo, de quatro a seis dentes, fabricado de madeira pelo carpinteiro, em oposição a *tomadeira (q. v.)* [2].

brinco, brincar

Ou *brincar* provenha de *springan,* no sentido de «pular», e de *bli(n)kan,* no de «gracejar, entreter-se», sendo portanto formas converjentes; ou proceda de um só dêstes verbos germânicos, sendo a segunda acepção desenvolvimento da primeira; ou ainda, o substantivo *brinco* significando «pinjente» seja o latim uinc(u)lum, independente portanto de *brinco,* substantivo ver-

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 207.

[2] Informação do editor, natural de Almeida.

bal rizotónico do verbo *brincar:* o que é certo é que êste em português adquiriu significados em que o seu correspondente castelhano *brincar,* «pular», o não seguiu, pois na segunda acepção se diz ali *jugar, juguetear.*

Entre o povo, no continente, o verbo *brincar* era usual no sentido de «bailar», e ainda hoje não perdeu de todo essa acepção, que vemos exemplificada na seguinte quadra, vulgar há cinqùenta anos:

> — Ó menina das laranjas,
> ¿Você que dá e que tem?
> Você está tam coradinha,
> Você brincou com alguém.

Êste significado conserva o substantivo verbal na Índia portuguesa, em Goa pelo menos, como se lê no seguinte trecho de uma correspondéncia de lá, publicada no jornal O Seculo, de 26 de julho de 1902: — «Danças chamadas *brincos,* populares, de christãos brahamenes *[sic],* moiros e outros gentios, com suas musicas caracteristicas» —.

O mesmo substantivo, que também significa «brinquedo de criança», foi por António Francisco Cardim empregado num sentido muito especial, o de «galantarias», «bujigangas», correspondente ao francês *bibelots,* e que o traduz perfeitamente: — «Era fôrça ir o padre ao paço beijar a mão ao principe pela mercê, e apresentar-lhe agradecido alguns brincos da Europa e China» —[1].

Brincos da China é também expressão de que já se servira Fernám Méndez Pinto, no mesmo sentido de «galantarias»: — «o embaixador comprou muitas peças ricas» e brincos da China que aquy se vendião muyto baratos, em que entrou grande quantidade de almizcre, porcellanas finas, seda, retrós, e pelles de arminhos» —[2].

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 145.
[2] Peregrinação, cap. CLXVI.

(de) bruços

Êste modo adverbial, cuja significação é «de peito para baixo», «estendido com o rosto para o chão», e à qual corresponde o castelhano *de bruces,* é explicada imperfeitamente por *buz,* com fundamento em que os dicionários castelhanos consignam também a variante de *buces,* que suponho não ser lejítima. Com respeito ao *buz* com o qual o relacionam, pode ver-se o Diccionario manual etymologico de F. Adolfo Coelho, o qual resume a argumentação de Diez, que aqui não repito, por me parecer de pequeníssimo pêso.

A expressão parece não ser antiga em português, visto que Bluteau a não incluíu [1]. Partindo desta omissão, suponho que a locução, muito trivial hoje, e da qual se derivou o verbo *debruçar-se,* proveio de Espanha, por intermédio do castelhano, o qual, todavia, não derivou verbo da sua expressão *de bruces,* como aconteceu em português com *debruçar*.

A orijem dêste modo adverbial parece-me ser o vasconço *buruz* (pronunciado *burúç),* caso modal de *buru,* «cabeça». É certo que o Dicionário vasconço-francês de Van Eys [2] só dá a êste caso modal *buruz* a significação «de cor», «de cabeça», como também dizemos; é possível, porém, que, assim como por meio do mesmo suficso *-ez,* de *oñ,* ou *oin,* «pé», se forma *oñez, oinez,* «a pé», a forma *buruz,* significasse «de cabeça [para baixo]», e que dessa acepção restrita, em qualquer parte das Vascongadas o caso modal indicado viesse a significar também «de cara para baixo».

É isto uma simples hipótese, que me parece mais aceitável do que a proposta por Diez, e por isso aqui a rejisto, para fundamento de mais rigorosa investigação.

---

1 Vocabulario portuguez latino.

2 Dictionnaire basque-français, Paris, 1873, *sub voc.* **buru.**

bruxa, bruxo; bruxulear

Instintivamente se faz a aprossimação dos dois primeiros vocábulos com o terceiro. Até agora, porém, as investigações etimolójicas levam-nos a considerá-los distintos. Dá-se como étimo mais verosímil do *bruxulear,* português e castelhano antigo, *brujulear,* (pron. *bruyulear)* castelhano moderno, em última análise um verbo latino *perustulare,* que seria orijem também do italiano *brustolare, bruciare* e *brusciare,* os quáis, como o francês antigo *brusler,* e o moderno *brûler,* significam «queimar», e «arder».

Não mencionarei aqui outras hipóteses, a não ser a título de curiosidade, e por ser de quem é, a de João Storm, a qual consiste em admitir a influência do germánico *brunst,* «queima», derivado de *brennen,* «queimar», num latim *bustiare* | bustum, «fogueira» (cf. comburere, «queimar»), de que resultaria uma forma nova no latim popular *brustulare, brustiare,* de que se derivariam as formas italianas e a francesa.

Se algumas conjecturas mais ou menos plausíveis se teem feito acêrca da etimolojia de *bruxulear,* nenhuma se apresentou ainda de *bruxa,* que apresente probabilidade; não serei eu de certo quem tente nem mesmo descerrar o véu que encobre a orijem dêste interessante e tam popular vocábulo, porque me faltam absolutamente investigações que ofereça ao leitor como abono de opinião minha.

Chamarei apenas a atenção para os seguintes factos. O fenómeno denominado *fogo fátuo* não tem nome vulgar conhecido em todo o país, e sómente em alguns pontos dêle me consta lhe chamam *alminhas,* porque em geral é freqüente nos cemitérios a sua aparição. Outro tanto acontece em Espanha.

Ora não é crível que tam visível fenómeno ficasse sem nome, até que os especialistas lhe pusessem a alcunha que agora tem, desconhecida do povo meúdo porém, e que é um arremêdo alatinado da expressão francesa *feu-follet.* A minha conjectura é que existe em *bruxa* e *bruxulear* íntima conecsão; e, signifi-

cando o verbo *bruxulear,* «lampejar», dar clarões incertos e de intensidade variável, êle seja derivado de *bruxa,* tendo esta palavra sido, em qualquer tempo ou lugar, tanto em Espanha como em Portugal, a designação popular do fenómeno.

Parece-me que neste sentido se devem nortear as investigações que se façam para descortinar o étimo do vocábulo *bruxa,* considerando-se *bruxulear* um derivado romanico-peninsular dêsse vocábulo.

Como subsídio para essa investigação apresento aqui um texto extraído de obra antiga de muito interêsse, e que serve de amparo à minha hipótese.—«Por conclusion noto aqui, que aquella vision nocturna que en algunos Paises llaman *Hueste,* y quieren que sea procesion de brujas, es mera fabula, a que dieron ocasion las exalaciones encendidas, que los Fisicos llamam *Fuegos fatuos.* El vulgo, viendo aquellas luces y no pudiendo creer que fuese cosa natural, la atribuyó á la operacion diabolica»—[1].

A *hueste,* «hoste», a que o autor aqui se refere, é a *Estantiga,* em castelhano *Estantigua,* a procissão de mortos da superstição medieval, *das wütende Heer,* acêrca da qual se lerá com muito proveito o que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreveu no vol. III da Revista Lusitana, e onde deixou perfeitamente averiguada a etimolojia do vocábulo, *hueste antigua.*

É sabido que no Brasil se chama ao fogo-fátuo *caipora,* termo tupi *(Cahapora),* que também designa o deus das selvas, protector dos animais silvestres, hostil ao caçador, a cuja manifestação os índios bravos atribuem o dito fenómeno, conforme todas as probabilidades.

Concluirei com uma observação justa. Pondera-me em carta o snr. Acácio de Paiva que é talvez temerária a suposição de que *bruxa* algures no reino se aplique ao *fôgo fátuo,* visto que

---

[1] Theatro Critico Universal. Discursos varios en todo genero de materias para desengaño de errores comunes, escrito por el M. I. S. D. Fr. Benito Geronimo Feijoo Montenegro, t. II, 66, p. 196, MDCCXLV.

em parte nenhuma o vocábulo designa *alma-do-outro-mundo,* sendo certo que na opinião do vulgo o poder ou condão fatal da bruxa lhe provém do diabo, e que ela é sempre criatura viva e maléfica.

bubela

Por êste nome se designa em Trás-os-Montes a *poupa,* como se vê do trecho seguinte:— «Outra [tradição], a da *bubela* (poupa) disfarçada milagrosamente em Nossa Senhora» —[1].

Incluí, no vocabulário transmontano que publiquei no I volume da «Revista Lusitana» [2] o mesmo vocábulo, e para aqui transcrevo a sucinta observação que ali lhe consagrei:— «*bubela,* poupa (ave): latim *upūpella,* deminutivo de *upūpa* pela queda do *u* [inicial] e abrandamento de *p* em *b:* cf. port. *bispo,* castelhano *obispo;* port. *baço,* catalão *ubach,* opacĭum, opacum. Em galego é também *bubela,* em mirandês *boubela,* em castelhano *abubilla,* havendo-se dado igual abrandamento de *p* em ambas as sílabas, como se deu no italiano *bubbola,* que perdeu a vogal inicial. Tanto a forma portuguesa, como a mirandesa e as dialectais italianas *poppa, popo* fazem pressupor uma forma latina *uppupa*»—. Depois, em nota acrescentava:— «O dr. Hugo Schuchardt [3] admite upŭpa, que não explicaria o ditongo *ou,* nem a reduplicação da consoante ou o *o,* dialectais italianos»—.

bucho, bucha

Êste vocábulo no sentido de «estómago», como no de «músculo da coxa e do braço», provém do latim musculum, que já

---

[1] Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DE MÓFREITA, *in* «Revista de Educação e Ensino», 1891, p. 544.

[2] FALAR DE RIO-FRIO, p. 205.

[3] LITTERATURBLATT FÜR GERMANISCHE UND ROMANISCHE PHILOLOGIE, 1883, 3.

tinha o sentido expresso na segunda acepção, conquanto a primitiva significação fosse «ratinho», como deminutivo de mus, «rato». Em castelhano à acepção de «músculo» corresponde *muslo,* e à de estómago *buche,* ambos os quais teem a mesma orijem latina, sendo formas diverjentes naquele idioma.

O Suplemento ao Nôvo Diccionário aduz também uma forma femenina, *bucha,* que escreve *buxa,* abonando-se com Camilo Castelo Branco; mas esta escrita é evidentemente errónea.

buço, embuçar, boçal, rebuçado

No Nôvo Diccionário atribui-se, em dúvida, como étimo a êste verbo, o substantivo *buço.* D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos opina por êste étimo, cuja orijem seria o latim bucceus, adjectivo postulado, me parece, por buccea, «bocado» ⟨ bucca. Conforme a douta romanista, *embuçar-se* quererá dizer—«cobrir a metade inferior do rosto até ao buço com capa ou capote»—. Em confirmação dêste modo de ver aduz a mesma escritora as formas castelhanas agora escritas *bozo, embozo, rebozo* e seus derivados, e de *buço* deriva *buçal (boçal).* Assim será, conquanto a forma portuguesa com *u* por *ŭ* latino seja um óbice importante, por existir o vocábulo *boca,* no qual dêsse *ŭ* resultou *ô* normalmente. Por outra parte, parece-me violenta a metáfora, que atribuiria ao particípio de *rebuçar* o significado que tem o substantivo *rebuçado.* Em todo o caso é enjenhosa a hipótese, e oferece bastantes probabilidades, visto não ser admissível que *buço,* português, tenha orijem diferente de *bozo* castelhano, o que pressupõe igual parentesco nos competentes derivados.

bufarinha, bufarinheiro

O primeiro dêstes termos é definido por Cándido de Figueiredo, no Nôvo Diccionário, como significando—«cosméticos de pouco valor; bugiganga; quinquilharias»—; e o segundo como —«vendedor de bufarinhas»—.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [1] dá como primitivo *bufarias,* de que proviria *bufarinha,* como de *escrevania, escrevaninha,* de *endemoniado, endemoninhado.*

A esta conjectura há apenas a opor que nos dois vocábulos aduzidos como termos de comparação a nasal *nh* foi ali atraída pela nasal da sílaba anterior, e prevaleceu a palatal *nh* e não a ginjival *n,* em virtude do *i,* que é vogal palatal; assim se explica que uinum desse *vĩo* e depois *vinho,* ao passo que de unam proveio *ũa* e depois *uma,* por ser o *u* labial. Ora, não se deu a primeira dessas condições, para que de *bufarias* resultasse *bufarinhas,* e conseguintemente é duvidoso que o vocábulo português *bufarinheiro* seja o correspondente formal do castelhano *buhonero,* que com êle condiz na significação; e portanto o étimo proposto está lonje de demonstrado, apesar de ser tam tentador, que já occorrera a Bluteau, que se expressa dêste modo:—«*Bofarinheiro.* Deriva-se do Castelhano *Buhonero,* e êste de *Bufonero,* porque segundo Cobarruvias vẽ de hũs toucados, que em Castella se chamam *Bufos,* e por outro nome *Papos.* O Bofarinheiro leva a sua tenda ás costas em huma arquinha, chea de varias meudezas, como são fitas, pentens, estojos, etc... Segundo o adagio, Cada *bofarinheiro* louva os seus alfinetes»—[2]. O étimo extremo seria o latim bufo, do qual também procede *bufão.*

Por tudo isto se vê que a definição do Nôvo Diccionário é inexacta, por muito restrita.

Quando eu era criança pequena, aí por 1847, percorria as ruas de Lisboa um bufarinheiro, com a competente *arquinha* ou tabuleiro de tampa de vidro, que num pregão cantado, com muitas variações, mas sempre as mesmas, anunciava a mercancia numa lenga-lenga extensíssima, a qual começava assim: «Pentes de tartaruga, travessinhas; pentes da moda bonitos para as senhoras; etc...»; findando sempre dêste modo: «Va lá leques, leques para as senhoras!».

---

[1] *in* Revista Lusitana, III, p. 135.

[2] Vocabulario portuguez latino.

bufo

Esta palavra, que designa uma ave nocturna, foi transferida metafóricamente para indicar um indivíduo da polícia secreta, do mesmo modo que nos tempos de D. Miguel os esbirros da ronda nocturna se chamavam *morcegos*. O termo *bufo*, neste sentido, está abonado no seguinte trecho:—«Tinham sido os dois bufos... que me tinham mandado prender»—[1].

bul; bule

Como vocábulo de jíria torpe, com a significação do latim anus, é o caló *bul*, que quere dizer isso mesmo; cf. *chaleira*, no mesmo sentido obsceno.

Como peça do aparelho em que se serve o *chá* (*q. v.*), o vocábulo *bule* é malaio. Pódem perfeitamente diferençar-se os dois termos, escrevendo aquele sem o *e* final, e formando-lhe o plural, conforme a regra geral, *buis*.

buliceira

Nos arredores de Lisboa quere dizer «chuva meúda». O termo foi colhido da tradição oral pelo snr. Martinho Brederode. É a chuva, como que peneirada, a que chamamos *moinha*.

burel

Como o seguinte trecho é definição perfeita da significação dêste vocábulo, para aqui o transcrevo:—A lã no districto [de

---

[1] O Seculo, de 23 de abril de 1902.

Viana] é própria para o burel, que antes de ser submettido á fula é um tecido de lã simples, raro a ponto de se contarem facilmente os fios, por entre os quaes se vê o dia»—[1].

burra

Em Leiria: «saliéncia de terra fora do limite de uma propriedade» [2].

burro, burrinho

O Nôvo Diccionário, o mais copioso que existe em português, dá o vocábulo *burro* em nada menos de dezasseis acepções diversas, incluindo-se as que foram acrescentadas no Suplemento. Aqui apresento mais uma, que se deduz do seguinte trecho:—«Perto da chaminé estão os *burros* (bancos rusticos de pernadas de azinheira)»—[3].

O deminutivo *burrinho* é usado no norte para designar uma «frijideira de barro com cabo».

É sabido que os nomes de animais são a meúdo transferidos para objectos nos quais se supõe haver dêles aparéncia; tais são: *cachorro, macaco, bujio, machos, cegonha, cão* (de espingarda), *gatilho, cavalo* (na vinha), *burra; bordão* { burdonem, «mulo».

Exemplo disso já o vimos na inscrição anterior.

bus: v. **chus**

---

[1] Portugalia, I, p. 377.

[2] Informação do Snr. Acácio de Paiva, dali natural.

[3] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 542.

butaca

No Relatorio official de João de Azevedo Coutinho, acêrca da campanha do Barué em 1902 [1], encontra-se êste vocábulo, que parece ser africano: — «A entrada de Manuel de Sousa para a *butaca*» —, e em nota explica-se: — «butaca, throno» —.

É singular a exacta conformidade desta palavra com a castelhana *butaca*, assim definida no Dicionárío da Academia Espanhola, sem se lhe apresentar etimolojia: — «Sillón de brazos, almohadillado, entapizado, cómodo y comunmente con el respaldo echado hacia atrás» —.

Só se o vocábulo foi de Espanha para a África com os *herreros*, nome com que os nossos jornalistas teimam em alcunhar os *hererós (q. v.)*.

búzio

Êste vocábulo, que provém do latim buccinum, designa, como se sabe, uma concha univalva, que em muitas partes da África serve de moeda.

Em Ajudá 1 búzio valia 0,15 real, e 2:000 búzios denominavam-se *um pêso de búzios* [2], perfazendo 6:000 búzios 1$000 réis.

Os búzios na Índia denominam-se *caurins, (q. v.)*.

Búzio, na acepção de «mergulhador» parece ser outro vocábulo, e em castelhano diz-se *buzo*, de orijem desconhecida.

cabaça, cabação, cabacinha, cabaço

A orijem dêstes vocábulos é ignorada: sabe-se apenas que em castelhano tem o primeiro uma sílaba a mais, *calabaza*, o

---

[1] Jornal das Colonias, de 9 de julho de 1904.

[2] Carlos Eujénio Correia da Silva, Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista d'Ajudá em 1865, Lisboa, 1866.

que nos levaria a crer que a antiga pronúncia portuguesa fosse *càbáça* (cf. *fagueiro* e *fàgueiro,* castelhano *halagüeño, afagar,* cast. *halagar).*

Na Chamusca, e naturalmente em todo o Riba-Tejo, o aumentativo *cabação,* plural *cabações,* designa «pimento grande», em oposição a *cornicho,* que quere dizer «pimento pequeno», e é comparável ao francês *cornichon,* o qual denota uma espécie de pepino pequeno, e como o termo português se deriva de *corne, corno,* de que são formas deminutivas.

Cabaço, em Caminha e outras partes do Minho, é uma medida de 12 litros, equivalendo portanto ao antigo *alqueire.*

Cabaço, no sentido de «virjindade», é o vocábulo quimbundo *cabásu,* deminutivo de *quibásu,* «pedaço, talhada, lasca», e é usado em Angola com a mesma significação, que de lá passou para português, na linguajem de indivíduos que ali o aprenderam: *(cu)basa* quere dizer «raxar».

Cabacinhas (de cheiro) eram há uns cinqùenta anos, em Lisboa, umas cápsulas de cera, feitas em fôrma, imitando várias frutas, cheias de água aromatizada, e com as quais se jogava o entrudo nas salas entre gente fina, arremessando-as; quebrando-se elas com o embate, derramavam o conteúdo na cara, ou no fato de quem levava com elas.

Era um brinquedo engraçado e inofensivo, que ao depois foi substituído por projécteis muito mais grosseiros, como ovos de gema, ou cheios de farinha ou pós, e outros arremessos não menos abrutados.

No Alentejo *levar cabaço* significa ser rejeitado em pretensões de namôro. É modo-de-dizer castelhano, *llevar calabazas.*

cabana, cabanela, cabanal, cabanão, cabaninha

O primeiro dêstes vocábulos é o latim vulgar *capanna,* e está muito difundido em todas as línguas románicas, com excepção do romeno, havendo dado orijem a muitas formas derivadas por suficsos.

Eis aqui algumas definições e abonações da palavra *cabana,* extratadas de várias monografias de muito interêsse publicadas na revista Portugalia.—«No Alentejo o termo de cabana é um nome generico que se aplica indistintamente a todos os casarões toscos e espaçosos que se adaptam a quaesquer usos»—[1].

—«CABANAS. Por este nome designam-se as seguintes differentes accommodações: a loja dos carpinteiros de carros e arados, o deposito de madeiras, as arrecadações de vehiculos e ucharia de lavoira, as arribanas para gados, etc., etc.»—[2].

—«Cabanas no onomastico locativo portuguez é ainda a denominação de algumas freguesias e aldeias que... tiveram a sua origem em barracas de tabuado»—[3].

—«Cabanelas, Cabaninhas e Cabanões formam uma toponymia de similar procedencia»—[4].

Cabanal em Trás-os-Montes significa «alpendre», como vemos do trecho seguinte:—«disse zangado a seguinte praga uma noite no cabanal (alpendre).—Oxalá se afundasse este lameiro»—[5].

Cabano, cabanilho, cabaneiro, designando várias formas de cêstos, são com *cabana* apenas aparentados por afinidade, e sôbre os dois primeiros veja-se neste livro a palavra **côvo**.

cabeça, cabeceira, cabeçalha, cabeçalho, cabecilha, cabecinha

Tem muitíssimas acepções o primeiro vocábulo, do latim vulgar *capitia,* plural neutro de *capitium,* tomado como feminino, o que é freqùentíssimo nas línguas románicas, e deriva-se de caput, capitis, «cabeça».

---

[1] [2] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, p. 544.

[3] [4] Rocha Peixoto, HABITAÇÃO, p. 84.

[5] M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de Educação e Ensino», 1891.

Entre outras acepções assinalarei aqui algumas mais especiais, e raras vezes indicadas em dicionários.

Cabeça: «quem manda», correspondente ao francês *chef:*—«A principal igreja que visitei naquellas provincias [do reino de Aname] foi a de um christão, cabeça de aldeia, chamado Paulo»—[1].

Ainda hoje se diz *cabeça de motim,* locução muito usual.

Neste sentido usam os espanhois *cabecilla,* que por imitação deu o português *cabecilha,* castelhanismo, pois o suficso deminutivo *-ilho, -ilha,* não é português.

Cabeça é usado com a significação de peça de gado, *rês,* sendo êste último a palavra árabe RAS, «cabeça», empregada nessa língua com o mesmo significado, que também passou ao castelhano *res,* mas igualmente designa «*o cabeça de tribo*».

No sentido de *rês,* com referéncia a gado suíno, é mais usual no Alentejo o termo *cabeça:*—«A avaliação dos montados faz-se por cabeças, quer dizer pelo numero de porcos adultos, que engorda a bolota em cada anno»—[2].

Outro sentido especial do vocábulo *cabeça,* acompanhado de uma locução adjectiva, é *cabeça-de-pau,* para designar os indivíduos que teem lojas de móveis usados:—«as casas dos *cabeças de pau,* nome de giria por que são conhecidos os negociantes de *tarecos*»—[3].

Com a mesma significação de *cabeça,* «principal», usou-se também *cabeceira,* como vemos em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V (cap. X):—«seria povo e gente meúda, que sem cabeceiras não teriam fôrças, nem dariam ajuda»—. Nesta acepção ainda o encontramos modernamente, no RELATÓRIO de Carlos Eujénio Correia da Silva [1866], com referéncia ao Daomé. É forma muito aproveitável e expressiva, que pode ser

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 170.

[2] J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* «Portugalia», I, p. 275.

[3] O SECULO, de 18 de novembro de 1901.

empregada actualmente, conquanto a significação mais trivial seja a «de parte superior», como *cabeceira da mesa, cabeceira do leito, cabeceira(s) de um rio,* etc.

— «*Cabeçalha:* Dos jugos [dos carros] destaca-se breve a decoração profusa que os caracterisa na região [Minho], os arcos, ensogaduras e tendilhas, a chavelha e o pigarro, a sôga emfim» —[1].

É palavra derivada de *cabeça,* e significa «o temão, ou lança de um carro de bois», e também, em especial, «a parte deanteira dêsse temão».

Uma forma masculina dêste vocábulo, *cabeçalho,* designa, além de *cabeçalha,* o título, títulos ou dizeres a que se subordinam vários averbamentos, e que ocupam a parte superior da fôlha, o que os franceses chamam *en-tête.*

Cabecinha é um deminutivo evidente de *cabeça,* e além de outros significados, deduzidos do vocábulo de que é formado, tem também o de — «farinha grossa que resulta do rolão passado por peneiro largo [de pano aberto] para o separar da sémea» —, como diz o Diccionário Contemporaneo. Na pauta de consumo (de Lisboa), anterior a 1880, o produto da moenda do trigo era classificado em quatro espécies: *farinha espoada, farinha expurgada* de sémea e farelo, *rolão,* e *cabecinha,* a cada uma das quais competia uma taxa de imposto diferente, de mais para menos; a sémea era livre de imposto.

Como nome de ave é o vocábulo *cabecinha,* acompanhado de vários epítetos que o diversificam, muito usado na Ilha da Madeira, como vemos na monografia de P. Ernesto Schmitz, intitulada Die Vögel Madeiras [2]: — *cabecinha encarnada,* «pintassilgo», no Estreito; — *cabecinha negra,* «toutinegra» em Gaula; — *cabecinha rosada,* «pintassilgo», na Fajã.

É sabido que *toutinegra (q. v.)* significa também «cabeça preta», capite nigra.

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 253.

[2] *in* «Ornithologisches Jahrbuch», X, 1899, 1, II.

cabelo, cabeleiro

Na língua comum *cabelo* ora é colectivo, correspondendo ao francês *chevelure,* ora nome de unidade, equivalente ao francês *cheveu.* Nesta última acepção usa-se em vários pontos do Minho, Caminha por exemplo, o derivado *cabeleiro.* É galicismo usar *cabeleira,* na acepção de *chevelure* francês, pois corresponde a *perruque;* deve traduzir-se *chevelure* por *cabelo,* ou *cabelos.* Em castelhano, porém, usa-se neste sentido *cabellera,* pois «cabeleira» se diz *peluca.*

cabide, cavide

Em alguns dicionários portugueses é dado como étimo dêste vocábulo o latim capitulum, deminutivo de caput, de que proveio a palavra *cabido,* antigamente *cabídoo,* da qual *cabide* viria a ser forma diverjente, ao que se opõe não só o significado de capitulum, mas até a forma do vocábulo *cabide.*

Santa Rosa de Viterbo, no seu ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS, E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USÁRÃO (Lisboa M.DCC.XCVIII) *sub voc.* CAVIDADO, a que dá como definição — «Evitado, acautelado, resguardado» —, indica a palavra *cabide,* como provindo daquela, e define-a: — «o lugar, onde os vestidos, e outras cousas se põe a seguro do pó, e do mais que as póde inficionar, e destruir» —.

É evidente que *cavidado* é particípio passivo de *cavidar,* que pressupõe o latim *cauitare, fruqüentativo de cauere, cujo particípio cautus é contracção de cauitus, como é sabido. Ideolójicamente o étimo satisfaria; morfolójicamente, porém, é inadmissível. É rara em português essa formação, que consiste em derivar-se um substantivo concreto de um particípio passivo, com perda da terminação caracteristica dêste, *-ado,* e a suficsação de *e,* convém saber, substantivo do tipo *aceite.* Todavia, a forma antiga do vocábulo é *cavide* [1], e não *cabide,* como hoje

[1] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXV.

se usa, e ainda Bluteau (VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO) é a única que cita.

Da definição de *cavide,* dada por êste douto lecsicógrafo e escritor de há dois séculos, se verá quam infundada é a explicação do vocábulo proposta por Santa Rosa de Viterbo e que acima transcrevi: — «He nas estribarias huma taboa pregada em a parede, em uns buracos da taboa metidos huns paos, para nelles pendurarem os freios» —. (VOC. PORT. E LAT.).

Esta definição é exactíssima, e a aplicação do vocábulo, ou, melhor dito, da armação que êle designava, a outros usos é posterior.

Desviados por inaceitáveis os dois étimos apontados, capitulum, que tem sido o mais admitido, e *cavidado* que ninguém aceitou a Viterbo, teremos de ir buscar a outro idioma, dos que ministraram palavras ao lécsico português, um étimo plausível, se não perfeitamente justificado.

Ninguém ignora que existem na nossa língua uns mil vocábulos de procedéncia árabica, demonstrada principalmente por Engelmann e Dozy [GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869], de grande parte dos quais já havia sido averiguada por João de Sousa e José de Santo António Moura [VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL] [1]. Deve haver, há com certeza, número maior dêles, abstraindo mesmo dos nomes próprios de lugares, incluídos em grande cópia no lécsico dos arabistas portugueses, mas excluídos do Glossário que citámos, e que até hoje é o trabalho mais completo e mais bem feito que existe nesta espécie, visto que o de Eguílaz y Yanguas [2] apenas lhe leva vantajem no grande número de abonações.

Nas minhas peregrinações pelos nossos vocabulários talvez tenha ensejo de avolumar a parte arábica do nosso lecsico.

---

[1] Lisboa, 1830.

[2] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS... DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

Existe em árabe um radical, Q-B-Ḍ, o qual tem como significado principal «agarrar, pegar em qualquer cousa», e que, com a 2.ª letra duplicada, Q-B̄-Ḍ, quere dizer «apanhar e pôr de parte», conforme o Dicionário arábico-francês de Belot [1]. Aí vemos um substantivo derivado, MAQBIḌ, com o significado de *manche, poignée,* «cabo, punho, pega». São os *paus* da definição de Bluteau. Outro derivado do mesmo radical, QABḌA, com igual significação, encontra-se no Dicionário francês-arábico de Cherbonneau [2], e não explicaria o nosso *cabide;* mas no dicionário arábico-francês do mesmo autor [3] encontramos MIQBIḌ, plural MAQABIḌ —«manche, poignée; anse»—.

Creio ser esta a orijem do nosso *cabide.* Nos países barbarescos o preficso *ma* é muitas vezes reduzido na pronúncia ao *m,* *[u]mqabiḍ',* [4] e poderia ter sido considerado como o artigo português indefinido *um,* separando-se do resto do vocábulo, que ficou palavra independente: cf. a locução *uma tuta e meia,* por *macuta e meia.* O *b,* segunda letra do radical trilítero, modificou-se em *v* (cf. *alcavala, alvaiade,* etc.), e resultou pois o vocábulo *cavide* dos nossos antigos escritores e admitido por Bluteau, sendo a forma *cabide* posterior, devida talvez à influência de *cabido,* erudita provávelmente (cf. *aspar,* em vez de *raspar).*

Há uma quinta ao pé da Chamusca, cujo nome, pelo menos o popular, é *Cabide,* talvez do Cabido, e neste nome parece ter influído a palavra de que trato aqui.

Na Beira-Alta *cabide* tomou a forma popular *cabido,* de que resultou uma forma converjente, ou homeótropo [5].

---

[1] Beirute, 1893, p. 613, I col.

[2] Paris, 1884, p. 322, col. II.

[3] Paris, 1876, 2.º vol., p. 911, I col.

[4] V. Caussin de Perceval, GRAMMAIRE ARABE VULGAIRE, Paris, 1880, p. 17; e Lerchundi, RUDIMENTOS DEL ÁRABE VULGAR, Tangere, 1889, p. 13, nota.

[5] Já publicado na REVISTA LUSITANA, VI, 1900-1901, com leves diverjências.

caboclo

É sabido que êste vocábulo designa um índio do Brasil. É dado por F. Adolfo Coelho [1] como termo tupi mas não se encontra no Dicionário tupi-guarani de António Ruiz de Montoya [2]. Eis a sua abonação:

—«Ao gentio manso, ou reduzido á civilisação, se começou desde logo a denominar *caá-boc,* que quer dizer—tirado ou procedente do matto, donde nos veio o vocabulo *cabôco,* como ainda hoje o pronuncia o homem rustico ou *cabôclo,* como já o adoptou o portugues brasilico»—[3].

cabouco

Além de outros significados, designa também, no Norte do reino, «estribo de pau».

cabreiro

Emprega-se como adjectivo, junto ao substantivo *queijo, queijo cabreiro,* para designar o queijo feito de leite de cabras. Em qualquer mercearia se encontra rotulado com êste nome; não tenho porém nota de trecho com que o abone.

cabresto

Nome de um calabre nos moinhos algarvios, e não sei se também das mais provincias:—«Quando se carece de ferrar ou

---

[1] Diccionario manual etymologico da lingua portugueza, Lisboa, s/data.

[2] Vocabulario y tesoro de la lengua guarani (ó mas bien tupi)—Viena-Paris, 1878, nueva edicion.

[3] Teodoro Sampaio O Tupi na geographia nacional, S. Paulo, 1901, p. 67.

soltar as velas ao moinho... prende-se o mastro a uma argola, fixa na parede, servindo-se para isso d'um calabre chamado *cabresto* »—[1].

cabrita

É um termo do Douro, na acepção especial em que vou exemplificá-lo:—«Cabrita, leitor de longas terras, é o costume de aquelle que compra uma junta de bois em feira pagar uma conveniente quantidade de vinho a todos os que entraram na transacção, quer como partes principaes, quer secundarias»—[2].

cabula (=*cabúla)*

Conforme informação da minha criada, natural da Chamusca, *cabula* designa lá «meda de trigo, com forma piramidal».

caça, caçar

Como termo de pesca, não colijido nos nossos dicionários, encontra-se definido na monografia de Pedro Fernández Tomás, intitulada A PESCA EM BUARCOS [3]:—«Estas redes... são dispostas verticalmente em longas caças ou aparelhos de 50 a 80 redes cada um»—.

É sabido que em várias partes do reino, onde as povoações não avistam o mar e a pesca é só de rios, se diz *caçar peixe,* em vez de *pescar,* termo que é lá desconhecido. *Caçar,* de *captiare* ⎨ capere, significa própriamente «apanhar».

---

[1] J. Núnez, COSTUMES ALGARVIOS, *in* «Portugalia», I, p. 387.
[2] O PENAFIDELENSE, de 14 de março de 1882.
[3] *in* «Portugalia», I, p. 148.

caçamba

É termo brasileiro, que vem definido no Nôvo Diccionário como «alcatruz»; no respectivo Suplemento acrescentam-se mais as seguintes acepções:—«balde prêso numa corda enrolada num sarilho ou nora, pâra se tirar água dos poços; (ext.) qualquer balde; estribo em forma de chinela»—.

Falta ainda outra acepção em que o vocábulo é usado no Brasil e que vemos no Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco:—«meu filho mal accomodado na sua *caçamba,* á moda do paiz: tosco caixote de madeira, forrado, sobre uma das ilhargas do animal, e equilibrado por egual caixote, collocado na outra ilharga e tarado com carga»—[1].

cachalote, cacholote, caixalote, queixalote

Êste termo, o francês *cachalot,* aportuguesado artificialmente, designa um cetáceo, com dentes, e daí provém provávelmente o nome. H. Stappers [2] dá-lhe como orijem o castelhano *cachalote,* que é, sem dúvida, o catalão *quixalot,* deminutivo de *quixal,* ou então *caixal,* que se pronuncia como a palavra portuguesa *queixal,* e tem a mesma significação, isto é, «dente (molar)», o que em castelhano se diz *muela.*

Em português da-se-lhe também a forma *cacholote,* que J. Inácio Roquete inseriu [3], e que parece ser uma aprossimação ao vocábulo *cachola,* «cabeça de peixe».

---

[1] *in* «O Seculo», de 8 de julho de 1900.

[2] Dictionnaire synoptique d'étymologie française, 2.ª edição, Paris, s/data.

[3] Dictionnaire portugais-français, Paris, 1855.

cacharolete

Palavra muito conhecida, como termo de botiquim, e já rejistada no DICCIONARIO CONTEMPORANEO, que a define com exactidão — «bebida alcoólica formada pela mistura de diversos licores» —. Eis aqui uma abonação do seu emprêgo: — «O Termo, o Collares, o grog e o cabaz, o cacharolete e o geripiti, ou os seus equivalentes, não servem lá» [nos bailes da Ópera, em Bruxelas] — [1]

É uma nomenclatura completa de venenos, principalmente quando tomados em lojas de bebidas.

cacho

Esta palavra, a que o NÔVO DICCIONÁRIO atribui orijem incerta e o DICCIONÁRIO MANUAL ETYMOLOGICO uns étimos muito problemáticos, foi por Frederico Diez [2] considerada romanização hispánica do latim capulus, «punhado, mancheia», mediante a forma *caplus,* comparando-o a *ancho* ⟨ amplus. Todavia, já por J. Leite de Vasconcelos foi ponderado que dos grupos latinos mediais *-cl-, -pl-, -tl-, -fl-* só resultou em português e castelhano *ch,* quando êsses grupos estavam em latim precedidos de consoante, como, por exemplo, em *macho* ⟨ *masc'lum, encher, (h)enchir* ⟨ implere, *inchar* ⟨ inflare, etc.

Na realidade, uma excepção aparente, *cach-orro,* não provém de cat'l-us, pois é metátese das duas primeiras sílabas do vasconço *chacur,* deminutivo de *çacur,* «cão». Catulus, pois, deveria produzir *calho* em português, *cajo* em castelhano, como *vetulus* deu *velho* e *viejo, manuplum, mólho* e *manojo, novacla, navalha* e *navaja,* etc.

---

[1] DIARIO DE NOTICIAS, de 20 de fevereiro de 1903.

[2] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN Bonn, 1870, II, b.

Não obstante esta ponderosa circunstância, é ainda capulum o étimo que, por emquanto, apresenta maiores probabilidades, ao menos para o português *cacho*. O próprio Leite de Vasconcelos, que formulou a lei, não hesitou em derivar *cacheira* de *capularia* e *cacheiro* de *capularium* [1]. Outro tanto não direi para o castelhano *cacho*, ao qual corresponde, segundo parece, o português *caco* ⟨ calculus.

Além de outras acepções da palavra portuguesa *cacho*, já rejistadas nos dicionários, tenho a acrescentar uma, a de «espiga de trigo depois de esbagoada», a qual lhe é dada no Riba-Tejo, como estou informado por pessoa fidedigna, que a empregou deante de mim, e preguntada, assim ma explicou. Esta acepção relaciona-se com outra usada no Alentejo, dada no Nôvo Diccionário, da qual é variante, e que vem a ser — «espigas ou réstias de espigas, que resistem á primeira debulha e que se juntam para formar *eiras de cachos*» —.

Cachorro designa vários objectos, com significados já apontados nos dicionários, e um deminutivo no plural, *cachorrinhos*, é nome que se dá no Riba-Tejo à «herva moleirinha» (fumaria officinalis).

cachola; cacholeira

Em Lisboa designa o primeiro dêstes vocábulos «cabeça», e principalmente «cabeça de peixe». Em castelhano *cholla* é um termo chulo que significa sómente «cabeça de gente».

Parece haver relação entre os dois vocábulos; todavia não é fácil de explicar a primeira sílaba da palavra portuguesa, cujo étimo, bem como o da castelhana, é desconhecido.

Cacholeira, que só muito a mêdo se poderá considerar como derivado de *cachola*, pelo menos no sentido que damos a êste vocábulo, é o nome pelo qual é conhecida uma casta de chou-

---

[1] Revista Lusitana, II, p. 31.

riço, «enchido fumado, em que entram aparas de carne de porco, misturadas com pedaços da entranha».

cachondé

Mistura de areca, ámbar, açúcar e outros ingredientes, para mascar, que serve para perfumar a bôca, e é muito usada na Índia e na Malásia [1].

(andar aos) cachopinhos

Diz-se, nos arredores de Lisboa, do andar usual dos coelhos, aos pulinhos, não porém da corrida desabalada que seguem quando são perseguidos.

A informação foi-me dada pelo snr. Martinho Brederode.

cachucho

Como termo faceto, quere dizer «anel grosso de ouro». Deve de ser o mesmo vocábulo que o espanhol *cachucho,* que na jíria castelhana, ou germania, significa «ouro».

A etimolojia dada por Salillas [2], latim capsula, é absurda.

cacifo

—«O cacifo em que [os caçadores] levam o furão para o monte é um pequeno cesto de vime em forma de cabaça, com porta de madeira»—[3].

---

[1] Hugo Schuchardt, KREOLISCHE STUDIEN, IX.

[2] Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, LENGUAGE, Madrid, 1896, p. 276.

[3] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 98.

cacimba, cacimbo

O primeiro dêstes vocábulos tem duas acepcões:

Como termo da África Portuguesa, tanto Ocidental, onde se orijinou, como Oriental, para a qual foi levado pelos portugueses, é, como define o Nôvo Diccionário, — «pôço que recebe a água pluvial, filtrada por terrenos circumjacentes, e da qual se servem as povoações» —. Neste sentido é o quimbundo *quixima,* (e não, *quichima,* como está escrito no dito dicionário): — «A ilha dos Elephantes... dista 18 milhas de Lourenço Marques... A água que bebem [os leprosos da *gafaria,* e não, *gafeira,* como se intitulou, pois êste vocábulo é o nome da doença] é fornecida por cacimbas» —[1].

Como se vê, trata-se da África Oriental.

A segunda acepção, «chuva meúda», é mais usada no Continente do que na África Ocidental, onde lhe chamam de preferéncia *cacimbo.*

É naturalmente outro vocábulo diverso, mas não sei dizer qual. Veja-se *cachimbo* em **tabaco.**

cacique, cacico, caciquismo

Esta palavra, de orijem americana, caribe, segundo se afirma, que em castelhano denota «cabeça de tribo», é de uso raro em português. No entanto vemo-la empregada com referéncia ao Brasil no seguinte trecho do Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco [2]: — «Carirys, raça indolente, sem embargo essencialmente bellicosa, como... o eram... os tabajuras e os petyguares, a que pertenceram alguns caciques alliados dos portuguezes, como o celebre Camarão (Poty)» —.

[1] Jornal das Colonias, de 24 de julho de 1905. V. **gafo.**

[2] *in* O Seculo, de 17 de junho de 1900.

É preferível o emprêgo dêste vocábulo ao de *chefe,* que em tal sentido é galicismo, conquanto muito generalizado já para se poder desterrar.

Bluteau [1] rejistou outra forma do mesmo vocábulo, *cacico:* ignoro se foi por aportuguesamento arbitrário, ou porque assim a encontrou também em castelhano.

O termo *cacique* em Espanha designa um influente eleitoral que exerce pressão e domínio em certa rejião, e dêle se derivou *caciquismo;* ambos os termos já de Espanha passaram a Portugal.

caço; cacete

Êste termo, correspondente ao castelhano *cazo,* e cujo derivado deminutivo *cazuela* produziu o português *caçoula* (cf. *lentejoula* e *lentejuela, tijôlo* e *tejuelo),* designa «colher de concha» no Alentejo, e provávelmente em outros pontos do reino, visto que o Nôvo Dicc. rejista a palavra, sem limitação. É o instrumento que os espanhóis denominam *cucharón,* aumentativo de *cuchara,* «colher».

A orijem do vocábulo *caço,* que também figura em toscano, *cazza* e *cazzo (=catço),* é duvidosa.

O *cazzo* italiano, que, além de outras acepções obsoletas, tem um significado obsceno, deu talvez orijem ao verbo português *caçoar,* o qual, como *mangar,* foi também termo obsceno, mas se vulgarizou, obliterando-se a significação imunda que tinha. No entanto, é conveniente que, à cautela, quem quere usar limpa linguajem evite o emprêgo de qualquer dêstes dois verbos, ou dos seus derivados, substituindo-os por *zombar, escarnecer, motejar, chalaç(e)ar,* etc.

De *caço,* no sentido de «moca», vem provávelmente a palavra *cacete,* e não do francês *casse-tête.*

---

[1] Vocabulario portuguez e latino, Suplemento.

cada

Esta palavra, que, sem a menor dúvida, tem por orijem o grego KATÁ, o qual já aparece no latim dos escritores eclesiásticos, no mesmo emprêgo que tem em português e castelhano, *verbi gratia,* na locução da Vulgata, cata mane, «cada manhã», é uma verdadeira preposição invariável, e não adjectivo como os gramáticos a classificam e como o é o francês *chaque,* ou o italiano *qualche.* A prova é que se usou antigamente antes de nomes no plural, como por exemplo nesta frase:—«cada huns tinham seu senhor» [1]—«gentes darmas que cada hũus dariam»—[2].

Emprêgo bem evidente de *cada* como preposição é o seguinte trecho castelhano, do título XXVI da Partida II:—«Et por este son llamados quadrilleros [em português *coireleiros, quaireleiros; quadrilheiro* é castelhanismo]; porque cada uno dellos han de saber las herechas que cayeren en la su quadrilla»—[3].

É claro que o sujeito gramatical do verbo *han* (e não, *ha)* é o substantivo plural *quadrilleros,* e não o pronome singular *uno;* portanto o pronome não é aqui *cada uno*, mas sim *uno* sómente, governado pela preposição *cada.*

Em antigo toscano encontra-se *catuna (cat'una),* equivalendo ao moderno *ciascuna,* [4] o que confirma aquele étimo, proposto por Diez e aprovado por todos os romanistas.

Ainda hoje, valendo por advérbio, se emprega *cada* em frases elípticas, como a que vou citar, e que, a meu ver, é um tri-

---

[1] ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, Lisboa, 1861, p. 37.

[2] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, I, cap. LX.

[3] Julio Puyol y Alonso, UNA PUEBLA EN EL SIGLO XIII, *in* «Revue Hispanique», XI, p. 288:—«erecha llaman en España á las emiendas que los homes han de rescibir por los daños que resciben en las guerras»—. [*ib.* n].

[4] Versão toscana do LIVRO DE MARCO PAULO VÉNETO, Milão, 1836, p. 12.

vialismo defeituoso: — «Esta fornada representa 3 carros de loiça, que o oleiro venderá a 12$000 reis cada» — [1].

Formando com *que* locução adverbial, vemos *cada* nos dois passos seguintes, citados nas «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL: — «Item, Marina de Varzea recebeu Petro Onriguiz por filo et deu li una casa in que pousa cada que y vem «____» canizos cada que os pedirem» — [2]: isto é, *toda a vez que, quando.*

No seu estudo sôbre o LIVRO DE ALEXANDRE, publicado no tomo IV da Romania (1875), Morel-Fatio, cita a frase — «Saldrian de cada cal (des tours) c. mil combatentes» —, e acrescenta: — «Cette expression ne convient pas au passage, il faudrait *de cada una*» —. É evidente que o douto hispanista desconhecia a êsse tempo a locução portuguesa *cada qual,* correspondente à berciana *cada cal,* e muito popular: —

«Ó ciranda, ó cirandinha,
Toca, toca a cirandar;
Dêem todos meia volta,
Cada qual ao seu lugar» —.

Mas não é só popular, é também literária, e Bluteau teve o cuidado de a rejistar — «Cada hum, e cada hũa, ou cada qual. *Quisque... Unusquisque*» —. No Suplemento aduz, no lugar competente, as seguintes locuções: — «Cada qual com seu igual; cada qual em seu officio; cada qual sente o seu mal» — e ainda outras três, menos características.

Um adjectivo muito curioso, de construção parassintética, é *cadaneira,* que se aplica no Douro à «árvore que dá fruto todos os anos». V. **aneiro.**

---

[1] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 267, nota [1].

[2] Portugalia, I, p. 780 e 783; extraídos de PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquisiciones, p. 413, I col., e p. 314, I col.

cadafalso

Êste vocábulo é hoje usado quási exclusivamente na acepção restrita de «patíbulo».

Antes, porém, significava um «estrado alto, armado em praça, para actos solenes».

Nas ilhas dos Açôres designa *cadafalso* uma casa, destinada às festas do Espírito-Santo. São os cadafalsos geralmente situados em sítios chamados *ramadas,* porque se adornam com frondes e ramos.

Neste sentido vemos o vocábulo empregado no seguinte trecho:—«explica a camara que *cadafalso* nos Açôres é o pequeno edificio, também chamado theatro, onde se armam alguns imperios do Espirito-Santo»—[1].

Veja-se **imperio.**

cadeira

Além das várias acepções rejistadas nos dicionários para esta palavra, vemos no jornal O Economista, de 5 de agosto de 1885, que na África portuguesa designa uma—«arvore de onde se extrahe borracha»—.

cadelo *(=cadêlo)*

Esta palavra é definida como «cão pequeno» e procede de um deminutivo *catellum,* por catulus, sendo a forma masculina correspondente à feminina *cadela* =*cadéla,* com a metafonia usual em português; cf. *canêlo* e *canéla.* Além dêste significado, o Nôvo Diccionário dá-lhe mais o seguinte, como termo minhoto:—«cruzêta de pau, prêsa ao adelhão e sacudida pela mó em movimento»—. Neste sentido parece ter sido empregada na

---

[1] O Seculo, de 8 de julho de 1901.

revista Portugalia [1], no seguinte trecho:—«Este [o tabuleiro] inclinado sobre o olho da mó, é posto em movimento por um pausinho circular, o *cadello*»—.

É um dos muitos nomes de animais aplicados a objectos: v. em **burro**.

cadilho, cadilha

Como é sabido, *cadilhos* é termo muito conhecido e há muito tempo para designar uma espécie de franja, ou guarnição entrançada e pendente. O femenino *cadilha* parece ter significado análogo àquele com que se define a primeira acepção de *cadilhos* nos dicionários, isto é,—«fios do urdume que não levam trama, e formam no final da teia uma como franja»—[2]. Na revista Portugalia [3] lê-se:—«O desenvolvimento dos fios [da urdidura] até este torno do conjuncto *(cadilha)* de fios tem o nome de *signal*»—.

Um exemplo antigo do emprêgo de *cadilhos,* como significando certa guarnição, pode ver-se em **bedem**.

cafajeste, cafazeste

O Nôvo Diccionário rejista a primeira destas formas, definindo-a do seguinte modo:—«(bras[ileirismo]) homem de ínfima condição; indivíduo sem préstimo»—. No Suplemento, porém, acrescenta—«(bras[ileirismo] esc[olar]) aquelle que não é estudante e que, em Coimbra, se denomina *futrica*»—. Na primeira acepção vemo-lo empregado no Bosquejo de uma viagem ao interior da Parahyba e de Pernambuco [4]:—«Conheço esse

---

1 I, p. 387, Moinhos.
2 Dicc. Contemporaneo.
3 I, p. 374.
4 *in* O Seculo, de 17 de junho de 1900.

vaqueiro. É um D. Juan dos meus sitios; *cafazêste* de marca; exemplar de anthropologia criminal... Ladrão de mulheres» —.

Por êste trecho ficamos sabendo que o *e* da sílaba tónica é fechado. Ignoro absolutamente a orijem do vocábulo, que, apesar de brasileiro e desconhecido enteiramente em Portugal, não tem aspecto de ser nem abanheenga ou de outro idioma de índios da América do sul, nem tampouco oriundo de qualquer das línguas africanas, cafriais ou outras.

cágado

O extravagante nome que em português se dá a êste batráquio, e que os pudibundos escritores modernos velam, para o disfarçar, com uma inicial grega, *kágado,* não figura em outro idioma, nem com esta forma, nem com qualquer que com ela se pareça, a não ser em japonês, onde o vocábulo *káuazu* significa, segundo Hepburn [1] — «*frog* (rã), *toad* (sapo)» —. Ora no norte de Portugal o cágado é chamado *sapo concho,* isto é, «de concha».

A palavra *cágado* já figura em Gil Vicente, no «Auto das Fadas» (sortes):

> *Cágado:* Quem tiver êste animal
> Não é muito que o leixe,
> Pois não é carne nem peixe.

Portanto, a não ser mera coincidéncia como tantas outras, foi o nome levado de cá para o Japão, com mais alguns poucos vocábulos, e não de lá trazido como outros, tais *biombo, quimão, catana (q. v.),* e poucos mais.

Não sei com que fundamento o coordenador do Livro da

---

[1] A Japanese-English and English-Japanese Dictionary. Tóquio, 1897: em letra romana.

Marinharia, de João de Lisboa [1], no i índice acentua duas vezes *Cayádo* (o ilhéu 1.° e 2.°). O texto traz *Caguado,* a páj. 120, *Caguado* e *Cayado* a páj. 136. É natural que em ambos os passos a leitura seja *cágado,* a não ser que por diferenciação o vocábulo haja mudado de sílaba acentuada, o que o coordenador deveria advertir, se o sabe com certeza e tem maneira de o demonstrar; de outro modo, foi uma temeridade pueril empregar ali na penúltima sílaba acentuação, que é a normal quando na palavra se não marca outra, para, provávelmente, indicar uma leitura errada.

O dr. Júlio Cornu relaciona *cágado* com uma forma latina *cacitus,* citando em seu abono Isidoro Hispalense [2]. O passo abonatório é:—lutariae, id est in coeno et paludibus viventes—«lodosos, isto é, que vivem na lama e nos charcos». As transformações que a palavra *cacitus* sofreu, para chegar à forma portuguesa ainda vernácula, hão de ter sido: *cacidu: cac'du: cag'du: cáguedo: cágado,* se a etimolojia é certa, como parece.

Cágueda, que, segundo o Nôvo Diccionário, designa no Alentejo—travinca, com que ás vezes se prende o chocalho á colleira»—, é sem dúvida um femenino de *cáguedo,* por *cágado.* É freqùente, como já disse, o uso de nomes de animais aplicados a objectos, em atenção à semelhauça, verdadeira ou suposta, da forma ou de qualquer atributo dêles.

Essa orijem evidente tem o epíteto de *pregos de asa de mosca,* por exemplo. V. **burro.**

cagairo

Êste termo da Beira-Alta quere dizer «ânus, ou mucosa anal».

---

[1] Lisboa, 1903.

[2] Grundriss der romanischen Philologie, i, p. 746.

cagarra

Na Ilha da Madeira é sinónimo de *pardela, (q. v.)*.

caída

É o particípio passivo do verbo *cair,* substantivado no femenino e hoje quasi desusado, porque se contraíu em *queda,* como *mestre* de magistrem, *caente* em *quente, acaecer* em *aquècer,* no sentido em que antigamente era empregado, de «acontecer», e bem assim no de «aquentar» { *acalentar,* que subsiste em outra significação, e deve de ser castelhanismo, em razão da manutenção do *l* medial.

Dizemos todavia *descaída, recaída,* formas derivadas nas quais se não deu a contracção de *aí* em *e*.

caijeira

Êste vocábulo usado em Arcos-de-Val-de-Vez, apontado já no Suplemento ao Nôvo Diccionário, atribuindo-se-lhe aí como étimo provável *calijem,* foi já explicado perfeitamente por J. Leite de Vasconcelos [1] como procedendo de caliginaria { caligo, caliginis. As formas intermédias seriam *caligiaria, caijaira, caijeira.*

caim

Êste nome próprio é empregado como apelativo na ilha de Sam Miguel, no sentido de «mau homem», como vemos declarado no jornal O Seculo, de 5 de julho de 1901.

---

[1] Revista Lusitana, iv, p. 275.

caíque

Costuma escrever-se esta palavra com *h* medial, a desunir as duas vogais *a* e *i*, e não porque seja nela orgánico, etimolójico.

O vocábulo é turco, QAIQ, conforme Marcelo Devic, no Suplemento ao dicionário francês de Emilio Littré [1]; aí vemos definida esta palavra do seguinte modo:—«CAÏQUE, petite embarcation en usage dans l'Archipel et à Constantinople»—.

Bluteau não rejista o vocábulo, e difícil será dizer hoje quando êle entrou na língua e por que via, para se tornar vulgaríssimo no Algarve, a não ser que chegasse lá por intermédio dos mouros dos países barbarescos.

Dozy [2] define dêste modo o vocábulo, que não incluiu no Glossário de palavras espanholas e portuguesas derivadas de árabe [3], o que parece excluir a minha hipótese:—«embarcação pequena, usada no mar Negro. É a palavra turca *kâïk,* a qual passou a muitas outras línguas; veja-se Jal, *Glossaire Nautique, sub v. caïc, caico, caïq, caïque.* Em Constantinopla é o caíque uma embarcação bonita e lijeira, com um ou mais remeiros, e muito comum; aos particulares não é permitido guarnecê-la com mais de cinco remeiros; os ministros do Sultão, e os embaixadores estranjeiros podem empregar sete remadores»—.

J. Inácio Roquete no dicionário português-francês [4], não sei com que fundamento, traduziu *caíque,* por—«*quaïche,* petit bâtiment du Tage, de la côte de Portugal et de la Manche»—, entanto que Littré define *quaiche,* como sendo—«petite embarcation des mers du nord»—[5], mandando pronunciar *kèche.*

---

[1] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

[2] OOSTERLINGEN, Haia, 1867, p. 46, em holandês.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ABABE, Paris, 1869.

[4] Paris, 1855.

[5] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

cairo; Cairo

Êste termo, que designa uma substáncia vejetal tenacíssima, de que se fazem cordas e calabres, troussemo-lo nós da Índia, com o objecto que tem êste nome.

É a fibra da casca do côco, e a esta chamam os malabares na sua língua *kāyar,* do verbo *kāyara* «estar entretecido».

João de Barros [1], diz que parece feito de *couro,* e, na opinião dos autores do Glossário de palavras anglo-índias [2], a semelhança dos dois vocábulos deve ter contribuído para a aceitação do primeiro. Todos os nossos cronistas da Ásia fazem menção do emprêgo que desta fibra faziam os índios.

Nada tem esta palavra que ver com *Cairo,* cidade no Ejipto maometano, a qual em árabe se chama AL-QAEIRE (pron. *alqáhira,* «a vitoriosa».

cãiro

É vocábulo transmontano e significa «dente canino, colmilho». É o latim *canariu* { *canis* «cão», conforme J. Leite de Vasconcelos [3] e as formas intermédias hão de ter sido * *caneiro, cãeiro.*

caixa

Êste termo, designativo de uma moeda asiática, é freqùente nos nossos escritores dos séculos XVI e XVII. Conforme Fernám Mendéz Pinto [4], valia real e meio:—«duas caixas, que erão tres réis da nossa moeda»—.

---

[1] DA ASIA, DÉCADA III, livro III, cap. 7.

[2] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

[3] REVISTA LUSITANA, II, p. 116.

[4] PEREGRINAÇÃO, cap. CIX.

A palavra encontra-se já em sánscrito, com a forma KARṢA, mas é natural que os portugueses a recebessem ou directamente do támul *kāsu*, ou por intermédio do marata ou do concani, como se diz no Glossário de Yule & Burnell [1] *(q. v.)*.

caixa-d'água

Em Évora quere dizer «*mãe-d'agua*», isto é, «depósito de água». A expressão é comparável à castelhana *arca de agua*, que tem o mesmo sentido.

cajuri *(cajury)*

Árvore da Índia Portuguesa:—«a população rural do districto [Damão] usa... as aguardentes de flor de maurá... e as de cajury»—[2].

calambá, calambac, calambuco

O NÔVO DICCIONÁRIO remete a primeira forma para outra, *calamba*, a que portanto dá a preferéncia; com pouco fundamento, porém, visto que na PEREGRINAÇÃO de Fernám Méndez Pinto a palavra está escrita *calambaa* [3], representando portanto o malaio *kalámbaq*, mas com o acento na última sílaba.

É duvidoso se *calambuco* [4], ou *calambuque*, designava a

---

[1] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, *sub v.* **Cash**.

[2] F. X. Ernesto Fernández, O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 23.ª serie, p. 221.

[3] Cap. XLI.

[4] *ib*, XVIII.

mesma substáncia vejetal aromática, e sôbre êstes dois vocábulos pode consultar-se o VOCABULÁRIO de Bluteau, onde também se rejistou a forma *calamba.*

Garcia da Orta escreveu *calambac:*—«Chama-se *agalugem* e *haud* em arabio; e os Guzarates e Decanins *ud,* que é casi o arabio; os Malaios *garro,* e estes chamam ao muyto fino *calambac.* A arvore é como a oliveira, e ás vezes muyto maior; fruito nem frol não lhe sey»—[1].

Veja-se sôbre esta esséncia aromática o erudito comentário do Conde de Ficalho, a páj. 60-65 da edição dos COLÓQUIOS, citada em nota. Outro nome do cheiroso pau era *aquila,* vocábulo cuja acentuação é duvidosa, e que sem dúvida proveio, como supõe o douto comentador, das formas índicas *agar, agir, agil,* modificações do sánscrito AGURU,—«que os árabes converteram em *agaladjin* [AYALAGIN] («agalugem» de Orta)»—. Pela forma arábica da palavra se vê que a acentuação tem de ser *agalujém,* e não, *agalújem.* Mas será *agalugem* êrro tipográfico por *agalagém?*

Pelo contrário, a forma sanscrítica AGURU, com o *u* breve, aconselha-nos a acentuar *águila,* o que explica a confusão que se deu entre êste nome e a palavra latina aquila, «águia», e motivou a extravagante denominação inglesa *eagle-wood.*

calão

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO, conforme o seu costume, atribui a esta palavra um étimo extravagante: diz-nos que provém de *cala* + *ão.* Que será êste *cala,* e mais êste *ão* é o que, se não fica sabendo, e cada um suporá o que mais lhe agradar; mas pode conjecturar-se que, visto *calar* querer dizer—«não falar»—, e—«*ão,* suficso subst. derivado de verbos»—denotar

[1] COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA INDIA, II, Lisboa, 1892, p. 58.

acção, segundo o mesmo dicionário, *calão* deve significar «a acção de não falar», convém saber, «de estar calado». Bonita etimolojia!

Na realidade, *calão* é o *caló* espanhol, que designa «o cigano» (plural *calés,* femenino *callí,* pl. *callías)* e o dialecto dêles na sua própria linguajem.

O caló concorreu bastante para a formação da jíria portuguesa e castelhana. Sôbre êste objecto vejam-se as seguintes obras: F. A. Coelho, OS CIGANOS DE PORTUGAL, e Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EL LENGUAJE [1].

Outra acepção de *calão,* que deve ser vocábulo diferente, vemo-la no seguinte trecho:—«As mangas partem da boca do saco [rêde], em posições oppostas... diminuindo... na ponta... ou *calão* [2].

calceta, calcetar, calceteiro

O NÔVO DICCIONÁRIO define *calceta* como sendo—«grilheta, argola com que se prendia a perna do condemnado»—, e também—«o condemnado a trabalhos forçados»—.

O vocábulo *calceta* parece ter orijem castelhana, sendo provávelmente o termo de germania, ou jíria de malfeitores espanhóis, *calza,* «grilheta», corrente com que se prendem os encarcerados; na mesma jíria *calcetero* é o nome que os presidiários davam a quem prendia essas correntes aos presos [3].

Os galeotes, a que me referi no artigo **braga,** eram também denominados simplesmente *grilhetas,* por alusão à cadeia que os acorrentava. Em malaio, pelo mesmo motivo, chamam-se *óran-rante,* «gente (de) grilheta», e esta denominação designa, por

---

[1] Lisboa, 1892; Madrid, 1896.

[2] Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 151.

[3] Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EL LENGUAJE, Madrid, 1896, p. 276.

amplificação de sentido, nesta língua um qualquer «preso em cadeia pública».

Em meados do século passado os *grilhetas,* ou *calcetas,* acorrentados a dois e dois por uma cadeia de ferro (grilheta), de metro e meio de comprimento, presa à perna por uma argola (calceta ou braga), eram ocupados em ranchos no calçamento das ruas, e foram êsses ranchos que, por desenho e direcção superior do general Cándido Cordeiro Pinheiro Furtado, governador do Castelo de Sam Jorje, executaram o formoso mosaico da Praça de Dom Pedro, ou Rossio de Lisboa; foram êles os *calceteiros,* e tanto êste nome, como o verbo *calcetar* e seus derivados, *calcetamento, calcetaria* daí procedem.

Muitos dêsses indivíduos, cumprida que foi a pena, continuaram a exercer essa profissão, em que tam peritos se mostraram.

A tradição perpetuou-se, aperfeiçoando-se, e hoje em dia esse ofício é tam honrado e tam honroso como qualquer outro manual, e tem-se difundido em muitas outras cidades e vilas do reino.

caldeiro, caldeirada, caldeireiro

Eis aqui abonações destes três vocábulos, em sentidos especiais:

—«Para que a duração das redes seja maior, usam os pescadores mergulhal-as n'uma infusão de casca de salgueiro, para o que possuem... grandes vasos de cobre *(caldeiros),* onde as redes são mettidas»—[1].

—«Da outra parte [da pesca] que pertence aos pescadores que formam a companha, tira-se um terço para a *caldeirada.* É o peixe reservado para as refeições dos pescadores»—[2].

---

[1] Portugalia, A PESCA EM BUARCOS, I, p. 153.

[2] *ib.* p. 154.

—«acabar com o uso das senhas aos caldeireiros (cozedores de cortiça)»—[1].

cȧleiro

Em Trás-os-Montes é a «goteira do telhado».

calha

—«Essa corrediça assenta sobre uma viga, mais forte e mais larga, que se chama *draga* ou *calha*»—[2].

calhau

O étimo mais provável, tanto da palavra portuguesa como da francesa *caillou,* ambas as quais tem aspecto de derivados por meio dos suficsos *-au* e *-ou (=u | -òu | -ol),* é um primitivo *calho, cail* | calculum, «pedrinha», mediante a evolução seguinte: *calclum: calclo: calho,* para o português, e *calcle: cail,* para o francês.

cali (Marromeu)

África Oriental Portuguesa:—«Os nomes dos principaes objectos de uso domestico são *cali* (panela d'agua)...»—[3]. Não posso deixar de citar a coincidência de *kuáli* em malaio também ser o nome que dão à panela onde se faz o caldo e sopas.

---

[1] O ECONOMISTA, de 13 de setembro de 1892.
[2] O SECULO, de 2 de outubro de 1901.
[3] JORNAL DAS COLONIAS, de 4 de julho de 1903.

calo

No Alentejo êste termo significa uma extensão de terreno arjiloso, encravado entre outras formações. É evidente a orijem do termo: destaca-se, por diferença de aspecto, êsse retalho entre os terrenos circunjacentes, como um calo realça na pele. Comparação análoga, mas com relação a dureza, levou a aplicar-se a mesma denominação à «grossura de terra, entremeada e presa pelas raízes das varas, que se forma em tôrno das videiras que se cortaram na poda», sentido êste já consignado no Nôvo Diccionário.

calombo; carimbo; carcunda

Calombo no Minho significa «abóbora». O Nôvo Diccionário diz-nos que como termo brasileiro quere dizer — «tumor, inchaço duro em qualquer parte do corpo» —, e atribui-lhe em dúvida orijem africana. O aspecto é na realidade cafrial, mas o vocábulo não parece quimbundo, pois nesta língua *calombo* quere dizer «mulher infecunda», conforme Joaquim da Mata [1]. Não seria porém de estranhar que o fosse, pois esta e outras línguas bantas ministraram e ainda ministram copioso vocabulário à nossa.

O preficso *ca* é deminutivo em quimbundo, e a palavra, muito usual *carimbo* é simplesmente o deminutivo de *quirimbu* «marca» [2], como *carcunda* é o quimbundo *caricunda,* «costinhas», «o das costas», e significa «quem tem as costas defeituosas» e o próprio defeito.

---

[1] Ensaio do Diccionario kimbúndu-portuguez, Lisboa, 1893.

[2] *ib. sub voc.* **kirimbu**.

calote

Êste vocábulo, no sentido de «dívida não paga», parece ser o francês *culotte,* como termo de jôgo do dominó, o qual designa «as pedras com que cada parceiro fica na mão, por as não poder colocar».

Também se diz naquele sentido *caurim, (q. v.).*

caluete

O Nôvo Diccionário rejista como inédito êste vocábulo, que escreve *calvete,* o que é êrro manifesto, pois o vemos escrito nos nossos cronistas da Ásia também *caloete,* e é sabido que do **o** se serviam dantes, em caso de dúvida, quando o **u**, que na forma, quer escrita, quer impressa, se confundia com o **v**, se poderia lêr como hoje lêmos êste. É sabido também que o **v** era o desenho inicial, **u** o medial e final da palavra, tendo ambos promíscuamente os dois valores, e sendo o **u** para o da vogal *u* a meúdo substituído por **o**, se ficava no meio da palavra, pelo expediente gráfico **hu**, principalmente se no comêço dela: *huivar,* por exemplo, assim diferençado de *viver* [1].

O termo é malabar *kaluekki,* e designava o instrumento de um suplício atroz, descrito por Fernám Méndez Pinto, nos seguintes termos:—«porém o moço foi espetado vivo em um caluete de arrezoada grossura, que lhe metêrão pelo sesso, e lhe sahio pelo toutiço»—[2].

Para se ver quanto os nossos escritores eram escrupulosos em representar, conforme a ortografia do seu tempo, os nomes e vocábulos peregrinos que intercalavam nas suas relações e des-

---

[1] V., do autor, Ortografia Nacional, Lisboa, 1904, p. 61, 99, 108, 215 e 218.

[2] Peregrinação, cap. CLXXVII.

crições, cumpre advertir que o vocábulo malabar, que na letra da terra se escreve *kaluekki,* é pronunciado *kâluètti* [1].

Bluteau ortografou também erróneamente *calvete,* pelo quê se fica sabendo que antes do Nôvo Diccionário já a palavra havia sido rejistada.

Repito que a escrita *caloete* tira todas as dúvidas, mesmo que não soubéssemos pelo seu étimo, como sabemos, que ali o **u** não tinha o valor de *v,* mas de *u* vogal.

camacheiro

É termo usado no Funchal, com a significação de «vento leste». A orijem desta denominação é evidente. Chama-se-lhe assim porque êsse vento sopra ali do lado da freguesia de Camacho, capela de Santa Cruz, fora da cidade. Cf. (vento) *palmelão* { *Palmela,* «o sueste», no Tejo.

cama-quente

—«Dá-se em horticultura o nome de cama quente a tôdo o amontoado de adubo constituído por fôlhas sêccas ou detrictos vários próprios pâra entrarem em fermentação e desenvolverem calôr»—[2].

cámara, camarim, camarinha, camarote, beliche, caramanchão

O termo *camarim,* derivado do italiano *camerino,* significa nos teatros portugueses, como nos de Itália, o quarto em que os

[1] Yule & Burnell, A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1896.

[2] Gazeta das Aldeias, de 20 de agosto de 1905.

actores se vestem e preparam para a cena. É já antigo na nossa língua, pois vem mencionado neste sentido no Aviso de 17 de julho de 1751 [1], relativo ao teatro da Ópera.

Outro tanto acontece a *camarote,* como se vê no mesmo Aviso: — «os camarotes a que Sua Magestade não deu certeza, destribuirá V. Ex.ª» —.

O italiano deu ao português grande número de termos de arte. (V. **poltrona**).

Camarote, como termo de bordo, no mesmo sentido que *beliche* (de orijem oriental, provávelmente malaia, *biliq,* «alcova»), é natural que italiano seja também, mas já foi usado na PEREGRINAÇÃO (cap. CCXIV). É possível que *beliche* represente o malaio *biliq kechil,* «alcova pequena», com deslocação do acento do adjectivo para o substantivo, e supressão do *q,* quási imperceptível, e da terminação *il.* Em italiano *camarote-de-bordo* diz-se *camerino.*

Camarim é excelente tradução do francês *boudoir,* e nesta acepção foi muito usado, significando «quarto reservado, secreto»; e é como tal que o termo se aplica ao andor coberto em que, por exemplo, a imajem do Senhor dos Passos da Graça vai cada ano processionalmente para a igreja de Sam Roque, em Lisboa, na segunda sexta-feira da quaresma.

Camarinha está empregado num sentido especial no seguinte passo do BOSQUEJO DE UMA VIAJEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO [2]: — «no interior da nossa «camarinha», coberta de telha vã, como é geral no norte do Brazil» —.

Com efeito, no Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO vemos êste vocábulo definido do modo seguinte: — «(bras. do N.) quarto de dormir; pequena prateleira no canto da sala» —.

Na Beira-Baixa *camarinha* é o «quarto de dormir».

Camarinha é também o nome de uma baga, fruto de uma planta do mato, a que no Alentejo se chama *copo-d'água.*

---

[1] COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, 1750-1762, p. 338.

[2] *in* O SECULO, de 8 de junho de 1900.

Outra palavra composta, não derivada, de *cámara* é *caramanchão,* de *camaranchão,* com metátese das sílabas médias, formado de *cámara ancha,* com elisão do *a* final de *cámara,* e mudança de género gramatical: cf. *mulherão,* substantivo masculino, aumentativo do femenino *mulher, casão,* masc., de *casa,* femenino.

A palavra *cámara,* que deu avultado número de derivados em todas as línguas románicas, é o latim *camĕra, camăra,* do grego KAMÁRA.

camba, cambo, cambal, cambeira, cambeirada, cambada, cambulhada, cambulhão

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, incluíu a palavra *cambeiras,* com a seguinte definição: — «(t. da Bairrada), a farinha mais fina que, nos moinhos de água, se evola [?] da mó, poisando nas paredes e objectos circunjacentes» —.

Acrescenta um derivado *cambeirada,* como também pertencente ao vocabulário daquela rejião, definindo-o — «arremêsso de cambeiras ou enfarinhadela com cambeiras, nos folguedos do entrudo;... pequena porção de farinha» —.

¿Porque se chama, porém, *cambeira,* ou *cambeiras,* a essa farinha finíssima?

No corpo do dicionário incluíu-se o termo *cambal,* assim definido: — «resguardo de pano, madeira ou farinha, para que se não espalhe a farinha que se vai moendo» —.

Bluteau dissera: — «Cambais chamão os Moleiros à farinha (segundo imajina quem mo disse) que poem em roda da pedra que moe, como reparo da que se está moendo; ou são umas taboinhas, que pela mesma sorte se poem» — [1].

A palavra deve provir de *camba,* a que o mesmo dicionário

[1] Vocabulario portuguez e latino, Suplemento

dá as seguintes definições: — «peça curva das rodas dos carros, pina; nêsga; (ant.) moinho de mão; pequena cambota» —.

Camba parece derivar-se do latim campe, termo grego que significava «curvatura».

O Elucidario de Santa Rosa de Viterbo diz-nos que antigamente *camba* era: — «moinho pequeno, molinheira, moinho de mão» — e *cambal* — «a farinha, que faz labio na mó debaixo» —.

Na monografia Moinhos [1] vemos o seguinte trecho em que se descreve o que são *cambeiras*: — «por sobre estes [os *arredores, q. v.*] assenta... um anteparo de madeira, a que dão o nome de *cambeiras*» —.

Creio ficarem assim bem estremadas, com as citadas definições e com êste trecho, várias acepções das palavras *camba, cambal, cambeira, cambeirada*. De *camba* e *cambota* há claríssimas definições no Diccionario Contemporaneo.

Com relação a *cambada*, — «enfiada de coisas penduradas no mesmo gancho, cordel, etc., como declara êste último dicionário, parece ser um derivado colectivo de *camba, cambo,* porque tais objectos, fazendo pêso, obrigam o cordel, vara, etc., a curvar-se; ou de *cambo,* que significa «enfiada, vara (curva, geralmente de salgueiro)» —. *Cambada,* «súcia», tem a mesma orijem.

Outros derivados são *cambulhada, cambulhão,* que pressupõem uma forma *cambulho,* ou *cambulha,* da mesma orijem.

cambola

No «Jornal das Colonias», de 27 de maio de 1905 [2] encontra-se êste termo, próprio da África Oriental Portuguesa, pertencente ao vocabulário das línguas bantas, e que assim é ali definido — «corda feita com fibras vejetais».

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 386.

[2] Campanha de Barué em 1902, relatório oficial.

cambolar, cambolação, cambolador

O Nôvo Diccionário traz o segundo dêstes vocábulos, com a significação de — «engajamento (?) de comitivas de carregadores do interior da África» —.

O étimo de *cambulhada,* que em dúvida lhe dá, é inadmissível. Tanto o segundo como o terceiro vocábulo pressupõem um verbo *cambolar,* que não é mais que o aportuguesamento do verbo quimbundo *cucombola,* «negociar, traficar», de que se derivou o substantivo *cambolador,* correspondente ao quimbundo *ritombo* [1], «negociante».

caminheira, caminhão

O Nôvo Diccionário rejista como provincialismo o vocábulo *caminhão,* no sentido de «carro do quatro rodas».

Outro substantivo, do mesmo modo derivado de *caminho,* é nome aplicado a uma espécie de locomotiva, como se vê do trecho seguinte: — «Ha dias effectuou-se em Inglaterra a experiencia d'uma caminheira para o Soldão [aliás, Sudão]... Com um carro atrelado levando dentro mais d'uma tonelada de peso, a caminheira pegou-se diversas vezes» — [2]; — «pessoal e material relativos ás caminheiras e outras machinas a vapor» — [3].

camisa-de-onze-varas; camisão

Como já foi explicado na Revista Lusitana [4], esta estranha denominação queria dizer — «a alva dos padecentes» —.

---

[1] Héli Chatelain, Grammática elementar do Kimbundu, Genebra, 1888-1889, p. 121. — D. Cordeiro da Mata, Ensaio de diccionário Kimbúndu-portuguez, Lisboa, 1893.

[2] Jornal das Colonias, de 21 de outubro de 1905.

[3] Diario de Noticias, de 30 de janeiro de 1906.

[4] vol. vi, p. 129.

Camisão, na ilha de Sam Miguel, significa «disfarçado, hipócrita, sonso».

Notarei aqui, a propósito de *alva,* que êste vocábulo não designava só a—«veste de padecentes nos antigos autos de fé»—como diz o Suplemento ao Nôvo Diccionário, mas principalmente a camisa branca, que levava vestida «o padecente que ia a enforcar, como ainda a vestiram os últimos que em Lisboa padeceram essa pena, Matos Lôbo e Diogo Alves, antes de meados do seculo passado».

camocho

Termo de calão que quere dizer «tostão».

campa, campã, campana, campainha, campainheiro

O primeiro dêstes vocábulos tem duas acepções, a primeira, «(laje que cobre a) sepultura», não é fácil de subordinar a um étimo.

Na segunda acepção, é um primitivo suposto, formado pelo que se considerou derivado, *campã* | *campãa* | campana, *campana,* ainda usado no concelho de Pinhel, e que já em latim significava «sino» [1]; como *venta,* foi induzido de *ventã* | *ventana,* e *aço* | *aceiro,* que era o nome do metal, como actualmente o é em castelhano *acero.* Supôs-se, em vista da terminação, que a palavra estava na mesma relação que *ferreiro* com *ferro.* Também se disse *azeiro,* e Alexandre Herculano empregou *azeirado,* no sentido em que usamos o castelhanismo *acerado* [2].

Campanus em latim é um adjectivo, empregado por exemplo em aes Campanum, e em (uasa) Campana.

---

[1] *V.* Wölflin, *in* Jahresbericht für die Fortschritte der Romanischen Philologie, vi, i, p. 126.

[2] —«A seta de um epigramma azeirado»—. O Bobo, ii.

Um derivado de *campainha* é *campainheiro,* que no concelho de Vila-Nova-de-Ourém, e provávelmente em todo o distrito de Santarém, designa o vendedor de campainhas e chocalhos para gado, na feira, e que anuncia a fazenda tocando alternadamente duas campainhas que empunha, uma em cada mão.

campido; campo, campina, campinação

É um particípio passivo substantivado de *campir*—«fazer a perspectiva do horizonte em um quadro»—, como define o Nôvo Diccionário. J. Gomes Monteiro, na Carta ácerca da Ilha dos Amores [1], empregou aquele substantivo explicando-o:—a confusa distribuição dos elementos que entram no quadro, a falta dos campidos, como lhe chama Philippe Nunes, isto é os longes, os ceos, os horisontes»—.

O verbo *campir* é de orijem italiana, *campire,* como muitíssimos termos de arte. (V. em **poltrona**).

Campo, além de muitas outras acepções, que dos dicionários constam, tem uma muito especial em português, a de «espaço onde pode caber alguma cousa, ou alguém; eis um exemplo:—«custando a acreditar como alli [sala da audiência do tribunal em Vila-Franca] possa viver *[sic]* umas dezenas de pessoas, no espaço de algumas horas, sem ar, sem campo, entre bancos e estrados»—[2].

De *campo* se deriva *campina,* e dêste talvez um verbo *campinar,* que deu orijem ao substantivo *campinação,* que vemos empregado por M. Ferreira Ribeiro [3].—«As polainas de laços são as melhores e mais uteis nos trabalhos de campinação, passagem de florestas, etc.»—.

---

[1] Porto, 1849, p. 60.
[2] O Seculo, de 3 de maio de 1900.
[3] Regras e preceitos de hygiene colonial, p. 90.

cana-verde; cana, caninha, canicinho

O Nôvo Diccionário inseriu êste termo composto, dando-lhe a significação restrita de — «canção popular do Minho» —, acepção em que toda a gente o conhece. Todavia, no seguinte excerto a locução tem, sem dúvida, outro significado, que talvez possa aclarar o nome que puseram à cantiga minhota: — «ainda haverá os vinhos, ou *canna-verde,* produzidos por vinhas doentes» —[1].

Cana, por «aguardente de cana de açúcar», vemo-lo empregado no seguinte passo: — «Dê-nos canna» —[2].

Caninha, como designando a *cana-doce,* ou cana-de-açúcar, foi assim definida no jornal O Economista, de 3 de maio de 1891: — «Constou que o snr. Brandy mandara vir de Moradnagar, Índia, sementes de cana «Alapoor Jowart» que pertence a uma casta inteiramente nova e produz assucar e aguardente. Diz a noticia que resiste muito á seca e pode por isso ser plantada em terrenos onde haja falta d'agua. Não é da familia Sarghos, a que chamam caninha. Forma soqueira e dá semente» —.

O deminutivo *canicinho,* na ilha de Sam Miguel, quere dizer «motejo», como o vemos muito plausívelmente explicado no jornal O Seculo, de 5 de julho de 1901: — Estar com o canicinho n'agua, estar a brincar, a gracejar. Pela forma açoriana se vê que a nossa locução «estar com a carinha n'água», que realmente não faz sentido, é corruptela da seguinte: «Estar com a caninha n'água», de facil comprehensão» —.

Êstes modos de dizer triviais, que se empregam tendo-se em vista o teor da frase enteira, e não o valor dos seus elementos, são muito sujeitos a ser deturpados, substituindo-se qualquer dêsses elementos por outro, cujo valor fonético seja quási equi-

---

[1] O Seculo, de 5 de outubro de 1902.

[2] Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco, *in* «O Seculo», de 17 de junho de 1900.

valente: é o que aconteceu a outro anexim, «não se pescam trutas a bragas enxutas», onde bragas é geralmente substituido por barbas.

canado

Na Beira-Baixa tem êste nome a «armação de canas ou ramos, em tôrno do carro, para conter o estrume»[1].

É um derivado—evidente de *cana*.

canajeira

É um termo que designa nas marinhas uma espécie de pá, que veio figurada no jornal O Seculo, de 10 de janeiro de 1901.

canastro

Esta palavra, formação masculina correspondente à femenina *canastra*, designa em geral o arcabouço, a armação, o esqueleto, e nestes significados traduz perfeitamente o *carcasse* francês, o qual só é português, no uso comum, com a forma *carcassa*, talvez melhor *carcaça*, no sentido de «cousa, pessoa velhíssima».

Em sentido especial designa no Minho a palavra *canastro* o mesmo que *espigueiro* ou *caniço*, isto é, «um celeiro provisório, o qual consiste em uma construcção levantada sôbre estacas ou pègões de pedra, e em que se arrecadam espigas e maçarocas, ficando a salvo da humidade e dos animaes daninhos».

cánave, cáneve, canaveira

Estas duas formas, a segunda das quais está para a primeira como *cámera* para *cámara*, são os lejítimos derivados do substan-

---

[1] Informação do editor, natural de Almeida.

tivo latino femenino cannabe[m], e foram ao depois substituídos pela forma castelhana *cánhamo (cáñamo),* procedente de outra forma latina neutra cannabum, com assimilação parcial do *b* ao *nn.*

Do adjectivo *cannabaceum* [1] provém o derivado *canhamaço,* também acastelhanado, popularmente modificado em *calhamaço,* por dissimilação da nasal inicial da 3.ª sílaba: *nh* passou a *lh,* isto é, a nasal palatal à líquida palatal, por dissimilação regressiva da nasal labial *m.*

O Nôvo Diccionário define *canaveira* por estas palavras: —«(ant.) logar onde cresce o cânave? canavial? Cf. Sousa, *Ann. de D. João* III»—.

canavieira

Na Ilha da Madeira dá-se êste nome ao *carro de roca.*

candeia, candeeiro, candil (1); candil (2)

Hoje, na linguajem comum significa o primeiro vocábulo uma lámpada pequena de folha, com um gancho para se dependurar; e *candeeiro* toda e qualquer lámpada, que em geral não é de suspensão, mas que também pode estar suspensa. Antigamente não era assim.

Candeia designava o que actualmente chamamos *vela,* e *candeeiro* o «fabricante de velas, o cirieiro», como hoje dizemos. Isto se vê claramente dos seguintes trechos de um artigo publicado por Sousa Viterbo na revista Portugalia [I, p. 366-368], analisando uma carta réjia de Dom Afonso V:—«e entre as [candeias] que vinham de fora eram especialmente reputadas as *candeas de rezar* de Aragão—que os candeeiros moradores na dita vila de Santarem»—.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, II, p. 31.

Ao fabricante de candeeiros de metal chamou-se ao depois *candeeireiro*. Sousa Viterbo [1] adverte haver diferença entre *candeeiro*, — «o official que faz candêas de cera, a que hoje chamamos *rolo*» — e cerieiro — «que fazia velas, tochas, e brandões» —. Aliás, *cirieiro* | *círio*.

Candeia, no sentido de «vela», foi empregado por Damião de Góis: — «lhe pedírão algumas mercês, as cartas das quaes assinou, tendo na mão ezquerda a candea, e na outra a pena com que assinava» — [2].

Ainda muito depois escreveu Cardim: — «pedindo que á hora da morte os ajudem metendo-lhes a candeia na mão» — «fui benzer as candeias á igreja de Homac, convidando os portugueses para a festa» — [3]. Ainda hoje se diz *A Senhora das Candeias*.

Outro trecho, que dissipa todas as dúvidas, é o seguinte: — «O curioso *andor das candeias* foi salvo... Este andor era conduzido na procissão das marafonas ou dos pães bentos... O andor ia adornado de vellas de cêra, que perfaziam o pezo do rolo com que se devia cercar a muralha da cidade [de Guimarães]» — [4].

Candil, de orijem imediata arábica QANDIL, mas remota do grego KANTALA (?) [5], significa um candeeiro-de-mão. O NÔVO DICIONÁRIO, além desta acepção conhecida, aduz outra: — «(pesc[a]) phosphorecência das águas» —.

Como, porém, não está abonada, creio ser informação errada, e que o vocábulo *candil*, está por *candeio*; «luzeiro que se usa na caça ou na pesca, para atrair a presa».

---

1 ELUCIDARIO DOS TERMOS... QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USÁRÃO, Lisbôa, 1798.

2 CHRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. IX.

3 BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 23 e 162.

4 O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902.

5 Dozy & Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORT. DÉRIVÉS DE L'ARABE.

Quanto a outras acepções de *candil,* as primeiras que se dão no mesmo dicionário; — «medida de capacidade, na Índia» —, «e antiga moeda asiática» — são vocábulo distinto dêste; deveria ali ser subordinado a inscrição separada, conforme a economia adoptada nele. Qualquer dessas acepções pertence ao vocábulo malabar *kandi,* que é o marata K'ANDĪ, unidade de pêso de 250 kilos próssimamente [1]. A forma portuguesa *candil* foi erradamente induzida do plural *candis:* cf. *javali, javalis,* com *funil, funis.*

caneca, caneco

É um par de nomes, um masculino e outro femenino, como há tantos na nossa língua: *caneca* é um vaso pequeno de louça, cilíndrico, com maior altura que diámetro, e guarnecido de asa; *caneco* é uma éspecie de barril de madeira, de forma cónica, e aberto por cima, no que no Norte se diferença do barril própriamente dito, que geralmente tem dois tampos.

Todavia os canecos de madeira para água, no Porto, teem dois tampos, mas são semelhantemente cónicos, e não com a forma de dois cones unidos pelas bases, como os dos aguadeiros de Lisboa, e os que servem a transportar vinho, aguardente, vinagre, etc.

canga, cangalhas, cangalho, cangueiro

Além de indicar uma espécie de jugo para os bois, usado no sul do reino, designou, por analojia de forma ou de aplicação, a tábua que serve de suplício na China. No curioso livro BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, do Padre António Francisco Cardim [2], vem mencionado o dito tor-

---

[1] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v.* **Candy.**

[2] Lisboa, 1894, p. 85; *v.* também a p. 185, 199, 217.

mento por êste nome:—«lhe tinha lançado ao pescoço uma canga, com dois pesados paus, a modo de escada.

Desta palavra se derivaram, segundo parece, *cangalho,* e *cangalhas,* armação geminada que se põe no dorso das cavalgaduras, para transporte de cêstos, canastras, barris, etc., e que pode ser de ferro, ou de madeira:—«colocam-lhe por sobre a albarda [do burro dos aguadeiros] as cangalhas, nome que aqui [Algarve] se dá a um objecto feito mais vezes de madeira que de ferro»—[1].

Exemplo de *cangalho,* na acepção primitiva de—«cada um dos dois paus que ajustam e seguram a carga ao pescoço dos bois»—, como define o Dicc. Contemporaneo, é o seguinte:—«tinha ido proximo de um ribeiro arrancar um pedaço de madeira, para d'ahi fazer um cangalho»—[2].

Cangalho, como é sabido, significa também um objecto velho, inútil, e desta acepção proveio o verbo *escangalhar,* «desmanchar, destruir».

A orijem do vocábulo *canga* é o verbo *cangar* { *coniugare* [3].

O substantivo *cangueiro* vem já inscrito no Nôvo Diccionário numa acepção especial, «barco chato, usado no Tejo», atribuindo-se-lhe por orijem a palavra *canga.* No mesmo dicionário está rejistada outra acepção, como própria do Brasil,—«preguiçoso, negligente»—. Nos meus apontamentos, sem abonação porém, porque levou esta sumiço, encontro *cangueiro* como barqueiro de certa embarcação, que nunca abre caminho, desviando-se, a outros barcos mais pequenos, evitando únicamente os que são maiores, para não çoçobrar.

---

[1] Portugalia, I, p. 385.

[2] O Economista, de 22 de outubro de 1892.

[3] J. Leite de Vasconcelos, *in* Revista Lusitana, II, p. 34.

cangarra

É natural que seja êste vocábulo, usado na África Oriental Portuguesa, um aumentativo de *canga,* (cf. *bocarra* { *bôca),* e não, termo indíjena:— «transportam o ferido em combate, na *cangarra* (padiola de ramos)» —[1].

cangosta: v. **congosta**

cánhamo: v. **cánave**

canho, canha, canhona

No Minho *canhos* são «sobejos de comida».

Para os outros significados de *canho,* e seus derivados, veja-se o Nôvo Diccionário e o seu Suplemento.

Comparável a *canho* no sentido indicado é o termo alentejano *canhas,* rejistado no dito dicionário, com a significação de — «migas que, depois de feitas, se comem com leite» —, acepção que confirma o étimo *caneus, canea, caneum,* adjectivo derivado de canis, «cão», provávelmente porque tais migas se dariam a cães, para os desmamar, pois vemos no mesmo dicionário que no Douro *canhol* significa cão pequeno, *caneŏlum.* O vocábulo trasmontano *canhona,* «ovelha», é naturalmente ainda um derivado do mesmo adjectivo latino, no parecer de J. Leite de Vasconcelos, talvez por ser mais fraca, comparada ao carneiro [2].

---

[1] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

[2] Revista Lusitana, II, p. 116.

canhongo

Termo da África Oriental Portuguesa: — «Os *canhongos,* e o feiticeiro usam *rabo de guerra [q. v.]*» — [1].

canipa

É termo de Timor — «O régulo bom é como a canipa doce» [Nota]: «mistura de alcool e melaço» — [2].

canja

Êste termo indiano, que em todo o Portugal se difundiu para designar o caldo de arroz, principalmente feito com galinha e presunto, mas que também se emprega quando outra carne se utiliza, vem no Suplemento ao Nôvo Diccionário com o seu verdadeiro étimo apontado; mas esqueceu notar que à segunda acepção que ao vocábulo é dada no corpo do dicionário — «embarcação do Nilo, de quilha recurva» — não cabe a indicação — «T[ermo] as[iático]» —, pois nada tem que ver com a palavra concani *kangi* procedente do tamul *kánxi,* «cousa fervida, cozida em água», só aplicável ao caldo indicado, para o qual os franceses empregam a forma *cange,* tirada do português, e os ingleses *congee,* que directamente trousseram da Índia.

O Padre Cœurdoux parece ter sido quem primeiro divulgou em França o termo, que definiu: — «du Canje chaud, c'est-à-dire de l'eau dans laquelle on ait fait cuire le riz» — [3].

---

[1] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

[2] J. S. Pereira Jardim, Notas ethnographicas sobre os povos de Timor, *in* Portugalia, I, p. 356.

[3] Lettres édifiantes et curieuses écrites des missions étrangères par quelques missionaires de la Compagnie de Jésus, t. XXVI, p. 185, 18 de janeiro de 1742.

canoura

Êste termo não está, que eu saiba, colijido em dicionário algum da língua. Vejo-o empregado sem mais explicação no seguinte trecho de um jornal de Elvas, transcrito no ECONOMISTA de 3 de outubro de 1888:—«Esta [azeitona] saindo da canoura [da máquina de tulhar] cae sobre um cylindro liso»—. Parece ser um «canudo».

cantadoura

Além dos muitos derivados de *canto* e *cantar* cumpre rejistar mais êste, que vemos empregado no seguinte trecho da monografia de Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO: [1]—«Por vezes o tradicional carro de bois exhibe-se em rara particularização de minudencias. No chadeiro e a vincos limitam-se as chêdas do resto do leito e da cabeçalha; esta obliqúa [2] naturalmente até encontrar o tamoeiro; os fueiros ornam as chêdas; nos logares respectivos indicam-se as cantadouras; no rodeiro acentua-se o miul; nas cambas, ás vezes, aparecem as meias-luas»—.

Êste trecho é obscuríssimo em virtude do uso de termos técnicos, populares e pouco conhecidos, insertos em um discurso, no qual os verbos empregados são, pelo contrário, pertencentes à linguajem convencional e artificial, como *exhibe-se, obliqúa, acentua-se, limitam-se, ornam,* aproveitados em acepções que não são as suas naturais. Espacejei todos os termos desusados, que procurarei explicar com aussílio do dicionário. Principiando por *chadeiro,* se consultarmos o NÔVO DICCIONÁRIO, encontramos aí uma remissão a *chedeiro;* visto êste, achamo-lo definido como

---

1 *in* Portugalia, I, p. 253.

2 Sôbre esta conjugação errada veja-se ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1904, p. 90 e 91.

—«leito do carro de bois»—. *Chêda,* diz-nos o mesmo dicionário ser—«cada uma das pranchas lateraes do leito do carro, nas quaes se encaixam os fueiros»—, e na província do Minho—«plataforma do carro de lavoira»—. Parece, porém que *chedas* sejam as «pranchas», visto que *chedeiro* é o leito, isto é, o que o mesmo dicionário chama *plataforma. Cabeçalha* vemos aí, que é o *temão* do carro, ou a parte deanteira dêsse *temão. Tamoeiro,* sempre no mesmo dicionário, é—«peça central do carro de bois que se prolonga até á canga e serve de tirante»—. *Cambas,* são —«peças curvas das rodas dos carros»—.

Buscando *miul* ou *miulo* no mesmo dicionário, vemos que nos remete para *meul,* onde nos diz que vem a ser—«o mesmo que *meão* do carro»—. Procurado êste, acha-se como definição:—«peça central da roda dos carros, na qual se imbebe o eixo»—, explicação que o autor nos poderia dar também em *meul,* para nos poupar a caminhada.

Cantadouras ninguém nos diz o que seja. Portanto se o leitor ainda não entendeu o trecho transcrito, é porque é tam bronco como eu sou.

Segundo informação, *cantadeiras* são a parte do eixo onde prendem as rodas: devem ser as *cantadouras* do trecho.

Cumpre advertir que a descrição é aplicada a uma imitação do carro, como brinquedo, feito de barro.

cante

Na Nazaré equivale a «canto», «cantiga», cf. *descante.* Em castelhano é usual *cante* por *canto.*

cantiga, cántigo

É evidente que esta palavra não provém do plural cantica de canticum em latim, visto que, se êsse fosse o seu étimo, a acentuação seria *cántiga.* Deve pois ser um substantivo verbal

femenino de * *cantigar* | *canticare,* como *fabríco* o é, masculino, de *fabricar,* não obstante a palavra *fábrica.*

Em Carregosa usa-se o vocábulo *cántigo,* que é derivado directo do latim canticum [1].

canutilho

Êste vocábulo é fusão de dois: o primeiro português, *canudo,* o segundo castelhano, *cañutillo* (pron. *canhutilho),* ou, o que será talvez mais exacto, é o castelhano *cañutillo* que sofreu influência da palavra portuguesa *canudo.*

O significado é o mesmo em ambas as línguas: «canudinhos de vidro, para com êles se formarem vários enfeites e guarnições em vestidos».

Advirta-se, porém, que na Bolívia é vulgar a forma *canutillo* [2], dissimilação de *cañutillo (n* apical por *n* dorsal), mais próssima da portuguesa, do que a literária castelhana.

capa, capa-de-honras ou capa de Miranda; capindó

Vem assim descrita no Inquerito Industrial, de 1881 [3]: —«Fazem tambem umas capas de burel, notaveis pelo seu feitio especial e pelos muitos ornatos, sendo estes formados por caprichosas applicações do mesmo tecido, capas que aparecem geralmente nas grandes festividades, e por isso são denominadas *capas de honras.* São igualmente conhecidas por *capas de Miranda*»—.

No museu da Sociedade de Geografia de Lisboa há um manequim assim vestido.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, III, p. 73.

[2] R. J. Cuervo, Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano, Bogotá, 1881, p. 532.

[3] vol. II, 3.º, p. 67.

Uma forma moderna, a que a palavra *capa* serviu de orijem, é *capindó,* que, além do sentido pejorativo que lhe dá o Suplemento ao Nôvo Diccionário, é também o nome de uma capa de grande roda, chegando até o joelho, a qual constitui uma parte do uniforme da marinha portuguesa.

Capa é um latim cap(p)a, que produziu numerosos derivados nas diversas línguas románicas, e cuja verdadeira orijem é problemática.

capada

— «um dia que me roubéram uma capáda (rebanho)» —[1]. Representou-se aqui a linguajem de um pastor da Beira-Baixa.

capaz

Conquanto os dicionários dêem «amplo» como significado primordial dêste adjectivo, é êle menos usado nessa acepção actualmente em português, do que o é em castelhano.

Exemplo dessa acepção primordial é o seguinte: — «41 thuyengia (são umas embarcações mais capazes que as suas galés)» —[2].

capelana

Termo da África Oriental Portuguesa — «Panno de 1 braça quadrada que lhes serve de capa» —[3] [aos pretos].

---

[1] Joaquim Manuel Correia, Antiguidades do concelho do Sabugal, *in* «Archeologo português», x, p. 201.

[2] Batalhas da Companhia de Jesus, de António Francisco Cardim, Lisboa, 1894, p. 217.

[3] Diocleciano Fernández das Neves, Itinerario de uma viagem á caça dos elephantes, Lisboa, 1878.

capitão

Na África Oriental Portuguesa é tomado êste termo em significação muito particular, como vemos no relatório da CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902: — « capitão é o capataz ou feitor quando indigena » —.

capitel, chapitel, chapitéu

A primeira destas palavras, como quási todos os termos de artes nobres em português, proveio do italiano, onde se diz *capitello,* do latim capitellum, deminutivo de caput, que juntamente com outro deminutivo mais usado ainda, capitulum, se empregava já para designar « o remate superior do fuste da coluna, ou pilar ». Conforme a conhecida lei de que a *ca* latino corresponde *cha, che* francês, capitellum deu nesta língua a forma *chapiteau,* da qual resultou *chapitéu* em português, saindo de outra forma, *chapitel,* o nosso *chapitel,* hoje desusado, mas que lêmos, por exemplo, na GAZETA DE LISBOA OCCIDENTAL, de 22 de maio de 1738: — « . . . e se reconhecem ainda muytas bases e chapiteis de colunas » —[1].

Capitel designa uma peça de tear, como vemos na publicação Portugalia, I, páj. 374.

capoeira

Como parte do moinho, é êste vocábulo definido do modo seguinte: — « [do frechal] parte um ripado que, indo terminar em ponta, é coberto de palha de centeio e algumas veses folhas de lata; chama-se *capoeira.* É evidente a orijem da denominação: semelhança com o encruzamento das ripas das capoeiras [2].

---

[1] *in* « Archeologo português », V. p. 3.

[2] MOINHOS, *in* Portugalia, I, p. 386.

capotim

—«Duas braças de fazenda»—[1]. África Oriental Portuguesa.

caqui

Êste neolojismo, que também se escreve *khaki* e de outros modos não menos arrevesados, é o nome de uma fazenda de algodão côr de barro, que actualmente se usa muito em fardamentos das tropas que vão fazer serviço em África.

O vocábulo é persa na orijem, ΗΑΚ, «barro» que passou ao indostano, onde produziu o adjectivo ΗΑΚΙ, «barrento, côr de barro» [2]. Eis aqui uma abonação do vocábulo:—«É alto, traz trunfa branca, casaco de kaki com platina e pudvém branco»—[3].

carabelina, cravina

O cravo sinjelo, a que vulgarmente se chama *cravina,* é denominado *carabelina* em Trás-os-Montes. Esta forma pressupõe outra, *crabel,* correspondente ao castelhano *clavel,* mas com vogal anaptíctica entre o *c* e o *r:* cf. as formas populares *carapinteiro, crapinteiro,* por *carpinteiro,* e *canivete,* do alemão antigo *knîf,* passando talvez pelo catalão *ganivet,* onde já se houvesse dado a anaptíctise do *a,* e que parece um deminutivo, cuja significação actual é «faca».

J. Leite de Vasconcelos deriva *crabelina* directamente de

---

[1] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 26.

[2] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v.* **Khakee.**

[3] O SECULO, de 1 de abril de 1902.

clauus [1], o que me parece provável em vista da existência de análoga forma em castelhano, *clavelina,* indubitávelmente derivada de *clavel.*

A palavra *cravina,* no uso vulgar, está abonada por esta formosa quadra de Acácio de Paiva:—

Juntou-se a cravina ao cravo
Entre as mãos d'uma menina;
Quem me dera num raminho
Ser eu cravo, e tu cravina [2].

caramelo, carambelo

Em castelhano *caramelo* é o nome de uma guloseima, a que nós chamamos «rebuçado», entanto que *azucarillo* corresponde ao nosso *caramelo.* Neste sentido, como no de «gêlo», o étimo parece ser calamellum, deminutivo de calamum, «côlmo», com dissimilação do primeiro *l* e supressão do segundo *a* em português, cal'mellum, *carmelo, caramelo* [3]: *carambelo* está para *caramelo,* como o português *lombo* para o castelhano *lomo.*

carangueja; caranguejo

Esta palavra tem uma acepção que ainda não foi inserta nos dicionários e se vê no trecho seguinte:—«Por este meio a locomotiva que vem rebocar um comboio até á *gare* segue sobre a carangueja, especie de ponte movediça, e entra na via que se pretende»—[4].

Caranguejo é na provincia do Minho «abrunho grande».

---

[1] Revista Lusitana, II, p. 105.
[2] O Seculo, de 12 de junho de 1905.
[3] Revista Lusitana, II, p. 105.
[4] O Economista, de 15 de abril de 1890.

(em) carapuça; (em) pelote

São vulgares estas expressões, significando a primeira «com a cabeça descuberta» e a segunda «nu», como também se diz, «em pêlo».

A segunda ainda se poderia explicar pelo seguinte modo: *pelote* é apenas um aumentativo facêto da palavra *pêlo,* referida já também por gracejo à pele.

Não me parece que seja assim.

Nos Subsídios para um diccionário completo da língua portuguêsa, preciosos pelo grande número de citações, está incluído o vocábulo *pelote,* com referéncia a *pelico,* onde se lê o seguinte:—«Darem a cada huum dos ditos pobres para vestyr pelotes e ssayas em cada huum ano, e de dous em dous anos pelicos e cerames á estanferee (Figanière, *Mem. das R. de P.,* p. 292)»—.

Vê-se daqui que pelotes não eram pelicos, e que estes por sua natureza deviam ter maior duração, o dôbro da dos outros, e tanta como os cerames, comparados com as saias, que durariam menos que estes últimos.

Conforme o Elucidário de Viterbo *pelote* era capa forrada de peles,—«á differença da que não era forrada»—.

A descrição minuciosíssima, porém, dos pelotes que pertenceram à guarda-roupa de El-rei Dom Manuel [1], por nenhum modo confirma esta definição: poucos pelotes são forrados de peles, entre as dezenas e dezenas dêles, escrupulosamente descritos, número quási infindo de vestiduras ricas de aparato, que contrasta singularmente com a escasseż de roupa branca, quási toda em mau uso, relacionada no mesmo interessantíssimo inventário, e que me trousse á memória, quando pacientemente o li, um rol de roupa qui vi escrito na parede caiada de uma hospedaria na cidade da Guarda, no qual se enumeravam doze colarinhos, seis

---

[1] Archivo Historico Portuguez, vol. ii, p. 399 e ss.

pares de punhos, seis camisas, quatro gravatas, e um só par de peúgas. A par dêste rol, por outra letra, lia-se o seguinte comentário:—Por fora cordas de viola; por dentro, puh!—, muito aplicável à vestimenta do aparatoso rei.

Prossigamos. Nos muitos pelotes de El-rei, forrados de lãs, de sedas, de çetim, etc., borlados de ouro, debruados de veludo, raros se encontram com peles, e estas de somenos valor, e sómente como guarnição, por exemplo:—«Item outro pelote de çetim avelutado preto de fralda e mea debruado de çetim preto com prefis de gatos com as mangas e quartos forrado(s) de fustam pardo e a fralda de pano encarnado e de baixo do forro fustam das mamgas e corpinho esta *(está)* outro forro de damasco emcarnado o quall forro das mamgas não chega a baixo por quamto servyram nelle bocaes de martas»—.

Devia de ser muito bonito. O que mais me surpreendeu à primeira leitura, na minha qualidade de tam amigo de gatos como Madame Michelet, foi a devoção, a graça de enfeitar com focinhos do meu animal predilecto a tal garrida vestimenta, o que um pouco me congraçou com a penúria de roupas brancas do monarca. Como, porém, os pelotes com caras de gatos, de perfil, como que a disfarçar o serem todos cegos de um ôlho, fossem nada menos de cinco, todos a seguir, estranhei tanto gato junto; e como em outro *item* se leia—«Outro pelote de çetim preto com prefis de gato e o corpinho e mamgas forradas de fustam pardo e a frallda de pano encarnado»—, concluí que êste gato e aqueles gatos eram as peles dêles, e que os prefis eram as frentes, as bandas, como hoje se diz, ou as ourelas das tais vestimentas. Pobres gatos, que deram pêlo e peles para tantos enfeites! Santa Rosa de Viterbo no Elucidário refere-se a *(manto) gatum,* e acrescenta:—«talvez forrado de pelles de gato»—. *Cordeiros,* por peles de *cordeiro,* foi também usado.

Concluí ainda outra cousa importante, e é que o pelote nunca foi capa, forrada ou por forrar, visto que tinha corpo, mangas e saia; mas sim uma espécie de sobrecasaca moderna, sôbre a qual se podia vestir, para abafo ou por luxo, uma roupa, ou roupão, ou pôr uma capa: e assim se explica o gastarem-se num ano os

pelotes, e só em dois os pelicos, os quais seriam então as vestiduras de cima, que por menos trazidas duravam mais.

Enganou-se portanto o bom Viterbo, e para nos convencermos disso nem mesmo era necessária tal conclusão, visto que aquela peça, que no rico tesouro da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães se arrecada e se amostra como sendo o pelote de Dom João I, nem de perto nem de lonje se pode considerar capa ou capote.

Assim, ir em pelote quis dizer o mesmo que hoje *ir em corpo bem feito,* sem segundo casaco, ou qualquer outra vestimenta de agasalho, e daí *ir nu.*

Passemos à expressão *em carapuça,* que se interpreta por modo análogo.

Êste vocábulo é assim definido por Bluteau [1]: — «Especie de capacete de pano, com aba estreita por deante» —. Pode ver-se em qualquer retrato de Luís XI de França, e foi moda que durou bastante tempo. Por cima dela punha-se o chapéu; e assim quem tirava o chapéu ficava *em carapuça:* e como quando se deixou de usar carapuça quem tira o chapéu fica em cabelo, ou em careca, conforme a sua fortuna, *em carapuça* passou a significar em cabelo, ou, com a calva à mostra.

No uso actual a palavra *carapuça* e o seu derivado masculino *carapuço* significam, com lijeira mudança ou modificação de sentido, «qualquer cobertura mole, para a cabeça, com forma já a ela acomodada, sem abas ou pala, e que serve para a tapar».

Com relação à orijem e formação, é o vocábulo em última análise afim do castelhano antigo *caperuça,* moderno *caperuza,* (com o ceceio da consoante da última sílaba), tendo-se dado na palavra portuguesa metátese das duas sílabas mediais; e deve de ser um derivado terciário de *capa,* visto que em castelhano antigo temos *caparaçón,* de que derivou o francês *caparaçon,* e em latim bárbaro existe documentada a forma *caparo.* Cf. ainda o francês *carapasse,* «casca de crustáceo», no qual se deu igual

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

metátese *-rapa-* em vez de *-para-,* comparado com o castelhano *caparazón.*

Fernám Méndez Pinto na PEREGRINAÇÃO empregou, pelo menos duas vezes, a palavra *carapução:*—«dez ou doze Janiçaros de carapuções verdes»—[1]; —«vestidos de hũa cacheyra muyto felpuda, com seus carapuções do mesmo nas cabeças»—[2].

carcás

Êste vocábulo tinha dantes um sentido diverso do que se lhe dá actualmente, pois significava—«bomba composta de duas ou tres granadas, com metralha, tudo envolto em estopas banhadas em betumes e outras materias oleosas, e por fora um pano breado, a qual se mette n'uma lanterna, na qual vái lume aceso»—[3].

Hoje em dia emprega-se na literatura como sinónimo de *aljava,* mas o povo não conhece o termo. Em francês é *carquois (=carcuá),* e no texto italiano do Livro de Marco Paulo Véneto *tarcasci,* termo que Henrique Yule explica do modo seguinte: —«É transcrição do persiano *tarkaxi,* e o *c* inicial da palavra francesa procede talvez da constante confusão do *c* com o *t* em manuscritos»—[4].

A forma persiana, conforme Marcelo Devic [5], é *terkex,* vocábulo composto que quere dizer «estôjo para frechas» e que passou para árabe com a forma TARKAX, da qual proveem as europeias.

---

[1] cap. X.

[2] cap. CXXIV.

[3] António de Morais e Silva, DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, 1823.

[4] THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, newly translated and edited with notes and other illustrations, Londres, 1875, I, p. 358.

[5] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876, *sub v.* CARQUOIS.

Quanto ao seu sinónimo *aljava,* arábico é também, AL-GAOBE, que tem a mesma significação [1].

cardanho, cardenho

Termo de jíria, «furto»: — «Quando [a ladra Giraldinha] fazia um *cardanho,* tratava de fugir de Lisboa» — [2].

Parece um derivado artificial do verbo *cardar.* A escrita é duvidosa, visto que na capital *-anho* e *-enho* teem a mesma pronunciação; todavia, no Riba-Tejo pronuncia-se *cardânho.*

careca

É, no seu sentido natural, um termo burlesco para designar a «calva», e um «calvo».

Além do emprêgo figurado, já inscrito no NÔVO DICCIONÁRIO, de — «môço de praça de toiros, encarregado de abrir a gaiola aos toiros que vão ser lidados na arena» —, tem outro sentido esta palavra, conforme se vê no SECULO, de 29 de março de 1902: — «*careca* é, no norte, aquelle que deita fogo ás peças de artificio» —.

Tanto uma como a outra acepção é natural que provenham de indivíduos calvos, que em algum tempo exerceram um dêsses mesteres. A mesma orijem temos de atribuir a palavras como *carrasco,* por exemplo, que de apelido passou a designar o «algoz», por ter havido um com êsse nome, derivado, como muitos outros, de nome de terra, a qual o recebeu de árvore que nessa terra era acidente notável.

Quanto à etimolojia de *careca,* direi só que tem aspecto cafrial o vocábulo (cf. *carcunda, q. v.*) [3], mas não é quimbundo, visto não haver nesta língua *r* senão antes de *i.*

---

[1] Eguílaz y Yanguas, GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

[2] O SECULO, de 1 de dezembro de 1901.

[3] V. em **calombo,** e **carrasco.**

caril

Esta palavra, que significa um adubo muito condimentado, usado na Índia e no sul da Ásia, é o canarim *karil*, «môlho», correspondente ao támul *kari*, de que os inglezes derivaram o seu *currie* [1] (pron. *câri)*:—«E deste *coquo* pisado, e tirado o leite... cozem arroz com elle, e he como arroz de leite de cabras. Fazem comeres das aves e carnes (a que chamam *caril)*»—[2].

A orijem desta palavra parece ser o concani *korī*, a que se daria um plural *caris*, do quál se deduzisse ao depois o singular *caril:* cf. *funil*, plural *funis*, e *candil*, *(q. v.)*.

Êste condimento é muito usado em toda a Índia, e modernamente mesmo na Europa. A sua composição, conforme o livro de José Maria de Sá, PRODUCTOS INDUSTRIAES DO COQUEIRO [3], é a seguinte:

—«Coentro	20 gramas
Raizes frescas de gengibre	15 »
Semente de dormideira	5 »
Pimenta redonda	4 »
Açafrão	4 »
Canela.	1 »
Semente de cuminho	1 »
Alhos	2 dentes
Cravo da Índia	8 sementes
Cardamomo	5 »
Pimenta longa	á vontade
Limão	uma metade

[1] Burnell & Yule, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

[2] Garcia da Orta, COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA ÍNDIA, Lisboa, 1891, p. 238.

[3] Nova-Goa, 1893, p. 72.

Forma-se uma massa de todos estes ingredientes, moendo-os primeiro separadas, e depois juntamente, e ajunta-se o leite d'uma metade de coco. Estas quantidades bastam para preparar o caril d'uma ave ou d'uma libra de carne»—.

carinhosa

Em Vila-Real-de-Santo-António designa êste adjectivo, substantivado, um «capuz de senhora».

carioca

O Nôvo Diccionário dá duas acepções a êste vocábulo brasileiro:—«pessoa preta ou mulata; pessoa do Rio-de-Janeiro»—. Na segunda acertou; na primeira creio que não, e ainda menos na etimolojia que lhe atribui.—«N[ome] p[róprio] de uma ribeira»—.

Conforme o Vizconde de Porto-Seguro [1], o epíteto *carioca,* de *carï* «branco» e *oca,* «casa»—casa do branco—foi pelos indíjenas tupis aplicado a uma ribeira do Rio-de-Janeiro, perto da qual se estabeleceram os primeiros colonos portugueses, e ao depois, por ampliação a todos os naturais do Rio-de-Janeiro, denominação por êles aceita e que passou ao Continente, servindo em tempos para os designar, não só a êles, mas a todos os indivíduos nascidos no Brasil.

Conforme o referido autor, a palavra *carï* era empregada pelos tupis meridionais para se intitularem a si próprios, e até aos europeus, com quem conviviam em boa paz.

Vê-se, portanto, que a acepção «preto» ou «mulato» não pode estar compreendida no vocábulo *carioca,* a não ser por vitupério.

---

[1] L'origine touranienne des Américains. Tupis-caribes et des anciens Égyptiens, Viena, 1876, p. 2.

Na minha infância era facultativo de nossa casa um brasileiro, natural do Rio-de-Janeiro, por nome Caldas, a quem toda a gente chamava *O Carioca*. Era branco, muito alto, bom médico, e por sinal hábil marceneiro. É a idea que dêle conservo.

carlagã

Fazenda da Índia [1].

carmoso

Termo de jíria em Lisboa: um tostão: — «Dê-me agora só um *carmoso*... não sabe o que é?... cinco chetas» — [2] [vinténs].

carneiró, *ou* carreiró, carreirote [3]

Na Ilha da Madeira, certa ave (Anthus trivialis).

carocha *(=caròcha)*, carocho *(=carôcho)*

Carocha é nome vulgar de um coleóptero pentâmero, carabus, e, conforme o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, o seu correspondente masculino designa uma espécie mais pequena, e também um peixe, que recebeu naturalmente êste nome por ser negrão: cf. *carapau negrão*.

---

[1] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 94.

[2] O DIA, de 25 de setembro de 1902.

[3] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS, *in* «Ornithologisches Jahrbuch», X, 1899, I-III.

Como adjectivo, *carôcho,* femenino *carocha* quere dizer «escuro, preto», e dêste adjectivo provém que ao gato preto se dá em geral o nome de *carocho,* nome que, naturalmente pela mesma razão, se aplica em Caminha a um barco pequeno de pesca, o qual, como tive ocasião de ver, é pintado de preto.

Carocha se chamava a mitra que se punha na cabeça aos penitentes, condenados pela Inquisição, quando iam para o patíbulo. Essa mitra era de papelão, e nela se pintavam figuras de diabos monstruosos, requinte de perversidade, inventado para desviar a compaixão que poderiam inspirar aqueles infelizes, despertando um sentimento contrário de horror e asco em quem os visse. A esta mitra alude Gil Vicente no VELHO DA HORTA:

> —Com cent' açoutes no lombo,
> E ũa carocha por capela—.

É singular a analojia que se dá entre *carocha* e o adjectivo *caro,* comparados estes dois vocábulos com *barato* e *barata,* insecto, o qual provém de blatta, latino.

carola, carolo

A palavra *carola* tem três acepções, uma das quais independente, e que portanto deve ser considerada como vocábulo distinto.

Temos pois: *Carola (1):* «dança de roda».

É o francês *carole,* o inglês *carol,* o italiano *carola,* que é, ou vocábulo próprio das línguas célticas, como pretende Skeat [1]; ou o latim *choreola,* como outros pretendem.

Carola (2): do latim corolla, deminutivo de corona, a

[1] A CONCISE ETYMOLOGICAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, Ocsónia, 1887.

coroa, que os padres abrem no cabelo, no alto da cabeça, o *cerquilho.* Por extensão: «o indivíduo que tem coroa aberta», o padre; o *irmão* que, de cabeça descuberta, acompanha as procissões, com capa e tocha; a cabeça descuberta; o indivíduo que se compraz em figurar em festividades relijiosas; o devoto; o entusiasta por qualquer causa, e que se presta, por vaidade, por interêsse, ou por dedicação, a tomar parte activa em qualquer sociedade, grémio, partido, facção, etc.».

Carola (3), como nome próprio, é abreviatura de *Carolina.*

De *carola,* cabeça descuberta, derivou-se um masculino correspondente, *carôlo,* com *o* tónico fechado, como é de regra, que quere dizer: «pancada na cabeça».

O substantivo *carôlo,* «maçaroca esbagoada, pão de farinha grossa, papas de farinha grossa de milho, etc.», é decerto outro vocábulo.

Carôlo, além das acepções contidas nos dicionários tem mais, pelo menos em Lisboa, a de uma massa grossa, de farinha de trigo e água, de que usam os çapateiros, ou usavam ainda até há pouco tempo.

carpinteiro

Como termo teatral, significa «o indivíduo que arma o cenário no palco».

carranca

Êste vocábulo português tam expressivo, e cujos matizes de significação estão perfeitamente compendiados no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO do insigne Rafael Bluteau, é considerado por todos os nossos lecsicógrafos como uma modificação de *cara,* sem nos declararem os processos de derivação que o produziram, e por que motivo o *r* se profere e escreve dobrado, sendo certo que nas línguas das Espanhas jamais se confundiram *rr* e *r.*

Não aventarei étimo algum, mas apenas chamarei a atenção para o vocábulo sanscrítico KARAṂKA, o qual, segundo Monnier

Williams [1], significa «crânio, cabeça» (the skull, the head), e além disso, note-se, uma casca de côco, vazia, e preparada para servir de copo, ou vasilha (a cocoa-nut hollowed to form a cup or vessel).

Em outra inscrição do mesmo dicionário, em TĀMBŪLA, «bétele», vemos a seguinte explicação: — «*Tāmbūla-karan'ka,* the *Pān-dān* or betel-box (this box generally resembling a karan'ka or hollowed cocoa-nut)» — [2].

Esta singular coincidência, e já vou explicar em que ela consiste, autorizaria talvez a suposição de que o vocábulo tivesse vindo da Índia, não digo directamente do sânscrito, mas de qualquer das línguas vernáculas de lá, principalmente se a palavra não existe em outro dos vários idiomas da Península Hispânica com êste significado, nem em nenhuma outra do domínio románico.

A coincidência está no seguinte facto:

Carranca quere dizer «cara feia», e *côco,* como é sabido, significava em português, e hoje ainda em castelhano, o que actualmente chamamos *papão,* isto é, uma figura de catadura ruim, com que se mete mêdo às crianças. Os portugueses, ao verem pela primeira vez o fruto do coqueiro, compararam-no a uma dessas caras de arremeter, e aplicaram-lhe o nome com que desde então é conhecido em toda a Europa.

É esta a orijem que lhe dão João de Barros, Garcia da Orta; e o ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, sem primeiro o nomear, descreve-o do seguinte modo: — «As palmeiras dam uma fruta... como mellõees, e o miollo... he o que comem e sabe como junça avellanada» — [3]. Mais adeante, porém, já o designa pelo seu nome: — «e o mantimento era coquos» — [4].

Eis aqui o final do interessante passo de João de Barros, no

---

[1] A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Ocsónia, 1872.

[2] *ib.*, p. 369, col. III.

[3] Lisboa, 1861, p. 28.

[4] *ib.* p. 94.

qual descreve longamente o *côco* e o *coqueiro.*—«Esta casca per onde aquelle pomo recebe o nutrimento vegetavel, que é pelo pé, tem uma maneira aguda, que quer semelhar o nariz pôsto entre dous olhos redondos, por onde elle lança os grelos, quando quer nascer: por razão da qual figura, sem ser figura, os nossos lhe chamaram côco, nome imposto pelas mulheres a qualquer cousa, com que querem fazer mêdo ás crianças; o qual nome assi lhe ficou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como lhe os Malabares chamam, Tenger, e os Canaris Narle»—[1].

Garcia da Orta [2] diz:—«e nós, os Portugueses, por ter aquelles três buracos, lhe pusemos o nome *coquo;* porque parece rosto de bugio ou de outro animal»—.

Ora, significando *karaṅka* «cabeça» e «noz de côco», representando a boceta do bétele em geral uma cabeça ou crânio, *karaṅka,* e tendo os nossos denominado *côco* a *tenga* ou *narle* da Índia, por semelhar uma cara feia, é possível que o vocábulo *karaṅka* passasse para cá com a significação de cara disforme, como aquela que as bocetas do bétele semelhavam, e que os nossos julgaram ver no fruto.

Repito que isto é apenas uma conjectura, cuja probabilidade é muito precária, e desaparecerá se o vocábulo *carranca* fôr mais antigo na língua que as nossas relações com a Índia; para que não suceda o que aconteceu à palavra *varanda,* que se supôs indiana, quando ela já existia em português e em castelhano, antes de aparecer nas narrações dos nossos descubrimentos do seculo XV e XVI.

Devo ainda advertir que, se *carranca* não existe em castelhano, nem com as significações portuguesas nem com outras, encontra-se em galego, querendo dizer, conforme o dicionário de Cuveiro Piñol [3],—«carrancas—patizambo, contrahecho, de

---

[1] Da Ásia, Década III, l. III, cap. 7, Lisboa, 1777.

[2] Colóquios dos Simples e das drogas da Índia, I, p. 234, Lisboa, 1891.

[3] Diccionario gallego, Barcelona, 1876.

piernas especialmente»; e — «carrancudo — (ant.) tieso, espetado» —.

O vocábulo *côco* designa nos Açôres «inhame» [1].

carrapiço

Em Trás-os-Montes significa «pedaço de velo difícil de carmear (desembaraçar)».

No Nôvo Diccionário é êste vocábulo dado como provincial, com o sentido de — «espécie de pequenino ouriço, que encerra as sementes de certas ervas e que se agarra facilmente ao fato da gente e á lan do gado lanígero» —.

carrapito, carrapiteiro

Conforme informação da minha criada Maria do Rosário, natural da Chamusca, designa êste nome, no Riba-Tejo, a roseira brava.

A significação primordial de *carrapito* é «chifre».

carrasco, carrasca, carrascão

Carrasco é um termo de botánica vulgar, a que científicamente corresponde quercus coccifera, e dêste vocábulo, cujo étimo é desconhecido, mas ao qual corresponde em castelhano *carrasca,* se derivam os substantivos *carrasqueiro, carrascal,* «sítio em que existem carrascos», *carrasca,* «lenha», «casca de pinheiro», e «espécie de oliveira», e os adjectivos *carrasquenho, carrascão* (vinho), etc.

Com o primitivo *carrasco,* ou seus derivados, se denomina-

[1] Revista Lusitana, II, p. 47.

ram muitos lugares em Portugal: *Carrasca, Carrascal, Carrascais, Carrascalinho, Carrascas, Carrascosa, Carrasqueira, Carrasqueiro, Carrasco;* e é sabido que nomes de plantas contribuem consideràvelmente para a toponímia em todos os idiomas, e nomeadamente nas línguas românicas. Freqùente é também que êsses nomes de localidades passem a apelidos de família, e dêste modo é muito usual o de *Carrasco*. Dêste apelido, conforme Bluteau, proveio a acepção que, como substantivo comum, tem êste vocábulo em português:—«Desde o tempo de Belchior Nunes *Carrasco,* que na cidade de Lisboa era Algoz, chamou o vulgo aos Algozes *Carrascos*»—[1].

Algoz dizem os arabistas ser o nome de uma tribo turca, cruelíssima, cujos indivíduos eram empregados pelos mouros nos mesteres de carniceiros e de verdugos. Esta última palavra é também um enigma.

Körting [2] diz-nos ser um latim vulgar *viriducum,* derivado de viridem, «verde». Designava *verdugo* uma «vara verde» (cf. *verdasca),* que servia de açoute, e de instrumento de tortura passou o nome a designar o homem incumbido de a aplicar.

Deve ter-se em atenção que, havendo tantos nomes de lugares formados em Espanha com o substantivo *carrasco* e seus derivados, e sendo o apelido *Carrasco* lá vulgar, a começar no bacharel *Sansão Carrasco,* amigo de Dom Quixote, não tem em castelhano o vocábulo *carrasco* a acepção de «algoz», o que confirma o étimo proposto por Bluteau.

Digna de reparo é também a coincidência de o algoz de Luís XVI de França se chamar *Sansão,* e ser *carrasco;* entanto que o *Sansão Carrasco* do Dom Quixote era excelente criatura. O espanhol era *Sansão Carrasco,* o francês era *Sansão* e foi *carrasco* de veras.

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

[2] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, **8758.**

carregar, cárrego, carga, cargo, descarregar

Do verbo *carregar* derivou-se um substantivo verbal rizotónico, que deveria ser *carréga,* mas que, na realidade, é *carga.* Análogo a êste há, em português, *folgar, folga,* a par de *fôlego,* que melhor se escreverá *fôlgo,* para evitar uma excepção que, segundo a pronúncia comum, seria só ortográfica. Em castelhano o verbo correspondente a *carregar* é *cargar,* em que se deu a elisão da vogal medial, como aconteceu em português com *folgar* ⟨ follicare, como *carregar* ⟨ carricare.

Acepção especial de *carregar* é esta que vemos na publicação Portugalia [1]:—«A fiandeira põe a roca á cinta, depois de carregada»—, isto é, «depois de lhe ter pôsto o linho, que vai fiar».

Cargo é derivado masculino de *car(re)gar,* em qualquer acepção em que seja tomado, incluindo a de certa fogaça, ou armação piramidal enfeitada de bolos, flores e frutas, que se vende em leilão nos arraiais, ou festas populares a algum santo.

O verbo *descarregar* tem várias acepções que se relacionam com *carga.*

Antigamente tinha ainda outra, em relação com *encargo, cargo,* ou *cárrego,* como se dizia:—«Dêste cometimento do Infante ficou El-rei descarregado e mui ledo»—[2], isto é, «exonerado, aliviado».

carreirão

O suficso *-ão* é em português, como em espanhol o seu correspondente *-ón,* com u sem inficso, *z, c (homemzarrão),* aumentativo, e conseguintemente vocábulos como *cordão* oferecem todas as probabilidades de ser de orijem francesa, onde, ao con-

---

[1] I, p. 372.
[2] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXXIX.

trário, o suficso *-on* é deminutivo, *oison* = «petit de l'oie»; conquanto em algumas dições tomadas a esta língua, o suficso português *-ão,* que se deu como correspondente ao *-on* francês, readquirisse em português, por analojia, o seu valor próprio, do que é exemplo *salão,* derivado de *salon,* sendo que em português é aumentativo de *sala,* e em francês orijináriamente um deminutivo de *salle.*

A regra, porém, não é geral, visto que em Trás-os-Montes *carreirão* é deminutivo de *carreiro,* no sentido de «caminho para carros», e no Algarve *agùidão,* é deminutivo de *agúida, agúdia (q. v.).*

. Que a palavra *carreirão* é deminutivo, e não aumentativo, como poderia conjecturar-se, prova-o a menção expressa que vou citar:—«A subida do rio até ao cabeço que conduz á chã ou praina, faz-se por atalhos ou carreirões de grande acclive...»—, e em nota:—«deminutivo de «carreiro», caminho de carros»—[1].

carrejar, carrejo

São formas duplas com *carrear*, *carreio.* Todavia, *carrejo* tem um significado muito especial como termo da Estremadura, correspondente ao castelhano *acarreo:* é o que os ingleses designam com a palavra *drift* | *draw,* «arrastar, puxar» isto é, são as várias substáncias que as águas correntes trazem em suspensão até que as depositam, e o depósito que consiste nessas substáncias assim *carrejadas.* É termo muito expressivo, usado no Ribatejo, e com vantajem da vernaculidade da nomenclatura científica poderia ser adoptado em geolojia.

---

[1] Manuel Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

carretilho

Na Beira-Baixa dá-se êste nome ao «carrinho de mão» [1], que os franceses chamam *brouette,* termo de que o beirão é tradução excelente, que merece ser generalizada. É um evidente deminutivo duplo de *carro* } *carrête* } *carretilho.*

carriço, carriça; encarriçado

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vemos a primeira destas formas, como termo da Bairrada, com o mesmo significado de *carrapiço (q. v.).*

No corpo do dicionário, porém, fôra essa forma masculina definida como—«planta cyperácea *(currex ambigua)*»—. A forma femenina é aí dada apenas como designando certa ave, da qual uma espécie se denomina *carricinha.*

Nos meus apontamentos tenho ambas as formas, em significações análogas, mas não em absoluto idénticas, como pertencentes ao vocabulário transmontano (Rio-Frio): *carriça,* «monte de herva, tufo de cabelo»; *carriço,* «indivíduo de cabelo crespo».

Ao adjectivo participial *encarriçado* dá o dito Suplemento como significado o seguinte:—«(prov. beir.). Diz-se da gallinha toda occupada em chocar os ovos. (Talvez por *encarniçado,* se não vem de *acarrado)*»—.

É evidente que procede de *carriço,* e que a aplicação do epíteto à galinha que está no chôco provém de ela ali estar *entufada,* com as penas arripiadas. Vê-se pois que *carriça* e os seus derivados se não limitam a tam pequena parte do reino, como a respeito de qualquer dêstes vocábulos se depreende do que em separado se diz dêles: são mais gerais.

No capítulo que, com o título Raças e tipos humanos, es-

[1] Informação do editor, natural de Almeida.

crevi para os «Elementos de Geographia Geral» de Manuel Ferreira Deusdado, usei do adjectivo *encarriçado* para descrever o aspecto do cabelo dos papuas: — «cabelo negro, encarriçado e emmaçarocado» — [1].

carrinha

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo como alentejano, dizendo-nos que é — «pequena carroça» —. Todavia, no jornal O Seculo, de 14 de agosto de 1903, lê-se o seguinte trecho, que amplia o nome a veículo algarvio: — «outros dirigiram-se a Portimão no transporte caracteristico da região [Lagos], as denominadas *carrinhas*» —.

cartapaço, cartapácio, cartapele

A palavra *cartapácio* está rejistada em todos os dicionários com os dois significados principais, de «caderno de apontamentos», e de «livro volumoso e de pouco préstimo».

Conforme F. Adolfo Coelho [2], é um latim da decadência charta pacis, e é termo escolar.

Uma forma um tanto mais portuguesa, *cartapaço,* porém, tem em Trás-os-Montes acepção muito diferente, como se vê do seguinte passo: — «cartonagem de molduras para estampas de santos, para cartapaços de rocas e camandulas» — [3]. É pois um cartucho de papel, que se põe na roca de fiar.

Outro nome do mesmo amparo é *cartapele,* usado na Beira, como vemos no Nôvo Diccionário.

---

[1] Lisboa, 1891, p. 219.

[2] Diccionario manual etymologico.

[3] Manuel Ferreira Deusdado, O recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

cartazeiro

O indivíduo incumbido de pregar os cartazes nas paredes [1].

caruma

Êste vocábulo é dado no Nôvo Diccionário com a significação de—«folha de pinheiro»—, isto é, a *agulha* ou *agulheta.*

No Suplemento acrescenta-se—«(prov. beir.) a pellícula que reveste as castanhas ainda verdes e tenras»—. O Diccionário Manual etymologico declara ser termo provincial e significar—«resina de pinheiro»—. Creio que a primeira acepção é muito concreta, e, com relação à ultima, tenho-a por inexacta.

Na Soberania do Povo, jornal de Águeda, de 21 de setembro de 1882, lia-se:—«ao pé do lar estava uma porção de caruma e lenha, que se incendiaram ao calor do fogo proximo»—. Por êste trecho é *caruma* um colectivo, que poderá talvez designar «rama de pinho», e não, «uma fôlha de pinheiro».

carunho

No Nôvo Diccionário vem esta voz como transmontana, com a significação de *carôço;* nos meus apontamentos tenho-a como minhota, com o mesmo significado.

casa, e seus derivados

Êste substantivo, que em português únicamente, mas não em todo o reino, significa qualquer dos repartimentos internos de

---

[1] O Economista, de 13 de novembro de 1887.

uma habitação, além de expressar o edifício todo, como em castelhano ou italiano, sofre inúmeras particularizações de sentido, quer só, quer acompanhado de epítetos, expressos por adjectivos, por aposição de substantivos, ou por complementos circunstanciais. Eis aqui algumas dessas locuções, ainda não rejistadas.

Casa-tôrre: — «Logo em seguida deparam-se-nos as *casas-tôrres* (linguagem do Minho)» —[1].

V. **castelo.**

Casa-palhoça: — «Ha as coberturas de palha centeia nas chamadas casas-palhoças (Amarante, Marco, etc.)» —[2].

Casa-de-entrada: — «A casa de entrada só tem de notavel as *cantareiras* de loiça, estanho, arame e cobre que ornamentam as paredes de alto a baixo, em flammantes estanheiras e sanefas de pinho, tintas de azul e encarnado» —[3].

Há para apontar aqui, além do colectivo *loiça,* excluindo a de metais, o termo *estanheira.*

Casinha, termo alentejano: — «O nome «casinha» consideramol-o improprio. Na maioria dos montes o alojo está longe de ser um pequeno cubículo, é pelo contrario uma casa ampla, que acommoda á vontade vinte e trinta homens» —[4].

Casinhola: — «O galinheiro é provido de poleiros sufficientes para repouso dos *bicos [q. v.],* e de casinholas ou cestos para postura dos ovos» —[5].

Casinholo: — «Em alguns montes o galinheiro serve também de pombal, para o que tem nas paredes os casinholos indispensaveis para a creação dos pombos» —[6].

Caseiro, além de significar quem tomou casal de renda, ou o cultiva por conta do dono, tem, conforme as rejiões, mais dois significados, entre si opostos: *a)* «o senhorio», como em castelhano *casero:* — «O caseiro... lançou o padre fora das casas em

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PREHISTORICO, p. 19.
[2] OS PALHEIROS DO LITTORAL, *in* Portugalia, I, p. 83.
[3] *ib.* ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, p. 537
[4] [5] [6] *ib.* p. 541 e 545.

que morava... o mesmo fizeram mais os tres caseiros, para cujas casas o padre se mudava» —[1].

Nesta acepção parece ser obsoleto.

b) «o inquilino»: — «Os caseiros... foram pagar as importancias dos seus alugueres em notas de 5$000 réis. O senhorio... recebeu as notas» —[2].

Casa designa em português, singularmente, «a abertura em que entra o botão», que em castelhano se denomina *ojal*, em francês *œillet*, que correspondem ao nosso vocábulo *ilhó(s)*, no qual o *i* átono está por *o* por influência da palatal *lh*: *ilhó* por *olhó*, de *ôlho*, com um suficso *ó(l)a*.

De *casa* nesta acepção se derivaram *casear* e *caseadeira*, que significa «a mulher que abre as casas no fato e as guarnece ou remata».

O que é menos conhecido é o verbo *casear*, com a significação de «fazer moradas de casas», como o vemos empregado no passo seguinte: — «impoz este tributo ao vinho, para casear Villa Nova» —[3].

casaca, casaco

Casaca, de que se formou, além de outros derivados, um masculino com a significação de qualquer peça de vestuário que se põe por cima do colete ou de outro casaco, veio para Portugal provávelmente de França, onde *casaque* queria dizer um «sobretudo». Para o francês, em oposição ao que afirma Littré [4], escudando-se com Diez, veio *casaque*, presumívelmente designando primeiro «farda», do roupão usado pelos cossacos, que em russo se denominam KOZAKI, pronunciado *kazáki*.

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 241.

[2] O SECULO, de 1 de outubro de 1901.

[3] E. Freire de Oliveira, ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, I, p. 178.

[4] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

No termo de Lisboa, entre çaloios, um *casaca* quere dizer «o indivíduo de Lisboa, *da cidade,* que não usa jaleca», naturalmente porque, quando tal apodo foi introduzido na linguajem dêles, a *casaca* era trajo obrigado da gente fina, a toda a hora do dia, isto é, a *casaca,* o *frac* francês e castelhano, com as abas sómente na parte posterior e compridas, porque, se eram curtas, essa peça de vestuário denominava-se *niza.*

Quando eu era rapazote, as pessoas de certa representação, ou que pretendiam tê-la, trajavam sempre *casaca* quando estavam de luto, e ainda há pouco tempo deixou êsse trajo de ser o próprio dos funerais e outras solenidades diurnas.

Exemplo de *casaca* como «indivíduo da cidade» é o seguinte: —«um ou outro saloio que não se intimida com o casaca»—[1].

Como se vê, a citação é moderna; mas o termo tende a obliterar-se, em razão de maior convivência entre a gente de Lisboa e a dos subúrbios, e porque a diferença radical no trajar se vai abolindo pouco a pouco numa promiscuidade quási absoluta: o povo acrescentou as abas às jaquetas, convertendo-as em *casacos, paletós,* e as pessoas de distinção cercearam-nas, de forma que acrescentando-as uns e encolhendo-as os outros, resultou ficarem do mesmo comprimento. Nada mais igualitário do que as modas, e ainda bem!

casqueira

—«É toda feita [a ratoeira de raposa] de madeira de pinho, geralmente casqueiras ou taboas velhas, afim de incutir menos desconfiança»—[2].

Há um provérbio que diz: «Ou dá tábua ou casqueira».

O sentido do provérbio é: «todo o indivíduo tem uma ser-

---

[1] O Seculo, de 18 de junho de 1901.

[2] José Pinho, Ethnographia Amarantina, A caça, *in* Portugalia, II, p. 90.

ventia qualquer», como a árvore, com relação à madeira, boa ou ruim, que se aproveita dela.

cassungo

Esta palavra, própriamente, significa um povo da Guiné:—«Os principaes povos espalhados pelos sertões, margens dos rios e costas, ou littoral na Guiné são: «os fulos, os jalofos, mandingas, felupes, churos, banhames, burames ou papeis, bijagoz, cassungos, beafares, nalins, balantas, lapes e sacalages»—[1]. Felizmente quem escreveu isto, ortografou tudo à portuguesa, em contrário da pretenciosa moda actual.

Dêste nome étnico se derivou sem dúvida o de uma espécie de contaria, naturalmente bem aceita por tal povo na permuta, termo já rejistado no Suplemento do Nôvo Dicc., abonado com Capêlo e Ivens, mas que em vista de um anúncio publicado no Economista, de 4 de novembro de 1882, vou explicar também: —«contaria, que se vende aos massos; é de varias côres, tais como branco, preto, encarnado, azul-celeste»—.

castelhano

Quere dizer própriamente de Castela, em espanhol *castellano,* de *Castilla,* antes *Castiella.*

Castelhanismo é também esta forma em português, pois antes se dizia *castelão:*

—Aqui jaz Simom Antom,
Que matou muito castelão,
E debaixo do seu covom
Desafia a quantos são—[2].

---

[1] O Seculo, de 23 de abril de 1902.

[2] D. Rafael de Bluteau, Vocabulario portuguez e latino, *sub v.* Covam.

No Algarve é o nome de uma casta boa de figo: — «O mais aristocratico é o «Berjacote... e o Castelhano» — [1].

castelo; castelário, casteleiro

Aqui vão mais duas acepções especialíssimas desta palavra, devidamente abonadas. — «A mesma aparencia de casaes terreos, *castellos,* ou *torres* (assim se chamavam as casas de sobrado)» — [2].

— «Castellos se denominavam uns mastros de maçaneta doirada com muitos enfeites de fitas e galhardetes» — [3].

Castelo é também uma peça de moinho: v. **segurelha.**

O derivado alatinado *castelário* { castellum, deminutivo de castrum, a que em português corresponde *casteleiro,* é usado por Alberto Sampaio na monografia As «villas» do norte de Portugal: — «os nossos castellos tambem não foram instrumento de oppressão ou rapina, [como os de outros países em que mais predominou o feudalismo] porque serviam de defesa de terras nas mãos dos castellarios ou castelleiros, delegados do rei» — [4].

castro, castrelo, castrejo, crasto, cristelo, crasta, crasteiro

O Nôvo Dicc. dá-nos os dois primeiros vocábulos, e define o primeiro como — «castello de origem romana» —: cumpre acrescentar «ou pre-romana». *Castrejo,* com o femenino *castreja,* apenas o incluíu com a significação de — «natural de Castro-Laboreiro» —. Todavia, tanto *castreja* com o *castrejo,* e assim também *crasto* e *cristelo,* são igualmente substantivos, com significados análogos, e todos êles muito freqüentes na toponímia

[1] O Jornal da Manhã, de 4 de novembro de 1885.
[2] Portugalia, I, p. 178.
[3] António de Campos, Luís de Camões, II parte, cap. XIV.
[4] *in* Portugalia, I, p. 580.

do norte de Portugal, onde por toda a parte os castros coroam as eminências, como é sabido. O último citado, como nome de localidade, costuma escrever-se erróneamente *christello,* como se absurdamente tivesse alguma cousa que ver com *Christo;* outro tanto aconteceu a *sachristão* e *sachristia,* que proveem do latim sacrum, e não de *Christo,* e, portanto, em qualquer ortografia, devem escrever-se sem o *h, sacristão*, *sacristia.*

Crasto é pois o mesmo que *castro,* de que é metátese:—«em Portugal os monumentos archaicos, luso-romanos ou pre-romanos, são conhecidos por diversos nomes:—*castêllo, castéllo, crasto* (do latim *castrum)*»—[1].

Crasta significava *claustro,* e é natural que seja o plural latino claustra, de claustrum, de claudere, «encerrar». As formas intermédias podem reconstituir-se: claustra } *clastra* (cf. *agosto* de Augustum) } *crastra, crasta,* por dissimilação (cf. *cravo* } clauum, e *rosto* } rostrum).

É vocábulo independente, portanto, de *crasto* [2].

Crasteiro é adjectivo derivado de *crasta,* e foi usado modernamente, conquanto provávelmente colhido em documentos antigos:—«esse que fora prior crasteiro de Santa-Cruz» [3].

O vocábulo vem no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS de J. Inácio Roquete, com remissão a CLAUSTRAL [4].

catana, catanar

O último dicionário português publicado, NÔVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, de Cándido de Figueiredo, define da seguinte maneira o vocábulo *Catana:*—«alfange asiático; pe-

---

[1] Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PREHISTORICO, p. 62.

[2] Veja-se A. A. Cortesão, SUBSÍDIOS PARA UM DICCIONARIO COMPLETO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, Coimbra, 1900.

[3] António de Campos, LUÍS DE CAMÕES, *in* «O Seculo», de 26 de julho de 1900.

[4] Paris, 1855.

quena espada curva; espada com bainha de madeira, em uso entre os timôres»—, e dá-lhe, em dúvida, orijem japonesa. No Suplemento ao mesmo dicionário [2.º vol., p. 775, col. II] atribui-se-lhe orijem italiana presumível, *cattana,* femenino de *cattano,* contraído de *capitano,* contracção que designaria «espada de capitão». Efectivamente, Petròcchi [1] aduz como desusado o vocábulo *cattano;* todavia, apresenta-nos também *catana,* que define—«sorta di scimitara o di pugnale giapponese»—.

Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, diz-nos:—«CATANA, catâna. He palavra do Japão. *Vid.* Alfange. Terçado. (Todo o primor vay em alimpar a *Catana* com o rosto sereno & alegre: Lucena, Vida de S. Franc. Xav. fol. 473, col. 2)»—.

Cumpre notar que em Lucena, lugar citado [Liv. VII, cap. 2.º], se acentua *cataná;* como, porém, duas linhas mais abaixo vem um êrro tipográfico, «tatisfeitos» por «satisfeitos», e em toda a interessantíssima obra mais algumas incoerências de acentuação, seria mester compulsar pacientemente essa edição [Lisboa, 1600], para se averiguar se o dito vocábulo é mais vezes citado, com esta ou outra acentuação. Não o faço agora porque me falta ocasião e tempo, e por ser provável que o próprio Bluteau, escrupulosíssimo como se nos revela em todo o seu famoso Vocabulário, não assentasse na acentuação que indica, sem para isso ter motivos ponderosos, tanto mais que é ela a certa.

A acentuação *catána* é corroborada pela segunda citação abonatória, tirada do poema MALACA CONQUISTADA, de Francisco de Sá e Meneses, que transcreverei, com os dois versos que a antecedem no poema:

[Com pouca ocasião que procurárão
Descobrírão seu fim sanguinolento]
E nos derão do mal já tardo aviso
Mil crizes, mil catanas d'improviso.

CANTO III, EST. 49.

---

[1] NÒVO DIZIONÀRIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITALIANA, Milão, 1887, t. I.

Há ainda terceira citação, de Francisco Rodríguez Lôbo, CÔRTE NA ALDEIA. Como porém é em prosa, fôra inútil para o caso reproduzi-la aqui.

Morais [DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, 3.ª edição, Lisboa, 1823] transcreve esta última citação.

O GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ, chamado de Domingos Vieira, reproduz, com cento e sessenta anos de intervalo, as citações de Bluteau, modificando, todavia, a definição do vocábulo: aí *Catana* é — «alfanje asiático» —. O mesmo fizeram outros dicionaristas anteriores e posteriores aos editores do GRANDE DICCIONARIO, omitindo as citações e transcrevendo essa definição mais lata de «alfanje asiático», a qual provávelmente foi sujerida pelas duas últimas citações, que se não referem ao Japão.

Seria de interêsse compulsar toda a literatura portuguesa do tempo de Lucena e imediatamente anterior ou posterior, em cata dêste curioso termo, que de tam longe nos veio; por agora contentar-me hei com esta, que aproveitei sem maior trabalho.

No vocábulo Alfanje, para onde Bluteau nos remete, nada se acrescenta à definição que a elucide; antes ficou prejudicada, levando talvez essa remissão os lecsicógrafos posteriores a darem os dois vocábulos como sinónimos, pois nos dizem que ambos designam «espadas curvas asiáticas». Roquete, quer no NOUVEAU DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS [Paris, 1855], onde se limita a traduzir *catana* por *coutelas,* quer no DICCIONARIO PORTUGUEZ [Paris, 1867], em que a define como *terçado,* suprimiu a especificação de *japonês,* dada e autenticada por Bluteau, o que outros também fizeram; e no DICCIONARIO DE SYNONYMOS omitiu *catana,* quando dá a sinonímia de *espada,* discriminando, com maior ou menor artifício, os termos *espada, gládio, terçado, durindana, alfanje, cimitarra.*

F. Ad. Coelho, no seu DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA (Lisboa, sem data) aceitou, sem reparos, a etimolojia apontada por Bluteau, definindo também o vocábulo como significando — «alfanje asiático» —.

Não tenho ao meu alcance agora todas as muitas edições de todos os dicionários portugueses, para averiguar se outros seme-

lhantemente nos dizem ser a *catana* «um alfanje asiático», sem limitação de povo ou povos da Ásia que o usassem, mesmo concordando, ou não, em que o vocábulo seja japonês.

F. Diez [1] não dá o vocábulo, nem em italiano, nem em português. Körting [2], em o n.º **1628,** dá-nos o italiano *catana* como presumívelmente modificado de um étimo hipotético, *captana,* com a significação de—«casacca dei cacciatori»—, ao que o Nôvo Dicc. em certo modo alude, quando diz no Suplemento: —«designando veste de capitão, e, entre nós, a espada de capitão»—.

O Nôvo Dicc. às definições anteriormente dadas, a que nos referimos, acrescenta que o termo é também aplicável ás espadas dos timores. É possível que assim seja; é lícito, porém, hesitar em admitir essa atribuição do nome, não só porque não está abonada, mas também porque «espada» na língua dos timores se diz *súric,* conforme o Diccionario portuguez-tétum de Sebastião Maria Apparício da Silva [Macau, 1889]; e principalmente por ignorarmos o fundamento com que Sá e Meneses deu êste nome às espadas malaias.

Que o vocábulo é japonês, como afirmara Bluteau e aceitaram Morais, Ad. Coelho e Cánd. de Figueiredo, não há dúvida, pois nessa língua *katana* significa realmente não só «espada», mas também «faca»; pôsto que êste último objecto seja mais especialmente designado por um substantivo composto de *ko,* «criança», e *katana,* isto é, *ko-gatana,* com o abrandamento da inicial do segundo componente, que é de regra, e por uma catacrese injénua, como a que em malaio se emprega para designar a chave com o epíteto de «filho da fechadura» *(ának kúnchi),* e o degrau como «filho da escada» *(ának tanga).* Que o vocábulo *katana* denomina na actualidade não sómente a espada levemente curva japonesa, mas até a espada usual de mu-

---

[1] Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen, Bonn, 1869-1870, 3.ª edição.

[2] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1871.

nição, europeia, vemo-lo no vocabulário apenso à gramática japonesa de Seidel [1], muito recente, conjuntamente com *ken, turigi, wakišassi (sic: =uàkizáci).*

O que ocorre preguntar é se o vocábulo *catana* veio para português directamente do japonês, ou por intermédio do italiano. Tenho como certo que a primeira solução é a unica aceitável, não só pela definição de Bluteau e primeira citação com que a abonou, mas também atentando nas estreitas relações que os portugueses tiveram com o Japão nos séculos XVI e XVII.

É igualmente ponderosa em favor desta solução a circunstáncia seguinte: A tradução italiana, quási contemporánea, da obra de Lucena, feita pelo P. Luís Mansoni, como Lucena da Companhia de Jesus [Roma, MDCXIII], traduz no indicado passo *catana* por *scimitarra,* o que testemunha não ter sido ainda admitido em italiano o referido vocábulo japonês, que naturalmente passaria de Portugal ao depois para lá, por meio da literatura.

Devemos, sem embargo, confessar que Fernám Méndez Pinto [2] chama sempre treçado *(sic)* á espada dos japões, e já vimos que Bluteau lhe dá igualmente esta sinonímia.

Seja como fôr, o vocábulo por tal modo se naturalizou cá, e disso já se queixava Francisco Rodríguez Lôbo no passo que constitui a terceira citação de Bluteau, que deu o substantivo derivado *catanada,* como «golpe dessa, ou de outra espada», e em sentido figurado, hoje o único vulgar, como equivalendo a «censura áspera»; porque o vocábulo *catana,* no sentido natural só se emprega como termo burlesco. Produziu também pelos modos, o que menos sabido é e não está por emquanto mencionado em dicionários portugueses, o verbo *catanar,* que no Riba-Tejo quere dizer «ceifar herva» com a gadanha, segundo o que me informa a minha criada Maria do Rosário, natural da Chamusca, e seu

---

[1] HARTLEBEN'S VERLAG, Viena, Peste, Lípsia, p. 184.

[2] PEREGRINAÇÃO, III, e *passim.*

irmão, consultado independentemente, e que foi trabalhador rural nos campos vizinhos daquela vila [1].

cauchu; cacho, cáchu

Na Secção Falar e escrever do «Diario de Noticias» [2] de Lisboa, com os números DCCXIII e DCCXVI, veem dois artigos referentes ao primeiro dêstes vocábulos, o qual ordináriamente se escreve, à francesa e errado, *caoutchouc*. Cita-se ali E. Littré para se lhe atribuir orijem americana. Com efeito, o grande escritor e lecsicógrafo francês expressa-se do seguinte modo acêrca dêle: — «(ka-ou-tchou; le *c* final ne se prononce jamais...) ÉTYM. *Cahuchu,* nom indien de cette substance» —, que primeiro definira: — «Vulgairement gomme élastique; suc coagulé du *jatropha elastica, L,* arbre de la famille des euphorbiacées tithymales et d'autres plantes, telles que le figuier d'Inde, le jaquier, etc.» —.

Na Ortografia Nacional [3] aludira eu em nota às escritas usuais e erróneas *cautchu, cautchuc, caoutchouc,* e propusera no texto a ortografia aportuguesada *cauchu,* que mantenho, conquanto prefira a êste inútil galicismo algum dos três ou quatro nomes que temos para a mesma substáncia, e adeante menciono. Em qualquer caso, o *c* final, e mesmo o *t* são erros evidentes, copiados da defeituosa escrita francesa, indiscretamente imitada.

Rodolfo Lenz, no fidedigno Diccionario etimolójico de vocábulos chilenos [4], traz a forma *caucho,* referindo-se a ela como estran-

---

[1] Já publicado êste artigo na Revista Lusitana, VI, 1900-1901, de onde o extratei com pequenas alterações.

[2] De 9 e 16 de janeiro de 1906.

[3] Lisboa, 1904, p. 174.

[4] Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivadas de lenguas indíjenas americanas, Santiago de Chile, 1904-1905, p. 186, publicação que ainda não está concluída. O asterisco significa «de uso corrente em Santiago».

jeira nos termos seguintes:—«* **caucho**, m[asculino] -lit[erario]- el jugo lechoso, resinoso de varias plantas sudamericanas que se cuaja cuando se espone al aire; goma elástica. La palavra no es propiamente chilena, pero conocida en las ciudades por el mucho uso industrial de la materia... La voz mejicana *hule,* que significa lo mismo, se usa solo para la tela encerada [em português, *oleado*]. Variante: **cautchuc**, poco usado... Etimologia: Segun el *Standard Dictionary* del indio *cahuchu.* Segun una noticia de Barberena que no puedo comprobar, la voz seria de la lengua de los indios *mainas* de las márgenes del Amazonas»—.

O primoroso poeta e prosador Eduardo Augusto Vidal, que sabe, como poucos actualmente, a nossa língua, chamou a minha atenção, em carta, para a confusão aparente que nos artigos a que me referi se faz entre o *cauchu,* ou *caucho,* de que estou tratando, e outro vocábulo, semelhante na forma, *cáchu,* ou *cacho,* de orijem e significado muito diversos, e sôbre o qual o Conde de Ficalho, nas notas, aos Colóquios dos Simples e drogas da Índia, de Garcia da Orta, nos diz [1]:—«O «cate» de Orta, «cato» da *Pharmacopêa portugueza,* substancia mais conhecida pelo nome de *catechu,* é um extracto da madeira da *Acacia Catechu,* Wild. *(Mimosa Catechu,* Linn. fil.) uma arvore bastante commum na India, mais a leste, nas terras de Burmá, e por outro lado na Africa Oriental; é tambem obtido este extracto de uma especie proxima, *Acacia Suma,* Kurz., que se encontra igualmente na India.—«Cate», a designação empregada por Orta, é a natural orthographia portugueza do seu nome hindustani, que hoje escrevem *kat* ou *kath.* Drury diz que a palavra *cate* significa arvore e *chu* succo, donde *catechu;* mas não sei se esta affirmação tem fundamento. Duarte Barbosa... dá á mesma substancia o nome de *cacho,* que é a designação tamil, canarim (lingua do Canará) e malaya, *kashú,* ou *kachú;* e «cate», empregado em Malaca, segundo Orta, é uma simples alteração de *çate,* ou de *cacho*»—.

---

[1] vol. II, Lisboa, 1892, p. 76.

Acrescentarei algumas considerações a êste douto comentário. No dicionário indostano-inglês de Nataniel Brice [1] encontram-se os vocábulos *kath*, — «an astringent vegetable extract, which the natives eat with betel-leaf—extrato vegetal adstrinjente, que os naturais [da Índia] comem com o bétele» —, e ainda outro vocábulo parecido, *kāṭh*, com *a* longo e *t* aspirado cacuminal [2], designando «madeira» e «madeiro» (timber, block).

Monsenhor Rodolfo Dalgado traz o vocábulo **kâta**, (isto é, *kāt(a)*, traduzindo-o por «cato, terra japónica», e dá-o como sendo marata, no Diccionario koṁkanî portuguez [3], e no Diccionario portuguez-koṁkanî [4] traduz *cato* por *kât*, sem mais explicação.

A Pharmacopêa portugueza [5], citada pelo Conde de Ficalho, dá-nos a sinonímia seguinte: — «*Cachou*, fr. — *Black catechu*, ingl. — *Katechu*, all. — *Cato; Catecu [sic]*, hesp.» —, o que nada adeanta.

Quem deixou o caso perfeitamente averiguado foi o copioso e erudito Glossário de Henrique Yule e Artur Coke Burnell, intitulado **Hobson-Jobson,** being a Glossary of Anglo-Indian Colloquial words and phrases, and of kindred terms [6]: — «O *cacho, catechu, cate, cato* ou *cachô* (em inglês *catechu, cutch* e *caut*) é uma substáncia vejetal, extraída de várias espécies de Acacia, e chama-se em indostano *kāt'*; mas a forma *cacho* provém do sul da Índia e é ou o támil *kāxu*, ou o canarim e malaio *kāchu;* [e não, *kashu, i. e. káxu,* como escreveu o Conde por distracção: não há em malaio o som do *x* simples,

[1] A Romanized Hindústání and English Dictionary, Calcutá, 1847.

[2] É um *t* proferido no ponto em que pronunciamos o *r* lene de *caro*, e aspirado.

[3] Lisboa, 1893.

[4] Lisboa, 1905.

[5] Porto, 1887.

[6] Londres, 1886, p. 133 *(q. v.)*.

como em *xadrez,* mas sim uma consoante que se parece com o *ch* beirão].

Traduzi, resumindo, o que nos diz o Glossário.

Quanto à estranha denominação *terra japónica,* vemos no dito artigo ser *a misnomer,* «equívoco», de Schröder, que em 1654 publicou a PHARMACOPEA MEDICO-CHYMICA, e aí denominou e definiu assim esta substáncia vejetal:— «*Catechu, terra japónica, genus terræ exoticæ*»—, quando a dita substáncia, ao depois, foi importada do Japão.

Temos pois dois vocábulos diferentes em português, *cacho, cáchu, cate, cato*, voz asiática, extrato de várias acácias; *cauchu* ou, se quiserem *caucho,* voz americana, extrato de várias árvores diferentes, por outro nome *goma elástica.*

Cumpre não confundir um com o outro na escrita, como, do mesmo modo, se não devem confundir na pronúncia.

O *cauchu* denomina-se também *borracha,* e *guta-percha* (=*perxa,* e não *perca,* como erradamente se profere: o vocábulo é malaio, *gata-percha,* pron. quási *gueta,* ou *gata-pertcha,* goma da árvore *percha* ou «goma de *Percha,* id e. Çamatra»). O nome veio de França para Portugal, e para lá foi de Inglaterra, o que explica a escrita *gutta,* onde o *u* vale próssimamente *â* português, como é regra em inglês para o *u* breve em sílaba tónica fechada por consoante. Outro tanto aconteceu com o sinónimo *goma-guta,* que também nos veio de Inglaterra por intermédio da França [1].

Outro nome ainda da *borracha,* mais conhecido no norte do Brasil, é *seringa,* denominando-se as árvores que a produzem *seringueiras,* e o plantio *seringal* [2].

A orijem de *seringa,* e bem assim a de *borracha* neste sentido são desconhecidas.

---

[1] Marcelo Devic, DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

[2] Vizconde de Beaurepaire-Rohan, DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS, Rio de Janeiro, 1889.

O Conde de Ficalho e também o Glossário citado referiram-se ao livro de Duarte Barbosa, a respeito de *cate, cacho.* Folheei-o cuidadosamente, e só pude encontrar nele referéncia ao *cacho* a páj. 289, formando o vocábulo composto *cachopucho,* no trecho seguinte:—«outras drogarias que nós não conhecemos, e em Malaca e China saom muyto estimadas, e tem grande valia, silicet cachopucho, e muyto encenso que vem de Xaer»—[1].

Refere-se aos reinos de Guzarate e de Cambaia, e é sem dúvida êste o passo a que aludiu o Glossário de Yule & Burnell, com a seguinte citação, que transcreveu da tradução inglesa de H. E. J. Stanley, publicada pela Sociedade Hakluyt, conquanto a pudesse ter feito do orijinal que incluíu na bibliografia, e decerto devia conhecer:—«drugs from Cambay; amongst which there is a drug which we do not possess, and which they call *puchô* and another called *cachô*»—[2]. Os acentos são a mais, e a versão está mal feita, como se vê; a substáncia é uma só.

António Núnez, a quem também cita, chama-lhe *cacho* e *cate:* —«O baar do cate, que aqui [Índia] chamam cacho, he em tudo como ho arroz, quanto ao pêso»—[3].

Conforme Leóncio Richard [4] *puchok,* (2.° termo de *cachopucho)* é o nome malaio da *herva cidreira (mélisse).*

caudel, caudelaria, coudel, acaudelar; caudilho

O substantivo *caudilho* já por Bluteau [5] foi declarado castelhanismo, dando-lhe como correspondentes portugueses *guia* ou *capitão.* Escusado era ir tam longe, pois da mesma orijem re-

---

[1] Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, Lisboa, ii, 1812.

[2] *ib.*

[3] Livro dos pesos da India, Lisboa, 1868, p. 22.

[4] Cours de la langue malaise, Bordéus, 1872, ii, p. 102.

[5] Vocabulario portuguez e latino.

jistou o mesmo doutíssimo escritor a palavra portuguesa *coudel,* a que deu por étimo erróneamente o espanholado *caudilho.* Define-se *coudel,* no Vocabulário, do modo seguinte:—«Por ordem... del-Rey D. Affonso v os homens de armas Escudeyros, que serviam a cavallo nos exercitos foram reduzidos ao mando, ou capitania de hum Capitão que os repartisse por *Coudeis,* dando a cada *Coudel* vinte. Pelo que chamaram aos Capitaens desta gente *Coudeis, Coudel Mor.* Este, como por o regimento da guerra ficava capitaneando a gente de cavallo, despois se veyo a encarregar-lhe a execução das leys, que se fizerão, para conservar as boas raças dos cavallos do Reyno, e assi tem a seu cargo os cavallos destinados a cobrir as egoas, e para êste effeito obriga huns homens a comprar egoas»—. A seguir, a palavra *Caudelaria* é definida—«officio que tem a seu cargo a criação dos cavallos»—.

Ora, tanto *coudel,* como *caudel,* como o *caudilho* acastelhanado procedem de uma forma latina *capitellum* } *ca'ptello.* Em castelhano de *captello* fez-se primeiro *caudiello (=caudielho),* e por contração do ditongo *ie* em *i, caudillo* (cf. castellum } *castiello* } *castillo,* e v. **castelhano**); em português *captello* deu *caudel,* e dêste provém imediatamente *coudel* (cf. *touro* { taurum). Portanto, ao castelhano *caudillo* corresponde em português *coudel,* ou *caudel,* do último dos quais procede o verbo *acaudelar,* empregado pelo cronista Rui de Pina:—«Conde, ficai com estes mouros, porque lhe conheceis melhor as manhas, e acaudelai esta minha gente»—[1].

Do primitivo caput, de que se derivou o deminutivo capitellum, resultou o português *cabo,* em quási todas as suas acepções, e dêste o verbo *acabar. (q. v.).*

O vocábulo *capitel (q. v.)* tem a mesma orijem e entrou na língua provávelmente por intermédio do italiano *capitello.*

Não vejo o fundamento com o qual o Nôvo Diccionário

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. clv.

declara serem *caudel* e seus derivados melhores formas que *coudel, coudelaria,* que são mais portuguesas ainda.

caurim

Êste vocábulo, conforme Yule & Burnell, é o indostano *kaurī,* ou o marata *kavaḍī,* e é na Índia o nome de um búzio pequeno e branco (Cyprae moneta), que corre como dinheiro na Ásia meridional, e na África, onde também se chama *búzio (q. v.).*

Figuradamente, e com certa graça, designa o mesmo que *calote (q. v.),* isto é «dívida que se não paga», que o mesmo seria pagá-la em caurins.

cavalaria

Além das significações gerais, que veem em todos os dicionários, e das especiais rejistadas no Suplemento ao Nôvo Dicc., cumpre acrescentar esta:—«Das herdades em que se não installam centros de lavoira... diz-se que andam de cavallaria»—[1].

cavalheiro, cavaleiro; caval(h)ariça

A primeira destas formas é castelhana, como o prova a consoante palatina *lh* pelo *ll* de caballarium; a segunda é a correspondente portuguesa: cf. lat. castellum } português *castelo,* castelhano antigo *castiello,* moderno *castillo (ll=lh).*

Confusão entre um dos significados que tinha em português *cavaleiro,* «o que tem cavalo e nele anda montado», e *cavalheiro,* «fidalgo, pessoa de certa categoria», produziu a forma popular defeituosa *cavalhariça* por *cavalariça,* a qual se deve

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 271.

cautelosamente evitar, pois se *cavalheiro* usurpou algumas das acepções de *cavaleiro*, nunca a quem vai ou anda a cavalo, e só por isso, chama ninguém *cavalheiro*, vocábulo êste que em português não sujere a idea *cavalo* em ocasião nenhuma.

cavaqueira

A palavra *cavaca*, entre outros significados, designa uma espécie de conhecido biscouto, duro, muito leve, cuberto com uma capa de açúcar branco em pó, e principalmente fabricado na vila das Caldas-da-Rainha, em que é a especialidade da terra. quanto a doçaria, e que tem o nome de *beijinho*, quando mais pequeno, isto é, quási do tamanho de uma cabeça de dedo. A mulher que os fabrica e vende tem lá o nome de *cavaqueira*: — «Mais uma vez logradas as casas de pasto, cavaqueiras, lojas de louça, etc» — [1].

Note-se que a designação se aplica principalmente às fabricantes, como vemos pela distinção feita na citação entre *cavaqueiras* e *lojas de louça*, não, louceiros ou louceiras.

caxa, caixa

Como nome de uma moeda de deminuto valor na Índia e outras partes da Ásia, falta nos dicionários portugueses. A palavra, conforme Yule & Burnell [2], é o támil *kásu*: — «lhe mandou logo duas mil caixas» — [3].

---

[1] Diario de Noticias, de 24 de outubro de 1905.

[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886.

[3] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 194.

cazembe

É termo da África Oriental Portuguesa: — «*Cazembe,* commandante de ensaca» —[1].

ceifarda, ceifardajem

Êstes neolojismos, que não sei se chegaram a difundir-se, foram propostos pelo vizconde de Coruche na GAZETA DOS LAVRADORES, em fevereiro de 1883, para traduzirem os termos francezes *fauchard* e *fauchage,* isto é, «certo instrumento para ceifar herva», e essa ceifa.

cemiterio, cementerio

A forma alentejana é *cementério,* talvez por influência castelhana, e nela se deu a inserção da nasal, por assimilação ao *m,* como em *mançana* ⟨ matiana, comparado ao português *maçã.* A palavra latina é coemeterium, e o *i* por *e* do português *cemitério* teve por fim evitar a haplolojia *centério (cem'tério).* O vocábulo é de orijem douta, ou semi-douta.

cediço *(=cèdiço)* sediço

Epifânio Díaz, na REVISTA LUSITANA [2], atribuiu a êste adjectivo, muito comum no sentido de «em começo de putrefacção, incapaz de consumo, ou fora de uso», o adjectivo latino

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ, *in* «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

[2] vol. I, p. 175.

sedititius, alterado em *sedetitius* { sedere, «pousar». Não advertiu porém o douto latinista em que à forma *sediço,* que é já a que dá Bluteau [1], deve corresponder outra mais antiga em português, *ce(e)diço,* análoga à castelhana *cedizo,* como em *carne cediza,* «carne que já tem (mau) cheiro».

António Morais e Silva [2] aduz um exemplo, que mais se conforma com a verdadeira significação de *cediço:*—«Anexim, dito sediço; mui velho, sabido e trilhado»—.

O étimo, pois, deve de ser cedititius { cedere, «passar, estar gasto», como o aponta o Dicionário da Academia espanhola [3], e conseguintemente há de escrever-se com *c,* e não com *s* inicial, em português.

cêrco

Além das acepções definidas nos dicionários conheço duas, de que vou apresentar exemplo:—«Estas redes são lançadas com dois cabos... e são dispostas ou em linha recta, ou formando cerco»—[4].

—«os cercos... consistiam nisto. Por motivo de voto antigo, e depois da Paschoa, a maioria das pessoas d'uma freguesia, com pendões, cruzes e andores, começava a percorrer os limites da parochia. Á frente um grupo de atiradores... disparava frequentemente, em regra ao desafio»—[5].

cerne, cernar, cerneira, cernandi

Êstes vocábulos, menos o último, veem perfeitamente definidos no Nôvo Diccionário, e os seus significados são mais ou

[1] Vocab. port. e lat.

[2] Diccionario da lingua portugueza, Lisboa, 1823.

[3] Madrid, 1899.

[4] Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 149.

[5] Rocha Peixoto, Portugalia, I, p. 624.

menos conhecidos, relacionando-se os derivados com o seu primitivo *cerne*—«a parte interior e mais dura das árvores»—.

O último foi me subministrado por indivíduo que residiu largos anos na provincia do Pará, especulando com a exploração das *seringueiras*, ou árvores productoras de *borracha*, e me disse que *cernandi* significa lá a «borracha mais grosseira».

cernideira, cernir

Na Beira-Baixa denomina-se assim uma «espécie de caixa, caixilho ou grade em que trabalha a peneira» [1].

A existéncia dêste vocábulo em português pressupõe a do verbo *cernir*, «peneirar», como em castelhano.

cetim, citim

Esta palavra, por influéncia do vocábulo *seda*, já em Bluteau [2] aparece escrita com *s* inicial, pelo *c* com que antes se ortografava, no tempo em que a diferença de pronúncia entre *s* e *ç* era geral no reino. Todavia, o grande lecsicógrafo ainda cita a forma *cetim*, com a definição—«panno de seda»—e remissão à escrita *setim*, onde lhe dá uma etimolojia falsa, a palavra italiana *seta*, reproduzindo a orijem hebraica que outros no seu tempo lhe atribuíam.

Que o douto frade não tem razão é evidente, visto que *seda* sempre se escreveu com *s*, e *cetim* com *c*.

Na mesma inscrição vêem-se várias espécies de *cetins*, diferençados por epítetos, como *cetim raso, cetim chão, cetim avelutado*, etc. *Raso* em castelhano é hoje o nome dado ao *cetim*.

A orijem do vocábulo, que maiores probabilidades apresenta

---

[1] Informação do editor, natural de Almeida.

[2] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Coimbra, 1712-1720.

em seu favor, é o arabe ZAITUNIE, adjectivo derivado de nome da cidade de Zaitune, afamada pelo fabrico de tais tecidos. É esta, pelo menos, a opinião de Henrique Yule, na segunda edição da versão inglesa do livro de Marco Paulo Véneto [1].

Já R. Dozy, no Glossário, [2] havia dito o seguinte, a propósito da forma *aceituni,* castelhana, freqùente na VIDA DEL GRAN TAMORLÁN, de Gonçález de Clavijo, como designando um tecido que vinha da China:—«C'est l'arabe *zeitounî*... La ville chinoise Tseu-thoung, actuellement Thsiuan-tchou-fou, s'appelait chez les Arabes Zeitoun. On y fabriquait des étoffes damassées de velours et de satin, qui avaient une très grande réputation et qui portaient le nom de *zeitounî.* Voyez Ibn-Batouta, IV, 269»—.

Em catalão antigo escrevia-se *atzeytoni:*

—«311 Item un dosser de drap daur domesqui ab lo cumper vermey ab les orles de atzeytoni blau, ab senyals Reyals entorn brodat ab sotana de tercepell vermey»—[3].

Não há, portanto, a mínima dúvida que a escrita certa é a antiga com *c,* não *s.* A forma usada por Fernám Méndez Pinto, na PEREGRINAÇÃO [4], e por outros escritores do seu tempo, *citim,* é devida a assimilação do *e* ao *i* da sílaba seguinte, como em *mintir, pidir,* por *mentir*, *pedir,* e *minino,* que vemos constantemente no mesmo autor.

chá, chávena, pires, bule

A palavra *chá* é de orijem chinesa, como a planta, e está muito disseminada nas línguas esclavónicas, *čaĭ* [5] em russo e

---

[1] THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, Londres, 1875, II, cap. LXXXII, p. 224, n. 2.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, *sub v.* SETUNI.

[3] Inventari del Rey Martí, *in* REVUE HISPANIQUE, XII, p. 457.

[4] cap. IX, XXI, LII, XIII, XIV, LI, etc.

[5] Com esta letra marcada figuro o som do *ch* castelhano e português do norte, quási *tx.*

búlgaro, por exemplo. O outro nome da planta e sua infusão, *te,* quer êle se orijinasse do termo botánico thea, latinização do chinês *ča,* como creio, quer seja também chinês dialectal, como opinam quási todos os que teem investigado a etimolojia dêste último vocábulo, foi o adoptado, com pequenas excepções, em outras línguas da Europa, quer românicas, quer germánicas.

Com a palavra *chá* vieram do Oriente para Portugal os nomes das várias peças do aparelho em que êle é servido: *chávena* é chinês também, *ča-van,* «vasilha para o chá». *Bule* é o malaio *búli;* «frasco»; *pires,* o indostano *pirix,* malaio *pírin* [1], «pratinho», cuja orijem é incerta, mas, com todas as probabilidades, oriental.

Entre todos os idiomas europeus é o português o único a usar estas denominações, como é sabido, pois nem mesmo em castelhano elas são conhecidas; aí diz-se *te, taza, tetera, platillo,*

Como a palavra *bule* é malaia, e *pires* em malaio existe igualmente, e sendo êste idioma nos seculos XV, XVI e XVII, e ainda hoje, de geral comunicação no sul da Ásia, é natural que por seu intermédio os recebêssemos nós, ou por qualquer das línguas da Índia, para as quais houvessem passado, o que no emtanto carece de demonstração. É de notar que ao *chá,* própriamente dito, ainda hoje se chama *chá-da-Índia,* especialização que ou proveio de que de lá o recebêssemos directamente, ou então de que por *Índia* se entendesse toda a Ásia de que tínhamos conhecimento, em razão das nossas navegações, conquistas e comércio. Notável é também que ainda hoje se ouça apregoar *laranja da China,* locução com a qual se diferença da *(laranja) tanjerina.*

Que o malaio foi dos nossos viajantes e aventureiros conhecido e praticado prova-se com a circunstáncia de que nas PEREGRINAÇÕES de Fernám Méndez Pinto a cada passo ocorrem

[1] O sinal *n* designa aqui o *ng* germánico, isto é, um *n* proferido no extremo do palato duro com a raiz da língua. Aplique-se esta nota aos vocábulos citados a p. 241-243, e *passim.*

expressões, nomes, quer próprios, quer comuns, que pelo malaio se explicam, conquanto se refiram à China; e exemplo frisante é êste passo da mesma interessantíssima obra: — «e em lugar de tôrres ou baluartes tẽ [os chins] hũas goaritas de dous sobrados armados sôbre esteos de pao preto, a que elles chamão Caubesy, que quer dizer pao ferro» —[1]. Ora o vocábulo, ou melhor, vocábulos citados, e que na realidade significam «pau-ferro», são malaios e não chineses: *káiu,* «pau», e *bési,* «ferro».

Voltando ao *chá,* a primeira menção desta bebida, vemo-la feita, na Europa, por Frei Gaspar da Cruz [2], por estas palavras: — «Qualquer pessoa ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo tem por custume oferecerem-lhe em hũa bandeja galante hũa porcelana, ou tantas quantas sam as pessoas, com hũa agoa morna a que chamam Cha, que he tamalavez vermelha e muy medicinal, que elles custumam a beber, feita de hũ cozimento de ervas que amarga tamalavez» —.

Note-se que o curioso frade ainda não conhecia a palavra *chávena,* visto que lhe chama *porcelana*

A propósito de *chávena* direi ainda que hoje se confunde com *chícara,* mas que dantes não era assim. Ainda na minha mocidade a *chávena* servia para se tomar o chá, era um vaso mais baixo que alto, alargando para a bôca, e não tinha asa; pela *chícara* tomava-se o café, e esta era mais estreita, de forma cilíndrica, com asa, como as de agora.

A chávena chinesa tem dois pires: um em que assenta num largo orifício circular, aberto no meio, onde encaixa a base da chávena, e outro cheio com que esta se cobre, sorvendo-se a bebida por entre êle e a chávena, aos golinhos.

Bluteau [3] define *chávena,* que escreve *chavana,* sem dúvida a forma mais antiga, do seguinte modo: — «Palavra da India. É como meia chicara» —. Isto confirma em certo modo o que

---

[1] cap. XCV. Edição rolandiana, Lisboa, 1829.

[2] TRATADO DA CHINA, cap. XIII, Lisboa, 1829.

[3] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

acima eu disse, que os aparelhos do chá, talvez nos viessem da Índia; e como é sabido, ainda actualmente chamamos à porcelana «louça da Índia». Quanto a *chícara,* é palavra, segundo dizem, mexicana, e Bluteau, que a mencionou na definição de *chavena,* omitiu-a no corpo do Vocabulário e no Suplemento.

Cumpre advertir que *bule,* como termo de jíria, com a significação de «ánus», é o caló *bul (q. v.).*

chacina

Júlio Cornu [1] dá-nos como étimo dêste vocábulo o latim siccina ¦ siccus, «sêco», o que não parece muito acertado, apesar de o douto romanista o declarar manifesto *(offenbar).* D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2], para adoçar a pílula, admite a influência do nome próprio *Chacim,* vila da província de Trás-os-Montes, onde, consoante a informação de um proprietário instruído e idoso da mesma província, nos diz que se prepara muito bem a carne de porco salgada e fumada. Assim será, mas nada com isso adeantámos:—

Coll'i all egro fanciul porgiamo aspersi
Di soave licor gli orli del vaso;
Succhi amari ingannato intanto ei beve.

Não ponho aqui o remate da formosa estança de Torquato Tasso, por não ter aplicação ao caso sujeito, segundo me parece [3].

Conforme o Nôvo Diccionário *chacim* significa «porco», faltando abonação do termo.

Em castelhano existe o vocábulo *cecina,* com significação pa-

---

[1] Grundriss der romanischen Philologie, Estrasburgo, 1888, I, p. 742.

[2] Revista Lusitana, III, p. 139.

[3] «E dall' inganno suo vita riceve» — Gerusalemme liberata, I, 3.

recida, e cujo aspecto mais se conforma com o étimo apontado siccina: *secina: cecina,* por assimilação da inicial da 1.ª sílaba à da 2.ª.

Cornu dá como forma intermediária hipotética *sachina,* de que *chacina* seria metátese nas consoantes das duas primeiras sílabas; mas não explica como é que de *cci* latino proveio *chi,* fenómeno tanto menos admissível, quanto para o castelhano *cecina* resultou dêle *ci,* como era de esperar. Cumpre ainda advertir que êste fenómeno estaria em circunstáncias muito diversas das que se deram em *chuchar* { *ex-suctiare,* pois neste houve assimilação da inicial da 2.ª sílaba à da 1.ª.

Acresce ainda outra singularidade, a conservação de *n* puro, anormal (cf. uinum, castelhano *vino,* português *vinho,* mas antes *vĩo),* visto que os vocábulos citados por Cornu para confirmação, *bovina* e *ovina,* nunca foram nem são evolutivos ou populares. Siccina daria *secinha.*

É de notar, apenas talvez como ementa, que a terminação *-ina,* ora tónica, ora menos freqùentemente átona, serve nas línguas esclavónicas para de nomes de animais se formarem substantivos femeninos que designam a carne dêles, como, por exemplo, em russo *baranína,* «carne de carneiro» { *baran, svinína,* «carne de porco» { *sviniá.*

Para que tal terminação seja a que vemos em *chacina,* fôra necessário, porém, explicar satisfatóriamente o radical, e encontrarmos palavra análoga em qualquer dialecto italiano oriental, pelo qual pudéssemos justificar a transmissão.

Averiguado, como me parece estar, que o *cecina* castelhano proveio do latim *siccina,* insistamos um tanto nas significações de *cecina* e de *chacina,* para nos certificarmos se são, ou não, idénticas.

O castelhano, conforme o Dicionário da Academia [1], é assim definido:—«Carne salada, enjuta y seca al aire, al sol, ó al humo»—. Dêste substantivo derivou-se um verbo, *acecinar:*—

---

1 Madrid, 1899.

«Salar las carnes y ponerlas al humo y al aire para que enjutas se conserven»—; e figuradamente:—«Quedar-se uno, por vejez ú otra causa, muy enjuto de carne»—.

O substantivo *chacina* português é assim definido por Bluteau [1]:—«Postas de carne salgada, que se guardam, e se conservam em pipa, tonèl, ou outros vasos»—. Dêste se deriva um verbo, *chacinar,* que Bluteau diz significar:—«Salgar pedacinhos ou postas de carne, e pollas em sal de conserva»—. Não nos apresenta sentido figurado no verbo; mas no nome acrescenta: —«Fazer chacina em alguem. Fazello em postas»—.

No verbo *chacinar* dá-nos uma abonação:—«Em que chacinão, e defumão todas as sortes de caças e carnes»—.

Há, como se vê, grande diferença nos significados. *Cecina,* em sentido natural, quere dizer «carne sêca por qualquer processo, para se conservar»; *chacina,* «carne cortada e salgada, mas não, sêca, note-se, único fundamento ideolójico com o qual lhe poderíamos racionalmente atribuir o étimo proposto, siccina de siccus. Em sentido figurado diferem igualmente as significações: do vocábulo castelhano deriva um verbo que expressa a idea de «definhar-se, mirrar», «perder carnes»; do português outro, que expressa o contrário dêste, convém saber, «fazer matança, carnificina».

Depois de todas estas ponderações concluo:

1.º *Cecina,* castelhano provém de siccina.

2.º *Chacina* deve ter outro étimo, que exclua a idea de «secar».

3.º *Chacim,* como nome próprio, procede de *chacim* «porco», ou deu-se o caso contrário, é do nome próprio que resultou o comum.

4.º É duvidoso que *chacina* tenha relação com *chacim,* na segunda hipótese; presumível na primeira.

5.º Resta averiguar qual seja a etimolojia de *chacim,* se na

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

realidade tem a significação que lhe dá o Nôvo Diccionário, visto não estar ali abonada.

6.º O vocábulo *chacina* é de orijem ignorada.

chafardel

O Nôvo Dicc. dá-nos esta palavra como transmontana, com a significação de *safardana,* que no lugar competente define «biltre».

Em sentido muito diverso dêste, isto é, no de «rebanho», vemo-la empregada, como própria do Alentejo, no seguinte passo: —«um chapeo de terra [terreno pouco espaçoso], que não lhe cabe dentro um chafardel de ovelhas»—[1].

chafarica, chafariqueiro

O Nôvo Diccionário dá ao primeiro dêstes vocábulos duas acepções:—«loja maçónica; baiuca, taberna»—. Subordinado à segunda acepção é o termo *chafariqueiro* no passo seguinte:—«Porto, 11. Com o título *Apprehensão de vinho falsificado —Prisão,* lê-se na Voz Publica o seguinte:—«o visinho partiu para o Porto, e voltou pouco depois trazendo um chafariqueiro emerito...»—[2].

Neste sentido usou-se mais recentemente *mistureiro:*—«a protecção que está resolvido a dispensar aos falsificadores e mistureiros»—[3].

---

[1] J. S. Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 275.

[2] O Economista, de 12 de junho de 1894.

[3] O Dia, de 14 de novembro de 1902.

chalar-se

É termo de jíria, que quere dizer «escapulir-se». É uma forma pronominal que nos veio do caló *chalar* «andar».

chama

O significado especial dêste vocábulo em Cezimbra vê-se do seguinte trecho: — «elles [os pescadores de Cezimbra] correram sobre ella [a fôrça militar] insultando-a, e munidos de chamas (pequenos paus) parecia quererem envolver a força» —[1].

chamada

Em Leiria, conforme informação do snr. Acácio de Paiva, quere dizer «braçado de lenha, que se deita no forno»: — «com mais esta chamada fica o forno quente» —. É um derivado, me parece, de *chama*, «labareda», pela que ateia abrasando-se.

chambo

O mesmo que *bangue*, «cánhamo», na África Oriental Portuguesa: — «Fumam com delicia e sofreguidão o *chambo*, a que no sul se dá o nome de bangue» —[2].

---

[1] O Seculo, de 15 de abril de 1900.
[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

chamiça, chamiço, chamiceiro; chafurdo

Chamiça, conforme o NÔVO DICCIONÁRIO, tem vários significados, e entre êles o de «carqueja». *Chamiço* é ali definido como—«acendalhas; lenha miúda; ramos secos; tição»—. *Chamiceiro*—«aquelle que apanha e vende chamiço»—.

Na Beira-Baixa (Fundão) *chamiceiro* é «o *fogueiro* que mete a lenha no fôrno».

Poderia aplicar-se êste termo, ampliando-lhe a significação, para denominar o que em francês se chama *chauffeur,* nos automóveis, e que o povo, meio a sério, meio gracejando, já aportuguesou em *chafurdo:*—«Emquanto eu ia entretido com o travão [do automóvel] o chafurdo entretinha-se a gritar que se arredassem»—[1].

chamo, chamariz

—«Os reclamos naturaes, *chamarizes* ou *chamos,* como bem se comprehende, não passam de uma ave da especie d'aquella que se vae caçar, e que pelos seus pios ou canto... attrae a outra que a ouviu»—[2].

V. **reclamo.**

chamuar(e)

—«*Chamuares* ou *amigos fechados;* rapazes da mesma povoação e idade, que vão juntos a todas as emprezas perigosas, e que na guerra se não abandonam. São os *chamuares* que trans-

---

[1] O SECULO, **Supplemento**, de 4 de julho de 1905.

[2] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 95.

portam o ferido em combate... e que o enterram quando morto, longe do lugar do combate»—[1].

chana

Esta forma, estranha em português, pois o femenino de *chão* | planum é *chã*, antigo *chãa*, é definida como significando —«planicie ou campina alagada, em Africa»—, num ofício, assinado por Capelo e Ivens, expedido da cidade do Cabo à Sociedade de Geografia de Lisboa, com data de 22 de julho de 1885.

É, pois, mais um alótropo para juntar aos muitos que existem em português, e teem por fonte primordial o latim planum. Formam diferentes séries, que seria longuíssimo coordenar com todas as formas derivadas e suas variadas acepções. Essas séries distinguem-se pelas iniciais, que aqui vou apresentar, exemplificando cada uma com um vocábulo típico:

Latim planum	forma mais antiga	*ch:*	*chão*
	posterior	*pr:*	*prão, prâmo*
	secundária	*por:*	*porão (q. v.)*
	recente	*pl:*	*plano*
	castelhana	*lh:*	*lhano*
	italiana	*pi:*	*piano*

changaço

É a parte do atum menos apreciada para cozinhar, isto é, a cabeça e o rabo. O termo é muito conhecido dos pescadores, pexeiros e gente que negoceia em atum. O *changaço* vale sempre menos que as outras partes do atum, mais estimadas.

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

chapa; chapada

Qualquer que seja a orijem dêste vocábulo, no sentido de «lámina metálica, fôlha delgada e chata», e cujo étimo mais provável é um *klap,* ou *plak* germánico; com o significado especial de «ordenança, permissão, ordenação, prescrição», é termo asiático, devendo ser o indostano *č'āp* «sêlo, sinete»—. «A chapa se foi publicando por todo o reino»—[1]. *Chapado* queria dizer «assinalado».

Como termo de calão moderno *chapada,* significa «bofetada»: —«Vês aquelle gajo? Já em tempos me deu uma *chapada*»—[2].

No sentido de «planície alta», o vocábulo figura em todos os dicionários.

chapéu, chapel, chapelada

Qualquer dos dois primeiros é de orijem francesa, representando o primeiro a forma *chapeau,* actualmente pronunciada *xapô,* porém na idade média lida como *chapéu;* o segundo, outra forma da mesma palavra (cf. *beau* e *bel),* provindo ambas do latim *capellum,* deminutivo neutro de cappa, como cappela é deminutivo femenino. A primeira forma é hoje corrente para designar «cobertura da cabeça, com fôrma e abas»; a segunda designava um «elmo», como vemos no Suplemento ao Nôvo Diccionário, que aponta vagamente abonação.

A noção de que, a par de *chapéu,* havia a forma *chapel* prova-se com os derivados *chapeleira,* «caixa para chapéus», *chapelinho,* «chapéu pequeno», *chapeleiro,* «fabricante ou vendedor de chapéus», *chapelada,* «cortesia com o chapéu».

Êste último derivado é usado freqùentemente num sentido que os dicionários não apontam: «masso de listas, deitadas frau-

---

[1] A. Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 104.

[2] O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

dulentamente na urna, no acto eleitoral, pela autoridade que a êle preside»:—«Á parte os sucessos... como chapeladas, no dizer do argot eleitoral»—[1].

O chapéu tem diversas formas, e é feito de várias substâncias; e conforme umas e outras adquire epítetos pelos quais um chapéu se diferença de outro, pelo nome especial que lhe dão. Dêste modo há *chapéu alto,* ou *de copa alta,* mais ou menos cilíndrico; *chapéu de côco,* que na Ilha da Madeira se denomina *chapéu de queijo; chapéu à serrana,* duro e com largas abas reviradas; *chapéu de pasta,* «o que por meio de molas se pode fechar, ficando o tampo unido às abas»; *chapéu armado,* «o de dois bicos», isto é duas pontas da aba; *chapéu de três bicos,* «o que tem abas triangulares», etc.

Chapéu designa também «abrigo, resguardo», e nesta acepção dizemos *chapéu de chuva, chapéu de sol,* que dantes se chamava *sombreiro,* objecto que provávelmente importámos da Índia, da China ou do Japão, onde eram e são muito usados.

Emfim, é êste um dos vocábulos franceses que desde tempos muito remotos se aportuguesou e difundiu mais fértilmente, pois produziu grande número de derivados.

Também foi usado em castelhano, como vemos neste retrato de um valentão espanhol:

—Caló el chapeo, requirió la espada,
Miró al soslayo, fuese, y no hubo nada—.

Esta pintura fidelíssima lembra outra do pimpão português, de quem Eduardo Garrido disse na cena cómica, representada em 1864 por José Carlos dos Santos, A Bengala:

—Homem bulhento em cafés,
Que a toda a gente arremete
Que rapa do *casse-tête*...
E apanha dois pontapés—.

---

[1] O Seculo, de 28 de novembro de 1900.

Outro vocábulo francês derivado do mesmo radical é *chaperon,* que deu em português *chapeirão,* em castelhano *chapirón* [1], com a significação de «capuz»:

—Ao ombro um chapeirão,
Que pasmava todo o povo—[2].

charabasco, charabasca, charavasca, charabasqueira, charaviscal; chavasco, chavascal, achavascado

Os primeiros quatro dêstes vocábulos, conforme o Nôvo Diccionário e Suplemento dêle, designam, como termos transmontanos, «terra de pouco valor ou estéril». O último está definido na monografia de J. S. Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, no seguinte passo:—«Ha herdades muito grandes, medianas e pequenas. Entre as maiores, algumas conhecem-se pelo augmentativo de *defeza,* ou por tal se denominam quando se querem engrandecer. As pequenas distinguem-se pelo diminutivo de *malatécas* ou *charaviscáes,* quando por ventura se pretende amesquinhal-as»—[3].

Vemos aqui o vocábulo *defesa* ⟨ latim defensa, castelhano antigo *defesa,* moderno *dehesa,* sem o abrandamento do *f* em *v,* que se deu na forma geral *devesa,* como aconteceu com *ávrego* ⟨ Africus (uentus), e com *Estêvão* ⟨ Stephanus.

Ignoro a orijem da palavra *charavasco;* mas vê-se que *charabasco* é nortismo, com mudança de *v* em *b,* por não existir *v* nos dialectos transmontanos.

Há certa analojia de forma entre estes vocábulos e *chavasco, chavascal,* de que apenas se diferençam na sílaba *ra* que teem a mais, sendo quási conformes no sentido, visto que *chavasco* quere

1 Revue Hispanique, x, p. 172.
2 Bernardim Ribeiro, Écloga ii.
3 *in* Portugalia, i, p. 275.

dizer «tôsco», e *chavascal,* «terreno inculto, cheio de hervas, moitedo». Em castelhano existe o adjectivo *chabacano,* «grosseiro, *achavascado*», e em caló, ou dialecto cigano de Espanha, *chaván,* com a significação de «herva». Parece haver relação entre todos estes vocábulos; porém falta explicar por que leis se foram modificando até chegarem à forma mais extensa portuguesa, *charaviscal.*

charachina = chara China

Esta locução é peculiar das PEREGRINAÇÕES de Fernám Méndez Pinto, e ainda não foi, que eu saiba, rejistada em dicionários portugueses. Ocorre várias vezes naquela formosíssima obra, e nomeadamente nos capítulos XLVII, LXII, sem explicação, e no cap. LXXVII por forma, que o seu significado fica manifesto—«abraçandoo então e pedindolhe muitos perdões ao seu modo, que eles chamam de charachina»—.

Ora, como no cap. CLXV o autor, em vez desta locução, usa de uma equivalente,—ao modo da China—[1], e no cap. CCI empregou estoutra locução—à chara Japão—, segue-se que a voz *chara* significava «modo», ou, como hoje diríamos, «moda»; que *China* não é adjectivo femenino concordando com *chara,* mas nome próprio, como *Japão,* e que a construção em português é defeituosa, pois se elidiu a preposição *de* que a sintasse pedia, como aconteceu em *Madre-Deus* por *Madre-de-Deus,* mas sem a haplolojia, ou simplificação da repetição consecutiva de *d,* que a justificasse.

Quanto ao substantivo *chara,* que, como disse, ainda não foi admitido nos dicionários portugueses, é êle simplesmente o malaio *ṭara,* «feição, feitio», sendo a supressão da preposição sintasse malaia.

---

[1] António Francisco Cardim, mais culteranamente, diz—«ao modo sínico»—. BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 45.

O *ṫ* palatal malaio, quási *ti (tiara)*, foi imitado com o *ch* português, geral então, e ainda hoje beirão, minhoto e transmontano, quási *tx*, como é sabido. Assim representaram os portugueses sempre as consoantes explosivas fortes, palatinas nos vocábulos e nomes asiáticos pertencentes a línguas que as possuíam, como as da Índia, o chinês, o japonês, etc.

Exemplos do malaio *ṫara*, citados no vocabulário malaio-francês que constitui a 2.ª parte do Curso de malaio de Leóncio Richard [1], são os seguintes: *ṫara raḋa ian besar*, «a modo de príncipe» [literalmente, «modo (do) príncipe, que (é) grande»]; *ṫara ingris*, «à (moda) inglesa», êste último perfeitamente análogo ao usado por Méndez Pinto, e por êle aportuguesado.

Camões, nos LUSÍADAS [2], empregou *modo* no mesmo sentido, porque *moda* ainda então não era moda cá.

> Vestido o Gama vem ao modo hispano,

Por aqui se vê que não tem fundamento a conjectura expressa no Glossário de Burnell & Yule [3], que relaciona esta locução com a saudação usual chinesa *čin čin*.

charão, acharão, (a)charoar, acharoado

O substantivo *charão* designa em português certo verniz da China, e os objectos de madeira com êle revestidos. É próprio da nossa língua, pois os outros idiomas europeus servem-se de várias formas do vocábulo *laca*, que designa em português outro verniz, mais da Índia, e certa resina ou tinta.

---

[1] COURS THÉORIQUE ET PRATIQUE DE LA LANGUE COMMERCIALE DE L'ARCHIPEL D'ASIE, DITE MALAISE, 1872.

[2] Canto II, 97.

[3] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, p. 154.

A palavra não é chinesa ou japonesa, como poderia supôr-se, pois existe em castelhano, *charol,* que também designa «verniz e pulimento». Outra forma portuguesa é *acharão,* que se lê no TRATADO DA CHINA de Frei Gaspar da Cruz, cap. XIII: — «estes [sacerdotes] criam cabello e trazem-no no cume da cabeça, arrematado com um pao muito bem feito... envernizado de muito bom verniz, que chamam a c h a r a m» —.

De *charão* se derivou o verbo *charoar,* e o particípio passivo dêste vemo-lo usado por A. Francisco Cardim: — «bandejas charoadas e douradas» —. Da forma *acharão* tirou-se *acharoar,* e ainda hoje dizemos *fôlha acharoada* [1].

A título de curiosidade apenas, e porque talvez, para estudo mais detido do vocábulo *charão* e da sua introdução na literatura portuguesa, possa trazer alguma luz, apontarei aqui uma das inscrições de entre as cento e vinte de vocábulos chineses usados em malaio, admitidas por Aristides Marre, e é a seguinte: — «*Tchat* — Couleur broyée et détrempée avec de l'huile; teinture, vernis de bois employé par les Chinois et qui provient de l'arbre nommé *rĕngas* en malais» — [2].

Reunindo os dois *chat-rengás,* com a supressão do *t,* obtém-se *charengás;* mas desta palavra composta vai uma distáncia enorme à forma *charão,* que é, repito, inseparável da castelhana *charol.*

Note-se ainda que *tarana* em malaio quere dizer «bandeja», e que o mesmo significado tem *charol* na Bolívia: — «Nuestras *bandejas* son en castellano *fuentes* [travessas], nuestros *charoles* son *bandejas*» — [3].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

[2] MÉLANGES CHARLES DE HARLEZ, Leida, 1896, p. 193.

[3] R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. 376.

charola

Além dos dois significados principais dêste vocábulo, já apontado nos dicionários portugueses, o de «andor», e o de — «corredor semi-circular entre o corpo da igreja e a fábrica do altar-mor» —[1], indicarei aqui mais o seguinte, que sem dúvida provém do primeiro citado.

Na ilha da Madeira denomina-se *charola* um *cargo* ou fôrma alta guarnecida de frutas, hortaliças, doces, ovos e garrafinhas de vinho, que figura nos arraiais, ou *impérios (q. v.).*

Bluteau, no Suplemento refere-se à *charola* cuberta com — «papel, ou papelão, ao modo de arco, ou abobeda com suas varas atravessadas, em que lhe pegavam os rapazes, e com ella andavão pela Quaresma cantando cantigas da Paixão, porque levavão na charola imagemsinhas de barro da Paixão de Christo» —. Era também um arremêdo de andor.

chaspa

Em Trás-os-Montes é uma espécie de panela ou tacho, com tampa, baixo e largo. Ali dá-se o nome de *panela* à que tem três pés, para se lhe acender lume por baixo, ao contrário da *chaspa,* que assenta na fornalha e não tem pés.

chau

E palavra chinesa, e como vemos do trecho seguinte, expressa saudação: — «disse a Aquileu que queria *chao* (que é fazer as cortesias de vasalo a rei, que são bem enfadonhas)» —[2].

---

[1] Bluteau, Vocabulario portuguez e latino.

[2] Batalhas da Companhia de Jesus, p. 45.

cheiro, cheiros

Êste substantivo, do verbo *cheirar* | flagrare, que é ora transitivo no sentido de «tomar o cheiro», ora intransitivo, no de «deitar cheiro», tem duas acepções que os dicionários não rejistam bem.

Assim o CONTEMPORANEO só no plural dá o vocábulo com a significação de «substáncias aromáticas», quando em tal sentido, o vemos empregado no singular pelo Padre António Francisco Cardim: — «queimou cheiro» — [1].

No plural significa êle, em Lisboa pelo menos, quatro hervas aromáticas empregadas como tempêro na cozinha portuguesa, isto é, *salsa, coentro, hortelã* e *segurelha,* e diz-se *um ramo de cheiros.*

A estas plantas parece referir-se Gil Vicente no VELHO DA HORTA, ora no plural, ora no singular:

— Vinha ao vosso hortelão
Por cheiros para a panela —.

— a couve e o cheiro —

O NÔVO DICCIONÁRIO dá ao singular *cheiro* a significação de — «salsa, hortelan, *ou* qualquer outra erva aromática, de applicação culinária» —; mas, pelo menos em Lisboa, a definição é a que apontei.

chela

África Oriental Portuguesa: «fazenda, tecido» [2].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 236.

[2] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 203.

cheminé, chaminé

A forma popular e mais exacta *cheminé* encontra-se num documento do XVI século: — «hũa antecamara grande que tem hũa chemine... hũa janela grande peguada com chemine» —. Antes, no mesmo documento, uma variante, também popular no norte do reino: — «hũa sala pequena com chomine» —[1]. O *o* provém do *m* que se lhe segue. A forma hoje corrente *chaminé* é devida a influência da palavra *chama;* porém a forma popular *cheminé* está mais próssima do seu étimo, o francês *cheminée*.

cherelo (= *cherêlo)*

No Minho dá-se êste nome a um peixe pequeno, que parece corresponder ao que no sul se chama *carapau*.

cherundo

África Oriental Portuguesa: «cêsto» [2].

chicopa

Termo da África Oriental Portuguesa: — «*chicopas* — Angonis armados de azagaia e escudo de couro ou de palha entrelaçada» —[3].

---

[1] Auto de posse do castelo de Sines, de 24 de novembro de 1533, *in* O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, X, p. 101.

[2] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 26.

[3] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

chicua, chicero, chituredo, coba (Marromeu)

Espécies de cêstos da África Oriental Portuguesa — «*chituredo, chisseiro, coba, chicua* (cestos)» —[1].

Azevedo Coutinho [2] escreve *t'chicero*. A forma preferível portanto, conforme a escrita usual portuguesa, será *chicero*.

chicuangué

Incluo aqui esta palavra, sem saber ao certo a que idioma africano de negros ela pertence, qual a sua pronúncia *(¿chicuangué, chicuangu-é?)* e qual a sua lejítima escrita *(¿chicuangué, xicuangué?)*. No caso de que o *u* se profira depois do *g*, melhor fôra escrevê-la em português *chicuangoé*, ou *xicuangoé*, conforme o som inicial seja o *ch* beirão e transmontano (quási *tx)*, ou o *x* inicial, de *xadrez*, por exemplo.

Encontrei-a definida no seguinte passo: — «A base da alimentação do indigena na maior parte do Estado do Congo, e tambem no nosso enclave de Cabinda, é a farinha de mandioca ou *chicuangué*» —[3].

Note-se o galicismo inútil *enclave*, pelo qual podemos dizer *encrave*, ou *nesga*.

chieira

No Pôrto quere dizer «vaidade, basófia».

---

[1] *ib.* 4 de julho de 1903.
[2] *ib.*
[3] Gazeta das Colonias, de 16 de dezembro de 1905

chila (caiota), gila

O Nôvo Diccionário apresenta as três formas, que escreve *chila, chilacaiota* e *gila,* referindo à primeira as outras duas; não apresenta etimolojia. No perfeitíssimo Diccionário de vozes chilenas, de Rodolfo Lenz, que se está publicando [1], encontramos o termo *acayota* como usado no Chile. Eis o que acêrca dêle nos diz o douto filólogo: — «**alcayóta,** n. vulg. de una cucurbitácea mejicana cuyos frutos sirven para la preparacion de un dulce; el cidracayote (Dicc. Ac. cidra acayote) de los españoles *(Cucurbita ficifolia* Bouché). Variantes: *acayota* en Gay, Bot. viii e ii 403. Forma falsa: *alcajota* Gay Agr. ii 112; ortografía falsa: *acallota.* Etimolojía: Segun Philippi, Anales del Museo Nacional, seg. seccion 1892, del nahuatl *tsila cayotti*... segun Ramos 532, en Méjico se dice *chilacayote,* del azteca *tzila cayotli*» —.

Cumpre advertir que *nahuatl* e *azteca* são a mesma língua, e ainda, que as palavras mexicanas são idénticas, mas com diferente ortografía, sendo o *tz* e o *ts* iguais a *tç,* e os dois *tt* da primeira denominação êrro tipográfico em vez de *tl* da segunda, que em mexicano é suficso de unidade, e se profere como um *t* lateral, seguido de *l* sibilante surdo, sem vogal intermédia.

O nome desta casta de abóbora, hoje completamente aclimatada em Portugal, veio para cá de Espanha, naturalmente como fruto, trazido do México. Vê-se que devemos escrever *chila-caiota* em duas palavras.

Quanto à forma *gila,* principalmente usada em Lisboa, é provável que seja eufemismo, adoptado para se evitar o verdadeiro nome *chila,* que aí adquiriu o significado de «excremento humano», acepção que falta nos dicionários.

---

[1] Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivadas de linguas indíjenas americanas, Santiago de Chile, 1904-1905, i fasc., n.º 15.

Na ilha da Madeira, conforme informação do snr. João de Freitas Branco, o nome da abóbora com que se faz o dito doce é *moganga,* ou trivialmente *boganga,* que tem aspecto africano; aplicando-se a denominação *chila caiota,* ou simplesmente *chila,* únicamente ao doce.

Em Lisboa também se lhe chama *abóbora-chila,* e *abôbora moganga.*

chimabanda

Termo da África Oriental Portuguesa: — «Faz ainda parte do mobiliario a *chimabanda* (pilão) onde as mulheres reduzem a farinha a mapira, e a *mapira-manga,* as pedras chatas e planas em que pelo attricto é polvilhada a *mexoeira,* das quais a inferior e fixa tem o nome de *limbué,* e a superior e movel se chama *menacana*» —[1].

V. **mapira** e **mexoeira.**

chincha, chinchorra

— «As bateiras *chinchorras,* assim chamadas por serem... as que mais se usam para o lançamento da *chincha,* teem, como os *moliceiros,* a particularidade de ser ornamentadas, á prôa e á ré, de varias pinturas e emblemas« —[2].

Chincha foi, algumas linhas antes, explicado como — «rede de arrastar pequena» —.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

[2] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugalia, II, p. 60.

chincho, chincha

Nos Açôres significam «menino e menina, pequenos», e também «cousa pequena».

Em Aveiro *chincha,* que deve ser outro vocábulo diverso, é o nome de uma rede, e também, ao que parece, de certo barco de pesca.

chingue

No Bailundo: — «chingues são casas pequenas» — [1].

chipapala

Quadrúpede da África Oriental Portuguesa, assim descrito por Diocleciano Fernández das Neves: — «Qualidade de animaes a que os landins chamam chipapala. Observados de longe parece *[sic]* um boi, e effectivamente os chifres eram exactamente como os dêste animal. O cabello da pelle era côr de castanha e curto como o dos bois e tinha a crina á similhança dos cavallos, porém mais curta. O focinho e as patas eram como os do veado» — [2].

chiqueiro

Esta palavra é definida nos nossos dicionários como «pocilga, lugar onde se recolhem porcos» —.

Todavia, pelo menos no Alentejo, o significado é mais restrito, como se vê da explicação que do termo dá J. da Silva

---

[1] O Dia, de 29 de junho de 1903.

[2] Itinerario de uma viagem á caça dos elephantes, Lisboa, 1878, p. 280-281.

Picão, na Etnographia do Alto-Alemtejo: — «chiqueiro. — Curralorio que encerra dois ou três porcos adultos para se irem engordando a pouco e pouco com os sobejos das comidas... etc.» —[1]. [V. **choço**].

chisca, chisco, chisquinho, chizinho

O Suplemento ao Nôvo Diccionário dá à primeira destas formas, como peculiar da Beira, o significado — «pequenina porção, gôta» —, declarando haver sido colhida no Fundão. O segundo, como termo algarvio, identifica-o com *cisco,* que define *(ib.):* — «aparas miúdas, lixo» —. No Pôrto, como é sabido, esta última acepção é a que corresponde a *cisco* ❘ ciniscŭlum[2]. De *cisco* provém *cisqueiro,* que no Pôrto é o nome da *pá* (para a apanha) *do lixo,* a qual também se denomina *apanhador.*

Conforme os meus apontamentos, *chisca, chisco* e *chisquinho* significam todos três «pedaço pequeno».

O mesmo Suplemento acrescenta mais outra forma beirã, *chizinho,* com o mesmo significado de «porção pequena».

chitão, chitom

A primeira forma é mais portuguesa, a segunda está mais perto da sua orijem, a locução francesa *chut donc!* «caluda!», e é êste o significado que teẹm, ou antes, tinham, porque estão quási fora de uso. Foram porém bastante vulgares, e tanto que com a primeira se formou um adájio: — «Com el-rei e a Inquisição, chitão»! —[3].

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 545.

[2] D Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* «Revista Lusitana», III, p. 140.

[3] Francisco Adolfo Coelho, A Pedagogia do povo português, *in* Portugalia, I, p. 492.

choço (*=chôço*)

É um masculino deduzido da forma femenina *choça* | latim plŭtea [1], adjectivo substantivado, designando «armação, andaime, ripado», e cujo *ŭ* nos leva a crer que mesmo a forma femenina se pronunciasse dantes *chôça,* a não ser que a primitiva haja sido a masculina, derivada do neutro plŭteum, do mesmo adjectivo, substantivado. Cf. *pôço, póça.*

Choço no Alentejo tem significação particular, que se deduz do seguinte trecho da Ethnographia do Alto-Alemtejo, de J. da Silva Picão [2]—«O chiqueiro *[q. v.]* abrange o espaço de uns vinte metros quadrados, em parte resguardado por uma alpendrada ou *choço,* onde se abrigam os *cevões,* nome especifico por que se designam os suínos assim sustentados [com sobejos de comida]»—.

choramingas, choramigas

Parece-me fora de duvida que a primeira destas formas é a correcta, e a mais popular, quer o seu étimo seja *chorame,* como pretende D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quer *chora-mingas,* por *chora-mínguas,* que me parece mais provável.

choupa, choupo

Talvez as verdadeiras formas sejam *chôpa, chôpo* | clŭpea, clŭpeum.

Em três significados dá o Nôvo Diccionario a forma feme-

[1] Revista Lusitana, II, p. 37: J. Leite de Vasconcelos; mas já antes dado por Frederico Diez.

[2] Revista Lusitana, III, p. 135.

nina: *a)*—«ponta de ferro ou aço; *b)* peixe esparoide; *c)* árvore semelhante ao *choupo*»—.

A terceira acepção é o latim pop'lus, por metátese, plopus. Na 2.ª acepção é o latim clupea, com o mesmo significado. Exemplo da forma masculina na 1.ª acepção é o seguinte:—«Elvas, 20... Foi isto o bastante para que lhe cravasse... no peito um choupo que trazia»—[1].

choutar

Conforme J. J. Núnez, do latim *t(o)lutare* [2]: seria pois o mesmo vocábulo que *trotar*.

chuá

—«Onde mora o chuá ou governador [no Aname]»—[3].

chuanga

—«*Chuanga* é o preto que apresenta os contendores a quem resolve as questões, e resume as suas exposições: na Baixa-Zambezia é interprete»—[4].

chucharrão, chocharrão

Sendo ignorada a orijem dêste vocábulo dialectal, é incerta a sua escrita:—«Levado pela curiosidade, fui examinar um montão

---

[1] O ECONOMISTA, de 22 de outubro de 1892.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 285.

[3] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 68.

[4] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

de pedregulhos que o pastor me indicou, e que era escoria *(chucharrões,* dizia) havendo indicios de ter ali havido algum forno para derreter minerio, o que se explica porque a pequena distancia ha um filão, não sei de que minerio, dando-se ao sitio o nome de Ferrarias»—[1].

Em castelhano existe o vocábulo *chicharrón,* que parece pela forma ser aumentativo de *chicharro,* ou *chicharra,* «cigarra», e que o Dicionário da Academia espanhola [2] define do seguinte modo:—«(voz imitativa del ruido de freir) Residuo de las pellas del cerdo, depues de derretida la manteca. Dícese también de la manteca de otros animales y del sebo. // fig. Carne ú otra vianda requemada. // fig. y fam. Persona muy tostada por el sol»—. Corresponde nos dois primeiros sentidos ao que chamamos *torresmos.*

Para confirmar o parentesco do vocábulo português *chucharrão* com o castelhano *chicharrón,* vemos que a palavra *pella,* que entra na primeira definição dêste, além do significado natural, que tem, de «banha de porco em rama», adquire também, conforme o dicionário citado, os de—«Masa de los metales fundidos ó sin labrar—Masa de amalgama de plata que se obtiene al beneficiar con azogue minerales argentíferos»—.

O termo dialectal *chucharrão,* ao que parece mais usado no plural, corresponde portanto ao termo mais geral *escumalha.*

O primitivo *chicharra* designa em Espanha também o instrumento que em Portugal se denomina *cega-rega.*

Ambos os termos parecem ter orijem onomatopaica, isto é, serão imitação do som.

---

[1] Joaquim Manuel Correia, ANTIGUIDADES DO CONCELHO DO SABUGAL, *in* «O Archeologo português», x, p. 201.

[2] Madrid, 1899.

chué(s), chué-chué

Êste adjectivo invariável, que significa «reles, de pouco preço, ruim», é conforme Júlio Moreira [1], confirmando o que Dozy propusera, o árabe *chuié chuié [sic],* XUAIE XUAIE, deminutivo de XAI, «cousa».

A aceitar-se a etimolojia, a escrita deveria ser *xué.*

chulo, chula, chuleira

É termo castelhano, que em português como adjectivo adquiriu o significado de «ordinário, brejeiro, quási obsceno»; em castelhano, porém, designa «moço de matadouro ou de praça de touros, um tanto afadistado». No SECULO, de 23 de fevereiro de 1902, lê-se a locução *à chula,* «ao modo dos chulos, ou das chulas»:—«Ultimamente, vestindo com elegancia umas vezes, e *á chula* outras, parecia regenerada»—.

Chula é o nome de uma dança e de uma música popular, hoje provinciana. *Viola chuleira* é uma viola ordinária:—«Aqui o portuguez ao zãozão da viola chuleira»—[2].

Conforme Dozy, *chulo, chula* é termo de ciganos, mas de orijem arábica XUL, «rapaz». É duvidoso o étimo.

chumbeira, chumbada

Tanto o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, como o NÔVO DICC. dão a êste vocábulo o significado de uma espécie de rede. Todavia, nos passos que vão ler-se quer êle dizer «pêso de chumbo na rede»:—«São lançadas [as petisqueiras] em compridas coças

[1] REVISTA LUSITANA, IV, p. 266.

[2] Alberto Pimentel, A PRINCEZA DE BOIVÃO, p. 44.

[q. v.], e aguentadas por boias de cortiça e chumbeiras [1]— «tem pesos de chumbo, *chumbeiras*»—[2].

No mesmo sentido de «pêso de chumbo» é empregado no dito artigo outro derivado de *chumbo, chumbada:*—«A tralha superior tem fluctuadores de cortiça, e a inferior pesos de chumbo, chamados *chumbadas*»—.

churinar

O Nôvo Diccionario inclui êste vocábulo como de jíria, com o significado de «esfaquear». Nunca o ouvi em Portugal, e é possível que seja simples aportuguesamento do francês *chouriner*, que na jíria dos malfeitores de lá tem a mesma significação. A existir no calão português, é o caló espanhol *churinar*, derivado de *churí*, «faca», e que tem um nome de agente derivado do verbo, *churinaró*, «matador», ao qual corresponde o termo de jíria francesa *chourineur*, alcunha de uma das personajens do afamado romance de Eugénio Sue, Les mystères de Paris.

chupão

—«a chaminé ornamental de fuste prismatico e adjunta a ella, caiada de branco, outra chaminé, de secção quadrada, a que chamam *chupão* em todo o Alemtejo e que tem por effeito realisar a tiragem que a chaminé ornamental não effectua convenientemente.

Deve accrescentar-se ainda, que a tiragem por meio dos *chupões* é activissima e por isso, ao passo que não deixa o fumo,

---

[1] P. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 149.

[2] *ib.* p. 151.

arrasta o calorico de tal modo, que ainda no verão não aquece demasiadamente o compartimento em que se *fogueia*»—[1].

Tanto o substantivo *chupão*, como o verbo *foguear* são vocábulos que merecem ser adoptados na língua comum, com os sentidos que aqui expressam.

chus

Êste advérbio é antigo, do latim plus, e vemo-lo, por exemplo, na DEMANDA DO SANTO GRAAL,—«e era muito leterado, mas a donzela chus»—[2]. Ainda hoje é usado na locução *não dizer chus nem mus,* ou *bus.*

¿Que *mus* ou *bus* é êste?

Dois étimos se lhe podem atribuir, conforme se considere mais antiga a primeira ou a segunda forma. A aceitar-se *mus,* poderia ser uma contracção violenta do latim minus, com deslocação do acento, e portanto pouco provável, existindo na língua o verdadeiro correspondente *menos,* que ainda assim não pode pertencer às orijens dela, atenta a conservação do *n* medial: (cf. *ceia* {´cena).

Outra explicação aplicável a *bus* seria que a frase fosse muito popular, e recebida em parte dos ciganos de Espanha, em cujo dialecto *bus* quere dizer «mais». Assim, a locução significaria: «não dizer *mais,* nem em português, nem em cigano».

Fr. Diez [3] dá como étimo, que se pode ver no DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO de F. Adolfo Coelho, um vocábulo *bus, buz,* que se encontra em várias línguas, mas que não concorda com o sentido que tem *bus* na locução referida.

---

[1] Melo de Matos, AS CHAMINÉS ALEMTEJANAS, *in* Portugalia, II, p. 83.

[2] *in* REVISTA LUSITANA, VI, p. 334.

[3] ETYMOL. WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, BONN, 1869.

Exemplo recente de *chus* e *bus* é o seguinte:—«Recebeu trezentas varadas... mas outro... levou mil, sem dizer chus nem bus»—[1].

chusma

Já o Diccionario Contemporaneo deu como étimo a êste vocábulo o latim *celeusma;* todavia, não explicou o modo como se realizou a evolução. Deu-o J. J. Núnez na Revista Lusitana [iii, páj. 277]: celeusma } *cleusma* } * *cheusma* } *chusma.* Camões empregou a forma alatinada *celeuma:*—

«A medonha celeuma se levanta»—

Hoje faz-se diferença entre *celeuma* e *chusma,* visto que o primeiro vocábulo quere dizer «grita», e o segundo «multidão».

cibo, cêvo

Do latim cĭbum proveio *cêvo,* com *ê* } *ĭ,* e *v* } *b* medial, como é regra na evolução portuguesa do latim vulgar. Ou por influéncia literária, ou por distinção dialectal que se propagou, temos formas derivadas do mesmo radical em que figuram *i* e *b* latinos; tais são *cibalho, cibato,* e *cibo,* o último dos quais parece puro latinismo. *Cibato* foi empregado por Camões na Canção xvi:

Aqui Progne, de um ramo em outro ramo,
Com o peito ensangùentado anda voando,
Cibato para o ninho indo buscando.

---

[1] Gazeta das Aldeias, de 25 de março de 1906.

Não sei se *cigalho,* «porção pequena», é ainda um derivado de cibum, com mudança de *b* em *g,* como o andaluz *agüelo* comparado ao castelhano *abuelo* | auólum, e, procedente de *v,* o português *gastar* | *uastare, goraz,* de uorace. Apresento isto apenas como simples conjectura, que oferece poucas probabilidades de ser acertada.

ciciar; cecear, ceceoso

Estes dois verbos, diferentes na significação, andam geralmente confundidos nos dicionários, e assim também os substantivos rizotónicos derivados dêles, *ceceio* e *cicio (=cicío).*

Ciciar expressa: 1.º sussurro indistinto e ténue; 2.º a fala em segrêdo, sem voz, «ao ouvido», como costuma dizer-se, o *cochichar,* que em francês se diz *chuchoter.* Nesta última acepção empregou Alexandre Herculano o substantivo *cicio:*— «assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicío de orações submissas»—[1].

Como termo de fonética, *cicio* é a ausência de voz, o que em terminolojia técnica, se diz em francês *le chuche,* em inglês *the whisper.*

As consoantes sonoras, quando proferidas em segrêdo, são ciciadas, ficando muito semelhantes às surdas correspondentes, de modo que *casa* fica quási igual a *cassa, vaso,* quási igual a *faço;* o mesmo acontece entre *já* e *chá,* quási iguais, proferidos em segrêdo.

Em português existem permanentemente vogais ciciadas, ou afónicas, todas as vezes que *u* (ou *o* =*u*), *e* surdo e *i* estão precedidos de uma consoante surda, quando finais, ou entre duas consoantes surdas; por exemplo: *fato,* comparado com *fado; ouço,* comparado com *ouso; testar,* comparado com *distar,* etc.

Ceceio é outra cousa: é o defeito, ou antes a particularidade de proferir o *s* como *ç.* Êste nome, conforme o carácter de cada

[1] Eurico o Presbytero, xii, O Mosteiro.

dialecto, tem significações mais ou menos especificadas. Para o indivíduo da Beira-Alta *ceceio* designa o proferirem-se os *ss* e os *çç,* à maneira de Lisboa, e não como lá, onde são pronunciados no ponto em que se profere o *r* brando, o que lhes dá grande semelhança com *x,* e, em relação ao *z,* com *j.*

Para os indivíduos de Trás-os-Montes, que diferençam *s* de *ç,* e *s* brando de *z,* ceceio é não fazer tal distinção, pronunciando-os como em Lisboa.

Para os indivíduos de Lisboa *ceceio* é a pronúncia brasileira de *s* e *z* seguidos de consoante, ou finais, com os seus valores alfabéticos, em vez dos de *x, j* que se usam no sul de Portugal. O brasileiro em geral diz *paçtaç,* por *pastas, mezmoç* por *mesmos (=mêjmux).*

O contrário de *ceceio,* é o que se chama *chabancas,* particularidade que consiste em pronunciar os *ss,* como na Beira-Alta, subcacuminais, no ponto em que *r* brando se profere, isto é quási como *x,* e o *z* quási como *j.*

Ceceio se chama também o defeito, porque esta particularidade é individual, de aprossimar dos dentes a ponta da língua demasiadamente.

Em Espanha *ceceo* é a pronúncia do *c* ou do *z,* idénticos, e diferentes de *s,* aprossimando a língua dos dentes, como é necessário para bem articular aquelas letras em castelhano.

Chamam lá também *ceceo,* ou *zeteceo* à pronúncia dos *ss* e dos *zz* como *ç* português, usada na Andaluzia, e nas nações americanas de orijem espanhola.

Em português chama-se *ceceoso* áquele que pronuncia os *ss* com *ceceio.*

cifra, decifrar, zero; algarismo

O primeiro dêstes vocábulos foi o de preferéncia usado em português, antes da influéncia francesa em toda a nossa literatura, mesmo na científica, vai em sessenta anos. O que a maioria das pessoas não sabe é que são um só e o mesmo vocábulo *cifra* e *zero,* que os franceses escrevem *zéro,* pronunciando *zê-rô.*

A palavra é arábica, ṣifr, «vazio, oco», tradução do termo sanscrítico xūnīa xunîa, que tem a mesma significação, e também designava a cifra, ou «nulidade, ausência de quantidade», tendo só valor de posição para se localizarem os outros algarismos, no sistema de numeração decimal que os árabes aprenderam dos índios. Com êste valor passou o vocábulo arábico para português e castelhano, sendo nestes representada a consoante inicial por *ç (ce, ci),* como de regra, na transcrição de qualquer dos dois *ss* arábicos, o lene e o enfático, ou guturalizado, que aqui represento por ṣ. Das duas línguas hispânicas, ou da forma alatinada do vocábulo arábico, zephirum ou zephyrum, passou a palavra ao francês *ciffre,* dêste ao inglês *cypher,* e ao italiano *cífera,* do qual foi transplantado outra vez para França com a forma *chiffre,* arremêdo do toscano *cífera,* pronunciado *tchífera,* pois no dialecto veneziano se escrevia *zif(e)ra,* e se proferia *tcíf(e)ra,* o que estava mais conforme com o valor da inicial arábica e peninsular.

Foi Leonardo de Pisa quem no século XII latinizou êste vocábulo em *zephirum* [1], e os italianos abreviaram-no ao depois em *zero,* talvez primeiramente pronunciado *tcèro,* mas actualmente *dzèro,* que os franceses adoptaram, acomodando à sua pronunciação a escrita italiana. Em português, como disse, é provável que a forma *zéro* provenha directamente da francesa escrita, com acomodação igualmente à nossa leitura. Os alemães chamam-lhe *nulle,* do latim nulla, «nada».

Mássimo Planúdio, monje grego do XIV século, escreveu um livro, que intitulou PSĒP'OP'ORÍA KAT' INDOÚS [Cálculo entre os Índios], onde diz, a respeito dos algarismos o seguinte: — «Há só nove figuras, e são estas: 1.2.3.4.5.6.7.8.9, e teem também outra figura que chamam TZÍP'RA, e para os índios esta não vale

[1] Conforme Libri, *Histoire des Sciences mathématiques en Italie,* t. II, p. 29, citado por F. Woepke, MÉMOIRE SUR LA PROPAGATION DES CHIFFRES INDIENS, Paris, 1863, do qual é extratado em grande parte êste artigo.

nada, e as nove ditas figuras são índicas, e a tzíp‘ra escreve-se assim O»—[1].

Portanto, desde o xiv século estava a Europa de posse do sistema de numeração dos índios, com as formas arábicas, modificação das indianas, e das quais com pequenas diferenças ainda usamos. A diferença maior é que num dos sistemas arábicos, o asiático, o algarismo *5* é figurado por O, ou quási, e a cifra por um ponto (•). Dos árabes os receberam os gregos, os quais os propagaram pela Europa, que adoptou as formas mais cursivas berberiscas, consagradas definitivamente pela imprensa.

Os romanos, como não conheceram a cifra, que pela sua inserção entre os outros algarismos indica o valor dêstes no sistema decimal, usavam uma tabela quadriculada, chamada abăcus, *ábaco* (em grego ábaks), bastante enjenhosa na realidade, mas inferior ao uso da cifra em clareza e facilidade para o cálculo. Era, pouco mais ou menos como a figura seguinte, que explico:

1000000	100000	10000	1000	100	10	1
					1	1
				1		1
			1	1		1
		1	5			4
	7		3		2	5
	4		1			1
1		1		1		

[1] Woepke, *op. cit.*, p. 193-194. O texto está em grego; apresento-o aqui traduzido literalmente: apenas empreguei os algarismos correntes por me faltarem os sinais que nesse texto foram reproduzidos.

Onze	11
Cento e um	101
Mil cento e um	1101
Quinze mil e quatro	15004
Setecentos e três mil e vinte e cinco . .	703025
Quatrocentos e um mil e um	401001
Um milhão dez mil e cem	1010100

Algarismo é vocábulo também arábico, mas deduzido da forma alatinada algorismus, que na Idade-Média designava «compêndio de aritmética», e procedeu do nome do autor árabe de um dêsses compêndios [1]. *Cifra* no sentido de «algarismo» é palavra afrancesada; mas é muito portuguesa com o significado de «escrita enigmática», de que procede *decifrar*.

cigano

Êste termo é já antigo na língua, pois o vemos nas Ordenações Felipinas, no Titulo LXIX do Livro V; — «Mandamos que os Ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejão, que com elles andarem, não entrem em nossos Reynos e Senhorios» —.

Gil Vicente, na FARSA DAS CIGANAS, imitou-lhes o falar castelhano andaluzado e estranjeirado, com o costumado primor com que em outras peças remedou a pronúncia mourisca e a dos negros da Guiné, bem como os falares provinciais [2].

Ciganas designam também «brincos para as orelhas», naturalmente parecidos com os usados pelas ciganas: — «As es-

[1] Marcelo Devic, Suplemento ao Dicionário francês de Littré, *sub. v.* ALGORITHME.

[2] V. A. R. Gonçálvez Viana, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE, Lisboa, 1892, e CORRESPONDANCE PHILOLOGIQUE AVEC LE PRINCE L. L. Bonaparte [em 1894], *in* «Revue Hispanique», t. VI, p. 13 e 32 (1899).

trellas, annéis, ciganas, circulés ou afogadores»—[1]. O Nôvo Diccionário já traz o vocábulo neste sentido especial, e define-o:—«arrecadas de um só pingente»—. A definição é pouco clara.

As tribos vagabundas dos ciganos receberam nomes diversos em cada nação.

Os espanhóis chamam-lhes *gitanos,* isto é, *egitanos,* «do Ejipto», e nome idéntico lhes dão os ingleses, *Gypsies.* Os franceses denominaram-nos *Bohémiens,* naturalmente porque para lá vieram, ou disseram que vinham, da Boémia. Em alemão em italiano, em português, *zigeuner, zingari, ciganos,* o nome é étnico dêles próprios, conquanto os de Espanha, por exemplo, o não usem já, substituindo-o por *cincallés.*

É pois absurdo designar essas tribos em português com o nome de *boémios*; não o sendo menos disfarçar a palavra *cigano* em *tsigano,* pois o italiano *zingari,* alemão *zigeuner,* ou o romeno *tsigani,* com os sons *tç* iniciais, nada querem dizer que difira essencial ou acidentalmente do termo português, o qual, ao contrário do que acontece em francês, inglês ou espanhol, é a denominação lejítima dessas tribos, já usada até em francês, com a forma *tsiganes,* desde que a palavra *bohémiens* adquiriu a acepção de «tunante, estúrdio».

Em português também se chamou ao cigano *ejípcio,* e *ejitanato* [2].

cigarro; cigarrinho

Para *cigarro,* que primeiro quis dizer «charuto» em português, como no castelhano ainda hoje, veja-se **tabaco.**

Cigarrinho em Santa Cruz, ilha da Madeira, é o nome de

[1] O Dia, de 27 de outubro de 1903.

[2] J. Leite de Vasconcelos, Tradições populares portuguesas, do século xviii, *in* «Revista Lusitana», vi, p. 294, *(q. v.).*

uma ave, sylvia compicillata, conforme Ernesto Schmitz [DIE VÖGEL MADEIRAS].

Deve ser deminutivo de *cigarra,* e não, de *cigarro.*

cimeiro

Como adjectivo já o rejistou o NÔVO DICCIONÁRIO

Na Sertã *porta cimeira* é a «porta de cima», por oposição à *porta da rua.*

cipai(o)

Êste vocábulo, que designa «milícia indíjena» na Índia, aparece escrito por modos verdadeiramente singulares, entre outros um estravagante *sypaes,* com *y,* sem se saber porquê, por exemplo no seguinte trecho:—«*Santobá Ran Ranes*... cypae da Companhia do Infante»—[1].

O vocábulo é persiano SIPAHI, SIPAI, «hoste», que parece provir de ASP, «cavalo» [2]. Os ingleses escrevem **Sepoy, Seapoy,** e lêem *sipói.*

cirata

O NÔVO DICCIONÁRIO dá a êste vocábulo como significação —«espécie de xairel», e declara-o desusado. No Suplemento ao VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau vem um artigo um tanto longo, pelo qual se pode deduzir, da citação que faz, ser já obsoleto no seu tempo e mesmo no de Dom Sebastião. No entanto, vemo-lo ainda empregado no seguinte trecho:—«Esta dignidade [de camarista de Sua Santidade], alem das honras

[1] O SECULO, de 1 de abril de 1902.

[2] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, 1886, p. 612-613.

prelaticias dá-lhe o direito de montar uma mula branca com cirata vermelha, e esporas de ouro» —[1]. Bluteau traduz por Pellis ephippiaria. José Inácio Roquete, que, na sua qualidade de eclesiástico de bastante erudição apropriada, deve ser considerado autoridade, no Dictionnaire portugais-français [2] declara ser a significação de *cirata* — «bord d'une selle» —.

cirieiro, cerieiro; círio, cirial

A verdadeira escrita é sem dúvida com *i* na primeira sílaba, pois o vocábulo quere dizer «fabricante de círios». Todavia, a escrita com *e* é muito antiga, e à pronúncia naturalmente é devida, pois, como é sabido, numa série de sílabas cuja vogal seja *i*, sómente o último tem êste valor; os das sílabas antecedentes passam a valer *e* surdo [3], como por exemplo *militar, ministro,* que toda a gente, à excepção de um pequeno número de pessoas que escolhem para seu uso pronunciação afectada, aí não profere o *i* da sílaba *mi* com o seu valor alfabético. Antigamente, mesmo, escrevia-se *melitar,* como se escrevia *vezinho,* que é a verdadeira ortografia da palavra. Em *cerieiro,* por *cirieiro,* influíu também a palavra *cera,* visto que os círios eram e são fabricados desta substância — «Sabede que Ioham Coelho e Luis Mĩz e Gill Fr̃z, e Manoel Gill, cerieiros moradores em essa villa de Santarem» —[4].

Círio tem outra acepção, a de «romaria», que provávelmente lhe foi dada por motivo de ser levado na procissão algum círio bento.

---

[1] O Economista, de 24 de setembro de 1892.

[2] Paris, 1855.

[3] *V.* A. R. Gonçálvez Viana, Ortografia Nacional, Lisboa, 1904, p. 99-104.

[4] Carta réjia de D. Afonso v, *in* Portugalia, i, p. 366.

O Nôvo Diccionário dá ao vocábulo terceira acepção, pois nos diz ser nome de cacto.

Quarta acepção diferente de todas estas, e que não pode ter a mesma orijem, lê-se na Ethnographia do Alto Alemtejo, de J. da Silva Picão [1]: — «Os antigos silos (cirios) ou tulhas subterraneas» —.

Cumpre não confundir *cirial,* «tocheiro portátil em que se põe o círio», com *cereal,* «grão panificável», do latim cerealis { Ceres; como aconteceu a um rejedor, a quem o administrador do concelho pedira uma nota dos cereais que havia em depósito na freguesia, e que respondeu em ofício não lhe constar haver outros *ceriais* além daqueles que acompanhavam Nosso-Pai, quando se ia levar o viático aos enfermos.

citánia, citanieuse, cidade, cividade

Êste termo de arqueolojia prehistórica, o qual desde o congresso de 1880 em Lisboa, e em resultado dos trabalhos preparatórios e subseqùentes com êle relacionados, adquiriu grande notoriedade, é do seguinte modo descrito por pessoa tam competente como José Leite de Vasconcelos, actual director do Museu Etnolójico, acomodado no edifício do mosteiro de Belém: — «Outras designações de ruinas são *cividade, cidade e citania*... A etymologia de citania tem dado que fazer aos archeologos, mas ella parece-me simples, *salvo meliori:* o português *cidadão* vem de um derivado latino *civitatanus*...; ora desta palavra podia formar-se *civitatania*...» — [2].

Para aceitar-se êste étimo, que me parece muito plausível, basta considerar-se que do latim ciuitatem procedeu primeiro *cividade,* que ainda persiste neste sentido restrito, e que *civi-*

[1] *in* Portugalia, I, p. 539.

[2] p. 62, Colecção de David Corrazi, Bibliotheca do Povo e das Escolas.

dade em castelhano se reduziu primeiro a *cibdad* e depois a *ciudad,* o contrário de Paulus que deu *Pablo;* e assim como de *cividade* proveio o actual *cidade,* assim também de um *civitánia* resultou *citánia.*

Martinz Sarmento derivou dêste substantivo um adjectivo: —«firmariam a sua dominação sobre os Lígures citanienses»—[1].

O vocábulo *cividade* é também empregado por Alberto Sampaio, conjuntamente com *citánia:*—«as ruinas dos *oppida,* conhecidas hoje tradicionalmente por *cividades, citanias, castros ou crastos*»—[2].

Vê-se que são sinónimos, os quais ficam dêste modo definidos.

civilista

Êste neolojismo foi empregado por Duarte Gustavo Roboredo de Sampaio e Mello, num projecto de lei, apresentado às Côrtes em 1 de março de 1900, acêrca do divórcio:—«Traduziu elle [o Codigo Civil] talvez ao tempo da sua publicação a melhor obra da legislação civilista até então»—.

clamor, cramor, cramação

O Diccionario Contemporaneo já definiu esta palavra num sentido especialíssimo que tem no norte do reino:—«Procissão de preces em que os fieis vão rezando alto em côro»—. É o *pardon* da Bretanha Francesa.

Todavia, a forma, pela qual é conhecida a dita procissão, não é a literária que dá o dito dicionário, mas sim *cramol* (cf. *frol,* do latim flore) e *caramol* (cf. *carapinteiro,* por *carpinteiro).*

---

1 Portugalia, I, p. 12.

2 As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 107.

Sôbre estas procissões típicas veja-se Portugalia, I, páj. 624 e 664:—«Mais do que os clamores, cramoes ou caramoes, accusam os cercos... vestigios menos distantes de religiosidade»—.

Na ilha da Madeira *cramação* quere dizer «clamores, gritaria».

clan

Esta palavra escocesa (*clann* «filhos», «projénie») muito usada em Inglaterra, onde a tornaram conhecida as afamadas novelas de Gualtério Scott, passou também para França, e de lá foi trazida a Portugal por intermédio da literatura, mesmo científica, com a pronúncia errada *clã,* sendo que a verdadeira é *cláne.*

Se o vocábulo se aplica a escoceses, tem êle cabimento; o que é abuso é trasladá-lo a outras tribos de constituição mais ou menos análoga à dos serranos da Alta-Escócia (Highlanders), de orijem e linguajem céltica.

Acêrca desta expressão escrevi eu a nota seguinte na SELECTA INGLESA DE LEITURAS FÁCEIS, aprovada para o ensino do inglês nos nossos liceus, comentando a expressão *the clan of Mac Donald* do texto:—«da grei de Mac-Donald... O vocábulo clan corresponde ao GENS latino e designa na Alta-Escócia, entre as populações que falam gael, uma «parentela inteira», um ajuntamento de familias que obedecem á autoridade de um único chefe, e usam appellido commum a todas ellas, presumindo-se descenderem de um só avoengo. Assim, em Mac-Donald, êsse avoengo chamava-se Donald, e Mac significa «filhos», «progenie». O vocábulo clan é em inglês applicado a grupos de familias de constituição análoga em outros povos, e os franceses já o adoptaram»—[1].

Ora, em português podemos dizer «parentela» ou «grei», para evitarmos o neolojismo. Em sentido muito semelhante usou

[1] Lisboa, 1897, p. 230.

Gabriel de Annunzio, com relação à rejião dos Abruzos, o termo, talvez local, *parentado* [1].

Qualquer que seja a ortografia que se adopte, é absurdo escrever, como é muito comum, o vocábulo *grei* | grex, gregis, com *y*, **grey**, quando se escrevem com *i* *lei* | lex, legis, e *rei* | rex, regis.

claro

Êste vocábulo, como substantivo, significa «intervalo», mas tem sentido muito especial no trecho seguinte: — «Aos *claros*, que constituem as extremidades das redes, pendem as cordas, cabos de linho, cada um com 30 ou 40^{m} de comprimento» — [2].

clises

É termo de jíria e significa «olhos»; daí procede o verbo *clisar*, por «olhar». É o caló *clisé* «ôlho», com deslocação do acento para a 1.ª sílaba.

coa-das-pichas

— «Alem destas [redes envolventes volantes] usam os pescadores do Mondego uma outra a que chamam *Coa das pichas*» — [3].

cobrinha

No concelho de Vila Nova de Ourém êste deminutivo de *cobra* aplica-se como nome ao que chamamos *alfavaca de cobra*, isto é, à parietaria.

---

[1] La Figlia d'Iorio.

[2] P. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 151.

[3] Portugalia, I, p. 330.

cocho; copo; coche

Conforme J. Leite de Vasconcelos êste vocábulo, que serve para designar um «tabuleiro para transportar cal amassada», é uma forma latina, *cop(u)lum,* metátese de poculum, *copo.* Êste último será talvez um alótropo do mesmo vocábulo latino *poculum,* que tivesse antes passado pela forma intermediária *cópoo,* com manutenção excepcional do *p* intervocálico, por ser a forma semi-erudita.

A palavra *coche,* «carruajem de estadão», é porém de orijem húngara, *kocsi (=cóchi).*

codeão

No Alentejo significa êste aumentativo de *côdea* «terra endurecida pela geada» [1].

coicão

Na Beira-Baixa tem êste nome «a parte do carro que assenta no eixo» [2].

colcha, colchão; côcedra, côzedra, cocêdra, cozêdra; coxim

Os vocábulos 3.°, 4.°, 5.° e 6.° são alótropos, formas diverjentes do latim culcitra; se porém a acentuação dos dois últimos era na segunda sílaba, o que me parece menos provável, atenta a forma italiana *cóltrice,* com metátese, por *cólcitre,* temos de

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, ii, p. 22.

[2] Informação do editor, natural de Almeida.

supor como étimo dêles uma forma deminutiva *culcĭtula* que desse *cocêdra*. Com respeito à queda do *l*, confronte-se *doce* de dulcem.

Colchão é simples aumentativo de *colcha,* que pressupõe uma violenta absorção da sílaba medial *cĭ* do deminutivo, ou outra forma culcĭta igualmente dificultosa. Körting [1] propõe também que sejam derivados de collocare, castelhano *colgar.*

Coxim será, segundo o parecer do mesmo autor, o latim culcitinum, o que também apresenta dificuldades.

colheira

Esta peça dos arreios das cavalgaduras veio provávelmente de Espanha, onde se chama *collera* (pron. *colhera)* | *cuello* (pron. *cuelho),* «colo»; em português deveria dizer-se *coleira,* tanto a do cavalo, como a do cão.

A pronúncia *coelheira* é viciosa, pois o vocábulo nada tem que ver com *coelho,* que em castelhano é *conejo.*

combo

África Oriental Portuguesa: «infelicidade» [2].

comédias

Na praia da Nazaré ouvi assim denominar a «praça dos arlequins».

---

[1] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.os 2013 e 2813.

[2] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, *passim.*

cómodo

—«O conjunto de herdades que constituem uma lavoira designa-se por cómmodo»—[1].

Confronte-se o emprêgo do mesmo vocábulo para designar os «repartimentos de uma habitação».

companha

—«As *companhas* são grupos de pescadores que se reunem para exercerem a industria da pesca, e se compõem de um chefe, o *arraes,* e dos companheiros»—[2]. Conforme J. Leite de Vasconcelos deriva-se do verbo *companhar* { cumpaniare { cum + panis [3], «pão».

comparança

Êste substantivo, formado de *comparar,* como *esperança* de *esperar,* não vem nos dicionários, e todavia êle concorre popularmente em todo o reino com o literário *comparação:* o mesmo acontece com *declareza,* a par de *declaração.*

compassar

Eis aqui um sentido muito especial dêste verbo:—«Quando o atirador queria fazer uso do arcabuz, abria a caçoleta, «com-

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 271.

[2] *ib.* P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, p. 154.

[3] REVISTA LUSITANA, II, p. 33.

passava» a mecha, isto é, dava-lhe o comprimento sufficiente para chegar á caçoleta, apertava o gatilho, e o tiro partia»—[1].

condessar, condessa, condessilho

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vemos o verbo *condeçar,* nos seguintes termos:—«(ant.) guardar, pôr em depósito. (De *condeça)*»—.

Santa Rosa de Viterbo traz efectivamente como antigo o verbo *condesar:*—«Guardar. Daqui **Condessa**, ou **Condessilho**: aquillo, em que alguma cousa se guarda.—**Condessilho**: o mesmo que *Deposito,* segundo Duarte Nunes do Lião»—[2].

Na realidade, o filólogo citado por Viterbo inclui na lista do cap. XVII da Origem da lingoa portuguesa, como antigo, o indicado *condessilho.*

A. A. Cortesão, no Aditamento aos Subsídios para um diccionário completo da língua portuguêsa, diz-nos:—«Condessa ou condessa... [o arch... *condesar,* do hisp. *condesar* (do latim *cōndēre...)*—emende-se [na obra]:—o arch. *condessar,* do hisp. *condesar,* do latim *condĕre...*]. Cf. também o hisp. *condensa* (do latim *condensa),* logar onde se guarda alguma coisa, por exemplo, a despensa, o guarda-roupa, etc.»—.

À parte a preocupação do autor dêste utilíssimo repositório em converter o castelhano numa espécie de crivo pelo qual o latim, o árabe, o germánico, etc. hão de passar para chegarem ao português, teoria evidentemente errónea, pois o português, se não é mais antigo, é contemporáneo do castelhano em toda a sua evolução, que é mais fiel quási sempre às formas orijinais; à parte êste senão, repito, o autor deixou a claro a orijem do

---

1 Portugalia, I, p. 603.

2 Elucidario dos termos e frases que antiguamente se usárão, Lisboa, 1798.

vocábulo *condêssa* (com *ss,* e não *ç)* e do verbo dêste derivado, *condessar.*

Como não tenho ao meu alcance abonação portuguesa, e as tenho castelhanas, darei estas:—«Dicen que un religioso habia cada dia limosna de casa de un mercader rico, pan é mantega é mil otras cosas, et comia el pan, é lo al condesaba, e ponia la miel e la manteca en una jarra»—[1]. C' a mi sie*n*pre me tiene*n* ornado, | de e*n*tro e*n* buenas cubas co*n*desado [2].

É claro que *condessa,* no sentido de «cesta de verga, de forma circular ou oval, sem asa, e com tampa ligada», nada tem que ver com outro vocábulo, *condessa,* femenino de *conde* | comitem.

confeito; confetti

Êste particípio, do verbo *confazer,* do qual se derivou o verbo *confeitar,* que produziu *confeiteiro* e *confeitaria,* (no norte, *doceiro, doçaria)* não está colijido nos dicionários, nem como particípio, nem como adjectivo; todavia, vemo-lo muito bem empregado nesta última categoria por F. Adolfo Coelho, no seguinte passo:—«Não sei quando começaram a preparar em Portugal *amendoas confeitas*»—[3].

Bluteau no mesmo sentido usou *confeitado.*

Confeito como substantivo, designando uma espécie de pastilha doce, esférica, deve ser imitação do italiano *confetto,* plural *confetti.*

Em Portugal era uso, e não sei se ainda o é, arremessar *confeitos* aos noivos, ao saírem da igreja, e em Itália servem êles de projéctil para jogar o entrudo. A moda passou a França, onde à imitação se fabricam uns discos de papel de várias côres,

---

[1] Biblioteca de autores españoles, tomo LI, p. 57, col. I.—CALILA É DYNNA.

[2] DENUESTOS DEL AGUA Y EL VINO, texto do XIII século, *in* «Revue Hispanique», XIII, p. 617.

[3] A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS, *in* Portugalia, I, p. 484.

menos contundentes e mais baratos que os verdadeiros confeitos italianos. Vieram para cá os tais discos substituir os afamados *papelinhos* nacionais, e, como aos franceses não chega a língua para pronunciarem correctamente o italiano *confétti,* estropiaram-no em *confetí,* parvuíce que também, por ser francesa, se espalhou em Lisboa, entre a gente que presume de fina.

A se não querer adoptar o nome muito português e tradicional *papelinhos,* o que temos a fazer, o que faz quem quere falar português em Portugal, é dizermos *confeitos,* designando com êste termo não só os doces, mas a sua imitação, tal qual fazem os italianos ao seu *confetto.*

E, a propósito dêste singular, sempre desejaria saber se os que acentuam *confettí,* dirão no singular *confettí,* ou *confettó!.*

congosta, cangosta

Êste vocábulo, cuja forma mais correcta é *cangosta,* porém a mais usual *congosta,* é um exemplo muito característico de polissíntese em português. É um composto, por elisão da sílaba final no primeiro elemento e da sílaba inicial no segundo, pois o seu étimo é *canale* e *angosta* [1], de que resultou *canalangosta* } *canangosta* } *cãangosta* } *cangosta* } *congosta,* por fim, em virtude de assimilação da vogal da primeira sílaba à da segunda. Cf. para a última destas formas *ò* contracção de *ao:*

Condensação das várias sílabas de um vocábulo exemplifica também *quelha* { *canalicula* } *canalilha* } *canalelha* } *cãalelha* } *cãelha* } *caelha* } *quelha.*

consertador

—«Para as rêdes de arrasto ha mesmo um certo numero de individuos a que chamam *redeiros, atadores* ou *concertadores,*

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, iv, p. 273.

que exclusivamente se dedicam a este serviço na epoca de mais abundancia de peixe»—[1].

O serviço aqui mencionado é o de «consertar e encascar» as rêdes, isto é, de emendá-las e tinji-las.

Sôbre a escrita dêste verbo *consertar,* de consertus, particípio pretérito passivo de conserere, diferente de *concertar,* de que deriva *concêrto,* «ajuste, combinação», veja-se ORTOGRAFIA NACIONAL [2], páj. 121.

consoar

Êste verbo, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, deriva-se de *cum + sub + unare,* e *consoada,* de cum + sub + un + ata, sendo -ata a terminação femenina do particípio pretérito passivo do dito verbo [3]. Estanislau Prato propusera *consonata,* ao que se opõe a locução *de consum,* «em comunidade».—«Consoámos por ser dia de quaresma e jejum»—[4]. *Consoar,* como pode ver-se nos dicionários, quere dizer «tomar uma refeição leve, por preceito relijioso».

Cf. *assuada,* que, conforme a mesma abalisada romanista, provém de ad + sub + uno [5].

conto, conta, contaria

A unidade de contajem de cereal em rama usada em Trás-os-Montes é a *pousada,* que se compõe de quatro molhos. O termo é próprio dos arredores de Bragança. O cereal em grão tem por

[1] F. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 383.

[2] Lisboa, 1904.

[3] REVISTA LUSITANA, I, p. 124, 130; III, 362, 365.

[4] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

[5] REVISTA LUSITANA, I, p. 130.

unidade a *conta,* que é igual a quarenta alqueires, isto é, uns seis hectolitros.

Uma singularidade da mesma rejião é o número 20, tomado como básico para a contajem, à maneira do vasconço *oguei,* do francês *vingt,* do dinamarquês *tyve.*

Dêste modo *oitenta* diz-se *quatro vezes vinte,* em francês *quatre-vingts,* em dinamarquês *fiirsindstyve,* «quatro vezes vinte»; em vasconço *lauroguei,* «quatro vintes», de *lau(r)* «quatro».

A expressão *conto* só hoje se emprega, com a significação de «milhão», com referéncia a dinheiro, equivalendo *um conto de réis* a «um milhão de réis».

Bluteau [1] insiste em que *conto* não é mais que *milhão,* e que *conto* se diz de réis, e *milhão,* de cruzados, censurando o Padre António Vieira, porque os diferençou.

Fernám Méndez Pinto [2] diz-nos:—«São estas feyras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direyto, pela qual causa concorre a ellas tanta gente, que se afirma que passa de tres contos de pessoas»—.

¿Quis o autor dizer «três milhões de pessoas»?

Assim parece, se compararmos esta expressão de número com a que se lhe segue:—«E porque, como disse, os trezentos mil homens que estão em depósito nesta prisão andão todos soltos»—. Se só presos eram trezentos mil, não é de admirar que dez vezes êsse número fosse a gente livre que à feira concorria. Passa-se isto na China, o que deve diminuir o espanto que nos causaria tamanha concorréncia.

Acêrca do termo *conto* num sentido especial, transcrevo, por ser perfeita a definição e a demonstração da orijem, o seguinte trecho do notável estudo de Alberto Sampaio, intitulado AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL:—«Os mesmos bens doados não eram privilegiados senão por graça real, pois era o rei quem os *contava* ou *honrava,* prescindindo dos direitos de que fazia

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

[2] PEREGRINAÇÃO, cap. CVIII.

mercê; estes *contos* ou *honras,* onde em geral não entram os mordomos reaes, conteem talvez os germens dos concelhos, cujos foraes ou cartas serão tambem dados pela corôa»—[1].

A palavra *conta* é muito portuguesa, no sentido de «globo pequeno de vidro, louça, madeira, ou outra substáncia, furado para se enfiar».

O nome provém-lhe naturalmente dos globos dessa natureza empregados nos rosários, para «contar» maquinalmente as orações que se vão rezando, correndo-se as *contas* a uma e uma pelo fio ou cordão em que estão encarreiradas.

Toma, como objecto de enfeite, diversos epítetos que a qualificam. Aqui está um não colijido:—«Conta de leite: Globulo de agata, de côr leitosa e azulada. Amuleto para manter abundante o leite ás mulheres que criam»—[2].

Contaria é um colectivo, uma ou muitas «enfiadas de *contas*».

convidar, convite

Estes dois vocábulos tinham dantes a acepção de «obsequiar, presentear, presente, banquete», cuja reminiscéncia ainda hoje em dia perdura irónicamente:—«o Taboada, um bailão ali do sitio, convidou o Navalhadas, seu collega, com duas ditas no peito»—[3].

Abonação antiga é a seguinte:—«ainda oje ey de cear hũ pedaço dessa tua carne, cõ que ey de convidar dous cães que tenho»—[4].

Em Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, lê-se: —«E houve aquelle dia convite real de vinhos e fruitas, em

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 579.
[2] Portugalia, I, p. 619.
[3] O Economista, de 22 de agosto de 1885.
[4] Fernám Méndez Pinto, Peregrinação, cap. CXCVIII.

uma notavel perfeição, e assi muitas danças e festas em toda a noite»—[1].

copa

Na acepção ordinária *copa,* como «arrecadação», só se aplica ao móvel ou quarto onde se põem a resguardo comidas, louças ou trem de mesa.

No Alentejo porém o significado é diferente, como vemos do trecho seguinte:—«tudo aquillo está em desordem, assim como a copa (vestuário)»—[2].

copa, copo

Em Caminha, e provávelmente em outros pontos do Minho, o vocábulo *copo* corresponde ao vaso que mais para o sul se denomina *caneca,* isto é, vaso cilíndrico, de maior altura que diámetro, munido de asa.

Como termo de pesca é uma peça da rêde, e também nome de uma rêde:—«Destes apparelhos o mais usado em Buarcos é o *copo*—que serve para a pesca do camarão»—[3].

Copa, pelo que hoje chamamos *copo, taça,* vêmo-lo em Rui de Pina:—«o Infante Dom Fernando, por melhor justador, venceu então o grado, que foi uma rica copa, de que fêz logo mercê a Diogo de Mello»—[4].

Hoje diz-se para aí *record,* à inglesa, e não *grado,* que seria uma vantajosa substituição do anglicismo, pronunciado à francesa, *recór.* Então, como actualmente, era uma taça o prémio grande.

---

[1] cap. CXXXI.

[2] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 542.

[3] Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 152.

[4] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.

coração; còração

É conhecido em quási todas as suas acepções o primeiro dêstes dois vocábulos.

Em dois sentidos porém não está colijido, que eu saiba, e deduzem-se dos trechos seguintes:—«Possuímos alguns d'esses pesos, *corações* como as tecedeiras lhes chamam»—. São pesos de tear, em forma de coração.—«Quando *Physicus,* há dias, nos ensinou que a forquilha tem onze paus, a tipografia partiu um delles, e não nomeou o principal,—*o coração,* em que se implantam os *dentes* e o *cabo* [1].

O segundo é um neolojismo, derivado do verbo *corar (=còrar),* que tem de ser diferençado do primeiro, porque a pronunciação do *o* é diversa, proferindo-se aberto, entanto que o de *coração* soa como *u:*—«Entreviamos um bacillo que microscópicamente revestia a m o r p h o l o g i a do da peste—curto, a t a r r a c a d o, córação bipolar, espaço branco intermédio»—[2]. Êste trecho, em que as palavras tomam acepções desusadas, não é decerto modêlo de boa linguajem; apesar disso, porém, o vocábulo *còração,* por *coloração,* está bem derivado do verbo *còrar,* e merece rejisto. Quanto a **morphologia**, que não quere, nem quis nunca dizer «forma», mas sim t e o r i a d a s f o r m a s, ou das f o r m a ç õ e s, não pode, nem deve figurar em dicionários naquela acepção. Singular é também o epíteto *atarracado,* aplicado a um organismo só visível por microscópio.

coral

Os dicionários não mencionam que êste nome, não só designa o «coral verdadeiro», mas também o f a l s o, mesmo sem aposição

---

[1] DIARIO DE NOTICIAS, de 7 de dezembro de 1905.

[2] Ricardo Jorge, A PESTE BUBONICA NO PORTO, 1899, p. 44.

dêste epíteto, que é indispensável que acompanhe *pérola,* quando ela não é verdadeira. Assim, ainda com epíteto que o realça, *coral fino* denota apenas «imitação do coral verdadeiro», como quando denomina uma contaria, *coral-fino Maria,* que se lia num anúncio publicado no jornal O ECONOMISTA, de 4 de novembro de 1882.

coriscar, corisco

É conhecido o étimo dêste verbo, que poderia ser considerado como derivado de *corisco,* quando a verdade é que se deu o caso contrário. *Coriscar* procede do latim coruscare, com dissimilação da vogal átona da segunda sílaba, com relação ao *o* da primeira; *corisco* é um nome verbal rizotónico, derivado de *coriscar,* já dentro do português.

Corisco, não só na Bairrada, como diz o NÔVO DICCIONÁRIO, mas também em outros pontos e no Brasil, é o que em geral o povo chama *pedra-de-raio.*

corja

Esta palavra, que actualmente significa apenas, em sentido pejorativo e ofensivo, o mesmo que «*matula*», *(q. v.),* «quadrilha» (espanholismo), «turba», é declarado termo da Índia, com a significação de «vinte», no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE BLUTEAU (1712). Vê-se pois que há dois séculos ainda não havia adquirido o sentido deprimente que ao depois prevaleceu: —«Sinalou-lhes dez *Corjas* de cotonias. São cotonias lenço da terra, que serve para vestido. A Corja he numero de vinte. 3. part. da Hist. de S. Doming. pag. 337»—. *V.* **cotonia.**

Era pois *corja* um dos freqüentes nomes numerativos, equivalentes aos nossos *dúzia, conto, mão,* etc., tam usados em muitas das línguas asiáticas, e nomeadamente nas do sul da

Índia, nas malaias, na japonêsa, mas também em persiano, conquanto pertencente à grande família árica.

A etimolojia é questionável, como vemos no Glossário de Yule & Burnell [1], atribuindo-se-lhe uma orijem telinga (dravídica), e outra arábica.

Em Fernám Méndez Pinto ocorre êste vocábulo pelo menos duas vezes [2], e muitas em todos os nossos cronistas da Ásia.

cornaca

É antigo já na língua êste termo, o qual significa «a pessoa que vai guiando o elefante», na Índia.

Bluteau traz o vocábulo, com duas abonações portuguesas, na inscrição CORNACA, e emprega-o também na inscrição ELEFANTE.

O Glossário de Yule & Burnell [3], citando o dr. Rost, dá como étimo o cingala *kūrawa-nāyaka* [KŪRAŬA-NĀĬAKA], cuja significação é, segundo declara, «maioral de elefantes».

Vê-se pois que não é galicismo esta palavra, visto que existe em português desde, pelo menos, 1685, data da segunda citação feita pelos ditos indianistas, extraída da FATALIDADE HISTÓRICA, de J. Ribeiro. Galicismo é a abreviação *cornac,* que às vezes se lê, em ruins traduções de francês.

Na edição da História Trájico-Marítima, de Bernardo Gómez de Brito, publicada recentemente na BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, no vol. XLI, duas vezes se imprimiu *comaca* em vez de *cornaca,* a páj. 82 e 83.

---

1 A GLOSSARY OF ANGLO INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, *sub. v.* **corge.**

2 PEREGRINAÇÃO, cap. LXXIII e CLXVII.

3 A GLOSSARY OF ANGLO INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

corneta

Como termo de jíria, já antigo, quere dizer «cara»:—

«Venha cá, senhor malhado,
Meta a mão nesta gaveta,
Dê vivas a Dom Miguel,
Senão, parto-lhe a corneta».

coroa

—«Todos [os barcos] são de fundo chato—o que é imposto pela natureza do leito da ria, de grandes espraiados e cheia de bancos de areia ou *coroas*»—[1].

É esta uma acepção da palavra *c(o)roa* que os dicionários não rejistam, e por isso aqui fica apontada.

coroça, palhota, palhoça, capa-de-palhas, capa palhiça

Esta capa, usada tanto em Portugal, como na Nova Caledónia, como no Japão, donde provávelmente veio para cá no século XVI ou XVII, já motivou esta nota a páj. 170, do livro de Jouan LES ÎLES DU PACIFIQUE [2]:—«Les Japonais et les paysans du Portugal ont des manteaux tout-à-fait semblables»—.

Veja-se um artigo que publiquei, sôbre a língua do Japão, no jornal O SECULO, de 8 de agosto de 1904, no qual me referi a êste especialíssimo abrigo; v. também a palavra **dáimio.**

---

[1] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in*, Portugalia, II, p. 53.

[2] vol. LXV da BIBLIOTHÈQUE UTILE.

coroplasta

É um neolojismo, que Rocha Peixoto empregou na sua monografia intitulada As OLARIAS DO PRADO, tirando-o imediatamente do francês *coroplaste,* vocábulo tomado nesta língua do grego KOROPLÁSTĒS composto de KÓROS, «moço», e PLÁSTĒS [1], «fabricante». O significado é «imajinário de figuras de barro ou cera»:—«quando de louceiro o ceramista de Prado passa a coroplasta»—[2].

corpo-santo-de-Pedro-Gonçálvez

Êste composto polimórfico encontra-se mencionado por Jurien de la Gravière:—«ces lueurs bleuâtres et sautillantes que les Portugais appelaient *Corpo Santo de Pedro Gonsalvez,* et les Espagnols *Sant-Elmo*»—[3].

Não sei se vem mencionada por enteiro a expressão em qualquer escritor português, mas designa o Corpo Santo, ou *fogo-Sam-Telmo,* a que se refere Camões, nos LUSÍADAS, Canto V, est. 18:—

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.

corre-caminho

Na ilha da Madeira é o nome vulgar de uma ave, Anthus trivialis, de Lineu [4].

---

[1] W. Pape GRIECHISCH-DEUTSCHES WÖRTERBUCH, Brunsvique, 1880, t. I, p. 1487, col. I, t. II, p. 625, col. II.

[2] Portugalia, I, p. 250.

[3] LES ANGLAIS ET LES HOLLANDAIS DANS LES MERS POLAIRES, ET DANS LA MER DES INDES, Paris, 1890, t. I, p. 144.

[4] P. Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS, 1899.

corre-costas

— «chegaram dois corre-costas que andavam ao serviço das auctoridades na praia» —[1]. É termo brasileiro e designa barco.

corriqueiro

Os dicionários definem êste adjectivo, — «que corre ou circula habitualmente; vulgar, trivial» —. Na primeira acepção nem é usual, nem o vi ou ouvi jamais empregado; no Minho, porém, chama-se *corriqueira* à pessoa que sai de casa freqùentemente.

corsa *(=côrsa)*

Na ilha da Madeira tem êste nome, ou o de *arrasta,* «o carro de arrastar, sem rodas» e seriam termos muito aceitáveis para expressar o francês *traîneau* | *traîner,* «arrastar», que já passou para cá, com a forma *trenó;* cf. *trumó,* ou *tremó* de *trumeau.*

corso *(=côrso)*

É um italianismo de introdução muito recente, nome de uma rua de grande movimento em Roma: — «as ruas do *côrso,* como se deliberou chamar-se ao espaço comprehendido entre o largo de Camões e as ruas do Carmo, do Ouro, e Nova do Almada» —[2]. Esta deliberação, que se não diz por quem foi tomada com tamanha autoridade e intimativa, por emquanto só teve c u r s o

---

[1] O Economista, de 1 de setembro de 1887, «Correspondencia do Rio de Janeiro».

[2] O Seculo, de 7 de março de 1905.

em Lisboa, no carnaval de 1905, entre certa gente que presume de fina. Parece que o termo não pegou, o que não é de sentir.

cortada

E termo de marinhas, próprio de Aveiro: — «As marinhas ainda produzem — mau grado dos criados que desejam a cessação da safra, e tanto que nas cortadas do sul da Ria já houve tentativa de *alagamentos*» — [1].

Êste segundo termo parece não ter a significação usual, mas talvez outra relacionada com uma acepção especial do verbo *alagar, (q. v.)*.

cortiça, cortiço, corticeiro

Cortiça é o nome da casca do sobreiro depois de arrancada em pedaços grandes; *cortiço* qualquer canudo de *cortiça,* e não, sómente o que serve aos enxames de abelhas. — «Bate-se o linho com a espadela de encontro á beira superior e externa de um cylindro vertical de casca de sovereiro, chamado cortiço, tendo pouco mais ou menos 1 metro de comprimento e $0^m,3$ a $0^m,4$ de diametro» — [2].

Em calão *cortiço* é «casa de habitação».

Corticeiro, «operário que trabalha em cortiça» e, como adjectivo, «que se refere a essa indústria», são neolojismos, de muito conveniente emprêgo: — «Tem continuado a gréve dos corticeiros da fabrica do sr. Rankin, no Alfeite» — [3].

---

[1] O Economista, de 2 de outubro de 1891.
[2] Portugalia, I, p. 370.
[3] O Economista, de 23 de setembro de 1892.

costume; costumar

Conforme Carlos Eujénio Correia da Silva, em Ajudá designa esta palavra «tributo pago ao rei do Daomé» e festa periódica [1].

Costumar, como verbo transitivo, tendo por complemento objectivo um nome, foi usado antigamente, como vemos em Rui de Pina: — «Foi algum tanto envolto em carne [o rei], e por encuberta disso custumava sempre vestiduras sôltas» — [2].

Presentemente diz-se *costumava usar.*

O emprêgo todavia do participio passivo dêste verbo, como adjectivo, na acepção de «usual», perdura ainda: — «E deu ao seus armas além das custumadas» — [3].

O costumado, empregado em absoluto, significa «o habitual».

costume; trajo, ou traje

Êste vocábulo, que antes se escrevia *custume,* significa «uso, usança, hábito». Muito modernamente é empregado na acepção de *trajo,* ou *traje,* por galicismo, não só inútil, mas ambíguo; e porque é um desacêrto, adquiriu voga imediatamente. Desta maneira, não só serviu de título a uma colecção de trajes portugueses, desenhados por Bordalo Pinheiro com a maior exactidão, o Album de costumes portuguezes, mas também serve para classificar uma colecção de bilhetes postais com a mesma designação de *Costumes portugueses.* Ora, *costumes* são *bons* ou *maus,* morijerados ou devassos; mas nunca tal palavra serviu para denominar *traje,* e em parte alguma dos domínios portugueses o povo entende semelhante nome em tal sentido, nem pessoa que

---

[1] Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá, na costa da Mina em 1865, Lisboa, 1866.

[2] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. 213.

[3] *ib,* cap. xxxiii.

se preze de escrever na língua pátria o empregará. Quem o usa inadvertidamente deve ter em atenção que *traje,* em francês, se diz *costume,* mas que costume é *coutume,* e lá portanto não se pode dar a confusão, que o emprêgo dêste escusado galicismo ocasiona em português:—«Ne possédons-nous pas quelques vues donant la caractéristique de tèle ou tèle grande vile, des détails tipiques sur les meurs, les coutumes et les costumes d'une réjion?»—[1].

cota

O termo é dado como transmontano pelo Nôvo Diccionário, com a significação de—«lado oposto ao gume da ferramenta»—. Não me parece que a limitação imposta, quer ao significado, quer a rejião onde o vocábulo é usado, seja exacta. Em Lisboa, desde a minha infância, ouvi chamar *cota* à parte oposta ao gume, ou «fio» da faca, isto pelo que diz respeito à significação; e com relação à difusão do termo, vejo que é também empregado em outros pontos, pelo seguinte passo:—«A espadela é uma espécie de podoa de madeira, em que se distingue a *cota,* o *fio* ou *gume* e o punho»—[2].

coté

É um termo de jíria cidadã, que talvez provenha de propositada corrutela do inglês cottage, pron. *cot'idje,* e designa uma casa que não é a própria habitação, mas sim outra, reservada para actos secretos, às escondidas da família. Eis aqui uma abonação do termo:—«O *cuté* da rua da Gloria é num primeiro andar baixo... tem duas salas exiguas, mal mobiladas, com os banaes *décors* destas alfurjas proprias para amores de occasião»—[3].

---

[1] Le Réformiste, de 15 de novembro de 1905.

[2] B. D. Coelho, Industria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de substancias textis, *(sic), in* Portugalia, I, p. 374.

[3] O Dia, de 12 de janeiro de 1905.

cotio (figo)

Quere dizer «de todos os dias» { quotidie, e figuradamente «comum, trivial».—«A arraia miuda é constituida pelo «Cotio» [figo], que pela quantidade e numero se pode chamar soberano. É o figo de embarque que regula por 800 réis a arroba, ao passo que os primeiros *[berjaçote, sofeno* (?), *castelhano* e] o bello «Inchario», por exemplo, regula por 3000 réis a arroba»—[1].

cotonia

Roupa de algodão. Pronuncia-se *cotonía,* e não, *cotónia,* como indica o DICCIONARIO CONTEMPORANEO; em árabe QUṬNĪE.

cotovia

Como termo de calão, quere dizer «garrafa».

couça

—«Por couça é aqui [Braga] denominado um morcão [lagarto grande] que apparece em alguns cortiços e destroe as abelhas»—[2].

couce

Uma peça do arado:—«Noutros typos d'arado em vez dessa peça inteira, a rabiça, ha duas ou tres ligadas: uma inferior, que se chama *dente* ou *coice,* em que assenta a relha»—[3].

Nesta acepção não vem nos dicionários.

---

[1] O ECONOMISTA, de 5 de novembro de 1885, citando o JORNAL DA MANHÃ.

[2] GAZETA DAS ALDEIAS, de 25 de fevereiro de 1906.

[3] Francisco Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, *in* Portugalia, I, p. 407.

coveiro; còveiro

Coveiro é indivíduo que tem por ofício abrir as *covas,* ou *covais,* nos cemitérios, e é palavra que figura em todos os dicionários. O segundo vocábulo, que se deve diferençar dêste pela acentuação marcada no *o* átono mas aberto, *còveiro,* é termo alentejano, assim definido por quem me prestou a informação: —«cabana junto à malhada, onde se guardam os cabritos, para se lhes ordenharem as mães»—.

côvo, cova, covão; côvão; cofre; alcofa

Meyer-Lübke admite duas formas novas latinas *cophus* e *copha*, derivadas por via de regressão do latim cophĭnus, vocábulo de orijem grega, sendo elas postuladas por certas formas populares italianas.

Além dêsses dois substantivos devemos admitir igualmente um adjectivo triforme, cophus, copha, cophum, do qual os dois substantivos citados hão de ser simples mudança de categoria gramatical. O adjectivo a que me refiro tem de supor-se para explicar o adjectivo *côvo,* «fundo, cóncavo», que se emprega como qualificativo de *prato* na locução *prato côvo,* a qual designa na Estremadura o que na Beira-Baixa se denomina *prato fundo,* e no norte *prato sopeiro.*

Côvo como adjectivo foi empregado por Bocage:

Esquentado frisão, brutal masmarro,
Vagava de Santarém na pobre feira;
Eis que divisa de lonje em côva seira
Seus bons irmãos seráficos de barro.

Ao femenino dêste adjectivo, *copha,* temos de atribuir a orijem tam disputada da palavra *cova,* a que se dava a mêdo como étimo caua, sem explicar a transformação; como à forma neutra

cophum se há de atribuir o substantivo *côvo,* meia-esfera de vêrga que serve de gaiola aos galinaceos, nos mercados. Quanto ao substantivo *côvão,* diferente de *covão,* aumentativo de *cova,* tem orijem no primitivo cophinus, como o correspondente castelhano *cuévano* (cf. *Estêvão*, *Estéban* } Stephanus) e o italiano *còfano,* o que já conjecturara há tantos séculos Isidoro Hispalense, e do qual *cabanilho,* «cêsto alto e cilíndrico» é um derivado, em cuja forma influíu a palavra *cabana,* de que ainda se tirou *cabano,* por via de reversão a um primitivo suposto.

Vê-se pois que as formas populares latinas *cophum, copha* não são já hipotéticas, mas na realidade existiram a par de cophinus, no latim vulgar.

Por outra parte a palavra *cofre* é de orijem imediata francesa e de introdução relativamente moderna e artificial nas línguas peninsulares, como o demonstra a mudança do *n* latino em *r;* cf. pampanus } *pampre.*

Não param porém aqui os derivados de *cophum, copha,* pois existe, pelo menos, outra palavra que, tendo a mesma orijem, passou a português por intermédio do árabe; é *alcofa* (AL-QUFE), que também foi parar a França e Itália, talvez sem tal intervenção; com as formas *couffe* e *coffa, cofa,* venezianas.

Temos pois:

Grego KÓP'INOS } lat. literal cophinus } italiano *còfano,* cast. *cuévano,* port. *côvão.*

Latim vulgar, *cophum, copha* } port. *côvo, cóva,* cast. *cueva;* árabe QUFE; ital. *coffa, cofa,* fr. *couffe.*

Árabe ALQUFE } português *alcofa.*

Português *côvão* } *cabanilho, cabano, cova* } aumentativo *covão,* ocsítono, e outros muitos mais derivados, *covinha, encovar,* etc. e *coveiro,* diferente de *còveiro, (q. v.).*

côvodo, côvedo, côvado

Há muito tempo que êste vocábulo no sentido de *cotovêlo*a foi por êste substituído, conservando apenas a acepção de um,

medida de três palmos, que deixou de ser usada, pelo quê passará em breve o termo a ser completamente obsoleto. *Côvado,* em castelhano *codo,* é o latim cubitum, como é sabido, e *cotovêlo* um deminutivo, cubitellum, com metátese das sílabas médias. *Côvado* na sua primitiva acepção encontra-se, por exemplo, na DEMANDA DO SANTO GRAAL, com a forma *covodo* = *côvodo:* — «Entom a lançou o mais que pôde e quando chegou preto da agua viu hũa mão sair do lago que parecia ates o covodo, mas do corpo nom viu nada» —[1].

coxia

Quer como termo de bordo, quer como vocábulo próprio de teatros é *coxia* de orijem italiana, do mesmo modo que outras muitas dições pertencentes a essas duas nomenclaturas. Em toscano *corsia,* a *coxia* no teatro, é definida assim por P. Petròcchi [2]: — «lo spazio che nella platèa d'un teatro è líbero dalle panche [«bancos»], e più spezialm[ente] quello di mezzo [«o do meio»] » —.

A forma portuguesa, se não provém directamente de qualquer dialectal italiana, resultou do concurso de *rs* antes de *i.*

cozinha

Êste vocábulo e o seu étimo são bem conhecidos: do latim *cocina,* por coquina, proveio *cozinha,* como de *cocere,* por *coquere,* «*cozer*», que se não deve confundir com *coser* { consuere.

Em Caminha, e outras partes do Minho naturalmente, a palavra *cozinha* designa o «fogão da cozinha».

---

[1] Oto Klob, *in* «REVISTA LUSITANA», VI, p. 344.

[2] NÒVO DIZIONÀRIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITALIANA, Milão, 1887.

crasto: v. **castro**

crebar

Esta forma minhota não é, como poderia supor-se, metátese da usual *quebrar,* cuja significação tem; pelo contrário, na forma geral *quebrar* é que se deu a metátese com relação a *crebar,* mais antiga e mais conforme com o seu étimo latino crepare, confirmando-se a etimolojia que já se atribuía a *quebrar.* O *qu* por *c* na sílaba inicial foi mero expediente ortográfico, para se evitar a leitura *cebrar.*

criar, criado, criança, etc.

Quási todos os dicionários portugueses, modernos pelo menos, escrevem o verbo *criar* com *e,* isto é, *crear,* e, em conseqüência desta ortografia, rejistam igualmente *creador, creado, creação, creança,* etc.

Alguns autores distinguem duas séries: *Crear, creador, creado, creatura, creação* (do mundo), *creança* por uma parte; e *criar, cria, criador, criação* (de gado), *criação* («aves domésticas»), etc.

Nenhuma razão, histórica ou outra, existe que justifique, ou sequer explique esta distinção fictícia: a palavra é uma única, e conquanto o seu étimo seja o latim creare, o facto é que em português o verbo dêle derivado é um só, *criar,* que tem de ser escrito com *i,* e não *e,* visto que nas linguajens rizotónicas convém saber, nas que tem o acento no radical, a conjugação é sempre com *i* proferido e não com *e: crio, crias, cria, criam, crie, criem.* Seria pois insensato fabricar irregularidades aparentes, que a pronúncia não confirma, entre estas formas rizotónicas e as acentuadas nas desinências, escrevendo estas com *e* valendo *i, crear, creamos, creais, creeis, crearão,* etc.; ou fazendo distin-

ção na escrita dos radicais *crear, criar,* conforme a significação, apenas nas linguajens de desinência acentuada.

Dêste modo, a única solução é conformar em tudo a ortografia com a pronúncia efectiva e que já não pode ser alterada, reduzindo-se a um só, *criar,* os dois verbos *crear* e *criar,* com todos os seus derivados, afins e flecsões: *criador, criatura, criado, criança,* em razão de *cria.*

Deve advertir-se ainda que os vocábulos *criado* (=serviçal) e *criança* nunca tiveram, até época recente, outra escrita que não fosse com *i* na primeira sílaba, em harmonia com as correspondentes formas castelhanas *criado, criança, (crianza)* «criação, educação»; conquanto nesta língua subsista a distinção entre *crear* e *criar,* não só na escrita, mas também na pronúncia, visto que em espanhol o *e* átono não adquire nunca o valor de *i,* como acontece em português antes de vogal, existindo ali na realidade duas séries, na pronúncia e na escrita, as quais se não podem manter em português por aquela se opôr a tal distinção, como vimos: *crear, creado, creador, creatura;* **criar, criador, cria, criadero, crianza, criado**, etc.

Com *i* se escreveu sempre também *criação,* no sentido de «aves domésticas de capoeira», acepção em que vemos o vocábulo, conquanto erróneamente escrito com *e,* no trecho seguinte: —«A creação tem sempre papel preponderante nas receitas de uma exploração rural»—[1].

Os termos *criado* e *criada* modificam-se no significado, conforme a localidade, por meio de epítetos; por ex.: *criada de dentro,* em Coimbra, *criada de sala,* no Pôrto, correspondem, pouco mais ou menos, ao que em Lisboa se chama *criada de quartos,* isto é, «criada que cuida da limpeza».

Criado de acompanhar vemo-lo empregado, com relação ao século XVIII, por António de Campos, mas mal escrito: [2]—«e o falso *creado de acompanhar,* como então se dizia»—.

---

[1] O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902.

[2] O MARQUEZ DE POMBAL, *in* «O Seculo», de 24 de dezembro de 1899.

Recrear, porém, que se conjuga *recreia,* deve escrever-se com *e.*

cristalino

Êste adjectivo, não como termo poético, mas em prosa, significando «de cristal», foi empregado por António Francisco Cardim, no livro Batalhas da Companhia de Jesus: — «Copos cristalinos de Veneza» —[1].

criveiro

Êste substantivo, designando o «fabricante de crivos e peneiras», não está rejistado nos dicionários, mas faz-se dêle menção no seguinte passo: — «Estas ratoeiras são feitas pelos criveiros, que as vendem na praça pelos respectivos preços de 80 e 100 réis» —[2].

cubículo

No sentido de «cela», «quarto de dormir», conforme o seu significado em latim, vê-se no trecho seguinte das Batalhas da Companhia de Jesus, páj. 222: — «quatro cubiculos e um refeitorio» —.

cubrir, cuberto, descuberto

Êste verbo é usado no distrito de Bragança com uma sintasse especial, como se pode ver com os dois exemplos que vou dar: *cubrir o chapéu,* «cubrir-se (com o chapéu), pôr o chapéu na cabeça»; *cubrir o capote,* «cubrir-se com o capote, embrulhar-se nele».

---

[1] Lisboa, 1894, p. 44.

[2] J. Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 89.

Nesta última sintasse usou José Maria da Costa e Silva o verbo *cubrir*, no último verso do poema O ESPECTRO ou A BARONESA DE GAIA, paráfrase do BERNAL FRANCÊS:—

«Ramiro cobre o manto, e retirou-se».

Do imperativo do verbo *cubrir* formaram-se vários substantivos compostos, tipo muito peculiar das línguas románicas e cuja vitalidade ainda perdura, como com outros muitos verbos, por ex.: *guardar*, que deu *guarda-portão, guarda-roupa*, etc.

Uma dessas formações, que não foi rejistada, é a seguinte, usada no Ceará: *cobre-peitos*, «*coura* de que usam os camponeses ou *matutos*, especialmente os vaqueiros» [1]. É feita de couro.

Em Lisboa faz-se um doce da casca da abóbora branca, cortada em tiras e cozida em calda de açúcar, a que nas confeitarias se chama *abóbora cuberta*, «de açúcar», entende-se.

O termo *cuberto*, neste sentido, parece que se generalizou em várias rejiões a outros doces, pois em Aveiro se chama *doce descuberto* aquele «que não é polvilhado de açúcar», em oposição a *cuberto* no sentido indicado.

cucuiada: v. **cuquiada**

cudar

Nos Açôres persiste esta antiga forma, alótropo de *cuidar* { cogitare: cf. *chuiva* e *chuva* { pluvia.

cúli, cule, coli

Cúli ou *cule* deve em português ser a escrita desta palavra, muito conhecida na Ásia, nomeadamente no Arquipélago Malaio,

[1] Sena Freitas, CATHEDRAL DE BURGOS, 1884.

na China e na Índia. O étimo é incerto, pois uns dizem ser o támil *kūli*, «soldado», outros o turco *kol* ou *kule*, «escravo», ou o nome étnico *kolī* [1], «raça» ou povo, no sul da Índia. A escrita *coolie* é inglesada, e, pelas indicações da possível orijem do nome, desarrazoada em outra língua que não seja a inglesa, na qual *oo* tem o valor de *u*.

culibeca, curibeca

—«Nenhum d'elles, que saibamos pertence á seita dos *culibecas*. E sabem os leitores o que são os *culibecas*, a respeito dos quaes a insistencia em os fazer influentes e poderosos no animo dos governadores de Angola, seria asquerosa, se não fosse ridícula? Pois são os pacatos e comedidos membros d'uma associação chamada Gremio Litterario de Loanda...

Qual seria o governador... que se julgasse mais seguro tendo o apoio dos *curibecas* do que as sympathias de S. Thomé?»—[2].

A forma correcta há de ser *curibeca*, e não, *culibeca*, se a palavra é quimbunda, como parece, pois nesta língua só ha *l* antes de *a, e, o u*, sendo substituído por *r* brando antes de *i*.

cumerim

O Nôvo Diccionário define êste vocábulo da Índia Portuguesa do modo seguinte:—«desbaste e corte de árvores»—. Parece não ser exacta a definição. Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado traduz a palavra concani *kumeri* por «boucha», e êste vocábulo o mesmo Nôvo Dicc. declara-o provincial e atribui-lhe como significado—«mato que se queima para cultivar a terra que elle occupava»—.

---

[1] Veja-se Yule & Burnell, A Glossary of Anglo-Indian words and phrases, Londres, 1880, *sub. v.* cooly.

[2] Jornal das Colonias, de 22 de julho de 1905.

F. X. Ernesto Fernández, na sua monografia intitulada Regimen do sal, abkary e alfandegas na India Portugueza, define *cumerim* da seguinte forma:—«é o campo da cultura de legumes preparado com a dissipação da matta e adubado com cinza de arbustos do mesmo terreno»—[1].

cunca

O termo, que tem outra forma, *conca* ¦ latim concha, significa em Caminha «tijela».

cupá

O Nôvo Diccionário diz-nos ser o nome de uma planta brasileira. Em Goa é nome de uma qualidade de sal:—«Ainda ha uma outra qualidade de sal, leve e finissimo, denominado *cupá,* destinado exclusivamente para o mercado de Bombaim. Este obtem-se fraccionando os taboleiros em pequenas subdivisões»—[2].

cuquiada, cucuiada

Esta palavra foi rejistada por Bluteau, com as abonações devidas:—«(Termo nautico da India) Derão huma *Cuquiada,* que entre elles he appellidar terra por uma denotação de voz. Barr. I. Dec. fol. 81, col. 1»—[3].

Francisco Adolfo Coelho define-a do modo seguinte, sem citar autoridade:—«*T. ant.* Vozes com que na India se chamava o povo ás armas e que eram propagadas pelas pessoas que as

---

[1] «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 23.ª série, p. 256.

[2] F. X. Ernesto Fernández, Regimen do sal, abkary e alfandegas na India Portugueza, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», série 23.ª, p. 251.

[3] Vocabulario portuguez e latino.

ouviam. Vozes com que no alto mar se anunciava a approximação da terra. *Fig.* Gritaria, vozearia»—[1]. O Nôvo Diccionário repetiu isto mesmo. No Suplemento porém dá como preferível a escrita *cucuiada,* e como orijem do vocábulo, que os outros não mencionaram, o támil *kukkuia,* que nos não diz o que significa.

Na edição das Décadas da Ásia de João de Barros, feita no 3.º quartel do século XVIII (I, Livro VII, cap. 2), e portanto de menos fé que a que foi vista por Bluteau, lêmos, não obstante, a palavra também escrita com *qu,* sendo provável que, se a pronúncia que se quisesse indicar fosse com *u* proferido, ela houvesse sido ortografada com *cu,* e não com *qu,* em qualquer das edições. A citação é:—«acudio tanto gentio... por trazerem entre si huma maneira de se chamar a que elles chamam *Cuquiada*»—.

Gaspar Correia, nas Lendas da India (II, 2, 26), escreveu *cucuyada,* e esta escrita não deixa a menor dúvida acêrca da pronúncia que se lhe deva atribuir *cu-cu-iá-da:*—«e o Caimal... mandou dar suas gritas, a que chamam cucuyadas»—.

Se a forma *cucuiada* é a certa, a etimolojia proposta por Yule & Burnell [2] tem todas probabilidades de ser exacta: *kūkkuya* na língua de Malabar, significa «bradar» (to cry out); conquanto o suficso *-ada* não seja explicável, à falta de um verbo *cucuiar,* que não consta existisse, e sem o qual a comparação que os abalisados indianistas fazem com *crisada,* de *cris* «punhal», não convence, pois nesta formação o suficso inclui a idea de «golpe», como de *faca, facada,* e pressupõe um étimo português imediato. Os nossos antigos escritores usaram neste sentido o verbo *apupar,* «bradar chamando», denominando êsse brado *apupo:*—«pelo quê, apupando todos por diversas partes»—[3].

Se porém a forma exacta é *cuquiada* apesar da afirmação

[1] Diccionario manual etymologico da lingua portugueza.
[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886.
[3] História trájico-marítima, *in* Bibl. de classicos port., t. XL, p. 81.

de João de Barros, e da afirmação e escrita de Gaspar Correia, o vocábulo poderia ser português lejítimo, porque pelo menos em mais uma língua románica êle existe, e para essa não poderia vir da Índia. Em provençal *couquiado,* e sabe-se que *o* átono é a terminação femenina nos mais dos dialectos da Provença, *couquiado,* digo, quere dizer «cotovia», em francês *cochevis:* cf. *chamariz,* nome de ave, e de um artifício para chamar as aves, e cuja orijem é sem dúvida o verbo *chamar.* O vocábulo *couquiado* está abonado com um verso da *Mirèio* de Frederico Mistral:

—O Vincèn, ié fagué Mirèio
D'entre-mitan li vèrdi lèio,
Passes bèn vite, que!—Vincenet tout-d'un-têm
Se revirè vers la plantado,
E, sus un amourié quihado
Coume une gayo couquihado [1]
Destousquè la chatouno, e ié landè, countènt.

O glorioso poeta provençal numa nota a êste verso acrescenta: *couquihado,* (cochevis, *alauda cristata,* Lin.).

O mesmo poeta, no seu monumental dicionário provençal, intitulado Lou Tresor dóu Felibrige, aduz as seguintes formas do mesmo vocábulo, conforme os vários dialectos: *couquiado, couquilhado, cucullado, cucuiado, coucouiado,* e *cugullada* (catalão), *cogujada* (castelhano), e dá-lhe como étimo, que é evidente, *couquiha [...há],* latim cuculla, cucullatus.

Cita Buffon, que empregou em francês *coquillade,* vocábulo que Littré admitiu como termo de caça, correspondente a *alouette huppée (sp.),* sem mais definição, nem etimolojia.

No Pichot Tresor, dicionário provençal-francês, de Xavier de Fourvières, vem também *couquiado,* com o correspondente francês *cochevis* [2].

---

[1] Paris, 1882, Canto II, 4.
[2] Avinhão, 1902.

Vê-se que estas formas *couquihado, cugullada,* e *cucuiado,* poderiam ser análogas às duas abonadas portuguesas, *cuquiada* e *cucuiada,* sem, que estas portanto houvessem vindo da Índia. Por outra parte, a coincidéncia pode ser casual, como tantas outras.

curbá

Em São João Baptista de Ajudá é uma selha, que serve de medida para a venda do óleo de palma, e cuja capacidade é variável [1].

curral

Como termo local, vem perfeitamente definido êste vocábulo na monografia As «Villas» do Norte de Portugal, de Alberto Sampaio: — «na serra do Gerez os gados descançam de noite em *curraes,* glebas cercadas de paredes, que só produzem centeio; cada curral tem uma *cabana,* geralmente redonda, para o pastor dormir e cozinhar» — [2]. Cf. *curralorio*, em **chiqueiro.**

curveiro

Na Figueira-da-Foz dá-se êste nome a um «remoinho de água no mar».

çaraça

Bluteau, que só no Suplemento incluíu êste vocábulo, escreve-o com *s* inicial, *saraça,* e define-o assim: — «He hum

[1] Carlos Eujénio Correia da Silva, Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá em 1865, Lisboa, 1866.

[2] *in* Portugalia, I, p. 116.

genero de pannos, que vem de Cabo-Verde, e do Maranhão, pintados como chita, e servem de cobrir bofetes, camas, etc. Ordinariamente são pintados de vermelho. Os da India são pintados de negro com bordas vermelhas, vem de S. Thomé e servem ás Portuguezas em lugar de mantos; ha saraça que custa trinta mil reis» —.

Transcrevi na íntegra, exactamente porque a definição nos deixa perplecsos.

Duas vezes se afirma que as *çaraças,* que pela descrição correspondiam ao que hoje diríamos *cubertas,* procedem de Sam Tomé; notando-se porém, que são usadas no Brasil (Maranhão) e na Índia. Ora, como em Cabo-Verde não houve nunca língua vernácula, ou êste nome foi do reino para lá, como para as outras rejiões indicadas, ou a orijem do termo é da Índia, ou, mais latamente, asiática, porque brasileiro não pode êle ser, visto que os indíjenas das terras de Santa-Cruz só fabricavam tecidos de penas de aves.

Em malaio existe o vocábulo *sarasa,* o qual designa um tecido de algodão [1].

Parece portanto que o termo é malaio, ou de qualquer das línguas da Ásia, que para malaio passasse, como tantos outros; e conseguintemente a escrita portuguesa tem de ser com *ç,* e não com *s,* visto que o *s* dos nomes asiáticos, como o dos americanos, sempre foi pelos nossos autores transcrito com *ç.* Esta escrita e orijem são confirmadas pela forma castelhana *çaraça,* segundo a ortografia moderna *zaraza,* vocábulo que o Dicionário da Academia Espanhola [2] define assim: — «Tela de algodón muy ancha, tan fina como la holanda y con listas de colores ó con flores estampadas sobre fundo blanco, que se traía de Asia y era muy estimada en España» — [3].

---

[1] Leóncio Richard, COURS DE LA LANGUE MALAISE, Bordéus, 1872, II Parte, p. 117, col. I.

[2] Madrid, 1899.

[3] Êste artigo foi acrescentado, e por isso está fora da ordem alfabética, o que se adverte no Índice *(q. v.).*

dacoma

—«As raparigas usam uns brincos grandes de missanga que chamam *dacoma*»—[1].

daião, adaião, deão, dião

Daião é directamente derivado do francês *doyen (=duaĩẽ* antes, *doĩẽ),* o qual procede do latim *decanus,* que em português deveria ter dado *degão.* Conseguintemente, a forma moderna *deão* é encurtamento de outra intermédia, *deião,* a qual se contraíu em *dião,* que deveria ser a escrita portuguesa, como *pior (q. v.).*

O *a* de *adaião* é difícil de explicar:—«á vista de todos se celebraram os esposoiros entre El-rei e a Rainha, nas mãos de um Daião de Évora, que servia a El-rei de seu físico»—[2].

dáimio

O Nôvo Diccionário não marca o acento neste vocábulo composto japonês, o que, segundo o sistema de acentuação gráfica nele usado, quere significar a acentuação *daimío.* Esta acentuação porém é errónea. A verdadeira em japonês é *dáimio,* ou quando muito *daimió (dai-miyau).*

Compõe-se esta palavra dissílaba de *dai,* «grande» e *miyau (mió),* «excelente», e no composto o acento tónico é atraído para a sílaba mais longa, a qual é a primeira, por conter ditongo [3].

Dáimio era o título que competia a um cabo de guerra, cujo rendimento anual excedesse dez mil *cocos (cóku)* de arroz,

---

[1] Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903.

[2] Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. lxxvi.

[3] *V.* Étúde phonétique de la langue japonaise, Lípsia, 1903, § 144.

porque a riqueza de cada um, bem como os proventos, tinham por unidade a quantidade de arroz a que montavam as suas rendas. Os dez mil cocos de arroz equivaliam a uns vinte e cinco contos de réis [1]. Até muito recentemente os funcionários públicos eram pagos, pelo menos nominalmente, em arroz, no Japão.

Êste vocábulo é de introdução recente em português, para onde veio por via indirecta, provávelmente francesa, por intermédio dos periódicos.

Os vocábulos japoneses de importação directa são poucos, e entre êles *banzé (q. v.), biombo, bonzo, catana, chávena, qu(e)imão, (kimono), funé,* e poucos mais. *Biombo, catana (q. v.),* entraram no tesouro comum da língua; *quimão,* do qual, por influéncia de *queimar,* é variante a forma *queimão,* é ainda usado no oriente, e mesmo na África Oriental Portuguesa; *bonzo* tem emprêgo muito restrito, continuando a designar «frade búdico»; *funé (q. v.),* «navio», só foi empregado com referéncia ao Japão [2].

Objectos que do Japão importámos, mas sem o nome, são «japona», femenino do adjectivo *japão,* «japonês», designando uma especie de «jaquetão» ou «camisola»; a *capa-de-chuva, coroça (q. v), palhoça, capa palhiça,* que tantos nomes tem, e que em japonês se denomina *hama-kátsupa,* pronunciado *hama-kappa;* convindo notar que a palavra *kappa,* é portuguesa. Outras palavras portuguesas, que deixámos no Japão, são *pan,* «pão», *tabáku,* «tabaco», *berúdu,* «veludo»; e poucas mais serão.

dala

O Diccion. Contemporaneo dá duas acepções a êste vocábulo, que parece de orijem germánica, do baixo-alemão, pro-

---

[1] *V.* Hofmann, Japaansche Spraakleer, 1867, com uma versão inglesa.

[2] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 53 e 54.

vávelmente. Como termo de bordo, diz ser—«calha adjacente á muralha do navio, para dar vazão á agua»—, e com significado mais geral,—«terreno, caminho entre montanhas»—. O Nôvo Dicc. diz, pouco mais ou menos a mesma cousa. Na última acepção é o inglês *dale,* sueco *dal,* «vale»; e não é natural que os dois significados sejam de um só vocábulo germánico orijinário.

Não é, porém, nenhuma destas significações, já dadas, a primeira das quais fôra apontada por Bluteau [1], que eu vou consignar aqui, mas sim aquela que tem no Pôrto, convém saber: «mesa de cozinha, com tabuleiro de pedra, ou lousa». Neste sentido parece ser o francês *dalle,* «laje», a que também se atribui orijem germánica [2].

Emquanto investigação ulterior não demonstre pertencerem êstes três significados a um só vocábulo, de que sejam desenvolvimento ideolójico, devem êles ter inscrições separadas nos dicionários.

danda

Termo da África Oriental Portuguesa, que no Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903, vem assim definido:—«pequeno trapo com que [os negros] tapam as partes»—.

daroez, daroês, daruez, darviz, darvízio, dervixe, derviche

Qualquer das três primeiras formas é lejítimamente portuguesa; *derviche* é que nunca o foi na pena dos nossos escritores, que de perto conheceram esses frades mocelemanos.

Bluteau, citando Godinho, Viagem da India, aduz as formas *darviz, darvizio,* com remissão a *derviz,* onde nos dá mais *der-*

---

[1] Vocabulario portuguez e latino.

[2] H. Stappers, Dictionnaire Synoptique d'Étymologie française, Paris, n.º 3062.

visio, que parece preferir, abonando-se com a HISTORIA UNIVERSAL de Frei Manuel dos Anjos.

Não tenho à mão êsses dois autores para me certificar se êles assim escreveram o vocábulo, e se, como suponho, o u ali vale *u*, ou, pelo contrário, *v*, como Bluteau o interpretou. O que sei é que a forma portuguesa anterior é *daroez,* ou *daruês,* se quiserem, que representa a arábica-persiana DARUIX. A forma *derviche* foi tomada do francês *derviche,* que deve representar pronúncia turca do vocábulo, pois é em turco que existe o *v,* e não em árabe, ou persiano. Quando mesmo, porém, se adoptasse a pronúncia turca do vocábulo, deve êle escrever-se com *x, dervixe,* e não com *ch,* que é transcrição francesa, mas não peninsular, do *xin* do respectivo abecedário.

Modernamente restabeleu-se a forma portuguesa *daruez:*—«tem a Turquia os seus daruezes»—[1].

Abonações do vocábulo são, por exemplo, as seguintes:—«bom e fiel daroez—daroezes da casa de Meca»—[2].

data; dádiva

É sabido que êste vocábulo é um latinismo, o particípio passado passivo do verbo dare, e quere pois dizer «dada». Com referência a tempo substantivou-se *data,* como em castelhano aconteceu a *fecha,* forma antiga correspondente à moderna *hecha,* particípio passivo de *hacer,* como *fecha* o era de *facer,* correspondendo ao latim facta de facere; nenhuma relação tendo, como poderia sûpor-se, visto dizermos *fecho de carta,* com o verbo *fechar,* ou o substantivo *fecho,* que são pestulum e pestulare, latinos, em galego *pechar, pecho,* diferente de *pechar* [3], castelhanismo, de *pectare,* «pagar», latim bárbaro muito

---

[1] «Revista de Educação e Ensino», 1892, DO ESPIRITO DAS ORDENS RELIGIOSAS.

[2] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. XXXI e LIX.

[3] Saco de Arce, DICCIONARIO GALLEGO, Barcelona, 1876.

freqüente na nossa antiga lejislação, bem com a sua forma portuguesa *peitar, peita* [1], que lhe corresponde. A forma *pecha* portuguesa é também castelhanismo, como já advertiu Viterbo [2], quer signifique «paga», quer «defeito».

O vocábulo *data,* além da acepção apontada, tem outras, que também se relacionam com a significação primordial de «cousa que se dá», como se pode ver no CONTEMPORANEO: — «data de agua, de bofetões, de impropérios» — e ainda — «porção, dose» — sendo êste ultimo o vocábulo grego DÓSIS, que significa «dádiva».

No sentido de «dádiva» vemos empregado *data,* nas BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim — «divertiu da data» — [3], «recusou a dádiva».

A forma *dádiva,* à qual Frederico Diez [4] atribui por étimo o latim datīua por donatiua, com mudança de acento da 2.ª para a 1.ª sílaba, é pelo povo pronunciada *dávita,* ou por influência de *dívida,* ou porque seja esta a forma orijinária da palavra, que também existe em castelhano, e portanto com outro étimo, por emquanto desconhecido; ou porque na realidade se deu uma metátese das iniciais das sílabas postónicas do esdrúxulo, como acontece na deturpação vulgar *diágolo,* por *diálogo,* em razão de se ouvirem mal as duas sílabas átonas de um vocábulo douto, que o povo não sabe identificar com outro da sua linguajem vernácula.

decorar, de cor; decorar, decoramento, decoração

O verbo *decorar* tem dois significados enteiramente distintos, aos quais correspondem étimos diversos, devendo portanto separar-se nos dicionários em duas verbas diferentes.

---

[1] Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO.

[2] *ib, sub voc.* **pechoso.**

[3] Lisboa, 1894, p. 145.

[4] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, II, 6.

O primeiro, na língua antiga único, provém da expressão *aprender de cór,* quer êste *cór* seja o latim cor, cordis, «coração», como até muito recentemente se afirmava, principalmente por se lhe comparar a expressão francesa *par cœur,* ou a inglesa *by heart,* que parece tomada à letra do francês; quer a locução *de cor,* castelhana *de coro,* proceda de se aprender de memória com ouvir repetir por muitos uma leitura, um preceito qualquer, como opina, se não estou enganado, Rufino José Cuervo, com muita probablidade. Confirmação dêste modo de ver seria o seguinte passo: — «y a los que saben escrivir mando que las escrivan, e sepan de coro» —[1].

Efectivamente, sendo corde o tema da voz latina e derivando-se dêle *acordar, discordar,* note-se, e *recordar,* que equivale a «passar pela memória», é natural que, a provir de cor, cordis a locução *de cor, de coro,* ela fosse *de corde.* Nem obsta à etimolojia proposta a perda do *o* final de *côro* em português, visto que a expressão castelhana *de coro,* hoje substituída em geral por *de memoria,* não pode ter orijem diversa da portuguesa; e por outra parte Gil Vicente empregou *for* por *foro,* castelhano *fuer,* por *fuero,* no formosíssimo Auto da Alma: —

Diabo — Ainda é cedo pera a morte;
Tempo há de arrepender,
E ir ao ceo.
Ponde-vos á for da côrte,
Desta sorte
Viva vosso parecer,
Que tal naceo.

É possível mesmo que o francês *par cœur* seja alteração ortográfica de *par chœur,* «em côro».

Outra hipótese é igualmente plausível: uma forma latina popular *cor, coris,* por cor, cordis, daria orijem ao italiano

[1] «Carta do Padre Mestre Francisco Xavier aos Irmãos de Roma», *in* Missões dos Jesuitas no Oriente, Lisboa, 1894.

cuore, ao francês *cœur,* ao português *cór* [1], castelhano *cuer,* «coração»; e a locução *de coro* castelhana seria outra forma, *corum,* como *fuer,* português *fór,* é o latim *forum.*

O segundo significado do verbo *decorar* é «ornar», e procede do latim decorare, que já tinha a mesma significação, como derivado de decus, decŏris, «enfeite». É vocábulo de orijem artificial, relativamente moderno na língua, visto que Bluteau o não inseriu, conquanto incluísse no VOCABULARIO o substantivo *decoro,* que, diga-se de passajem, se deve pronunciar *decóro,* e não *decôro,* visto ser vocábulo erudito, e em latim lermos *decórum* e não *decôrum,* o que já adverte o Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO, comparando *fórma,* palavra douta, com *fôrma,* de orijem popular; *decóro* acentuam Bluteau, Roquete, etc.

O substantivo de acção e resultado, derivado dêste verbo, é *decoração;* todavia José Leite de Vasconcelos usou *decoramento:*—«O decoramento do palco precede sempre a chegada do actor»—[2].

Equivale aqui *decoramento* a *cenário,* italianismo, e é o que os franceses chamam *décor,* palavra cujo emprêgo em português é galicismo escusado e moderníssimo, só empregado por quem qúere finjir que desconhece a língua da sua pátria, e naturalmente lhe atribui pobreza, que só existe para quem a não estuda como deve.

defender; delivrar

Quem hoje empregasse êste verbo no sentido do francês *défendre,* «proibir», seria apodado de galicista; e todavia nessa mesma acepção a palavra é pelo menos tam antiga em português, como a CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, de Rui de Pina:—«alguns requereram ao Infante licença para ainda lhes

[1] Gil Vicente, AUTO DA LUSITÁNIA.
[2] PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 10.

irem no encalço, mas o Infante o não consentiu, antes lho defendeu, dizendo que os leixassem ir embora» —[1].

Outro tanto acontece com *delivrar,* que o cronista emprega no sentido do *délivrer* francês: — «Dormiu El-rei ali aquela noite, e ao outro dia alegre e contente se tornou a Pena-Fiel, e trouxe preso o dito conde, cuja guarda encomendou ao conde de Penelas, que o teve emquanto não foi delivrado» —[2].

derrete

Esta forma verbal substantivada tem um significado muito especial no lugar de Nossa Senhora das Mercês, concelho de Sintra: — «Pelas 3 horas da tarde começaram chegando as moçoilas, que se dispunham a tomar assento no tradicional muro do *derrete,* esperando ali os seus *conversados*» —[3].

O significado é «namôro», «galanteio».

desastrado, desastre, (des)astroso

O Nôvo Diccionário e o seu Suplemento corrijem o adjectivo *desastrado* em *desestrado,* a que dão por étimo *estro,* alegando, em favor da correcção, *desestrada* no Romanceiro de Garrett, *desestrado* e *desestramento* em Francisco Manuel do Nascimento. Nenhuma abonação mais antiga apresentam, e o facto é que nem estas duas, nem outras modernas que se pudessem aduzir poderiam desterrar a forma *desastrado,* única dada por Bluteau e aprovada pelos lecsicógrafos portugueses posteriores a êste, o maior de todos, que subordinou o adjectivo *desastrado* a *astro* na definição que deu: — «Infelice, e em certo

---

[1] cap. CV.
[2] *ib,* cap. CLXXX.
[3] O Seculo, de 23 de outubro de 1905.

modo Desfavorecido dos Astros, ou sem favoravel Estrella»—, étimo que repete em *desastre:*—«*Des* negativo... A outra palavra é Astro, que quer dizer *estrella,* e assi *Desastre* quererá dizer *sem estrella*»—.

Esta etimolojia ainda não foi desdita por etimólogo ou romanista algum, e é confirmada por outro adjectivo derivado de *astro, astroso,* «infeliz», tanto em castelhano [1], como em português, e cujo derivado negativo *desastroso* é comparável a *desinquieto, desmazelado, desàbado,* e ao popular *desinfeliz,* por *infeliz,* em que o preficso *des,* com ser pejorativo, não implica a idea oposta à que é expressa pelo vocábulo a que se junta.

Às abonações modernas de Filinto e Garrett basta contrapor a abonação antiga de Gil Vicente na peça O VELHO DA ORTA:—

Se os jóvenes amores
Os mais tem fins desastradas—.

É ela suficiente para provar que a forma *desestrado* é um enfraquecimento posterior de sílaba átona, comparável a *fantesia* por *fantasia, cámera* por *cámara,* popular *estifeito* por *satisfeito, castinheiro* por *castanheiro,* apesar de *castanha* ser dêste vocábulo inseparável, etc.

Sem nenhuma destas razões, porém, em abono de ser *desastrado* a forma correcta, e derivada de *desastre,* ou de *astro,* como *astroso* e *desastroso,* o simples raciocínio está a indicar que de *estro,* palavra relativamente recente, grega e ultra-literária, que jamais desceu ao domínio da linguajem vulgar, onde é totalmente ignorada, se não poderia ter derivado, antes da sua adopção pelos doutos, um adjectivo antigo, de uso trivial e que

[1] Em castelhano antigo encontra-se o adjectivo *astrosa,* oposto a *fermosa,* nos seguintes versos dos DENUESTOS DEL AGUA Y EL VINO, de Lopo de Moros:—«antes amariyella y astrosa | agora uermeia e fermosa». [*in* REVUE HISPANIQUE, XIII, p. 615].

toda a gente, por mais rude que seja, entendeu e entende, empregou e emprega, acomodando-o, há certo tempo, à mais fácil enunciação *desestrado,* imitada por Filinto e Garrett.

Astro foi vocábulo tam conhecido do povo, provávelmente com a forma *astre,* de importação francesa, tanto em português, como em castelhano, que operou a transformação de stella latino no português (e castelhano) *estrêla, estrella,* fazendo que a *estela* se acrescentasse um *r* que stella não tinha.

Mas não fica só nisto o improvável do étimo *estro,* que se propõe. O vocábulo *desastre* existe; existiu o verbo *desastrar,* de que *desastrado* é o particípio passivo, que se adjectivou como tantos outros, a bem dizer, os mais dêles: *estro* é o latim oestrus, vocábulo tomado do grego oîstros, «moscardo», «tavão», que os gregos, por metáfora, aplicaram a qualquer estímulo exajerado, e depois à inspiração, à veia *profética,* e daí à veia *poética,* no que os romanos, seus copistas, os imitaram. Nêste sentido é ou foi a palavra *cucaracha,* «bicho-de-conta», empregada na América Espanhola, na quadra seguinte, que se canta, ou cantava, para expressar que o entusiasmo se apoderara do cantador:—

¡Ay que me pica,
ay que me araña
com sus patitas
la cucaracha!

Em locução análoga dizemos em português de um indivíduo disparatado, sujeito a repentes, que por veneta diz ou faz uma loucura, *está com a môsca, deu-lhe a môsca;* e, desculpem-me os poetas, o estro para os gregos e para os romanos era um repente, uma *veneta,* a manifestação de uma faculdade fora do normal, um condão de poucos e de loucos.

A orijem da locução *está com a môsca* pode ver-se em Bluteau: o caprichoso é por metáfora comparado ao cavalo picado pelo tavão.

Ora, um indivíduo *desastrado, desmañado,* como dizem os

espanhóis, *desjeitoso,* não tem tal defeito, por ter *estro poético,* nem o adjectivo se aplica popularmente a um qualquer *versador,* senão quando êle tem para *versar* pouquíssimo jeito.

Exemplo frisante do verdadeiro valor da palavra *desastrado* encontra-se no seguinte passo:—«alguns vasos de barro, desmaiado, que desastradamente se quebraram»—: isto é, *por descuido* ou *casualidade.*

Havia de ser curioso o querer explicar esta acepção, que é a mais comum, pelo grego *estro* [1], «môsca», ou «veia poética».

Não é portanto *desastrado* o indivíduo falto de *estro,* mas sim aquele a quem falta *habilidade, jeito,* ou cujas acções teem mau resultado, que nasceu com má estrêla.

Desastrado significa também «desairoso», «mal feito de corpo», e nada disto tem que ver com *estro,* vocábulo, repito, que a maioria das pessoas, mesmo de mediana cultura desconhece absolutamente [2], em qualquer acepção que seja.

Disse antes que a forma *desastre* revelava influência francesa, tanto em português, como em castelhano. Efectivamente, como em italiano se diz *disastro,* em que a palavra *astro* não sofreu modificação na vogal final, necessário se torna averiguar porquê essa alteração se manifestou nas duas línguas hispánicas, nas quais ao *-um* latino corresponde *-o.* Comparando outros vocábulos portugueses em que se observa a mesma alteração, tais como *milagre* { mirac'lum, segre (antigo) { saec'lum, *monje* { monachum, vemos que se produziu modificação idêntica, e que, por outra parte, êles patenteiam alteração de consoantes, que não é a normal, visto que os vocábulos dos tipos graculum, speculum, são *gralho, espelho,* e monăchum deu primeiro *mónago* [3] (cf. o castelhano *monigote, monaguillo);* ou, se de segunda formação, *bágo(o)* { baculum. Houve pois in-

---

[1] O ECONOMISTA, de 20 de março de 1892.

[2] *V.* R. Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Suplemento.

[3] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, III, p. 174.

fluéncia que perturbou a evolução natural, ou aquelas palavras não provieram directamente do latim.

Entre as línguas románicas que unificaram em *e* surdo postónico o *o* e *a* románicos são a francesa e a provençal as que sobressaiem: é lójico, pois, atribuir a essa procedéncia imediata os vocábulos *milagre, segre, monje;* e com efeito, tais vocábulos aparecem em francês com as formas *miracle, siècle,* e *monje* com a forma *monge* em provençal. Em *milagre* deu-se metátese mútua de *r* e *l* (cf. o castelhano *milagro),* e em *segre* a mudança de *l* em *r* para formar ditongo consonantal português (cf. *grude* { gluten): *monje* é reprodução fiel do provençal *monge,* como é evidente, conquanto haja outra forma, também provençal, *mónegue,* e seja talvez lícito supor que *monge* seja mais francês que provençal.

Em português antigo há a palavra *mogo,* a qual, conforme o Elucidário de Viterbo [1], significava «marco divisório», termo que perdura no onomástico corográfico, já no singular, já no plural, só, ou acompanhado de epítetos, como, por exemplo, *Mogo de Anciães.*

Júlio Moreira [2] relacionou *mogo* com *mogote, magote,* parece-me que sem fundamento, atribuindo-lhe um étimo vasconço *muga,* com o mesmo significado, conforme Frederico Diez [3], e que na realidade foi admitido no dicionário de Van Eys [4]. Eu, porém, estou inclinado a supor que *mogo* é a forma portuguesa do latim monachum, e que a aplicação dêste termo a um marco ou sinal de divisão de terrenos, naturalmente pedra erecta, é perfeitamente análoga à que se fêz, em Lisboa pelo menos, da palavra *frade,* a designar uma coluna de pedra, da

---

[1] Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DOS TERMOS E FRASES QUE ANTIGAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

[2] REVISTA LUSITANA, IV, p. 268.

[3] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, II, b.

[4] DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873.

altura de um metro, pouco mais ou menos, e cujo remate superior arredondado se assemelhava à cabeça tonsurada de um frade. Ainda hoje em dia se vêem alguns em ruas, contornando praças, adros, ligados, ou não, entre si por correntes de ferro.

A palavra *mogo* foi ao depois substituída por *monje,* francesa ou provençal, como *segre,* e o adjectivo dêle derivado *segral,* ainda usados por Gil Vicente, cederam o lugar aos latinismos *século, secular.*

desbulhar, debulhar

O povo diz *desbulhar,* os cultos *debulhar,* forma a que já Bluteau deu a preferéncia, conquanto cite a outra, que quási desapareceu dos dicionários portugueses. Pois é o povo quem diz bem (como quási sempre acontece, quando os vocábulos pertencem à sua linguajem habitual), visto que o étimo é o latim de-expoliare ou dis-spoliare [1], com dois *ss* em vez de um. A forma *desbulhar* corresponde à castelhana *despojar,* que com outro sentido entrou em português: cf. as acepções do verbo francês *dépouiller,* que tem a mesma orijem, e o português *filho* com o castelhano *hijo.*

A simplificação de *desbulhar* em *debulhar* é análoga à de *despois,* forma antiga, ainda hoje a única popular, em *depois,* que é a exclusiva literária. Em castelhano, porém, não se conhece outra que não seja *después* { de-ipso-postea [2].

D. Carolina Michaëlis atribuíu a *debulhar* o étimo *de pileare,* que também me parece provável.

Com *desbulhar* é conecso *esbulhar* { expoliare.

---

[1] F. Adolfo Coelho, Diccionario manual etymologico da lingua portugueza.

[2] G. Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1891, n.º 2401.

desconfiar, desconfiado

Na linguajem usual êste adjectivo quere dizer «que não tem confiança», «que receia ser enganado», por uma particularidade gramatical peninsular, que atribui a particípios passivos significação activa, como *esquecido,* «aquelle que esquece», *atraiçoado,* «aquele que atraiçoa», etc. Está neste caso o vocábulo *desconfiado,* no uso comum de hoje, pois quere dizer, não «aquele de quem se desconfia», mas sim, «quem desconfia», em francês *méfiant,* particípio activo de *(se) méfier.*

No uso antigo, todavia, *desconfiado* tinha outra acepção, que correspondia ao que hoje dizemos *desenganado, desesperançado,* e que em castelhano se expressa com o particípio *desahuciado* | *de-ex-ad-fiduciatum,* de fiducia, «confiança», o antigo *fiúza* português:—«chegou muito doente, esteve desconfiado, recebeu os Santos Sacramentos»—[1].

Hoje diríamos: «esteve desenganado».

Em sentido análogo usou-se também *desesperado,* equivalendo a *desesperançado,* como se vê neste passo da Crónica de El-rei Dom Afonso v, de Rui de Pina:—«E destas voltas de fortuna que a Rainha D. Lionor viu padecer aos Infantes seus irmãos, foi da esperança que nelles tinha desesperada de todo»—[2]; e na «Relação do naufrájio da nau Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso:—«assentou o mestre... que se mandasse aquella almadia, porque soubesse o que lhe tinha acontecido, porque não desconfiasse de todo»—[3].

Ainda hoje se diz de um doente, que está *em estado desesperado.*

---

[1] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 95.

[2] cap. lxxxiv.

[3] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xliii, p. 116.

desistória

Êste pitoresco vocábulo parece ter sido inventado por Frei Gaspar da Cruz, não está colijido em dicionário nenhum, que eu saiba, e significa «patranhas», «contos»:—«Porque, além do que está dito, tem [os frades budistas na China] muitas desistorias e mintiras gentilicas de homens que se tornaram cães, e depois se tornaram em homens, e de cobras que se tornaram em homens, e outras muitas ignorancias»—[1].

desleixado, desdeixado

A forma antiga do verbo *deixar* era *leixar,* de laxare=*lacsare,* latino, com vocalização do *c* em *i,* como em *seixo* { saxum=*sacsum,* e palatalização do *a* em *e,* e do *s* em *x,* por influéncia dêsse *i,* vogal palatal.

A partir do século XVI prevaleceu a forma *deixar,* equivalente à castelhana *dexar,* hoje *dejar* [=*deyar* [2]], que se diz provir de de-laxare, etimolojia que oferece grandes dificuldades em castelhano, visto que nesta lingua o *l* entre vogais permanece.

Memória das duas formas portuguesas *leixar* e *deixar,* são os dois adjectivos *desleixado* e *desdeixado,* que teem, ambos, a significação de «neglijente, descuidado».

deslumbrar

Esta palavra, e seus derivados, assim como *vizlumbre,* são de orijem castelhana, visto que é nesta língua, e não em portu-

---

[1] «Tratado em que se contam muito por extenso as cousas da China...», cap. XXVII. A 1.ª edição é de 1569: servi-me da Rolandiana de 1829, que é a 2.ª.

[2] O símbolo *y* representa aqui a fricativa surda póstero-palatal, valor do *j* castelhano actual.

guês, que o latim *luminem* produziu *lumbre,* com mudança de *n* em *r,* e intercalação de *b* entre estas duas consoantes, como aconteceu com *hombre* { hominem, em português *lume, homem,* popular *ome;* e digo *luminem,* acusativo masculino, porque lumen, acusativo neutro, deu *lume* em português, e não podia produzir *lumbre* em castelhano.

Mudança de género gramatical idéntica temos de atribuir uimen para uiminem, para explicarmos a forma castelhana *mimbre,* correspondente à portuguesa *vime.*

Alteração de *n* em *r* com perda da vogal *i* se deu também em castelhano no vocábulo *fembra,* moderno *hembra* { femina, que em português deu *fêmea* { *femena* por femina, com perda do *n* entre vogais, que é de regra: cf. *cheio,* antigo *cheo* { plenum, em castelhano *lleno.*

Com *deslumbrar* se relaciona o castelhano *alumbrar,* que em português é *alumiar.*

desmaio, desmaiar, desmaiado

Actualmente *desmaio* equivale a *delíquio,* e *desmaiar* a «perder os sentidos» o que em francês se diz *perdre connaissance, s'évanouir.*

Antigamente, porém, *desmaiado* quis dizer «desanimado»: —«Ficou o principe Tai senhor do campo com a morte dos rebeldes, e elle favorecido do pai, jurado principe e herdeiro do reino, desmaiados os competidores, obedecido e temido de todos»—[1].

É êste ainda hoje o significado do inglês *dismay,* que, assim como as formas hispánicas, parece provir de um radical germánico *magan,* que vive ainda no inglês *may,* no alemão *mögen* e *macht,* e cuja significação é «poder».

[1] A. F. Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 143.

O adjectivo *desmaiado,* com aplicação a côres, equivale a *desvanecido,* «pálido»: — «Amarante, 15. Ha dias, por excavação, appareceram em Paschoaes, na margem direita do Tamega, alguns vasos de barro desmaiado, que desastradamente se quebraram» —[1].

Exemplo de *desmaio,* «desánimo», como em inglês, vê-se em Rui de Pina: — «E os seus que leixou, como souberam da sua partida... foram postos em grande desmaio, e cada um como pôde se apressou de o seguir, não sem grande desmando e nenhum acôrdo» —[2].

desmochar, desmoche

— «Chamam-se *desmochadas* ou *encabeçadas* aquellas [árvores] em que se decotou o tronco a pequena altura, de ordinário a 3 ou 4 metros ou no ponto em que se bifurca, conservando-se depois só os ramos que nascem na sua parte mais alta, os quaes são submettidos a córtes periódicos, vindo o tronco a formar em cima, passados annos, uma cabeça ou grossura bastante volumosa... e desta mutilação [a *escamonda, q. v.],* ainda mais do que dos desmoches, arruinar muito as árvores e estragar a madeira» —[3].

desvisgar

— «A distancia estão occultos o chefe da armada *[q. v.]* e um ou mais ajudantes, encarregados de preparar e pôr as varas e apanhar as aves, a que aquelle cuidadosamente desvisga as azas com terra... é raro que a ave, obedecendo ao chamo *[q. v.],*

[1] O ECONOMISTA, de 20 de março de 1892.
[2] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CV.
[3] GAZETA DAS ALDEIAS, de 11 de março de 1906.

não vá, depois de dar algumas voltas, pousar no ramo, onde a traidora vara se lhe prende ás azas, tolhendo-lhe o vôo» —[1].

V. **visgo.**

deúdo

São já raros os participios em *-udo*, que na língua antiga, eram os próprios da 2.ª conjugação.

Com valor de participios apenas me ocorrem *teúdo e manteúdo*, numa frase já feita, antiquada, mas ainda não de todo desusada: — «um cão atravessado, teudo e manteudo Ganymedes de um fidalgo» —[2]. Em Rui de Pina vemos ainda *teúdos* [3] e *deteúdos* [4], em Fernám Méndez Pinto *reteúdos* [5], como se vê, todos derivados do verbo *ter*. De outros verbos, vemos *conheçuda* numa carta de 1308, publicada na REVISTA LUSITANA: — «Coñaçuda *(aliás,* conhoçuda) cousa seya» —[6], e no Alentejo *deúdo* { *debutum*, por debitum [7], italiano *dovuto*.

Com valor de substantivos subsistem alguns dêsses participios, como provincialismos: *mexuda*, «papas de milho» (Beira-Baixa), *Temudo*, como apelido.

Ao mesmo passo que a terminação *-udo* é já rara, na formação de participios passivos, ou de adjectivos verbais, tem ainda vitalidade em adjectivos derivados de substantivos, como *peludo*, de *pêlo*, *felpudo*, de *felpa*, *cabeludo*, de *cabelo*, *trombudo*, de *tromba*, etc.

Do participio *debūtum* derivou-se em castelhano *deúdo*, actualmente *déudo*, no sentido de «parente», português antigo

---

[1] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 96.

[2] O SECULO, de 6 de julho de 1904, Bulhão Pato.

[3] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.

[4] *ib.* cap. XXXVII.

[5] PEREGRINAÇÃO, cap. CXCVI.

[6] Vol. III, p. 294.

[7] *ib.* vol. VIII, p. 39.

dívido ⟨ debitum, «parentesco muito chegado»:—«e assi por elle ter com a rainha dívido mui conjunto»—[1].

devasso, devassar, devassa

Êste adjectivo, em sentido material, diz-se do que «não ajusta bem, está sôlto»; é o contrário de *pêrro,* que significa «preso em demasia, apertado, que se não move, ou não cede».

Em sentido moral aplica-se o adjectivo, já como tal, já substantivado, a pessoas, a costumes «soltos, dissolutos».

Na Crónica de El-rei Dom Afonso v, de Rui de Pina, êste adjectivo está empregado na acepção de «aberto, livre, desembaraçado», que perdeu no uso moderno:—«porque o lugar em que estava era campo devasso e sem disposição de se poder defender»—[2]. Cf. *devassar,* «descubrir, examinar», *devassa,* «inquérito».

diabo-a-quatro, diabrura

—«Punham antigamente em scena peças sacras em que... faziam apparecer *diabos*... intitulavam-se *Pequena diabrura —Grande diabrura*... na *grande-diabrura*... era de rigor apparecerem sempre quatro diabos...»—. Esta informação que é uma definição completa, lê-se no jornal O Bocage, n.° 13, citado na «Revista Lusitana», vi, páj. 128.

Hoje são freqüentes as expressões *o diabo a quatro, levado do diabo,* que assim ficaram explicadas.

A forma *diabo,* corresponde à antiga *diaboo* ⟨ diabolum, com supressão do *l* intervocálico; *diabrura* provém de outra forma do mesmo vocábulo *diabro* ⟨ *diab'lum,* com a mudança de *l* em *r,* normal em português nos grupos de consoantes lati-

[1] Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. lxxiv.
[2] cap. cxx.

nas, das quais a 2.ª era *l* líquido, em palavras de orijem secundária; visto que, nas mais antigas, os grupos latinos *cl, fl, pl* produziram *ch,* quando iniciais, *chave* { clauem, * *chor* { florem, *chão* { planum, ou depois de consoante, como *macho* { masc'lum, e *lh,* quando intervocálicos, *coelho* { cunic'lum.

dico

Na África Oriental Portuguesa, «cabaça que serve de copo»: v. **cali** [1].

diro

Na África Oriental Portuguesa «prato de pau»: v. **cali** [2].

discrição, discreção

O Diccionário Contemporaneo foi o primeiro, e era de esperar que fosse o último, a dar cabida à segunda destas formas, mandando porém, entre paréntese, que ela seja pronunciada *discrição.* Para quê se alterou a escrita dêste vocábulo, que figurara antes em todos os dicionários da língua, é o que se não sabe: o que porém se sabe e se vê é que tal mudança é disparatada. Efectivamente, se a pronúncia tem de ser com *i,* e não com *e* surdo na segunda sílaba, nenhum motivo plausível milita em favor da escrita com *e.* Êste vocábulo *discrição* está para *discreto,* como *profissão* para *professo,* como *procissão* para *processo,* como *prisão* para *preso,* etc., e não creio que alguém aconselhe a que se escreva *professão, processão, presão,* apesar do *e* da segunda silaba dos adjectivos correspondentes; cf. ainda

[1] Jornal das Colonias, de 4 de julho de 1904.
[2] *ib.*

confissão e *confesso,* não obstante o castelhano *confesión,* análogo ao português antigo *confessão,* que ainda lêmos na PEREGRINAÇÃO [1] de F. Méndez Pinto.

Estas formas seguiram a analojia de outras, como *abolição, petição, demissão, comissão,* e tantas mais.

Abonar a forma *discrição* com autores clássicos fôra inútil; o que havia de ser difícil era encontrar neles o barbarismo *discreção,* que deverá quanto antes ser desterrado da escrita portuguesa, pois a adopção de tal forma ortográfica patenteia a completa ignorância da história da língua e do seu desenvolvimento.

Como porém tal escrita é um desacêrto, tem-se propagado na imprensa diária, onde se tornou já chavão impertinente e insensato, quando não sofre ainda maior tortura, aleijado em *descreção.*

Outro vocábulo, que na pronúncia do sul, em que o *s* final de sílaba é palatalizado, se confunde com êste, é *descrição,* em ortografia clássica escrito com *p, descripção,* do latim d e s c r i p t i o n e m ⟨ d e s c r i p t u m ⟨ d e s c r i b o.

Neste porém o preficso é *des-,* e não *dis-.* *V.* A. R. Gonçálvez Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL [2].

dizonho

Significa «respondão».

docíssimo

Na linguajem dos cultos o superlativo de *doce* é *dulcíssimo,* por uma reversão artificial ao étimo latino d u l c e. No entanto,

---

[1] cap. CCXV.

[2] Lisboa, 1904, p. 78 e 80.

vê-se a forma *docíssimas laranjas* no Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco [1]. O povo, entre o qual se foi a pouco a pouco, desde o século XVI, difundindo a forma superlativa em *-íssimo,* não conhece essas derivações artificiais, e de *amigo, pobre,* por exemplo, forma *amiguíssimo, pobríssimo,* em vez dos latinísmos *amicíssimo, paupérrimo.*

dójico

Êste vocábulo, o qual designa uma espécie de noviço nas confrarias búdicas dos bonzos no Japão, não figura em nenhum dicionário português, nem tampouco francês, com a forma *dogique,* empregada pelo Padre de Charlevoix. É todavia necessário dar-lhe neles cabimento, visto encontrar-se em autores dos séculos XVI, XVII e XVIII, que se lhe referiram, avisadamente romanizado, tanto numa, como na outra língua.

Dois étimos se podem atribuir-lhe. O primeiro é a palavra japonesa transcrita por J. C. Hepburn [2] com a forma *dōgi,* a que dá a significação de — «a boy under 15 years, a child — moço de menos de quinze anos, menino» —. O segundo étimo possível é pelo mesmo autor transcrito *dōgaku,* e explicado dêste modo: — «learning or studying together with the same teacher, the same studies, a schoolmate» —, isto é: «condiscípulo, aluno na mesma disciplina».

Ainda que à primeira vista o não pareça, atenta a forma da palavra, é o segundo étimo que devemos admitir como o verdadeiro, não só em razão do significado, mais conforme com a definição do vocábulo, mas também porque, sendo o *k* muitas vezes nulo entre vogais, em japonês, nas terminações adverbiais em *-ku,* resulta de *dōgaku,* a pronunciação *dogo,* por isso que

---

[1] *in* O Seculo, de 8 de junho de 1900.

[2] A Japanese-English, and English-Japanese Dictionary, Tóquio, 1887.

au se profere *ò*, forma perfeitamente concordante com o *dǒgò* inserto no vocabulário de 1603 [1], e de que se derivou para português o adjectivo *dójico,* como do grego LÓGOS, se derivou *lójico.*

O sinal (˅), ou circunflecso invertido, foi empregado pelos jesuítas portugueses que escreveram gramáticas, vocabulários etc., do japonês, assim como outros sinais diacríticos com outras aplicações, nas transcrições de vários idiomas asiáticos, para indicar o *o* longo aberto, visto que o circunflecso designava o *o* fechado em português. Para o *u* longo usaram porém *ũ.*

dolménico

Adjectivo derivado de *dólmen,* ou *dólmin* como escreveu o Dr. Costa, palavra imediatamente tirada do francês, que artificialmente a derivou de uma língua céltica. O correspondente português é *anta,* que designa uma construção tumular pre-histórica.

dolório

Em Sam Miguel (Açôres) quere dizer «desgôsto» [2].

dómaa, dóma

Era o antigo nome para designar a semana, do latim hebdomădam, no acusativo, em grego ʽEBDÓMADA, com o mesmo significado que o latim septimana, que o substituíu, isto é, «sete dias»; literalmente: «relativo a sete».

---

[1] V. João de Freitas, SUBSIDIOS PARA A BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA, RELATIVA AO ESTUDO DA LINGUA JAPONEZA, Coimbra, 1905, notas.

[2] O SECULO, de 5 de julho de 1901.

domóvi, domovói

No Nôvo Diccionário introduziu-se o primeiro dêstes vocábulos, que foi colhido nos Elogios Academicos, de Latino Coelho, como se declara. Está assim definido:—«espírito doméstico que, segundo a mythologia moscovita, está velando de além do túmulo sôbre a família que fundou»—.

Há engano manifesto nesta definição, seja ela, ou não, de Latino Coelho, mas que pela redacção é evidentemente traduzida de francês. Há dois vocábulos russos derivados de *dom,* «casa»: um é *domóvïĭ,* «doméstico, caseiro»; o outro é *domovóĭ,* que corresponde a «trasgo», ao *elf* germánico, às *jens (q. v.)* do Algarve. Deu-se pois confusão entre um e outro derivado.

doninha, dòninha

Conquanto na esséncia sejam o mesmo vocábulo, deminutivo de *dona* | domĭna, o uso fê-los distintos, provávelmente porque, ou a antiga acentuação dos deminutivos em *-inho* era dupla, como ainda o é no norte, por exemplo em *còvinha,* pronunciado no sul *cuvinha* | *cova,* e como o é nos que são formados com o inficso *z, còvazinha;* ou porque êste nome do animalejo carniceiro nos veio do norte, com a sua pronúncia especial: desta maneira, *dòninha,* e tam sómente êsse nome, deve de ser diferençado do deminutivo consciente de *dona,* que é *doninha,* proferido no sul com *o* átono=*u, duninha,* pouco usado, mas existente.

Que o termo *dòninha* é indubitávelmente um deminutivo de *dona,* no sentido antigo de «dama casada», por oposição a *donzela* | dominicella, «dama solteira», provam-no a denominação do furão ou da *dòninha* em galego, *donacinha* [1], como

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* Revista Lusitana, III, p. 187; cf. Saco y Arce, Dicc. gallego, Barcelona, 1876.

quem diria em português *donazinha,* e a da dòninha em castelhano, *comadreja,* «comadrinha».

dor, dorido, dolorido, doloroso, doroso

Do substantivo *dor* derivamos hoje um adjectivo *dorido,* que tem também uma forma *dolorido,* mais próssima da latina dolorem, da qual tirámos *doloroso,* mas a que na língua antiga correspondia *doroso,* directamente derivado de *dor:*—«suas contínuas lagrimas e dorosas palavras davam claro testemunho do sentimento do seu coração»—[1].

duna

É galicismo êste termo: o português lejítimo é *mèdão (de areia).* Infelizmente está já tam arraigado na literatura geral, para onde inconscientemente passou da científica incorrecta e falta de vernaculidade, que será já difícil expunji-lo:—«De Algezur ao cabo de Sines apparece-nos coroada de imponentes dunas»—[2]. Eis aqui exemplos de *mèdão:*—«Entre Douro e Neiva avultam os medões de A-vel-o-mar *[id e.* A-vê-lo-mar] [3]; e mais antigo:—«Vivem estes Reys arabios entre hums medões de area»—[4].

dundum, dunduns

É esta a escrita que convém adoptar, no singular e no plural, visto ser a única conforme com os hábitos ortográficos portu-

---

[1] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XVII.
[2] Portugalia, I, p. 609.
[3] *ib.* p. 610.
[4] Godinho, VIAGEM DA INDIA, 109, citado por Bluteau, VOC. PORT. LAT.

gueses, em harmonia com os quais se não escreve *m* antes de *d*, e o *m* final se muda em *n* ao acrescentar-se o *s* do plural.

Esta palavra designa uma espécie de pelouro, ou bala de espingarda:—«O arsenal de Dum Dum, perto de Calcuttá, e depois os da metropole começaram a fazer grandes provisões de cartuchos com aquella bala»—[1].

O nome já agora está como está; mas aquela escrita *Dum Dum* inglesa quere dizer *damedame* na portuguesa.

durázio

Êste adjectivo, correspondente do castelháno *durazno* { duracĭnum, indica, a respeito de frutos, um termo médio entre *mole* e *duro*, estabelecendo-se assim uma gradação de rijeza: *mole, molar, durázio, duro*.

O que é singular é dizermos de uma mulher para cima dos quarenta que é «*já durázia*», e nesta expressão a gradação estabelece-se às avessas, pois a que passou de *durázia* se denomina *madura*, estado de moleza a que se segue *sorvada* e *podre*, na fruta. Para prosseguimento da singularidade dêstes epítetos, a *fruta verde* não se pode tragar, e faz mal à saúde; o que se quere é *fruta madura*: exactamente o contrário do que se apetece na porção mais formosa do género humano: quanto mais verde melhor.

ẽaugar

Êste vocábulo transmontano [2], de aspecto bastante singular, pois que é necessário pronunciar-se *ẽ* em hiato com o *a* de *augar*, é um derivado, mediante o preficso *em*, do verbo *augar* { *auga*

[1] O Seculo, de 12 de janeiro de 1900.

[2] Augusto Moreno, Vocabulario transmontano (Mogadouro e Lagoaça), *in* «Revista Lusitana», v, p. 45.

por *água,* pronunciação muito usual também em Lisboa, freqüentíssima no português falado até o XVII século, conforme o prova a escrita *augu(o)a:* o ditongo *au,* isto é, o *u* depois do *a* desenvolveu-se por eco, por influência proléptica, assimilação progressiva ao *u* líquido que está depois do *g,* como na forma popular se desenvolveu um ditongo *ãi,* na palavra *sangue,* proferida *sãingui,* em virtude da influência dêsse *i,* que substituíu o *e* surdo final. Confronte-se esta formação *ẽaugar* com o antigo *ẽader* [1], correspondente do castelhano *añadir* ⟨ ad + in + addere, e o castelhano *enarenar,* com o português *arear.* Vocábulos de estrutura análoga são *bem-aventurado, bem-aventurança, em-asprear, em-aspreamento,* nos quais se deve pôr uma linha divisória, para que se não leiam *be-maventurança, e-masprear,* etc.: — «vendo que o mastro com a grossura e em-aspreamento dos mares os çoçobrava» —. Morais transformou êste substantivo em *ensapreamento* [2].

A definição dada, *loc. cit.* pela REVISTA LUSITANA ao verbo *ẽaugar,* é a seguinte: — «(pronuncia-se: *im-au-gar).* — Apanharem [as creanças e as bestas: salva seja a comparança!] molestia que as faça definhar, ás creanças por não se lhes dar de qualquer coisa que nos vejam comer, e ás bestas por lhes não darmos também um *mordo* á entrada de uma porta em que parem, ou noutro sitio onde estejam acostumadas a comer. Diz-se de tres maneiras: *enaugar, augar* e *ougar;* e em contraposição, respectivamente: *desenaugar, desaugar* e *desougar»* —.

Aguar (pron. *àguár), desaguar* são os vocábulos comuns. Com efeito nada há peor que ficar *aguado,* ou com a água na bôca:

No hay desdicha mayor,
. . . .
que una esperanza fallida.

---

[1] Rui de Pina, CRÓN. DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XXIX e LII.
[2] V. J. Cornu, REVISTA LUSITANA, VI, p. 87.

Com *ẽaguar,* reduzido a *aguar,* confronte-se o castelhano *enagenar* ⟨ inalienare, simplificado em *alhear,* moderno, mas cuja forma antiga era *enlhear* [1].

eça: v. essa

eclosão, eclusa

São dois galicismos modernos e absolutamente inúteis, *éclosion* e *écluse:* o primeiro, já censurado no Suplemento ao Nôvo Diccionário, é derivado de *eclore,* do latim exclaudere; o segundo imediatamente tirado de *exclusa.*

Em português são absurdos tais vocábulos, porque o *s* latino antes de consoante permanece nas línguas hispánicas, como em italiano, e de entre as románicas sómente no francês moderno (desde o século xvi) êle foi desaparecendo pouco a pouco, sendo as palavras em que ainda aí o vemos cópia recente do latim literal.

Se, à falta de outro termo, quando o não houvesse (que há, *açude,* do árabe al-sude [2], «represa de água»), ainda era admissível o vocábulo francês, conquanto desconforme com a índole do nosso idioma, por ser preciso nome para construção tam freqüente em terra tam regada como a nossa; é absolutamente disparatado ir-se buscar já feito, e mal feito, um termo abstracto a uma língua, cuja formação vocabular bastante difere da portuguesa, nas palavras de orijem latina principalmente. Em português diz-se *desabrochar,* quer como verbo, pelo francês *eclore,* quer como nome verbal, pelo francês *eclosion.* Infelizmente, não

---

[1] *enlheado,* em Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. cxxiv.

[2] João de Sousa, Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

só como termo de nomenclatura botánica, mas também de nomenclatura zoolójica, em vez de *nascença,* vai-se difundindo a estravagante palavra: — «Nos dias immediatos á eclosão (nascimento) do insecto [gafanhoto]» — [1]. Quem isto escreveu convenceu-se de que *eclosão* era muito bom latim, e como tal, muito apto a substituir por termo mais fino o trivial *nascimento* [ou *nascença],* com que o explicou; porque, na realidade, para portugueses, que só saibam português, com ou sem latim, semelhante vocábulo é verdadeiramente uma charada mal feita.

É de sentir que os nossos professores e escritores técnicos sejam em geral tam pouco escrupulosos na vernaculidade da linguajem, empecendo dêste modo a criação e o desenvolvimento de verdadeira literatura científica, sem a qual a outra literatura é insuficiente para congraçar a ciéncia com o idioma nacional e fazer dêle uma língua culta. O facto é que a êste respeito quem pode não quere, e quem quere não sabe.

edu

O Nôvo Diccionário diz-nos ser *edu* uma árvore da Índia portuguesa, mas não abona o termo, nem dá maior explicação.

Não sei que árvore seja. Sebastião Rodolfo Dalgado, no Diccionario Koṁkanî-portuguez [2], traz um vocábulo, *eḷu,* com *l* cacuminal, e dá-lhe a significação de «cardamomo». Como êsse *ḷ* cacuminal, que não tem correspondente nas línguas da Europa, a não ser um som análogo em alguns dialectos escandinavos, costuma também ser expresso por *d* (e por *r),* é provável que seja a mesma árvore.

Garcia da Orta não cita êste entre os vários termos indianos para o cardamomo [3].

---

[1] O Seculo, de 8 de junho de 1900.

[2] Bombaim, 1893, p. 69, col. II: ṁ é *ng* germánico.

[3] Colóquios dos simples e drogas da Índia, Lisboa, I, 1891, p. 174.

eido

A orijem dêste vocábulo é o latim adĭtum [1].

eiró(s)

De *areola* | *areia,* por serem as *eirós* transportadas vivas nas selhas, envolvidas em areia molhada. O termo não é geral; *enguia* é o nome dêste peixe na língua comum.

eito

Tem dois significados, com étimos diferentes: *eito,* «serie» | ictum; *eito* «lançamento» | iactum [2].

Não sei a qual dos dois se há de subordinar a acepção que está definida no Nôvo Diccionário, como termo brasileiro, com a significação de — «roça onde trabalhavam escravos» —. A etimolojia ali proposta actum é improvável, visto que dêste procederam as formas portuguesas *aito* e *auto.*

eivigar

Êste vocábulo obsoleto procede do latim aedificare, com a supressão normal do *d* intervocálico, e o abrandamento do *f,* igualmente intervocálico, em *v:* cf. *devesa* | defensa.

---

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* Revista Lusitana, III, p. 62.

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* Revista Lusitana, III, p. 145-147.

êl

É esta a forma transmontana do pronome *êle,* cujo plural é *eis,* por *êles*. O singular *el* é freqùente em documentos antigos, bem como *aquel*. Em castelhano diz-se *él* { ille, e no plural *ellos* { illos. Em português, tanto a forma geral, como a especial, *êle, êl* formaram o plural por analojia, *eles, eis,* já dentro do português.

eleiçoeiro

Não direi que êste adjectivo esteja muito bem deduzido do substantivo *eleição,* porque a formação é mais própria de substantivos (cf. *pregoeiro* de *pregão),* mas em todo o caso é expressivo:—«O governo que dissolvera, por motivos eleiçoeiros, 36 camaras municipaes»—[1].

elo

Do latim an(n)ellum, forma comprovada pelo castelhano *anillo* { *aniello,* resultou *ãelo* [2], contraido depois em *elo;* cf. *rela* de *rãela* { ranella, deminutivo de rana.

embala

Termo do Bailundo:—«a embala (a *libata* onde vive o soba)»—[3].

---

[1] O SECULO, de 3 de novembro de 1900.

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, I, p. 301.

[3] O DIA, de 29 de junho de 1903.

embarrar

Vocábulo transmontano, que corresponde ao geral *esbarrar*. Vem já no Nôvo Diccionário, como termo da língua comum, o que não parece exacto.

embondeiro; empipa

É o nome português da árvore agigantada a que os franceses chamam *baobab*, conforme a nomenclatura científica, Adansonia:

—«Chamaram-lhe por isso a *arvore de Lifan* (povoação que os portugueses incendiaram em Timor). Era da familia dos baobabs, imbondeiros e micondós, gigantes vegetaes de que abundam todas as nossas colonias tropicaes»—[1].

É preferível escrever com *e* inicial êste nome africano *(mbondo)*, visto que o *i* inicial, com que também se escreve em português, *imbondeiro*, forma ortográfica que adoptaram o Dicc. Contemporaneo e o Nôvo Dicc., é preficso significativo nas línguas cafriais, designativo do plural dos substantivos da classe III; como em quimbundo, *kinda*, «quinda, cêsto», *inda*, «cêstos»—[2].

No mesmo caso de transcrição portuguesa *em*, por *m* + consoante, e *en*, por *n* + consoante, iniciais, grupos próprios das línguas africanas da família banta, ou cafrial, estão outros vocábulos, que hajam de ser adoptados em português, como *empipa*:—«Fabricam tambem uma outra bebida adocicada chamada *m'pipa*, resultado da fermentação incompleta da batata doce»—[3].

V. Ortografia Nacional, páj. 256 e 257.

---

[1] Carta de Timor, *in* «O Seculo», de 16 de janeiro de 1906.

[2] Héli Chatelain, Grammatica elementar do Kimbundu ou lingua de Angola, Genebra, 1888-1889, p. 3.

[3] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias» de 30 de julho de 1904.

emboutar

Na Beira-Baixa significa êste vocábulo «pôr de parte, depois de ter encetado», *abocanhar*.

empacassa, empacasseiro

O Nôvo Diccionário inseriu êstes dois vocábulos, definindo o primeiro — «vacca silvestre das margens do Ganges; búfalo» —; e o segundo — «caçador de búfalos» —.

Tenho muitas dúvidas acêrca da exactidão destas definições. A palavra *empacassa* não tem feitio índio, mas antes africano, cafrial, e neste caso poderia ter sido pelos portugueses ou por banianes levada da África Oriental para a nossa Índia, se se apurasse que ela fosse vernácula num e no outro dêstes dois pontos. Ora, na realidade, *empacassa* não é termo conhecido na Índia, e nem mesmo, ao que parece, em qualquer rejião da África Oriental Portuguesa.

Com efeito, na língua de Tete o principal termo com que o búfalo se designa ali é *nháti* [1].

Disse que o termo tem aspecto cafrial, e na verdade é êle vernáculo, porém na África Ocidental e não na Oriental: em quimbundo *pakasa* é o vocábulo pelo qual «búfalo» é traduzido por Joaquim da Mata, no plural *jipakasa:* «boi selvagem; búfalo» — [2]. A sílaba inicial da forma portuguesa *empacassa* indica ser ela tomada de qualquer dialecto do quimbundo, em que o *p* seja nasalizado, fenómeno freqüente nas consoantes iniciais

---

[1] Víctor José Courtois, Diccionario portuguez-cafre tetense, Coimbra, 1899, p. 81.

[2] Ensaio de diccionario kimbúndu-portuguez, Lisboa, 1893, p. 127.

de vocábulos dessa família de línguas, quando são substantivos principalmente.

Como não é natural que o termo transitasse da costa ocidental de África, onde não vão os banianes, para a Índia Portuguesa, é provável que a vivenda do bicho não seja, nem nunca fosse, as marjens do Ganjes, como nos diz a definição do Nôvo Dicc., pelo menos com semelhante nome. As espécies africanas mesmo são diferentes das da Índia, e de todas as mais asiáticas.

A. Réville, no livro Les religions des peuples non-civilisés [1], cita os vocábulos *empacasso* e *empacasseiro* no seguinte passo, que me foi apontado pelo snr. G. de Vasconcelos Abreu: —«On parle encore d'une société qui se serait formée depuis le seizième siècle chez les Kimboundas *[sic]* sud-est *[sic!]* de l'Afrique, et dont les Portugais appelaient les membres des *Empacasseiros,* parce que chaque initié devait sacrifier un buffle, *empacasso*»—. O autor cita R. Hartmann [2], e refere-se à dita seita como adversária da antropofajia, e que dêste modo substituíra o sacrifício humano pelo de uma rês.

É claro que o vocábulo dado aqui como português o não é, mas quimbundo, segundo vimos. Por outra parte, a vivenda dos povos ambundos, própriamente ditos, a sueste da África, se não é êrro tipográfico, mas do autor, *serait de sa part une singulière bévue,* a não ser que parta da hipótese, perfilhada em certo modo por Henrique de Carvalho [3], de que os povos cafriais tivessem vindo do leste para oeste, e que ainda a sueste demorassem naquele século, o que tudo assenta em conjecturas.

Temos porém aqui um passo, que nos subministra mais uma acepção do vocábulo *empacasseiro,* a de membro de uma seita relijiosa indíjena, que tinha como credo a abolição dos sa-

---

[1] Paris, 1883, p. 113.

[2] Les peuples de l'Afrique (Bibliothèque scientifique internationale), Paris, 1880, p. 218 *(q. v.).*

[3] Expedição portugueza ao Muatiânvua. Ethnographia e historia tradicional, Lisboa, 1890, cap. i, p. 54 e ss.

crifícios humanos, mediante uma prática cultual menos cruel, a substituição da vítima humana por um búfalo, *mpakasa,* palavra cafrial que lhe haveria dado o nome imposto pelos portugueses residentes em África, entre os quais fosse aquele animal conhecido também por êste nome aportuguesado, empacassa.

Parece, portanto, serem inexactas as definições que dos dois vocábulos nos dá o Nôvo Dicc., sem as abonar.

Evidente é igualmente que o autor a quem citei, Hartmann, obteve aquela informação de qualquer escritor português; mas nem êle cita a autoridade em que se fundou, nem eu a pude por emquanto encontrar.

Concluirei advertindo que J. I. Roquete, no Dicionário português francês [1] já inscrevera o substantivo *(em)pacassa,* nos termos seguintes:—«EMPACASSA *ou* PACASSA, *t. hist. nat.* empacassa ou pacassa, buffle, bubale du Congo».—Não é provável todavia que Hastmann fosse lá desencantar o vocábulo, que não figura nem no Dicionário francês de Littré, nem também no de Larousse. Parece pois que Roquete, sem autoridade, afrancesou a palavra, que vemos deu como denominação do animal na África Ocidental, e não na Índia.

empapelar, empapêlo

O Nôvo Dicc. dá-nos como significado de *empapêlo,* nome verbal rizotónico de *empapelar,* «embrulhar em papel», o significado—«invólucro de papel»—, declarando desusado o vocábulo. Nesta acepção concreta creio que, na realidade, está fora do uso, se é que em algum tempo foi empregado. Na acepção abstracta, porém, de «acção de empapelar», existe abonação, colhida provávelmente em flagrante:—«Na officina de empapello *(sic),* havia 5 magnificas machinas de cortar papel»—[2].

---

[1] DICTIONAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

[2] O SECULO, de 25 de abril de 1900.

Refere-se o articulista à fábrica de tabacos, denominada de João Paulos Cordeiro, em Lisboa.

empargado

No Riba-Tejo diz-se do «trigo amontoado na meda», conforme informação de pessoa da Chamusca.

empeçar

Êste verbo antigo, correspondente do castelhano antigo *empeçar,* moderno *empezar (=empe§ar)* [1] é ainda usado em Trás-os-Montes, talvez por influência espanhola raiana. Nada tem que ver com outro *empeçar,* que o Contemporaneo define — «enredar..., pôr obstaculo... topar...» —.

empena, empenar: v. **pena**

empolgar

Conforme J. Joaquim Núnez, de *impollicare* [2] | pollex, pollicis, «dedo polegar»: cf. pollicaris, «que mede uma polegada»: O próprio adjectivo português, substantivado, *polegar* é pronunciado normalmente *polgar,* e assim pode ser escrito, como o é o verbo.

encaixe

Em Sam Martinho dá-se êste nôme à *renda.* Em castelhano é *encaje.*

---

[1] § designa a sibilante surda ginjival ou dental, o *z* castelhano actual.
[2] Revista Lusitana, III, p. 256.

encalir

No Minho: «engrolar, ferver mal, *entalar,* como se diz em Lisboa, carne ou peixe, para se não estragar, afim de serem cozinhados ao depois».

O Nôvo Diccionário traz êste vocábulo, com definição aprossimada. Atribui-lhe um de dois étimos: latim c a l e r e, que apresenta a dificuldade da permanência do *l* intervocálico (cf. *quente* | c a l e n t e m), que no entanto vemos em *calor,* provávelmente de orijem semi-erudita. Aponta como segundo étimo, um hebraico, que não cita, remetendo o leitor para Pereira Caldas.

Não se dê êsse leitor a semelhante busca, partindo com toda a segurança do seguinte princípio: as etimolojias hebraicas de Pereira Caldas, à parte aquelas que toda a gente sabe que o são, tem apenas uma utilidade reconhecida, a de servirem de assunto de riso, se não de lástima; porque de três cousas uma é verdadeira: inventou-as para nosso divertimento, esteve zombando comnosco, ou estava doido quando as publicou.

encanelar

O Nôvo Diccionário incluíu êste verbo, dando-lhe como definição:—«dobrar em canelas ou novêlos; fazer canelas em, acanelar»—.

O vocábulo *novelos* é de mais, pois *novelos* não são *canelas,* e neles e n r o l a - s e o fio, não se d o b r a, como nas *meadas* ou *madeixas.*

No trecho seguinte, porém, *encanelar* tem outra acepção: —«Lamego, 21... o ficarem as videiras sem rebentar foi devido a varias influencias atmosphericas, e na maior parte geadas que receberam já no tempo em que a vide principiava a desen-

volver para a rebentação, e que assim ficaram encanelladas, —termo que n'este caso usam os lavradores»—[1].

encaraçado

No norte do reino usa-se êste adjectivo participial substantivado, derivado de *caraça,* para significar o que no sul se diz *mascarado,* e antes se dizia *emmascarado,* como vemos no romance de António de Campos, Luís de Camões [Parte ii, 14]: —«Iam a cavallo, em trage de disfarce, muito garrido, mascarados, ou emmascarados, como então se dizia»—.

encardir, cardir

Cardida, que pressupõe um verbo *cardir,* de que é particípio passivo, diz-se da madeira que esteve muito tempo debaixo de água, e apodreceu. Esta informação foi-me dada pelo snr. G. de Vasconcelos Abreu. Do verbo primitivo *cardir* se derivou *encardir,* «çujar», hoje em dia e desde muito tempo empregado no sentido de «lavar mal», pois se diz *roupa encardida* aquela em que, depois de lavada, transparece a çujidade anterior.

O verbo *cardir* parece ser afim do adjectivo *cárdeo, (q. v.* em **avergoar**).

endoenças

Tanto o Diccionario Contemporaneo, como o Manual Etymologico de F. Adolfo Coelho, como o Nôvo Diccionário de Cándido de Figueiredo, são concordes em atribuir a êste vocábulo, como étimo, o latim dolentia. D. Carolina Michaëlis

---

[1] O Economista, de 26 de maio de 1891.

explica-o pelo latim indulgentias [1]. Com efeito, confira-se o passo seguinte:—«Vendo Vasquo da Gama ho que se passava sesta feira de Indulgencias se fêz à vela... se informou da cidade de Melinde, diante da qual foi surgir dia de Pascoa de Ressurreição pela menhã»—[2].

Esta expressão *sesta feira de Indulgencias* volta a ser empregada por Góis no capítulo v da III Parte, citado por Bluteau [Vocabulário, *sub v.* ENDOENÇAS], que já aponta êste étimo, o qual, apesar de certas dificuldades fonolójicas, é indisputável. O douto lecsicógrafo acrescenta a forma popular *andoenças,* alterada pela influência do verbo *andar:*—«pelo muito que naquelle dia [quinta feira de endoenças] se anda correndo as Igrejas»—.

endrómina(s)

O NÔVO DICC., em dúvida, dá como étimo a êste vocábulo, que apoda de chulo, o vasconço *androminac,* e como para o comprovar, cita outra forma *andromina,* mais conforme com o castelhano *andrómina,* que naturalmente passou a Portugal no século XVII. O Dicionário da Academia espanhola [3] aponta para étimo o italiano *andirivieni*—«subterfugio»—, e francamente não se lhe podem dar parabens pela invenção.

Examinemos, no entanto, de relance as dificuldades que apresenta o vasconço indicado, conquanto plausível, e que primeiro foi proposto pelo famôso criador da filolojia vasconça, o Padre Manuel de Larramendi, em princípios do século XVIII. O vocábulo diz-se composto de *andré* «mulher casada», e *min,* «dor, queixa». Ora, *andré* não é *andró,* e o plural *andreminac* teria naturalmente de ser acentuado no *i* de *min, andremínac.*

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 150.
[2] Damião de Góis, CRÓNICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, I, cap. 37.
[3] Madrid, 1899.

enfarelar

—«Ulteriormente enchem a vasilha [de barro poroso] com farinha de milho e agua, collocam-a ao fogo e, uma hora passada, consideram obtida a vedação. Está a loiça enfarellada»—[1].

engar, enguiço, enguiçar

O Nôvo Diccionário dá a êste verbo a significação de: —«habituar-(se), preferir (um pasto)»—.

D. Carolina Michaëlis tratou dêste vocábulo num artigo muito bem deduzido, dando-lhe como significação própria e primordial a seguinte:—«*engar-se a alguma cousa* significa *avezar-se ao que é ruim*»—, e exemplificou êste significado com o adájio: —«Engou-se *a velha aos bredos: souberam-lhe bem, lambeu os dedos*»—, a que corresponde a forma mais moderna—«*Avezou-se a velha aos bredos*, etc.»—.

O étimo proposto pela autora desta luminosa inquirição, que merece atenta leitura, é o latim *iniquare* [2]. Cf. a etimolojia proposta pela mesma romanista para *enguiçar* { *iniquitiare* { iniquum, e que parece indubitável, sendo *enguiço* um substantivo verbal, rizotónico, dêste verbo.

Júlio Cornu, todavia, opõe com razão a esta etimolojia, *engar* { *inīquare*, outra, enecare, que em latim significa «atormentar», acrescentando o seguinte:—sómente no caso de se encontrar a forma *ẽiguar,* se poderia apelar para o étimo *inīquare* [3].

Na realidade, a quantidade longa do segundo *ī,* torna difícil de

[1] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal, *in* Portugalia, II, p. 76.

[2] Revista Lusitana, III, p. 151-154.

[3] Grammatik der portugiesischen Sprache, *in* «Grundriss der romanischen Philologie», 2.ª edição, Estrasburgo, 1905, p. 966, nota.

admitir-se o seu desaparecimento, postulado na outra etimolojia a que me referi.

enguiado

Não é claro o sentido dêste epíteto, aplicado à cortiça no trecho seguinte: — «as cortiças *enguiadas* não eram por via de regra improprias para rolha; sómente valiam menos, por não poderem ser fabricadas á machina de rolha que dispensa o quadro» —[1].

Fica no entanto rejistado o vocábulo, se não há nele êrro tipográfico.

enha = minha

No Nôvo Diccionário vem apontada esta forma, abonada com Gil Vicente. Efectivamente, como proclítica, lê-se no «Auto da Lusitánia»:

— Florida, enha filha —

— Granado, enha filha —,

como vemos *ta* na «Farsa do Clérigo da Beira»:

Que filho és de bom pai,
E ta mãe boa mulher.

São abreviaturas de *minha, tua*.

É de notar que *enha* é pelo poeta empregado num romance, com todas as aparéncias de antigo, tradicional, para ser cantado, e que os versos são de cinco sílabas até a última acentuada:

— Donde vindes, filha,
Branca e colorida —,

---

[1] O Seculo, de 19 de julho de 1905.

O *e* de *enha* tem de ser elidido, como provávelmente o era na pronúncia, porque servia apenas de amparo à sílaba *nha,* que não é inicial de vocábulos portugueses. Êste *ẹnha* é pois a redução de *minha* por próclise.

Também no «Auto da barca do Purgatório» figura o femenino *enha,* na boca de um lavrador, que fala linguajem arcaica e viciosa:

E de tudo fiz aquesta,
Como omem diz, avantairo:
Leixei ó cura enha bêsta.

Aqui empregou Gil Vicente, como quási sempre, a redondilha, e o *e* de *enha* tem também de ser elidido.

No Suplemento ao mesmo dicionário dá-se-lhe, porém, um masculino *enho,* que nunca existiu, nem podia existir, pois a forma masculina é *meu,* e não, *minho,* e que foi deduzido infundadamente do *femenino.*

enjendrar, gerar

O verbo *enjendrar* é, como *arranjar,* um galicismo antigo, tanto em português como em castelhano; todavia, para o segundo dêstes verbos sómente em português se dá o galicismo, pois os espanhóis criaram o verbo *arreglar,* que o substitui em quási todas as suas acepções. Não me ocuparei do segundo dêstes verbos, porque, à parte escritores pouco esmerados, todos evitam o seu emprêgo, a não ser nos sentidos populares de «consertar, compor», ou no translato de «alcançar», significados que não tem o verbo *(ar)ranger* francês, o qual significa principalmente «arrumar», em sentido natural ou em sentido figurado. Na acepção de «obter» diz-se em francês *(se) procurer.*

Que, tanto o verbo *arranjar,* como o verbo *enjendrar* são galicismo, prova-se com a sua formação: *arranger* provém de *rang,* substantivo a que em português corresponde o quási

desusado *renque;* vê-se, pois, que a êste primitivo não corresponde aquele derivado.

O mesmo acontece com *enjendrar.* Do latim genus, generis procedia o verbo generare, de que em português proveio gerar, com perda do *n* intervocálico, e que por isto se pronunciava dantes *gèrar,* que J. I. Roquete ainda manda proferir com *e* aberto, e de que o povo fêz *jarar,* obedecendo à influência que o *r* exerce no *e* átono que o precede: cf. *para* | *pera).* Ainda hoje a pronúncia geral é *gèração,* e não, *gẹração.*

Em francês, de ingen(e)rare fez-se *engendrer,* como de gener, generis, «genro», se fêz *gendre,* com *d* intercalar entre o *n* e o *r,* que a supressão do *e* que os separava pôs em contacto. Tal *d* eufónico não pertence à fonolojia portuguesa (cf. *genro),* e portanto *enjendrar* não é português, a não ser como plebeísmo, no sentido de «enjenhar, aldrabar, fabricar mal e sem preceito».

É pois defeituosa a seguinte frase:—«As formas nobres... que traziam na sua plasticidade evolutiva a possibilidade de engendrar o cavallo, o elephante, etc.»—[1].

Onde se empregou êste verbo afrancesado, deveria ter-se escrito *gerar,* que lhe corresponde na significação e orijem.

Não é porém sem exemplo o emprêgo de tal verbo, em passos de autores antigos, e Bluteau cita dois, ambos os quais, todavia, conteem a idea subsidiária de artifício, que torna a obra imperfeita ou impossível.

enjogar

Êste verbo derivado de *jogo (=jógo),* vocábulo transmontano que quere dizer, como forma subsidiária de *gogo (=gógo),* «seixo boleado pelas águas que o acarrearam», significa no mesmo dialecto «empedrar, calçar as ruas com jogos».

---

[1] O Seculo, de 25 de setembro de 1905.

enlaga

—«A enlaga [do linho] tem por fim dissolver na agua uma especie de gomma resinosa, que liga entre si as fibras do linho e da casca»—[1].

enoque

No Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa [2] vemos esta palavra, empregada num acórdão municipal de 1862, transcrito em parte pelo autor do escrito, de sumo interêsse, ali publicado:—«todo o cortidor *(sic)*, que não despejar a surrada das pelles no rio e não deitar fora das portas de seus enoques ao rio as misturas que n'estes se fazem incorrerá na pena de 6000 réis, pelo damno que causará á cidade do mau cheiro»—. Vê-se que a transcrição está modernizada na ortografia, e ficamos na incerteza do que seriam os enoques, vocábulo que me não consta haja sido encontrado em outra parte.

enoz

Ignoro o significado exacto dêste vocábulo que aparece nas Batalhas da Companhia de Jesus, do Padre António Francisco Cardim [Lisboa, 1894, páj. 44], e pode ser êrro de leitura:—«uma enoz de pedra vitorina»—. Vê-se que é uma joia, um enfeite, com forma especial.

---

[1] Portugalia, I, p. 370.

[2] 17.ª Série, 1898-1899, p. 168—Bragança e Bemquerença, por Albino dos Santos Pereira Lopo.

enristar, enriste

O verbo vem em todos os dicionários; não assim o substantivo dêle derivado, *enriste,* que vemos no seguinte passo das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS: — «repetiu o algoz o enriste» — [1]. Antes dissera: — «enrista com elle» —.

ensaca

Não é o nome verbal derivado de *ensacar,* que falta nos dicionários, a par de *ensaque,* neles rejistado, mas um termo da África Oriental Portuguesa, cuja definição se vê nos trechos seguintes: — «A gente de guerra era dividida em *ensacas,* commandadas pelos *malukua,* os quaes tinham como auxiliares o *t'chicango,* e o *dembo,* autoridades que correspondem respectivamente aos cazembes, sachecundas e mucatas da Zambezia» — [2]. Antes, lê-se: — «*Ensacas* agrupamento de cypaes commandados por um *cazembe,* correspondente á companhia» —.

Na escrita dêstes vocábulos, para que fiquem portugueses, temos de emendar *malucua, chicango,* além do absurdo *cypaes* em *cipais (q. v.),* ou *sipais.*

ensanzorar

— «Nos bivaques, e quando temem surpreza [os cipais], ou se *ensanzoram,* ou construem abrigos ligeiros, com troncos de arvores, ou terra» — [3].

É termo da África Oriental Portuguesa.

---

[1] Lisboa, 1894, p. 192.

[2] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

[3] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

ensarranhar

No Minho, conforme informação pessoal, «enfarruscar».

entrevistar

Êste neolojismo pretende substituir o estrambótico *interview* inglês, que para cá passou por intermédio do francês, onde é anglicismo; mas também não é português, nem cá é preciso. Muito mais antigos, e mais expressivos, temos *visitar alguém, avistar-se com alguém.*

entrujão

Em jíria castelhana *entruchón* quere dizer «sabido, ladino». Existem também *entruchar* e *entruchada.* O verbo é assim definido no Dicionario da Academia [1]:—«atraer á uno con disimulo y engaño, usando de artificios para meterle en un negocio»—.

Conquanto o termo em Portugal tenha grandes ressaibos de linguajem ordinária, direi mesmo chula, a pouco e pouco foi entrando no uso comum; ainda assim afigura-se-me um lapsus calami o seu emprêgo em estilo sério, como o vejo no trecho seguinte, de escritor esmerado:—«O vaqueiro honesto tem sempre ensejo de mostrar a sua boa fé... e o vaqueiro intrujão de conhecer o caminho da... Boa Hora [edifício dos tribunais de justiça em Lisboa]»—[2].

---

[1] Madrid, 1899.

[2] D. Luís de Castro, *in* DIARIO DE NOTICIAS, de 22 de fevereiro de 1906.

envés

É usado no Minho, com o significado que no sul damos a *avêsso* ❘ aduersum, como *envés* ❘ inuerse.

enxada

No excelente estudo de Francisco Adolfo Coelho intitulado Alfaia agricola portuguesa, publicado na revista Portugalia [1], vêem-se os seguintes epítetos, que diferençam outras tantas qualidades de enxadas: *enxada de peto, enxada de picareta, enxada larga, enxada de ganchos.*

enxadrez

É o nome antigo do *xadrez,* que ainda subsiste no adjectivo participal *enxadrezado:*

— Negro é o pez,
Negro é o rei do enxadrez — [2].

Em castelhano é *ajedrez,* antigo *axedrez,* de orijem imediatamente arábica, proveniente do sánscrito, por intermédio do persiano, que o recebeu de qualquer língua vernácula do Indostão.

Em última análise o vocábulo é sanscrítico: ḱaturaṁga [3], as quatro partes (componentes de um exército), infantes, cavaleiros, carros e elefantes.

---

[1] I, p. 399.

[2] Gil Vicente, Auto das Fadas.

[3] O símbolo ṁ vale pelo *ng* germánico, ou nasal póstero-palatal. O vocábulo sanscrítico pronuncia-se quási como se em português escrevêssemos *(t)chatorânga,* isto conforme a prosódia convencional, clássica na Europa.

enxalabar, enxalavar

Esta rêde é assim descrita no artigo A PESCA EM BUARCOS de P. Fernández Tomás: — «Redes especiaes, tendo na boca um arco de ferro, chamadas *enxalavares*» — [1]. A forma com *b* encontra-se no seguinte passo: — «Um pescador, tendo mergulhado mais uma vez o seu *enxalabar*» — [2].

enxame

Em Leiria aplica-se, em sentido geral e não por metáfora, esta palavra para designar «grupo de gente que anda rezando e visitando os passos no domingo de Páscoa». Esta informação é do conhecido poeta Acácio de Paiva, dali natural.

Como é sabido, *enxame* é o latim examen, «tropel, ajuntamento de gente que segue caminho»; «*enxame de abelhas*» é sentido especial que o vocábulo adquiriu.

enxaravia

O NÔVO DICCIONÁRIO define êste vocábulo como significando — «toucado de mulheres, principalmente de meretrizes» —, e dá-o como termo antigo. Num artigo, publicado por Sousa Viterbo, intitulado AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS [3], vem transcrito um documento de 1454, no qual entre os de outros objectos está mencionado êste nome: — «enxaravias de seda e linho» —.

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 152.

[2] O ECONOMISTA, de 26 de outubro de 1888, citando o CAMPEÃO DAS PROVINCIAS, de Aveiro.

[3] *in* Portugalia, I, p. 367.

O Elucidário de Santa Rosa de Viterbo já traz a palavra:—«Tambem se chama *Polaina.* Era a insignia oprobriosa das alcoviteiras. Consistia n'huma *Beatilha de seda vermelha,* que traziam na cabeça, emquanto não partiam para o desterro»—. Cita o Livro v das Ordenações, Título 32, § 6.º, onde na realidade se lê o seguinte:—«Em todos os casos em que algũa mulher for condẽnada, por alcoviteira em algumas das penas sobre-ditas [nos §§ antecedentes], onde não haja morrer, ou hir degradada para o Brasil, traga sempre polaina, ou enxaravia vermelha na cabeça, fóra de sua casa, e não a trazendo seja degradada para sempre para o Brasil»—.

Do texto citado vê-se que a definição de Santa Rosa de Viterbo tem dois erros. Primeiro, provável: não se depreende claramente se *polaina* é a *enxaravia,* ou outra peça de vestuario; segundo, certo: a *enxaravia* era obrigatoria, quando não havia morte ou degrêdo, e não, como diz, sempre e precedendo o degrêdo.

Conforme Eguílaz y Yanguas é o vocábulo arábico AL-XARBIIE «faxa para a cabeça», de XARB «linho delgado». O arabista espanhol acrescenta:—«En la 2.ª [Polaina] és el ár[abe] GARAB, medias»—[1]. Êste último étimo é inexacto, mas lejitima a dúvida, de que *polaina* equivalha a *enxaravia.*

enxó(s)

No Alentejo é o nome de uma armadilha de alçapão, para apanhar perdizes.

O NÔVO DICCIONÁRIO, escreve *enxó(s),* e diz ser termo da Beira-Baixa, com significação análoga. É possível que seja uma acepção especial de *enxó* ¦ latim *asciola,* deminutivo de ascia.

---

[1] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

enxoval, *ajuar*

À primeira vista parecem muito diferentes êstes vocábulos, o primeiro português, o segundo castelhano pronunciado actualmente *aχuar*, com a fricativa póstero-palatal surda do castelhano moderno, em vez da dorsal *x* do português.

No castelhano antigo a forma era porém *axu(v)ar*, e o *x* tinha então o mesmo valor que tem em português.

Enxoval, não se deriva, como diz o Nôvo Diccionário, de exuuiae: é o arabe AL-XUAR, «dote», quer em dinheiro, quer em joias, quer em trem de casa [1]. No testamento de Pedro Rodríguez (1419), publicado na Revue Hispanique [x, páj. 230] lê-se: di a leonor rrodriguez axuar bien rico» —.

O *a* representa o artigo arábico AL, com assimilação do *l* à consoante seguinte *x*, por esta ser o que em terminolojia técnica se diz letra solar, porque por ela começa a palavra XAMS, «sol». Letras solares são nessa terminolojia as que se proferem com a ponta da língua, como *d, l, n, r, s, t, x;* lunares, as outras.

Com relação à mudança de *ax*... em *enx*... da forma portuguesa, cf. a forma valenciana *enxovar*, com a aragonesa *axovar* [2], e ainda o castelhano *azufre, azada,* com o português *enxofre, enxada.* Compare-se também *enxame* e *exame,* ambos do latim examen. Pelo que respeita à inserção do *v,* confrontem-se igualmente as formas castelhanas *loor, loar* com as portuguesas *louvor, louvar,* dantes *loar,* de que proveio *loa,* em latim laudare, e laus, laudis; *ouvir,* português com *oir* castelhano ⟨ audire; *goivo* ⟨ gaudium, etc. Êste *v* intercalar manifestou-se nas formas de orijem latina, depois da queda do *d,* para se evitar o conflito das vogais, ou hiato: a esta causa é

---

[1] Veja-se Eguílaz y Yanguas, Glosario de las palabras españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[2] Dozy & Engelmann, Glossaire des mots espagnols et portugais dérives de l'arabe, Leida, 1869.

devida a sua inserção em *enxoval*. Cf. ainda *viúva,* do latim uidua, passando por *uiua, viua, viúa.*

Modernamente alguns periodiqueiros, que se envergonham de escrever em português tudo que querem dizer aos leitores, começam a empregar, em vez de *enxoval,* a palavra francesa *trousseau,* nas tediosas descrições que fazem de qualquer casamento rico, nas quais nunca também omitem o ridículo *corbeille.*

eólito

— «em todas as epocas da pre-historia se fabricaram eolithos, isto é, peças [de pedra lascada] que apresentam um minimo de talha intencional» —[1].

O termo é moderníssimo, derivado artificialmente do grego ‘eōs, «aurora», e lit‘os, «pedra», e importa a noção de «primeiros vestíjios do talho da pedra feito pelo homem».

êrmo, ermar, ermamento

O substantivo *êrmo* seguiu a acentuação grega érēmos, em vez da latina erē'mus, que ao depois passou a ser érĕmus. Dêste substantivo derivou-se o verbo *ermar,* de que por neolojismo se fêz *ermamento,* como de *armar, armamento:* — «mas que nunca houve ermamento conhece-se com toda a clareza dos documentos da epoca» —.

Significa «despovoamento» [2].

---

[1] O Archeologo português, vol. x, p. 407.

[2] Alberto Sampaio, As «villas» do norte de Portugal, *in* «Portugalia», i, p. 283.

érvodo, érvedo

O Nôvo Diccionário inclui êste vocábulo, com remissão a *ervedeiro,* mas acentua *ervôdo,* o que me parece erróneo, visto que a palavra procede do latim arbŭtus, «medronho», arbŭtum, «medronheiro».

A existéncia dêste substantivo é postulada pelos seus derivados, *ervedeiro, ervedal,* que com outros figuram no onomástico corográfico. *Érvedo* equivale a «medronheiro», e no Minho chama-se-lhe *ervedeiro.*

esbandalhar, esbandalha

O verbo *esbandalhar* analisa-se como *escangalhar: es-band-alh-ar.* Desta forma derivou-se um substantivo rizotónico, de acção, *esbandalha,* que não figura nos dicionários:—«Logo após as primeiras chuvas do outomno procede-se ao que se chama a *esbandalha das moreias,* que consiste em regularizar as terras, aplanando-as»—[1].

Ignoro se o termo é geral, ou sómente alentejano.

esbarar

Termo transmontano, que significa «escorregar»:—«mas o de cima, sentindo pouca força nas mãos, que lhe esbaravam»—[2].

---

[1] Melo de Matos, Cultura dos trigaes no Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 623.

[2] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de Educação e Ensino», 1891.

escada, escadaria

A palavra *escada* não provém de scala com mudança de *l* em *d,* que seria absurda, pois o scala latino daria em português *escá(a),* mas sim de *escalada, escaada,* como já afirmou Júlio Cornu.

A noção da orijem da palavra perdeu-se porém, visto que se pronuncia *escadaría* e não *escàdaría:* cf. *pàção* ⟨ palacianum, e *fagueiro* ou *fàgueiro,* castelhano *halagüeño* [1].

A forma *escaada,* não contraída, existiu:—«Et todos desta collatione levavam as tabolas e a madeira ao Castello, et faziam o tavoado et as escaadas»—[2]. Notem-se as formas *tabolas* e *taboado*, a primeira com *l,* e a segunda sem êle.

escalavrar

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [3], êste verbo corresponde a um castelhano *descalaverar* ⟨ *calavera* ⟨ caluaria, com *a* anaptíctico. Mas como a *calavera* corresponde em português *càveira,* segue-se que *escalavrar* seria castelhanismo, atenta a permanéncia do *l,* e o adjectivo participial *escàveirado* que pressupõe um verbo *escàveirar*. Maior castelhanismo será ainda *descalabro,* substantivo verbal espanhol ⟨ *descalabrar*.

Cf. ainda *escalvado* ⟨ *calvo.*

O étimo proposto pelo CONTEMPORANEO, scalpellare, é improvável.

---

[1] V. A. R. Gonçálvez Viana, ÉTUDES DE GRAMMAIRE PORTUGAISE, *in* «Muséon», 1884.

[2] PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquirições de D. Afonso III, II, p. 416, col. II.

[3] REVISTA LUSITANA, III, p. 178.

escaleres

Como termo de jíria, quere dizer «olhos».

escalfar

Êste verbo significa «cozer em água quente».

O étimo parece ser *ex-cal(idum)-fa(ce)re,* conforme G. Körting [1].

escamalhar

J. Leite de Vasconcelos dá êste verbo como pertencente ao vocabulário de Trás-os-Montes, e com a significação de «escangalhar». Como êste, decompõe-se em *es-cam-alhar* { *cama,* e quere própriamente dizer *des-a-cam-ar* [2].

Cf. *esbandalhar (q. v.).*

escamel

Na língua comum: «banco de espadeiro». Deve ser o latim scamnellum; mas scamnum } *escano.*

Como termo alentejano significa um moço que avia recados, ou como lá dizem, *mandados* [3].

Há de ser outro o étimo. J. Leite de Vasconcelos sujere o latim casmillus, com metátese do *s, scamillus,* forma paralela a camillus, camilla, «donzel ou donzela, que auxiliava o

[1] Citado por G. Rydberg, Jahresbericht über die Fortschritte der romanischen Philologie, vi, i, p. 288.

[2] Revista Lusitana, ii, p. 117.

[3] *V.* Revista Lusitana, ii, p. 37.

sacerdote nos sacrifícios» [1], o que parece pouco provável. No entanto, cf. *escamillo,* castelhano.

escamondar, escamonda

—«No país só tenho visto applicar muito êste tratamento [o *desmoche, q. v.]* aos freixos e aos grandes salgueiros, mas pouco aos choupos, os quaes de ordinário são *escamondados*, isto é, desramados ao longo do tronco»—[2].

escamudo

Êste adjectivo, comparável a *peludo* | *pêlo, espadaúdo* | *espádua,* equivale a *escamoso,* mas com uma diferenciação de sentido: *escamoso* quere dizer «que tem escamas», *escamudo,* «que tem muitas escamas»:—«Setubal, 26... Peixe *maneiro* e *escamudo,* por isso apropriado para conservas»—[3].

Refere-se à sardinha.

escanc(a)rar, escánc(a)ras, caranguejo

Êste verbo significa «abrir enteiramente».

O Diccionário Manual etymologico de Francisco Adolfo Coelho nada diz a respeito da sua orijem; o Nôvo Diccionário dá esta como incerta. Pois não é muito difícil acertar com o étimo; basta comparar êste verbo com o toscano *sgangherare,* que quere dizer «tirar uma porta dos *lemes*»: *gangheri* | cancer, «caranguejo», e também «varão de ferro, grade», de cujo

[1] *ib.*

[2] Gazeta das Aldeias, de 11 de março de 1906.

[3] O Economista, de 28 de abril de 1891.

deminutivo cancellus procedeu *cancêlo*, e dêste *cancela*. *Cancro* em português designa um grampo de ferro com que se prende a madeira ao banco do carpinteiro, e neste sentido já o VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau traz o termo.

Conforme o Suplemento ao Nôvo DICC., chama-se igualmente *cancro* uma—«peça de ferro, com espigão, ou sem êlle, pâra fixar numa parede ou cantaria qualquer trabalho de carpinteiro»—. É natural que o termo tivesse, ou talvez tenha ainda, o significado de «gonzo», como o italiano *gánghero*. De *cancro*, com a vogal anaptíctica *a* entre o *c* e *r*, se formou *cáncaro*, que ainda é hoje a pronunciação vulgar de *cancro*; e dêste *cáncaro* se derivou o verbo *escancarar*, «abrir de par em par», como em italiano de *gánghero*, *sgangherare*.

É sabido que o nome do crustáceo *caranguejo* é forma deminutiva, { *cranguejo* { *cangrejo*, que é a castelhana e antiga portuguesa, e cujo étimo é o cancer latino.

De *escancrar*, forma mais antiga e curta se derivou o nome verbal *escancra*, como o povo o profere em geral, e com a vogal anaptíctica, *encáncara(s)*, que é forma considerada culta; mais deturpada porém que a popular, visto que, a ter-se derivado de *escancarar*, deveria pronunciar-se *escancára*, como a 3.ª pessoa singular do presente do indicativo, com a qual coincidem êstes substantivos verbais: cf. *o fabríco* { *fabricar* { *fábrica*.

O étimo de *sgangherare* foi apresentado por Sofo Bugge na Romania em 1874, e comparou-lhe o português *desengonçado* { *engonço* { *gonzo*; não lhe ocorreu o verbo *escancarar*, que provávelmente não conhecia, e que melhor corresponde ao italiano.

escandalizar

Êste verbo latinizado, scandalizare, do grego SKANDALÍZEIN { SKÁNDALON, «embate, pancada, armadilha», foi empregado por Tertuliano com a significação de «desinquietar, seduzir». Adquiriu acepções várias nas diferentes línguas para as quais passou, e em português a de «ofender», que também tem,

ou teve, em gascão, como vemos na comédia de Molière, Le Bourgeois gentilhomme:

— Bous boyez qué chacun mé raille,
Et jé suis escandalisé
Dé boir ès mains dé la canaille
Cé qui m'est par bous réfusé [1].

Parece porém que mesmo ao francês literário não foi estranho êste significado, pois o próprio Molière empregou nesse sentido o mesmo verbo em texto francês puro:

— Votre paresse enfin me scandalise,
Ma muse, obéissez-moi — [2].

escaparate

Êste substantivo nenhuma relação tem com o verbo *escapar*. Significa um «armário pequeno», o que nós chamamos *mostrador*, ou, segundo a terminolojia afrancesada dos caixeiros, *montra* { fr. *montre*, visto que *mostrador* em castelhano corresponde ao que em português se denomina *balcão*.

A orijem do vocábulo é o holandês schaprade, pronunciado *çyápràde*, quási *skaprade*, com a vogal intercalar *a*, e cujo significado é «armário de arrecadação».

Outros vocábulos holandeses passaram às línguas hispánicas; e sem citar os termos de marinha, apontarei, entre outros, *manequim* { *manken* «homemzinho», (queijo) *prato* { *plaat(kaas)*, «queijo chato», por oposição ao esférico, a que chamamos *queijo flamengo*, e que os espanhóis denominam *queso de bola*. Manuel Godinho Cardoso chamou-lhe *queijo de framengos* [3].

---

[1] Acto v, Ballet des Nations.

[2] Remerciment au Roi, Œuvres, Paris, 1760, t. viii, p. 168.

[3] Bibl. de classicos portuguezes, vol. xli, p. 31. (Fins do século xvi).

A palavra *prato* significa, do mesmo modo «chato» | *platus, plata, platum* | grego PLATÚS, PLATEÎA, PLATÚ; *chato* é forma mais antiga, da mesma orijem.

escar(a)funchar

Verbo muito popular, com a significação de «esg(a)ravatar». Deriva-se de uma forma latina *scar(i)phunc(u)lare* [1].

escar(a)mentar

Êste verbo é antiqùíssimo, pois já foi usado pelo trovador Raimbaldo de Vaqueiros—«Todo 'n soy escarmentado»—[2].

A forma com *a* intercalar é considerada plebeísmo. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos atribui-lhe como étimo o latim experimentare [3], que me parece improvável em razão da mudança singular de *p* em *c*. Júlio Cornu [4] considerou possível ser *escarmentar* derivado de *escarmento* ou *escramento* [5], e êste procedente de excrementum, hipótese inadmissível, a meu ver, atenta a significação. A mim parece-me que a etimolojia será um verbo latino popular *ex-carmiǹitare* | carminare | carmen, carminis, «carda»: cf., emquanto à significação, *escaldado* em português, *escamado,* em castelhano.

Outro étimo, que ofereceria iguais, senão maiores probabilidades, seria Carpentes, «profetizas, adivinhas», nome derivado de carmen, antigo casmen, no sentido especial de «vaticínio»;

---

1 REVISTA LUSITANA, IV, p. 336.

2 Citado por Milá y Fontanals, DE LOS TROBADORES EN ESPAÑA, I, p. 132, n. 11.

3 REVISTA LUSITANA, III, p. 154.

4 GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 778.

5 *escramentado* em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXLII.

e neste caso teríamos de supor um verbo *carmentare* freqüentativo de *carminare,* «vaticinar», postulado pelo particípio do futuro passivo carminabundus, empregado com valor de adjectivo. Outro étimo, que já em 1874 foi proposto por Sofo Bugge na Romania, é *ex-carpimentum* ⟨ *ex-carpere,* por excerpere, «apartar, escolher do mal o menor, aproveitar».

Eis aqui uma abonação bastante antiga do verbo *escarmentar* em castelhano: — «Et otrossi tenemos por bien que los de esta puebla [Espinar] que puedan escarmentar e peindrar *[pignorare]*» —[1].

escar(a)pelar

Conforme J. Cornu de scalpellare, com *a* anaptíctico. Todavia, temos *carpela* do milho, substantivo, que parece ter dado orijem a êste verbo.

escarçar; esgarçar, *escarchar*

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2], o primeiro dêstes verbos, que parecem formas diferentes de um só primitivo, derivar-se-ia de *ex-carptiare* ⟨ carpere, «carpir, colhêr» (cf. *caçar* de *captiare),* étimo só admissível para um dos significados, «tirar a cera das colmeias»; segundo Körting [3], *escarchar* proviria de *ex-quartiare,* «esquartejar». O mais natural pois é, congraçando talvez as duas opiniões, separar, o primeiro *escarçar,* do segundo, equivalente a *esgarçar,* e dar a êste, bem como a *escarchar,* o étimo de Körting.

---

[1] Júlio Puyol y Alonso, Una puebla en el siglo XIII, *in* «Revue Hispanique», vol. XI, p. 250. (Era de 1335, *i. e.* 1297).

[2] Revista Lusitana, III, 143.

[3] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1890, n.º 3006.

escarumba

Esta palavra, que se emprega como motejo com referéncia a negros, usou-a Rocha Peixoto:—«A torpesa genesica de varios portugueses que carreiam para o continente, do Brasil e da Africa, a progenie escarumba»—[1].

O artigo em que tam estranho vocábulo recebeu foros de literário é de crítica, violenta mas justíssima, a um livro publicado em França, acêrca de Portugal, livro em todos os pontos de vista misérrimo e ridículo, infelizmente escrito por portugueses.

escasso

Como é sabido, êste adjectivo provém do latim scarsum, e conseguintemente deve escrever-se com *ss,* e não com *ç;* cf. *avesso* ⟨ aduersum.

Como substantivo está empregado no trecho seguinte:—«Ha agora mais trabalho na ria, porque muitos braços se empregam na apanha de escassos»—[2]. Ignóro a significação.

escrivão

O povo costumava chamar, com bastante graça, *escrivão da pena grande* ou *comprida* ao varredor das ruas, que se servia de uma vassoura de longuíssimo cabo, e a empregava inclinando êste sôbre o ombro.

---

[1] Portugalia, I, 663.
[2] Campeão de Aveiro, de 8 de setembro de 1886.

escusa-galés

Espécie de embarcação:—«e dêstes [parós] quatro se fizeram e serviram depois de escusa-galés»—[1].

esganar

Êste verbo tem o significado comum de «afogar apertando as goelas». O particípio *esganado* significa «sôfrego, avarento». É um derivado de *gana,* palavra que parece não ser muito antiga na língua, visto que Bluteau a não incluiu no seu VOCABULARIO.

Diz-se *estar esganado com fome,* e nesta locução o particípio *esganado* tem a mesma significação virtual que o substantivo *gana,* «grande apetite, grande vontade».

A acepção primordial do verbo *esganar,* «afogar», porém, não se compadece com tal significação. Ora, como é trivial esta outra locução popular *«sou capaz de lhe arrancar as ganas do comer fora»,* e nela inquestionávelmente a palavra *gana* quere dizer *goela;* é desta acepção que provém o significado de *esganar* «apertar as goelas». Em castelhano *desganar* significa «tirar a vontade».

A palavra *gana* é de orijem germánica, muito antiga em castelhano, onde ainda hoje corresponde a «vontade, desejo», e de Castela provávelmente foi trazida a Portugal.

De *esganar* se derivou *esgana* «doença nos cães». Cf *esganiçar-se,* em castelhano *desgañitarse.*

---

[1] Padre Manuel Bernárdez «Descrição da cidade de Columbo» [Ceilão], *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 92.

esguíçaro, esguízaro

Estas duas formas correspondiam antes a *suíço*. José Leite de Vasconcelos entende serem de procedência italiana [1], e em toscano se diz realmente *svízzero*; é possível que nalgum dialecto, *sghízzero*. Os suíços a si próprios se chamam *Schwizer*, pronunciando quási *xevítcer*.

Suíça, como certo talhe de barba, é o adjectivo *suíça* substantivado, com elipse do substantivo *barba*.

esguicho

— «**Bateiras de pesca.** Ha tres typos: o da bateira de Aveiro e Ilhavo... e os dois typos murtozeiros: a *labrega* e a *chinchorra (q. v.)* a que tambem chamam *esguicho*. Estas duas differem uma da outra em ser a segunda maior e muito mais arqueada e levantada de prôa e ré, approximando-se muito dos barcos do mar da Torreira» — [2].

esmola, esnoga

O étimo de *esmola* é sem dúvida o latim e l e e m o s ў n a, vocábulo enteiramente grego, ELEĒMOSÚNĒ, «compaixão, dó» | ELEÉŌ, «ter dó». Os trámites por onde passou tam longo vocábulo para chegar ao trissílabo actual foram: *e l e m o s n a, elmosna, (almosna* no LIVRO DE ALEXANDRE: cf. cast. *limosna), esmolna, esmonla* (cf. *moleiro* | *monleiro* | *molinarium)*. Da forma *esmolna* há documento antigo, citado no Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO.

---

[1] O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, V, p. 3.

[2] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* P o r t u g a l i a, II, p. 61.

Transformações análogas sofreu *sinagoga,* para chegar à forma medieval *esnoga,* ainda hoje em dia usada pelos judeus portugueses: *sinagoga* } *esnaoga* } *esnoga.*

espada, espadela, espadelada, espadilha, espadeiro, espadeirar; espádua; espaldar; espátula; espatela

Espada é o latim spatha, em que o *th* foi tratado como se fosse *t* [1]. Dêste vocábulo se derivou *espadela,* que além de designar uma espécie de remo, a que os franceses chamam *pagaie,* é o nome de um instrumento agricola:—«A *espadela* é uma espécie de podoa de madeira, em que se distingue a *cota,* o *fio* ou *gume* e o *punho*»—[2].

Espadelada procede de *espadelar,* e êste de *espadela. Espadilha,* além de ser o nome do ás de *espadas* em vários jogos de cartas, denota uma ferramenta própria de tecelão:—«uma regoa de madeira chamada *espadilha*»—[3]. Serve para formar a urdidura. Deve de ser castelhanismo em ambos os sentidos.

Não são sómente êstes os derivados de *espada,* ou dos seus derivados; há muitos mais, que podem ver-se nos dicionários. Um dêles é *espadeiro,* «fabricante de espadas».

De *espadeiro,* pronunciado *espạdeiro,* com *a* surdo na 2.ª sílaba, declaram os mesmos dicionários derivar-se *espàdeirada,* com *a* aberto átono da dita sílaba, e que não significa o que a sua formação exijiria, a ser verdadeira a derivação, «pancada dada *pelo espadeiro,* ou *com um espadeiro,* ou *espadeira,* ou *num espadeiro* ou *espadeira*». (Cf. *cutilada, catanada, punhalada),* mas pancada dada com a *espada.* ¿De onde veio pois a sílaba intercalar *-eir-,* visto não dizermos *espadada,* e o *a* ser aberto em *espàdeirar, espàdeirada,* sendo surdo em *espadeiro?*

O Vocabulário portuguez e latino de Bluteau resolve esta,

[1] Ortografia Nacional, Lisboa, 1904, p. 63.

[2] [3] Portugalia, i, 370-373.

como tantas outras dúvidas. Nele não está rejistado o substantivo *espadeirada,* mas únicamente *espaldeiràda,* que é definido: — «Quando se dá de prancha com a espada» —. Deriva-se pois *espaldeirar*, *espaldeirada* de *espalda,* «ombros, costas»; e *espaldeirada* pressupõe um primitivo *espaldeira,* ou *espaldeiro,* derivado, como *espaldar,* de *espalda,* «espádua(s)», e também *encôsto,* como *cadeira de espaldar,* que vem no mesmo Vocabulário. Pela semelhança de *espalda* com *espada,* suprimiu-se depois o *l,* que os diferençava, no derivado *espàdeirada,* conservando-se aberto o *a,* como teria de sê-lo antes de *l* da mesma sílaba, fosse tónico, ou átono; cf. *falta, faltar* com *fala, falar.*

É de notar que *espádua, espalda* são derivados de spathula, deminutivo de spatha, e portanto orijináriamente o mesmo vocábulo. Assim, *espádua* { spathula, com perda do *l* intervocálico (cf. *mágoa* de macula); *espalda* { *spaluta,* metátese de spathula, como espaldar de spalutare [1].

O outro derivado artificial e recentíssimo de spathula, que já dera *espátula,* é *espatela:*— «A espatela é uma taboinha inoffensiva, que serve para abaixar a lingua, afim de melhor se poder ver a garganta» — [2].

espelir

No Minho, «expirar, morrer».

espera (1)

Forma antiga correspondente a *esfera.* [V. *espera,* na «Ortografia Nacional», do autor] [3]. Formado do sphaera latino, lido *spera.* Foi também o nome de uma peça de artelharia [4].

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 286.
[2] O Dia, de 2 de julho de 1904.
[3] Lisboa, 1904, p. 63-65.
[4] *ib.*

espera (2), esperista

Substantivo rizotónico do verbo *esperar*. Tem vários significados, e entre êles, é o nome de uma peça do tear, *espera da roda do órgão do pano* [1].

— «Todas as vezes que entre nós se caça á espera e esta é sempre feita a uma determinada especie, o primeiro cuidado do caçador, para ser bem succedido, é impedir por todos os meios possiveis que seja notada a sua presença... nesse caso o *esperista,* nome dado ao caçador de espera, construe... *barracas* de ramos, em que se embusca» — [2].

O vocábulo *espera* foi também usado antigamente no sentido de «lugar onde se espera», «prazo dado», «sítio ajustado para encontro».

Nesta acepção foi imposto a um cabo na Terra Nova, por ocasião da viajem de Côrte Real, *Cabo da Espera,* denominação que os ingleses converteram em **Cape Spear**, «cabo da lança». Cumpre advertir que o vocábulo inglês *spear,* actualmente pronunciado *spíar,* era há três séculos ainda pronunciado *spéar*. Outras denominações dadas pelos portugueses a acidentes de terreno naquelas parajens foram igualmente alteradas, para que formassem sentido em inglês, tais como **Cape Race**, por *Cabo Raso,* **Ferryland** por *Farelhão,* etc. [3].

esperto, espertar, espertador

O adjectivo *esperto,* que tem muitas acepções, mais ou menos relacionadas com o seu étimo latino expertum, particípio pas-

---

[1] Portugalia, I, p. 374.

[2] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 95.

[3] *V.* H. P. Biggar, THE VOYAGES OF THE CABOTS AND OF THE CORTE REALS TO NORTH AMERICA AND GREENLAND, 1497-1503, *in* «Revue Hispanique», X, p. 587, notas.

sado passivo de expergere, «acordar», ou com o verbo *espertar,* teve um significado muito especial, que vemos apontado no seguinte trecho:—«Em me dando autorisação para lhes applicar uns *tratos espertos,* eu os farei falar»—[1].

Espertador é o nome que antes se dava, e o povo ainda dá, ao que os cultos chamam *despertador* «relojo com carrilhão para acordar as pessoas a horas certas».—«Um relojio de horas, com seu espertador»—[2].

espevitar, espevitado

Espevitar uma vela ou torcida é «cortar-lhe o murrão». E como a luz depois dessa operação fica mais viva, dizemos que uma pessoa é *espevitada* quando é esperta em demasia, e *língua espevitada* é «língua desembaraçada». Esta última expressão não é moderna, pois a vemos em texto do XVII século:—«Respondeu com grande esperteza e língua muito espevitada»—[3].

espiar, espear

Como o verbo se conjuga nas formas rizotónicas com *i,* e não *ei,* não há remédio senão escrevê-lo sempre com *i.* Todavia, vê-se que houve confusão com os verbos em *-iar,* como aconteceu com *criar* (creare *(q. v.).*

Deu-se portanto confusão entre êstes dois verbos, de tam diferente significação, pois o primeiro, de orijem germánica, quere dizer «vijiar», e o segundo, conforme D. Carolina Michaë-

---

[1] António de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL.

[2] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

[3] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 24.

lis de Vasconcelos, derivado do latim *ex-panare* { panum [1], designa—«acabar de fiar a estriga que cinjia a roca»—, segundo a definição do Nôvo Diccionário.

O latim panus, queria dizer—«a canela de fiado, ou armeo de lã preparada para se fiar»—[2]. De *ex-panare* proviria *espẽar* e depois *espear,* que deveria conjugar-se *espeia,* e não, *espia.* Todavia, *espiar,* neste sentido, poderia também ser *espigar:* cf. *liar* { ligare.

espiga, espigo, espigão, espigueiro

O primeiro dêstes vocábulos designa a parte terminal da haste de certas gramíneas em que se conteem os grãos, as sementes; as do milho chamam-se própriamente *maçarocas,* termo que também se aplica ao linho que está enrolado na roca. O terceiro vocábulo, forma aumentativa, quere dizer uma ponta aguçada que se crava em qualquer parte para segurar a peça a que pertence. Neste sentido vemos a forma *espigo,* não rejistada nos dicionários, empregada no trecho seguinte:—«no centro da [mó] inferior ha um espigo de ferro onde entra a segurelha *[q. v.]* de madeira»—.

É provável que *espigo* não seja própriamente a forma masculina, correspondente à femenina *espiga,* formação aliás muito usual (cf. *cêsto* e *cesta),* mas sim, o latim spiculum, deminutivo de *spicum,* { spica, que designava em latim o ferrão de alguns insectos, do lacrau, etc. As formas intermediárias foram *spigulum, espígoo:* cf. *bágo(o),* de baculum.

De *espiga* se derivaram vários vocábulos, tais como *espigueiro,* nome que também se dá no norte ao *canastro (q. v.)* ou *caniço,* mormente se é feito de pedra e cal e não de vêrga ou canas.

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 158.

[2] J. António Ramalho, Magnum lexicon Latinum et Lusitanum, Lisboa, 1819.

espilrar, espirrar

A primeira destas formas é popular, e mais conforme com a etimolojia, que é uma forma latina *expirulare* por *expilulare* { pilula (cf. *pírola,* que tem a mesma orijem). A forma imediatamente anterior a *espilrar* é *espirlar* (cf. *melro* { merulum, e *bilro* { *birlo,* que é também { pilulum). *Espirrar* provém de assimilação do *l* ao *r* seguinte.

espinho, espinha

Espinho é o latim spinum (forma de transição *espĩo); espinha* o plural spina, tomado como singular femenino, que tem duas acepções principais: o «arcabouço ósseo dos peixes», «borbulha». No norte, para particularisar êste sentido, diz-se *espinha brava:*—«Nasceu-lhe uma espinha brava no hombro direito»—[1].

espojar, espôjo, espojinho

A pronúncia popular é *espǫjár,* com *o* fechado átono, que se converte em aberto, quando é tónico: *espójo, espója,* etc. Oscar Nobiling [2] dá como étimo a êste vocábulo, que significa «rebolar-se no pó, como faz o jumento», e daí, «arrastar-se pelo chão», spodiare { exspodiare { spodium, na significação de «cinza». *Espojinho,* que poderia ser um deminuitivo de *espôjo,* significa «remoínho de vento que levanta pó»:—«Faltava, porém, uma prova mais convincente de que o pó elevado no valle do Orinoco pelos espojinhos (como aqui chamamos no Alemtejo aos remoinhos ou pequenos cyclones que aspiram o pó)»—[3].

---

[1] Ricardo Jorje, A PESTE BUBONICA NO PORTO, p. 4.
[2] BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, Série 21.
[3] O SECULO, de 10 de março de 1902.

espreitar

Êste verbo, usado em português sómente, que eu saiba, deriva-o D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos de *explic'tare* por explicitare: Confronte-se *empreita,* «tecido de palma», de *implic'ta,* por implicita, que confirma a etimolojia; cf. ainda *estreito* ⟨ *strictum* [1].

espremedicinho

Êste singular deminutivo, de *espremediço* ⟨ *espremido* ⟨ *espremer,* aplica-se a um animal mais pequeno e enfezado que outros da sua espécie, em meio dos quais vive.

esquartejar, esquartejadouro

Êste verbo quer dizer partir em quatro quartos, «fazer em postas». Singularmente o emprega António Francisco Cardim, num sentido que é um contra-senso, e é natural que lhe não ocorresse a orijem da palavra:—«ficou o imperio esquartejado em tres partes»—[2].

O substantivo *esquartejadouro,* feito à semelhança do *équarrissage* francês, é recente, mas perfeitamente admissível:

—«O sr. Martinho Guimarães, vereador da fazenda municipal, propoz aos collegas que o transporte para os esquartejadouros, dos animaes que morram na via publica, seja feito em carroças da camara, que não tenham outra applicação»—[3].

O termo era já oficial, visto constar do Decreto de 7 de fe-

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 146.

[2] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 217.

[3] O Economista, de 24 de março de 1893.

vereiro de 1887. Ainda bem que o estrambótico *équarrissage* morreu à nascença!

esquilo, esquio

O nome dêste formoso animal, que suponho não existe actualmente no nosso país, deve ter a mesma orijem que o francês *écureuil,* isto é, em latim *scuirulus, scuirolus,* derivado de sciūrus, que era o seu nome latino do grego SKÍOUROS; de outro modo seria extraordinário que o *sci-* latino produzisse *esqui-*. A forma é em todo o caso singular, convindo advertir que Gil Vicente escreveu *esquio,* e não, *esquilo:*

> Êste não é furão,
> Nem gineta, nem esquio,
> É um bichinho vadio [1].

Em castelhano chama-se-lhe *ardilla,* mas também se disse *esquilo,* que pelo *l* é mais espanhol, que português.

esquina, esquineta

Como nome de jôgo, não colijido nos dicionários, é o francês *lansquenet* { alemão *lands-knecht,* «soldado de milícias, e nome de jôgo». *V.* Júlio Moreira, *in* REVISTA LUSITANA, IV, páj. 267, onde vem a abonação de Camilo Castelo Branco: — «Arranchava com vadios nas noitadas das tavernas onde se jogava a esquineta e monte» —. Parece a J. Moreira ter havido a mui provável influência da palavra *esquina.*

---

[1] AUTO DAS FADAS.

esquinante, esquinote

— «para apertar o fundo das vasilhas ou desengrossa-las empregam [os oleiros] um pau aguçado, o *esquinote* (Baião) ou *esquinante* (Villa Secca)» —[1].

essa, eça

Júlio Cornu, nos «Elementos de Filolojia Románica» [2], e não sei se já antes dêle D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, indicou a etimolojia dêste vocábulo, modernamente escrito *eça,* isto é, errado, como tantos outros. Deriva-se êle do latim ersa, femenino do particípio passivo * ersum, de erigere, e significa portanto «erguida». Com efeito, são numerosos os vocábulos em que a *rs* latino corresponde *ss* em português; tais são *travessa, pessoa, pêssego* (também erradamente escrito *pecego),* do latim transuersa, persona, (malum) persicum, etc.

Fernám Méndez Pinto [3] escreveu aquela palavra com *ee, eessa*=*éssa:*— «hum cadafalso... e no meio delle hũa tribuna de doze degraos com hũa eessa quasi ao nosso modo,...» —. A razão desta escrita está em que era necessário diferençar o vocábulo do femenino do pronome *êsse, essa,* que no seu tempo, como ainda hoje no norte do reino, era pronunciado *êssa*, sem a metafonia do *ê* em *è,* que se manifestou ao depois no sul, e no centro, de onde era natural Pinto.

O apelido *Eça,* porém, tem de certo outra orijem, e na Peregrinação [cap. cciii] encontra-se escrito com *ç,* diferençado

---

[1] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal, *in* Portugalia, ii, p. 76.

[2] Grundriss der romanischen Philologie, i, p. 702.

[3] Peregrinação, Lisboa, 1830, cap. clxvii.

portanto daquele outro vocábulo. Com *ç* o escreveram igualmente João de Barros e Diogo do Couto, nas DÉCADAS DA ÁSIA [1].

estandal

— Nunca tantos estandaes
Ardero' ante o seu altar.

Êstes versos fazem parte de uma poesia do «Cancioneiro da Vaticana» (a 807), transcrita por Sousa Viterbo no seu artigo AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS [2]. Parece designar um «renque de velas acesas».

estanheira

— «Nas guirlandas e estanheiras lá se veem os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro» — [3]. É um cabide para louça, o que em Espanha se chama *espetera,* em Trás-os-Montes *espeteira* [4].

estarim

É um termo de jíria, que significa «prisão, calabouço».

No caló, ou dialecto dos ciganos de Espanha, *estardó* quere dizer «preso», *estaribel,* «prisão».

---

[1] Já publicado êste artigo na «Revista Lusitana», VII, 1900-1901, donde é extraído com leves alterações. F. Méndez Pinto nasceu em Montemor-o-Velho, e faleceu em Almada.

[2] *in* Portugalia, I, p. 368.

[3] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 538.

[4] Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO.

estatelado

A êste particípio adjectivado de um verbo *estatelar-se* dá o Nôvo Diccionário orijem incerta. Com pouca probabilidade o explica D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos pela forma popular de *estátua, estátula,* de sorte que *estatelado* estaria por *estatulado*. Seria no entanto singular que um verbo, cuja significação é «ficar estendido», fosse tirado de um nome que quere dizer «figura erecta, erguida, em pé» [1]. Mesmo para o povo, que alterou *estátua* em *estátula,* esta última forma designa sempre «figura de pessoa, em pé» e não, «estendida no chão». A etimolojia, pois, está muito lonje de ser evidente.

estatuario, estatutario

Nenhum dêstes adjectivos é português, como derivado de *estatuto*. O primeiro, a que infelizmente deu cabida o Nôvo Diccionário no Suplemento, vê-se bem ser um disparate, não sei por quem inventado, pois *estatuario* deriva-se de *estátua,* e não de *estatuto;* o segundo é cópia do francês *statutaire.*

Se se quere à viva fôrça fabricar um adjectivo correlato a *estatuto,* deve êle ser *estatuto* { statutus,-a,-um, latino, ou *estatucional:* cf. *constitucional:* { *constituição:* constitutus.

Passa-se perfeitamente, porém, sem tal adjectivo, porque não é de rigor esta fabricação de adjectivos, que caracteriza modernamente o estilo artificial e aspérrimo de certos escritores, moda que deu orijem ao célebre adjectivo *mundial,* e ainda ao mais célebre *estadoal!*

---

1 Revista Lusitana, III, p. 158.

esteira, esteiralho

O étimo mais evidente é o latim storea; mas não se explica por êle o *e* da palavra portuguesa, a não ser que se suponha, o que é violento, uma orijem imediata de um castelhano *estuera;* cf. *frente* { *fruente* { frontem (?).

J. Leite Vasconcelos supõe *stataria,* por haplolojia *staria* [1], com certa probabilidade, pois se justificaria o *estera* castelhano, igualmente.

O derivado *esteiralho* vem assim descrito nas NOTAS ETHNOGRAPHICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA [2]: — «*Esteiralhos* — Apparelhos empregados para a pesca da tainha e outros peixes saltadores; consistem n'uma porção de esteiras de *bunho,* ligadas umas ás outras» —. O termo não está colijido nos dicionários.

estepe

Esta palavra é russa e entrou em moda, para designar uma extensíssima planície naquele país. Não era necessária, mas não é muito inconveniente. É claro que a foram buscar ao francês *steppe* os escritores portugueses que a empregaram, com excepção de um único [3], que sabe perfeitamente russo e a acomodou a português com a forma *estepa,* como em castelhano ela foi alterada. Cumpre, porém advertir que a palavra russa é STEPĬ, pronunciada quási *stiépi,* que é femenina e tem um único *p,* e não os dois com que os franceses a enfeitaram, sem motivo nenhum. Assim teremos de dizer em português ou a *estepe,* ou a *estepa,* se se prefere: pela minha parte, agrada-me mais a *estepe;* de modo nenhum *o esteppe,* que é um barbarismo.

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 266, nota.

[2] *in* Portugalia, I, p. 382.

[3] Zófimo Consiglieri Pedroso.

estiar

Em Bragança estiar o gado é «pô-lo à sombra».

estojeiro, estojeira

É um neolojismo muito bem feito, para significar o fabricante ou a fabricante de *estojos*: — «quando falta trabalho para as ajuntadeiras, estas vão auxiliar as *gravateiras*, luveiras, e estojeiras» — [1].

estou-fraca

— «A *Pintada, Gallinha da Índia, Gallinha da Guiné, Gallinha da Numida* [aliás *Numídia*], *Estou fraca* ou *Meleagris*, é uma curiosa ave originária da África, pertencente à família dos gallináceos» — [2].

O nome provém-lhe de um grito particular, que é a voz dela.

Estranjeirismos

Em 1902 publicou, pela Livraria editora Tavares Cardoso & Irmão, Cándido de Figueiredo um livro intitulado OS ESTRANGEIRISMOS.

Esses estranjeirismos são certos vocábulos e locuções em várias línguas, entre elas a latina, que a meúdo se intercalam em texto português, elucidados com explicações que aclaram o sentido deles.

Não é dêsses estranjeirismos que aqui vou dar exemplos,

[1] Asilo-Oficina de Santo António, *in* O SECULO, de 24 de julho de 1900.

[2] GAZETA DAS ALDEIAS, de 18 de março de 1906.

colhidos em leitura de periódicos principalmente; é dos que são censuráveis por inúteis, e que, principalmente de locução, fervilham na escrita hodierna, em razão das traduções feitas à pressa por pessoas inábeis, que tendo pouca leitura portuguesa, e ignorando a índole da língua pátria e o tesouro da sua linguajem, mesmo da trivial de que se serve o povo, utilizam a torto e a direito expressões estranhas, sem sombras de propriedade ou necessidade.

Quando tais estranjeirismos eram de vocábulos, José Inácio Roquete assinalava-os por uma mãozinha no seu Diccionario [1], sentenciando-os com um comentário, mais ou menos severo, consoante o seu emprêgo menos ou mais justificado.

Principiarei pela palavra *estranjeiro.*

Entrou já, até na linguajem oficial, a locução elíptica *ir ao estranjeiro, mandar vir do estranjeiro,* etc. É um galicismo, pois *estranjeiro,* como substantivo, sem mais epíteto, quere dizer «o indivíduo estranjeiro, que pertence a outra nacionalidade». Em português dizia-se *ir fora (do reino), mandar vir de fora,* e pode, com maior clareza e menos vernaculidade dizer-se: *ir a terras estranjeiras, mandar vir de país(es) estranjeiro(s),* etc.

Apontarei mais alguns estranjeirismos, corrijindo-os.

1.— *Vinho de Bucellas, é* **tudo que ha de melhor**— [2].

Êste galicismo foi, creio, introduzido pelo gracioso comediógrafo Gervásio Lobato, que por outra parte era bem português e vernáculo nas suas engraçadas peças de teatro. A correcção é— *quanto pode ser bom.*

— *Cuja ascendencia* **era tudo o que ha de mais humilde e ignorado**— [3]. Correcção:

— *cuja ascendencia era, quanto possível, humilde e ignorada*—.

2.— *Com uma pneumonia* **tem guardado o leito** *a Snr.ª*

---

[1] Paris, 1848.

[2] O Seculo, de 14 de setembro de 1902.

[3] *ib.*, de 16 de novembro de 1902.

D. Marianna da Conceição Duarte—[1]. Depreende-se que arrecadou, ou mandou arrecadar o leito a tal senhora, e que passou a dormir em cama-de-chão; ou então, que fêz um solene disparate, mandando guardar a cama, quando mais precisava dela. É um galicismo, a todos os aspectos ridículo, pois nem *leito* é em francês *lit,* mas *bois de lit,* quando é de madeira, nem em tal sentido se diz em português *guardar:* o que se diz é *ficou de cama.*

3.—**já abandonou o leito**—, quere dizer em português, «já se não serve dêle». A correcção é: *já se levanta.*

4.—*A falta de toda e qualquer informação não permitte* **ajuntar** *credito*—[2]. Crédito não se ajunta, o que se ajunta é dinheiro, quando êle sobeja, o que para quási todas as pessoas é cousa rara. Correcção: *não permite dar credito.* Traduziu-se mal o francês *ajouter foi.*

5.—**engajadas**... *as forças* [3]: é o francês *engagées;* em português diz-se *empenhadas, travadas.*

Vou em seguimento apontar uns poucos de anglicismos, colhidos na mesma folha periódica, o ano passado, a denunciarem tradução de inglês.

6.—*os mais* **sanguineos** *russophilos:*—em inglês *sanguine,* que quere dizer «esperançados».

7.—*A França e a Inglaterra tinham* **arranjado**—(inglês *arranged),* isto é, *combinado.*

8.—*O orgulho japonez constitue um phenomeno tão intenso n'aquelle povo, que deixa de ser apenas objecto* **d'uma** *observação*—. Há aqui um anglicismo de sintasse, que torna absolutamente inintelijível o conceito.

9.—*e sobre elles* [os factos consumados] *negoceiem com o Japão, ignorando as pretensões da Russia* (inglês *ignoring):* quere dizer «pondo de parte, desatendendo». Em português *ignorar* significa «desconhecer, não saber».

[1] *ib.* de 29 de outubro de 1902.

[2] O Dia, de 25 de junho de 1904.

[3] Diario de Noticias, de 27 de agosto de 1904.

estregar, esfregar

O Nôvo Diccionário dá, como inserção própria dêle, o verbo *estregar,* com a significação de — « transferir para um papel, tábua, etc., com uma boneca embebida em pó de carvão, (um desenho picado) » —.

Como étimo oferece-nos em dúvida *extergar,* do latim tergum; o *extergar,* porém não figura nem no dicionário, nem no Suplemento.

A edição dos Lusíadas da « Bibliotheca Portugueza », numa nota à estança 39 do VI Canto do poema, diz-nos o seguinte: — « *Estregando,* 1.ª e 2.ª ed. Mas he visivelmente erro de impressão, porque em nenhum author classico, nem no mesmo Camões [como se êle não fôra o primeiro classico], fóra dêste logar, se encontra similhante verbo; e quando o poeta o trouxesse do latim *extergere,* ou do castelhano *estergar,* por isso mesmo que o introduzia de novo, escreveria *estergar* e não *estregar,* a fim de ser entendido. Emendamos por tanto *esfregando,* como se lê na ed. de F. de Sousa » —.

Sempre foram muito divertidos êstes comentadores, que resolvem as dúvidas que teem por meio de raciocínios seus, e emendam os textos por conta do autor, com a mais suprema sem-cerimónia.

Na escrupulosa edição de F. Adolfo Coelho [1] a referida estança veio impressa do seguinte modo:

— Vencidos vem do sono e mal despertos,
Bocijando a miudo, se encosta*r*ão
Pellas antenas, todos mal cubertos
Contra os agudos ares que assopra*r*ão;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando [estregando], os membros estira*r*ão:
Remedio contra o sono buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.

---

[1] Do Diario de Noticias, 1880, distribuição gratuita.

Teve o douto professor o cuidado de pôr ambos os vocábulos, mas infelizmente deu a preferéncia a *esfregar*, què deveria estar entre o paréntese, e *estregar*, fora dêle.

Quem escreveu a nota que citèi, e cuja autoria não sei a quem pertence de direito, ou de torto, enganou-se no seu castelhano, pois *estregar*, e não, *estergar*, é que se diz e se escreve nesta língua, e é um freqùentativo ou de *extergare* { extergere, «apagar, desvanecer», ou de exterere, «roçar», isto é, *extericare*, mais provávelmente do primeiro, não obstante várias opiniões em contrário [1]. Quanto à metátese do *r* de *-ter-*, é tam freqùente, que não vale a pena justificá-la: cf. *prejuizo* e *perjuizo*, *apretar*, castelhano, e *apertar*, português.

¿E quem disse ao anotador que o vocábulo seria neolojismo, se todos os dias termos vulgares passam a literários?

O português *esfregar* representa o latim ex-fricare, na Beira-Baixa *roçar*. Em castelhano existe *fregar*, mas não, *esfregar*.

estreloiço

Em S. Miguel dos Açôres significa—«rumor repentino e forte»—[2].

estromento

É a forma antiga de *instrumento*, «documento».

É já da baixa latinidade, *strumentum* [3].

---

[1] *V.* Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, 1891, n.os 2948, 3031 e 7818.

[2] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[3] Jahresbericht über die Fortschritte der romanischen Philologie, vi, i, p. 119; Rui de Pina, Crónica de El-Rei Dom Afonso v, cap. iii.

esturião, esturjão

— «Mandaram hontem um magnifico esturjão, ou esturião, mais vulgarmente conhecido por sôlho-rei» —[1].

etário

Extravagante adjectivo: — «Não ha edades poupadas; as victimas veem de todas as classes etarias, desde os 2 annos até aos 80» —[2]. ¿Onde iria o autor buscá-lo?

euplócomo, euplócamo

O Nôvo Diccionário incluíu a primeira destas formas, definindo-a: — «que tem cabêllo fino e encaracolado» —. No Suplemento emendou *euplócomo* em *euplócamo*, que fôra a forma por mim empregada no capítulo Linguas e Raças que escrevi para os Elementos de Geographia Geral, de M. Ferreira Deusdado [3], seguindo a classificação de Frederico Müller [4], que adoptara esta expressão. O epíteto é homérico euplókamos, «com bonitos caracóis (de cabelo)».

e(u)scaldunac, escalduno, escaldune

A primeira destas formas vem no Nôvo Diccionário com o *u* na primeira sílaba, que alguns dialectos vasconços rejeitam:

---

[1] O Seculo, de 20 de maio de 1900.
[2] Ricardo Jorje, A peste bubonica no Porto, 1900, p. 55.
[3] Lisboa, 1891, p. 214.
[4] Grundriss der Sprachwissenschaft, I, 1.ª parte.

significa, não, como diz o mesmo dicionário, «vasconço», porque êste adjectivo se não aplica às pessoas, mas à língua ou ao que com ela se relaciona, como literatura, etc., em castelhano *vascuence;* mas sim «vascongado», aplicável às pessoas, lugares, províncias, etc., como o *vascongado* castelhano. Os vascongados chamam-se a si próprios *e(u)scaldúnac,* no singular *e(u)scaldunã,* como sujeito determinado de verbo intransitivo, *e(u)scaldunác,* como sujeito de verbo transitivo. Ora sendo *á, ác, 'ac* o artigo definido, suprimido êste, fica a forma *e(u)scaldun* plural *euscaldunes,* que são as usuais castelhanas, mais espanholadas *euscalduno, euscaldunos.* Devemos, pois, dizer em português *escalduno,* ou *escaldune,* ou *escaldum,* plural *escalduns:* parece-me preferível a primeira das três. À língua, o *vasconço,* chamam-lhe *euscara,* e os nossos antigos escritores denominavam-na *biscainho,* e aos vascongados *biscainhos,* transferindo o nome de um dialecto e o de uma província a todo o domínio da *Euscalerria,* ou terra dos vascongados, as *Vascongadas,* como dizem os espanhóis. Os franceses chamam-lhes respectivamente *les Basques, le basque, le Pays basque.*

A etimolojia do substantivo *euscara* está por averiguar, e Van Eys [1] tem razão em repelir a que foi proposta a mêdo por Guilherme de Humboldt [2], no seu notabilíssimo escrito intitulado «Investigações acêrca dos habitantes primitivos das Espanhas», isto é, que provenha de um verbo *eusi,* com a significação de «ladrar», e por extensão «falar», pois não é natural que qualquer povo designasse a sua fala própria com semelhante nome. Às linguas estranjeiras, isto é, à castelhana e à francesa, com as quais estão em contacto, chamam os euscaldunos *erdera,* que conforme Humboldt, significa, «(a língua) da terra», por oposição à própria, a euscara ou vasconça.

---

[1] W. J. van Eys, DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873.

[2] Wilhelm von Humboldt, PRÜFUNG DER UNTERSUCHUNGEN ÜBER DIE URBEWOHNER SPANIENS, 1821.

extinguidor (extintor)

É um neolojismo, que poderia ser substítuido por *extintor:* — «No domingo ás 3 horas da tarde realisa-se no Terreiro do Paço a experiencia dos extinguidores Leixis *[sic,* aliás, Lewis] do sr. Corloden Roman» —[1].

facha

— «Apenas subsistiram [os brandões], através de todo o progresso industrial... as lumieiras de colmo que de noite guiam nos caminhos e logares escuros e ainda as *fachas* com que, para certa pesca, se desvairam os cardumes (Cavado, Tamega, etc.)» —[2].

Facha, femenino interessante de *facho,* que quási não é usado pelo povo, equivale aqui ao que também se chama *candeio,* masculino de *candeia* ¦ latim candela, «vela».

A palavra *facha* procede do latim falc(u)la, e o *cl* latino produziu *ch* português, como se fosse inicial (cf. *chave* ¦ clauem), por estar amparado pelo *l* (cf. *abelha* ¦ apic(u)la). Cumpre diferençar na escrita, como no norte diferençam na pronúncia, esta palavra, do vocábulo *faxa,* «cinta», de fascia: cf. *feixe* ¦ fascem.

fachis

É muito conhecido êste termo em Macau, pois designa as duas varetas com que os chineses comem, e que lhes servem de garfo. É palavra chinesa de Cantão, *fa-chi,* que passou ao japo-

---

[1] O ECONOMISTA, de 26 de outubro de 1886.

[2] Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, *in* Portugalia, II, p. 38

nês, em que se profere *fàxí*. Os portugueses costumam usar o vocábulo no plural, como é naturalíssimo, visto nunca se empregar uma só dessas varetas. Fernám Méndez Pinto chama-lhe pauzinhos:—«Em suas cortesias são [os chins] homens de muito primor: no modo de vestir, assi homens como mulheres, muyto honestos, e muy bem tratados, per que geralmente se fazem muytas sedas no reyno; a terra é muyto fertil e muy abundosa de mantimentos, fruytas, agoas, muyto singulares jardins muyto frescos, toda maneira de montaria e caça: não poem mão no comer, mas todos geralmente, pequenos e grandes, [comem] com dous pauzinhos por limpeza»—[1].

Os malaios denominam o dito talher ṫikap (pron. quási *chícap)* [2].

Farei aqui uma observação a uma nota, que, com o número (3), vem na memória de que extratei o passo de Fernám Mendéz Pinto, constante da carta, que é nela o documento **L**.

O texto, que fielmente transcrevo, como lá está, reza assim: —«Tem mais elRey ȯyto fidalgos de seu conselho muyto letrados e de grandes prudencias, com os quaẽes *[sic]* despacha todos os negocios do Reino, tambem estes nunqua saẽ fora da terceyra cerca por nhũm caso ate a morte, a estes chamão vlãos [?] (3)»—.

A nota (3) diz:—«Na traducção hespanhola publicada em 1555 vem escripto *Ulao:* «tendo [?] en esta reputaciõ le manda llamar de qualquiera prouincia de su reyno en que esté y le mete en el cargo de Ulao». Deve ler-se *vlao,* porque nesse tempo se escrevia *v* por *u* e *u* por *v*»—.

Informação errada: o que se escrevia era **v** inicial por *u* e *v,* e **u** medial por *v* e *u*. A emenda, portanto, é temerária. *Ulao* ou *Ulau* deve ser a forma certa, mesmo porque *vl* seria grupo de letras impossível em chim.

---

[1] Cristóvão Aires, Fernão Mendes Pinto, Lisboa, 1904, p. 118.

[2] Mélanges Charles de Harlez, Leida, 1896, p. 193.

fada, fado, fadar, fadário, fadista

Fado é o latim fatum, «destino, sina»; *fada,* o plural dêste, *fata.* No sentido de *sortes ventureiras,* «para saber a sina», foi empregado por Gil Vicente no AUTO DAS FADAS, isto é, «auto das sortes:» —

— «Dae ora prazer
A quem vos bem quer,
E dae boas fadas
Nas encruzilhadas» —.

Sina (q. v.) é também o latim *signa,* plural de signum, que os espanhóis dizem *sino.*

De *fado,* no sentido de «sina», se deriva *fadar, fadário. Fado* tomou um sentido fatalista para denotar o «destino incontrastável, o *mau fado,* desculpa muito cómoda, invocada pelo povo, para disfarçar a pusilanimidade em resistir às tentações de não cumprir o dever, nem respeitar o decoro: *foi fado, foi sina!*».

Fado designa no sul a «profissão de prostituta», e *fadista,* «o rufião», ou aquele que freqùenta assíduamente os prostíbulos ordinários e passa a vida com meretrizes. É êrro pronunciar-se *fàdista,* com o *a* aberto, visto que ninguém pronuncia *fàdario,* nem *fàdar.* Sinónimos de *fadista* são *faiante* e *faia,* vocábulos de dificultosa identificação.

fagueiro: v. **afagar**

Êste adjectivo significa hoje «agradável, brando, carinhoso», mas antigamente queria dizer, como o castelhano *halagüeño,* «enganador, traiçoeiro»:

— «Êste é falso e fagueiro,
Sorrateiro,
Quando virdes êste cão
Levae sempre um pao na mão» — [1]

---

[1] Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

faiança

Êste termo, do francês *faïence* { ital. *faenza,* é muito usado hoje, para designar uma casta de louça, não transparente, mas vidrada, e pintada muitas vezes, a que dantes se chamava «louça de pó de pedra», a qual se diferençava da «louça do reino», em ser muito mais fina a pasta: — «Existem aqui [Coimbra] duas especies de faiança: A chamada impropriamente de Vandelli (professor da Universidade, que, quando muito, aperfeiçoou o fabrico desta louça), e a chamada ratinha» — [1].

Num anúncio publicado no jornal O SECULO, de 16 de março dêste ano, lê-se o seguinte: — «A louça é toda em pó de pedra» —. À parte a extravagáncia, hoje ridículamente arremedada do francês, de empregar a preposição *em* para designar a matéria de que uma cousa é feita (e não em que o é), temos aqui um exemplo, colhido em flagrante, da denominação portuguesa *pó de pedra,* correspondente a *faiança,* por oposição a *porcelana,* e a *louça do reino,* bastante antiga, mas não mencionada no Léssico de André Nemnich [2].

Quanto a *louça em pó,* na linguajem de toda a gente que fala português, quere dizer «louça desfeita, mais meúda que se fôra em cacos»; pelo que não admira que o anunciante a desse, como dizia, quási de graça.

faina

Em castelhano diz-se *fáena,* e é termo de bordo, que se generalizou para significar «trabalho, azáfama», o francês *besogne,* «o que cada um tem a seu cargo fazer». A palavra é catalã, *fahena* { latim facienda, plural de faciendum, participio do

[1] O SECULO, de 17 de maio de 1900.

[2] WAARENLEXIKON IN ZWÖLF SPRACHEN, Hamburgo, 1797.

futuro passivo de facere, que deu em português *fazenda,* em castelhano antigo *fazienda,* moderno *hacienda.*

Em catalão *n(n)* resulta de *nd* latino, ou románico: cf. *anar,* português *andar.*

Outra forma catalã do mesmo vocábulo é *feyna,* na qual *ahe* se condensou em ditongo, com deslocação do acento tónico, como se observa no vocábulo castelhano e no português.

falacha

A verdadeira definição dêste vocábulo contém-se no seguinte passo:—«Rezende, 28. Escrevem de S. Cypriano, deste concelho... em quanto que os mais pacatos se entreteem a comer *falachas* (bolos de farinha de castanha pilada)»—[1]. Em geral omite-se nas definições o epíteto *pilada.*

A orijem dêste termo já foi dada na Revista Lusitana [2], *foliascula,* ou foliacea, mas não me parece bem segura: ¿Por que razão de *li* não resultou *lh?* Cf. *filho* ❘ filium, *filhó* ❘ folliola. E, ¿como é que *-cea* deu *-cha* no segundo étimo?.

falar, parolar, parola

Êste verbo, como o castelhano *hablar,* antigo *fablar,* procede do latim *fabulare,* que, com *parabolare,* substituíu na decadéncia os verbos loqui e fari, com o último dos quais à primeira vista se poderia supor que o *falar* teria relação. Para convencimento do contrário basta considerar que *fari* é o infinito, a que corresponde a primeira pessoa do presente do indicativo *fateor,* «confesso», de que procedeu *confiteor,* «confesso-me».

Dos dois verbos *fabulare* e *parabolare* provieram os que

---

1 O Economista, de 31 de janeiro de 1891.

2 vol. IV, p. 267.

nas línguas románicas, com excepção do romeno, correspondem ao loqui latino: fabulare já vimos que produziu *fablar* e *falar;* parabolare deu o catalão *parlar,* o francês *parler;* em italiano existem ambos, com as formas *parlare* e *favellare.*

Dêstes verbos se derivaram, respectivamente, *a fala, el habla, la parla, la favella;* mas em francês, para se designar a *fala,* emprega-se *parole* | parabola, que deu ao português primeiro *paravoa,* e depois *palavra,* ao castelhano *palabra,* e ao italiano *parola.* Dêste, ou antes do francês *paroler,* veio o português *parolar,* cujo substantivo verbal é *parola (q. v.).*

Fala se denominava dantes, e ainda não está obsoleto, o que os franceses chamam *tirade,* que, por galicismo inútil, há pouco tempo é empregado por escritores que só lêem francês, (e sabe Deus como o sabem), para designar um «longo discurso», quer na tribuna, quer principalmente no teatro. Era sistema antigo, da escola chamada romántica, introduzir o artifício dessas grandes *falas,* em todos os principais papéis de qualquer comédia, suplício dos actores, e também dos espectadores:—«A propria Medéa quer dizer a *fala* de tragico desespero»—[1].

Do verbo *falar* se deriva um dos raros particípios activos portugueses que ainda se empregam como tais; assim, *temente a Deus, voz clamante* [2] por exemplo. Diz-se que uma pessoa *é bem falante,* quando tem verbosidade, facilidade em se exprimir.

Em castelhano, ao contrário, diz-se *bien hablado,* empregando-se o particípio passivo com valor de activo, sintasse também muito portuguesa, como vemos em *esquecido,* «aquele que esquece», *pressentido,* «aquele que pressente», etc.

Outro particípio activo é *tente* | tenentem:—«e no mesmo terço assistia por logo tente Alvaro Pirez de Tavora»—[3]. Hoje diz-se *lugar-tenente.*

---

[1] António de Campos, O Marquez de Pombal, *in* «O Seculo», de 14 de março de 1899.

[2] Gil Vicente, Auto da história de Deus.

[3] Jerónimo de Mendoça, Jornada de África, l. 1.º, cap. v.

falquejar, falquear

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO define êste verbo da seguinte forma: — «o mesmo que falquear» —; e em *falquear* diz: — «desbastar (a madeira) com machado, enxó» —. Todavia, isto parece não ser rigorosamente certo, visto que José da Silva Picão, no seu estudo ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, estabelece distinção, que a definição não faz: — «se trabalham em pé [os carpinteiros], vemol-os com o machado, vibrando golpes certeiros na madeira... desbastando assim de *falquejo,* para depois aperfeiçoarem á enchó» —[1].

falua

O nome desta embarcação, muito usada no Tejo, parece ser o mesmo que *faluca* embarcação das costas da Berberia, o árabe FELUK; neste caso, porém, *falua* pressupõe outra forma, FELUQ, com a terminação de unidade FELUQE. No dialecto berberesco o Q mal se ouve, correspondendo em valor à consoante inicial das palavras começadas por vogal em alemão, e por isso foi eliminado.

família

Dá-se no distrito de Leiria êste nome à «totalidade da gente que está numa propriedade a trabalhar», ainda que as mais das vezes nenhum parentesco tenha com os donos da casa [2].

familiar, *familial*

Dantes, todos os autores se contentavam com a primeira destas formas, a única verdadeira, do latim familiare { fami-

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 544.
[2] Informação do snr. Acácio de Paiva, dali natural.

lia. Modernamente, os franceses, que já tinham *familier,* da mesma orijem, porque êste adjectivo adquiriu a acepção de «trivial», e também a de «confiado, que não usa deferéncia ou cortesia», inventaram outro adjectivo incorrectíssimo *familial,* impossível em latim, visto haver já *l* no vocábulo radical (cf. regulare { regula, com morale { mores), e deram-lhe o sentido de «relativo à família». Como era uma incorrecção, um barbarismo, foi logo sôfregamente adoptado em português, por cópia: — «Pondo em presença vasos de egual ondulação linear e ornamentação com o mesmo ar familial» — [1]. Deveria ter-se dito *familiar,* ou, *de família,* porque não é fôrça que para cada substantivo haja um adjectivo correspondente, como é uso moderníssimo e desnatural.

Com maior correcção vemos *familiar* empregado no seguinte trecho no mesmo sentido: — «Como se vê claramente, não saio da corrente geral das ideas dos publicistas sobre a sociedade familiar» — [2]. A relação expressa é a mesma.

Se extratarmos dos dois trechos aduzidos os adjectivos formados com o suficso *-ar,* ou *-al,* veremos a constáncia da regra, que é: o suficso lejítimo é *-al;* o *l* muda-se em *r,* se o vocábulo radical contém *l: igual, geral; linear,* e portanto *familiar.*

fanadouro, fanadoiro

— «E por fim o *fanadoiro* é a espatula grosseira com que [os oleiros] alisam as superficies ou gravam os ornamentos» — [3].

---

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 202.

[2] Projecto de lei sôbre o Divórcio, apresentado ás Côrtes em 18 de março de 1898, pelo deputado Duarte Sampaio e Melo.

[3] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal, *in* Portugalia, II, p, 76.

fanão

Esta palavra, muito freqùente nos nossos escritores do XVI e XVII séculos que se referiram à Índia, é, conforme o Glossário de Yule & Burnell [1], de origem indiana, malabar e tamul *paṇam* | sánscrito PAṆA, «moeda», mas primeiro, «bôlo no jôgo, parada» [2]. Os portugueses receberam o termo dos árabes e mouros que faziam comércio nos mares da Índia. Era de ouro, mas ao depois cunharam-no também de ouro com muita liga, e mesmo de prata. Possuo uma destas moedas de ouro baixo; é circular e tem o diámetro de um real de cobre da nossa moeda actual. Nos princípios do século passado o seu valor era deminuto, pois equivalia a dois dinheiros ingleses, isto é, 40 réis: — «Quatro mil fanoens de renda cada anno, que valem na nossa moeda 400 cruzados» — [3].

faqui; faquir

São dois vocábulos diferentes, e com diversíssimas significações: *faqui,* em árabe FAQIE, de FAQE, «saber teolójico», significa «jurisconsulto»; *faquir,* em árabe FAQIR, de FAQAR, «pobreza», que quere dizer «frade mendicante».

farinhar; farinheiro; farinheira

Em Aveiro êste verbo aplica-se aos tabuleiros das marinhas, quando neles o sal começa a alvejar.

---

[1] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

[2] Monnier Williams, A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Ocsónia, 1872.

[3] Lucena, VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, 92, col. I.

A acepção de *farinheiro* é diferente: — «Villa Nova de Fozcôa, 1. O estado geral das vinhas é regular. O que tem apparecido por aqui é a molestia a que dão o nome de *farinheiro*» —[1].

Qualquer dêstes vocábulos deriva de *farinha,* e indica aspecto parecido com o dela.

Farinheira designa um chouriço feito com gordura de porco e farinha ou meolo de pão.

faro, farum, fera, farão, faronejar

Duas orijens se atribuem ao primeiro dêstes vocábulos: a primeira, proposta por Júlio Cornu [2], é dissimilação de *frairo,* substantivo verbal de *frairar* { fragrare, *farar,* com perda do *i;* cf. *rôsto* { rostrum. Com relação a êsse *i* procedente de *g,* cf. *enteiro* { *intégrum, cheirar* { *flagrare* { fragrare.

A segunda é apresentada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com muito enjenho, mas pouca probabilidade; *faro,* «farol», { grego Pʻáros [3].

Com respeito a *farum,* o Nôvo Diccionário deriva-o de *faro;* se considerarmos porém que *bodum* procede de *bode,* e designa o repugnante cheiro dêste animal, *frescum* o «cheiro da carne fresca», é aceitável o atribuirmos a *farum,* «cheiro a *fera*», a derivação dêste último substantivo, que a mesma insigne romancista lhe atribui [4].

O *e* átono de *ferum* passou a *a* surdo por influência do *r:* cf. *amaricano* por *americano,* a terminação *-aria,* por *-eria,* de *cutelaria,* cast. *cuchillería, para* moderno, a par do *pera,* antigo, o qual subsiste no falar desafectado. O *r* em grande

---

[1] O Economista, de 4 de agosto de 1894.

[2] Grundriss der romanischen Philologie, Estrasburgo, 1888, I, p. 772.

[3] Revista Lusitana, III, p. 160.

[4] *ib.* p. 159.

número de línguas exerce influência na vogal que o precede, e entre elas a exerceu em latim, por exemplo; cf. corpus, corporis [1].

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vemos *farum,* como sendo aplicado no Minho ao «cheiro do mosto». Nesta acepção se fundou provávelmente Cándido de Figueiredo para o derivar de *faro.*

De *faro* formou-se um aumentativo, *farão,* cujo tema *farom,* ou *faron,* deu orijem ao verbo *faronejar,* o qual ficou em relação a êsse aumentativo, como *farejar* para *faro.*

fatão

Em Viana-do-Castelo ouvi dar êste nome a uma ameixa grande, sôbre o comprido.

fateixa

Conforme o Diccionario Contemporaneo, esta palavra significa:—«ferro como a ancora, mas mais pequeno, com tres ou quatro unhas para fundear barcos menores. // Gancho de candieiro. // Utensílio de ferro em fórma de ancora em que se dependuram carnes para estarem expostas ao ar. // F. ar. *Kkattéf* [aliás, *khattéf]*»—. Bluteau, que escreve *fatexa,* dá sómente os dois primeiros significados. Em qualquer acepção vê-se porém que é um objecto com ganchos ou unhas para aferrar, segurar: —«e doze arpeos de abalroar com suas fateixas talingadas em cadeias de ferro»—[2].

O étimo apontado no Contemporaneo, e que o Nôvo Diccio-

[1] Veja-se Padre Rousselot, Les articulations irlandaises, Paris, 1899, p. 13.

[2] Fernám Méndez Pinto, Peregrinação, cap. lviii.

NÁRIO escreve *catefe,* é o que foi defendido por Dozy [1], isto é, transcrevendo as letras árabes por êle apresentadas, ḤAṬAF. Depois de nos explicar ser regular a representação do som da 7.ª letra do alfabeto arábico por *f* nas línguas peninsulares, termina dizendo: — «celui [le changement] du *f* en *x* ne l'est pas, mais il faut appliquer ce que j'ai dit dans l'Introd[uction], à savoir, que la dernière consonne, qu'on entendait mal, est souvent changée arbitrairement» —.

Declaro que me não dou por convencido: compreendo perfeitamente a troca entre *t, l, r, n,* consoantes homorgánicas; não aceito, à sombra da regra geral que formulou o abalisado arabista holandês, que um *f* fosse tam mal ouvido, que se representasse por *x,* a não ser que dêsse estranho fenómeno se apresentem muitos mais exemplos.

João de Sousa [2] não traz o vocábulo; Eguílaz y Yanguas sujere FAṬAXE, que diz significar crucibulum [3], isto é, «cadinho». Se tal palavra existe em árabe, não sei; nos dicionários que pude consultar não a encontro; mas ainda quando exista, a significação de modo nenhum convém. Outro tanto direi de FAṬAIXE, a que no Vocabulário árabe-francês de Belot se dá como correspondente o francês *fusée,* e que pela sua estrutura mais se compadeceria com a palavra portuguesa.

Deduz-se de tudo isto que as palavras árabes que fonolójicamente poderiam produzir a portuguesa *fateixa,* ou *fatexa,* são inaceitáveis em razão dos seus significados; e que a única, apresentada por Dozy, e cuja significação se acomoda às do vocábulo português, tem de ser rejeitada por causa da sua incompatibilidade fonética. O *f* só pode provir das letras 6.ª, 7.ª, 20.ª, ou 26.ª, o *x* sómente da 13.ª, e não há vocábulo arábico que, com significação apropriada, satisfaça a tais condições.

---

1 GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

2 VESTIGIOS DA LÍNGOA ARABICA EM PORTUGAL.

3 GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL.

Sôbre o significado do vocábulo arábico FATAIXE escreve-me o snr. David López que Dozy, no seu Suplemento aos dicionários árabes dá a seguinte definição: — «sac de papier dans lequel on met de la poudre et qu'on attache à un roseau; mis en contact avec le feu, il vole dans l'air comme des serpents ardents» —[1]. É pois «foguete».

fato, fateiro

Esta palavra é germánica, conforme Frederico Diez [2]: alto alemão antigo *fazza,* a que nos outros dialectos germánicos correspondem formas com *t* em vez da dúplice **z** *(=tç)* do alto alemão. Parece que nesses dialectos significa «roupa de vestir».

Na realidade, o vocábulo *fato* aplica-se em português a vestidos, com excepção dos que se chamam *roupa branca.* Antes, porém, teve significados muito diversos, e no de «rebanho de cabras» coincide ainda com o castelhano *hato,* anteriormente *fato.*

Nos seguintes trechos, todos extraídos das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim, pode ver-se a evolução do significado: — «puseram o fato na rua para o confiscar» —, isto é, «mobília e todo o trem de casa» [3].

— «fazendo muitas vexações nos christãos, para delles tirarem fato e dinheiro» —, isto é, «fazenda» [4].

— «registam [revistam] as pessoas e o fato» —[5].

Em uma acepção particularíssima é empregado êste vocábulo pelo Padre Gaspar Afonso, na sua castiça e interessante «Relação da viajem e sucesso da nau Sam Francisco»: — «candeia e

---

[1] SUPPLÉMENT AUX DICTIONNAIRES ARABES, II, 239 b.

[2] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, II, *sub v.* **hato.**

[3] Lisboa, 1894, p. 104.

[4] *ib., ib.*

[5] *ib.,* p. 281.

fogo se dá em cada fato, como elles chamam ás casas em que moram os Senhores [na Ilha Espanhola ou Haiti] » —[1].

Fateira, adjectivo, vem no Suplemento ao Nôvo Diccionário, como termo transmontano, por exemplo em *arca fateira,* «arca para arrecadar a roupa». V. **roupa.**

faxa, faxina, feixe, feixota

Êste vocábulo representa o latim fascia, «atado», e portanto deve escrever-se com *x,* e não, *ch.* É natural que o seu étimo imediato seja *facsia,* com metátese de *sc,* em *cs,* como *feixe* | *facsis* por *fascis:* cf. *pexe, peixe* | *picsem* por *piscem. Faxina* (e não, *fachina)* é um derivado, provávelmente de orijem italiana, onde *fascina,* designa «braçado de lenha».

Acêrca de *faxina,* como unidade de lenha, equivalente a 60 K. em achas, veja-se o Suplememento ao Nôvo Diccionário, onde se encontrarão outras acepções do vocábulo.

Faxa, com o significado de *feixe* é transmontano: — «A outra mala tinha-a em casa no meio de uma faxa de palha» —[2].

Outro termo da mesma orijem, fascis, é *feixota:* — «O ladrilhado ou calçado do pizo conserva-se meio occulto pelas frouças e gravetos do piorno que em feixotas, se applica [*sic*] a combustivel na lareira» —[3]. Não prima por correcção gramatical o exemplo, mas não tenho outro para o substituir. V. **facha.**

febra; fêvera

F. Adolfo Coelho denominou em português formas diverjentes as diferentes evoluções que uma forma primordial adquire,

---

[1] *in* Bibl. de Classicos portuguezes, vol. xlv, p. 46.

[2] Villa-realense, *in* «O Economista», de 24 de fevereiro de 1889.

[3] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, i, p. 541.

produzindo vocábulos diversos, como por exemplo *régua* e *regra,* ambos procedentes do latim regula, sem adjunção de outro elemento de derivação, preficso, inficso ou suficso, e só pela acção de leis fonéticas distintas, exercidas em períodos diversos da evolução de uma língua. A êste fenómeno dão os franceses o nome de *doublets,* e os alemães o de *scheideformen.* A denominação hoje mais adoptada é a de *alótropos,* que quere dizer, como é sabido, «vários, mudáveis», e, neste sentido particular, «que tomam direcções diversas».

Assim como de um só vocábulo provém mais de um, por efeito de leis fonéticas diferentes, que nele operaram; do mesmo modo, de duas ou mais dições distintas pode resultar um vocábulo só, em que se compendiem, se reúnam os significados de todas, porque a operação de leis fonéticas as reduziu a um único produto, identidade conseqùente de forma em uma dada língua, ou em mais, comparadas entre si. Vou referir-me aqui sómente à primeira destas hipóteses, exemplificando-a com o português. A palavra *fiar* compreende os significados das duas latinas fidare e filare, e a homonímia é devida, não a processo psicolójico, a evolução de significado, mas à operação de uma lei fonética, fisiolójica portanto, a bem dizer mecánica, a queda normal de *d,* ou de *l* na posição fraca, isto é, entre vogais, em português, o que é uma das características que o diferença, com relacão ao latim e a outros idiomas dêste derivados. Outros exemplos do efeito dessas leis fonéticas são: *se,* correspondendo ao latim si e se; *prego* de plico e praedico; e não já em vocábulos distintos, mas em formas diversas do mesmo vocábulo, *só* de solum e solam, *amava* de amabam e amabat, etc.

Alguns dêsses homónimos diferença-os a ortografia usual, com melhores ou piores fundamentos, como *vale* e *valle, pena* e *penna, retrato* e *retracto, cear* e *ciar, soar* e *suar, pus* e *puz;* outros não os diferença, devendo fazê-lo, como *concertar,* conecso com *certo,* e *concertar,* «compor» (melhor *consertar,* de consertus, particípio pretérito passivo de conserere); outros, conquanto homónimos na língua literária, não o são em alguns dialectos, como *lenho* e *lanho, tacha* e *taxa, nós* e *noz, passo* e

paço, osso e *ouço, cozer* de * cocere por coquere, e *coser* de cons(u)ere, e a ortografia usual avisadamente os conserva distintos.

Nenhuma língua europeia mais do que a francesa falada apresenta dêsses homónimos; bastará citar as formas *sã* (escrita *sans, sang, sent, cent),* e *sẽ (sain, saint, sein, seing, ceint, cinq):* dez vocábulos reduzidos a dois.

É no sentido de conservar distintas pela escrita formas unificadas pela pronúncia, que se diz serem as ortografías etimolójicas essencialmente conservadoras das línguas literárias; e é facto que, pelo menos nas pessoas que possuem conhecimentos literários, essas ortografias exercem certa influência impeditiva de alterações extremas nos vocábulos.

Quando esse critério desaparece, ou quando uma língua teve larga cultura literária antes que êle se manifestasse, o império das leis fonéticas determina empobrecimento no vocabulário, pela produção de muitos homónimos, e alterações fundamentais na gramática pela confusão de formas anteriormente diversas, derivadas de um mesmo radical. No primeiro caso temos homonímia no lécsico, no segundo homonímia na morfolojia da língua, e esta última tende a imprimir-lhe carácter diferente.

Dá-se a êstes fenómenos de unificação o nome de HOMEÓTROPOS, FORMAS CONVERJENTES, chamando assim àquelas que resultam de duas ou mais orijinárias. Vê-se que êste processo é o contrário do que primeiro indiquei—o de FORMAS DIVERJENTES ou ALÓTROPOS, o qual é um meio eficaz de uma língua se enriquecer, ao passo que o outro determina a sua depauperação, como disse.

Do mesmo modo que dois ou mais vocábulos ou formas distintas podem, como vimos, pela operação de leis fonéticas, adquirir na passajem de uma a outra língua, ou dentro da mesma língua, uma forma única, na qual se resumam os significados de todos êles; assim também de dois ou mais vocábulos, procedentes de línguas diversas, pode resultar um que compreenda as significações daqueles de que provém, figurando falsamente essa operação fonética como um produto puramente psicolójico,

a evolução do significado primitivo de um dêles, o que se chama «desenvolvimento de significação», ACEPÇÕES DIVERSAS de um vocábulo, ou SEMEIOLOJIA, SEMANTICA.

Nestas circunstáncias creio eu que está o que acima citei: *fêvera, fevra.* ou *febra,* ao qual atribuo étimos distintos, conforme os seus dois principais significados.

Bluteau dá-lhe a seguinte série de significações:—«FEVERA, Fèvera ou Fevara, ou (como dizem os Cultos) *Fibra.* As feveras são como huns fios de carne que se achão nas extremidades do figado, dos bofes, etc. *Fibra, æ,* Fem. *Cic.*

Feveras do açafrão... de algumas raizes que tem fibras diz Plinio...

Homem de fevera: Vid. Alentado. Valente.

Fevera, ou carne de fevera, he carne sem osso nem gordura. *Pulpa, æ,* Fem. *Pers*»—.

À falta de melhor, poderia talvez, com grande violéncia, deduzir-se do primeiro o último dêstes significados, supondo-o uma ampliação particular de sentido, como o são os intermédios. Assim teem feito, que eu saiba, todos os etimólogos que dêste vocábulo se ocuparam.

F. Ad. Coelho, no seu DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, diz o seguinte:

—«Febra, fèbra; a parte musculosa dos vertebrados comestiveis. V. Fibra. Nome de diversos filamentos vegetaes. Filamento textil. Nervo, força, valor. (Lat. *fibra)*»—.

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO DA LINGUA PORTUGUEZA que dá, além de *fibra,* três formas, *fêvera, fevra, febra,* referidas a esta última as outras duas, atribui também a todas a etimolojia latina fibra.

A última significação de Bluteau é aí dada como 2.ª, e por F. Ad. Coelho como 1.ª. Diez [ETYM. WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN] não traz êste último significado, e dá como étimo de *febra* igualmente o latim fibra. Körting [LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, n.º 3221], faz o mesmo, e é provável que a ambos passasse despercebida a definição especial que Bluteau dá como última.

João de Sousa omite o vocábulo *febra* nos Vestigios da lingoa arabica em Portugal, e é portanto de presumir que também lhe atribuísse orijem latina.

Outro tanto podemos dizer de Dozy e Engelmann [Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'Arabe], conquanto o primeiro dêstes orientalistas fizesse em outra obra [1] menção do vocábulo arábico de que me vou ocupar; vê-se porém que o não considerou representado na Península Hispánica.

Eguílaz y Yanguas também o não menciona no seu Glosario Etimológico de palabras españolas... de origen oriental, e é mesmo de supor que o arabista espanhol desconheça o significado especial do vocábulo em português, língua que, com as mais da Península, foi incluída no Glossário.

O latim fibra, pois, tem sido para todos os etimólogos a orijem do português *febra,* em todas as suas acepções. A conclusão seria talvez lejítima, apesar de o *b* medial latino permanecer, em vez de se mudar em *v,* como devera acontecer, visto o vocábulo ser popular: seria lejítima, repito, até facto positivo que a invalidasse; agora, porém, creio poder demonstrar que já o não é.

Convenci-me disto ao ler, com toda a atenção que merece, um excelente trabalho apresentado por Hermano Almqvist ao Congresso dos Orientalistas, celebrado em Estocolmo e Cristiánia no anno de 1889. Êsse trabalho foi publicado no I fascículo dos do referido Congresso, que contém a Secção Semítica: intitula-se «Kleine Beiträge zur Lexikographie des Vulgärarabischen», «Pequenos subsídios para a lecsicografia do árabe vulgar», título em demasia modesto, se o compararmos à grande valia dêsse estudo escrupulosíssimo e minucioso, resultado de observações directas do seu autor, feitas durante uma residéncia de trinta meses na Síria, Ejipto, Núbia e Sudão, como no-lo diz em um breve prefácio.

A páj. 371 e 372 do fascículo mencionado, no qual a dita memória ocupa de páj. 260 a 469, veem dois artigos, subordinados

---

[1] Citada por Almqvist na memória a que vou já referir-me.

à epígrafe *Speisen*, «Comidas», e intitulados *'êras habra* e *habra mamdûda,* denominações vulgares de guisados ali usuais. Em ambos o vocábulo *habra* é definido como significando «carne sem osso nem gordura» — «*das fett- und knochenfreie Fleisch... Viande sans os... Viande sans graisse*» —.

Cherbonneau, no seu Dicionário arábico-francês [Paris, 1876] diz a páj. 1302: — «*hebar,* chair. Pulpe des fruits» —, e deriva o vocábulo do verbo *habar,* «amputer», acrescentando outro verbo derivado, *ahabar* — «être bien en chair» —. Concluo que êle atribui aos caracteres arábicos do substantívo indicado, e de que não dá os pontos vogais, a pronúncia *hebar,* porque no seu Dicionário francês-arábico encontro: — «Pulpe, s. f. des fruits» —, depois o vocábulo indicado, expresso em caracteres arábicos, também sem vogais, e a sua transcrição em letra itálica, *hebar.*

Em um lécsico hebraico-inglês vejo *hābar,* dado como vocábulo arábico, com a significação de — «that which cuts» — o que corta —.

Vê-se pois que é êste um termo de carniçaria, e dêles ocorrem-me de orijem arábica evidente os seguintes, em português: *acém, açougue, alcatra, magarefe, rês,* fora outros mais.

A definição pois do vocábulo *habar, hebar, habra, hebra* [1], conforme as pronunciações, dada pelo sr. Almqvist concorda em absoluto com a aduzida por Bluteau, e tal significação continua a ser, pelo menos no sul do reino e em parte do domínio transmontano, senão em todo, usualíssima, com a pronunciação mais comum *febra,* como a traz o Dic. de F. Ad. Coelho já citado.

O autor da Memória, alegando autoridades, apresenta-nos também a forma *'habra,* isto é, com ح em vez de ه *(h)* inicial, o que em nada influi na nossa inquirição. Com efeito, quer a palavra comece por uma, quer por outra destas consoantes, o facto é que, nos vocábulos que do árabe passaram ao português

---

[1] Sôbre *e,* correspondendo na Península Hispánica ao FAṬHAE *(a... e)* seguido ou não de ا, veja-se Dozy et Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, p. 26 e 27.

por mera audição, o *f* é o representante de qualquer dêsses sons (e também do ج, ou *j* castelhano actual=*y*), se o vocábulo foi introduzido no tempo do domínio ou permanência de mouros na Península; sendo esta uma das características de que qualquer palavra árabe pertence a essa primeira importação, tanto em Portugal, como em Espanha, onde em castelhano esse *f* e o proveniente do *f* árabe seguiram ao depois o F latino inicial na permutação para *h,* ainda pronunciado na Andaluzía e na Estremadura Espanhola, mas nulo hoje no castelhano do resto da Espanha.

Digo ser essa uma das características dos vocábulos arábicos pertencentes ao fundo das línguas románicas da Península, a que chamarei de primeira formação, popular ou espontánea. Há de haver outras características fonéticas, mas aqui não procurarei determiná-las, conquanto me pareça ser êste o trabalho geral que há a fazer com relação a vocábulos hispánicos de tal proveniência, os quais podem dividir-se em três períodos:

1.° Popular. Abranje os que o povo, desde o VIII até o XIV século, aprendeu de os ouvir à numerosa população moura que habitava na Península: êsses constituem parte essencial do vocabulário peninsular: tais são quási todos os que começam por *al* ou *a,* representativos do artigo arábico, os nomes de terras e outros próprios.

2.° Literário. Compreende as palavras que os nossos escritores e os espanhóis, que sabiam melhor ou pior o árabe, introduziram nas línguas hispánicas, empregando transcrição consciente, ou das suas letras, ou dos vocábulos, conforme os ouviam proferir; tais são *xarife, turjimão,* etc.

3.° Estranjeiro. O árabe é totalmente ignorado, e os vocábulos entram por vias indirectas, com as transcrições estranjeiras, já caprichosas, já científicas, das línguas donde são recebidos imediatamente. Nesta última categoria estão incluídos vocábulos como *sofá, almeia,* forma absurda, tirada do mau francês *almée,* etc.

Voltando ao nosso tema, devo ainda dizer que a palavra *febra,* com o significado que tem o árabe *hebra, habra,* ou *habar,* só existe em português, sendo alheia aos outros idiomas ro-

mánicos. O castelhano *hebra,* antigo *febra,* sómente compreende as três primeiras acepções dadas por Bluteau, as quais todas procedem do latim fibra; assim diz-se, por exemplo, *tabaco en hebra,* «tabaco em fio»; e dêste vocábulo se deriva o verbo *enhebrar,* com a significação de «enfiar».

Direi mais que parece ter-se dado confusão entre os dois vocábulos *fêvera,* de fibra e *febra* de *habra* ou *hebra* arábico; homonímia que é naturalmente moderna, e poderia evitar-se, reservando-se essa última forma únicamente para o último significado, que coincide com o do vocábulo arábico, morfolójica e ideolójicamente, tanto mais que *febra* é no sul a pronunciação corrente, conquanto aí se diference perfeitamente e com toda a regularidade *b* de *v.*

Assim, parece-me que nos nossos dicionários há a fazer as seguintes correcções:

febra (V. **fêvera**): carne limpa de osso e gordura, para alimento [árabe *habra* ou *hebra,* ainda hoje de uso jeral nos países de língua arábica, e que deve ter passado a português nos tempos da dominação maometana, como o indica a mudança de *h* para *f.* (Cf. *refém* { RAEN=raʿen, com *h* sonoro)].

. . . .

fêvera (ou *febra,* com o qual se confundiu, e de que deve diferençar-se): nome de diversos filamentos vejetais; filamento téxtil, etc. Cf. o castelhano antigo *febra,* moderno *hebra,* «fio». Do latim fibra, por mudança de *ĭ* em *ê* (cf. *cedo* { cito), de *b* em *v.* (Cf. *livro* { librum), e intercalação de *e* átono desunindo as duas consoantes consecutivas (cf. *fevereiro* { februarium) [1].

Êste vocábulo sujere ainda outra acepção de *fêvera* { fibra, que se deduz do prolóquio *lá vem o fevereiro com as suas fêveras todas,* no qual *fêveras* equivale a «friajem», e é palavra inventada, com influência necessária de *fevereiro.*

[1] Êste artigo foi já publicado na REVISTA LUSITANA, de onde o extrato, com pequenas alterações na redacção.

fecho, fechar

Fecho é o latim *pestulum* por pessulum, com mudança da inicial *p* em *f*, bastante rara; a de *stl, pest'lum,* em *ch,* é perfeitamente normal [cf. *macho* { masc(u)lum]. Esta etimolojia, apresentada não me recorda por quem primeiro, está admitida, e para confirmação dela basta citar o galego *pechar,* correspondente ao português *fechar,* e o castelhano *pestillo,* «fecho de correr», que é o latim *pestillum,* outra forma deminutiva, paralela ao pessulum citado.

Cf. ainda *fescoço* = *pescoço,* e v. **data.**

feijão

Êste vocábulo português representa o latim phaseólum, com mudança de suficso, isto é, *-on* por *-ol:* cf. *españón* e *español.*

De um artigo, publicado em tempo no jornal de Lisboa O REPORTER [1], extrato para aqui a copiosa nomenclatura portuguesa dêste legume, abreviando as definições:

Feijão branco: ou é de veia, ou sem veia no casulo. O feijão de veia é só bom para saco (para secar); o feijão para comer em verde não tem veia. Há também *feijão de vara,* que é o que se enrosca pela *rodeiga,* e o feijão *capão,* que é o que fica rasteiro; também se lhe chama *carrapato,* por ficar assim pequena a planta.

No feijão branco há também um que é muito graúdo, chamado *calço de panela,* pois cada feijão entende-se que pode *calçar* uma panela, que é sempre de ferro, e tem três pés; a de barro e sem pés chama-se *chaspa (q. v.).*

---

[1] 17 de junho de 1897.

Feijão preto diz-se que é assim por qualidade, outros dizem que é degenerado.

O *feijão chícharo* ou *fradinho* tem êste nome provávelmente por ser pequeno, e por ser muito usado nos conventos para o caldo da portaria.

O *feijão de vajem branca* é branco emquanto tenro, e o *feijão arroz* chama-se assim por ser muito meúdo.

O *feijão-de-sete-semanas* é o mais temporão porque dá fruto cinco semanas. É amarelo.

É dos primeiros a semear-se na primavera, porque se o tempo lhe corre bem, perto do Sam João está carregado de vajens. Não é palhento como o das outras castas.

Há mais as seguintes castas: *feijão rajado, feijão-de-bico--de-sacho, feijão coimbrês, feijão vianês.*

Às diferentes qualidades de feijão chamam em Trás-os-Montes *gradura:*—«Boa horta! Muita soma de feijão para verde, muita hortaliça, e inda por cima muita *gradura!*»—.

feira, feirar, feirão, feirante

O substantivo *feirão* não figura nos dicionários, mas sim *feirante,* que é o mais usado no sul, e designa «a pessoa que tem barraca ou quitanda em feira». Na Gazeta das Aldeias, publicação mensal do Pôrto, e que é um belo repositório de termos vernáculos, vemos empregado o dito substantivo no trecho seguinte:—«Não seria conveniente levar lá [à feira de abelhas que se realiza em Sobrado, próssimo de Valongo nos dias 24 e 25 de julho] colmeias móveis, pois os feirões que concorrem ao mercado, o que buscam é mel e cêra?»—.

Vê-se por êste passo que *feirão* é quem concorre à feira «para comprar», entanto que, no sul, *feirante* é, como disse, aquele que ali se estabelece «para vender».

O verbo *feirar* está abonado com o seguinte trecho do Alfajeme de Santarém, de Almeida Garrett:

— « Feirae, feirae, meus nobres senhores:
São lindas armas
Feiremos d'amores,
Que mais lindos são » —[1].

feitiço

Em primeiro lugar cumpre advertir que esta palavra foi, em português, adjectivo, quer provenha de facticium ∤ factum ∤ facere, «fazer», quer de ficticium ∤ fictum ∤ fingere: — «os bonzos não ousaram a se determinar no que entre si trazião fulminado, que era, segundo depois soubemos, ordenarem hum arruído feitiço [finjido], em que matassem o padre e a nós todos com elle» —[2].

Feitiço, como substantivo, tem três significações:

A primeira é «bruxaria»: — «com receio de que lhe fizesse feitiço» —[3]; e em texto mais antigo:

— « Se vossa alteza quiser
Ver os feitiços que eu faço » —[4].

A segunda significação é «objecto com que se faz a bruxaria»: — «A lagartixa que certo feiticeiro poz na couceira da porta de hum lavrador, a qual em todo o tempo, que ali esteve, nem a molher, nem animal algum de casa poria, era feitiço» —[5].

A terceira é muito especial: — «O feitiço é o armazem onde se fazem os pagamentos aos indigenas [no Zaire]. É uma especie

[1] Acto II.
[2] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXI.
[3] Azevedo Coutinho, CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902.
[4] Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.
[5] Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

de taberna, com um pequeno balcão junto da porta e toda a capacidade interior tomada por fazendas» —[1].

Como ídolo, sentido em que se diz, mas se não prova, ter sido derivado de português o termo francês *fétiche,* não há abonação verdadeiramente vernácula; em tal acepção o termo usado em português é *manipanso.* Neste pressuposto, parece-me êrro denominar *feiticismo* o período de concepções relijiosas a que os franceses chamam *fétichisme.*

De *feitiço* procede *feiticeiro, feitiçaria, enfeitiçar,* etc.

Sôbre o vocábulo *feitiço* é digno de leitura o que P. A. de Azevedo escreveu com o título de Superstições portuguesas no século xv, servindo de aclaração a vários documentos que publicou[2]; veja-se também Bluteau (Vocabulario, *loc. cit.).*

feitor

Sentido particular, isto é, o de «fabricante» adquiriu êste vocábulo no norte do reino: — «Para a obra de encommenda escolhe *feitores* —, porque os ha especialistas» —[3]. É um bom termo para expressar o que os romanos denominavam faber, «artífice».

felipina, filipina

Designa êste termo uma mistura de água, aguardente branca e açúcar. A orijem dêste nome já de relance foi indicada no Suplemento ao Nôvo Diccionário, e é a seguinte:

No largo do Pelourinho, aí pelo primeiro até segundo quartel do século passado, existiu uma aguardentaria pertencente a

---

[1] Relatório do juiz Francisco António Pinto, *in* O Economista, de 19 de março de 1885.

[2] *in* Revista Lusitana, iv, p. 197 e 198.

[3] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, i, p. 267.

Marcos Felipe, que também tinha por sua conta o botequim da Praça do Comércio, que ao depois passou para as mãos do Martinho, que lhe transmitiu o nome, bem como ao do largo de Camões; também se lhe chamou o *botequim da neve.* Parece ter sido o Felipe quem deu nome à *felipina,* a que se refere Garrett no prefácio à LYRICA DE JOÃO MINIMO: — «com o charuto na bôcca e o ponche ou a philippina na mão» —.

Segundo se declara em nota, foi isto escrito em 1825, época em que estaria em voga o tal botequim.

fenasco

Na Índia portuguesa *fenasco* é o nome que se dá à *uraca,* ou aguardente, em concani *feni,* nos caracteres devanágricos transliterados P‘ENI.

féndi, eféndi(m)

Esta palavra é uma forma abreviada, talvez berberisca, do vocábulo turco *eféndi,* que é o tratamento usual que empregam os turcos, como termo de cortesia, equivalendo a «senhor». Foi usado por João Carvalho Mascarenhas, na «Memoravel relação da perda da nao Conceição»: — «Fendi, eu é verdade que tambem sou dos que queriam fugir» —[1].

A acentuação, que no texto não está marcada, é na penúltima sílaba.

É preferível dizer *eféndi.* Com o suficso *-m, eféndim* equivale a «meu senhor».

feno, feneiro

Em castelhano existe um vocábulo que nomeia o local onde se arrecada o feno, *heno,* isto é, *henil.* Em português chama-

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVII, p. 109.

-se-lhe geralmente *palheiro,* o qual própriamente devera designar aquele em que se armazena a palha, mas que além disso tem outros significados, como por exemplo nos dois excertos seguintes: — «Os pescadores da costa de Lavos habitam em casas de madeira, chamadas *palheiros* [1]; — «Pelos meados d'este seculo Espinho era uma agglomeração de palheiros» [2]. — «Foi sendo móda entre as familias ricas da *Terra da Feira,* irem para alli tomar banhos e muitas d'ellas alli construiram *palheiros* proprios. Ao principio era móda serem feitos de tábuas, depois alguns os construiram de pedra e cal, mas terreos» — [3].

Na excelente publicação semanal Gazeta das Aldeias [4], num artigo assinado por M. Rodríguez de Morais, lê-se êste trecho: — «arrecadando-as [as plantas] em abrigos, feneiros ou palheiros apropriados onde se conservam os fenos» —. É, sem dúvida, um neolojismo, visto que nenhum dicionário mencionou tal vocábulo; merece todavia ser aceito, porque supre uma falta, e está formado em perfeita analojia com as palavras *palheiro, espigueiro,* etc.

Ficaremos assim com duas designações diferentes, enteiramente intelijíveis; *palheiro,* «armazém para a palha», *feneiro,* «armazém para o feno», do mesmo modo que em castelhano se distingue *pajar* de *henil.*

fero

No Minho tem o sentido de «robusto, válido». — «Teve de ir a Vianna, onde o deram por fero» — [5].

---

[1] Portugalia, I, p. 383.
[2] *ib.,* p. 85.
[3] Pinho Leal, Portugal antigo e moderno, III, p. 63.
[4] de 28 de maio de 1905.
[5] Alberto Pimentel, A princeza de Boivão.

ferrar, ferrão, ferreta

Ferreta é o nome que se dá no Minho ao bico de metal do fuso, do peão, etc.: — «O fuso... o terço restante, chamado ferreta, é de metal» — [1].

Denomina-se *ferrão,* em geral, a choupa ou ponta de ferro dos *paus ferrados,* e por analojia o aguilhão dos insectos, se é que, neste último sentido, a analojia não foi estabelecida pelo verbo *ferrar,* que no norte significa «picar, *morder*».

ferrejo, forrejo, ferrejial, ferrajial

Ferrejo ou *forrejo,* no Riba-Tejo, é «milho em verde, não sachado»; e no Algarve parece ter o mesmo significado: — «Os ferrejos estão excelentes» — [2].

— «As terras que cercam o «monte» chama-se-lhes ferragiaes» — [3].

ferroba

Esta forma, por *alfarroba,* que é a usual, não vem nos dicionários. Encontrei-a na «Relação do naufrájio da nau Santo Alberto», de João Baptista Lavanha: — «arvoredo com fruta mui amargosa da feição de ferrobas» — [4].

É o mesmo vocábulo, isto é o árabe AL-ḤARŪB [5], mas sem o

---

[1] Portugalia, I, p. 371.

[2] O ECONOMISTA, de 17 de maio de 1883.

[3] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 274.

[4] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIV, p. 52.

[5] João de Sousa, VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

artigo AL, e com enfraquecimento do *a* pretónico em *ẹ*: cf. *rezão,* forma popular em vez de *razão.*

Outra palavra arábica, que esporádicamente aparece sem o artigo AL, que em geral a acompanha, é *comonia,* por *alcomonia,* na «Memoravel relação da perda na nao Conceição», de João Carvalho Mascarenhas (1627) [1].

fescoço

No Alentejo diz-se *fescoço* por *pescoço.* É uma mudança dialectal idéntica àquela que de pestulum produziu *fecho (q. v.)* na língua comum. V. **pescoço.**

fiambre

Êste vocábulo é castelhano, e não português [v. **deslumbrar**]. O que é português é a sua especialização, ao aplicar-se ao *presunto.* A forma portuguesa era *friame,* derivada, como a castelhana, de *frigidamen, frigidaminis* [2].

fidalgo, fidalga, fidalguinho

Como é há muito tempo sabido, *fidalgo* é uma polissíntese de *filho-de-algo,* cujo significado próprio se perdeu, a ponto de se dizer *fidalga* e *fidalguinho,* em fez de *filha-d-algo, filhinho-d-algo.*

Fidalguinho dos jardins [3] é o nome que dão no norte à

---

[1] vol. XLVII, p. 44, da BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES.

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA. III, p. 166.

[3] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, III, p. 170.

flor que também se chama *lóio (q. v.)*, o *bleuet*, ou *bluet*, francês, uma das raras flôres, verdadeiramente azuis, côr muito rara no reino vejetal.

Numa acepção muito especial é êste deminutivo empregado, como vemos do trecho seguinte:—«Estes macacos são oriundos da America do Sul e conhecidos no Brazil por macaco *prego* ou *mico chorão*. Entre nós, sem que saibamos porquê, tem o nome vulgar de *Fidalguinho*»—[1].

Dissera antes, ser o dito quadrúmano do género Cebus (C. fatuelus). O Nôvo Diccionário já rejistou esta denominação como sendo de Lisboa, não porém com tamanha individuação, e sem a abonar, conquanto a marqué como inédita.

figle

É o nome de um instrumento de vento, feito de metal. O étimo é o francês *ophicléide*, artificialmente formado de dois vocábulos gregos, óp'is «serpente», kleís, kleidós «chave». Pela formação parece que o nome caberia melhor ao chamado *serpentão*.

A forma mais antiga, e menos corruta, que apareceu em escrito português, foi provávelmente *figlid*, transcrita de um cartaz ou programa de 1847, por João de Freitas Branco, em uma das eruditas e substanciosas notícias teatrais que em tempos publicava no jornal A Vanguarda:—«Executar-se-hão umas variações de Figlid (*figle*, dizemos nós)»—[2].

figo, figueira

A nomenclatura desta apreciadíssima fruta, da qual direi que nada gosto, é principalmente algarvia, pois é nesse extremo sul

---

[1] O Seculo, de 5 de novembro de 1905.

[2] 11 de dezembro de 1899.

do reino que a sua cultura e o preparo do fruto sêco mais predominam. É extensíssima, copiosíssima, a enumeração das suas diferentes qualidades, e não é aqui o lugar para procurar exauri-la. Citarei apenas alguns epítetos, ou menos conhecidos, ou imperfeitamente definidos: — «em ablativo de viagem, o melhor figo, o mais acreditado é o de «comadre»; vem depois o «mercador», o mais reles é o marchante» —[1].

Figo de recheio: contendo améndoa e canela [2].

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, inscreveu *figueira* com uma acepção inédita, como própria de Lamego — «espécie de verrugas nas bêstas» —. Na Gazeta das Aldeias lêmos, como expedida dos Arcos-de-Val-de-Vez, a seguinte pregunta, com a solução dada pelo veterinário Paula Nogueira: — «Tenho um cavallo de dez a doze annos com *figueiras,* que se vão estendendo dêsde a ponta da cauda, pela parte de baixo, até ao ânus, chegando a tê-las já na entrada do intestino. Haverá remédio pâra curar ou ao menos attenuar êste mal? — **Resposta** — Pêla situação das lesões julgo que as *figueiras* são tumôres melânicos [«denegridos»], frequentes nos cavallos de côr clara ou russa *[sic].* Esses tumôres, característicos da doença chamada melanose, são de natureza maligna. De pouco serve extirpá-los, porque se reproduzem . . . » —[3].

Advertirei aqui ser errónea a escrita *russo,* em vez de *ruço (q. v.),* castelhano *rucio,* adjectivo que designa côr, e nada tem que ver com o nome étnico *russo*, afim de *Rússia,* em castelhano *ruso, Rusia,* em russo *ross, Rossía.*

filho, filha, filhastro, filhastrar

A palavra *filho* ou *filha* adquire valor muito especial em várias acepções, acompanhada ou não de epítetos. Assim vemos

---

[1] O Economista, de 5 de novembro de 1885.

[2] *ib.*

[3] 1905, p. 249.

que *filho-do-olmo* em certa aldeia significa «enjeitado:—«De quem é filho este rapaz?—É filho do olmo.—O pae das creanças *sem pae* é aquela árvore enorme, que ali vês, é o olmo. Quando a vergonha ou a miseria pode mais que o amor maternal, as creanças são depositadas n'aquellas pedras que circumdam o olmo, e lá choramingam até que passe o primeiro lavrador, que as agasalhe em casa e as endireite na vida»—[1].

—«*The fatherless are the care of God*»—[2]:—Deus é o pai dos órfãos—, pater orphanorum [Salmo XLVII, v. 5].

Filho da casa, designa o indivíduo estranho, nela criado, às vezes nascido:—«via-se que ambas [as reclusas do Aljube, em Lisboa] se achavam satisfeitas com a reclusão... radiantes por serem filhas da casa»—[3].

Em jíria *filhos do mosqueiro* são uma especialidade entre os larápios:—«*Filhos do mosqueiro* são pois os gatunos que se introduzem no interior das casas, a occultas dos seus locatarios»—[4].

No Nôvo Diccionário (Suplemento) vemos o verbo *filhastrar,* como transmontano, com o significado, a meu ver duvidoso, «compreender»; a não ser que se ampliasse arbitráriamente o verbo *filhar,* «colhêr».

Na mesma verba relaciona-se, em dúvida, êste verbo com a palavra castelhana *hijastro,* que quere dizer «enteado». Não vejo a mínima relação de significado entre os dois vocábulos; existe relação, mas é formal. *Hijastro,* dantes *fijastro,* é o latim *filiastrum,* citado por Isidoro Hispalense, derivado de filium, com um suficso que se tornou pejorativo. Sôbre tal suficso diz-nos Miguel Bréal:—«O lugar de orijem está no grego, em que havia verbos em -azō, sem significação depreciativa... dêles se de-

---

[1] António Chaves, *in* O Albergue das creanças abandonadas, número único, junho de 1903.

[2] Bulwer Lytton, Zanoni, cap. último.

[3] O Seculo, de 28 de abril de 1902.

[4] O Seculo, de 3 de junho de 1902.

rivavam substantivos em -ASTĒR, como ERGASTĒR, «trabalhador». Entre tais substantivos alguns há que parecem conter noção depreciativa: PATRASTĒR, «o que faz de pai», MĒTRÁSTEIRA, «a que faz de mãe», ELAIASTĒR, «a [árvore] que faz de oliveira, o zambujeiro». Aos romanos agradaram palavras destas. Em geral, podemos notar, o que é malévolo passa fácilmente de um a outro povo. A língua latina, portanto, possuíu as palavras patraster, filiaster»—[1].

filhó

Como étimo para êste vocábulo, que, como se sabe designa um bôlo de farinha de trigo e ovo, frito em azeite e polvilhado depois com açúcar, propus o latim *follióla* [2], com assimilação do *o* à palatal *lh*, isto é, a sua mudança em *i* átono. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos propõe *folióluṁ* [3], Baist *foliola*. O que me parece demonstrado é que *filhó*, com *o* aberto e o género femenino, há de provir de um vocábulo latino com a terminação *-ola*, quer femenino, quer plural neutro.

Ora essa forma hipotética tanto pode ser *folliola* plural de *folliolum*, deminutivo de follis, «fole», como *foliola* | *folium*, «fôlha».

fim

Êste vocábulo é hoje, na língua literária, e mesmo na comum da conversação, masculino, como o era em latim. Todavia, provincialmente, mantém ainda nalguns pontos o antigo género femenino que tinha.

---

[1] ESSAI DE SÉMANTIQUE, Paris, 1899, p. 46 e 47

[2] REVISTA LUSITANA, I, p. 211.

[3] *ib.* III, p. 133.

Aqui seguem dois exemplos, um antigo, literário, e o outro moderno, popular:

— «Se os jóvenes amores
Os mais tem fins desastradas» — [1].

— «É a fim do mundo! Deus nos acuda!» — [2]. [Freguesía de Pedroso, concelho de Vila-Nova-de-Gaia].

fios

Êste vocábulo, no plural, designa «pano de linho usado, desfiado», e em muitos dicionários falta esta acepção: é o que os franceses chamam *charpie*.

Outra acepção especial de *fios* vê-se no trecho seguinte, e também não consta dos dicionários: — «*Fios* — Embora verdadeiros laços, differençam-se, dos por este nome conhecidos, em serem feitos de um só fio de arame amarello, destemperado, e presos, cada um de per si, a uma vara de urze, chamada *pé,* alguns centimetros cravada no chão» — [3].

Servem de armadilha, para apanhar pássaros.

firmal

Era uma joia, feita de metal precioso, ouro ou prata, e adornada com gemas, a qual servia para prender os vestidos:

— «Um firmal dũa senhora
C'um rubi
Pera o colo de marfi» — [4].

---

1 Gil Vicente, O VELHO DA ORTA.

2 O DIA, de 24 de maio de 1902.

3 José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 92.

4 Gil Vicente, O VELHO DA ORTA.

firmão: v. **formão**

fita; fito, de fito

Esta palavra dizem corresponder ao latim uitta, com mudança de *v* em *f*, esporádica em comêço de palavra, isto é, na posição forte; e como em toscano é *vetta*, com *e* fechado, o que prova ser breve o *i* da forma latina, o étimo apontado é bastante suspeito, apesar da coincidência do significado, pois o *i* breve latino dá *e* em português.

Fitas de madeira, ou de carpinteiro são as «tiras» que a plaina separa da tábua, e a que também se chama *aparas*, com menos propriedade, pois estas podem ser tiradas a enxó ou outra ferramenta.

Vocábulo com a mesma pronúncia e escrita, mas de orijem diversa, é *fita*, no sentido de «firme», como em *pedra fita*, termo de arqueolojia pre-histórica, que se aplica a qualquer pedra artificialmente erguida, por oposição a *pedra balouçante*, «a que está em equilíbrio instável».

O termo é tirado da nomenclatura vernácula, do onomástico local, por exemplo, onde encontramos *Pera Fita*, «pedra ficsa» (cf. *Péro*, a par de *Pedro)*. Êste adjectivo *fito, fita* é o latim fictum, fictam, particípio passado passivo, concorrente com fixum, fixam, do verbo figere.

A locução adverbial *de fito*, ainda é usual em Trás-os-Montes, com a significação de «pôsto a tôpo»: — «duas grandes pedras postas de pino, ou de fito» —[1].

---

[1] Manoel Ferreira Deusdado, O recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

flaino

Andar a flaino corresponde ao francês *flâner*, e esta locução está abonada em um soneto atribuído a *Bocaje:*

—«Quando hás de consentir, cruel fortuna,
Ao magro, de ôlho azul, de côr morena,
O bem de a n d a r a f l a i n o e de ir á tuna?»—[1].

É suspeita a atribuição: êste terceto é apenas a repetição, nem mesmo a paráfrase, do comêço de outro soneto bocajiano:

—«Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura»—.

flanco

Êste vocábulo, de que hoje se está por galicismo abusando, apenas é português como termo de táctica militar. Em todos os outros sentidos cumpre, conforme as circunstáncias, empregar *lado, ladeira, encosta, costado, ilharga, ilhal,* etc.

flauta

A forma portuguesa é frauta:

—«E não de agreste avena ou frauta ruda»—[2].

À forma *flauta* atribui P. Marchot, como étimo *flautare* ⟨ *fa ut la* [3].

---

[1] O Economista, de 28 de julho de 1882.

[2] Lusíadas, I, 5.

[3] Jahresbericht über die Fortschritte der romanischen Philologie, 6, I, p. 289.

florada

O Nôvo Diccionario define esta palavra como sendo o nome de um — « doce de flores de laranjeira » —. Deve ter muito pouco que comer.

No convento de Santa Anna, de Leiria, dá-se êste nome a um doce de ovos que tem a forma de flores. É portanto esta que lhe deu o nome, e não a substáncia de que o doce é feito.

florosa

Na Madeira (Ribeira Brava) é a mesma ave que em outros pontos da ilha se denomina *papo-roixo* [1]

fó

É uma interjeição que expressa repugnáncia, muito usual na ilha da Madeira, e à qual no continente corresponde *phuh,* com *p* aspirado.

foca

No Minho, principalmente na marjem portuguesa do rio, significa « buraco ».

focar

Feio verbo! É neolojismo, e quere dizer « pôr em foco ». — « Pede-lhe um instante de paragem, para o focar » — [2].

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras, 1899.

[2] O Seculo, de 29 de março de 1901.

foicinha, foicinho, foicinhão

Estão já colijidos em dicionários modernos os dois primeiros derivados de *foice,* ou *fouce* { falcem, mas não o está *foucinhão,* que é o nome de uma *fouce* equivalente à gadunha, e com a qual se ceifa a palha:—«Corta a palha o foicinhão»—[1].

fole-das-migas

Em jíria de malandrins significa «a barriga». A razão da locução é muito evidente, para que precise de ser explicada.

folgazão, folgazões

Hoje em dia toma-se na acepção de «divertido, indivíduo que folga, divertindo-se». Antigamente, porém, o sentido era «mandrião, desocupado», exactamente o do francês *fainéant,* com fundamento na significação própria do verbo *folgar,* «não trabalhar»:—«dahi a tres dias alguns homens folgazões, que são os que ordinariamente davam no mar todo o bom conselho»—[2].

Ainda hoje o correspondente castelhano *holgazán, holgazanes* quere dizer—«persona vagabunda y ociosa, que no quiere trabajar»—, como define o Dicionário da Academia Espanhola, sendo pois o que hoje chamamos *vadio.*

fôlha, folhedo

A palavra *fôlha* escrevo-a com circunflecso para a diferençar de *folha*=*fólha,* do verbo *folhar,* como *desfolha*=*desfólha,*

---

1 O ECONOMISTA, de 15 de outubro de 1887.

2 BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. VII, p. 69.

de *desfolhar,* verbo postulado pelo particípio passivo substantivado *folhado,* por exemplo em *pastéis de folhado.*

Não está colijido nos dicionários o colectivo *folhedo,* exemplificado no trecho seguinte: — «Dizimam-nas [às môscas]... com o auxilio do folhedo» —[1].

fontela

— «Em Sanhoane, Fontes, Medrões, etc. (Santa Marta de Penaguião), para se alcançarem os mesmos resultados [a vedação das vasilhas de barro] com a loiça negra de Visalhães, «para lhe tapar as *fontellas*», introduzem-se as vasilhas no forno do pão, deixando-as aquecer até ao rubro; tiradas para fóra verte-se immediatamente em cada uma farello e agua, mechendo rapido» —[2].

foral, fural

Na ilha de S. Miguel (Açôres) dá-se êste nome a uma rua estreita [3]. ¿Mas é *foral,* ou *fural?*

forçura; fressura

Estranho nome, que se dava às *frisas,* na antiga nomenclatura do teatro. — «1.º andar das forçuras, preço 2000, 2.º andar, camarotes, 2400» —[4].

---

[1] José da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 539.

[2] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal, *in* Portugalia, II, p. 76.

[3] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[4] Alvará de 17 de julho de 1771, *in* Collecção de legislação portugueza, 1763-1774, Lisboa, 1829, p. 547.

Forçura é a pronúncia popular de *fressura* | *frixura* | *frixum* por frictum | frigere, «frijir»: cf. o castelhano *asadura* | *asar*, «assar» [1].

foreiro

Êste substantivo significa «que paga fôro»; mas no trecho seguinte aplica-se àquele que de direito o recebe, não sei porém se com propriedade:—«Restello, o nobre, o rico foreiro»—[2]. Temos aqui um caso como o de *caseiro*. (V. no vocábulo **casa**).

forjoco, furjoco

—«do lado do norte uns buracos ou «forjocos», por baixo de enormes fragas»—[3].

Como ignoro a orijem da palavra, hesito na escrita. Se é um aumentativo de *furja*, por *alfurja* | árabe FURGE, «fenda», é claro que se deve escrever com *u*, o que, em todo o caso, seria mais seguro. Note-se que *alfurja* é vocábulo diferente de *alforge*, que em árabe se diz AL-ḤURG [4].

forma, fôrma

O primeiro dêstes vocábulos é o mais moderno, copiado do dicionário latino, proferido com *o* aberto, como costumamos pronunciar o *o* ao lermos latim ao nosso modo; corresponde-lhe em castelhano o vocábulo *forma* de orijem também artificial. O se-

[1] S. Bugge, *in* Romania, IV.

[2] O SECULO, de 30 de maio de 1900.

[3] Albino dos Santos Pereira Lopo, BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», Série 17.ª, 1898-99, p. 168.

[4] *ḥ* representa a 7.ª letra do alfabeto arábico, equivalente ao *j* castelhano actual.

gundo, *fôrma,* é de orijem popular, evolutiva, com *o* fechado, como era de esperar, atendendo-se a que é longo no latim *forma,* e fechado se conserva no italiano *forma,* em muitas das acepções que correspondem aos dois vocábulos portugueses. O segundo era em castelhano *forma,* que ao depois se alterou em *horma,* diferençando-se hoje *forma,* «fórma» de *horma,* «fôrma».

No Nôvo Diccionário (Suplemento) menciona-se a locução —«fórma torta, de mau caracter, ruim»—. Não é exacta: a locução é *de fôrma torta,* e explica-se perfeitamente. Os çapateiros, para o calçado, usam de um molde com a configuração de pé, a que se chama *fôrma,* e não, *fórma.* Há uns sessenta anos, as fôrmas para os dois pés eram iguais, como ainda o são nos çapatos de ourêlo, ou de trança, nas chinelas mouriscas, nos *çapatos* chamados de *mouro,* emfim, em todo o calçado barato, de fancaria.

Quando se começaram a usar as fôrmas desiguais, as pessoas habituadas aos çapatos parelhos, com menor inclinação para dentro, e que podiam, indiferentemente calçar-se num ou no outro pé, consideravam-nos mais incómodos (e parece-me que tinham razão, e digo isto por experiência, pois em criança calcei muitos çapatos de fôrma direita): daqui proveio o dizer-se que «uma pessoa é fôrma torta», convém saber: «custa a ajeitar-se à nossa vontade, não nos entendemos com ela, ora está do direito, ora do avêsso».

Em S. Miguel dos Açôres a palavra *fôrma* aplica-se ao «botão de calça» [1].

Fôrma perdida:—«assaz rudimentares eram os moldes para taes reproducções [de braceletes de ouro pre-romanos, na Península Hispánica], fôrmas que eram perdidas em seguida á fundição da peça, á maneira do systema ainda actualmente usado, assim chamado: de *fôrma perdida*»—[2].

---

[1] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[2] Ricardo Severo, Os braceletes d'ouro de Arnozella, *in* Portugalia, II, p. 65.

É esta uma acepção do vocábulo *fôrma* (e não, *fórma)* acompanhado de epíteto, que julgo não estar rejistada nos dicionários, e me parece locução técnica.

formálio

— «o formalio é uma placa com pinhas de prata, que se põe no peito do celebrante» —[1].

formão, firmão

Estas duas formas, com preferéncia manifesta dada à primeira, designa, nos autores portugueses que escreveram na língua de Portugal, o que os autores portugueses que modernamente escrevem numa linguajem crioula, misto de muitos idiomas, e ortografias exóticas, querem que se chame *firman:* — «dizem que tinha formão do Gram Turco para poder ir por terra para o reino» —[2].

O vocábulo é persiano, FIRMAN, «ordem», e os portugueses adoptaram-no por intermédio do árabe, no sentido especial de «carta de recomendação», ou «salvo-conduto», concedido por autoridades soberanas mouriscas.

fôrno, furna

No Gerez tem êste vocábulo, do latim furnum, acepção especial, como vemos do seguinte passo: — «Os «fornos» do Gerez, abrigos de pastores onde só muito baixado se penetra» —[3].

---

[1] O DIA, de 21 de março de 1902.

[2] Diogo do Couto, DÉCADA 8.ª, cap. XV.

[3] Hermenejildo Capêlo e Leonardo Tôrres, VIAGENS Á SERRA DO GEREZ E SUAS CALDAS EM SETEMBRO DE 1882, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia», 4.ª série, p. 533.

Furna é com todas as probabilidades derivado português de *fôrno,* com mudança da vogal *ô* em *u,* bastante singular, atenta à terminação *a* da palavra. O que é notável também é a relação estabelecida entre *fôrno* e *furna,* «concavidade, algar», e que vemos repetida, por mera coincidéncia, em uma língua da nossa tam remota, como é o búlgaro moderno, idioma esclavónico no qual do mesmo radical se derivaram *pext,* «fôrno», e *pexterá,* «furna»:—«A mammôa pode ser precedida de um corredor ou galeria que tem o nome vulgar de *furna,* nome que tambem se applica ás grutas»—[1].

forquilha

—«O mal da forquilha ou peeira é uma furunculose do espaço interdigitado, isto é, um furúnculo entre as unhas do boi»—[2].

O termo *peeira* vem já rejistado nos dicionarios neste sentido, e representa um latim *pedaria* ⟩ pes, pedis.

frade, fraire, freire, frei, freira, freirinha

Esta palavra, do latim fratrem, «irmão», adquiriu, além do seu sentido especial e hoje o próprio de «relijioso, pertencente a uma ordem relijiosa», outros muitos, quási todos depreciativos. Dêste modo, *frade* era o nome que, em Lisboa pelo menos, se dava, até data muito recente, a uns colunelos de pedra, ligados, ou não, entre si por cadeias ou varões de ferro, e que encerravam praças, ou edifícios, impedindo a passajem a veículos ou cavalgaduras: vinham a ser uma vedação, mais barata e cómoda que os gradeamentos. Quem procurar, ainda os encontrará por

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 48.

[2] GAZETA DAS ALDEIAS, de 15 de abril de 1906.

aí, em qualquer adro de igreja, ou algures. O nome foi-lhes dado indubitávelmente em razão do remate, que se parecia muito com uma cabeça tonsurada.

Peões lhes chamavam no Pôrto, e não sei se ainda chamam.

Frade, na jíria dos ladrões, no Pôrto, quere dizer «indivíduo da polícia» [1], talvez em atenção ao capote que usam, comprido, a tocar no chão, como o hábito do frade, ou porque está parado, imóvel, como o *peão*, ou «frade de pedra».

É conhecida a denominação que se aplica a uma casta de feijão, isto é, *feijão frade*, ou *fradinho*.

Não é porém sómente ao feijão que se dá semelhante alcunha; é também ao milho, em certas circunstáncias, como vamos ver.

Frade (Leiria) é o grão de milho que, quando se deita no braseiro, para se comer assado, não estoura.

Freira, ou *freirinha:* chama-se-lhe assim quando elle estoura, tomando forma que lembra uma flôr miuda e branca [2].

É evidente a razão destes epítetos: o de *freira* é devido a semelhança que se supôs haver com a cabeça toucada de uma freira; a de *frade* está em oposição a esta.

Conclui-se que tais denominações são antigas, pois há setenta anos que não há frades.

A par de *frade* ¦ fratrem, temos *fraire*, comparável ao *fraile* castelhano, com vocalização do *t* latino em *r*, mas sem a dissimilação do *r* da 2.ª sílaba para *l*, e *freire*, com a forma proclítica abreviada *frei*, castelhana *fray*, e o femenino *freira*, que, parece, não foi nunca usado em Espanha.

Freira na Ilha da Madeira é o nome de uma ave, Ostrelata mollis, Gould [3].

---

[1] O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885.

[2] Informação dos snrs. Acácio de Paiva e V. Abreu.

[3] Ernesto Schmitz, DIE VÕGEL MADEIRA'S.

fragária

Em Coimbra é o nome do morango bravo, muito ácido, a *fresa* espanhola, pois ao *morango* chamam *fresón*.

Hugo Schuchardt dá-nos como termo português *fresa* [1]. Nas Canárias, ao contrário, usou-se *morángana,* ou *moriángana* [2], sem dúvida uma forma derivada da que em português deu *morango,* isto é, moranicum { mora, «amora».

Temos de explicar necessáriamente por influência portuguesa tanto êste vocábulo, como *coruja* [3], ali usado, e que em castelhano se diz *lechuza.*

fragulho

Termo açoriano: é o nome que dão nas ilhas dos Açôres às couves.

fralda, falda, fraldiqueira, fraldiqueiro, faltriqueira

Bluteau no seu Vocabulário diz-nos que a segunda destas formas é — «mais épica» —, a outra mais usada. Na linguajem actual distingue-se em geral *falda de monte=aba, vertente de monte,* de *fralda de vestido, de camisa,* etc.

Tenho dúvida sôbre se são duas formas do mesmo vocábulo orijinário. Os etimolojistas dizem-nos que *falda,* palavra que se encontra em várias línguas románicas, é voz germánica, *falda,* «dobra, prega» [4], e a ela subordinam tanto *falda,* como *fralda,*

---

[1] Kreolische Studien, ix, p. 143.

[2] João Marquess of Bute, On the ancient language of Tenerife, Londres, 1891, p. 28.

[3] *ib.* p. 22.

[4] *V.* Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1891, n.º 3114, e Kluge, Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache, Estrasburgo, 1889, *sub voc.* **falt** e **falten.**

sem nos explicarem como se introduziu aquele *r*, que se repete ainda que em outra situação, no castelhano *faltriquera*, forma adjectiva de um deminutivo *faltrica*, ou *faldrica* | *faldra*, *fralda*. *Faltriquera* em castelhano quere dizer «aljibeira que se traz na saia, ou aba do vestido», e êste mesmo sentido tinha o português *fraldiqueira*, como vemos, por exemplo, no CLÉRIGO DA BEIRA, de Gil Vicente:

— «Duarte, tendes vós hi
Dinheiro na fraldiqueira?» —.

Não há portanto motivo para a interpretação «hábito, talar», proposta em dúvida para êste vocábulo no NÔVO DICCIONÁRIO, ao aboná-lo com êste passo de Francisco Manoel do Nascimento: — «contas na mão, punhal na *fraldiqueira*, falando em Deus» —.

Fraldiqueiro, como adjectivo, que no femenino se substantivou naquele sentido especial, quere dizer «o que pertence à *fraldica*, à *fralda*, e assim *cão fraldiqueiro*», é o «totó pequeno, que está sempre no regaço, ou agarrado às saias».

Martinho Brederode, na colecção de formosas poesias intitulada SUL [1], usou a forma *faltriqueira*:

— «Cartas d'amor na faltriqueira suja,
Ramos de flores nas suadas mãos» —

frango

Esta palavra, que designa um «galo novo», considera-a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos como derivada de *franco*, «francês», e compara esta formação à de *galo*, que também quere di-

[1] Lisboa, 1905, p. 37.

zer «da Gália, ou França». Com respeito à mudança de *c* em *g*, confronte-se, como diz, *manga* | *man(i)ca* [1].

O simples confronto mostra que é improvável o étimo proposto: visto que o *c* estava precedido de vogal em *manica*, é natural que o abrandamento do *c* em *g* precedesse a queda do *i*; além disso, francum não explicaria *frángão*.

frascal

—«*Frascal* é naquella provincia [Alentejo] uma meda de lenha ou tojo, em geral quadrangular»—[2].

freguês, freguesia *(frèguês, frèguesía)*

Duas etimolojias tem sido propostas para êste vocábulo, filius ecclesiae, e filius gregis, «filho da igreja», e «filho da grei».

A primeira parece que deve ser rejeitada, em razão do correspondente castelhano *feligrés*, visto como nesta língua os grupos de consoante *l* não mudam êste em *r*, como sucede em português (cf. *clavo* e *cravo)*, e portanto o *r* de *feligrés* deve provir de *r* latino.

Temos pois que filius gregis é o étimo que devemos ter como provável, admitindo que houve em português metátese do *r* para a primeira sílaba, *freguês* por *fegrês*. Não direi que tudo esteja bem explicado, pois o não fica o *i* de *fili-*, mudado para *e* em castelhano, e para *è* em português, com supressão do *l* medial.—«Os presbyteros que os dirigem espiritualmente, cha-

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 168.

[2] Diario de Noticias, de 21 de julho de 1904.

mar-lhes-hão seus filhos, *filies ecclesie,* filigreses, fregueses, recente denominação religiosa — popular» —[1].

Fora da relijião cristã foi o termo *freguês* usado por António Francisco Cardim, com referéncia aos sectários do budismo: — «Tornou outra vez, acompanhado de outro bonzo e de alguns seus discipulos e fregueses» —[2].

O termo *freguês* tem um sinónimo, *paroquiano,* como *freguesia* o tem em *paróquia,* ou, não sei por quê, *parróquia,* de *páraco,* ou *párroco.* O que é estranho é que, emquanto em português o termo *paroquiano* se não aplica jamais ao indivíduo que compra por hábito na mesma loja de venda, mas sim *freguês,* acontece em Espanha exactamente o contrário, pois lá o freguês da loja denomina-se *parroquiano,* mas o *freguês,* o *paroquiano* da mesma igreja diz-se *feligrés.*

frol, frolido

Na Revista Lusitana [3] dá-se como metátese a forma *frolido,* por *florido,* num texto anterior ao século xv. Não há metátese, visto, que *frolido* é simplesmente o particípio passivo de um verbo *frolir,* derivado de *frol,* que era a forma contemporánea, e ainda posterior, do vocábulo que actualmente se diz *flor.*

frouxel

Bluteau, no Vocabulario portuguez e latino define dêste modo a palavra: — «A penna das aves, mais pequena, e mais molle» —. O Dicionário francês de Emílio Littré dá-nos de *édredon* a definição seguinte: — «1.º Petites plumes à tige grêle, à barbules longues et fines, appelées aussi duvet [penujem], fournies

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, i, p. 583.

[2] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 226.

[3] vol. viii, p. 242, A Visão de Tundalo.

par des oiseaux palmipèdes et surtout par l'eider, *anas mollissima,* qui vit principalement en Islande //. 2.º Un édredon, em couvre-pieds fait d'édredon... ÉTYM. du suédois *eider,* espèce d'oie du Nord, et *dun,* petite plume, duvet» —.

Cotejadas as duas definições entre si e com a tradução latina que da palavra portuguesa faz Bluteau, mollior auium pluma, parece que com *frouxel* nos poderíamos contentar, ou com *penujem*, prescindindo do francês *édredon,* que para França é ao menos afrancesado, e para cá nem aportuguesado foi.

fumeiro

Como se sabe, designa *fumeiro* a carne de porco ensacada, de *enchido,* e depois fumada.

Eis aqui uma transcrição que deixa claríssimo o significado: —«DISPENSA. Vasto compartimento abarrotado de comestiveis. Ali se armazena o *fumeiro* dos suínos, isto é o producto da matança de doze a vinte cabeças graúdas, as melhores que sahiram do montado... O fumeiro comprehende: grossas mantas de toucinho empilhado em salmouras proprias, ou em potes de barro e caixotes; as varas de enchido, como paios, chouriças, linguiças, morcellas, cacholeiras e farinheiras, cada qual em separado, e todas suspensas por cordas presas ao tecto, formando por este modo a *parreira* ou *latada* de carne cheia, previamente defumada nos vãos da chaminé... Em vasilhas observa-se egualmente a manteiga e os pésunhos e lacões»—[1].

fumó fumo

Esta palavra abona-se com a «Relação do naufrájio da nau Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso:—«Após estes negros

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 537.

acudiram outros com um Fumó seu, que assim chamam [os cafres] aos *[sic]* que os governa»—[1].

Conquanto mais adeante a palavra se repita, hesito em considerar certa a acentuação marcada, pois a edição é de pouca ou nenhuma fé, não só porque os erros tipográficos pululam nela, mas principalmente em razão de a ortografia adoptada ser, quanto pode, arbitrária e incongruente.

funaragio

Assim nos apresenta o Nôvo Diccionário êste vocábulo, com a nota de compilado pela primeira vez, e uma abonação de Latino Coelho—«o lenho de um funaragio»—. No Suplemento ao mesmo dicionário declara-se que, por informação obtida, o vocábulo novo é apenas um êrro de caixa por *naufragio,* mas que Latino o deixou passar, autenticando-o portanto. É pois o que os franceses denominam *coquille lexiologique,* «gralha lecsicográfica», que já figurou duas vezes, e será bom não figurar terceira.

No Suplemento chama-se-lhe—«suppôsto disparate»—: ¿Pois ainda resta dúvida? O facto de Latino Coelho o haver deixado passar também não está provado, visto que as quatro primeiras letras de *naufragio* trocadas em *funa-ragio* o podiam ter sido depois de feita por êle a revisão.

funé

Esta palavra é japonesa e quere dizer «embarcação»:—«uma ponte feita de barcos que [os japões] chamam funés»—[2].

---

[1] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xliii, p. 64.

[2] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, i, p. 54.

fungueiro, fangùeiro, fragùeiro

O Nôvo Diccionário escreve a segunda destas formas *fangueiro,* isto é, com o *u* nulo para a pronúncia; na terceira marca as cimalhas no *u,* o que equivale a indicar que se pronuncia *fragu-eiro,* soando êsse *u.* Eu, em conformidade com o que expus na Ortografia Nacional [1], substituo pelo acento grave as cimalhas, com o fim de denotar que o *u* entre *g* e *e* ou *i* se profere.

O mesmo Dicionário remete de *fangueiro* (aliás *fangùeiro)* para *fragùeiro,* entendendo-se pois que são a mesma palavra com duas formas; e da última diz, como termo da Beira, o seguinte: — «pau tôsco e comprido; estadulho; pau em que encaba o vassoiro com que se varrem as cinzas e brasas do forno, para nêste se deitar o pão que se vae cozer; *adj.* ardente... (De frágua)» —.

É possível, e mesmo provável que de *frágua* provenha o adjectivo *fragùeiro,* ali abonado com Francisco Manuel do Nascimento, o que nos leva a crer que é neolojismo dêste escritor, que tantos inventou, com maior ou menor felicidade.

Como substantivo, o étimo é suspeito, porque *frágua* é uma «forja», e não um «fôrno»; e por outra parte não pode haver étimo comum a *fragùeiro* e *fangùeiro,* sendo certo que o último procede de funicularium } funis, «corda» (} *funguairo* } *fungùeiro* } *fangùeiro* [2].

funil, funilaria

A palavra *funil,* muito usada na Estremadura, e menos no norte onde lhe substituem *embude,* castelhano *embudo,* é o latim

[1] Lisboa, 1894, p. 90 e 200.
[2] Revista Lusitana, II, p. 34.

infundile [1], por infundibulum. De *funil* se derivam *funileiro* e *funilaria,* que quere dizer não só «loja de funileiro» mas também «obra de funileiro», como se vê do trecho seguinte: —«a concorrencia de outras loiças, porventura a obra de funilaria em minima parte»— [2].

Funilaria designa também a «colecção enteira de condecorações com que um indivíduo se adorna», correspondendo neste caso ao que em francês, também em tom de mofa, se chama *ferblanterie.*

Funileiro, não é únicamente o «fabricante de funis», mas em geral o que técnicamente se denomina *latoeiro de folha branca,* por oposição ao *latoeiro,* sem mais nada, que trabalha em *latão,* e não em *fôlha-de-Flandres,* como o *funileiro,* que o povo mudou em *fulineiro,* por influência de *fôlha.*

Furada

Êste nome de várias terras costuma escrever-se às vezes, se não muito freqùentemente, *Afurada,* o que é um êrro, visto que o *a* é o artigo, êrro semelhante ao que os franceses e ingleses cometem quando escrevem *Oporto,* por *o Pôrto.* É regra conhecida que, quando um nome comum passa a especializar-se como nome de terra, costuma acompanhar-se do artigo, se por outro modo não está particularizado. Assim, temos *a Abrigada, a Granja, o Tramagal, o Ginjal;* mas *Pena-fiel,* ou modernamente *Penafiel, Paço-d'Arcos, Porto-de-Mós,* etc.

Quando o nome comum deixou de estar presente à memória do povo, por se haver tornado obsoleto, o artigo muitas vezes elimina-se: assim, temos *Cascais,* e não *os Cascais, Azoia,* em vez de *a Azoia* (árabe AL-ZAUIIE, «a ermida»), *Valadares.* etc.

---

[1] Júlio Cornu, GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, Bonn, 1888, I, p. 770.

[2] Portugalia, I, p. 266.

Ora *furada* é um nome comum, o qual significa uma «caverna artificial», como há, por exemplo, na Galiza a chamada *Furada dos Ca(n)s,* citada por Vilamil y Castro, como sendo uma importante gruta pre-histórica.

fura-mar

Aos sete vocábulos derivados do verbo *furar,* no imperativo, como substantivos, colijidos no Nôvo Diccionário e seu Suplemento, tenho a acrescentar os seguintes nomes de aves:

fura-bardo: Madeira, «gavião».

fura-mar: Madeira, «boeiro» [1].

fuselo

É um deminutivo de *fuso.* Eis aqui uma definição minuciosa: —«duas chapas de madeira... presas uma á outra por sete ou oito pausinhos redondos de um palmo de comprido... são os *fusellos*»—[2].

fuseola, fuseolo

Êste neolojismo é feito à imitação do francês *fusaïole,* termo de arqueolojia pre-histórica, derivado do italiano *fusaiòlo,* «gastão do fuso», isto é, o pedaço de chumbo ou outra substáncia pesada que mantém verticalmente o fio e o ajuda a torcer, pôsto na ponta, ou ferreta do fuso:—«As fuseolas que aparecem em grande abundancia nas ruinas das citanias, identicas ás usadas domesticamente na actualidade»—[3]. Ora, como ninguém dá seme-

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeira's.

[2] Portugalia, i, p. 686.

[3] Portugalia, i, p. 317.

lhante nome às usadas na actualidade, melhor fôra dar-lhes o que teem em português.

V. **gastão.**

fúti

No Relatório da Campanha do Barué em 1902 [1], de João de Azevedo Coutinho, encontra-se a seguinte expressão, usada na África Oriental Portuguesa: — «na esperança de *tocar futi* (fazer fogo)» —. Em nota acrescenta-se: — «*Futi,* espingarda» —.

gadanha, gadanho, gadanhar, agadanhar, engadanhar, esgadanhar, agatanhar, esgatanhar

Dois étimos tem sido propostos para a palavra *gadanha,* forma hoje mais usual, ou *guadanha,* a que Bluteau deu a preferéncia, e que é a castelhana; e digo dois, ambos germánicos, porque o arábico, pelo Dicionário da Academia Espanhola proposto, não merece confiança, pois nem Dozy nem Eguílaz & Yanguas o admitiram, visto que ambos omitem o vocábulo *guadaña* entre os muitos de orijem arábica a que os seus glossários deram cabimento.

Ambos os ditos étimos germánicos se podem ver em Körting [2]. O primeiro dêles, que F. Adolfo Coelho parece preferir [3], relaciona *gadanha* com o verbo *ganhar,* e é aquele que a êste verbo deu orijem nas línguas románicas, com excepção do romeno, em que o elemento germánico é, a bem dizer, nulo: * *waidanyan,* «pascer, pastorear», que subsiste no alto alemão moderno *weiden.*

---

[1] *in* «Gazeta das Colonias», de 15 de maio de 1905.

[2] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, 4062 e 8845.

[3] *in* Portugalia, p, 636 e nota.

O outro é uma base verbal, *hwat,* «afiar», o alto alemão moderno *wetzen.* Houve também quem propusesse *Guadix,* nome próprio de cidade na província de Granada, mas ninguém lho aceitou.

Declaro terminantemente que nenhum dêstes étimos oferece a mínima probabilidade de ser o verdadeiro; e mesmo o que parece ter recebido maior anuência, e relaciona êste nome de alfaia agrícola com o verbo *ganhar,* apresenta tantas dificuldades fonéticas e ideolójicas, que nos vemos na necessidade imperiosa de rejeitá-lo. Com efeito, ¿como é que a única língua románica que conservou o *d,* o italiano *guadagnare,* «ganhar», é justamente aquela para a qual o vocábulo é estranho? E por outra parte, ¿se o dito verbo tanto no português *ganhar,* como no castelhano *ganar,* perdeu esse *d,* porque razão o conservaria num derivado?

Pelo que respeita à parte ideolójica, ¿qual relação se há de estabelecer necessária entre um verbo, cujo significado é «pastorear», e um substantivo designando uma alfaia agrícola aplicada à ceifa de herva, ou de mato? ¿Pois a vida de pastor não é a antítese da do lavrador?

Vê-se portanto que é êste um dos numerosos vocábulos de uso cotidiano, cuja orijem é desconhecida.

De *gadanha* procede *gadanhar,* «ceifar herva», o francês *faucher* | *faux,* «fouce de cabo».

A par de *gadanha,* «fouce roçadoura», temos um masculino *gadanho,* que quere dizer «dedo enclavinhado», como «para *gafar,* arrebatar»; e com *gadanho* temos uma série de verbos dêle derivados: *engadanharem-se os dedos com frio; agadanhar,* «estender os *gadanhos* para arrebatar»; *esgadanhar,* «arranhar com os *gadanhos*», que por influência da palavra *gato,* criatura a quem é muito aplicável o verbo, se converteu em *esgatanhar,* como *agadanhar,* em *agatanhar.*

Com mudança do *d* em *r,* rara mas efectiva (cf. *mentira,* por *mentida,* e o castelhano *parihuela* com o português *padiola, q. v.),* tem os falares transmontanos os particípios *engaranhados,* e *engaranhidos,* que pressupõem os verbos *engaranhar* e *enga-*

ranhir, e querem dizer «entorpecidos, tolhidos os dedos com o frio»; e o étimo imediato dêles é com certeza *gadanho* [1].

gade, gadé

O Nôvo Diccionário rejista a segunda destas formas como termo de jíria, com a significação de «dinheiro».

A abonação de que tenho nota é da primeira, na mesma acepção; é possível, porém, que haja nela êrro tipográfico, o que não posso decidir porque nunca ouvi nem uma nem a outra: —«Quando não havia gade para vinho, meu pae batia-lhe»—[2].

gadelha, guedelha

O Diccionario Contemporaneo rejista sómente a segunda destas formas, o Nôvo Diccionário ambas, dando, como Bluteau, a preferéncia à primeira, que é a mais usual no povo, e também a galega. O que nenhum dos dois faz é consignar a significação de «madeixa de fios», a que Bluteau se referira na inscrição *gadelhas de lã,* e Roquete [3] traduzira para francês do modo seguinte:—«flocon de laine. *Guedelhas de seda,* étoffe de soie peluchée»—. Esta última locução foi empregada pelo cronista Rui de Pina na Crónica de El-rei Dom Afonso v, descrevendo as festas celebradas por ocasião do casamento da irmã de El-rei com o Imperador Frederico em fins do ano de 1449: —«El-rei... desafiou os cavaleiros para as justas reaes, que manteve na rua Nova com condições mui excelentes e de grande gentileza, e assi [foram] propostos grados e empresas mui ricas

---

[1] Na Revista Lusitana, i, p. 212 tratei dêste vocábulo, bem como de *padiola, parihuela,* p. 215.

[2] O Dia, de 25 de setembro de 1902.

[3] Dictionnaire portugais-français, Paris, 1855.

para quem mais galante viesse á tea, e assi melhor justasse. A que o infante Dom Fernando veio com seus ventureiros vestidos de guedelhas de seda fina como salvages, em cima de bons cavalos envestidos e cubertos de figuras e côres de alimarias conhecidas, e outros diformes» —[1].

Vê-se que foi o que hoje se chamaria *mascarada*. Meio século antes houvera outra em França, também por ocasião de um casamento entre pessoas da côrte de Carlos VI, na qual êste rei e mais cinco senhores se vestiram de selvajens, cobertos de guedelha de linho, à feição de pêlo, e assim apareceram na sala do baile, onde por ordem do rei se apagaram os brandões, com receio de algum desastre. O caso porém foi desastroso, e a planeada comédia converteu-se em pavorosa trajédia, breve, mas eloqùentemente descrita pelo cronista Froissart. Apesar da recomendação do rei, o duque de Orleãs entrou na sala acompanhado de seis homens com brandões; tirou um das mãos de um dêles par ver se conhecia os mascarados, que vinham presos uns aos outros, com excepção do rei, que, sendo o primeiro da fileira, se soltara para falar à duquesa de Berri. A luz da tocha pegou fogo na guedelha de linho de um dêsses mascarados, guedelha que estava colada com pez a uma túnica, e assim pereceram dois logo ali, outros dois ao cabo de dois dias, no maior tormento, escapando o quinto, porque se lembrou de lançar sôbre si a água que estava em uma dorna, para nela se lavarem copos.

O que é mais horroroso neste triste caso é que Froissart dá a entender que não foi só leviandade, mas acaso malvadez da parte do duque, o que o levou a chegar a tocha a um dos mascarados, quando nos diz, que o duque foi o culpado, pôsto que a pouca idade e talvez a ignoráncia o levassem a semelhante acto de loucura [2].

Vê-se pois que a palavra *guedelha* ou *gadelha,* não significa únicamente «cabelo», mas também toda a imitação de cabelo ou

---

[1] cap. CXXXI.

[2] CHRONIQUES DE FROISSART, livro, IV, cap. 7.º, Paris, 1881.

pêlo, feita com qualquer substáncia filamentosa, lã, linho, ou seda, por exemplo.

gadi (gaddy)

Na interessante monografia escrita por F. X. Ernesto Fernández, intitulada O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, define-se assim êste termo: — «*Gaddy* era um estabelecimento em que se arrecadava *[sic]* direitos sobre o sal que d'uma provincia fosse exportado para outra. Era situada na passagem dos rios» — [1].

Todavia, o termo tem outra acepção, e significa o próprio imposto, no passo seguinte: — «Em antiquissimas pautas aduaneiras, conhecidas sob a denominação de *Canusapato,* ou tabella de direitos do tempo do dominante mouro, que vigorou nas alfandegas de Salcete e Bardez até o anno de 1811, apparece um imposto que incide sobre o sal sob o nome de *Gaddy*» — [2].

O vocábulo está escrito à maneira tradicional da Índia Portuguesa, usada na transcrição das palavras indíjenas, isto é, *y* para *i* acentuado, e *dd,* para o *d* cacuminal, convém saber, proferido no ponto em que proferimos o *r* de *cara. O y* indicava o *i* acentuado, equivalendo a dois *ii,* como o *a, e, o,* accentuados se escreviam *aa, ee, oo.*

gado criado

Eis a definição autorizada desta expressão: — «quando é certo que na linguagem agrícola *gado criado* quer dizer que é da lavoura de seu dono e não comprado pâra simples negócio de marchante ou contratadôr» — [3].

---

[1] *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 23.ª série, p. 223, nota.

[2] *ib.* p. 223, texto.

[3] GAZETA DAS ALDEIAS, de 27 de agosto de 1903.

gafa, gafar, gafo, gafeira, gafém, gafaria, gafejar; gafanho (?), gafanhoto, gafanhão; Gafanha, Gafanhoeira, Gafes, Gafete, Gafarim

O sentido comum a todos êstes vocábulos parece ser o de «gancho, ganchoso, enganchar», cousa que já advertira Bluteau a respeito dos primeiros seis, por estas palavras:—«GAFA e Gafar. Segundo a etymologia dos que derivam *Gafa* do hebraico *Cafaf,* que significa encurvar, entortar, arquear, he facil de entender os differentes sentidos em que se tomam estas palavras, porque *Gafa,* instrumento com que se curva a bésta, faz um effeito semelhante à Gafa, ou lepra, doença que encolhe os nervos das mãos e pés. Gafar é arrebatar com as unhas, e gafar-se de piolhos, he encher-se dos ditos insectos, que afferrão na carne, e com picadas molestão»—[1]. Isto nos diz no Suplemento, e no corpo do Vocabulário dissera:—«GAFA. He o instrumento com que se curva a verga da bésta, até encaxala na noz—. GAFAR, arrebatar com as unhas ou com instrumento a modo de *gafa.*—GAFO. Leproso ou Enfermo de certo genero de lepra, que não só corroe as carnes, mas deixa os dedos das mãos revoltos, como os das aves de rapina.—GAFEIRA sarna do cão.—He mal que dá nas cabras, pella-as e as mata»—.

Santa Rosa de Viterbo documenta o nome *gafo,* não só como significando «leproso», mas também «leprosório, lazareto, hospital onde os leprosos se abrigam, e são tratados» [2].

A. A. Cortesão [3] cita como orijem do vocábulo *gafo* português o castelhano *gafo* [¿e porque não o contrário?], e a êste dá como étimo, mas em dúvida, um árabe *acfao.*

Em árabe existe na realidade o adjectivo AQFAO, «encarqui-

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, vol. IV, e Suplemento, I.

[2] ELUCIDARIO, Lisboa, 1793.

[3] SUBSÍDIOS PARA UM DICCIONÁRIO COMPLETO, Coimbra, 1900.

lhado, contorcido», do radical QAFAOA, «encolher, encarquilhar» [1], correspondente ao hebraico citado, KAPAP *(kafaf)* «vergar, dobrar» [2], e é possível que do árabe proviesse o vocábulo. *Gafar* em galego significa «arrepanhar, esgadanhar, como fazem os gatos».

F. Adolfo Coelho [3] relaciona *gafo* e um copioso material de derivados com *gafa,* «garra»: o nome seria aos leprosos aplicado, em razão do fenómeno característico de tam horrorosa doença, a mão recurva, revôlta, adunca, como garra de ave de rapina.

Atribui Körting [4] orijem germánica, e não arábica, ao vocábulo *gafa,* tanto castelhano, «garra, gancho», como português nas suas várias acepções, e diz que procede do baixo-alemão *gaffel,* correspondente ao alto-alemão *gabel,* «garfo». Efectivamente, o baixo alemão possui a palavra *gaffel,* que, conforme João Carlos Dähnert [5], quere dizer:—«espécie de gancho ou croque para içar e arrear cousas que estão pendentes de uma vara»—. Com estes vocábulos pareceria relacionar-se não só o *garfo* português e o *garfio* castelhano, «ancinho», mas também o castelhano *garfear,* «agarrar com ancinho», *garfiña,* «garra» e *garfiñar,* «roubar», e talvez o português *engalfinhar-se, galfarro,* etc., conquanto a introdução de *r* e *l* antes do *f* seja difícil de explicar nestas últimas fórmas, tanto portuguesas como castelhanas. *Gafa,* como adjectivo, aplica-se a uma doença da azeitona, que Bluteau descreve assim:—«Azeitona gafa. He a que com as nevoas se engela na Oliveira, e apodrecendo nella, cahe sem ser varejada»—.

Os vocábulos *gafa, gafar, gafento, gafado,* etc. aplicam-se a outras moléstias, além da lepra do homem, da sarna do cão ou da cabra, e do pêco das azeitonas, como se vê do trecho seguin-

---

[1] Belot, VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 606, col. II.

[2] HEBREW-ENGLISH LEXICON, Londres, p. 128, col. I.

[3] DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

[4] LATENISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, 1896, n.os 3546, 3559.

[5] PLATT-DEUTSCHES WÖRTER-BUCH, Stralsund, 1781.

te: — «Aparecem quasi todos [os gafanhotos] gafados (destruidos ou affectados de qualquer doença)» —.

A propósito do nome *gafanhoto,* dado ao *saltão,* direi que me parece ainda um ramo da mesma estirpe, e que lhe foi dado em razão da forma ganchosa das patas deanteiras. Ora, *gafanhoto* é um deminutivo (cf. *perdigoto* do radical de *perdiz,* perdic-), e tanto, que há um aumentativo *gafanhão*, que quere dizer *gafanhoto grande.* Um e o outro pressupõem um primitivo *gafanho* ou *gafanha,* que não está colijido, nem posso abonar, mas que naturalmente existe, visto que o vemos, no onomástico local, em *Gafanha,* aldeia do Douro, com derivados, como *Gafanhão,* na Beira-Alta, e *Gafanhoeira,* no Alentejo; e João Maria Baptista rejista mais *Gafanhoto* e *Gafanhotos* [1]. Pinho Leal [2] conta-nos umas histórias a respeito de *Gafanha,* das quais a mais verosímil é que antes houvesse ali uma *gafaria.* Assim será. A. A. Cortesão aduz mais o substantivo *gafém,* «lepra», abonando-o: — «Que o façass seer saaom de *gafeem* [3]. *Gafejar,* na Madeira e na Estremadura significa, «fervilhar, pulular». Cf. Bluteau, *supra.* Tudo isto parece provir de *gafa,* «garra».

É de notar que saltão se diz em castelhano *langosta,* palavra que também denomina a *lagosta,* | locusta. A semelhança de forma, especialmente com referéncia às patas e às turqueses, determinou a identidade do nome.

A êste respeito me ocorre a notícia dada por um periódico, de uma chuva de *lagostas* que em Espanha tinha devastado um campo. Eram gafanhotos. Parecida com esta bernardice publicou outro jornal uma tradução de um conto castelhano, e o tradutor dava-nos esta novidade estranha: o diabo é surdo porque tinha entalado a mão direita! O castelhano dizia *zurdo,* «canhoto», porque surdo se diz lá *sordo.* Outro ainda participava aos seus

---

[1] Chorographia moderna do reino de Portugal, vi, Lisboa, 1878.

[2] Portugal antigo e moderno, Lisboa, vol. iii, 1874.

[3] Subsídios para um diccionário completo, Coimbra, 1900.

leitores que certas tropas estavam acampadas nas o r e l h a s do Danúbio! O texto espanhol dizia *orillas,* «marjens», vocábulo que morfolójicamente corresponde ao português *ourela* porque *orelha* { a u r i c(u) l a é em castelhano *oreja.* São freqùentíssimos êstes primores de tradução!

Em castelhano *gafa* teve maior desenvolvimento no seu sentido natural de «gancho», que o correspondente português: *gafas* quere lá dizer não só as hastes dos óculos ficsos, que os seguram nas orelhas, mas, como termo faceto, os próprios óculos; como nós lhe chamamos, também por graça, *cangalhas,* aludindo à armação geminada de ferro ou madeira que se coloca sôbre o lombo das azêmolas, para se lhe meter carga. O deminutivo *gafete* quere em castelhano dizer «colchete», que também se diz *corchete.*

O verbo *gafar,* «agarrar», é pouco usado actualmente em português, e creio obsoleta a acepção em que se emprega em galego de *agadanhar, esgadanhar,* vulgarmente *esgatanhar,* como disse, por influência da palavra *gato,* que é o animal mais useiro e vezeiro em alimpar e afiar as unhas, seja em que fôr, mesmo na nossa pele.

Podemos estabelecer o desenvolvimento do sentido da palavra *gafa* em português do modo seguinte:

Gafa, «garra»: *gafar, (gafanho), gafanhão, gafanhoto, gafejar*
«lepra»: *gafo, gafado, gafém, gafeiro, gafeirento, gafeiroso, gafaria, engafecido*
«sarna»: *gafento*
«doenças nas oliveiras»: *gafo, gafar, gafado*
Duvidosos: *galfarro, engalfinhar*
: *garfo,* e seus derivados.

Outros nomes próprios de povoações, derivados de *gafo* são *Gafes,* no concelho de Cabeceiras de Basto, *Gafarim,* no de Ponte de Lima, *Gafete,* no do Crato.

gaio

Vareta de pau muito flecsível, terminada na sua parte superior por umas laçadas, feitas com a própria vareta vergada [1].

gaio; gaiosa

Na Madeira é o nome da *gaivota,* durante o primeiro ano de nascida, conforme a copiosa e interessante monografia de Ernesto Schmitz, intitulada DIE VÖGEL MADEIRAS [As aves da ilha da Madeira], publicada no Anuário de Ornitolojia, vol. x, 1899, que muitas vezes tenho citado, para reunir aqui a riquíssima nomenclatura vulgar, com tamanha dilijéncia colhida pelo douto naturalista no seu valioso estudo.

No continente o nome *gaio* é aplicado a outra ave muito diferente, da família dos corvos, garrulus glandarius. É sabido que o vocábulo *gaio,* como adjectivo, significa «alegre», e dessa significação provém a locução adjectiva *verde-gaio,* «verde claro e vivo».

Derivado de *gaio,* «alegre» parece ser o nome de certo tributo: — «Não menos elucidativa é a *gagosa* ou *gayosa,* fôro que se pagava pelo casamento dos filhos» — [2].

gaiolo, garimpa

São sinónimos êstes dois vocábulos, sendo o primeiro o masculino de *gaiôla,* e portanto pronunciado *gaiôlo* (cf. *ôvo, óva, pôrto, pórta):* designa qualquer dêles uma armadilha para caçar

---

[1] J. da Mota Prego, JORNAL DO COMMERCIO, de 11 de agosto de 1905.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 575.

pássaros: — «*Nassa, gaiolo* ou *garimpa* — Tem a forma de uma pyramide regular de base quadrada e é feita de varas encruzadas umas sobre as outras, seguras por meio de quatro vergas a um caixilho, tambem de varas, atadas ou pregadas nas extremidades» — [1].

Garimpa é talvez *grimpa*, com a vogal *a*, anaptíctica ou intercalar.

gaita(s), gaitada, gaiteiro

Em Sam Miguel dos Açôres *gaitada* quere dizer «gargalhada», naturalmente pelo estridor que faz.

Em Lisboa significa «repreensão acerba».

É um derivado de *gaita*, «instrumento de vento» de timbre muito agudo, e é esta circunstáncia o fundamento dos dois sentidos figurados acima referidos.

Gaitas se chamam os orifícios que as lampreias teem por baixo da bôca. A suposta explicação de Bluteau, a que aludiu José Maria Adrião, TRADIÇÕES POPULARES COLHIDAS NO CONCELHO DO CADAVAL [2], com relação ao dito *sabe que nem gaitas*, é fantasiosa: — «*porque as lampreias são excellentes, e como teem uns* braços *assemelhando as gaitas, d'ahi o ditado*» —. É natural que em razão daqueles orifícios às lampreias se chamasse *gaitas*, concorrendo para a aplicação do nome a forma roliça do afamado peixe. *Sabe que nem gaitas* quererá pois dizer: «sabe que nem lampreias», «tem muito bom sabor», para quem o tiver, que pela minha parte dispenso o petisco.

Para crédito de Bluteau, a citação está errada toda; o que o doutíssimo frade escreveu e vem no seu Vocabulário é o seguinte: — «Gaitas se chamam uns buracos a modo de Fagote, que a Lampreia tem pelo pescoço, e por serem aquellas partes saboro-

---

[1] José de Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 88.

[2] *in* «Revista Lusitana», VI, p. 129.

sas, derão occasião ao adagio, *Sabe como gaitas*» — Até os *buracos* foram transformados em *braços,* atribuindo-se falsamente ao nosso melhor lecsicógrafo a rara invenção de peixes com braços e braços com buracos! Muita razão tinha Augusto Schleicher em recomendar que jamais se fizesse uma citação sem se ter o cuidado de escrupulosamente a conferir.

Erre cada um à vontade por sua conta, mas não atribua a outrem os disparates que lhe veem à cabeça.

Gaiteiro é o músico que toca principalmente a gaita de foles. Como adjectivo quere dizer «alegre», «garrido», como quando dizemos de um velho, ou de uma velha, que são *gaiteiros.* Com efeito, tanto a gaita ordinaria, como a de foles, são instrumentos alegres, e gratos ao ouvido, se nos campos soam; nas cidades, são mais um guincho e um ronco importunos, a juntar aos muitos rumores e sussurros que nos ensurdecem e desafinam os nervos.

gajo, gaja; gajé

São termos de calão conhecidos, derivados do caló, ou dialecto cigano de Espanha, *gachó, gaché,* pl. *gachés.* Se aceitarmos, porém, como completamente averiguado que o *ch* ali tem o mesmo valor que nos dialectos castelhanos, nomeadamente o andaluz, visto que é da Andaluzia que para Portugal veem em geral os ciganos, temos de admitir que a forma passou ao português por intermédio de ciganos orientais, pois é aí que nós a encontramos, por exemplo no dialecto dos da Moldo-Valáquia, com uma consoante medial análoga à portuguesa de *gajo* (pron. *gadjó)* «labrego». É provável, porém, que a ortografia castelhana, adoptada para a escrita do caló, haja confundido, no mesmo símbolo **ch**, a forte *tch (ch* beirão ou castelhano) e a branda correspondente *dj.* É sabido que na transcrição, mesmo metódica e científica moderna, os arabistas espanhóis transliteram por **ch** a 5.ª letra do alfabeto arábico, que se profere *dj* na Ásia e *j* vulgarmente nos países barbarescos. Dêste modo, a forma portuguesa diferençar-se-ia apenas na mudança do acento para a 1.ª

sílaba, o que se observa em outros vocábulos da mesma orijem (v. **parne**).

Quanto ao substantivo abstracto *gajé,* de calão igualmente, poderia êle representar um singular deduzido do plural caló *gachés,* de *gaché,* forma de singular que alterna com *gachón,* no andaluz aciganado, como se vê, por exemplo, na cantiga da Contrabandista da *Feria de Mairena:*

—«Si el resguardo le prendiera
á tiros le resgatara,
que los ojos e mi cara
son los ojos e mi gaché»—.

É mais natural, porém, que a palavra *gajé* seja simplesmente deturpação do francês *dégagé,* «desempenado, airoso; donaire, desembaraço».

O significado próprio de *gachó,* femenino *gachí,* em caló é «rapaz, rapariga, adultos, não ciganos»; e em português a de *gajo* é «qualquer sujeito a quem o fadista se refere com malevolência»:—¿Vês aquelle gajo? [1].

galão

O Diccionario Contemporaneo dá como quarta acepção dêste vocábulo—«gole, cada um dos saltos que dá o líquido ao sair de um gargalo ou bocca de vasilha»—; e como quinta acepção—«corcovo, salto que o cavallo dá erguendo as mãos e enovelando-se»—. Esta última definição vem por outras palavras no Vocabulario de Bluteau, e é com êste significado que se relaciona o modo adverbial, usado em Sam Miguel dos Açôres, *de galão,* «de salto, de chofre».

---

1 O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

galego

Êste adjectivo é muito usado em português para diferençar castas, raças ou espécies, sem que por isso se queira dizer sempre que proviessem da Galiza.

Assim dizemos *couve galega; ginja galega,* por oposição a *ginja garrafal (q. v.)* que é a mais grada e de melhor sabor, menos azeda, etc.

Com alguns nomes, porém designa de certo orijem, como acontece, por exemplo, com *boi galego,* por oposição ao *barrosão:* —«Faz lembrar o *Taurus brachyceros,* ou *bos longifrons,* conhecido e domesticado desde o neolithico... e approxima-se muito do nosso typo actual do *boi galego*»—[1].

Como substantivo, *galego* designa não só o natural da Galiza, principalmente de condição humilde, mas também o português do norte, que exerce os mesteres que dantes eram a bem dizer privativos dos galegos verdadeiros, e entre êsses o de aguadeiro, mais especializado com um epíteto *galego de barril,* que A. de Campos empregou no romance o MARQUÊS DE POMBAL neste sentido.

De Galiza derivou-se, além de *galegos,* (latim galaecos), outro adjectivo *galiziano, (q. v.)* em **gereziano.**

galela, galelo

O NÔVO DICCIONÁRIO dá o termo *galelo* como transmontano, com a significação de «gomo da laranja». Leite de Vasconcelos [2] diz-nos significar «escádea, bagos de uva», e que a forma feminina *gálela* quere dizer «rabisco», e por isso se diz *ir à galela.*

---

[1] Portugalia, I, p. 327.

[2] RESPIGOS CAMONIANOS, p. 45, nota.

galheta

O Nôvo Diccionário traz duas inscrições desta forma: 1.ª certas garrafinhas como as usadas na mesa para azeite e vinagre, e no serviço da missa, para vinho e água—, e a esta subordina o termo de jíria, com a significação de «bofetada».

A 2.ª forma diz-nos ser o nome de uma—«trombeta de guerra, entre os prêtos de Lourenço Marques, feita de chifre de cabrito. (De galho)»—.

Que o vocábulo não é indíjena vê-se pelo *lh*.

Ora o termo de jíria acima apontado não pode subordinar-se a *galheta,* «garrafa»; é preciso abrir para êle terceira inscrição, pois é simplesmente o castelhano *galleta* (pr. *galheta),* «bolacha», derivado do francês *galette*, com a mesma significação, e que se diz provir de *galet,* «seixo grosso e chato, boleado pelas águas», que seria palavra bretã, mas parece deminutivo de *gal,* que no francês antigo significava «calhau» [1].

Confronte-se *biscouto (q. v.).* Assim, como *bolacha* significa também, como termo de jíria, «bofetada», do mesmo modo se empregou a palavra espanhola, neste sentido figurado.

galhipo

—«O isqueiro ter-se-hia vulgarisado principalmente com os progressos do uso do tabaco; e não obstante as actuaes disposições prohibitivas, ainda a sua utilização subsiste occultamente: o *cornipo* no planalto barrosão e no Soajo *(galhipo* em Lindoso) é um toro de chifre de bode, vedado com discos de cortiça e incluindo farrapos de linho chamuscado ou medulla de sabugo; com um fragmento de quartzo leitoso regional obteem a faísca e logo o fogo necessario para o fumo»—[2].

---

[1] E. Littré, Dictionnaire de la langue française, Paris, 1881.
[2] Rocha Peixoto, Illuminação popular, *in* Portugalia, II, p. 37.

É longa a transcrição; contém ela, porém, tam perfeita descrição do objecto designado com o nome de *cornipo* ou *galhipo,* que entendi não dever suprimir-lhe nem uma palavra, e com tanto maior razão, quanto é certo ser omisso nos dicionários o termo *galhipo*.

galinha; galinheiro; engalinhar

Galinha era unidade monetária de Ajudá que valia 33,3 réis portugueses do continente, isto é, duzentos *búzios (q. v.)* [1].

Apontarei aqui os nomes de algumas castas de galinhas, transcrevendo-os do jornal O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902:

brigadora
de asa de pato
de peito negro
paduana ou polaca
pedrês
de poupa.

O derivado *galinheiro* significa «a capoeira das galinhas e do galo», e o «indivíduo que vende galinhas».

No Alentejo o termo *galinheiro* tem significação menos restrita, como vemos do trecho seguinte:—Uma casa qualquer em que pernoitam e põem as aves domesticas do monte [casal], com excepção dos pavões e patos reaes (gansos), que dormem e nidificam fora ou ao ar livre e á solta»—[2].

J. J. Núnez [3] cita a forma *galhinha,* que diz arcaica e que se explica por assimilação do *l* à palatal *nh* da sílaba seguinte.

Modernamente introduziu-se o castelhanismo *galinheiro (gallinero),* para denotar nos teatros o que antigamente era denomi-

---

[1] Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

[2] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 545.

[3] REVISTA LUSITANA, III, p. 302.

nado *varandas,* isto é, «bancos corridos na última ordem», convém saber, ao pé do teto, lugares mais baratos que nenhum.

O verbo *engalinhar* é faceto e quere dizer «tomar enguiço, agastar-se».

ganadeiro; ganáncia; ganhar, ganhão, ganharia, ganhança

Ganadeiro é castelhanismo muito usado, como outros, no Alentejo, e tem a significação de guardador de gado, em castelhano *ganadero,* de *ganado,* que é o mesmo vocábulo que o *gado* português, conecso com *ganar, ganhar;* conquanto não se explique fácilmente a eliminação do *nh* dêste último verbo, a não ser porque proviesse directamente, em tempos antigos, do verbo castelhano, de que o substantivo *ganado* é apenas o particípio passivo, substantivado como tantos outros:—«um terrível lobo, que ha annos trazia inquietos os lavradores e ganadeiros»—[1].

Importação directa de castelhano é *ganáncia,* que o povo rústico em Portugal diz, com maior vernaculidade, *ganhança.*

Ganhão é o trabalhador adventício a jornal:—«CASINHA DOS GANHÕES... dormitorio e casa de descanço dos «ganhões ou moços de lavoira, que constituem a *ganharia*»—[2].

Aqui, *ganhão* tem sentido especial, como se vê da definição claríssima. Antes, J. da Silva Picão abona o termo *ganharia* aqui empregado:—«A cosinha, em certas partes, tambem serve de refeitorio da ganharia e restante pessoal, como carpinteiro, ferrador, etc.»—.

gandula, gandum

O NÔVO DICCIONÁRIO, no Suplemento, incluíu ambos êstes vocábulos, o primeiro como de uso actual em Gaia, na acepção

---

[1] O SECULO, de 6 dezembro de 1900: correspondência de Avis.

[2] ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* «Portugalia», I, p. 541 e 538.

de «garoto, vadio», o segundo como antigo, sem definição, mas abonado com o trecho seguinte:—«quando eu era choramigas da ausência, era papa arroz da mágoa; agora sou gandum da preguiça... *Anat[ómico] Jocôso,* I, p. 195. (Por *gantum, gaudério)?*»—.

Em castelhano temos *gandul,* que o Dicionário da Academia Espanhola define dêste modo:—«Gandul, la. (Del ár. YANDUR, majo, valentón) adj. fam. Tunante, vagabundo, holgazán. // Individuo de cierta milicia antigua de los moros de Granada y África»—[1].

A etimolojia foi dada por Dozy [2], e é natural que o termo viesse de Espanha para cá.

O moderno *gandul* e o antigo *gandum* devem de ser o mesmo vocábulo, e o significado primitivo é com certeza o segundo apresentado no Dic. da Academia Espanhola. As consoantes finais dos vocábulos arábicos eram, como adverte Dozy, mal ouvidas e sofreram substituições, de outro modo inexplicáveis.

Por longuíssimo não traduzo para aqui o interessantíssimo artigo por Dozy consagrado ao *gandul* andaluz e ao *gandur* mouro, com os seus correspondentes femeninos *gandulera* e *gandura.* Pela descrição dos *gandures* e *ganduras* vê-se que são uma espécie de fadistas de lá, emquanto novos e novas, peralvilhos a seu modo, chibantes e amigos de se divertirem, mas de costumes corrompidos; depois de velhos e velhas fazem-se rufiães e alcoviteiras.

garrafa, garrafal

A palavra *garrafa* é também castelhana; mas é sabido que nesta língua, como em francês *carafe,* só se aplica às de vidro ou cristal, com rolha de igual substáncia, que se põem na mesa

---

[1] Madrid, 1899.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

com água ou com vinho, porque a *garrafa* de *engarrafar* vinhos e licores se denomina respectivamente *botella, bouteille.*

Dozy [1] diz-nos ser vocábulo de orijem arábica, YAR̄AFE, forma que, segundo afirma, não vem nos dicionários com tal significado, mas com o de um enjenho para tirar água de poços. O radical é YARAFA, «tirar água», de que proveem os substantivos YURUF, «copo», e YURF, «púcaro».

De *garrafa* se deriva o adjectivo *garrafal,* que quère dizer «avultado, grande», tanto aplicado à *letra, letra garrafal,* como à ginja, *ginja garrafal.* Êste último epíteto, tambem usado em castelhano, *guinda garrafal,* é muito antigo, pois Bluteau faz dêle menção, descrevendo esta deliciosa fruta do modo seguinte:—«He maior que as outras [ginjas], e mais doce, tem o pé curto, e a cor tira a negro. Bahuino, na Historia universal das plantas, part. I, p. 220 e 221, he de parecer que he a que Plinio chama *Cerasus* [cerăsus] *Macedonica*»—.

O epíteto castelhano *(guinda garrafal)* encontra-se já mencionado por Navagiero (XVI século), que na Descrição de Granada, ou como os nossos escritores antigos lhe chamaram *Grada,* diz ser excelente a casta denominada *guindas garrafales* [2].

A ginja mais meúda e acre designa-se vulgarmente com o nome de *ginja galega.* (V. **galego**).

Garrett

O apelido inglês do maior poeta nacional depois de Luís de Camões, João Baptista de Almeida Garrett, está recentemente a

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869. Represento por Y a 19.ª letra do alfabeto arábico, a qual é uma fricativa sonora, correspondente à surda, **jota** castelhano actual.

[2] Escrita em italiano: *apud* Francisco Xavier Simonet, DESCRIPCIÓN DEL REINO DE GRANADA, Granada, 1872, p. 245, (Apéndice VI). O título da obra de Navagiero é, conforme R. Foulché-Delbosc, (BIBLIOGRAPHIE DES VOYAGES EN ESPAGNE ET EN PORTUGAL, *in* «Revue Hispanique», III, p. 22, 1896): IL VIAGGIO FATTO IN SPAGNA ET IN FRANCIA DAL MAGNIFICO M. Andrea Navagiero, Vinegia, 1563.

ser pronunciado de um modo pretencioso e que nenhum fundamento racional póde abonar. Diz-se para aí entre gente que presume de instruída, e muitas vezes o é na realidade, *gàrré.* O que lhes seria difícil fôra dizerem em que se estribam e com que se escudam para tam anómala pronunciação. O apelido é inglês, e se à risca se quisesse proferí-lo como nesta língua, haveria de pronunciar-se *gáret,* com o acento na 1.ª sílaba, e um *t* proferido na segunda.

Se o nome fôsse francês, que não é, nenhum francês, ao vê-lo escrito com dois *tt* finais, deixaria de pronunciá-lo *gàréte.* A extravagante pronunciação *gàrré* é que não pertence a língua nenhuma conhecida, e só prima pelo ridícula que é.

O facto, porém, é que o próprio poeta sempre pronunciou o seu apelido como se em português se escrevesse *garréte,* com *a* surdo na primeira sílaba, o acento tónico na 2.ª, e o *t* perfeitamente proferido. Assim lho ouvi eu várias vezes, assim o pronunciavam todos os seus contemporáneos, e entre êles o seu fidelíssimo amigo, discípulo, e poeta notável da escola romántica Francisco Gomes de Amorim, em casa de quem tive a glória de encontrar a Garrett, sendo eu uma criança de treze anos.

Não é de admirar êste aportuguesamento de nomes estranhos: também, por exemplo, *Stockler, Mayer* e *Van Zeller,* se aportuguesaram na pronúncia em *estoclér, maiér* e *vanzelér;* também nunca ninguém pronunciou cá o nome do conhecido espingardeiro francês *Imberton* de outro modo que não fosse *imbèrtom;* e assim tantos outros. É hoje em dia que há a preocupação de se arremedarem as pronúncias estranjeiras dos nomes, e às vezes com tanto acêrto, como o do glorioso poeta, tam esquecido já, que até lhe mascaram o nome, que era bem dêle, e como êle o pronunciava e queria que lho pronunciassem, bem à portuguesa, e não com disfarces que o transtornam e afeiam.

garroteia, jarreteira

A ordem militar a que hoje chamamos à francesa da *Jarreteira,* foi denominada *Garroteia* um século depois da sua insti-

tuição em Inglaterra, em 1341. É imitação provável do nome inglês *Garter,* que W. Skeat [1] deriva do galês *gar,* «pernil», «canela da perna», étimo céltico da palavra hispánica, de significado um tanto diferente, *garra,* de que provém *garrote.* A palavra *garter,* como a francesa *jarretière* | *jarret,* «curva da perna», quere dizer o que actualmente chamamos *liga,* «a fita com que se seguram as meias», e que por aquele tempo as prendia às calças, ou calções que vinham da cintura até o joelho. A forma francesa antiga, *jartier,* está para a inglesa *garter,* como *jardin* para *garden,* e é sabido que em francês o *g* orijinário antes de *a* dá *ja,* como o *c* na mesma situação, *chá.* (V. **jardim**). A palavra *gar,* mais ou menos modificada, em todas as línguas célticas modernas conserva significação análoga, em bretão *garr,* em erse *cas,* «perna», etc.

Eis aqui a abonação do vocábulo *garroteia* em português: — «em França por sua ardideza e bondades foi [Alvaro Vaz de Almada] feito conde de Abranxes, e em Inglaterra por sua valentia foi recebido por companheiro da ordem da Garrotea, de que principes cristãos e pessoas de grande merecimento são confrades» — [2].

garula

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo como termo de jíria, com a significação de — «perúa» —. Creio ser gralha lecsicográfica, devida a êrro de apontamento, em que se leu *u* por *n,* pois a êste vocábulo sempre ouvi dar o significado de «perna».

garvaia

Vestimenta rica. V. Revista Lusitana III, p. 142.

---

[1] A concise etymological Dictionary of the English language, Ocsónia, 1887.

[2] Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso V, cap. XXXI.

gás

O Nôvo Diccionário emenda no Suplemento *gaz* para *gás,* e parece-me que tem razão; no que a não tem é em atribuir a invenção portuguesa a forma *gaz,* com *z;* é simplesmente cópia da escrita francesa. É incerta a orijem do vocábulo, que é artificial: a mais provável é haver sido fabricado por Van Helmont, físico flamengo do XVII século (1578-1644), tomando por base a palavra grega κ'άος, «massa informe». A razão da inicial *g* é a seguinte: os holandeses e flamengos proferem o *g* inicial como o actual *j* castelhano, e ao lerem grego dão êste valor ao κ'ι ou antepenúltima letra do alfabeto helénico, que os romanos transliteraram por *ch;* aquele valor tem ela no romaico, ou grego moderno, já o tinha no grego bisantino, e provávelmente desde o II ou III século da era cristã, como pretende Frederico Müller [1].

gaspilhar

Não pense o leitor que êste verbo seja uma variante de *gaspear* (botas); não é.

Num jornal diário, em que se dá notícia do falecimento do eminente publicista Emídio Navarro, fazendo-se enteira justiça à vernaculidade da linguajem portuguesa, que sempre e em toda a ocasião êle usou, uma coluna antes, lêmos com assombro o seguinte período:—«Pede [o povo de Portugal] que [os governos] arrecadem e administrem honradamente os dinheiros publicos; que os não gaspilhem em despezas inuteis e voluptuarias»—.

Eu não sei quem foi o articulista que escreveu êste desconchavo, onde pretendeu dar a entender que sabe (?) francês, conseguindo apenas mostrar que não sabe português, pois verbos

[1] Grundriss der Sprachwissenschaft, vol. III, t. II, Viena, 1887, p. 423.

desta língua, com o significado que tem *gaspiller* em francês, não faltam, e já aqui, sem reflectir um segundo, me saltam dos bicos da pena três: *desperdiçar, extravaganciar* e *esbanjar.* ¿Que há de o povo entender por aquele *gaspilhar,* que não usa, nem encontra em dicionário algum português? ¿E essoutro estrambótico adjectivo *voluptuarias?* Alguém mais curioso, que o busque nos vocabulários, capacitar-se há sinceramente de que o ominoso govêrno vai com os dinheiros públicos estabelecer lupanares para recreio e deleite dos ministros.

gastão

Ninguém poderá saber a razão por que esta palavra tam portuguesa foi eliminada em dois dicionários modernos bastante copiosos, o CONTEMPORANEO, e o NÔVO.

As definições dadas por Bluteau são como se segue: — «GASTAM de Bastão, ou Bordão. O remate redondo de Latão, Prata ou pao, em que descança a mão de quem o traz».

Gastão do fuso. O bocadinho de chumbo, ou latão, que cobre a pontinha do fuso, e ajuda a torcer o fio... Na sua prosodia declarando a significação de Verticillum diz Bento Pereira *Mauça* ou *Mainça do fuso,* em algumas partes do Reino se chamará assim o ditto gastão» —. Isto está parafraseado: o que Bento Pereira diz é o seguinte: — «Verticillum... *a mauça ou mainça do fuso»* —.

J. Inácio Roquete, no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS inscreveu: — «GASTÃO, *s. m.* pomme d'une canne, — *do fuso».* V. *Maunça.* — «MAUNÇA, s. f. poignée; botte d'aulx secs, — *do fuso,* rainure en spirale pratiquée au bout le plus mince d'un fuseau à filer» —.

Vê-se de tudo isto que *mainça* ou *mauça (q. v.)* e *gastão* do fuso são duas cousas distintas. Os dois dicionários citados, se não trazem *gastão,* incluíram ambos *castão,* forma que, pelo menos com relação à bengala, é a mais usual hoje em dia; mas a respeito de *castão do fuso,* deixaram-no ficar no tinteiro, e o Nôvo

Diccionário em *mainça* declara-nos que é—«remate do fuso»—sem nos dizer de que lado fica o tal remate, pois na bengala, por exemplo, o remate de cima é o *castão,* e o de baixo a *ponteira.*

Em italiano há dois vocábulos muito parecidos: um é *fusaiòla* ou *fusaròla,* o qual significa «pedaço de madeira, ou de pano, com um buraco a meio, onde as fiandeiras seguram os fusos»; o outro *fusaiòlo* ou *fusaròlo*—«rosca pesada que se enfia na ponta ou ferreta [se é de ferro] do fuso, para que gire com maior regularidade»—. Qualquer dos dois vocábulos deriva-se de *fuso,* pronunciado *fuço,* e não *fuzo,* pois *fuso,* com esta pronúncia é particípio passivo do verbo *fóndere* «derreter» [1]. O *castão* ou *gastão do fuso* será então o *fusaiòlo,* de que os franceses fizeram o seu *fusaïole,* que já passou artificialmente a português com a forma errónea *fuseola (q. v.).*

gata, gateira

Não é a fémea do gato que vou mencionar aqui: é o termo de Sam Miguel dos Açôres *gata,* que corresponde ao *gateira* de Lisboa, isto é, «bebedeira» [2]. É extraordinária a quantidade de palavras que existem em português para designar, mais ou menos, graciosamente, êste vício, e a manifestação dêle: formariam só por si um curioso glossário, se se pudessem analisar todos por forma, que ficasse patente a orijem de cada um. Tesouro de tantos nomes pertence com certeza a terra de muitos bêbados.

geio, geada: v. **geo**

---

[1] P. Petròcchi, Nôvo Dizionàrio Universale della lingua italiana, Milão, 1887-1892.

[2] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

geira

Esta palavra, já definida nos dicionários portugueses, é, como se sabe, o latim diaria, «que se vence num dia». Rejistarei apenas aqui a locução transmontana *ir á geira* [1], «ir para o trabalho diário», a qual confirma o étimo.

gemónias

O Nôvo Diccionário acentuou *gemonías,* e corrijiu no Suplemento para *gemónias,* mas com certa hesitação. Não há motivo para hesitar: *gemónias* acentuou J. Inácio Roquete [2], Francisco Adolfo Coelho [3], etc., e admira que o Diccionario Contemporaneo, o qual passou pelas mãos de um perito latinista, Santos Valente, deixasse passar o êrro crasso *gemonías,* devido únicamente a qualquer escrevedor ignorante, que não sabendo nem ao menos ler latim, remedou em português o francês *gémonies,* cujo acento tónico está no *i,* o que é de regra nesta língua. Como era desacêrto divulgou-se, segundo o costume.

Em Roma chamavam-se Gemonĭae scalae, ou simplesmente Gemonĭae, umas escadarias pelas quais eram com um gancho arrastados os supliciados, para serem arrojados ao Tibre. Figuradamente, usa-se esta expressão para indicar «extremo desacato, vitupério, castigo, justo ou injusto», inflijido a qualquer, principalmente em oposição a triunfo, ovação que antes se lhe tivesse feito, ou se lhe houvesse de fazer.

generear

É verbo que não vem apontado em nenhum dicionário, e cuja significação, como se depreende do seguinte trecho, é «gerar»:

---

1 Revista Lusitana, iv, 268.

2 Dictionnaire portugais-français, Paris, 1885.

3 Diccionario manual etymologico da lingua portugueza.

— «choravam os Padres por deixarem os christãos filhos seus, que tinham *genereado* em Christo, e tiraram do poder do demonio» —[1].

Parece ser neolojismo, adrede fabricado para evitar o emprêgo duvidoso de *gerar*.

genesi, genesim, Génesis, génese

Gil Vicente usa o vocábulo *genesi,* agudo, no verso seguinte:

— « . . . outro sacrificio figuram em si,
Que matar bezerros, nem aves ali:
Outra mais alta oferta soletra
E outro genesi » —[2].

Deve ser uma hebraização rabínica do grego GÉNESIS. A outra forma *genesim* é já portuguesa: nasalizou-se o *i* final, como outros muitos de substantivos, tais como *marfim, rubim,* antigamente *marfi, rubi,* e até de partículas, como *sim, assim,* por *si, assi.*

Génesis em grego e latim é palavra femenina, mas costuma dizer-se o *Génesis,* como se diz o *Apocalipse,* também femenino, com elipse do substantivo masculino *livro da,* em referéncia ao primeiro do Velho Testamento, e ao último do Novo.

A palavra *génese,* «geração», que tomámos imediatamente do francês *génèse,* deve ser proferida com o acento na primeira sílaba, atenta a sua orijem grega, com *e* breve na penúltima sílaba: dêste modo fica sendo um aportuguesamento do vocábulo grego g é n e s i s, como *análise* o é de a n á l u s i s.

gens: v. jens

[1] P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 77.

[2] AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS.

geo, geio, geoso, gear, geada, gêlo

Do latim gelu proveio por evolução portuguesa *geo, geio,* postulado pelo verbo *gear,* substantivo participial *geada,* e adjectivo *geoso,* abonado no trecho seguinte:—«Dizem de Portalegre que continua rasoavel o aspecto geral do campo. Durante o mez de fevereiro correu o tempo extremamente frio e geoso»—[1]. O substantivo *gêlo* e os seus afins e derivados devem ter orijem literária, atenta a permanência do *l* latino intervocálico.

Há outro vocábulo *geio,* «socalco», o qual nenhuma relação parece ter com o da minha hipótese.

geolho

Não é arcaismo em todo o reino esta forma, que em quási toda a parte foi substituída por *joelho.* Em Caminha, por exemplo, é a fórma usual e corresponde ao castelhano *hinojo,* italiano *ginócchio,* francês *genou,* do latim genuc(u)lum. A forma moderna *joelho* ou provém de outro deminutivo de genu, *genic(u)lum,* como cuido, ou foi refeita pela metátese de *ajoelhar* por *ageolhar* | *geolho,* como é o parecer de quási todos os etimolojistas.

Gerez, gereziano

Do nome próprio *Gerez* formou Alberto Sampaio o adjectivo *gereziano:* [2] —«como hoje no macisso gereziano»—. Melhor fôra, a meu ver *gerezino,* ou *gerezano,* ou *gerezão,* não obstante o adjectivo *galiziano* | *Galiza,* que também empregou:—«O ca-

[1] O Economista, de 26 de março de 1883.

[2] As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 116.

vallo gabado por Plinio... pelo trote d'andadura, pertence ao typo *galliziano*»—[1].

Êste último termo está já consagrado em publicação oficial vernácula e de bastante autoridade [2].

Disse que preferiria outra forma de derivação à que o douto escritor empregou, *gereziano;* é possível, porém, que a nossa nomenclatura convencional geolójica, em que infelizmente a vernaculidade da língua tem sido tam pouco respeitada, o obrigasse àquela terminação com sabor tam afrancesado, como o do substantivo *macisso,* francês *massif.*

ginete; gineto, gineta

Conforme Bluteau [3], a acepção primordial do primeiro dêstes vocábulos é—«cavallo de casta fina»—, sendo secundárias as de—«cavalleiro, com lança e adarga, e estribos curtos—, homem a cavallo»—.

Seguem êste parecer o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, o MANUAL ETYMOLOGICO, o NÔVO DICCIONÁRIO, como já tinha feito entre outros o PORTUGUÊS-FRANCÊS de Roquete. Todavia, o próprio Bluteau, no Suplemento, referindo-se a Capitão de ginetes, define esta locução com as seguintes palavras:—«responde este officio a General de Cavallaria do Reyno»—. Vê-se pois que a acepção, que deu como secundária de «cavaleiro armado» é a primária, sendo a de «cavalo» deduzida desta; e com efeito assim é em castelhano:—«A esta necesidad obedeció que los musulmanos tomaran á sueldo caballeros cristianos y que los cristianos hicieran lo mismo con ginetes moros; estos últimos alcanzaron gran celebridad en la península, tanto en Granada, donde los zenetes constituyeron uno de los partidos mas fuertes, como en los reinos cristianos, entre los cuales la palabra

---

1 *ib.* p. 117.

2 RECENSEAMENTO GERAL DOS GADOS DO CONTINENTE DO REINO DE PORTUGAL, Lisboa, 1870, p. 30, 61, 62, 72, 103, 110, e *passim.*

3 VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

zenete, nombre de su tribu ligeramente modificado ha quedado como apelativo de hombre á caballo, ginete, y se llamaban ginetes en la edad media los caballos de paseo y carrera,— en Castilla la palabra zenete ha pasado á su lengua con ligera modificación ortográfica para designar un hombre á caballo; su modo de cabalgar, á la jineta, ha quedado como escuela ó especie de equitación; ginetes se llamaban en la edad media los caballos de carrera y paseo en Cataluña; aquí se usaban también espuelas, estribos y pitrales ginetes en los aparejos de caballos y hasta las banderitas que coronaban las lanzas por debajo de los hierros» —[1].

Exemplo português de *ginete* com a significação de «cavaleiro» é o seguinte:—«dous mil e trezentos de cavalo, a fora os corredores, que agora chamam ginetes»—[2].

O vocábulo arábico tem *z* como inicial, e foi mudado na Península Hispánica em *j,* como o foi semelhantemente em *girafa,* de ZARAF. É sabido que o A *(a* longo) valia muitas vezes por *e* no dialecto arábico das Espanhas.

O termo *ginete* vemo-lo modernamente empregado como designação de uma casta de sela:—«e o ginete ou *bastarda,* como denominam as sellas ordinarias»—[3].

A palavra *ginete, gineto, gineta,* segundo as localidades, nome de um animal carnívoro, é outra, também arábica, GARNAIṮ, conforme Dozy [4].

O termo *ginete,* como sinónimo de «cavalo fino», é hoje desusado em português, e tido por artificioso; não assim porém em castelhano, no seu sentido primordial, de «cavaleiro».

---

[1] André Giménez Soler, AFRICANOS EN ESPAÑA, in «Revue Hispanique», XII, p. 301 e 349.

[2] Duarte Galvão, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO HENRÍQUEZ, cap. LII.

[3] BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO, *in* «O SECULO», de 8 de junho de 1900.

[4] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

ginja, ginjinha, ginjeira, ginjal; guinda, Guinda

Ao português *ginja,* de que se derivou *ginjinha,* «aguardente em que se maceraram ginjas», expressão análoga à *laranjinha* brasileira, formada de *laranja,* e que também designa uma «aguardente aromatizada com laranja», corresponde o castelhano *guinda,* que parece ter sido também português, atento o nome *Os Guindais,* no Pôrto, designação onomástica que vem a corresponder no sentido a *O Ginjal,* defronte de Lisboa. *Ginjal* significa «sítio plantado de *ginjeiras*», como *pinhal,* «terreno onde há *pinheiros*», *ameixial,* «pomar de *ameixieiras*», etc.

A orijem presumida dêstes dois vocábulos é problemática, pois se com êles se relaciona indubitávelmente o francês moderno *guigne,* e talvez o antigo *guisne,* o romeno *vișin,* o russo *víxnia,* todos os quais teem uma nasal, o étimo que se lhe atribui, o alto-alemão antigo *wîhsela* [1], não apresenta essa nasal. Outras formas análogas, com a nasal, ou sem ela, como o italiano *vísciola,* existem disseminadas por quási todas as línguas europeias, incluindo as esclavónicas, o grego moderno, o albanês, o húngaro, o turco, e pode ver-se a maior parte delas no Diccionário etimolójico romeno, de A. de Cihac [2], obra a todos os respeitos monumental, que obteve o prémio Volney, em 1880.

ginjibirra

O Nôvo Diccionário dá o vocábulo *genjibirra,* como designando uma bebida usada entre os indíjenas do norte do Bra-

---

[1] *V.* Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1890, n.º 8892.

[2] Dictionnaire d'étymologie daco-romane, «Éléments slaves, magyars, turcs, grecs-moderne, et albanais», Francoforte, 1879, p. 459.

sil. Há engano manifesto: nem a palavra tem o menor vizlumbre de pertencer a línguas americanas, nem é natural que designe qualquer bebida indíjena. É simplesmente a italianização, e por ela o aportuguesamento do inglês *gingerbeer,* «cerveja de gengibre», bebida refrijerante muito conhecida. *Birra* em italiano, como *beer* em inglês quere dizer «cerveja», e nesta língua *ginger* significa «gengibre».

gôdo, godo *(=gódo)*

O Nôvo Diccionário dá-nos o vocábulo *godo,* com *o* aberto, *gódo,* como sinónimo de *gogo,* «seixo boleado pelas águas», e diz-nos ser termo minhoto. Em Arcozelo, conforme nota que dali me foi remetida, a palavra *gôdos,* com *o* fechado, aplica-se a uns rôlos de madeira, que se metem em canudos de lata terminados em borda na parte superior, para neles se assentarem móveis, acima dos quais se quere assim evitar que subam os ratos. É digno de menção o termo.

golilha, goela

O primeiro dêstes vocábulos é castelhanismo, *golilla,* cuja forma antiga era *goliella,* de *gŭlella,* deminutivo de *gŭla;* de que também procedeu o português *goela,* que lhe corresponde na forma, não porém no significado, e que, como se vê, se deve escrever *goela* com *o,* como antes sempre se fêz, e não *guela* com *u,* como agora se está ortografando erradamente, e com o grave equívoco de poder ser lida a primeira sílaba como a de *guerra,* isto é, sem se proferir o *u.* Efectivamente, é sabido que a *u* breve latino corresponde, tanto em castelhano como em português, *o,* conquanto neste se pronuncie há muito como *u,* quando é átono. No Brasil, porém, conserva-se a distinção entre *o* e *u* antes da sílaba predominante.

golpelha, gorpelha, corbelha

O Nôvo Diccionário dá-nos *golpelha* como alterado de *corbelha,* e outro *golpelha* { uulpēcula, «raposa»:

> «O lobo mais a golpelha
> «Fizeram uma conselha».

Nenhuma dúvida há com relação a esta segunda *golpelha,* como procedente da forma latina apontada. Examinemos a outra.

Golpelha, gorpelha, «alcofão», parece terem-se confundido com a outra *golpelha,* e é talvez essa a razão porque o latim corbĭcula, deminutivo de corbis, «cêsto», que deu a forma antiga *corbelha,* perfeitamente regular, produziu o alótropo *gorpelha,* com a singular mudança de *c* em *g,* e a mais singular ainda de *b* em *p;* permutação raríssima, que nem mesmo é comparável a *súpito* { subitum, pois aqui as duas surdas *s* e *t* assimilaram ao mesmo género a sonora *b,* concorrendo mais para esta assimilação eufónica o ser o vocábulo esdrúxulo, e o *b* pertencer, como o *t,* a sílaba átona.

É moda, com referéncia ao enxoval da noiva, usar-se a palavra francesa *corbeille;* e quando digo moda quero dar a entender que o é na linguajem avariada dos anúncios de modistas e modistos, e na dos noticiaristas que os arremedam, por galantaria, ou por ignoráncia.

Ora, *corbeille* quere dizer em geral «açafate, cesta bastante larga com pé», e não me consta que as noivas, para aparar as prendas, ponham uma cesta à disposição das pessoas suas conhecidas.

Assim parece-me que *prendas,* ou *mimos* ou *enxoval* são termos bastante finos para não causar vergonha usá-los; e se a todo o custo querem falar num aparador qualquer, chamem-lhe *açafate,* para que toda a gente os entenda. É verdade que o francês faz parte do curso de instrução secundária; mas obrigatório para todos por lei é sómente saber ler, escrever e contar

em português, visto ser esta, por emquanto, a língua da nossa terra.

goma

Espécie de tambor ou *batoque [q. v.]* na África Oriental Portuguesa:—«O *goma* e o *cinzete* são feitos de madeira, de forma cylindro-conica, e com tres pés, cobertos só de um lado com pelle de bufalo, veado ou lagarto, e afinados por meio de pequenas pelas de borracha, que se fazem adherir á pelle onde sejam precisas. São tocados com as mãos e transportados ao pescoço do tocador»—[1].

¿Em que se diferençam então um do outro?

gondão

Árvore de Timor—«O regulo bom... é como a árvore de gondão, que dá sombra e frescura»—[2].

gonzar

Êste verbo, derivado de *gonzo,* ouvi-o a um oficial de ourives, a quem dei a consertar o fusilão de uma cadeia de relójio. Preguntando-lhe eu se teria de ser substituído por outro, respondeu-me: «Vou ver se o posso *gonzar*». E na realidade *gonzou-o,* isto é, prendeu ou soldou uma parte do fusilão, junto à rosca, e que se tinha quebrado.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

[2] J. Pereira Jardim, NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, *in* «Portugalia», I, p. 356.

gordo

Para português, como para as outras línguas románicas das Espanhas, êste vocábulo é o latim gurdum, o qual, conforme a Quintiliano constava [audiui], era palavra hispánica.

O que se não sabe é a qual das várias línguas que na Hispánia se falavam ela pertencia; ao vasconço de certo que não, pois *gordo* nesse idioma diz-se *guicen;* céltico também não parece o termo ser.

Êste adjectivo tem em português acepção mais restrita que em castelhano, onde também significa «volumoso», como o inglês *big,* ou o francês *gros;* em português quere dizer «que tem gordura, matéria adiposa», e tanto que diferençamos perfeitamente *gordo,* em inglês *fat,* de *grosso,* «refeito», em inglês *stout.*

gorgomilos.

Êste vocábulo está hoje quási desusado em estilo sério; todavia, há dois ou três séculos era empregado sem o menor reparo:—«soando pelos gorgomilos cortados, cheios de sangue, o santissimo nome de Jesus»—[1].

gote

Termo da África Oriental Portuguesa:—«*góte* (peça de pau que serve para equilibrar as panellas e as cestas)»—[2].

---

[1] P. Ant. Fr. Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 196.

[2] Jornal das Colonias, de 4 de julho de 1903.

gotejar

Se não é informação errada, por *copejar,* significa aquele verbo «lançar o arpéu ao atum».

É termo algarvio, como quási todos os referentes àquela pesca.

governado, governista

O primeiro dêstes vocábulos em jíria quere dizer «armado»: —«O Menezes, que não estava *governado,* isto é, que não trazia arma alguma comsigo»—[1].

O segundo é usado no Brasil com a significação de «partidário do govêrno»:—«Requerimentos envolvendo censuras passavam sem o menor protesto da parte dos governistas»—[2].

gozar, gôzo; gôzo(s)

Parece averiguado, que a palavra *gozar* castelhana provém de *gaudiare* ¦ gaudium, sendo *goce,* antigo *goze,* um substantivo verbal rizotónico. O português *gozar* é provável que proceda de castelhano, visto que ao *au* latino corresponde em português *ou, oi* (cf. *cousa, coisa* ¦ causa), e o vocábulo nunca assim se escreveu. O plural é *gózos.*

Quanto a *gôzo,* «raça de cães», o étimo é goticum (canem), de que também se derivaram o castelhano *gozque,* com o mesmo significado, e o catalão *gos,* «cão» em geral. O plural de *gôzo,* «cão», é *gôzos,* e não, *gózos.*

---

[1] O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

[2] O Economista, de 13 de junho de 1883, Correspondéncia particular do Rio-de-Janeiro.

gradura

Termo próprio da província de Trás-os-Montes, o qual se aplica genéricamente a toda a casta de feijão: — «Boa horta! Muita soma de feijão para verde,... e inda por cima muita gradura» —[1].

gramilho, gramilo

Em Caminha é o «fecho da porta». O Nôvo Diccionário rejista o vocábulo, com a forma *gramilo*.

grané, grani

O Nôvo Diccionário dá os dois vocábulos como tendo a mesma significação — «cavallo, égua» —, e diz-nos ser termo de jíria. É própriamente calão de ciganos alquilés, e o primeiro dêles é o que quere dizer «cavalo»; o segundo é o femenino, «égua»: em caló *grasté*, pl. *grastés*, fem. *grasní*, pl. *grasnías*. É provável que o primeiro fosse modificado pelo segundo em português, e em caló ou dialecto dos ciganos espanhóis há também o femenino de *grasté*, que é *grastí*. O *s* mal se ouve, como no dialecto andaluz do castelhano. No dialecto dos ciganos romenos *grasnel* quere dizer «poldro», e *-ni* é um suficso, com o qual de nomes masculinos se derivam outros femeninos. O primitivo é *gra*, que quere dizer «bêsta».

gravanha

Em Caminha é o nome que se dá à «rama sêca dos pinheiros».

---

[1] O Reporter, de 17 de junho de 1897.

graxa; engraxar, engraxado

Em Lisboa significa uma tinta preparada com que se dá lustro ao calçado por meio de fricção com escôva. No norte quere dizer «banha». Num sentido relacionado com êste último vemos o particípio *engraxado,* empregado por António Francisco Cardim:—«trouxe o say uns [livros] muito engraxados, parece estiveram ao fumo»—, isto é, «denegridos, çujos» [1].

grejó: v. **grijó**

grelha, grelheiro

O Nôvo Diccionário marca a pronúncia *grêlha,* que de certo é a normal, visto aquele *e* proceder de *ĭ* latino, cratĭcula; assim em Lisboa deveríamos pronunciar *grëlha,* isto é, *grâlha.* O facto porém é que na capital toda a gente diz *grélha,* e J. I. Roquete assim o acentuou também [2]. Deu-se pois a mesma alteração de *ë* em *é,* que se observa em *envéja,* antes, *envëja.*

A língua románica que possui palavra mais parecida com a portuguesa, e da mesma orijem, é a catalã, onde se diz *graetlla* (pron. *graélh-lha);* os castelhanos chamam-lhe *parrillas.*

Grelheiro é o operário que tem a seu cargo as *grelhas:* —«Continuam em greve os operarios grelheiros»— [3].

grémio, gremial

A palavra *grémio,* do latim gremium, «regaço», não é já usada senão no sentido figurado de «corporação, reunião» e, como hoje se diz, *clube* ou *casino.* O derivado *gremial,* em latim

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 74.
[2] Dictionnaire portugais-français, Paris, 1855.
[3] O Seculo, de 28 de fevereiro de 1905.

eclesiástico gremiale, é o nome que se dá a uma espécie de avental, que pertence aos paramentos do sacerdote; em italiano *grembiale* «avental», é o mesmo vocábulo. (Cf. *lombo* em português, com *lomo* em castelhano, e ao contrário, *rumo* português, com *rumbo* em castelhano, e também *lamber*, com *lamer*):— «sandalias e luvas... gremial e formalio... o gremial é um panno que se colloca sobre os joelhos do celebrante»—[1].

Grijó, grejó, igrejó

É conhecida no onomástico local esta forma, do latim (ec)clesiola, e deveria escrever-se *Grejó*. Como nome comum empregou-o L. Figueiredo Guerra, no seu interessante estudo Uma povoação subterranea:—«êste grijó de Estér ainda existia com capellão em 1548»—[2].

Tinha o significado de «capela, ou ermida». O genero porém está errado, porque é femenino, *esta grejó*, e não, *êste grejó*.

O Nôvo Diccionário rejista, como antiga, sem a abonar, a forma *igrejó*, em que se não fizera ainda a aférese do *i* inicial, procedente do *ei-* { ec- latino, que também encontramos nos Subsídios de A. A. Cortesão, sem citação alguma, como sinónimo de *Grijó*. nome de povoação; atento, porém, o sistema de trabalho ali seguido, o autor que a cita, é porque encontrou a forma em qualquer documento. V. **igreja**.

grima

Em Trás-os-Montes quere dizer «mêdo»:—«As noites são ás vezes escuras como a bocca d'um lobo, ouvindo-se com grima (medo) o piar das aves agourentas»—[3].

---

[1] O Dia, de 21 de março de 1902.

[2] *in* Portugalia, I, p. 612.

[3] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

A palavra tem aspecto de germánica: em alemão *grimm*, significa «sanha, raiva», em inglês *grim*, «medonho».

—Achilles himself was not more grim and gory—[1].

grou

É única esta forma em *-ou* para substantivos. J. Leite de Vasconcelos explica-a muito razoávelmente como orijinada numa forma latina *grŭus*, masculino de *grŭa*, por *gru(i)s*, que tem a mesma significação, e compara-lhe *dous, dois* | *dŭos* [2].

guadanha: v. **gadanha**

gualdido, galdido, galder, galdir

Em castelhano existe um antigo adjectivo participial *galdudo*, que tem a mesma significação que o português *g(u)aldido*, o qual deveria ter tido também a forma *galdudo*, e cuja terminação, própria dos particípios passivos da 2.ª conjugação, se mudou na língua moderna para *-ido*, que pertencia aos da 3.ª: cf. *tido*, dantes *teúdo*, *mexido*, dantes *mexudo*, etc.

Esta consideração leva-nos a supor que o verbo seria *galder*, e não *galdir*, derivado do vasconço *galdu*, «perdido»:—«Sardinha que o gato leva, galdida vai ela»—[3].

É possível também que o verbo em português pertencesse sempre à 3.ª conjugação, e em castelhano à 2.ª, como acontece, por exemplo, com *cair*, em castelhano *caer*.

Duarte Núnez de Leão [4] adverte que é palavra grosseira,

---

[1] Lord Byron, Don Juan.

[2] Revista Lusitana, III, p. 265.

[3] Rifão.

[4] Origem da lingoa portuguesa, cap. XVIII.

que se não deve empregar, e Bluteau, citando-a, repete a recomendação.

Se alguma vez foi usado o verbo em outra linguajem, ignoro-o hoje em dia o seu uso está limitado ao particípio.

guardanapo

No uso actual significa uma «toalha pequena, que se põe a cada comensal, para êle se limpar». Antes, porém, esta palavra designava o que hoje se denomina *lenço de assoar,* como se pode ver na rubrica da fala do primeiro frade, no «Auto das Fadas» («sortes, fados») de Gil Vicente:—«Assoa-se com o seu guardanapo»—.

Anteriormente, no mesmo auto, na fala da Feiticeira, vemos o mesmo vocábulo, igualmente no sentido de lenço, ou pano:

> Isto é fersura de sapo
> Que está neste guardanapo.

Bluteau [1] dá desta palavra a etimolojia mais provável, *guarda* e o francês *nappe,* que vale o mesmo que *Toalha,* porque o guardanapo serve de guardar—«não só o vestido de quem come, mas tambem a Toalha da mesa em que se come»—; e acrescenta:—«Os Antigos, quando erão convidados a comer fora de suas casas, levava cada hum com sigo o seu guardanapo»—.

O que parecerá extraordinario é que êste vocábulo só seja usado em Portugal, onde nunca à toalha da mesa se chamou *napo;* e que, pelo contrário, os franceses lhe chamem *serviette,* significando *nappe* na sua língua essa toalha. A noção, porém, do segundo componente está de todo perdida, visto que, como excepção aos substantivos compostos com o verbo *guarda,* no imperativo, êste perdeu a acentuação própria no seu primeiro elemento. (V. **guarda-peito**).

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

Pelas citações que fiz de Gil Vicente, e pela definição de Bluteau, fica perfeitamente claro o modo de dizer *assoe-se a êsse guardanapo,* em que esta palavra tem a significação de «lenço».

Todavia, *guardanapo* já tinha a mesma significação especial que tem hoje, por meados do século XVI, visto que o Padre jesuíta Gaspar Barzeu, numa carta datada de 1551, referindo-se às refeições do rei da Etiópia, escreveu:—«El-rei em seu comer não tem nenhũ modo de estado, está assentado em hũ catre ou em hũa cadeira r a s a de ferro cuberta com hum couro, ou em cima de hũa alcatifa; não tem m e s a nem copa, só mente hũa trempem no chão e em çima hũa gamela de pao que terá 15 ou 20 palmos de roda, e no meo tem hũa maneira d escudelas do mesmo pao sem nenhũa toalha nem guardanapo. Alimpão hũa mão com a outra»—[1].

guarda-peito

É considerável o número dos nomes compostos com o imperativo do verbo *guardar, guarda,* e um substantivo apôsto como seu complemento objectivo. Nos nomes desta formação, tam freqùente e ainda tam vivaz nas línguas românicas, cada um dos elementos conserva a sua acentuação própria, estando, porém, como é de regra nelas, o acento predominante na sílaba tónica do segundo componente. Excepções a esta regra, raras, como vimos em *guardanapo,* explicam-se pelo facto de se haver perdido a noção do significado do segundo elemento. No primeiro caso devem escrever-se com linha divisória a mostrar a independéncia manifesta dos componentes; no segundo cumpre reunir os dois elementos, sem a linha, em uma só palavra, com um único

[1] *in* MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, Lisboa, 1894, p. 106.
Completei as abreviaturas, desuni as palavras, e fiz duas correcções evidentes, *raza* e *meza* para r a s a e m e s a.
Os textos transcritos foram visívelmente mal copiados.

acento, marcado ou não, conforme os preceitos de acentuação gráfica seguidos por cada um [1]. O mesmo se deverá fazer, ainda quando o primeiro elemento seja substantivo e o segundo adjectivo, como em *guarda-mor,* visto o primeiro componente conservar a sua acentuação.

Abonarei aqui o vocábulo composto, só incluído no Nôvo Diccionário, e que serve de epígrafe a êste artigo, *guarda-peito:*—«A cavallo os feirantes, vindos de longes terras com os primitivos trajos sertanejos, isto é, o chapeu de copa mamillar de couro, a *vestia* ou *gibão, guarda-peito* e guardas tudo tambem exclusivamente confeccionado de couro curtido»—[2]: *fabricado* seria melhor, visto o autor ser em geral vernáculo na sua linguajem.

guarda-sol, guarda-soleiro

O primeiro dêstes vocábulos está rejistado em todos os dicionários e é usualíssimo.

O segundo é um derivado sui generis: significa «fabricante de *guarda-sóis,* feito à imitação de *chapeleiro,* fabricante de chapéus», *sombreireiro,* fabricante de *sombreiros,* no sentido antigo de «umbellas» ou «sombrinhas», e não no do castelhano actual *sombrero,* cujo significado é «chapéu para a cabeça»:—«Reuniu a classe dos operarios guarda-soleiros»—[3].

guecho

Em Sam Miguel dos Açôres quere dizer «novilho» [4].

---

[1] *V.* Ortografia Nacional, do autor, Lisboa, 1904, p. 213.

[2] Fonseca, Bosquejo de uma viajem no interior da Parahyba e de Pernambuco, *in* «O Seculo», de 8 de junho de 1900.

[3] O Seculo, de 24 de outubro de 1902.

[4] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

gueiro

«no gueiro (casa onde os rapazes e assicanas [raparigas], se reúnem para dormir)» [1].

É termo da África Oriental Poruguesa; na citação refere-se a Marromeu.

guilhoche, *guilhote,* guilhoché, guilhochi

O Nôvo Diccionário incluíu o vocábulo francês *guilloche,* ortografado à portuguesa, e no Suplemento declarou preferível *guilhoché.* É esta, na realidade, a forma usada pelos lavrantes e ourives, e designa um desenho formado pelo cruzamento de linhas paralelas, com outras igualmente paralelas, espécie de enxadrezamento:—«Ouro gravado a guilhoché, prata gravada a guilhoché»—[2].

Êste substantivo não é mais que o particípio passivo do verbo *guillocher,* a que se atribui orijem histórica, o nome de certo sujeito, de apelido *Guillot,* que parece ter sido inventado para o caso [3].

O desenho assim formado não se chama em francês *guilloché,* mas sim, *guillochis.*

guinda: v. **ginja**

guinde

Na Índia Portuguesa—«bacia de lavar a cara—».

O termo, segundo Monsenhor Rodolfo Dalgado [4], é marata, e

---

[1] Jornal das Colonias, de 30 de maio de 1903.

[2] Programa da Exposição de ourivezaria do Pôrto, *in* «Commercio do Porto», de 7 de março de 1883.

[3] Henrique Stappers, Dictionnaire synoptique d'étymologie française, Paris, 2.ª ed., n.º 4938.

[4] Revista Lusitana, vi, p. 81.

também dravídico, canarim ou tulo. No Dicionário Marata-português de Suriají Ananda Rau, a palavra GIṄḌĪ, em devanágrico, sem transliteração, e que transcrevo para aqui, tem a seguinte definição, que pouco se coaduna com o dito emprêgo do vocábulo: —«Vazo da agoa, uzado para trazer agoa sagrada. É vazo de barriga grossa, e pescoço e boca estreita e pequena. 2. Assim se chama tambem a um vazo da figura de bule»—[1]. Estranha definição! Há de ser caso dificultoso o lavar-se alguém num bule, ou numa garrafa, aparelho só comparável aos lavatórios usados nas hospedarias russas, e que são excelente fábrica de galeirões na testa, quando não de quebrar cabeças. Não teem válvula na bacia, que está munida de um orifício, o qual, posto um pé em um pedal, na base do lavatório, despeja contínuamente a água que dentro lhe cai de uma bica, à altura do nariz de uma pessoa que esteja de pé: Curvada a pessoa, basta-lhe levantar a cabeça para apanhar na testa um beijo da bica, que lhe pode deixar memória perdurável do esquisito invento. Agradável surpresa, que ali espera o viandante!

guirlanda, grinalda

A forma primitiva dêste vocábulo deve ter sido a primeira, que, como vamos ver, ainda subsiste; a segunda é resultado de duas metáteses acumuladas, *guir-* para *gri-*, e *-lan-* para *-nal-*. O vocábulo parece ter vindo para as outras línguas românicas da forma italiana *guirlanda,* de orijem germánica, ainda não perfeitamente explicada.

Tem esta palavra, já numa, já noutra das formas apontadas, várias acepções.

Eis aqui uma, que não está rejistada:—«Nas guirlandas

---

[1] Suriagy Ananda Rau, DICCIONARIO MARATHA-PORTUGUEZ, coordenado conforme o Diccionario maratha-inglez de J. I. Molesworth, t. I [e único], Nova Goa, 1879, p. 314, col. III.

[cabides e estanheiras] lá se veem [vêem] os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro» —[1].

guisa, guisinho

O primeiro dêstes dois nomes de aves é na Madeira (Pôrto Monis), aplicado ao *roquinho (q. v.)*; o segundo ao *abibe,* (tringa uanellus, Lin.).

habitat

Êste termo, que do francês adoptámos, é o latim habitat, 3.ª pessoa do presente do indicativo do verbo habitare, e significa, portanto, «habita».

É usado moderníssimamente para designar a *vivenda* habitual de uma espécie, vejetal ou animal: — «O cavallo, gabado por Plinio... pertence ao typo galliziano, cujo habitat comprehende todo o noroeste da peninsula [Hispánica]» — [2].

Com vantajem seria substituído por *vivenda* êste extravagante nome, que só tem em português outro análogo, também forasteiro, deficit, e não menos arrevesado.

hagi, axi, *hagiaco,* ajiaco, axiaco

Conquanto, sem dúvida nenhuma, o *h* seja redundante, e a segunda escrita, que aqui dou, seja a única certa, como mais adeante indico, trato da palavra nesta altura das APOSTILAS, porque assim a vejo escrita no texto com que a abono, a «Rela-

---

[1] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 538.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 117, n. [1].

ção da viajem e sucesso da nao Sam Francisco», do Padre Gaspar Afonso:—«com tudo o comer, cousa geral em todas as Índias, ha de vir á mesa cuberto de hagi, que é a sua pimenta vermelha, que lá ha de muitas castas e feições. E porque os grãos, ou cabeças della, que vem entre a carne cozida ou guisada, trazem já quebrada a sua virtude, como elles [os naturaes das Antilhas] cuidam,... mandam pôr outra crua em pratos pela mesa, como em saleiros, que mastigam e comem... como se... tivessem as linguas e gargantas ladrilhadas»—[1].

O Nôvo Diccionário traz o vocábulo erradamente acentuado, *áxi*, e o Contemporaneo desfigurado enteiramente na pronúncia *ácsi* (!) que lhe atribui.

Eis o que a respeito da forma castelhana moderna *ají* nos diz Rodolfo Lenz, doutíssimo autor do Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivadas de lenguas indíjenas americanas, cuja publicação ainda infelizmente não está concluída:—«la planta i el fruto de la misma que se llaman en España »pimiento» i «guindilla» *[i. e.* jinjinha, «pimentão»] *(Capsium annuum)*. ...La palabra *ají,* antiguamente *axí,* viene de Haití i pertenece a la lengua taino de la familia lingüística de los arnak... Los indios peruanos llaman el ají *uchu...;* los de Chile *thapi*»—[2].

Esta escrita *thapi* representa a pronúncia *trapi,* com um *r* fricativo surdo, como o do inglês *try,* ou o *r* final de sílaba, muito usual no Brasil; a moderna forma castelhana *ají* profere-se com o *j* castelhano actual, mas a antiga *axí* pronunciava-se com o valor do *x* inicial português de *xadrez,* por exemplo, e o acento tónico foi sempre e é no *i,* e não no *a.*

Explica-se que o Nôvo Dicc. errasse na acentuação que dá ao vocábulo, conquanto pudesse vê-lo com a verdadeira quer no Dicionario da Academia Espanhola *(ají),* quer no Vocabulario

[1] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xlv, p. 89 (fins do xvi século).

[2] Santiago de Chile, 1904-1905, p. 126.

de Aníbal Echeverría i Reyes, VOCES USADAS EN CHILE [1]; talvez porém se guiasse pela falta da acentuação devida, no enorme cartapácio de Mascarenhas Valdez [2]. O que não tem justificação possível é a extravagante pronúncia do *x* como *cs,* que lhe prescreve, sem mais razões, e como se a palavra fosse latina ou grega, o CONTEMPORANEO, com a mesma competéncia e autoridade com que nos diz que *guta-percha (q. v.* em **cauchu**) se pronuncia *guta-perxa* ou antes g u t a - p e r k a (!).

Do vocábulo *ají* derivaram os americanos *ajiaco,* que Echeverría no mesmo vocabulário define como — « guisado popular » —.

O Padre Gaspar, na sua curiosíssima « Relação », acima citada, já dá à palavra, algumas linhas depois, a forma escrita *hagiaco:* — « antes nas ceas se carrega tanto mais a mão em algumas partes, que o ordinario guisado que nellas fazem, pelo muito h a g i que leva, tomou delle o nome, e se chama H a g i a c o; e então se deitam a dormir mui consolados em suas camas, quasi debaixo da Linha Equinocial, como se houvessem de dormir ao sereno debaixo dos Polos » —.

hangar

Êste vocábulo francês, a ser necessário cá, deve escrever-se com o *h* inicial, emquanto se conservar esta letra etimolójica, nula para a pronúncia: — « Deu entrada no ministerio das obras publicas o projecto e respectivo orçamento para a construcção de um *angar,* para recolher as machinas e alfaias de lavoura a vapor » — [3]. Poderia dizer-se *barracão, trapiche.*

Quanto à acentuação *ângar,* dada pelo NÔVO DICCIONÁRIO, é errónea, pois os vocábulos franceses teem t o d o s o acento tónico sôbre a última sílaba pronunciada. A orijem germánica do vocábulo francês é já muito desviada, h a n g e n, « pender », em alemão.

---

[1] Santiago de Chile, 1900.

[2] DICCIONARIO ESPAÑOL-PORTUGUÉS, Lisboa, 1864

[3] O ECONOMISTA, de 10 de fevereiro de 1889.

haplolojia

Êste termo, artificialmente formado de dois vocábulos gregos, 'Áplos «simples» e lógos «doutrina», quere dizer «simplificação». Dá-se êste nome ao fenómeno que se produz nas palavras que teem duas sílabas de idéntica estrutura, as quais se reduzem a uma só, por brevidade na elocução. São exemplos dêste fenómeno em latim nutrix por nutritrix, e em português *idolatra* por *idololatra, bondoso* por *bondadoso,* de *bondade* mais o suficso *-oso,* etc.

harém

Esta palavra é de orijem imediatamente francesa, como o prova a acentuação que lhe damos; se proviesse directamente do árabe haram, seria *farme,* ou *fárão;* ou, se de introdução secundária, *(h)árem,* ou *(h)árão.*

Os vocábulos arábicos existentes em português foram nele introduzidos em três épocas diferentes, e obedecem por isso a leis diversas de transcrição:

1.° Período, primários: foram recebidos auricularmente e encorporaram-se na língua, acomodando-se-lhe na pronúncia, a qual é representada como a das outras palavras portuguesas. Séculos IX-XV.

2.° Período, secundários: introduzidos pelos escritores, e mais ou menos metódicamente transcritos, ou mesmo transliterados, conforme o valor das letras no alfabeto português. Séculos XV-XIX.

3.° Período, terciários: copiados de transcrições ou transliterações estranjeiras, sem consciência dos valores das letras, e flutuantes na sua escrita. Século XIX, e continua! [1].

---

[1] V. do autor: Deux faits de phonologie historique portugaise, Lisboa, 1892, p. 10 e 11.

haveres

Êste infinito substantivado no plural, além de significar «posses, bens», tem o sentido especial, popular, de «tesouros ocultos»:—«O povo acreditava que procuravamos *haveres* escondidos»—[1].

haxixe

É esta a forma portuguesa, ou se quiserem *axixe,* da palavra arábica HAXIX, que quere dizer uma casta de cánave, que os pretos da África Ocidental Portuguesa chamados ambundos denominam *liamba,* e que é inebriante, quando fumada. Os franceses escrevem *hachiche,* os ingleses *hasheesh,* e os alemães *haschisch.* V. em **harem.**

héjira

Assim se deve acentuar esta palavra, que também se escreve *hegira,* e poderia ortografar-se *éjira;* em árabe é EGRE, com *h* sonoro inicial, que aqui transcrevo por E: quere dizer «fuga». A pronúncia *ejíra,* é francesa. Mármol, *Rebelión de los Moriscos,* escreveu *hixara*=*híxara* [2].

Êste vocábulo pertence aos fins do 2.º período a que me referi em **harém.**

herdade

Assim é definido êste termo, com relação ao Alentejo:—«Os campos do Alemtejo, áparte os arredores das povoações, são, na

---

[1] Portugalia, I, p. 13.

[2] V. Dozy y Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

sua quasi totalidade, divididos em grandes tractos de terreno, que se denominam herdades» —[1].

Hereró, *herrero*

Uma raça indómita da África Ocidental, que tem dado que fazer aos alemães, é denominada dos *Hererós,* nome que dão a si próprios *(Ova-hereró).*

Êste nome, na pena dos nossos jornalistas, transformou-se em *herreros,* «ferreiros» em espanhol, com mais um *r,* e mudança de acento tónico para a penúltima sílaba. Disfarçado assim o nome dos valentes negros, trataram de lho explicar, e num jornal se escreveu que provávelmente êle lhes viera de uma povoação espanhola, chamada *Herreros,* e até a localizaram na província de Ávila.

Escolheram mal: Havendo nada menos de doze localidades dêste nome entre Ávila e Çamora, povoações e sítios de várias categorias, tinham feito melhor se dessem os tais pretos como oriundos de um despovoado denominado *Herreros,* na província de Segóvia, explicando dêste modo o seu despovoamento: os antigos habitantes expatriaram-se, e para os não conhecerem tinjiram-se de preto, e são êsses os actuais *Herreros;* já se vê, na opinião dos ditos jornalistas, que teimam em assim crismar os hererós, sem o consentimento dêstes, atribuindo-lhes habilidades que, apesar de enfarruscados cafres, êles não teem, pois não consta que jamais se singularizassem pela sua perícia no ofício de Vulcano, como os ciganos no de caldeireiro. Esta extravagante alcunha, como era um despropósito, criou fama, e hoje até em livros e relatórios se lê. Ora, bastava consultar-se qualquer modesto compéndio de geografia ou etnografia da África, para se

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 270.

corrigir o êrro; e se quisessem obra mais autorizada, ao lançarem uma vista de olhos para o Dicionário Geográfico de Vivien de Saint-Martin [1], que não é nenhuma obra rara, desfar-se-ia o engano com muita facilidade. Aqui fica emendado.

Quem tiver curiosidade de se informar mais a preceito da língua que falam os hererós, e que não é castelhano de Ávila, pode ver com muito proveito um volumito da colecção Hartleben [2], escrito por A. Seidel, onde encontrará gramáticas das línguas *ochihereró* e *oxindonga,* ambas cafriais.

hetera

É uso escrever êste vocábulo *hetaira,* e *hetaïra,* de que resultam as pronúncias, erróneas ambas, *etáira* e *etaíra.*

O vocábulo é grego ‘ETAÎRA, proferido *hetáira,* presumívelmente, no grego antigo, *etéra,* no moderno. Em latim seria hetaera, pronunciado *etéra,* se existisse; mas o que existe é um derivado hetaeria, pron. *etéria,* correspondente ao grego ‘ETAIRÍA, «confraria relijiosa». Ora, assim como do latim sphaera | grego SP‘AÎRA, se formou em português *esfera* e em francês *sphère,* é evidente que em português de hetaera resulta *(h)etéra,* e em francês deveria ter resultado *hetaire,* sem ápices no *i,* ou *hetère,* e nunca *hetaïre,* que é um barbarismo. Parece-me loucura rematada imitar, por capricho, o barbarismo francês.

Hetera quere dizer actualmente «cortesã, prostituta de alto coturno», com sua côrte de basbaques, os quais lhe rendem culto, ou lhe pagam o estadão, conforme as suas posses.

---

[1] DICTIONNAIRE DE GÉOGRAPHIE UNIVERSELLE, 1879-1899, II, p. 672, col. III.

[2] Lípsia-Viena-Pest.

homem

No calão dos ladrões do Pôrto esta palavra, seguida de um epíteto, classifica os amigos dos haveres do próssimo, pela seguinte maneira: *homem de cardenho,* «gatuno de casas»; *homem de golpe,* «gatuno de algibeiras»; *homem de salto,* «ladrão de estrada» [1].

homeótropo

É um neolojismo, derivado artificial do grego 'OMOÎOS, «semelhante», e TRÓPOS, «maneira».

Serve o termo para designar o que eu denominei formas converjentes, isto é, uma só forma resultante, em virtude de leis fonéticas, de dois ou mais étimos diferentes, como *pena* de penna e poena, latinos, *vindo,* das formas antigas *vĩido* e *vĩindo,* a primeira particípio passivo, a segunda gerúndio do verbo *vir,* antigo *vĩir.* O fenómeno contrário denomina-se alótropos, ou formas diverjentes, quando de um só étimo resultam vocábulos diversos, diferençados, ou não, no sentido, em virtude de leis diferentes de acomodação, ou porque entraram na língua em períodos distintos; por exemplo, *malha, mancha, mágoa, mácula,* todos quatro procedentes do latim macŭla.

V. a palavra **moleiro**.

hompim

—«Nova Goa, 29 de setembro [de 1897]... Os parias ou honpins *[sic],* que fazem os despejos e outros misteres identicos, casta completamente separada de todas»— [2].

---

[1] O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885.

[2] O SECULO, de 21 de outubro de 1897.

horda

Esta palavra veio para português do francês, que a recebeu, segundo se afirma, do mongol, ou língua tartárica dos mogores. Marcelo Devic diz-nos ser tártara, e que em turco é *ordu,* o que não explica por que razão se ha de escrever com *h* inicial; êsse *h* em francês serve só para evitar a ligação com a palavra precedente, pois se diz *la horde*, e não *l'horde.*

hortejo

Deminutivo de *hôrto.*—«No hortejo que cerca a casa um terreno diminuto»—[1].

—«Quando o hortejo se reduz a proporções minimas, toma o nome de *quinchoso*»—[2].

hucha: v. **ichão** e **ucha**

hóspede, hóspeda

Contra a regra geral dos adjectivos em *-e,* que são uniformes, os substantivos estão sujeitos a muitas excepções; assim a palavra *hóspede* forma o femenino em *-a:*—«Esta conta era feita sem óspeda»—[3]. Os editores aclararam êste passo do Roteiro da viagem de Vasco da Gama com a nota seguinte: —«determinar uma cousa que depende do consentimento ou vontade de outrem»—.

---

[1] Portugalia, I, p. 206: As olarias do Prado.
[2] *ib.*, p. 547: Ethnographia do Alto Alemtejo.
[3] Lisboa, 1861, p. 100.

Hucá

Diz-nos o Nôvo Diccionário que *houcá* é o nome que se dá ao cachimbo usado pelos banianes. Ora, Monsenhor Rodolfo Dalgado [1] transcreve *ukā* e translitera *hukkâ,* isto é, *hukkā,* pelo quê a ortografia portuguesa, se o nome é usado por portugueses na Índia, tem de ser *(h)ucá.* Em qualquer caso, o ditongo *ou* da primeira sílaba é inadmissível. O dicionário que cito na nota ([1]) declara ser vocábulo arábico, e aqui está a razão do *hou-,* remedado do francês por escritor insciente, mas cubiçoso de finjir que sabe. Marcelo Devic, com efeito, traz o termo HOUCA, dêste modo definido: — «Pipe turque ou persane peu différente du narghilé (Littré). De l'arabe *ḥouqqa,* ou si l'on veut du persan *ḥouqqa* [a pronunciação diverje, sendo a persiana mais parecida com as europeias], vase, bocal, et spécialement: «the bottle through which the fumes pass when smoking tobacco» (Richardson), le flacon où passe la fumée du tabac avant d'arriver à la bouche du fumeur» — [2].

hulha, hulheira, hulheiro

A palavra *hulha* é copiada do francês *houille,* de orijem incerta, como se pode ver em Stappers [3]: é uma feliz adopção, pois, conquanto já tivessemos a locução substantiva CARVÃO DE PEDRA, não poderia esta servir para expressar acepções especiais que tem *hulha,* nem produzir derivados necessários: — «A hulha liquida [água], quer provenha dos mares derretidos, quer das torrentes» — [4].

---

[1] DICCIONÁRIO KOṀKAṆÎ-PORTUGUEZ, p. 525, col. I.

[2] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

[3] DICTIONNAIRE SYNOPTIQUE D'ÉTYMOLOGIE FRANÇAISE, Paris, n.º 5802.

[4] DIARIO DE NOTICIAS, de 6 de outubro de 1903.

—«O fim das hulheiras [minas de carvão de pedra]»—[1].
—«Os jazigos hulheiros reconhecidos neste país»—[2].

huri(a)

Como já advertiu Dozy [3] com respeito ao castelhano, esta palavra passou às línguas da Península Hispánica por intermédio do francês *houri,* e assim muitos a escrevem cá, supondo injénuamente ser puríssimo árabe. O facto é que, em conformidade com o que nos dizem o mesmo Dozy e Marcelo Devic [4], o árabe HAURA, que daria em português *haurá,* ou melhor *fourá,* é o nome que dão a uma das mulheres do paraíso de Mafoma; o plural é HUR. Dêste plural fizeram os persas HURI, acrescentando-lhe o suficso de unidade, e assim aumentado passou o vocábulo ao turco, regressando ao depois ao árabe, que lhe ajuntou o seu suficso próprio de unidade E, formando HURIE, pronunciado *huría,* que é já a forma empregada nas MIL E UMA NOUTES. Em português podemos pois escrever *huri,* ou *huria.*

hurrá

Esta interjeição veio do francês *hourra,* para o português da gente fina, porque o povo a não conhece. Está muito em moda nas saudações e saúdes, em que é repetida com uma sensaboria cosmopolita, que produz tédio. Não creio que jamais venha a vulgarizar-se.

Os franceses dizem que ela lhes veio da Rússia, não com o enjoativo caviar, mas provávelmente por intermédio das tropas

---

[1] [2] O ECONOMISTA, de 18 de julho de 1885.
[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.
[4] *op. cit.*

moscovitas que com os aliados entraram em França e chegaram até Paris, após o destronamento de Napoleão I.

Existe de facto em russo a interjeição *urá,* a que se dá como orijem a expressão exclamativa *u rai,* «no paraíso», étimo improvável, visto que, exijindo a preposição *u* genetivo no nome que reje, a exclamação deveria ser *u raia,* e não, *u rai,* no acusativo.

Como na palavra *horda (q. v.),* não é fácil de explicar a inicial *h,* que os franceses lhe acrescentaram e não soa, mas que os ingleses na realidade proferem.

É claro que esta interjeição nada tem que ver com o substantivo *urro,* do verbo *urrar* ¦ ul(u)lare *(urlare* ¦ *urlar), urrar,* por assimilação. Do verbo latino ululare talvez também proviesse, como forma diverjente, *uivar,* em castelhano *aullar;* cf. o francês *hurler,* que tem esta orijem.

EMENDAS

abismo

Não é na versão grega do Velho Testamento, chamada dos Setenta, que o adjectivo ÁBUSSOS, correspondente a inanis da Vulgata, está empregado. Nos Setenta o versículo citado reza assim: 'Ē DÈ GÊ ÊN ÁBRATOS KAÌ AKATASKEÚASTOS. Encontra-se o dito vocábulo na versão Judaeo-Greco-Barbara, edição rara existente na universidade de Ocsónia, conforme o que se lê no erudito artigo BIBLE, da PENNY-CYCLOPÆDIA.

Citei de memória, desatendendo o cordato conselho de Augusto Schleicher, isto é, o de se confrontarem sempre as citações antes que se mencionem; e quando reparei no êrro já não era tempo de o remediar, por estar feita a tirajem da fôlha. Aqui fica emendado.

A forma *avisso,* por *abismo,* do latim abyssus, figura num texto anterior ao século XV, A VISÃO DE TUNDALO [1].

acenha

Dou aqui mais uma abonação antiga da prioridade da forma *aceña,* em castelhano:—«e el camino adelante fasta naua de forcados e dende derecho al açeña desertida»—[2].

Cumpre advertir que na época a que pertence o trecho subsistia ainda a diferença entre *ç* e *z* em castelhano.

---

[1] *in* «Revista Lusitana», VIII, p. 247.

[2] Júlio Puyol y Alonso, UNA PUEBLA EN EL SIGLO XIII, *in* «Revue Hispanique», XI, p. 257: texto da *puebla,* ou «carta de povoação».

alcançar

Conforme R. Menéndez Pidal [1], é a combinação, ou como lhe chama, fusão de *incalceare*, por *adcalceare*, de que resultou primeiro *ancalçar*, e depois *alcançar*, em virtude de metátese entre o *l* e o *n*. Da forma *incalceare* proveio o substantivo rizotónico *encalço*, como o vemos na locução portuguesa *ir no encalço de alguém*, substantivo que pressupõe a existéncia de um verbo *encalçar*, já rejistado por J. I. Roquete [2] em português, mas que do mesmo modo existia em castelhano.

alcorão, *alminar*, almenara

Eis aqui uma abonação bem característica da palavra *alcorão* no sentido de «tôrre»:—«para o sul da barra principal, que chamam do Alcorão, por razão de uma tôrre ou pirámide alta que parece serve de divisa para conhecimento da barra»—[3].

Os espanhóis chamam *alminar*, em português *almenara*, à tôrre da mezquita. V. ORTOGRAFIA NACIONAL [4], a propósito de *minarete* e *almenara (q. v.)*.

V. também dois artigos publicados na fôlha literária do jornal O SECULO pelo snr. David López, e um por mim, nos dias 26 de março e 9 e 23 de abril dêste ano.

João Carvalho de Mascarenhas, na NOVA DESCRIÇÃO DA CIDADE DE ARGEL (1621), chama-lhe simplesmente *tôrre*:—«Haverá dentro nesta cidade mais de cento e dez mezquitas bem lavradas, limpas, com suas alampadas e esteiras. Entre as quaes ha oito grandes que tem suas tôrres mui altas»—.

---

1 MANUAL ELEMENTAL DE GRAMÁTICA HISTÓRICA ESPAÑOLA, 2.ª edição, Madrid, 1905, p. 123.

2 DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

3 António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 158.

4 Lisboa, 1904, p. 224 e 334.

ália, álea, aléa

O Padre Manuel Bernárdez na «Descrição da cidade de Columbo» (Ceilão) usa a forma *alea:*—«Em lugar de azemolas se servem de aleas. Alea é todo o elefante sem dentes, quer seja macho, quer seja femea»—[1].

Mas, ¿deve ler-se *álea,* ou *aléa?*

alquilar

J. Cornu deriva *alquilar* de *elocare,* mediante prolepse, ou resonáncia antecipada do *l.* De *elocare* veio com certeza *alugar,* com mudança do *e* inicial em *a-,* e sôbre esta preferéncia de *a* como inicial veja-se também do mesmo romanista a utilíssima Gramática histórica portuguesa (GRAMMATIK DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE, *in* «Grundriss der romanischen Philologie», I, Strasburgo, 1906, páj. 980 e 949).

alva

Dá-se êste nome a uma extensão grande de areal, poeirenta, no distrito de Leiria, *Alva* de Pataias. Esta freguesia é notável pela quantidade enorme de fornos de cal que ali trabalham [2].

bailadeira

Eis aqui uma abonação clássica do vocábulo:—«não poucas bailadeiras que os Pagodes para êste effeito [de solenidades relijiosas] sustentam»—[3].

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 79.

[2] Informação do snr. Acácio de Paiva, natural de Leiria.

[3] Padre Manuel Bernárdez, «Descrição da cidade de Columbo», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 107.

bisalho *(biselho)*

A pájinas 151 apontei o vocábulo *biselho,* com a respectiva abonação. Parece-me, porém, que há êrro tipográfico, e que a forma verdadeira é *bisalho,* que Bluteau, no seu VOCABULARIO, definiu do modo seguinte:—«He um atado, em que vem da India partida de diamantes brutos»—. A palavra figura em quási todos os dicionários portugueses, ora escrita com *s,* ora com *z,* e está autorizada por muitos escritores nossos, entre os quais citarei aqui Bernardo Gómez de Brito, «Memoravel relação da nao Conceição», *passim,* e nomeadamente a pájinas 39 (vol. XLVII da BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES):—«porque naquella nao vinham infinitos diamantes, e todos muito bons, e os mais delles de roca velha... E por êste respeito de haver muitos... empregaram os mercadores quanto dinheiro tinham nelles, mandando-os naquella nao, os quaes vinham entregues aos officiaes; elles os coseram consigo cuidando de os escapar, e desta maneira deram os mouros com elles, tomando ao piloto grande quantia de bisalhos mais que a todos»—.

bruxa

Em abono da hipótese que formulei de que haja relação entre o vocábulo *bruxa* e o verbo *bruxulear,* como denominações vulgares dos fogos fátuos e do seu aspecto, aduzirei aqui um passo interessante da ETIÓPIA ORIENTAL de frei João dos Santos: —«Ao longo do rio de Çofala e de Cuama se criam infinitos bichos como escaravelhos pequenos, cujo rabo lhe luz de noite como brasa viva, dos quaes tambem ha neste reino. Estes, tanto que vem a noite, se levantam em bandos pelos ares, e são tantos, que alumiam quasi todo o ar, e fazem espanto a quem não tem notícia do que isto é, como eu sei que fizeram a certas pessoas estrangeiras nestas terras, uma noite escura que dormiram ao

longo dêste rio, as quaes fugiram com mêdo para a povoação dos cafres, cuidando que eram feiticeiras»—[1].

bufo

Ao que no competente lugar ficou dito acêrca dêste vocábulo, na acepção de indivíduo da polícia secreta, devo acrescentar que em germania, ou jíria castelhana, *buho* é sinónimo de *soplón,* «espião, malsim, denunciante». A forma antiga era *bufo,* existindo também o verbo *bufar,* «denunciar, malsinar» [2].

Parece, portanto, que neste sentido o vocábulo terá orijem imediata castelhana.

cacique

—«o mundo acaba na primeira volta do caminho, em qualquer aldeia sertaneja de cacique politico»—[3].

É esta uma abonação do termo *cacique,* no seu sentido figurado, em português, e que nos proveio de Espanha, onde é freqùentes vezes empregado em tal acepção figurada.

canutilho

Sôbre êste vocábulo escreve-me o Prof. R. Menéndez Pidal, em 22 de março dêste ano, o seguinte:—«Las palavras *canuto, canutillo, canutero,* aunque están referidas en el Dicc. de la Academia á *cañuto,* etc., son las formas hoy corrientes y usadas por todos, de modo que las formas con *ñ* vienen quedando anti-

---

[1] (Lisboa, 1891), Livro I, cap. XXIII. A 1.ª edição é de 1609.

[2] *V.* Rafael Salillas, El delincuente español. lenguaje, Madrid, 1896.

[3] Jornal das Colonias, de 3 de março de 1906.

cuadas en boca de gente vieja ó aldeana. Yo desde mi infancia siempre oí como formas corrientes las con *n*»—.

À definição dada no texto cumpre acrescentar: «de ouro, de prata»; aos canudinhos de vidro dá-se de preferéncia o nome de *vidrilhos*.

Em España a palavra *canutillo* abranje todos êsses significados, segundo também me informa o mesmo douto romanista.

chupão

O Nôvo Diccionário havia já rejistado êste nome da chaminé no Alentejo, como também próprio de Trás-os-Montes.

Não resta a menor dúvida de que é igualmente conhecido o termo com tal significação no norte do reino, visto que essa acepção serve lá para metafóricamente designar o ramo do castanheiro que cresce verticalmente, como se vê do seguinte passo: —«uma poda que [aos castanheiros] lhes tira tôdas as vergônteas nascidas no pé e ao longo do tronco, assim como os ramos mal situados e os que crescem a prumo *(chupões)*, que absorvem muita nutrição»—. (Gazeta das Aldeias, de 20 de maio de 1906).

cigano, cigana

As formas portuguesas dêste nome étnico teem, sôbre as demais usadas por outras nações, mesmo em relação à sua escrita, a vantajem de ser as latinizadas, empregadas por autores que escreveram em latim, como vemos dos trechos seguintes: —«populos Egyptiacos ut vulgariter appellantur Ciganos [1]»; —«multa alia similia officia et servitutis ministeria obeunt Cin-

---

[1] Matias Corvino (1476), citado por P. Hunfalvy, na sua memória Etwas über die ungarischen Zigeuner, *in* Actes du huitième congrès international des Orientalistes (1893), II Partie, p. 113.

gani et Cinganæ» —. O segundo trecho é extraído da relação de um missionário italiano (1679) [1].

A forma espanhola *gitano,* foi usada em um texto castelhano do século XVII: — «si pecó Moysen en matar á un Gitano» — [2]. É evidente que neste passo *gitano* quere dizer «ejípcio», e não, «cigano».

corpo-santo

É interessante esta referéncia ao fenómeno: — «no meio desta agonia e aflição nos apareceram umas candeinhas que todas foram vistas pelas vêrgas e mastros, e bordos da nao; ao que, segundo os mareantes, chamam o Corpo-Santo» — [3].

duna

Neste artigo interpretei a denominação toponímica, ordináriamente escrita *Avel-o-mar,* como sendo *A-vê-lo-mar,* o que já fizera na ORTOGRAFIA NACIONAL [4]. O snr. Alberto da Cunha Sampaio, na sua erudita monografia AS PÓVOAS MARÍTIMAS DO NORTE DE PORTUGAL, desfaz a minha conjectura, que se fundara naquella escrita usual, declarando: — «... Na ortografia de «Abre-mar» o erudito autor [José Fortes], abandonando a dos letrados «A-ver-o-mar», ou «Avê-lo-mar», preferiu a lição do povo, que pronuncia do primeiro modo com o sentido claro de «Abra-do--mar», angra ou barra» — [5].

Fica assim feita a correcção, que não contende com a doutrina do artigo.

---

[1] *ib.*, p. 99.

[2] REVISTA LUSITANA, VIII, p. 264.

[3] Henrique Díaz, «Relação da viagem e naufragio da nao Sam Paulo», (1560), *in* BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLII, p. 65.

[4] Lisboa, 1904, p. 210.

[5] *in* Portugalia, II, p. 214, nota [3].

Além de *medão,* pode também usar-se *medo (=médo),* como fêz Jerónimo de Mendoça, na sua «Jornada de África»—«e deixando mui depressa a cova, se subiu por uns medos de areia»—[1].

gafo

Um amigo da Estremadura espanhola, província de Badajoz, diz-me que é ali vulgar o vocábulo *cañafote,* em vez do castelhano comum *langosta* ou *saltamontes,* para designar o *gafanhoto* ou *saltão.* No vocábulo estremenho deu-se pois ali a metátese das consoantes das duas primeiras sílabas, *gañafote,* por *gafañote,* e ao depois a contaminação da palavra *caña,* «cana», em virtude da qual o *g* inicial passou a *c.*

Neolojismos individuais são com certeza *gafeirar* e *gafeiração* no trecho seguinte:—«Póde vaccinar o resto do rebanho, [de gado laníjero] mas a vaccinação, ou, antes gafeiração tem quási tanto perigo como a doença natural [bexigas]. Ha todavia vantagem em gafeirar»—[2].

gajo

É natural que a forma *gajo* seja derivada, por indução errada, dess'outra forma *gajão,* que parece, mas não é, aumentativa, e está mais próssima de *gachón;* visto que no Brasil, conforme o Diccionario de vocabulos brazileiros, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan, de onde passou para o Nôvo Dicc. a explicação, ela é—«titulo obsequioso de que usam os Ciganos para com pessoas extranhas á sua raça. Meu *gajão* equivale a meu senhor, ou cousa semelhante»—.

---

1 *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xxxix, p. 17.

2 Gazeta das Aldeias, de 3 de dezembro de 1905.

Índice alfabético e remissivo das formas e dos vocábulos mencionados no texto do I volume, referidos a cada epígrafe

---

B

C

D

E

F

G

H

ERRATAS ESSENCIAIS

Pájina	Linha	Êrro	Correcção
16	12	vocabulo	vocábulo
24	19	notabílissima	notabilíssima
30	4	existencia	existéncia
»	11	incluiu	incluíu
»	13	daquella	daquela
65	16	fron	from
81	24	trompeta	trombeta
87	11	*vintem*	*vintém*
88	23	longe	lonje
91	22	*arrenegada,*	*arrenegada*
101	18, e *passim,*	torquês	turquês
110	19	fruto e	fruto, e
138	2	vêmos	vemos
143	16	trouxemo-la	troussemo-la
145	21	peor	pior
160	11	esse	êsse
170	última	Dictionaire	Dictionnaire
171	7	quáis	quais
173	25	coxa	coixa
184	18	árabica	arábica
185	31	Tangere	Tánjere

Pájina	Linha	Êrro	Correcção
201	31	ABABE	ARABE
202	13	*alqáhira*	*alqahíra*
206	16	esse	êsse
213	21	salgueiro)» —.	salgueiro)».
232	30	qui	que
233	6	çetim	cetim
237	4	inglezes	ingleses
238	2	separadas	separados
246	26	u	ou
255	23	com o	como
262	3	palavra	palabra
275	18	Coll'i	Così
282	19	cappela	cappella
299	22	quer	quere
319	9	verga	vêrga
331	5	E termo	É termo
336	2	galinaceos	galináceos
»	32	*cotovêloa*	*cotovêlo,*
»	33	de um,	de uma
363	8	uimen para	a uimen por
368	26	artifícial	artificial
378	16	contraido	contraído
382	16	Hastemann	Hartmann
»	penúltima	DICTIONAIRE	DICTIONNAIRE
407	17	Ignóro	Ignoro
411	2	*espaldeiràda*	*espàldeiráda*
415	12	particularisar	particularizar
416	12	quer	quere
417	7	latino	latino,
437	4	tamul	támil

Pájina	Linha	Êrro	Correcção
445	3	SEMANTICA	SEMÁNTICA
455	3	dois	três
465	5	Anna	Ana
470	9	designa	designam
471	15	dicionarios	dicionários
472	25	*t* latino em *r*	*t* latino em *i*
476	1	*filies*	*filios*
477	2	em	un
483	14	porque	por que
505	20	menos,	menos
521	3	ignoro-o	ignoro-o;
524	4	Poruguesa;	Portuguesa;

